SILMARA KÜSTER DE PAULA CARVALHO

MUSEOLOGIA BIÓFILA: O PONTO DE MEMÓRIA DA ESTRUTURAL, DISTRITO FEDERAL, BRASIL (2011-2019)

Orientador: Prof. Doutor Mario de Souza Chagas

Área científica

Sociomuseologia/Museologia Social, Patrimônio e Desenvolvimento Cultural

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Museologia

Lisboa

2020

SILMARA KÜSTER DE PAULA CARVALHO

MUSEOLOGIA BIÓFILA: O PONTO DE MEMÓRIA DA ESTRUTURAL, DISTRITO FEDERAL, BRASIL (2011-2019)

Tese defendida em provas públicas para a obtenção do Grau de Doutora em Museologia no curso de Doutoramento em Museologia conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 27 de outubro de 2020, com o Despacho Reitoral nº 210/2020 de 07 de Agosto de 2020, com a seguinte composição de júri:

Presidente: Professor Doutor Mário Caneva Moutinho, Reitor da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT);

Arguentes: Professora Doutora Lillian Rezende Alvares, Universidade de Brasília (UnB); Professora Maria Celia Teixeira Santos, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT);

Vogais: Professora Doutora Rose Moreira de Miranda, Instituto Brasileiro de Museus (Ibram); Professora Doutora Aida Rechena, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT); Professor Doutor Manuel de Azevedo Antunes, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT);

Orientador: Professor Doutor Mário Chagas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio)

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Museologia

Lisboa
2020

O currículo do museu é a vida.

Maury Rodrigues da Cruz

A todos os que acreditam que "o amor é a linguagem silenciosa da vida".

Leocádio José Correia

AGRADECIMENTOS

Alguns dizem que realizar uma tese é um trabalho solitário, entretanto, a impressão que ficou ao término de mais uma etapa da minha vida é que foi um trabalho solidário, realizado sempre em processo, há mais tempo do que eu poderia imaginar.

A princípio, agradeço o fundamento do fundamento da vida, Deus, que me oportunizou na presente existência esta trajetória, circunstanciada pelo amor-desprendimento.

Meu reconhecimento aos docentes da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias [ULHT] do Departamento de Museologia, na pessoa do Reitor Mario Caneva Moutinho, pela minha inserção no Doutoramento em Museologia em 2016 e pelo acolhimento desta pesquisa. Agradeço as contribuições no Júri Prévio das docentes Judite Primo, Maristela Simão e Graça Teixeira. Gratidão aos docentes e arguentes na Defesa Final de Tese: Lillian Rezende Alvares, Maria Célia Teixeira Santos, Aida Rechena, Rose Moreira de Miranda, Manuel de Azevedo Antunes, Mario Caneva Moutinho (Presidente) e Mario de Souza Chagas (Orientador) pelas observações e contribuições. Agradeço aos professores e professoras do III Curso de Estudos Avançados em Museologia.

Na esfera do amor-conhecimento minha gratidão à Marina Fidelis pelas orientações acerca da Biofilia. Meu reconhecimento ao docente e museólogo Maury Rodrigues da Cruz que em 1986 sinalizou o meu caminho para o estudo da museologia no Museu Nacional do Espiritismo [Munespi]. Gratidão aos docentes Rui Simon Paz, da Faculdade Doutor Leocádio José Correia [Falec] e Olavo Leopoldino da Silva Filho, do Instituto de Física [IF] da UnB, pelos estudos sobre a complexidade e a transdisciplinaridade, conduzidos no período inicial desta investigação. Minha gratidão ao biólogo Marcelo Bchara pelas orientações em genética e biofilia; à docente Lia Scholze, pela leitura atenta da tese e significativas contribuições e à Cleo Fritoli e Henrique Bezerra Araújo pelas devidas correções.

Agradeço à Universidade de Brasília [UnB], que me permitiu interagir com pessoas incríveis e que apoiaram em 2011 o projeto de extensão universitária do Ponto de Memória da cidade Estrutural DF, como as docentes Elmira Simeão, à época Diretora da Faculdade de Ciência da Informação [FCI] e Lillian Alvares, na ocasião coordenadora do Curso de Museologia, que me confiaram a responsabilidade de escrever e coordenar o primeiro projeto de extensão do curso. Agradeço aos docentes do Curso de Museologia da UnB que acompanharam direta ou indiretamente o projeto de extensão, em especial Deborah Silva

Santos, Ana Lúcia de Abreu Gomes, Monique Magaldi e Marijara Queiroz, pelas ações museais conduzidas em várias ocasiões no Ponto de Memória. Aos estudantes extensionistas que participaram nas ações do Projeto de Extensão da UnB intitulado 'Conservação e Acervo do Ponto de Memória da Estrutural'.

Minha gratidão aos docentes Emerson Dionísio, do Departamento de Artes Visuais da UnB, pela orientação sobre qual caminho percorrer no doutorado, e Alexandre Gomes, do Departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco, pelas valiosas contribuições. Aos docentes da Universidade Federal da Bahia, em especial Marcelo Cunha e Anna Paula Silva, pelo carinho e atenção.

Agradeço ao Setor de Conservação da Biblioteca Central da UnB por receber inúmeras vezes as minhas demandas de pesquisa, as orientações técnicas em conservação e restauração conduzidas, o companheirismo nas atividades realizadas, em especial a Neide Aparecida Gomes, grande incentivadora nessa interação, José Carlos Barcellos Martins do Monte, Walter Antunes Barrense, Rosane Alvarenga Mesquita Resende, Clarice Fontenelle, Anita Cristina Ferreira Souza e Rafaela Moura Torres Farias.

Agradeço aos museólogos, servidores e consultores do Instituto Brasileiro de Museus [Ibram] pela criação do Programa Pontos de Memória, por meio do qual oportunizou às comunidades periféricas conhecer a importância do poder da memória e da Museologia Social para a expressão de suas lutas e reafirmação do estar no mundo, em especial Marcelle Pereira, Inês Gouveia, Mirela Leite, Cintia Oliveira, Valdemar Assis, Taís Valente, Luciana Palmeira, Rose Miranda, Wélcio Toledo, Deuzani Noleto, Wellington Pedro da Silva e João Paulo Vieira Neto.

No contexto do amor-amizade minha gratidão aos amigos do campo da Conservação-Restauração que participaram em algumas atividades realizadas no Ponto de Memória e com contribuições teóricas: Neide Aparecida Gomes, Maria Ângela do Amaral Faria, Clara Landim Fritoli, Rúbia Stein, Vera Halfon, Denise Zanini, Oriete Cavagnari, Emiliana Brandão, Antônio Gonçalves, Ana Caniati, Francisca Caravellas e Zélia Brandt. Agradeço ao historiador Renato Carneiro, à época Diretor do Museu Paranaense, pela recepção do tema Ponto de Memória, que eu e Maria Abadia Teixeira de Jesus apresentamos na instituição.

Aos amigos do III Curso de Estudos Avançados em Museologia pelas inúmeras conversas sobre o doutorado em curso, Ana Karina Calmon, Álisson Castro, Carla Cassel, Cynthia Taboada, Clóvis Britto, Deborah Santos, Denise Xavier, Idelmar Ghizzo, Jaqueline

Gallina, Janaína Couvo, João Paulo Vieira Neto, Lucas Almeida, Mariana Várzea, Neide Gomes, Patrícia Muniz, Ricardo Rodrigues, Vânia Gondim e Walmir Pereira. Agradeço a doutoranda e amiga Cristina Corrêa Lara e a amiga Tânia Mara Pinheiro pela acolhida em Lisboa. Sou grata aos amigos do Ponto de Memória do Taquaril em Belo Horizonte, Wellington Pedro da Silva e Leila Regina da Silva, pela recepção e a produtiva roda de memória que realizamos.

Aos amigos de percurso museal, Ana Sosa, Marcos Moretzsohn Renault Coelho, Luiz Campos, Matias Monteiro, Raniel Fernandes, Anelise Weingartner, Maria de Jesus Evangelista, Maria do Socorro Sampaio e Renato Carneiro pela escuta paciente e ricas contribuições.

Agradeço o meu primeiro espaço de aprendizado pelo exercício do amor-incondicional, e que sou profundamente grata – a minha família.

Minha eterna e terna gratidão a meus pais, João Batista de Paula e Neci Küster de Paula, e meus irmãos Nanci, Gisele, Marco, Márcia, Juliane e Maurício, seus amados e demais familiares, que acompanham de longa data a minha jornada. Gratidão ao meu marido Paulo Roberto e aos nossos filhos, Lucas e Júlio Afonso, frutos do amor-reencontro, pela paciência e compreensão diante da minha ausência nos momentos mais difíceis desta travessia.

Agradeço o apoio da HGMANE´S, na pessoa da minha irmã Juliane Küster e do meu sobrinho Hagnner Küster, com a produção de itens com a logomarca do Ponto de Memória da Estrutural e da Editora Abadia Catadora.

Por fim, aos protagonistas desta tese, os gestores do Movimento de Educação e Cultura da Estrutural [Mece], as coordenadoras do Ponto de Memória e os integrantes que fizeram do Ponto de Memória da Estrutural o fio condutor que entrelaçou as nossas histórias. Amigos de labuta incansáveis que na convivência e na essência me ensinaram:

‘a força do amor em ação’

Gratidão à Deuzani Noleto, Sandra Lobo, Isabel Freitas, Wanderlina Ribeiro de Abreu, Candace Costa Cunha, Sandrielli Gomes, Selenita Rosa, Bianca Teixeira, Jacira de Jesus, Micheli Costa, Almir Gomes da Silva, Luiz Delgado, Lunde Braghini Junior, Luiz Fernando Mateo Blázquez, Vicente de Paula, Adoaldo Dias, Nilza Oliveira, Hildete Moura, Hudson Teixeira, Lucas Teixeira, Carol Soares, Coracy Coelho, Jorge Rageppo, Markão

Aborígenes e em especial à aquela ‘Maria’ que me ensinou a compreender a vida, pelo exemplo da força da primeira-mão a fazer biofilia, Maria Abadia Teixeira de Jesus.

E assim, a escrita da tese se fez, solidária e não solitária por entre os versos e prosas, olhares e escutas poéticas:

i

“no jardim da amizade

o amor não jaz

o amor é jazz”

Agradeço ao orientador professor Mario de Souza Chagas pelas inserções, correções e análises pontuais que fizeram toda a diferença na escrita da pesquisa e no seu conjunto, regada de amor-processo, poesia e amizade,

ii

“em você

em mim

jazzmim”

RESUMO

A pesquisa investiga ações museológicas no Ponto de Memória, na Cidade Estrutural, área periférica a 16 quilômetros de Brasília, capital do Brasil, no período de 2011 a 2019. O estabelecimento da cidade Estrutural na década de 1960 teve origem nas atividades de catadores de coleta seletiva que fixaram moradia ao redor do lixão. Na década de 1990 sofreu grande adensamento irregular estimulando o alto índice de criminalidade social e ambiental, perdendo as referências biofílicas. Iniciativa comunitária de memória e Museologia Social, incentivada pelo Instituto Brasileiro de Museus, desde a sua fundação, o Ponto de Memória conduziu inúmeras ações museais em inventário, exposição, ação cultural e conservação participativa. Esses processos foram analisados a partir de conceitos da biofilia para verificar se há referências biofílicas nas ações museais que possam estimular a autocriação e a solidariedade. A metodologia de pesquisa é qualitativa, integrando a pesquisa-ação, que preconiza o diálogo entre os participantes a fim de estimular o protagonismo nas ações e decisões. Os resultados constataram a presença de uma Museologia Biófila, com práticas museológicas abundantes em vitalidade, criação e cooperação, e forte vínculo com as questões da preservação.

Palavras-chave: Museologia Social; Sociomuseologia; Ponto de Memória da Estrutural DF; Biofilia; Conservação Participativa.

ABSTRACT

The research investigates museological actions from 2011 to 2019 at the Memory Point in the periphery town known as Estrutural, 16 kilometers from the capital of Brazil, Brasilia. The founding of Estrutural in the 1960s originated from the activities of selective refuse collectors who settled around the dump. In the 1990s, Estrutural suffered huge irregular population density, which stimulated high indices of social and environmental crime, and the loss of biophilic references. The Memory Point has conducted numerous museum actions through inventories, exhibitions, cultural action and participatory conservation since its foundation This was encouraged by the Brazilian Museum Institute and community initiative for remembrance and social museology. Based on biophilic concepts, these processes were analyzed to verify if there were biophilic references in the museum actions that could stimulate self-creation and solidarity. The research methodology is qualitative, integrating action and research, which advocates dialogue between participants in order to encourage protagonism in actions and decisions. The results confirmed the presence of Biophilic Museology, with museological practices abundant in vitality, creation and cooperation, and a strong link with preservation issues.

Key words: Social Museology; Sociomuseology; Memory Point; Biophilia; Participatory Conservation.

RESUMEN

Esta pesquisa investiga acciones museológicas en el Ponto de Memoria, en la Ciudad Estructural, área periférica a 16 kilómetros de Brasilia, capital de Brasil, en el período de 2011 a 2019. El establecimiento de la Ciudad Estructural en la década de 1960 se originó en las actividades de los recolectores de basura selectiva que se asentaron alrededor del gran basurero. En la década de 1990 sufrió una gran densidad irregular, estimulando una alta tasa de delitos sociales y ambientales, perdiendo así las referencias biofílicas. Iniciativa comunitaria de memoria y museología social, alentada por el Instituto Brasileño de Museos, desde su fundación, Ponto de Memoria ha llevado a cabo numerosas acciones museísticas en inventario, exhibición, acción cultural y conservación participativa. Estos procesos se analizaron en base a conceptos biofílicos para verificar si hay referencias biofílicas en las acciones museales que pueden estimular la auto creación y la solidaridad. La metodología de investigación es cualitativa, integrando la investigación de acción, que aboga por el diálogo entre los participantes para fomentar el protagonismo en las acciones y decisiones. Los resultados confirmaron la presencia de una Museología Biófila, con prácticas museológicas abundantes en vitalidad, creación y cooperación, y un fuerte vínculo con los problemas de preservación.

Palabras claves: Museología social; Socio-museología; Punto de Memoria de la Estructural DF; Biofília; Conservación participativa.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Adasa	Agência Reguladora de Águas, Energia e Saneamento Básico do Distrito Federal
Abrelpe	Associação Brasileira de Empresa de Limpeza Pública e Resíduos Especiais
APA	American Psychological Association
Apae	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
Arco	Associação de Restauradores e Conservadores do Paraná de Bens Culturais
Asmoes	Associação dos Moradores da Estrutural
BCE	Biblioteca Central da UnB
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
Ceam	Curso de Estudos Avançados em Museologia
Cencrem	Centro Nacional de Conservação, Restauração e Museologia
Ceri	Centro de Pesquisa e Inovação do Ensino
Ciam	Congresso Internacional de Arquitetura Moderna
COC	Círculo Operário do Cruzeiro – DF
Codeplan	Companhia de Planejamento do Distrito Federal
Cofem	Conselho Federal de Museologia
Cose	Centro de Convivência da Estrutural
Coppe/UFRJ	Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro
Covid-19	Coronavirus Disease 2019
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
DDFEM	Departamento de Difusão, Fomento e Economia dos Museus
Demu	Departamento de Museus e Centros Culturais
Depen	Departamento Penitenciário Nacional
Deura	Diretoria de Estudos Urbanos e Ambientais
DF	Distrito Federal
Dibam	Servicio Nacional del Patrimonio Cultural
EPCL	Estrada Parque Ceilândia
EPI	Equipamento de Proteção Individual
EPIA	Estrada Parque Indústria e Abastecimento
FAC	Fundo de Apoio a Cultura do DF
Falec	Faculdade Doutor Leocádio José Correia
FCI	Faculdade de Ciência da Informação
Fluex	Fluxo Contínuo de Extensão
FNM	Fórum Nacional de Museus
Fubrah	Biblioteca Comunitária com sede na Fundação Brasília de Artes e Humanidade
GDF	Governo do Distrito Federal
Greentec	Greentec Tecnologia Ambiental
GTPI	Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial
IAC	Instituto Agostin Castejon
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Ibram	Instituto Brasileiro de Museus

Ibram	Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos do Distrito Federal - Brasília Ambiental
Icom	Conselho Internacional de Museus
Icom-CC	Conselho Internacional de Museus – Comitê de Conservação
Icomos	Conselho Internacional de Monumentos e Sítios
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IDHAB	Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal
IF	Instituto de Física
IFB	Instituto Federal de Brasília
Inep	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
Inesc	Instituto de Estudos Socioeconômicos
INRC	Inventário Nacional de Referências Culturais
Iphan	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Lacon Mus	Laboratório de Conservação do Curso de Museologia UnB
LGBTI	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros e Intersexo
Mece	Movimento de Educação e Cultura da Estrutural
MinC	Ministério da Cultura
Minom	Movimento Internacional para uma Nova Museologia
MJ	Ministério da Justiça
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Munespi	Museu Nacional do Espiritismo
Novacap	Companhia Urbanizadora da Nova Capital
NOPH	Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica
OEI	Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, Ciência e Cultura
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONGs	Organizações não Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
PDAD	Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios
Pive	Projeto Integrado da Vila Estrutural
PLPTD	Promotoras Legais Populares pelo Trabalho Doméstico Decente
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
Pnem	Política Nacional de Educação Museal
PNM	Política Nacional de Museus
PNPI	Programa Nacional de Patrimônio Imaterial
PNRS	Política Nacional de Resíduos Sólidos
Pnuma	Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente.
Pronatec	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
Pronasci	Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania
PT	Partido dos Trabalhadores
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUCPR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
RA	Regiões Administrativas
RSU	Resíduos Sólidos Urbanos
SBEE	Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas
SBM	Sistema Brasileiro de Museus

SCIA	Setor Complementar de Indústria e Abastecimento
Seplag	Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão
SEGETH	Secretaria de Estado de Gestão do Território e Habitação
Sema	Secretaria de Estado do Meio Ambiente do Distrito Federal
SEEDF	Secretaria de Educação do Distrito Federal
SIGPROJ	Sistema de Informação e Gestão de Projetos
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação
UCB	Universidade Católica de Brasília
UCL	University College London
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
ULHT	Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
UnB	Universidade de Brasília
Unicultura	Universidade Livre da Cultura
UniRio	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Unit	Universidade Tiradentes
UPV	Universidade Politécnica de Valência
USP	Universidade de São Paulo
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
Viver	Associação dos Voluntários Pró-Vida Estruturada

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS **5**
RESUMO **9**
ABSTRACT **10**
RESUMEN **11**
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS **12**
ÍNDICE GERAL **15**
ÍNDICE DE QUADROS **18**
LISTA DE FIGURAS **20**
ÍNDICE DE GRÁFICOS **27**
INTRODUÇÃO **28**
Razões da escolha do tema – Antecedentes 29
Objeto de Estudo 33
Problemática de pesquisa 37
Objetivos 38
As Fontes e Organização do Trabalho 39
Metodologia 45
REVISÃO DE LITERATURA **51**
CAPÍTULO I – BIOFILIA: O AMOR APAIXONADO PELA VIDA **52**
1.1 Por uma Museologia Biófila 65
1.2 Conservação 83
1.2.1 Conservação Participativa 90
1.2.2 A conservação baseada em povos 95
1.2.2.1 Ações de conservação baseada em povos 99
1.2.3 Na busca do fio da meada: rememorando caminhos 103
CAPÍTULO II – O CONTEXTO: UMA CIDADE DENTRO DA CIDADE **110**
2.1 Brasília: O Contexto de uma Capital Estruturada 113
2.2 Do Lixo ao Lixão. E assim nasceu a cidade Estrutural do DF 119
2.2.1 Da vila à cidade 123
2.2.2 Áreas de Relevante Interesse Ecológico –ARIE 125
2.2.3 O lixão do Distrito Federal 135
2.3 Movimento de Educação e Cultura da Estrutural – Mece 142
CAPÍTULO III – PONTO DE MEMÓRIA: SERTÃO E VEREDAS **149**
3.1 É Possível Transformar o Chumbo em Ouro? Sim, é Possível, Mas é Preciso Ter Ouro! 151
3.1.1 Oficinas de capacitação 162
3.2 No Movimento do Lugar: o Ponto de Memória da Estrutural DF 166
AÇÕES MUSEAIS BIÓFILAS **175**
CAPÍTULO IV – AÇÕES MUSEAIS BIÓFILAS: INVENTÁRIO, EXPOSIÇÕES, AÇÃO CULTURAL E CONSERVAÇÃO PARTICIPATIVA **176**
4.1 Inventário Participativo 177

4.2 Oficinas de Inventário Participativo - Ponto de Memória da Estrutural 179
4.3 Pelo Direito de Decidir o que Será Preservado 183
4.3.1 Método de coleta de dados – Entrevistas e Rodas de Memória 187
4.3.2 Rodas de Memória 193
4.3.3 Modalidades culturais identificadas 198
4.3.4 Referências culturais: do outro lado do lixo 205
4.3.4.1 Registro de pessoa - à sombra de uma árvore 211
4.3.4.2 Registro de pessoa – e a ressignificação do lixo 213
4.3.4.3 Registro de pessoa – do lixo à criação 219
4.3.4.4 Registro de lugar - o lixão como lugar de memória 223
4.3.4.5 Registro de lugar - Casa dos Movimentos, o nosso lugar de memória! 228
4.4 Exposições como Processo 234
4.4.1 O primeiro movimento 236
4.4.1.1 Nos passos da exposição 241
4.4.2 A construção do segundo movimento 254
4.4.2.1 Concepção expositiva 257
4.4.2.2 A exposição 259
4.5 Ação Cultural 265
4.5.1 Oficinas realizadas para a Editora Abadia Catadora 273
4.5.2 Livros artesanais – o processo 277
4.5.3 Capa 282
4.5.4 Desmembramentos das ações culturais no Ponto de Memória 284
4.5.5 Encontros Poéticos e Livros publicados 290
4.6 Conservação Participativa 302
4.6.1 Conservação Participativa nas Exposições 306
4.6.2 Conservação Participativa na Editora Abadia Catadora 312
4.6.3 O processo de confecção de papel 315

METODOLOGIA 327

CAPÍTULO V – METODOLOGIA 328

5.1 Fases da Pesquisa 328
5.1.1 Fase I - Exploratória: o conhecimento da realidade 329
5.1.2 Fase II - A constituição de uma Museologia Biófila 333
5.1.3 Fase III - Ações Museais 335
5.1.3.1 Ações museais – participantes do Ponto de Memória e Ibram 336
5.1.3.2 Ações museais no Ponto de Memória no âmbito da extensão universitária da UnB 337
5.1.3.3 Ações museais sem vínculo institucional extensionista com a UnB 349

ANÁLISE E CONCLUSÃO 361

BIBLIOGRAFIA CITADA 374

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA 399

ÍNDICE TEMÁTICO 402

Apêndice I - Publicações da Editora Abadia Catadora I
Apêndice II - Entrevistas semiestruturadas VIII
Apêndice III - Caderno de Campo XL
Apêndice IV - Componentes da Pesquisa LXII
Apêndice V - Reuniões do Círculo de Cultura LXIV
Apêndice VI - Desenhos - crianças do CF 2 Estrutural LXVIII
Apêndice VII - Oficinas da Editora Abadia Catadora LXXV
Apêndice VIII - Proposta de Oficina de Escrita Criativa C

Anexo 1 - Convite Projeto de Extensão 2011 CIII
Anexo 2 - 1ª Atividade UnB- Ponto de Memória Estrutural DF CIV
Anexo 3 - Vídeo Ponto de Memória CV
Anexo 4 - Conselho Comunitário do Ponto de Memória CVI
Anexo 5 - Convite Café com Memória 2010 CVII
Anexo 6 - Convite Roda de Memória com Hugues De Varine CVIII
Anexo 7 - Programa Inventário Participativo Ibram CIX
Anexo 8 - Programa Inventário Participativo UnB CXI
Anexo 9 - Formulário Inventário Cultural – FAC DF CXII
Anexo 10 - Reunião dos Pontos de Memória & Ibram CXVI
Anexo 11 - Atividades Culturais CXVII
Anexo 12 - Plano de Ação CXX
Anexo 13 - Movimentos da Estrutural: a Mulher e a Cidade CXXIX
Anexo 14 - Vídeo Editora Abadia Catadora 2014 CXXXVII
Anexo 15 - Semana de Extensão UnB CXXXVIII

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 . Fenômenos de orientação humana 54
Quadro 2 . Teias da Memória entre 2009 e 2017 160
Quadro 3 . Primeiras entrevistas 182
Quadro 4 . Número de moradores de outros Estados brasileiros. 189
Quadro 5 . Nº de entrevistados, conforme faixa etária e gênero feminino e masculino 190
Quadro 6 . Quantidade de entrevistados conforme os Setores da Vila Estrutural. 191
Quadro 7 . Modalidades culturais identificadas 198
Quadro 8 . Identificação das modalidades por número de entrevistados 199
Quadro 9 . Registro de pessoas 200
Quadro 10 . Formas de expressão 201
Quadro 11 . Registro de Pessoas, Formas de Expressão e Lugares de memória 202
Quadro 12 . Grupos Culturais identificados 203
Quadro 13 . Síntese da Oficina de Escrita Criativa 274
Quadro 14 . Oficina de Escrita Criativa 286
Quadro 15 . Saraus Poéticos realizados no Ponto de Memória 290
Quadro 16 . Cálculos para obtenção de papéis reciclados de 120 gramas 318
Quadro 17 . Sequência da confecção do papel 319
Quadro 18 . Ações Museais Biófilas 326
Quadro 19 . Fases da pesquisa 328
Quadro 20 . Organização das entrevistas 330
Quadro 21 . Fontes de informação utilizadas 332
Quadro 22 . Reuniões realizadas 332
Quadro 23 . Base de dados consultadas 334
Quadro 24 . Fontes de informação utilizadas 334
Quadro 25 . Fontes de informação e identificação das ações museais 335
Quadro 26 . Ações museais no Ponto de Memória com apoio e parceria do Ibram 336
Quadro 27 . Ações museais conduzidas no âmbito da extensão 2011 a 2015 338
Quadro 28 . Oficina de 'patchwork' 339
Quadro 29 . Atividades concernente a itinerância da exposição na BCE-UnB 341
Quadro 30 . Inventário Participativo 342
Quadro 31 . Conservação Participativa da 2ª Exposição 343

Quadro 32 . Roda de Memória com Hugues de Varine *344*
Quadro 33 . Conservação Participativa: tratamento de conservação *345*
Quadro 34 . Costura Manual *346*
Quadro 35 . Oficina de Pintura *347*
Quadro 36 . Oficina de Costura Manual *347*
Quadro 37 . Oficina de moldes vazados *348*
Quadro 38 . III Sarau de Poesia *348*
Quadro 39 . Ações no Ponto de Memória sem vínculo extensionista *350*
Quadro 40 . Inventário Participativo 2016 ..... *352*
Quadro 41 . Inventário Participativo 2016 ..... *354*
Quadro 42 . Oficina de costura, uso de bastidor *354*
Quadro 43 . Oficina de Escrita Criativa *355*
Quadro 44 . Atividades da Editora Abadia Catadora *356*
Quadro 45 . Oficina de Confecção de papel reciclado *357*
Quadro 46 . Roda de Memória retrospectivas *358*
Quadro 47 . IV Sarau de Poesia 2016 ..... *358*
Quadro 48 . Sarau das Mulheres *359*
Quadro 49 . Seminário Memórias Periféricas em tempos de (in) certezas e Lançamento do livro de Hildete Moura *359*
Quadro 50 . Questões base para as entrevistas ..... *VIII*
Quadro 51 . Componentes da Pesquisa ..... *LXIII*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 . Síntese conceitual da problemática de pesquisa. *64*
Figura 2 . Alunos da Apae fazendo a higienização de grandes formatos *108*
Figura 3 . Mapa do Brasil, em amarelo a Região Centro-Oeste e localização do DF *113*
Figura 4 . Esquema do Distrito Federal com os limites de Minas Gerais e Goiás *114*
Figura 5 . Projeto selecionado para escolha do Plano Piloto de Brasília. *115*
Figura 6 . Migrantes em Brasília, 1959. ..... *116*
Figura 7 . Localização da RA XXV: SCIA/Estrutural no Distrito Federal *124*
Figura 8 . ARIE Vila Estrutural *126*
Figura 9 . Área em azul corresponde à ocupação irregular Chácara Santa Luzia *127*
Figura 10 . Em vermelho Área de Interesse Ecológico *128*
Figura 11 . 1º Seminário no âmbito desta tese no Círculo de Cultura, 22 de abril de 2017. *129*
Figura 12 . Desenho com referência de natureza feito em 26 de setembro de 2018 ..... *133*
Figura 13 . Desenho sem referência de natureza, data 26 de setembro de 2018 ..... *134*
Figura 14 . Desenho com referência de violência urbana, data 26 de setembro de 2018 ..... *135*
Figura 15 . Localização do lixão da Estrutural *136*
Figura 16 . Catadores aguardando o descarregamento do lixo do DF *138*
Figura 17 . Localização do Aterro Sanitário de Brasília em Samambaia DF *140*
Figura 18 . Organização da Biblioteca Fubrah *145*
Figura 19 . Caderno de anotações pertencente a Maria Abadia Teixeira de Jesus. *147*
Figura 20. Cartaz de divulgação do Programa Pontos de Memória *154*
Figura 21 . Pontos de Memória Piloto *155*
Figura 22 . I Seminário do Ponto de Memória *167*
Figura 23 . Oficina de Museu, Memória e Cidadania *168*
Figura 24 . Oficina de Plano Museológico. Na imagem, Mario de Souza Chagas. *169*
Figura 25 . Fachada da Casa dos Movimentos *170*
Figura 26 . Visita de Hugues de Varine no Ponto de Memória da Estrutural *172*
Figura 27 . Roda de Memória com Hugues de Varine no Ponto de Memória da Estrutural *173*
Figura 28 . Oficina de Inventário Participativo *180*
Figura 29 . Oficina de capacitação com a professora Ana Lúcia de Abreu Gomes *184*
Figura 30 . Oficina de capacitação com a professora Ana Lúcia de Abreu Gomes *184*
Figura 31 . Oficina de capacitação - professoras Silmara Küster e Marijara Queiroz *185*

Figura 32 . Setores da Vila Estrutural e ARIE *188*
Figura 33 . Primeira Roda de Memória *194*
Figura 34 . Segunda Roda de Memória *194*
Figura 35 . Terceira Roda de Memória *195*
Figura 36 . Quarta Roda de Memória *197*
Figura 37 . Quarta Roda de Memória, apresentação de 'Break' *197*
Figura 38 . Quinta Roda de Memória *198*
Figura 39 . Cartaz de divulgação da Feira Cultural de Economia Solidária *204*
Figura 40 . Maria Abadia na organização da Biblioteca Catando Palavras *213*
Figura 41 . Vestido de noiva confeccionado pelo grupo da Selenita *215*
Figura 42 . Exposição dos vestidos em 11 de novembro de 2012 ..... *216*
Figura 43 . Selenita mostrando seu artesanato *217*
Figura 44 . Bonecas catadas do lixo com vestidos de tecido de sombrinha *218*
Figura 45 . Jeans catado do lixo e customizado com tecido de sombrinha *218*
Figura 46 . Saia confeccionada com tecido de sombrinha *218*
Figura 47 . Flores confeccionadas com tecido de sombrinha e metal - catados no lixo *219*
Figura 48 . Mosaico produzido por Tatiana com materiais retirados do lixão *220*
Figura 49 . Mosaico produzido por Tatiana com materiais retirados do lixão *221*
Figura 50 . Reproduções de Van Gogh, encontradas por Tatiana no lixão *221*
Figura 51 . Entrada do lixão *222*
Figura 52 . Plantas recuperadas do lixão no muro da casa de Tatiana *222*
Figura 53 . Plantas recuperadas do lixão no quintal da casa de Tatiana *223*
Figura 54 . Retrato de Valdineide dos Santos Ferreira *224*
Figura 55 . Moldura confeccionada com papelão e latas descartáveis *225*
Figura 56 . Moldura com tampas de garrafas de refrigerante *225*
Figura 57 . Valdineide (Joelma, a Baiana da Estrutural) dançando no lixão *226*
Figura 58 . Casamento de Valdineide dos Santos (Baiana Joelma) com Deuclides Brito *227*
Figura 59 . Oficina de Grafite *230*
Figura 60 . Pajé Santiê em visita ao Ponto de Memória do DF *231*
Figura 61 . Oficina de Acervo, ministrada por Mirela Leite de Araújo *235*
Figura 62 . Localização dos equipamentos expositivos. Ano 2011 ..... *238*
Figura 63 . Jacira de Jesus e Caroline Soares retirando o lixo reciclável para a exposição *238*

Figura 64 . Painel fotográfico para a exposição. Foto de Carolina Soares (2011) *240*
Figura 65 . Pipa confeccionada por moradores para a exposição *241*
Figura 66 . Convite da Exposição *242*
Figura 67 . Museu do Percurso até o Ponto de Memória na Casa dos Movimentos *242*
Figura 68 . Chegada na Casa dos Movimentos *243*
Figura 69 . Fotografia da distribuição da água pelo caminhão-pipa *245*
Figura 70 . Tambor representando a fase de limitação da água *245*
Figura 71 . Pneus sobre a pista já pintada *246*
Figura 72 . Painel Expositivo com reproduções da Luta e da Resistência *247*
Figura 73 . Poste de energia elétrica na entrada do espaço expositivo *248*
Figura 74 . Banner Expositivo com as conquistas atuais *250*
Figura 75 . Grafite autoria Tiago Martins *251*
Figura 76 . Exposição de fotos. Acondicionamento em acetato de raio-x *252*
Figura 77 . Momento do teatro de bonecos *253*
Figura 78 . Na Sala da memória as crianças identificando seus familiares nas fotos *253*
Figura 79 . Promotoras Legais Populares pelo Trabalho Doméstico Decente – PLPTD *255*
Figura 80 . Foto de Jacira de Jeus *258*
Figura 81 . Preparo para a foto com Nilza Gonçalves de Oliveira *258*
Figura 82 . Montagem da exposição *259*
Figura 83 . Montagem da exposição *260*
Figura 84 . Movimentos da Estrutural - A Mulher e a cidade *260*
Figura 85 . Maria Abadia e Hugues de Varine, Ponto de Memória 27 de novembro de 2012 ..... *261*
Figura 86 . Seminário Museologia Social e Memória – Extensão e Compromisso Social *262*
Figura 87 . Roda de Mulheres antes da abertura da exposição *263*
Figura 88 . Cartaz com a programação *263*
Figura 89 . Convite da exposição *264*
Figura 90 . Oficina de livro artesanal com a Editora Eloisa Cartonera *266*
Figura 91 . Participantes do Ponto de Memória na II Noite Literária *267*
Figura 92 . Logomarca da Editora Abadia Catadora, inspirada na catadora Cidinha *268*
Figura 93 . Convite do lançamento da Editora Abadia Catadora *268*
Figura 94 . Integrantes da Editora Abadia Catadora - Lançamento em 2012 ..... *269*

Figura 95 . Folder do evento 275
Figura 96 . Oficina de Ilustração na Editora Abadia Catadora, com Fernando Lopes 276
Figura 97 . Vicente de Paula na Oficina de Ilustração 276
Figura 98 . Oficina de Ilustração na Editora Abadia Catadora, com Fernando Lopes 277
Figura 99 . Oficina de Costura e Encadernação na Editora Maria Abadia Catadora 278
Figura 100 . Oficina de Costura e Encadernação na Editora Maria Abadia Catadora 279
Figura 101 . Oficina de Costura e Encadernação na Editora Maria Abadia Catadora 279
Figura 102 . Oficina de Costura e Encadernação na Editora Maria Abadia Catadora 279
Figura 103 . Oficina de Costura e Encadernação na Editora Maria Abadia Catadora 280
Figura 104 . Maria Abadia fazendo a costura usando bastidor. Local BCE/UnB. 280
Figura 105 . Maria Abadia , Almir Gomes da Silva. Orientação Walter Antunes Barrense. 281
Figura 106 . Almir Gomes da Silva em aula de encadernação. Local BCE/UnB 281
Figura 107 . Uso do papelão para a confecção de capas 282
Figura 108 . Hudson e Almir na elaboração de desenho e confecção de molde vazado 283
Figura 109 . Hudson na elaboração da pintura 283
Figura 110 . Início da Oficina de Escrita Criativa com estudantes do Cose 288
Figura 111 . Costura dos cadernos para confecção do livro 289
Figura 112 . Livro finalizado 289
Figura 113 . Imagem da folha de rosto 292
Figura 114 . Roda de Memória na UnB. 294
Figura 115 . Professora Maria de Jesus Evangelista no IV Sarau de Poesia 295
Figura 116 . Poeta Fernando Borges 297
Figura 117 . Ciranda, em 22 de outubro de 2016 298
Figura 118 . Sarau das Mulheres, em 10 de março de 2018 299
Figura 119 . Convite do Seminário Memórias Periféricas em tempos de (in)certezas 301
Figura 120 . Mesa de abertura 301
Figura 121 . Hildete autografando seu livro na ocasião do lançamento 302
Figura 122 . Oficina de 'patchwork' em 27 de agosto de 2011 304
Figura 123 . Oficina de 'patchwork' em 27 de agosto de 2011 304
Figura 124 . Oficina de 'patchwork' em 27 de agosto de 2011 305
Figura 125 . Vicente de Paula (em pé) acompanha estudantes no Ponto de Memória 307
Figura 126 . Higienização da Pipa - Estudantes Museologia UnB – 2/2011 307

Figura 127 . Higienização da Pipa *308*
Figura 128 . Grafite de Tiago Martins *308*
Figura 129 . Semana de Extensão UnB, abertura com o musicista Hudson Douglas *309*
Figura 130 . Higienização das molduras a serem utilizadas para a exposição *311*
Figura 131 . Higienização de molduras. *312*
Figura 132 . Coleta e separação do material a ser reciclado *315*
Figura 133 . Papel em água deionizada para remoção de encolagem e impurezas *315*
Figura 134 . Papel em solução alcalina *316*
Figura 135 . Preparo da polpa no liquidificador industrial *316*
Figura 136 . Polpa produzida *317*
Figura 137 . Colocação de tela de nylon na MOP *320*
Figura 138 . Inserção de polpa batida e água *320*
Figura 139 . Retirada da folha da MOP *320*
Figura 140 . Diluição da metilcelulose para a encolagem do papel *321*
Figura 141 . Encolagem após folha pronta e ainda úmida *321*
Figura 142 . Colocação na prensa *321*
Figura 143 . Tingimento da folha após a confecção *322*
Figura 144 . Maria Abadia na Casa dos Movimentos *322*
Figura 145 . Produção de papel. Almir Gomes da Silva com os estudantes do Mediotec *323*
Figura 146 . Capa para o livro Cinco dificuldades de escrever sobre a verdade. ..... *I*
Figura 147 . Capa para o livro A menina e o rio. ..... *II*
Figura 148 . Capa para o livro De mãos abertas e de punho erguido. ..... *III*
Figura 149 . Almir Gomes da Silva entregando a 2ª ed. do livro 'De mãos abertas de punho erguido' ao autor Carlos Rodrigues Brandão ..... *IV*
Figura 150 . Livro lançado na 2ª Bienal do Livro e da Leitura Brasília em 2014. ..... *V*
Figura 151 . Livro lançado no IV Sarau de Poesia em 2016 ..... *VI*
Figura 152 . Lançamento livro Lado a Lado. ..... *VII*
Figura 153 . I Seminário Círculo de Cultura 22 de abril de 2017 ..... *LXIV*
Figura 154 . Círculo de Cultura 06 de maio de 2017 ..... *LXV*
Figura 155 . Círculo de Cultura 05 de agosto de 2017 ..... *LXVI*
Figura 156 . Círculo de Cultura 7 de outubro de 2017 ..... *LXVII*
Figura 157 . Desenhos 26 de setembro de 2018 ..... *LXVIII*

Figura 158 . Desenhos 26 de setembro de 2018 ..... *LXIX*
Figura 159 . Desenhos 26 de setembro de 2018 .....*LXX*
Figura 160 . Desenhos 26 de setembro de 2018 ..... *LXXI*
Figura 161 . Desenhos 26 de setembro de 2018 ..... *LXXII*
Figura 162 . Desenhos 26 de setembro de 2018 .....*LXXIII*
Figura 163 . Desenhos 26 de setembro de 2018 .....*LXXIV*
Figura 164 . Oficina de pintura de capa..... *LXXV*
Figura 165 . Oficina de pintura .....*LXXVI*
Figura 166 . Costura do livro Sem roso, família ou nome.....*LXXVII*
Figura 167 . Oficina de costura manual 2014 ..... *LXXVIII*
Figura 168 . Oficina de criação com molde vazado .....*LXXIX*
Figura 169 . Oficina de pintura com molde vazado..... *LXXX*
Figura 170 . Oficina de pintura .....*LXXXI*
Figura 171 . Oficina com bastidor.....*LXXXII*
Figura 172 . Oficina de Escrita Criativa e confecção de livro Cose..... *LXXXIII*
Figura 173 . Reunião FAC e pintura de capa.....*LXXXIV*
Figura 174 . Capas produzidas por Almir Gomes da Silva .....*LXXXV*
Figura 175 . Palestra Maria Abadia VI HISPANO - UniT.....*LXXXVI*
Figura 176 . Oficina de poesia..... *LXXXVII*
Figura 177 . Oficina de produção de capa para o livro A menina e o rio......*LXXXVIII*
Figura 178 . Pintura de capa para o livro A menina e o rio.....*LXXXIX*
Figura 179 . Experiências com figuras geométricas e molde vazado......*XC*
Figura 180 . Atividade de pintura. ..... *XCI*
Figura 181 . Roda de Memória na Biblioteca Comunitária. .....*XCII*
Figura 182 . Maria Abadia confeccionando a capa do livro Lado a Lado. .....*XCIII*
Figura 183 . Maria Abadia confeccionando a capa do livro Lado a Lado. .....*XCIV*
Figura 184 . Capa do livro Lado a Lado. .....*XCV*
Figura 185 . Maria Abadia confeccionando a capa do livro Lado a Lado. .....*XCVI*
Figura 186 . Convite Sarau Poético......*XCVII*
Figura 187 . Em busca da biofilia em 31 de agosto de 2019..... *XCVIII*
Figura 188 . Em busca da biofilia em 31 de agosto de 2019.....*XCIX*
Figura 189 . Convite Lançamento Projeto de Extensão 2011 ..... *CIII*

Figura 190 . Primeira atividade de extensão no Ponto de Memória..... CIV
Figura 191 . Capoeira coordenado por Jorge Rageppo.....CXVII
Figura 192 . Capoeira coordenado por Jorge Rageppo..... CXVIII
Figura 193 . Oficina de Grafite 2011.....CXIX
Figura 194. Oficina de Grafite 2012.....CXIX
Figura 195 . Maquete Eletrônica Exposição A Mulher e a cidade..... CXXXII
Figura 196 . Exposição: Movimentos da Estrutural: A Mulher e a cidade. CXXXIII
Figura 197 . Exposição: Movimentos da Estrutural: A Mulher e a cidade. CXXXIII
Figura 198 . Exposição: Movimentos da Estrutural: A Mulher e a cidade. CXXXIV
Figura 199 . Exposição: Movimentos da Estrutural: A Mulher e a cidade. CXXXV
Figura 200 . Valdineide dos Santos Ferreira (Baiana)..... CXXXVI
Figura 201 . Exposição: Movimentos da Estrutural: A Mulher e a cidade. CXXXVI
Figura 202 . Convite Semana de Extensão 2011..... CXXXVIII
Figura 203 . Convite Semana de Extensão 2011..... CXXXIX
Figura 204 . Apresentação da exposição. Semana de Extensão 2011. CXL
Figura 205 . Depoimento de estudantes extensionistas 2011. CXLI
Figura 206 . Na busca do catador em mim. CXLII
Figura 207 . Na busca do catador em mim II. CXLIII
Figura 208 . Pausa. CXLIV
Figura 209 . A luz da lua também me ilumina. CXLV

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número de migrantes na cidade Estrutural DF, amostra 303 cadastros. *190*

Gráfico 2 – Idade e sexo dos entrevistados, amostra 303 cadastros. *191*

Gráfico 3 – Amostra por setor *192*

INTRODUÇÃO

Todas as práticas museológicas implicam compromisso ético que deve contemplar a participação das comunidades nas decisões que envolvem o uso, a exposição, a interpretação e o destino de seus bens e manifestações culturais.

Declaração de Córdoba
XVIII Conferência Internacional do Minom

Razões da escolha do tema – Antecedentes

Durante o 4º Fórum Nacional de Museus [FNM], ocorrido de 12 a 17 de julho de 2010, em Brasília, eu tive a grata oportunidade de assistir a uma comunicação paralela sobre os Pontos de Memória. A proposta apresentada impressionou-me, uma vez que o objetivo versava sobre a promoção da pessoa por meio do protagonismo social e do direito à memória, incentivados pelo Instituto Brasileiro de Museus [Ibram][1]. Ao término da comunicação, a palestrante Deuzani Noleto fez um chamamento "caso alguém queira nos ajudar estamos abertos para parcerias"[2].

Assim, apaixonei-me pela proposta e vislumbrei, naquele momento, horizontes museológicos a ressignificar aquela cidade ainda desconhecida para mim. Aceitei o desafio. Na minha primeira visita à cidade Estrutural, ao mesmo tempo em que observava atenta as discussões da comunidade envolvida a respeito do futuro do Movimento de Educação e Cultura da Estrutural [Mece] com sua nova proposta — de constituir um Ponto de Memória — eu os convidei para apresentarem a proposta aos estudantes do Curso de Museologia vislumbrando sensibilizá-los a respeito da ação da Museologia Social em áreas da periferia. Neste encontro que ocorreu na Universidade de Brasília [UnB], ofereci informalmente vagas para os interessados do Mece na disciplina de conservação, ministrada por mim no Curso de Museologia da UnB.

No início do segundo semestre de 2010, membros efetivos do Mece assistiram, na condição de ouvintes, minhas aulas na UnB da disciplina Conservação e Restauração de Documentos, com foco técnico na área conservação e sem eu perceber, estabeleci uma conexão direta com a Museologia Social. Infelizmente eu não havia me atentado para o regulamento da universidade que não permite alunos ouvintes, e a participação dos membros

[1] A sigla Ibram relativa ao Instituto Brasileiro de Museus é homônima à sigla Ibram do Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos do Distrito Federal – Brasília Ambiental. Para evitar confusões na leitura do texto optei em usar por extenso o nome do Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos do Distrito Federal – Brasília Ambiental – Ibram.

[2] Deuzani Noleto, natural de Porangatu – Goiás, iniciou militância na cidade Estrutural DF no ano de 2003 com alfabetização de jovens e adultos utilizando o método de Paulo Freire. Esta atividade se deu por meio do Círculo Operário do Cruzeiro – DF [COC]. Na época o COC, dentro da proposta de Paulo Freire, capacitou doze pessoas para serem multiplicadores do método de alfabetização, formando posteriormente nove turmas. Na ocasião, Deuzani conheceu Wanderlina Ribeiro de Abreu, Antonio Francisco e Nilza Gonçalves de Oliveira, moradores da cidade que tinham interesse em trabalhar a alfabetização de adultos. Naquela época, havia na cidade apenas uma escola de 'lata' que funcionava durante o dia para crianças. (5ª Primavera de Museus - Roda de Memória em 22 de setembro de 2011- Apêndice III). Consultora local e indicada pelo Conselho Gestor do Ponto de Memória da Estrutural DF, contratada em 2011 pela OEI.

do Mece nas minhas aulas foi interrompida. No entanto, outras possibilidades estavam por vir. No dia 25 de agosto de 2010 realizamos um encontro na Casa dos Movimentos com o intuito de planejarmos como seria a continuidade das atividades. Em 29 de setembro de 2010, os professores do Curso de Museologia da UnB foram convidados a participar de uma reunião com representantes do Ibram para firmarmos parcerias em pesquisa e fui indicada pela Coordenadora do Curso, à época a professora Lillian Alvares[3], a formalizar um projeto de extensão a ser conduzido no Ponto de Memória da Estrutural.

Considerando a minha área de formação 'Conservação', e pensando na possibilidade de continuar as aulas que foram interrompidas no mesmo ano, criei então um projeto intitulado 'Conservação e Acervo do Ponto de Memória da cidade Estrutural', que foi submetido no Sistema de Informação e Gestão de Projetos [SIGPROJ] em 19 de abril de 2011 - Edital do Fluxo Contínuo de Extensão [Fluex] – 1ª edição, da Universidade de Brasília. Após aprovação, lançamos oficialmente o projeto em 16 de junho de 2011 na UnB, ainda na esfera da conservação de bens tangíveis, com a justificativa de que um museu comunitário também necessitava deste conhecimento, uma vez que o acervo do Ponto de Memória estava em processo de formação. (Anexo 1)

Na ocasião em que apresentei o projeto extensionista na Estrutural, participaram estudantes, professores do Curso de Museologia e a comunidade. Nunca havia imaginado que deste primeiro encontro o meu conhecimento sobre a conservação se ampliaria. Naquela manhã, percebi o quanto a minha proposta estava distante da realidade daquela comunidade. Diferentemente do que imaginei, me aguardavam ali para a explanação do projeto crianças, jovens, homens, mulheres, com variados níveis de instrução e idade, cada um deles com suas expectativas e suas particularidades. Então me indaguei: de que forma eu poderia conduzir uma extensão voltada à conservação de bens tangíveis para aquele novo contexto que se apresentava?

Nas mais íntimas reflexões que fiz sobre o processo que estava sendo construído, percebi o quanto a minha visão de mundo estava em uma esfera reducionista, pois eu não conseguia entender de fato qual seria a minha atuação naquela localidade, mesmo tendo

[3] Doutora Lillian Alvares é Cientista da Informação e docente do Curso de Arquivologia da UnB desde 2006. Membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UnB desde 2010. Coordenou o Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação de junho de 2012 a janeiro de 2014 e o Curso de Museologia da UnB de abril de 2010 a abril de 2012. Atualmente é coordenadora do Curso de Arquivologia da UnB. Acessado em 10 de maio de 2020 em http://www.arquivologia.fci.unb.br/index.php/11-professores-arquivologia/65-lillian-maria-araujo-de-rezende-alvares.

experienciado vários encontros com alguns dos integrantes do Mece desde 2010. Quanto à referência sobre um pensamento reducionista, refiro-me à ideia de percebermos a realidade que nos cerca sob o prisma de um único nível de realidade. Num contexto de abrangência maior, como uma instituição museológica, por exemplo, o grande desafio é romper com o "conceito reducionista mecanicista de museu que se formaliza pela coleta, conservação e exposição, reduzindo o homem e a instituição a dimensões mecânicas". (Rodrigues da Cruz, 1993, p. 4-23)

Diante desta circunstância, e com as pessoas aguardando a apresentação do projeto, busquei nos substratos da minha experiência em arte-educação, me valendo de criatividade, reconduzir a atividade inicialmente proposta, ainda que de forma improvisada, adicionando uma dinâmica que permitisse me apresentar e estabelecer algumas conexões com as expectativas dos participantes. (Anexo 2)

Com os encontros foi imperativo alongar o meu olhar a respeito da museologia e buscar uma abertura pessoal, transdisciplinar, capaz de provocar mudanças na minha atual visão de mundo, consequentemente na forma de atuar nele e também nos museus. A partir dessa percepção, fui em busca de uma atitude aberta, que não aceitasse o dogmático, a ideologia e todo o sistema fechado de pensamento, ou seja, precisei ir além de uma perspectiva unidimensional da conservação em museus em direção à compreensão multidimensional, norteado pela visão transdisciplinar.[4] (Nicolescu, 1999). Para Morin (2007), a realidade multidimensional conterá várias dimensões, a saber: dimensão individual, social, biológica, econômica, psicológica, demográfica, aspectos diversos que é preciso distinguir, porém não isolar, mas torná-los comunicantes.

A partir do momento em que procurei compreender que a Museologia vai além da sua função de guardiã da cultura humana e que poderá também estar comprometida 'com e para a vida', foi necessário considerar a complexidade e a interdependência que a vida e o viver podem oportunizar no campo da museologia.

[4] O termo 'transdisciplinaridade' foi apresentado pela primeira vez pelo Epistemólogo e Psicólogo suíço Jean Piaget (1896-1980) na década de 1970, no evento organizado pelo Centro de Pesquisa e Inovação do Ensino (Ceri), intitulado I Seminário internacional sobre pluri e interdisciplinaridade, ocorrido na Universidade de Nice, na França. Conforme o físico teórico Nicolescu Basarab (1999), por sua natureza integradora, a transdisciplinaridade, busca a unidade do conhecimento, "diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas, e além de qualquer disciplina". A metodologia da pesquisa transdisciplinar está assentada em três pilares, a saber: "os níveis de Realidade, a lógica do terceiro incluso e a complexidade". (Nicolescu, 1999, p.46 - 47)

A ação museológica em conservação realizada no Ponto de Memória da Estrutural, exigiu um esforço interior de minha parte para compreender outra realidade em que a conservação seria aplicada, diferentemente do museu clássico com objetos herdados, mas em outro contexto mediado pelo pensamento da Museologia Social. Essa mudança de postura só foi possível a partir do momento em que compreendi a importância de ressignificar a forma como eu concebia a conservação, ir além do arcabouço conceitual consolidado na minha formação de conservadora-restauradora do bem cultural tangível e redimensionar o percebido no que tange ao patrimônio cultural. E assim, por meio da ação extensionista, iniciei a escuta do outro e de mim mesma, repleta ainda de incertezas, desafios e críticas. Diante da realidade constatada, novas diretrizes foram necessárias, dentre elas, compreender a extensão universitária de forma participativa.

Paulo Freire (1971) faz referência com profundidade ao termo 'extensão' na obra intitulada 'Extensão ou Comunicação?' O autor discute com uma equipe interdisciplinar composta por agrônomos das Nações Unidas e de Instituições governamentais chilenas. Na ocasião, ele coordenava a atividade no 'Instituto de Capacitación e Investigación en Reforma Agrária', no Chile. O questionamento do título da obra instiga a repensar de que maneira a extensão é conduzida nas universidades. Na referida publicação, o contexto apresentado questionava como os conhecimentos dos agrônomos e técnicos seriam aplicados com os camponeses. Em sua análise semântica sobre o sentido do termo extensão, o autor encontrou vários aspectos de seu campo associativo, tais como a extensão enquanto "transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanicismo, invasão cultural, manipulação, etc. [..] negando a ação e a reflexão verdadeiras àqueles que são objetos de tais ações" (p. 22). Por esse prisma, o autor chama atenção para o fato de que a extensão desta forma induz a transmitir conhecimento de forma hierárquica, unilateral, desconectada com o saber do outro e sem uma perspectiva humanista.

No que diz respeito à extensão apresentada no Projeto Político Pedagógico Institucional [PPPI][5] da Universidade de Brasília, elaborado inicialmente no Plano Orientador em 1962, e revisado em 2009, 2013 e 2017, a extensão é proposta a partir de vários tipos de ações e enfatiza a importância da cogência entre ensino, pesquisa e extensão. O documento

[5] UnB. Projeto Político Pedagógico Institucional da Universidade de Brasília. (2017) Acessado 26 de fevereiro de 2019 em http://www.deg.unb.br/images/dtg/cil/legislacoes/Projeto_Pol%C3%ADtico-_Pedag%C3%B3gico_Institucional_da_Universidade_de_Bras%C3%ADlia_2018.pdf

entende a extensão universitária como uma interação entre a "troca de saberes" e nessa relação possibilitando "o empoderamento mútuo da sociedade e da universidade". (UnB, 2017, p. 31).

Na continuidade da ação extensionista no Ponto de Memória, propus outras atividades de integração, procurando na dinâmica das atividades estabelecer um laço de companheirismo e respeito, reconhecendo que nós somos também responsáveis pelos afetos construídos, pois passamos a fazer parte da história do outro, e o outro, da nossa, revelando que é possível fazer conexões entre o conhecimento e a emoção.

Ao adentrar no universo da Museologia Social, tornou-se premente que eu refletisse sobre as ações extensionistas realizadas e as vivências nas atividades de maneira a reorganizar as minhas ideias, me apropriando também do substrato necessário para um alcance e crescimento pessoal. Além disso, na possibilidade de delinear algumas considerações sobre a experiência vivida, e, diga-se de passagem, entre desafios, incertezas, acertos e conquistas, busquei uma reflexão embasada na Sociomuseologia e na Museologia Social sobre tal realidade constatada, de forma a contribuir para o campo de pesquisa em museologia. Creio que a Museologia Social, por meio da sua aplicação prática, será a grande propulsora na revitalização dos saberes e fazeres sociais e culturais, acadêmicos e de comunidades a fim de promover o acesso e o direito à memória, pois onde está o ser humano, há a dimensão e a redescoberta da condição humana, há a vida, a autonomia do sujeito. A presente pesquisa pretende contribuir para a reflexão crítica da aplicação da Museologia Social em espaços comunitários, especificamente no que tange a preservação e daquilo que denominamos de Conservação Participativa.

Objeto de Estudo

As práticas dos processos museais e seus desdobramentos potencializam o protagonismo social? É possível entrelaçar o desejo de memória de uma comunidade marginalizada ao pensamento museológico contemporâneo? É possível fazer uma interação entre a Museologia Social, a Conservação e a comunidade? Que memórias são essas? As atividades em curso no Ponto de Memória da Estrutural no domínio da conservação podem estimular o desenvolvimento, a criatividade e a economia local? A Museologia Social pode agregar conhecimento ao conhecimento já existente pela comunidade ou é o conhecimento

das comunidades que realimenta o arcabouço da Museologia Social? Pode-se considerar biófilas as ações museais do Ponto de Memória?

Tais indagações suscitaram-me a questionar sobre a museologia e a conservação em relação a amplitude dos desafios que enfrentaríamos e se seria possível ou não atingirmos os objetivos iniciais propostos nas atividades extensionistas do Curso de Museologia da UnB, conduzidas por mim desde 2011 no Ponto de Memória, localizado na Cidade Estrutural, área pobre e periférica, situada a 16 quilômetros de Brasília DF. Diante de questões advindas da ação em curso e ainda sem respostas, fui impelida a fazer a busca do fio condutor que pudesse interligar a prática experienciada com a teoria disponível, de maneira que eu fosse conduzida à reflexão acerca da vivência junto aos integrantes do Ponto de Memória da Estrutural.

Foi então necessário buscar um diálogo entre a Conservação e a Museologia Social para fins de identificação de aspectos biófilos nas ações museais realizadas no Ponto de Memória, vislumbrando a conservação participativa. Foi essencial na presente investigação revisitar alguns autores e eventos da área a fim de ampliar a sua compreensão e prática.

O maior desafio ao indagar-me sobre o projeto extensionista em curso, agora com modificações e novas abordagens, foi se o que estava sendo conduzido com a comunidade local dialogava ou não com os pressupostos da Museologia Social. É desafiador, não somente em relação ao estudo conceitual, mas pelas relações estabelecidas de acordo com a localidade e suas características respectivamente. A minha natureza de pesquisadora, por certo, compeliu-me a refletir continuamente promovendo em mim a revitalização dos seus conceitos. Foi nesse momento que ficou claro a necessidade de uma metodologia que me auxiliasse a compreender o que estava sendo construído em conservação, não mais pelo aspecto reducionista da aplicação científica da área da conservação, mas com a participação da comunidade. Deste modo, foi necessário compreender o processo em curso de maneira a buscar as respostas para as inquietantes indagações. Diante de tantas incertezas, principalmente após me permitir perceber a museologia através do outro, de suas histórias e memórias, sendo possível uma museologia pautada na preservação da memória social, individual e coletiva de comunidades, esta pesquisa nasceu. Concluí que o cenário de atuação onde o projeto de extensão seria aplicado não permitiria o datado, a "educação bancária"[6],

[6] Corroboro Freire, a educação bancária não possibilita a troca de saberes, pois "Em lugar de comunicar-se, o educador faz 'comunicados' e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção "bancária" da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los" (Freire, 2014a, p. 66).

mas outras possibilidades de ensino, aprendizagem e pesquisa, configurados no diálogo e no compartilhamento de ideias, possíveis de serem vivenciados a partir de uma metodologia de pesquisa-ação.

A partir dessa compreensão, revisitei atividades realizadas desde a inauguração do Ponto de Memória em 2011 e na continuidade de extensão universitária, propus outras que foram pensadas e conduzidas com a comunidade participante, nomeando-as durante a realização desta tese como ações museais biófilas. Com base na Museologia Social, nesta pesquisa ações museais biófilas são atividades que promovem a vida nos mais diversos aspectos, cujo processo é construído com a participação das pessoas envolvidas na ação. Nesse contexto, considero o Ponto de Memória da Estrutural como um espaço museológico de resistência, aberto à sociedade e que oportuniza a pessoas comuns e comunidades urbanas periféricas, negligenciadas pelo sistema hegemônico, descobrirem a importância do poder da memória numa perspectiva cidadã, visando a tomada de decisões sobre questões pertinentes ao grupo local, seu território e patrimônio cultural[7]. Desta forma, as ações museais biófilas realizadas no âmbito deste contexto são participativas, inclusivas, criativas e conectadas com a vida, com o existente. Tais ações podem ser realizadas em espaços abertos ou fechados, naturais ou construídos, podendo ou não ser materializadas por meio de exposições, de preservação, ou de comunicação e promoverem através da sua mensagem uma reflexão crítica, poética e de resistência sobre o contexto social e natural em que vivem, tanto dos envolvidos diretamente no processo, quanto de seu público externo.

Vale destacar a dimensão social alcançada com o tempo da Sociomuseologia e da Museologia Social, no texto e no contexto, uma vez que não ficaram limitadas à época de sua criação, pois em sua ascensão provocaram grande mudança e influenciaram o pensamento da museologia contemporânea, portanto, são conceitos não lineares e complexos. No Brasil, há predominância da expressão Museologia Social, dessa forma compreendo que o seu uso no decorrer desta investigação é pertinente.

Em sua dinâmica, observa-se a sua potência ao dar voz a outros protagonistas que se apropriam da expressão ‘Museologia Social’, do fazer e do pensar museológico. Conforme a

[7] Na minha percepção, a abrangência da Museologia Social não fica circunscrita a esses movimentos, pois seu domínio possibilita também aos museus tradicionais reverem suas práticas, num contexto para além da edificação e das coleções. Assim, o grande desafio é compreender que “museu não é simplesmente prédio, banco de dados, mas mentalidade”. (Rodrigues da Cruz, 1993, p. 4).

líder comunitária Maria Abadia Teixeira de Jesus[8], a história da cidade Estrutural foi contada, apropriada, reapropriada por pessoas que não conheciam aquela realidade — "especulavam as nossas lutas". Assim, foi importante a proposta de constituir um Ponto de Memória com base na Museologia Social, uma vez que

> "ao compreendermos que a memória é um direito e que pode ser materializada em uma exposição, num texto ou numa Roda de Memória, por exemplo, o nosso entendimento a respeito do que é patrimônio se ampliou, nos fortalecemos enquanto comunidade e passamos a ter a percepção de que a museologia pode estar num campo político, pois estamos discutindo aqui problemas comuns da cidade e como expressar a nossa fala por meio de novas formas de fazer museologia - a museologia social, ressignificando o nosso patrimônio, a expor a nossa luta comum, pelo respeito e dignidade a nos permitir exercer a nossa cidadania, sendo um espaço fundamental para que as nossas lutas não sejam esquecidas." (Jesus, 2017) [9]

Para Maria Abadia , foi a partir das experiências dos Pontos de Memória que ocorreu um desmembramento potente na reflexão teórica sobre experiências museais em comunidades, como, por exemplo, as pesquisas publicadas no Brasil. Segundo Almir Gomes da Silva[10], foi a partir daí que a museologia passa a ganhar força na localidade, pois por meio da museologia social o povo tem muita coisa a revelar, sejam as suas lutas ou sabedoria. (Roda de Memória, 10 de agosto de 2019)[11]

[8] Maria da Abadia Teixeira de Jesus, conhecida na cidade como Abadia, é natural de Unaí - Minas Gerais, líder comunitária, costureira, educadora popular e moradora da cidade Estrutural desde 1990. Gestora do Movimento de Educação e Cultura da Estrutural e Coordenadora do Ponto de Memória da Estrutural. No decorrer do texto onde se lê somente o nome 'Abadia', refere-se a 'Maria Abadia Teixiera de Jesus'.

[9] Maria da Abadia Teixeira de Jesus, ver entrevista (Apêndice II).

[10] Almir Gomes da Silva, natural de Taguatinga DF. Mudou para a cidade Estrutural em 2004. Escritor Popular, Editor na Editora Abadia Catadora. Integrante Mece. (Apêndice II).

[11] Exemplo de algumas pesquisas realizadas: Projeto de extensão: Museu, memória e cidadania na diversidade cultural - rodas de memórias. Coordenação: Wellington Pedro da Silva. IFB, 2018. Pontos de Memória Participantes: Estrutural e Terra Firme; Projeto de Iniciação Científica: Narrativas orais de vida em comunidades periféricas do território brasileiro: espaço e memória, desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Organização do Trabalho Pedagógico e Formação Docente. IFB. Coordenadora: Juliana Harumi. Ano: 2019/2020. Pontos de Memória participantes: Estrutural, Taquaril, Lomba do Pinheiro, Museu Cultura Periférica e Terra Firme; Pesquisa de doutorado: Programa de Pós-Graduação em Linguística. UnB. Ano previsto para conclusão: 2021; A pesquisa aborda as representações discursivas dos atores sociais de comunidades periféricas do território brasileiro com atuação de Pontos de Memória. Pontos de Memória que fazem parte da pesquisa: Estrutural, Taquaril, Lomba do Pinheiro, Museu Cultura Periférica e Terra Firme.

O Projeto de Extensão ocorreu oficialmente, conforme registro no Decanato de Extensão da UnB, no período de 2011 a 2015, sendo interrompido devido ao afastamento oficial de cinco professoras do Curso de Museologia da UnB para doutoramento, o que inviabilizou sua continuidade. No entanto, prossegui com as atividades no Ponto de Memória, alçando novos voos, porém não mais vinculada ao projeto original, mas como campo de investigação da presente tese.

Problemática de pesquisa

Após reflexões com a comunidade do Ponto de Memória da Estrutural e considerando: o local onde a investigação está sendo realizada; as indagações surgidas desde 2011 durante a extensão universitária; que as ações realizadas foram emergentes ao seu próprio tempo e refletidas conjuntamente com os participantes, na perspectiva da metodologia de pesquisa-ação; que o processo é aberto, e em contínua mudança; que a área de atuação da Museologia Social perpassa o território e suas várias camadas de sentido; e inspirada na frase 'Uma museologia que não serve para a vida não serve para nada', proferida por Mário Chagas na palestra de abertura do VII Seminário de Investigação em Sociomuseologia, ocorrido em fevereiro de 2017, na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias [ULHT] em Lisboa, Portugal, foi que concebi mentalmente a pesquisa. Desse modo, o problema foi configurado nos âmbitos teórico e prático a serem refletidos na presente investigação:

'De que forma as ações museais inventário, exposições, ação cultural e a conservação participativa, realizadas no Ponto de Memória da Estrutural traduzem uma Museologia Biófila, comprometida e conectada com a vida, em local com alto índice de vulnerabilidade social e sem referência de natureza ambiental?'

Aspectos relativos à biofilia perpassaram transversalmente a análise da presente investigação a partir do estudo das ações museais do Ponto de Memória da Estrutural, a fim de verificar se há possível contribuição em seu desmembramento para uma museologia biófila. O conceito de biofilia refere-se ao amor à vida, sendo possível estabelecer as mais diversas correlações, e que me despertou a reflexão acerca de ações museais biófilas.

Objetivos

Objetivo geral:

O objetivo geral da pesquisa está expresso a seguir: analisar ações museais de inventário, exposição, ação cultural e conservação participativa sob a luz das práticas comunitárias realizadas no Ponto de Memória da Cidade Estrutural no período entre 2011 e 2019 e verificar se houve a constituição de uma Museologia Biófila.

Objetivos específicos:

- Relatar a gênese e o processo socialmente constituído para a fundação do Ponto de Memória da Estrutural-DF.
- Identificar aspectos biófilos presentes nas práticas de Museologia Social no Ponto de Memória da Estrutural-DF, especificamente nos seguintes programas: inventário cultural, exposições, ação cultural e conservação participativa.
- Descrever aspectos de conservação identificados nas ações museais no domínio da biofilia.
- Descrever a constituição de uma Museologia Biófila, a partir dos conceitos do psicanalista alemão Erich Fromm (1965), cuja Teoria Humanista explica que "o homem é potencialmente bom e só se torna uma pessoa má diante de condições adversas"[12]; do psicólogo social e biólogo americano Stephen R. Kellert, o qual apresenta valores humanos com base na biologia e a importância da natureza no que concerne à evolução e ao desenvolvimento humano[13]; e do biólogo americano Edward Osborne Wilson (1993d), proponente de uma nova ciência, a Sociobiologia. Esta ciência estuda a base genética do comportamento social do homem e dos animais.[14]

[12] Erich Fromm (1900-1980) nasceu em Frankfurt, Alemanha. De descendência judaica, estudou Direito, desistindo posteriormente para a Sociologia. Especializou-se em psicanálise no Instituto Psicanalítico de Berlim. No auge da ascensão nazista mudou-se para Genebra, na Suíça. Em 1934 exilou-se nos Estados Unidos, morou no México de 1950 até 1974, após fixou residência na Suíça até sua morte em 1980. Conhecido por desafiar as teorias de Sigmund Freud. Acessado em 19 de março de 2019 em https://www.ebiografia.com/erich_fromm/

[13] Stephen R. Kellert é bacharel em psicologia social e biologia pela Cornell University, com doutorado em Yale. Professor Emérito de Ecologia Social de Tweedy Ordway e Pesquisador Sênior na Escola de Silvicultura e Estudos Ambientais da Universidade de Yale. Acessado em 10 de maio de 2020 em https://news.yale.edu/2001/03/02/stephen-kellert-named-tweedyordway-professor-social-ecology-yale-school-forestry-environm.

[14] Edward Osborne Wilson nasceu em 1929 em Birmingham, Alabama, USA. Após um acidente danificar seu olho direito, aprendeu a examinar insetos de perto tornando-se desde cedo naturalista. Em 1956 foi nomeado

- Verificar se houve a constituição de uma Museologia Biófila, na concepção e execução de ação museal no Ponto de Memória, proposto para atender a realidade encontrada.

As Fontes e Organização do Trabalho

A tese foi organizada em cinco capítulos, a saber: Capítulo I – Biofilia: o amor apaixonado pela vida; Capítulo II – O contexto: uma cidade dentro da cidade; Capítulo III – Ponto de Memória: sertão e veredas; Capítulo IV – Ações Museais Biófilas: Inventário, Exposições, Ação Cultural, Conservação Participativa; e o Capítulo V – Metodologia, além da Introdução e Análise e Conclusão.

No Capítulo I – Biofilia: o amor apaixonado pela vida – são apresentados aspectos da biofilia a partir do pensamento de Fromm (1965), psicanalista alemão, e dos biólogos americanos Wilson (1984/1993) e Kellert & Wilson (1993d). 'Biophilia' é uma palavra de origem grega, 'bios' significa vida e 'philia', amor, amor à vida. Para Fromm (1965, p. 13), coexistem no ser humano duas características que poderão ser potencializadas, a saber: a biofilia - "amor à vida", e a necrofilia - "amor à morte". Segundo o autor, tanto a biofilia quanto o seu oposto, a necrofilia, podem ser estimuladas no meio ambiental e social em que vivemos. Em ambientes organizados, quando não há estímulo para autocriação, a necrofilia poderá predominar.

O conceito de 'biofilia', entendido como a "afiliação inata emocional dos seres humanos a outros organismos vivos", foi apresentada pela primeira vez em 1984 por Wilson no livro 'Biophilia'. (Kellert, 1993b, p. 31) e (Wilson, 2008, p. 75). Segundo o autor, todos os seres humanos herdaram regras biofílicas, que não se perdem, mas ao nos distanciarmos da natureza estas regras minimizam-se e desencadeiam inúmeros problemas físicos e emocionais. Em 1993 Kellert e Wilson apresentaram a Hipótese da Biofilia a partir de várias tendências biofílicas relacionadas com as mais variadas atividades e necessidades humanas.

Uma museologia conectada com a vida, que inspirou o pensamento do professor e pesquisador Mário Chagas, advém da leitura que o autor fez no final dos anos 1970 das obras de Erich Fromm. Ao conectar-se com as ideias de Fromm sobre a biofilia, ele foi estimulado a refletir sobre os museus biófilos, conectados com a vida. (Britto, 2019)

para a Faculdade de Harvard. Acessado em 19 de março de 2019 em http://biography.yourdictionary.com/edward-osborne-wilson.

Desta forma, a reflexão acerca da biofilia me conduziu a pensar nas conexões oculta e revelada da museologia com a biofilia, considerando a realidade social e ambiental da cidade Estrutural DF. Esclareço que o foco da presente investigação não é analisar aspectos da psicanálise ou da biologia propriamente dita, mas, a partir dos conceitos apresentados pelos autores, verificar referências biófilas em experiências museais.

Na Seção 1.1 – Por uma Museologia Biófila – foram identificados aspectos da biofilia no texto e no contexto da Museologia Social e Sociomuseologia e nas reflexões oriundas de alguns documentos que sustentaram a Nova Museologia. O Seminário Regional da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura [Unesco] sobre a Função Educativa dos Museus, de 1958, a Mesa Redonda de Santiago de Chile, de 1972, que propôs ampliar a compreensão no que concerne a função social dos museus e a concepção de museu integral; a Declaração de Oaxtepec, no México, em 1984, que considera a importância do patrimônio a partir da articulação entre território-patrimônio-comunidade; o Ateliê Internacional Ecomuseus – Nova Museologia, em 1984, culminando no ano seguinte com a criação do Movimento Internacional para uma Nova Museologia [Minom], movimento fundante e contínuo. São referenciados os encontros do Minom ocorridos no Brasil e em outros países da América Latina e outros eventos importantes para a Museologia Social, por exemplo, a Recomendação Relativa à Proteção e Promoção dos Museus e das Coleções, da sua Diversidade e do seu Papel na Sociedade, aprovada em 2015 pela Conferência Geral da Unesco na 38ª sessão. Para a presente seção contribuem alguns teóricos da área, como Hugues de Varine, Mário Canova Moutinho, Maria Célia Teixeira Moura Santos.

Na Seção 1.2 – Conservação – foi apresentado um panorama geral e sucinto da teoria da restauração e suas peculiaridades e uma abordagem de algumas das Cartas Patrimoniais visando compreender a conservação baseada em povos, possibilitando assim o entendimento para uma conservação participativa aplicada em ações museais em comunidades urbanas e periféricas. A teoria da restauração foi apresentada a partir do pensamento do arquiteto francês Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc (1814 - 1879), do escritor britânico John Ruskin (1819 - 1900), do restaurador e teórico italiano Camilo Boito (1836 - 1914), do arquiteto italiano Gustavo Giovannoni e do pensamento do crítico e escritor Cesare Brandi; a partir de considerações dos autores Marcus Granato e Guadalupe do Nascimento Campos, Maria Helena Roxo Beltran, Maria Lúcia Bressan Pinheiro, Beatriz Mugayar Kühl, Isis Baldini Elias e Cláudia dos Reis Cunha.

Na Seção 1.2.1 – Conservação Participativa – foram abordadas considerações a respeito da conservação de bens culturais tangíveis e as mudanças ocorridas no campo da conservação, apresentadas por Dean Sully (2007-2013). Sully fez uma análise crítica dos conceitos e da prática da conservação, correlacionando-os com as cartas patrimoniais. Segundo o autor, a conservação ora pautada em objetos passa a considerar os valores e significados, e desta para a conservação baseada em povos. Na conservação baseada em valores, destaca-se o Documento de Nara (Japão), de 1994, com a introdução do conceito de diversidade cultural, e a Carta de Burra (Austrália), de 1999, cuja ênfase é a participação das pessoas no que concerne a conservação, interpretação e gestão de um território. Aspectos da conservação contemporânea foram tratados a partir de Salvador Muñoz-Viñas (2012), da Universidade Politécnica de Valência [UPV], Departamento de Conservação e Restauração de Bens Culturais. O autor explica que um fator importante para a conservação contemporânea são as funções comunicativas dos objetos estimuladas após o conceito de significado cultural, apresentada na Carta de Burra (Austrália), de 1999. Após esta explanação, apresento a Seção 1.2.2 – Conservação baseada em povos – em que destaco a contribuição do Documento da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, de 2003, que ampliou aspectos da conservação, considerando as comunidades na tomada de decisão com vistas à resolução de situações relativas à preservação. Como desmembramento na Seção 1.2.2.1– Ações de conservação baseada em povos – descrevo dois exemplos de conservação participativa. Na Seção 1.2.3 – Na busca do fio da meada – rememorando caminhos – relato algumas experiências pessoais que vivenciei no âmbito da conservação. Estes exemplos apresentados nas seções 1.2.2.1 e 1.2.3 tem por objetivo estabelecer algumas considerações a fim de compreender a conservação participativa em comunidades urbanas e periféricas, analisadas a partir das ações museais realizadas no Ponto de Memória da Estrutural.

No Capítulo II – O Contexto – uma cidade dentro da cidade – apresento a cidade de Brasília, capital da República Federativa do Brasil e o contexto da sua criação visando situar na linha de tempo o início das atividades do lixão do Distrito Federal. Lúcia Lippi Oliveira destaca a concepção da transferência da capital situada no Rio de Janeiro para o Centro-Oeste do país e a expedição liderada por Luís Cruls entre os anos de 1892 e 1896. Outra fonte consultada foi a Companhia de Planejamento do Distrito Federal [Codeplan], criada em 1964, cuja função é realizar pesquisas socioeconômicas e planejamento do Distrito Federal e região metropolitana. Flavio R. Cavalcanti apresenta graficamente o projeto do Plano Piloto

elaborado pelo arquiteto e urbanista brasileiro Lúcio Costa (1902-1998). Os arquitetos Ricardo Stumpf e Zilda Maria Santos (1996) criticam a política eleitoreira da época que estimulava a migração de pessoas de outras regiões para o Centro-Oeste, desencadeando desordem urbana no Distrito Federal. Ao final da referida seção, a poesia "A Capital", de Markão Aborígene, apresenta uma síntese da contradição que existe entre a cidade de Brasília e a cidade Estrutural.

Na sequência, na Seção 2.2 – Do lixo ao lixão. E assim nasceu a cidade Estrutural do DF – é apresentado o início do lixão e as transformações pelas quais aquele território passou até a configuração atual da cidade Estrutural DF. Dentre as fontes utilizadas, destaco as pesquisas de Terezinha Sant'ana de Oliveira Costa[15] (2011) e Caroline Soares Santos[16] (2014), ambas apresentam a cidade Estrutural pelo olhar de seus moradores e moradoras, suas lutas e resistência para permanecerem no local. Muitas referências utilizadas na presente seção são oriundas do acervo documental do Ponto de Memória da Estrutural. Na Seção 2.2.1 – Da Vila à Cidade – é apresentada a cidade Estrutural e seus problemas sociais. Na Seção 2.2.2 – Áreas de Relevante Interesse Ecológico ARIE – são localizados as áreas ambientais e o problema das invasões irregulares no tocante à sua preservação, apontando para uma cidade sem referências biofílicas. Nesta seção retomo os autores da biofilia, como Fromm (1965), Kellert e Wilson (1993d), uma vez que preconizam a importância da biofilia para o bem-estar das pessoas.

Na sequência, Seção 2.2.3 – O lixão do Distrito Federal – apresento a localização do lixão e a pesquisa da Escola Superior de Ciências da Saúde da UnB no acompanhamento dos catadores após o fechamento do lixão em 2018. João Batista Alves (2017) ressalta os problemas de saúde oriundos do descarte dos resíduos sólidos em locais inadequados. A Seção 2.3 – Movimento de Educação e Cultura da Estrutural [Mece] – encerra o Capítulo II, com a genealogia do movimento e sua importância para a gestão do Ponto de Memória da Estrutural. É importante destacar que este movimento teve origem após ações de alfabetização de adultos na cidade Estrutural por meio do método de alfabetização de Paulo Freire. O Mece protagonizou outros movimentos, como a Marcha Mundial de Mulheres, o projeto das

[15] Terezinha Sant'ana de Oliveira Costa é pedagoga, a conheci no Ponto de Memória da Estrutural, à época ela fazia graduação em Pedagogia na UnB e a cidade Estrutural foi tema de seu Trabalho de Conclusão de Curso em 2011.

[16] Caroline Soares Santos é cientista política e Doutora em Sociologia pela UnB. Professora do Instituto Federal de Brasília. A conheci quando atuava na gestão do Ponto de Memória da Estrutural.

Promotoras Legais Populares pelo Trabalho Doméstico Decente [PLPTD][17], a Teia do Conhecimento[18] e o Ponto de Memória da Estrutural.

No Capítulo III – Ponto de Memória: sertão e veredas – discorro sobre o Programa Pontos de Memória, sua concepção, etapas do projeto, finalidade, as doze cidades selecionadas para abrigar o programa. Na Seção 3.1.1 – Oficinas de capacitação – apresento as oficinas realizadas junto às comunidades sobre a Museologia Social e a sua institucionalização. Apresento aspectos do programa a partir dos relatórios que me foram disponibilizados pelo Ibram dos consultores Inês Gouveia (2010 e 2011), Wélcio Toledo (2013), Deuzani Noleto (2013) e João Paulo Vieira Neto (2013)[19].

Entre 2009 e 2015 foram contratados pelo Instituto Brasileiro de Museus trinta e dois consultores "para a execução do Programa Pontos de Memória, por intermédio da Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI)". (Pereira, 2018, p. 32). Os consultores tinham como função "garantir avanços em termos metodológicos, com presença direta na comunidade" (Pereira, 2018, p. 43) e o Conselho Gestor local dos Pontos de Memória era quem aprovava os produtos a serem entregues pelo consultor ao Ibram. A autora explica que o Programa Pontos de Memória configurou-se e organizou-se em termos documentais a partir dos consultores contratados, profissionais de diversas áreas do conhecimento, que tiveram como objetivo pensar na metodologia de atuação do programa. É importante destacar que a proposta do projeto somente foi apresentada a comunidades com alguma iniciativa de memória. Na Seção 3.2 – No movimento do lugar: o Ponto de Memória da Estrutural DF – apresento a constituição do Ponto de Memória, os seminários realizados, a formação do Conselho Gestor, as oficinas de capacitação promovidas pelo Ibram, como por exemplo: Museu, Memória e Cidadania, Plano museológico, os desafios enfrentados, a visita de Hugues de Varine em 2012, as Rodas de Memória.

O Capítulo IV – Ações Museais Biófilas: Inventário, Exposições; Ação Cultural e Conservação Participativa – apresento as atividades museais realizadas no Ponto de Memória. Na Seção 4.1 – Inventário Participativo – apresento aspectos da metodologia de inventário participativo no âmbito do Iphan e a adaptação para o Programa Pontos de Memória. Na

[17] Edital UCB/Proex/Caex 01/2010, aprovado pelo Caex em 20/08/2010, aprovado na Câmara de Extensão do Consepe em 25/08/2010, homologado pelo presidente do Consepe em 30/08/2010.
[18] Reuniões de estudo e pesquisa coordenado pelos Professores da Universidade Católica de Brasília [UCB] Lunde Braghini Junio, Luiz Delgado e Maximino Basso em conjunto com integrantes do Ponto de Memória da Estrutural.
[19] Consultores do Ibram.

Seção 4.2 – Inventário Participativo – Ponto de Memória da Estrutural DF – teço considerações sobre a metodologia utilizada nas oficinas promovidas pelo Ibram, UnB e Projeto do Fundo de Apoio à Cultura do DF [FAC]. A primeira oficina de capacitação conduzida pelo Ibram teve como base o Inventário Nacional de Referências Culturais [INRC], metodologia desenvolvida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [Iphan]. Esta metodologia foi adaptada à realidade local. Segundo Vieira Neto (2013), o inventário participativo dá visibilidade às referências culturais de comunidades, sendo uma das etapas centrais na aplicação da metodologia do Programa Pontos de Memória. A UnB também realizou por meio da extensão universitária uma oficina de inventário participativo aos integrantes do Ponto de Memória. Após estas oficinas foram iniciadas as primeiras entrevistas orais, que posteriormente contribuíram com a narrativa expositiva e o vídeo produzido pelo Ponto de Memória. (Anexo 3). Na Seção 4.3 – Pelo Direito do que Será Preservado – em 2016, por iniciativa dos gestores do Ponto de Memória, foi submetido um projeto ao Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal. Após sua aprovação, foi realizado um inventário participativo na cidade pelos próprios moradores. Mesmo com a mediação dos professores da UnB na capacitação, foram as equipes que organizaram as reuniões e conduziram as atividades. No âmbito do projeto, foram realizadas Rodas de Memória com vistas a identificar os lugares de memória, pessoas e formas de expressão, considerados pela comunidade.

Na Seção 4.4 – Exposições como processo – descrevi as duas exposições realizadas abrangendo a concepção, narrativa escolhida, forma de exposição, a integração com a comunidade e aspectos de conservação. A primeira, ‘Movimentos da Estrutural: Luta, Resistência e Conquista’, inaugurou no ano de 2011, o Ponto de Memória. A partir de objetos retirados do lixo, higienizados e ressignificados foi apresentada a história da cidade, a luta pela luz, pela água e a resistência pela permanência na localidade. ‘Movimentos da Estrutural: A Mulher e a cidade’ foi a segunda exposição inaugurada em 2012, motivada por várias ações realizadas; dentre elas o trabalho acolhido pelo Mece em 2011 conjuntamente com a Universidade Católica de Brasília [UCB] na extensão intitulada ‘Projeto Promotoras Legais Populares pelo Trabalho Doméstico Decente’.

Na Seção 4.5 – Ação Cultural – é apresentada a concepção da Editora Abadia Catadora em 2011 e o lançamento oficial em abril de 2012 na 1ª Bienal Brasil do Livro e da Leitura, ocorrida em Brasília DF, inspirada nos moldes da Editora Eloísa Cartonera, da Argentina, que reutiliza papelão para a confecção das capas. A editora publicou livros de

escritores e escritoras da cidade Estrutural e de outras localidades; além disso, promoveu saraus poéticos, oficinas de escrita criativa, oficinas de pintura, oficinas de costura e encadernação. Na Seção 4.6 – Conservação Participativa – reúno as ações museais iniciadas em 2011 com a extensão universitária e teço correlações entre a ação museológica e a conservação, almejando à conservação participativa. Descrevo o processo de confecção de papel, encadernação e a costura realizados no laboratório da UnB e na Casa dos Movimentos, junto com os integrantes do Ponto de Memória.

Por fim, no Capítulo V – Metodologia – expõe de forma sistematizada as fases da pesquisa e as ações museais realizadas, a partir da metodologia de pesquisa-ação adotada para a condução desta investigação. Apresenta as oficinas realizadas, os problemas identificados, as soluções e o desmembramento de cada ação. Pontua os objetivos para atingir a ação correspondente.

Metodologia[20]

A partir de uma experiência social real, defini o caminhar metodológico da pesquisa pautado na participação, no saber compartilhado entre os envolvidos no processo. Discorro sobre a constituição do Ponto de Memória da cidade Estrutural do DF e as ações museais conduzidas em práticas comunitárias, realizadas no período de 2011 a 2019, a saber: inventário, exposições, ação cultural e conservação participativa; analisadas no âmbito da biofilia e observadas nas ações de conservação participativa. É uma investigação de caráter qualitativo.

No início da atividade de extensão em 2011, constatei críticas ao trabalho da UnB na cidade Estrutural do DF por parte dos participantes do Ponto de Memória. Na época, a líder comunitária Maria Abadia assim se expressou: “Professora Silmara, nós estamos cansados de receber pesquisadores aqui na cidade, eles vêm aqui, impõem seus conhecimentos, coletam informações, publicam pesquisa sobre nós e não dão retorno, nunca mais sabemos de nada, é

[20] A presente Tese segue as “Normas para a elaboração e apresentação de Teses e Doutoramento” da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias [ULHT], conforme Despacho nº. 30/2014, com adaptações das normas da American Psychological Association [APA].

um descaso".[21] Santos, C.S. (2014) em pesquisa sobre a cidade Estrutural do DF também observou esta questão:

> "Em muitas conversas que fiz na cidade ficava muito clara a importância dada ao fato de contar e guardar de forma mais fidedigna possível as experiências vividas. Existe inclusive um receio prévio com pesquisadores universitários que aparecem querendo fazer da cidade objeto de estudo, segundo Maria Abadia , principalmente porque, por diversas vezes, essas histórias foram contadas, mas nem sempre se tinha retorno dessas pesquisas, ou ainda porque muitas vezes as pessoas não se sentiram identificadas com o que era contado a respeito delas." (Santos, C. S., 2014, p. 174)

A fala de Maria Abadia e a constatação de Santos, C. S. (2014) me motivaram a pensar que a presente investigação pudesse considerar como metodologia a pesquisa-ação, além disso, percebi peculiaridades desta metodologia, notadamente na forma como os participantes conduzem as ações e decisões, sempre de forma compartilhada, resolvendo situações-problema conjuntamente, o que não os eximia de muitas discussões e enfrentamentos de ideias. Destaco que observei nos relatórios dos consultores dos Pontos de Memória características desta metodologia, pois na constituição propriamente dita do Ponto de Memória, todas as ações museológicas possíveis de serem trabalhadas eram previamente discutidas entre os consultores e gestores com vistas a encontrar respostas para os diversos desafios encontrados. Um exemplo que ilustra a questão foi a solução encontrada para representar a narrativa da exposição "Movimentos da Estrutural: Luta, Resistência e Conquista", que será apresentada no Capítulo IV desta investigação.

No âmbito desta metodologia e corroborando os pressupostos metodológicos da pesquisa de Maria Célia Teixeira de Moura Santos sobre o Museu Didático-Comunitário de Itapuã, busquei elaborar,

> "[...] em todos os momentos, uma análise e interpretação da realidade, ou das muitas realidades, a partir dos pontos de interesse dos diversos segmentos envolvidos, produzindo, através da pesquisa, um conhecimento que está sendo apropriado e reapropriado pelos sujeitos envolvidos nas diversas programações. O processo de

[21] Expressão da líder comunitária Maria Abadia Teixeira de Jesus em 02 de julho de 2011 na ocasião do lançamento do Projeto de Extensão Conservação e Acervo do Ponto de Memória da Estrutural DF na Casa dos Movimentos.

> compreensão, de qualificação do fazer cotidiano enquanto patrimônio cultural se deu ao longo do caminhar, no processo da pesquisa. Foi por meio da ação interativa e da reflexão, tomando como referencial a observação e a análise da realidade, que se conseguiu culturalizar aspectos da realidade local, em interação com outras realidades." (Santos, M. T. M., 1996, junho, p. 308)

A pesquisa-ação foi criada em meados da década de 40 por Kurt Lewin[22]. O foco da pesquisa-ação se dá na coletividade e na comunicação existente entre os sujeitos de uma comunidade que se quer conhecer.

Maria Célia Teixeira Moura Santos acrescenta que "a pesquisa-ação envolve a comunidade local e busca, através das ações planejadas com os diversos segmentos envolvidos, a compreensão e a reflexão sobre o seu patrimônio cultural, na dinâmica do processo social". (Santos, M. T. M., 1996, p. 136). Ela tem como função compreender os mecanismos de funcionamento que ocorrem no âmbito da coletividade e como os sujeitos que fazem parte desse universo constroem e produzem sentido para o seu cotidiano, reconhecendo "o papel ativo do sujeito que conhece e transforma a realidade" (Santos, M. T. M., 1996, p. 140) e também no compromisso do pesquisador "[...] com a sociedade deve se dar no plano do concreto, assumindo que somos capazes de agir e refletir - transformar a realidade". (Santos, M. T. M., 1996, p. 135)

A pesquisa-ação é uma pesquisa de investigação onde há participação do pesquisador, ele está imerso na realidade, vive e experiencia a vida assim como os indivíduos do lugar, aprendendo sobre a cultura, os códigos sociais, "os fenômenos sociais em sua 'dinâmica real', interpretando-os em sua origem, vigência e transformação" (Santos, M. T. M., 1996, p. 137) e sua participação não almeja "[...] uma neutralidade absoluta que apague as marcas *da sua* [grifo nosso] implicação no [...] objeto de estudo", onde inevitalvelmente o pesquisador está "inserido na análise realizada" (Santos, M. T. M., 1996, junho, p. 305-306).

Nessa modalidade de pesquisa o investigador não detém o poder quanto a tomada de decisão da pesquisa, seus caminhos e percursos são construídos colaborativamente e coletivamente com o apoio da comunidade. Proposta teórico-metodológica "que está pautada no diálogo, no argumento e em contextos interativos" (Santos, M. T. M., 1996, p. 141) e o

[22] Psicólogo alemão que teve um papel muito importante nas Ciências Sociais, criando a ideia de Teoria de Campo. Para Lewin, campo é "um conjunto de realidades físicas e psicológicas, em mútua interdependência". (WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre, 2020). Campo foi denominado pelo autor como "espaço de vida, onde coexistem pessoas (P) e ambiente (E)". Ele iniciou a construção de um caminho pioneiro na Psicologia Social, Psicologia Organizacional e da Psicologia Aplicada.

"fazer museológico, *a* [grifo nosso] pesquisa e a comunicação não se *dissociam* [grifo nosso], se integram, construindo conhecimento, com base no diálogo, em contextos interativos", onde o "processo dialógico no qual o museólogo e os demais grupos envolvidos são enriquecidos". (Santos, M. T. M., 1996, junho, p. 309 e 311)

No campo das Ciências Sociais, Thiollent (2007) explica que a pesquisa-ação apresenta as seguintes características: é realizada de forma cooperativa e participativa para a resolução de situações-problema da realidade encontrada. Os processos incluem a comunidade e reveste-se de colaboração. O pesquisador, junto com a participação direta da comunidade, identifica os problemas e conjuntamente definem estratégias para as soluções. Esse processo de busca das soluções para os problemas tem caráter político, emancipador e empoderador das pessoas que estão vivendo as ações ao lado do pesquisador.

Do ponto de vista da metodologia em pesquisa-ação, ressalto que a investigação conduzida pela professora e museóloga Maria Célia Teixeira de Moura Santos em 1996, no Bairro de Itapuã, cidade de Salvador - Bahia, dialoga com a minha busca em pesquisa. Conforme a autora,

> "Acreditamos que o nosso compromisso com a sociedade deve se dar no plano do concreto, assumindo que somos capazes de agir e refletir - transformar a realidade. Qual o compromisso da Universidade com as muitas realidades de um país da América Latina onde imperam a miséria, o cólera, a violência, o analfabetismo etc. [...] optamos por sair do espaço fechado da universidade, evitando construir uma tese que estivesse destinada somente à academia. Estamos assumindo que há possibilidade de produzir conhecimento em todos os níveis de escolarização e que este conhecimento pode ser construído em uma determinada ação de caráter social, reconhecendo o papel ativo dos observadores na situação investigada e dos membros representativos desta situação." (Santos, 1996; p. 135-136)

Ao iniciar a pesquisa em 2015, o processo metodológico foi lentamente se configurando, pois após cinco anos de atuação como professora extensionista, frequentando semanalmente, junto aos integrantes e gestores, o Ponto de Memória, a minha participação enquanto pesquisadora não poderia mais se distanciar do objeto investigado, mesmo porque

não há como interromper laços afetivos construídos. No entanto, procurei manter dentro do possível certo distanciamento e foco durante a realização da pesquisa.

A esta altura da minha participação no Ponto de Memória, identifiquei várias questões possíveis que poderiam ser pesquisadas, problemas ainda sem solução, ações e decisões. Destaco que, no decorrer da investigação, conduzi o processo de forma conjunta, tal como já era realizado, para resolver situações-problemas que surgiam. Em cada encontro, o compartilhamento de ideias e as questões da pesquisa foram revisitados, tomaram corpo, caracterizando a construção conjunta das ideias na perspectiva da pesquisa-ação.

A fim de contribuir com a investigação, propus aos gestores do Ponto de Memória retomar os encontros do Círculo de Cultura, atividade que consistiu no estudo e pesquisa de temas pertinentes executados pelo Mece e a comunidade, ocasião em que introduzi o tema Biofilia com os integrantes buscando explicar-lhes a pesquisa em tela.

Para alcançar o objetivo geral e os respectivos objetivos específicos, a presente investigação considerou: (1) o conhecimento da realidade; (2) a participação individual e coletiva nas estratégias de ação; (3) o fazer museológico propriamente dito.

A trajetória do Ponto de Memória da Estrutural foi delineada a partir da investigação em fontes de informação de diversas tipologias, compreendendo: a. documentos textuais, decorrentes dos relatórios de quatro consultores do Ibram, à época da implantação e acompanhamento do Programa Pontos de Memória em 2010 nas respectivas localidades; b. os documentos textuais e imagéticos digitais disponíveis no acervo do Ponto de Memória datados de 2011, que consideram a narrativa dos moradores e moradoras, os registros disponíveis sobre a história da cidade e a luta por fixação na localidade; c. reuniões com os gestores do Mece e do Ponto de Memória da Estrutural DF; d. os apontamentos oriundos de Rodas de Memória e dos Saraus Poéticos propostos pelo Ponto de Memória; e) a realização de seminário integrado ao Círculo de Cultura para compartilhamento da pesquisa e discussão sobre temas relativos à tese e outros propostos pela comunidade; f) as entrevistas semiestruturadas (Apêndice II); g) levantamento realizado no percurso da pesquisa em caderno de campo (Apêndice III); e h) a realização de ações museais vislumbrando a resolução de problemas pontuais identificados em atividades integradas às respectivas ações.

Considerando a metodologia de pesquisa-ação adotada, as atividades deste último item ‘h’, foram propostas a partir da identificação de problemas apontados pelos participantes das ações e de acordo com a necessidade, dúvidas e o contexto que se apresentava,

sistematizados no Capítulo V – Metodologia – e descritos no Capítulo IV, onde discorro sobre as ações museais biófilas. Portanto, um comentário ou observação geraram desdobramentos significativos para questões relacionadas à conservação. As atividades práticas de conservação participativa foram realizadas na Casa dos Movimentos, sede do Ponto de Memória da Estrutural, no Laboratório de Conservação da UnB e na Biblioteca Comunitária Catando Palavras, localizada na cidade Estrutural.

Sendo assim, a pesquisa está circunstanciada no nível microssocial, com a participação das pessoas que frequentam o Ponto de Memória, nas ações museais realizadas. Considerei o pensamento da Museologia Social assim configurada em territórios museais, na comunidade participativa, no patrimônio material e imaterial e no museu como ato pedagógico para o desenvolvimento e a possível correlação com a biofilia. Cabe destacar que foi adotada uma perspectiva de não linearidade, considerando outros aspectos vivenciados.

Na presente investigação, considero que as reflexões teóricas da Sociomuseologia e da Museologia Social e sua aplicação foram de suma importância e contribuíram para que eu pudesse tecer reflexões acerca das ações museais relativas ao Ponto de Memória da Estrutural. Ressalto que em algumas passagens do texto utilizei o meu itinerário pessoal com objetivo de complementar a pesquisa, numa relação mais profunda entre a minha vivência e os escritos, enriquecendo a minha percepção da realidade com a base teórica.

O Apêndice IV apresenta os componentes da pesquisa, seus respectivos eixos, questões e técnicas de registro. Pontualmente utilizei instrumentos de pesquisa quantitativa, objetivando a abordagem e a análise dos dados resultantes dos questionários elaborados pelos participantes do Projeto de Fundo de Apoio à Cultura do DF no Ponto de Memória da Estrutural DF, em virtude da ação de inventário cultural da cidade Estrutural, detalhados no Capítulo IV da presente investigação.

A biofilia instigou-me a refletir sobre os aspectos da vida e do viver na cidade Estrutural, num cenário marcado pelo sofrimento e dor, mas possível de ser potencializado pela “linguagem silenciosa do amor”.

REVISÃO DE LITERATURA

O amor é a última e real necessidade do ser humano.

Erich Fromm

CAPÍTULO I – Biofilia: O Amor Apaixonado Pela Vida

O conceito de biofilia é transdisciplinar, pois refere-se à vida e ao viver, possibilitando assim estabelecer as mais diversas correlações. Ao abordar aspectos de sua base teórica foi possível identificar a biofilia no texto e no contexto da Museologia Social e estabelecer algumas reflexões acerca da cidade Estrutural e das ações museais conduzidas no Ponto de Memória da Estrutural, a serem apresentadas no decorrer da investigação.

Fromm (1965, p. 24) apresenta em sua obra 'O coração do homem' dois princípios da natureza humana, a saber: a biofilia e a necrofilia. Na obra citada, cuja primeira edição é de 1964, o autor trabalha os conceitos de biofilia e de necrofilia como tendências que coexistem no ser humano. Para ele, a biofilia diz respeito ao amor apaixonado pela vida, com independência e liberdade a estimular a 'síndrome de crescimento', instinto existente no ser humano sem o qual não se garantiriam comportamentos sociais saudáveis. Fromm corrobora o pensamento de filósofos e biólogos ao atribuir à biofilia a essencialidade de todas as substâncias vivas para preservar a sua existência, tal como expresso em Spinoza (citado em Fromm, 1965, p. 48): "Tudo na medida em que é ele mesmo, esforça-se por persistir em seu próprio ser".

É possível observar a tendência da vida em exemplos ao nosso redor, como "no capim que irrompe através das pedras para conseguir luz e viver; no animal que lutará até as últimas para escapar à morte; no homem que fará quase qualquer coisa para preservar sua vida". (Fromm, 1965, p. 49)

Em contraste à biofilia, o autor descreve aspectos da necrofilia que, quando combinada com o "amor à morte, o narcisismo maligno e a fixação incestuosa simbiótica", formam a base negativa de orientação humana, formando a "síndrome da deterioração, aquele que impele homens a destruir por amor à destruição e a odiar por amor ao ódio" e, a depender da característica social em que vivem as pessoas, poderá ser um fator a contribuir com a necrofilia. (Fromm, 1965, p. 24). No caso do narcisismo maligno, Fromm analisa o tema com vistas a compreender o narcisismo social em questões relativas ao nacionalismo, à violência e à guerra. Um exemplo que o autor apresenta de narcisismo individual é Hitler, que, por sua vez, estimulou o narcisismo coletivo de milhões de alemães com a ideia da superioridade racial, a superioridade ideológica de um grupo sobre outro[23].

[23] O narcisismo é um conceito apresentado por Freud, relacionado ao narcisismo do bebê e ao paciente psicótico. Para Freud, na primeira infância há "narcisismo primário", quando não há "quaisquer relações com o mundo

A fixação incestuosa simbiótica está relacionada com à fixação à mãe, no caso materno; ocorrendo também em várias outras situações e graus quando "a pessoa presa simbioticamente é parte integrante da pessoa hospedeira a que se acha presa". Ao ser inerente a todos os humanos ficar preso "à pessoa maternal ou a seus equivalentes – sangue, família, tribo", há conflito com o oposto "à de nascer, crescer, progredir". (Fromm, 1965, p.115 - 119). Segundo Gniss (2010), esta falta de autonomia e liberdade são destrutivas, uma vez que não se confia nas próprias capacidades

> "[...] Este desejo de voltar ao paraíso se dá em termos particulares por uma tendência a quaisquer dependências, sejam químicas, em termos sociais pela projeção desta insegurança numa supermãe, chame-se ela nação, raça, partido, igreja, de cuja grandeza o ser humano – aparentemente - participa. Mas, o ser humano e sua destinação intrínseca à liberdade são inseparáveis." (Gniss, 2010, p. 52)

Outro fator desta destrutividade apontada por Gniss, e já anunciada por Fromm em 1973, é a tendência à normose, em que "o meu valor de pessoa humana reduz-se ao IBOPE [...] à minha contribuição ao PIB, e quando este valor de mercado não está em alta, meu valor de pessoa humana está em baixo" (Gniss, 2010, p. 53). É importante destacar o caráter necrófilo que esta dependência provoca.

A maioria das pessoas apresenta nuanças entre a biofilia e a necrofilia, sendo importante entender qual é a dominante, uma vez que é a pessoa quem escolhe a direção da vida ou da morte, do bem ou do mal. Quando existe uma tendência exclusiva necrófila, há insanidade psíquica, o amor à morte predomina e aos poucos o que há de biófilo morre. Ao não dar conta desta orientação, as pessoas "endurecerão seus corações; agirão de maneira que seu amor à morte pareça ser a reação lógica e racional ao que sentem". (Fromm, 1965, p. 52) Por outro lado, os que têm amor à vida se chocarão ao perceberem aspectos em si necrófilos, despertando para a vida. Nessa perspectiva, o autor enfatiza a importância de fomentar no

exterior". Com o decorrer da "evolução normal" da criança se intensificam as relações "libidinosas com o mundo externo". Em casos drásticos há insanidade, na qual "êle retira a ligação libidinosa dos objetos e volta-se para seu ego de novo (narcisismo secundário)". Na evolução normal "o homem permanece até certo ponto narcisista toda sua vida" (Fromm, 1965, p. 69). Exemplos de casos em que o narcisismo fica "na fronteira entre saúde e insanidade" são os homens que alcançaram o poder absoluto de vida e morte, sem limites, revelando características similares, como os "faraós egípcios, os césares romanos, os Bórgias, Hitler, Stalin". Conforme Fromm (1965, p. 73), na psicose não há ligação com a realidade externa e o narcisismo é absoluto.

indivíduo a "auto-atividade criadora" (Fromm, 1965, p. 57), pois sem esse impulso a biofilia poderá não ser favorável, mesmo vivendo em ótimas condições materiais.

Na concepção de biofilia e necrofilia há dicotomia entre a vida e a morte de maneira a configurar relações com nós mesmos, com os outros e com o mundo. O Quadro 1 apresenta a Síndrome do crescimento em contraste com a Síndrome da destruição, com base em Fromm (1965).

SÍNDROME DO CRESCIMENTO	SÍNDROME DA DESTRUIÇÃO
Amor à vida - BIOFILIA	**Amor à morte - NECROFILIA**
Narcisismo benigno - Amor à humanidade	**Narcisismo maligno – individual e coletivo**
Independência e liberdade	**Fixação incestuosa simbiótica**
Democracia – liderança democrática para o bem comum	Déspota - ditador

Quadro 1 . Fenômenos de orientação humana
Fonte: Adaptado de Fromm, 1965.

A questão social em relação à necrofilia levou Fromm a questionamentos sobre a síndrome de deterioração e a relação com a indiferença sobre a vida, notadamente concernente às questões da guerra nuclear. Ele passou a indagar-se sobre a ausência de reivindicações das pessoas frente ao perigo que uma guerra nuclear poderia provocar, haja vista o já ocorrido em Hiroshima e Nagasaki em 1945, chegando à conclusão de que se não há medo de destruição total é porque não há amor à vida.[24]

Conforme a Organização das Nações Unidas [ONU], após a II Guerra Mundial "a era nuclear fez surgir temores de um novo tipo de poluição por radiação" (ONU, n.d.)[25] ; e após a publicação em 1962 do livro Primavera Silenciosa de Rachel Carson[26] "o movimento

[24] Ao final da II Guerra Mundial os EUA usou a bomba atômica contra duas cidades do Japão, Hiroshima e Nagasaki. "Na primeira, foi utilizado o urânio e, na segunda, o plutônio. Estima-se que cerca de 200 mil pessoas perderam a vida, tanto no momento da explosão quanto pela radiação liberada." A corrida armamentista durante a Guerra Fria "incluiu testes e desenvolvimento de armamentos nucleares. Quando a URSS testou sua primeira bomba atômica, em 1949, o perigo de uma guerra nuclear entre EuA e URSS se tornou mais real." Acessado em 08 de setembro de 2020 em https://www.politize.com.br/armas-nucleares/.

[25] ONU. Página inicial. Acessado em https://nacoesunidas.org/acao/meio-ambiente/ em 06 de setembro de 2020.

[26] Rachel Carson (1907 – 1964), norte-americana, bióloga marinha, ecologista e escritora. Publicou em 1962 o livro Primavera Silenciosa, descreve vários inseticidas como do DDT, BHC, o arsênio (usado contra ervas daninhas, primeiro pesticida associado ao câncer), dentre outros e os problemas de intoxicação e envenenamento decorrente deles.

ambientalista moderno" é fundado. (Bonzi, 2013, p. 208).[27] Na referia publicação, Carson (1969) escreve sobre os problemas ambientais em decorrência do uso de pesticidas nos Estados Unidos. Segundo a bióloga a partir dos anos de 1940 substâncias químicas foram criadas, usadas e vendidas de forma indiscriminada para o combate de insetos, ervas daninhas e roedores, desencadeando o desequilíbrio dos ecossistemas e para a saúde das pessoas.

Diante do contexto que se apresentava, a ONU organizou nos dias entre 5 a 16 de junho de 1972 a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo na Suécia, que segundo Gadotti é considerada um "divisor de águas no despertar da consciência ecológica", uma vez que foi introduzido na agenda internacional pela primeira vez, "a preocupação com o crescimento econômico em detrimento do meio ambiente". (Gadoti, 2009, p. 105)[28]. O autor ainda assinala que a conferência foi o resultado de inúmeros debates iniciados nos anos de 1960 até culminar na conferência propriamente dita. O item 1 da Declaração sobre o Ambiente Humano, resultado da Conferência de Estocolmo, assinala a relação das pessoas com o meio ambiente

> "1. O homem é ao mesmo tempo obra e construtor do meio ambiente que o cerca, o qual lhe dá sustento material e lhe oferece oportunidade para desenvolver-se intelectual, moral, social e espiritualmente. Em larga e tortuosa evolução da raça humana neste planeta chegou-se a uma etapa em que, graças à rápida aceleração da ciência e da tecnologia, o homem adquiriu o poder de transformar, de inúmeras maneiras e em uma escala sem precedentes, tudo que o cerca. Os dois aspectos do meio ambiente humano, o natural e o artificial, são essenciais para o bem-estar do homem e para o gozo dos direitos humanos fundamentais, inclusive o direito à vida mesma". (Declaração de Estocolmo, 1972)[29]

[27] Bonzi, R.S. (2003). Meio século de Primavera silenciosa: um livro que mudou o mundo. Acessado em https://revistas.ufpr.br/made/article/view/31007/21665, em 06 de setembro de 2020. Ramón Stock Bonzi é doutor e mestre em Arquitetura e Urbanismo pela FAU.

[28] Moacir Gadotti é professor titular da USP e diretor do Instituto Paulo Freire.

[29] Declaração de Estocolmo (1972). Acessado em 06 de setembro de 2020 em https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjghvWe2dnrAhXrILkGHe_YD_kQFjACegQIChAB&url=https%3A%2F%2Fapambiente.pt%2F_zdata%2FPoliticas%2FDesenvolvimentoSustentavel%2F1972_Declaracao_Estocolmo.pdf&usg=AOvVaw2CwvNXHYSHkt5lvAJSKbjc

A Conferência de Estocolmo reverberou na criação em 1972 do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente [PNUMA][30] cujo objetivo principal é o monitoramento do meio ambiente global, alertando povos e nações sobre as ameaças ao meio ambiente, e as recomendações de "medidas para melhorar a qualidade de vida da população sem comprometer os recursos e serviços ambientais das gerações futuras". Foram realizadas nos anos posteriores importantes conferências internacionais e demais acordos mundiais que versaram sobre a preservação e a sustentabilidade da biodiversidade.[31]

É importante ressaltar, que a Mesa Redonda de Santiago do Chile de 1972[32], marco referencial e de grande importância para a museologia contemporânea, trouxe à reflexão uma nova perspectiva para os museus: a concepção de "museu integral, ou seja, aquele que leva em conta a totalidade dos problemas da sociedade". (Varine, 2012a, p. 143-144)

Maria Célia Santos (2002) amplia esta compreensão quando discorre sobre a teia de relações que podem ser estabelecidas nesta concepção, uma vez que ao focar também nos problemas decorrentes da relação ser humano-natureza, abre "espaço para uma sociologia da natureza", rompendo-se com a visão reducionista de uma ciência que concebia a biologia apenas com foco restrito aos organismos e seus processos físicos-químicos, abrindo-se para os fenômenos sociais, considerando o aspecto biopsicossocial de acordo com valores, crenças e tradições. (Santos, M.C.T. 2002, p. 111-112). Conforme a autora:

> "Portanto, começa-se a delinear, em Santiago, talvez de forma não intencional, o que, no nosso entender, é o marco mais significativo da evolução

[30] PNUMA. Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. "O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), principal autoridade global em meio ambiente, é a agência do Sistema das Nações Unidas (ONU) responsável por promover a conservação do meio ambiente e o uso eficiente de recursos no contexto do desenvolvimento sustentável." Acessado em 07 de setembro de 2020 em https://nacoesunidas.org/agencia/pnuma/#:~:text=O%20Programa%20das%20Na%C3%A7%C3%B5es%20Unidas,no%20contexto%20do%20desenvolvimento%20sustent%C3%A1vel

[31] A Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente e o Desenvolvimento ECO92, realizada no Rio de Janeiro reuniu a representação de 172 países e ONGs. Na ocasião foram assinados os seguintes acordos ambientais: "a Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento; a Agenda 21; os Princípios para a Administração Sustentável das Florestas; a Convenção da Biodiversidade; e a Convenção do Clima". Ficou decidida que a próxima conferência Rio+10 seria realizada na cidade de Joahnesburgo, na África do Sul, com objetivo de "avaliar os resultados e o cumprimento dos acordos aprovados" na ECO92. Nesse período ocorreram as seguintes conferências ambientais: "a COP-1 (Conferência das Partes) em Berlim, em 1995; a COP-2 em Genebra, no ano seguinte; a COP-3 em Kyoto, no ano de 1997; entre outras." No ano de 2012 a Conferência da ONU sobre o Desenvolvimento Sustentável Rio+20, realizada na cidade do Rio e Jneiro, resultou no documento "O Futuro que queremos". Acessado em https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/conferencias-sobre-meio-ambiente.htm em 07 de setembro de 2020.

[32] A Mesa Redonda de Santiago do Chile será tratada na próxima seção.

> do processo museológico na contemporaneidade: a passagem do sujeito passivo e contemplativo para o sujeito que age e transforma a realidade. Nessa perspectiva, o preservar é substituído pelo apropriar-se e reapropriar-se do patrimônio cultural, buscando a construção de uma nova prática social." (Santos, M.C.T. 2002, p. 112)

No ano de 1992 ocorreu na cidade do Rio de Janeiro a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento ECO92, na conferência foi admitida pela "comunidade política internacional" a necessidade e a importância em conciliar "o desenvolvimento socioeconômico com a utilização dos recursos da natureza".[33] Um mês antes da ECO92 ocorria na cidade do Rio de Janeiro o I Encontro de Ecomuseus, na ocasião Hermán Crespo Toral (1992) abordou o tema do meio ambiente na palestra intitulada "Museus, Cultura e Desenvolvimento Sustentado" , segundo o autor:

> "Lembremo-nos que a Terra, há milênios, tem sido explorada da forma mais desprovida de misericórdia. Esta exploração impiedosa atentou contra os recursos da natureza, não somente os recursos visíveis , mas também os invisíveis, intangíveis, como o ar. O buraco na camada de ozônio nos traz a possibilidade de que o Sol, que dá vida à Terra e à natureza, se converta em inimigo maior, no exterminador das espécies, inclusive da espécie humana. [...] fala-se em chuva ácida que extermina bosques, [...] Isso para não falar da poluição dos mares e dos rios." (Toral, 1992, p. 8)

Toral (1992) assinala o equívoco que há na compreensão do entendimento do que seja "desenvolvimento", uma vez que "o desenvolvimento não é extermínio, é exploração racional da natureza em benefício humano, é harmonia entre sujeito e cenário, é um processo simbiótico entre o homem e a natureza". (Toral, 1992, p. 10)

O biólogo americano Edward Osborne Wilson publicou em 1984 a obra 'Biophilia', e segundo o qual os seres humanos têm uma "afiliação inata e emocional a outros organismos vivos. Inato significa hereditário e, portanto, parte da natureza humana final, de forma que a identidade humana e a realização pessoal e emocional estão intrinsecamente relacionadas com a natureza." (Kellert, 1993b, p. 31; Wilson, 2008, p. 75). O objetivo de Wilson foi explicar a

[33] Conferência Rio-92 sobre o meio ambiente do planeta: desenvolvimento sustentável dos países. Acessado em 08 de setembro de 2020 em http://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/rio20/a-rio20/conferencia-rio-92-sobre-o-meio-ambiente-do-planeta-desenvolvimento-sustentavel-dos-paises.aspx

necessidade da espécie humana de se relacionar com a vida e o processo natural. Para o autor, a urgência em pensar a biofilia é a crise ambiental que estamos vivendo, exigindo uma mudança na consciência humana. Conforme a pesquisadora em Ecologia Humana Jana Krčmářová (2009) "embora os argumentos que Wilson usa sejam principalmente científicos, o verdadeiro motivo para formar a hipótese da biofilia é para seu uso na conservação da natureza". (Krčmářová, 2009, p. 5)

Na publicação 'The Biophilia Hypothesis' de 1993, editada por Kellert e Wilson, os autores trazem à reflexão que a proteção da vida vai além da inspiração poética e filosófica provocada pela natureza em nós. Desta forma, na perspectiva da biofilia apresentada pelos autores, grande parte da nossa cultura advém do entrelaçamento simbólico às mais variadas respostas emocionais à natureza, ao nos afastarmos do ambiente natural não perdemos as referências biofílicas; estas, mesmo minimizadas, passam de geração a geração. Conforme Kellert (1993b) no Capítulo I da referida obra, 'Biofilia e a Ética da Conservação':

> "Em vez disso, eles persistem de geração em geração, atrofiados e manifestados nos novos ambientes artificiais nos quais a tecnologia catapultou a humanidade. Por um futuro indefinido, mais crianças e adultos continuarão, como fazem agora, a visitar os zoológicos do que a todos os principais esportes profissionais combinados (pelo menos nos Estados Unidos e no Canadá), os ricos continuarão a procurar moradias em proeminências acima da água no meio do parque, e os moradores urbanos continuarão a sonhar com cobras por razões que não podem explicar." (Kellert, 1993b, p. 31)

Conforme Wilson (1993, p. 32) citado em Krčmářová (2009, p.8), "os valores que atribuímos à natureza são inatos, imanentes e armazenados profundamente dentro de nós. As reações cognitivas e emocionais adaptativas, em sua opinião, não desaparecem".

No segundo Capítulo da mesma obra, 'A Base Biológica para Valores Humanos da Natureza', o autor explica que à medida que esta relação de "dependência humana da natureza" Kellert (1993c, p. 42) se degrada, aumenta a probabilidade de privação não apenas materialmente, mas também relacionada aos aspectos afetivos, cognitivos e avaliativos. O autor corrobora Wilson (2008) ao afirmar que a busca de uma existência satisfatória depende da relação do ser humano com a natureza. Além disso, é possível observar a biofilia a partir

da lógica evolucionária, uma vez que a história humana começou há milhões de anos e "por mais de 99% da história da humanidade, as pessoas viveram em bandos de caçadores-coletores, total e intimamente envolvidos com outros organismos", o cérebro humano evoluiu em um "mundo biocêntrico". (Kellert,1993b, p. 32). Assim, na biologia humana o significado da biofilia é extremamente profundo, uma vez que as regras de aprendizagem biofílicas mesmo fracas ainda estão presentes. Para o autor, provavelmente a evolução da biofilia está relacionada com a evolução biocultural e esta coevolução gene-cultura "foi elaborada sob a influência de propensões hereditárias de aprendizagem, enquanto os genes que prescreviam as propensões foram disseminados por seleção em um contexto cultural".[34]

É importante destacar que pesquisas recentes têm se direcionado para a compreensão da evolução humana a partir das interações gene-cultura. A concepção tradicional da evolução humana está sendo revista,"Biólogos teóricos têm usado modelos genéticos populacionais para demonstrar que os processos culturais podem ter um efeito profundo na evolução humana, e os antropólogos estão investigando práticas culturais que modificam a seleção atual". (Laland *et al*, 2010, p.137). Nesse contexto, geneticistas, antropólogos e biólogos estão verificando como pode ocorrer a interação entre os fenômenos culturais e os genes, considerando as informações culturais transmitidas de geração a geração e que afetam o comportamento das pessoas, conforme os autores:

> "[...] Para esses pesquisadores, cultura é a informação capaz de afetar o comportamento dos indivíduos, que eles adquirem de outros indivíduos através do ensino, imitação e outras formas de aprendizagem social. Aqui, 'informação' inclui conhecimento, crenças, valores e habilidades. A mudança cultural pode então ser modelada como um processo darwiniano que compreende a retenção seletiva de variantes favoráveis transmitidas culturalmente, bem como vários processos não seletivos, como a deriva." (Laland *et al,* 2010, p.138)

Conforme Wilson (1984, p. 139) citado em Kellert (1993a, p. 25), "o objeto dessa busca não é menor que a verdade possível de que 'somos humanos em boa parte por causa da forma particular como nos afiliamos a outros organismos' e, mais amplamente, da natureza".

[34] Conforme Wilson (1993, p. 40) a proposta da coevolução entre genes e cultura foi apresentada na publicação *Genes, Mind e Culture* em 1981; *Promethean Fire* em 1983 e *The Relation Between Biological and Cultural Evolutione* por Edward Osborne Wilson e Charles J. Lumsden. (Wilson, 1993, p.40-41)

O autor apresenta de forma exploratória várias categorias hipotéticas de tendência à biofilia, a saber: "a utilitarista, naturalista, ecológico-científica, estética, simbólica, humanista, moralista, dominionista e negativista", como indicativas da dependência evolutiva humana com a natureza. (Kellert, 1993c, p. 43). Tais categorias, podem indicar "alguma medida de valor adaptativo na luta para sobreviver e, talvez mais importante, para prosperar e atingir a realização individual", além de representar alguma relação humana e a dependência da natureza. (Kellert, 1993c, p. 58).[35] Segundo Kellert (1993c, p. 61) a tendência biofílica utilitarista diz respeito ao valor material derivado da natureza para o sustento, a proteção e a segurança, tais como alimentos, medicamentos, ferramentas, roupas etc. A naturalista refere-se à satisfação profunda experienciada, podendo estar associada à mais antiga "força motriz da relação humana com o mundo natural". Além de estar associada ao bem-estar físico, pois tem sido citada como a base para as mais variadas habilidades ao ar livre, como escaladas e caminhadas, além de propiciar bem-estar mental relacionado à liberação das tensões. Para Kellert,

> "O valor naturalista engloba uma sensação de fascinação, admiração e reverência derivada de uma experiência íntima da diversidade e complexidade da natureza. A apreciação mental e física associada a essa consciência intensificada e ao contato com a natureza pode estar entre as mais antigas forças motrizes da relação humana com o mundo natural, embora sua importância recreativa pareça ter aumentado significativamente na sociedade industrial moderna." (Kellert, 1993c, p. 45)

Na tendência ecológico-científica a natureza pode ser compreendida a partir de uma investigação que estimula a compreensão humana sobre seus processos. Nessa perspectiva, a ecologista é menos reducionista que a científica, uma vez que há uma interdependência na natureza que abrange uma estrutura organizacional complexa, manifestada em processos ecológicos associados com atividades de invertebrados e os organismos microbianos. Wilson (1993) explica que os invertebrados representam mais de 90% da diversidade biológica do planeta e

[35] Conforme Kellert (1993c, p. 58), "Embora essas descrições certamente não constituam uma 'prova' do complexo de biofilia, a tipologia pode fornecer uma abordagem heurística para examinar sistematicamente a base evolucionária de cada um dos valores sugeridos".

> "executam a maioria das funções ecológicas críticas de polinização, dispersão de sementes, parasitismo, predação, decomposição, transferência de energia e nutrientes, fornecimento de materiais comestíveis para níveis tróficos adjacentes e manutenção de comunidades através do mutualismo, redes alimentares restritas ao anfitrião." (Wilson, 1993, p. 47)

Outra categoria hipotética de tendência à biofilia é a estética, que foi analisada a partir de duas variáveis: a preferência natural 'versus' a urbana; e a resposta estética às cenas urbanas que contêm natureza. Conforme Roger S. Ulrich (1993, p.94), vários estudos relativos ao tema forneceram um padrão para o "aspecto genético de hipótese da biofilia". Foram estudados grupos europeus, norte-americanos e asiáticos, cujo resultado evidenciou preferência a ambientes naturais, principalmente quando a vegetação e a água não estão presentes em ambientes urbanos. O autor cita pesquisas realizadas por Chokor e Mene na Nigéria no ano de 1992, constando a preferência dos grupos pesquisados por espaços naturais em relação ao urbano sem natureza. Para Wilson (1984, p. 104) citado em Kellert (1993c, p. 50), a questão central da biofilia pode ser revisitada a partir da experiência estética da natureza. Segundo Kellert,

> "A resposta estética poderia refletir um reconhecimento intuitivo humano ou alcançar o ideal na natureza: sua harmonia, simetria e ordem como modelo de experiência e comportamento humanos. O valor adaptativo da experiência estética da natureza poderia ser ainda associado a sentimentos derivados de tranquilidade, paz de espírito e um sentido relacionado de bem-estar psicológico e autoconfiança." (Kellert, 1993c, p. 50)

No que tange ao aspecto da tendência simbólica, Kellert (1993c, p. 51) explica que a natureza, com sua diversidade de formas e espécies, "fornece uma tapeçaria metafórica" que contribui no desenvolvimento da "linguagem humana e na complexidade e comunicação de ideias". Na tendência à biofilia pela categoria humanística há ligação emocional por elementos naturais, como as paisagens, e também por elementos individuais, como os animais domésticos. Segundo o autor, estudos apontam os benefícios terapêuticos, mentais e físicos propiciados por animais de companhia; além disso, esta tendência pode reforçar o "altruísmo e compartilhamento". (Kellert, 1993c, p. 52)

Amanda Zanatta *et al.* (2019) em pesquisa sobre biofilia e cuidados paliativos na saúde, verificaram que no início do século XVIII já se utilizava animais para práticas terapêuticas em pacientes portadores de transtornos mentais. Segundo os autores, na década de 1960 o psiquiatra infantil Boris Levinson desenvolveu um tratamento psicoterapêutico com vistas a tratar transtornos de comportamento, facilitada por meio de animais. Ademais outras pesquisas foram associadas ao tratamento de pacientes crônicos a partir dos benefícios observados com os animais de estimação. No Brasil na década de 1940, tratamentos com a utilização de animais no contexto terapêutico psiquiátrico foi utilizado pela doutora Nise da Silveira no Centro Psiquiátrico Pedro II no Rio de Janeiro. (Zanatta *et al*, 2019)[36]

Com relação à tendência à biofilia moralista, a natureza é reverenciada, há responsabilidade ética e espiritual, circunstanciada em ordem e harmonia na natureza. Esta conexão ética e espiritual pode ser observada em poesias, religião, filosofia, na linguagem científica e na concepção de povos indígenas. Do ponto de vista da biofilia, no significado biológico desta experiência é possível "supor que uma perspectiva moralista articulada em um contexto de grupo promoveu sentimentos de parentesco, afiliação e lealdade, levando a um comportamento cooperativo, altruísta e de ajuda", e também "produzir o desejo de proteger e conservar a natureza imbuída de significado espiritual". (Kellert, 1993c, p. 55)

Na categoria hipotética de tendência à biofilia dominionista anterior à evolução humana a perspectiva era o domínio do mundo natural. Na atualidade está associada à sua destruição e ao desperdício. Conforme (Kellert, 1993c, p. 56), "além de uma maior capacidade de subjugar a natureza, a experiência dominionista pode fomentar um maior conhecimento do mundo natural". A última categoria apresentada pelo autor é a negativista. Nesta há medo, aversão e antipatia pelo mundo natural. Segundo o autor, os aspectos ameaçadores têm sido associados a cobras, aranhas e invertebrados.

A biofilia, apresentada por Wilson (1984) como sendo uma afiliação inata do homem com a natureza, de maneira a permanecerem em nosso genótipo algumas regras biofílicas apreendidas ao longo de nossa existência, nos compele a repensar sobre a importância do meio para a percepção da vida, das espécies, dos indivíduos, da preservação e daquilo que

[36] Zanatta, A. A., Santos-Junior, R. J.; Perini, C. C., & Fischer, M. L. (2019). *Biofilia: Produção de vida ativa em cuidados paliativos*. Acessado em 11 de julho de 2020, em https://scielosp.org/article/sdeb/2019.v43n122/949-965/pt/# em 11 de julho de 2020.

herdamos.[37] Esta percepção da natureza em nós traz a reflexão sobre o que recebemos como herança da nossa ancestralidade, da sua relação com o meio, como o estamos preservando e o que vamos deixar como legado. Conforme o autor, desde a década de 1970 há uma vasta literatura com enfoque em respostas afetivas a paisagens naturais.

Conforme Wilson (1984), a biofilia contribui para o desenvolvimento cognitivo, emocional, estético e espiritual dos seres humanos, além de fazer parte também da cultura.

A Figura 1 é uma síntese da fundamentação teórica sobre biofilia em oposição à necrofilia do ponto de vista teórico do autor Fromm (1965), que inspirou o pensamento de Chagas, e a teoria de Wilson (1984).

[37] Conforme Kellert (1993b, p.32), Charles Lumsden e Kellert nos anos de 1981, 1983 e 1985 previram que "a evolução biocultural é de um tipo específico, a coevolução gene-cultura, que traça uma trajetória espiral ao longo do tempo: um certo genótipo torna mais provável uma resposta comportamental, a resposta melhora a sobrevivência e a aptidão reprodutiva, o genótipo consequentemente se espalha pela população, e a resposta comportamental se torna mais frequente. Acrescente a isso a forte tendência geral dos seres humanos de transformar sentimentos emocionais em inúmeros sonhos e narrativas".

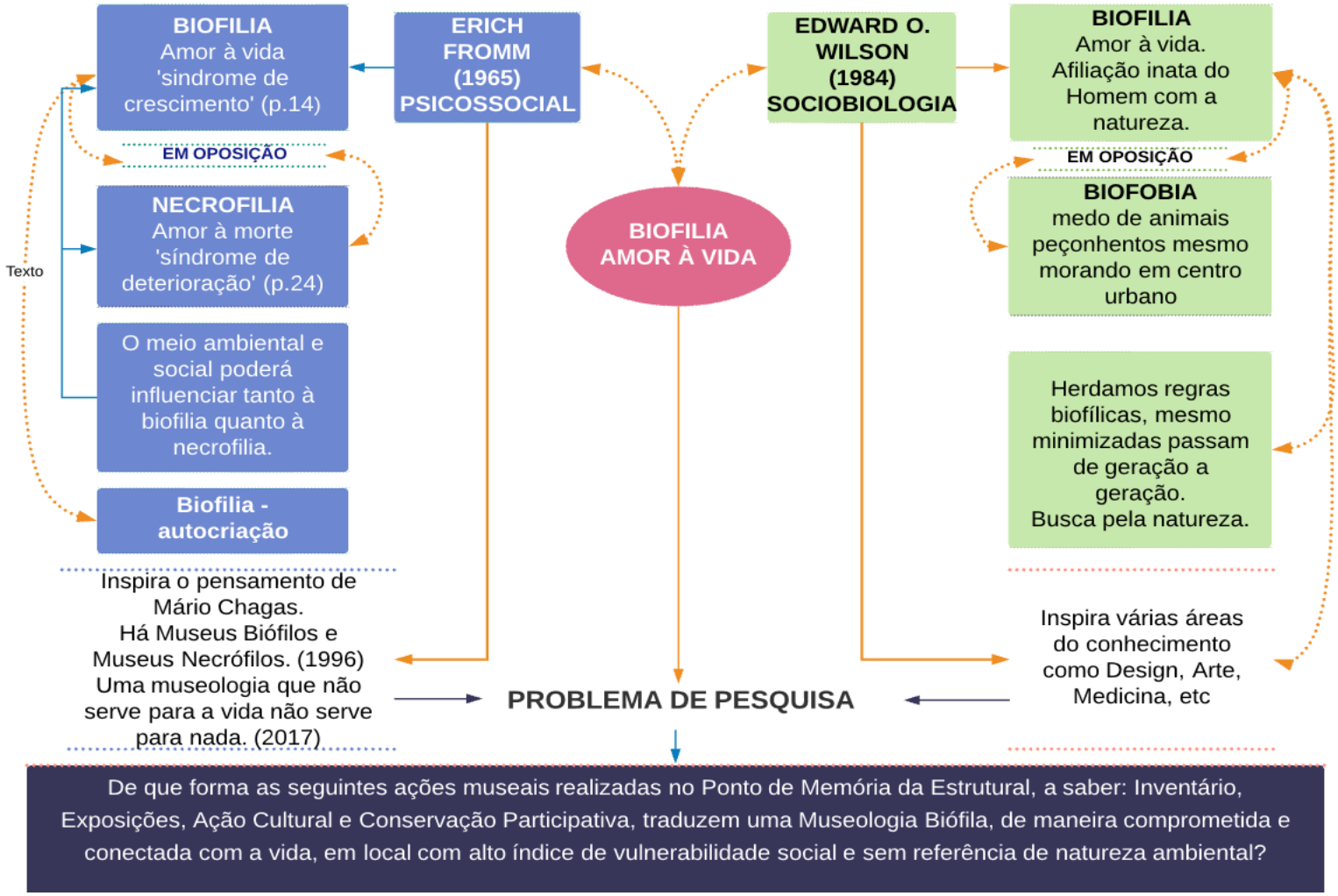


Figura 1 . Síntese conceitual da problemática de pesquisa.
Fonte: A autora (2017).

Tanto a biofilia relacionada à autocriação apresentada por Fromm (1965), quanto em Kellert e Wilson (1993) sobre afiliação inata das pessoas à natureza, me motivaram a pensar se nas ações museológicas conduzidas no Ponto de Memória há biofilia.

Para além do estudo das ações museais conduzidas no Ponto de Memória, ressalto que a necrofilia é evidente em nosso país quando tratamos com descaso os nossos semelhantes, homens e mulheres de todas as idades, que no limite da extrema pobreza, em pleno século XXI ainda sobrevivem de sobras, sendo muitas vezes a coleta seletiva o único meio de vida para os esquecidos pelo poder público que, silenciosamente, por meio do seu labor, estão a proteger o meio ambiente, a fazer biofilia.[38]

1.1 Por uma Museologia Biófila

Discorrer sobre a Sociomuseologia e a Museologia Social é referir-se a uma museologia que extrapola o datado, para se revelar além da disciplina propriamente dita. Deste modo, um olhar transdisciplinar para a Sociomuseologia e a Museologia Social foi essencial para identificar o que está 'entre, através e além' da força que sinaliza a sua presença e que tem como base exemplos museológicos pontuais no exterior e no Brasil, observados nas reflexões decorrentes de seminários e encontros, inspirando assim, em sua concretude, um 'corpus' crescente na museologia contemporânea. Na presente seção, apresento marcos referenciais, com características biófilas, e que contribuíram para este 'corpus' museológico, em movimento contínuo, porque não se encerra em si mesmo, mas é sustentado tanto pela experiência em campo, quanto pelas reflexões originadas delas.

A criação, em 1946, do Conselho Internacional de Museus [Icom][39] foi de grande importância, uma vez que internacionalizou as questões relativas aos museus, à museologia e à preservação do patrimônio cultural. Conforme o histórico do Icom[40], no período transcorrido entre 1948 e 1965 foram realizadas sete Conferências Gerais, já evidenciando a preocupação do Icom com o papel educativo dos museus e de outras atividades museológicas como exposições, circulação internacional, conservação e restauração de bens culturais.

[38] Por coleta seletiva entende-se a "coleta de resíduos sólidos previamente segregados conforme sua constituição ou composição". Das Definições. Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12305.htm. Acessado em: 16 de janeiro de 2020.

[39] "Criado em 1946, o Icom é uma Organização não-governamental que mantém relações formais com a Unesco, executando parte de seu programa para museus, tendo *status* consultivo no Conselho Econômico e Social da ONU". Acesso em 25 de agosto de 2020 em http://www.icom.org.br/?page_id=4.

[40] Recuperado de https://ICOM.museum/en/about-us/history-of-ICOM/. Acesso em 07 de março de 2019.

A partir da segunda metade do século XX ocorreram no âmbito da Unesco e do Icom eventos relacionados a educação e museus. Em 1951, Paris sediou a Cruzada dos Museus cujo tema versou sobre a interação de profissionais e o papel educativo dos museus.[41] (Minom, n.d.)

Conforme Chagas e Rodrigues (2019) outros eventos ocorreram nos anos seguintes, como o realizado em 1952 no Brooklyn, em nova York, nos Estados Unidos da América; em 1954 em Atenas, na Grécia; e o Seminário Regional da Unesco e Icom, realizado em 1958 na cidade do Rio de Janeiro, sob a direção de George Henri Rivière.[42] Hernán Crespo Toral diz que o objetivo do referido Seminário foi propiciar uma reflexão sobre qual "a função que deveria cumprir o Museu como meio educativo dentro da sociedade". (Toral, 1995, p. 23) Além disso, propiciar uma revisão sobre diversas questões relativas a museus tais como conservação, exposição e outros meios de comunicação coletiva, além de conduzir a uma reflexão sobre o conceito de museus e suas funções. Para a Unesco era importante instigar em cada região do mundo essa reflexão. No mencionado evento, participaram representantes de países Latino-americanos, dos Estados Unidos da América, França, Países Baixos e Reino Unido, internacionalização que oportunizou o intercâmbio de experiências de vários contextos. (Toral, 1995)

Vale ressaltar que a função educacional dos museus foi colocada de modo enfático. Ademais, o documento final do seminário exemplifica diferentes formas de expor, de acordo com o tipo de acervo, tais como a exposição ecológica, que pode ser exposta 'in situ' ou apresentada em outro espaço onde o acervo, reconstitui o seu meio natural ou cultural. O documento sugere evitar excessos de textos explicativos e recursos tecnológicos, uma vez que a exposição por si mesma já apresenta um valor didático; além do cuidado que se deve ter em relação ao público visitante, seja leigo ou especialista. Interessante notar que é possível uma exposição extrapolar os limites do espaço do museu sem a necessidade de outros recursos para explicá-la, podendo ser realizada tanto no museu quanto em outros espaços. (Seminário Regional da Unesco sobre a Função Educativa dos Museus, 1958)

[41] Movimento Internacional para uma Nova Museologia [Minom]. (n. d.). *Cronologia MINOM Geral. 131 p.* Acessado em 08 de março de 2019 em http://www. museologia-portugal.net/files/upload/mestrados/ana_mercedes_2.pdf

[42] Georges Henri Rivière, foi o primeiro Diretor do Conselho Internacional de Museus (ICOM), cargo exercido de 1946 a 1962, idealizou o Museu Nacional de Arte e Tradições Populares em Paris. Acessado em 24 de julho de 2020 em https://historiadamuseologia.blog/autores/georges-henri-riviere/.

O resultado do Seminário Regional da Unesco sobre a Função Educativa dos Museus de 1958, deixou claro a importância do museu enquanto mediador de infindáveis possibilidades educativas, sem descurar das demais funções que lhe são próprias, diferenciando-o de museus específicos pedagógicos e escolares, cujas funções didáticas repercutem na organização e nos métodos desta modalidade de museu.

Varine (2012) destaca que no final dos anos de 1960 ocorreram mudanças significativas na sociedade que refletiram também nos museus como, por exemplo, o movimento de maio de 1968. Thiollent (1998) descreve que nesse ano na França aconteceram nas universidades lutas abrangentes diante do contexto histórico e global da sociedade da época, desencadeando a revolta estudantil, ocorrida também na Alemanha, nos Estados Unidos da América e na América Latina. Segundo Varine (2012), não foi diferente no campo dos museus, pois os acontecimentos de 1968 na França provocaram muitas indagações nos jovens museólogos sobre a profissão e seu papel na sociedade, além dos problemas dos países em vias de desenvolvimento e a ação empreendida pelo Icom diante do contexto que se apresentava.

> "[...] na América Latina, uma tomada de consciência vinha surgindo em matéria de libertação da tutela econômica e cultural dos países grandes, particularmente dos Estados Unidos; nos países recentemente independentes, jovens elites reivindicavam para seus patrimônios um papel maior na constituição das identidades nacionais e regionais. O México, a Índia, a Nigéria estavam na frente desse movimento extra-europeu, enquanto as lutas contra a discriminação racial provocavam a criação de estruturas culturais de afirmação étnica nos Estados Unidos (os museus de vizinhança, os neighbourhood museums). Paralelamente, o enriquecimento das classes médias americanas e europeias, associado aos novos meios de transporte, levava a uma demanda turística cujas motivações estavam nas antípodas daquelas dos jovens museólogos locais. Diante dessa evolução divergente das práticas e das mentalidades, o Icom empreendeu, entre 1969 e 1972, um trabalho de reflexão coletiva sobre vários temas complementares: luta contra o tráfico de bens culturais, afirmação do papel "político" dos museus (Conferência Geral de 1971, na França), definição do conteúdo do novo conceito de ecomuseu (Lourmarin, 1972) e de museu integral." (Santiago do Chile, 1972). (Varine, 2012, p 180)

Maria Célia Teixeira Santos (1993) corrobora Varine (2012), uma vez que considera que as reflexões acerca do "papel social dos museus" foram processuais e também estimuladas pelo contexto do período insurgindo a necessidade de mudanças na sociedade, desencadeando assim o repensar da função social do museu por parte dos pesquisadores e profissionais deste campo do saber; o museu "deixa de se preocupar só com o passado, para se dedicar também ao presente, contribuindo para a melhoria das condições de vida, para o engajamento do homem no seu meio, de forma crítica e participativa" (Santos, M.C.T. 1993, p. 20), em consequência, refletindo em instituições como a Unesco e o Icom, conforme constatado "nos documentos produzidos nos encontros de 1958, e 1971". (Santos, M.C.T. 2002, p. 98). A autora destaca a importância de George Henri Rivère que nos pós-guerra já defendia a participação da população nos museus.

No ano de 1971 foi realizada em Grenoble na França a IX Conferência Geral do Icom, sobre o tema 'O Museu a Serviço do Homem, Atualidade e Futuro - o Papel Educativo e Cultural'. Na referida conferência "é reconhecido o 'neighbourhood museum'", inspirado no Museu de Anacostia, em Nova York, cujo objetivo versava sobre "a construção e análise da história das comunidades, contribuindo para a identificação da sua identidade, colaborando para que os cidadãos se orgulhem da sua identidade cultural, utilizando as técnicas museológicas para solucionar problemas sociais e urbanos". (Santos, M.C.T. 2002, p.100). Na Conferência em Grenoble, vale destacar o posicionamento do museólogo mexicano Mario Vasquez Ruvalcaba [43], fundador e diretor do Museu Nacional de Antropologia do México e do beninense Stanislas Adotévi[44] que assim expressaram: "a revolução do museu será radical, ou o museu desaparecerá". (Varine, 1979 citado em Chagas, 2009, p.207)

Por solicitação da Unesco, o Icom organizou no ano seguinte em 1972, a Mesa

[43] Na ocasião da Mesa Redonda de Santiago de Chile, Mario Vasquez propôs a criação de um museu integrado no âmbito do Museu Nacional de Antropologia no México. Aplicou o conceito de "patrimônio do homem" na Casa Del Museo que consiste no interesse e gestão da comunidade, ao invés da tradicional coleta-exposição, democratizando os museus. "O resultado foi um processo de conscientização da população acerca de seu patrimônio". Acessado em 24 de julho de 2020 em https://museologiaemovimentosociais.wordpress.com/biografias-de-museologos-sociais/mario-vasquez-mexico/. Vale ressaltar que o objetivo do projeto "Casa del Museu" conduzido por Mario Vazquez a partir de 1973, foi "trabalhar nas zonas marginalizadas, as chamadas colônias populares, apresentando o museu como uma possibilidade, enquanto local de sociabilidades e como ferrramenta para a população pensar e conscientizar-se acerca do presente, a partir dos vestígios do passado" . (Oliveira, P.M.B.T. 2015, p. 52). Acessado em https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/117822/000968689.pdf?sequence=1 em 31 de agosto de 2020.

[44] Stanislas Spero Adotevi nasceu no ano de 1934 em Benin. Foi Ministro da Informação em 1963 e Ministro da Cultura de 1965 a 1968. Dirigiu arquivos e museus, foi eleito Secretário Geral dos Museus Africanos. Acessado em 24 de julho de 2020 em https://fr.m.wikipedia.org/wiki/Stanislas_Spero_Adotevi.

Redonda de Santiago do Chile com vistas a discutir sobre o papel dos museus na América Latina contemporânea. (Varine, 2012a)

Na ocasião, foi decidido entre o Icom e a Unesco que profissionais de outras áreas do conhecimento falassem aos museólogos sobre questões relacionadas ao mundo contemporâneo e sobre o desenvolvimento. Vale ressaltar o convite direcionado a Paulo Freire por Varine para ser moderador na Mesa Redonda de Santiago do Chile, na qual também apresentaria "uma nova concepção do museu como instrumento a serviço da libertação do homem e do desenvolvimento". (Varine, 1984, p. 142)

Varine, em entrevista concedida a Chagas em 1995, relata que o encontro com Paulo Freire ocorreu nos anos de 1970 e 1971, em Genebra. Na ocasião estavam à procura de uma personalidade para presidir o recém-criado Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos [Inodep], organização não governamental, ecumênica e internacional com vista a "promover novas formas de cooperação ao desenvolvimento". (Chagas, 2014, p. 243). À época, exilado, Paulo Freire era o conselheiro para a educação do Conselho Ecumênico das Igrejas em Genebra e aceitou o convite. Varine, como voluntário do Inodep, trabalhou com Paulo Freire até 1974; além disso, teve acesso às suas obras, e conforme informou na referida entrevista, "pude, naturalmente, utilizar o que aprendia com Paulo no Inodep no meu trabalho no Icom". (Chagas, 2014, p. 244). No entanto, o contexto da ditadura militar no Brasil vetou a participação de Freire. Varine descreve que a recusa de autorização de Paulo Freire para participar da Mesa de Santiago foi uma perda para a área da museologia, pois a intenção era "adaptar sistematicamente a formulação de sua doutrina e de seus métodos à prática museológica e museográfica". No momento cabe a nós meditarmos sobre suas ideias e adaptá-las conforme a necessidade e o contexto. (Chagas, 2014, p. 244)

Na impossibilidade da participação de Paulo Freire, Varine (1984) relata que foram escolhidos quatro debatedores latino-americanos que versariam sobre o urbanismo, a agricultura, a tecnologia e a educação. No discurso de inauguração da Mesa Redonda de Santiago do Chile, Raymonde Frin, representante do diretor geral da Unesco assim expôs:

> "Esta Mesa-redonda é a nona do gênero convocada pela Unesco e a terceira na América Latina depois do Rio e México, mas essa oportunidade possui um caráter novo, já que especialistas que não atuam no campo da museologia foram convidados para expor aos especialistas em museologia aqui reunidos seus pontos de vista sobre os grandes

> problemas enfrentados no mundo contemporâneo; os problemas da agricultura, da cultura e da ciência, do meio ambiente, da tecnologia e da educação permanente." (Frin, 1972, p.113)

Das temáticas abordadas, Varine (2012a) chama a atenção para a coordenação do arquiteto e urbanista argentino Jorge Enrique Hardoy, no debate com o tema sobre "Levantamento Geral do Desenvolvimento Urbano na América Latina em 1970", o qual discorreu sobre a complexa situação do crescimento demográfico, relacionado com as migrações e o crescimento desordenado das cidades. Segundo o Relatório Final da Mesa Redonda de Santiago no item 4 do referido tema "O desenvolvimento urbano na América Latina não é acompanhado pelo investimento mínimo de capital necessário para gerar emprego e fornecer moradia, serviços públicos e equipamentos comunitários para a nova população urbana", além disso o crescimento desordenado resultará na "destruição progressiva da paisagem natural".[45] (Mesa Redonda, 1972, p.127 - 128). No item 6 "Levantamento Geral do Desenvolvimento Urbano na América Latina em 1970" sobre "O meio ambiente", assim está colocado:

> "A paisagem natural pode ser facilmente preservada e aprimorada pela mão do homem, se as medidas necessárias forem tomadas a tempo. [...] Florestas naturais são devastadas, morros são completamente destruídos ou perfurados por pedreiras, córregos são convertidos em bueiros, áreas costeiras, oceanos, baías e rios são arruinados pela exploração descontrolada que impede o acesso para fins recreativos e os transforma em um visual cada vez mais desagradável. Ninguém parece prestar atenção à destruição da paisagem natural. No entanto, na grande cidade ou região metropolitana do futuro, com 10, 20 milhões de habitantes ou mais, a paisagem será um elemento estético fundamental e de grande importância recreativa e, portanto, social." (Mesa Redonda, 1972, 128)

O debate e a abordagem apresentada por Jorge Enrique Hardoy sobre os problemas decorrentes do desenvolvimento e suas consequências sociais e ambientais motivaram os participantes que "se organizaram espontaneamente em uma comissão para redigir uma

[45] A abordagem Jorge Enrique Hardoy sobre crescimento desordenado e implicações para a paisagem natural, chamou a minha atenção para os problemas urbanos e ambientais observados no Distrito Federal, especialmente na cidade Estrutural DF.

declaração, a qual deu origem à noção de 'museu integral', prefigurando a de ecomuseu de desenvolvimento". Varine (1984, p.142). Ressalto que a abordagem de Jorge Enrique Hardoy sobre o crescimento desordenado e implicações para a paisagem natural, chamou a minha atenção para os problemas urbanos e ambientais observados no Distrito Federal, especialmente na cidade Estrutural DF e que será tratado no Capítulo II. Nesse contexto corroboro com o pensamento de Ana Paula Assunção Santos que a Mesa Redonda de Santiago do Chile "tem a cara de seu tempo, [...] Os desafios sociais se transformaram, mas certamente não acabaram", e enfatiza que após 40 anos ainda:

> "Permanece a tomada de posição, o compromisso com a mudança social, permanece o princípio do museu integrado na sociedade e que extrapola suas coleções a favor de uma abordagem integral." (Santos, A. P. A. 2012, p. 9)

No Caderno da Política Nacional de Educação Museal [PNEM], Chagas (2018)[46], faz a seguinte distinção ao analisar a expressão museu integral e integrado:

> "Parece indispensável dizer que o "integral" guarda um desejo de totalidade, de completude, de irrestrição, de absoluto. O integrado, ao contrário, deseja fazer parte, harmonizar-se, adaptar-se, contribuir, participar de modo orgânico. Parece igualmente importante dizer que o desejo de integrar-se ao integral também pode estar presente no desejo do integrado." (Chagas, 2018, p. 89-90)

Outros dois eventos com a perspectiva de uma museologia biófila foram realizados no ano de 1984. O Seminário em Morelos no México resultando na Declaratória de Oaxtepec 1984 – Ecomuseus-Território-Patrimônio-Comunidade, voltado à reconexão das pessoas, com a natureza, apresenta a interrelação que existe entre "território-patrimônio-comunidade". Em suas considerações iniciais discorre sobre a necessidade e a urgência em se valorizar o patrimônio como uma integração "natureza-homem"; são formuladas recomendações no que diz respeito à "ecomuseologia e nova museologia", "o patrimônio e seu território", e "a comunidade e seu patrimônio" (Ibermuseus, 2020, p.1-3)[47], que segundo Cordovil "é da máxima importância porque define claramente o novo tipo de Museu, adaptado aos novos

[46] Chagas, M. Museu Integral. (2018) *In* Ibram. *Caderno da Política Nacional de Educação Museal*. (pp. 89-90). Brasília: Ibram & Ibermuseus.

[47] Ibermuseus. (2020). Declaratória de Oaextepec 1984. Acessado em 04 de setembro em http://www.ibermuseos.org/pt/recursos/documentos/declaratoria-de-oaxtepec-1984/ de 2020.

tempos, assimilando os conceitos de ecomuseologia e da nova museologia e pondo a tónica no desenvolvimento e no equilíbrio ecológico". (Cordovil, 1993, p. 24). O território foi considerado possível de musealização e compreendido para além da esfera política. Conforme Primo (1999)

> "Defende a preservação in situ e, justifica essa ideia com o argumento de que ao retirar o património do seu contexto, modifica-se a ideia original. A defesa da preservação in situ se deve ao fato de considerar o espaço territorial como área museográfica." (Primo, 1999, p.14)

O Ateliê Internacional Ecomuseus – Nova Museologia realizado em Quebec, no Canadá em 1984, assinala na introdução da sua Declaração que a "primeira expressão pública de um movimento de nova museologia" ocorreu na Mesa Redonda de Santiago do Chile em 1972. No início das suas considerações, nominada "de ordem universal", o documento explicita que a museologia deve ampliar as suas ações para além das atribuições tradicionais já consolidadas, com vistas a atuar também em ações "ligadas ao meio humano e físico", deixando claro que o interesse primeiro da nova museologia e das demais formas de museologia ativa é o "desenvolvimento das populações". (ULHT, Declaração de Quebec, 1999, p. 223)

A partir do Ateliê Internacional Ecomuseus – Nova Museologia um novo movimento museológico surgia em 1985 no II Encontro Internacional – Nova Museologia/ Museus Locais em Lisboa, "sobre a denominação de Movimento Internacional para uma Nova Museologia (Minom)", (Primo, junho, 1999, p. 12)[48] O Minom "é um herdeiro político da Mesa-redonda de Santiago" e desempenha expressivo papel ao "enfatizar a dimensão política do conceito de museu integral, isto é, museu como ação, como instrumento a serviço da sociedade e envolvido na solução de seus problemas". (Santos, A.P.A., 2012, p.9)

Conforme a PNM (2007) o Minom configurou "um novo conjunto de forças capazes de dilatar, ao mesmo tempo, o campo museal e a paisagem patrimonial", além disso a PNM destaca o trabalho inovador da museóloga brasileira Waldisa Russio Camargo Guarnieri, "ousado e inspirador de uma museologia popular, politicamente engajada e comprometida com os processos de transformação social". O documento da PNM ainda assinala que:

[48] Primo, J. (1999, junho). Pensar contemporaneamente a museologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, 16(16), p. 05-38, ISSN 1646-3714. Acessado em 04 de abril de 2019 em http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomus eologia/article/view/350.

> "A musealização, como prática social específica, derramou-se para fora dos museus institucionalizados. Tudo passou a ser museável (ou passível de musealização), ainda que nem tudo pudesse, em termos práticos, ser musealizado. A imaginação museal e seus desdobramentos (museológicos e museográficos) passaram a poder ser lidos em qualquer parte onde estivesse em questão um jogo de representações de memórias corporificadas. Casas, fazendas, escolas, fábricas, estradas de ferro, músicas, minas de carvão, cemitérios, gestos, campos de concentração, sítios arqueológicos, notícias, planetários, jardins botânicos, festas populares, reservas biológicas – tudo isso poderia receber o impacto de um olhar museológico". (Ministério da Cultura, 2007, p. 20)

No âmbito do Minom foram realizados inúmeros encontros e conferências internacionais, englobando países da Europa, América e África. Em Portugal, as questões relativas à concepção contemporânea da museologia foram debatidas nas "Jornadas sobre a função social do Museu", realizadas a partir do final da década de 1980 (Moutinho, 1993, p. 5-6). Segundo Moutinho (2017), "Foram anos de afirmação de uma museologia de língua portuguesa inovadora, responsável e digna". (Moutinho, 2017, 187). Pereira (2015) explica que no Brasil a atuação de uma Museologia Social manifestada por meio dos museus comunitários, processos museais e iniciativas de memória teve a influência do Minom, além de ser estimulada pelas políticas públicas nacionais, segundo a autora,

> "são experiências que refletem uma mentalidade participativa, colaborativa que compreende os movimentos sociais como alternativas para conquistas de direitos e os museus como cenários para novos discursos e empoderamentos. [...] a prática da museologia social está focada em contribuir com a mudança de um mundo injusto, intolerante, preconceituoso e desatento que não enxerga e não valoriza a riqueza natural e diversidade social que possui. Dessa maneira, pretende movimentar opiniões, discursos e incentivar ações de enfrentamento". (Pereira, 2015, p. 31)

A América Latina sediou encontros e conferências do Minom realizados entre o ano de 1999 e 2019, sendo visível a preocupação contínua com a vida e a defesa da vida. Temas como o direito das crianças e dos adolescentes, povos indígenas, ribeirinhos, da periferia urbana e da natureza foram tratados e revisitados ao longo destes encontros.

No VIII Atelier Internacional do Minom 'Patrimônio, Juventude e Desenvolvimento – Desafios para o século XXI' (1999), foram trabalhados temas como o direito e o estatuto da criança e do adolescente no Brasil, os ecomuseus e a salvaguarda do patrimônio, desafios da museologia contemporânea, a transmissão da herança indígena das Américas, dentre outros. No ano seguinte, o II Encontro Internacional de Ecomuseus, cujo tema versou sobre 'Comunidade, patrimônio e desenvolvimento sustentável' e teve como objetivo identificar as ações museológicas com vistas ao desenvolvimento sustentável para o século XXI; apresentar os museus comunitários e ecomuseus; e refletir sobre a interpretação do patrimônio a partir de uma pedagogia libertadora. Na ocasião deste encontro foi realizado, simultaneamente, o IX Icofom LAM 'Museologia e Desenvolvimento Sustentável', perpassando temas como museologia e políticas ambientais, comunidade, preservação e capacitação para ação.

Na XV Conferência Internacional do Movimento Internacional para uma Nova Museologia realizada em 2013, foi produzido o documento 'Declaração do Rio – Museologia do Afeto', cuja essência foi o reconhecimento de uma museologia ampla que vai além da própria denominação, capaz de ser vivenciada com o protagonismo social e o respeito a toda forma de diversidade, com vistas à mudança social, política e econômica; enfim, frente à defesa do Ser, da vida que lhe é própria, com a participação do Museu da República, do Museu da Maré e do Museu de Favela.

No ano de 2014 a XVI Conferência Internacional do Minom realizada na cidade de Havana, em Cuba, que comemorou os 30 anos do Movimento e reafirmou sua importância para o desenvolvimento da Museologia Social, reconhecendo a sua dimensão social para a América Latina e para o futuro da Museologia Social. As relações a serem estabelecidas entre o Minom e a Cátedra da Unesco visaram a promoção da Museologia Social, como também foi declarada a promoção de ações da Museologia Social no que diz respeito à salvaguarda do patrimônio cultural comunitário. Outrossim teceu considerações pontuais para o Brasil, no sentido de apoiar a permanência do Museu da Maré, e para Cuba, no reconhecimento e importância da atuação de Marta Arjona Pérez, para o patrimônio cultural de Cuba e contribuição para a Museologia Social[49]. Para Pérez, a responsabilidade dos museus está além

[49] Marta Arjona Pérez, artista plástica, militante socialista popular, nasceu em Havana em 3 de maio de 1923 e faleceu em 23 de maio de 2006. Em 1945, formou-se em Desenho e Escultura na Escola Nacional de Belas Artes San Alejandro. Em 1952 graduou-se em cerâmica na L'Ecole de Metiers d'Arts Appliques de Paris. Nomeada em 1959 para o cargo de Diretora de Artes Plásticas da Direção Nacional de Cultura e posteriormente Diretora Nacional de Museus e Monumentos do Conselho Nacional de Cultura. No ano de 1977, dirigiu o Ministério do Património Cultural da Cultura. Criou a rede de museus de Cuba e participou da

das preconizadas pelo Icom. Nessa retrospectiva Moutinho assinala que foi "possível entender a museologia como uma manifestação de uma progressiva tomada de consciência da dimensão social da Museologia, do seu lugar como portadora de inclusão social, da sua responsabilidade social face aos desafios da Humanidade". (Moutinho, 2017, p. 187)

Na XVII Conferência Internacional do Minom no Distrito de Nazaré (2016), cuja mensagem na 'Missiva de Nazaré Memória Acesa'[50] chama atenção sobre a importância dos direitos humanos, dos direitos da natureza e o repúdio aos golpes contra a democracia. Nessa perspectiva, os museus "[...] podem constituir espaços de reflexão de debate sobre questões históricas, sociais, culturais e científicos. Museus também devem fomentar o respeito pelos direitos humanos e igualdade de gênero". (Moutinho, 2017, p. 186). Representa a afirmação dos valores humanos e a resistência contra a necrofilia evidenciada pelo modelo hegemônico sobre os modos de vida. Além disso, considera o fratrimônio como a herança fraterna partilhada, pautada no afeto e na reciprocidade. Aponta os problemas decorrentes do desenvolvimento indiscriminado, o que desencadeia processos de destruição de ecossistemas e das diversas formas de vida, além de contribuir para as migrações humanas, desencadeando assim consequências nefastas emocionais e sociais pelo rompimento dos laços de origem dessas populações. Dentre os compromissos assumidos destaco as ações à promoção humana, compreendendo a luta contra a criminalização dos movimentos sociais, o combate a todas as formas de racismo, a denúncia a todas as formas de extermínio e violação dos direitos, a afirmação da museologia do afeto e ações museológicas concretas no sentido do reconhecimento da autonomia de comunidades, dos direitos humanos e da natureza.

Correlacionar a museologia com a vida também foi tema da Declaração de Córdoba-Argentina, em outubro de 2017, na XVIII Conferência Internacional do Minom, que enfatizou os direitos humanos, os direitos da natureza e o repúdio aos golpes contra a democracia. Além disso, a referida Declaração destacou o caráter afetivo e de fraternidade praticado pela Museologia Social, destacando a memória como afirmação de valores, sendo uma forma de resistência aos sistemas capitalista, patriarcal e colonialista; e o museu, o espaço de encontro, aberto à escuta do outro, para uma cultura de paz. Dentre os compromissos apresentados na referida declaração há uma ênfase na importância da aplicação da Museologia Social no que

execução da legislação nacional para a proteção do patrimônio cultural e natural em Cuba. No ano de 1982 criou a Cátedra de Bacharelado em Restauração de Móveis do Centro Nacional de Conservação, Restauração e Museologia [Cencrem]. Acessado em 15 de setembro de 2018 em https://www.ecured.cu/Marta_Arjona.

[50] Minom - Missiva de Nazaré. Acessado em http://www.minom-icom.net/files/minom-nazareth-3missiva.pdf . Acessado em 15 de setembro de 2018.

se refere aos museus e suas respectivas funções de exposição, pesquisa e educação, no sentido de criar programas que garantam ativamente a participação de comunidades sobre as ações museológicas, bem como a de(s)colonização das práticas pedagógicas e da pesquisa em museus[51].

Nesse sentido, o Minom

> "(...) não está, nunca esteve, preocupado em alimentar grandes movimentos ou criar lastros que incitem o aplauso sobre as suas iniciativas e realizações. Nem em acomodar-se aos tempos adversos que vamos vivendo. Está, sim, preocupado em fomentar uma reflexão sobre ideias e práticas museológicas que situem o museu no serviço das comunidades a que se refere e das suas perspectivas de desenvolvimento." (Minom & Icom, 2015, p. 151)

A XIX Conferência do Minom ocorrida em Bogotá em 2018 traz uma mensagem de esperança, reafirmando em suas considerações uma museologia em conexão com a vida, atenta aos problemas políticos, sociais e ambientais; o museu como espaço de diálogo e encontro e a importância de processos museológicos participativos, inclusivos, construídos com as comunidades. Reuniram na conferência três correntes conceituais, a saber: Museologia Social, Estudo de Acessibilidade Cultural e o Paradigma da Teoria dos Bens Comuns, que se complementam em objetivos e práticas, destacando dentre os compromissos assumidos na conferência o diálogo destas três correntes conceituais buscando "configurar una museología de la liberación en todos los ámbitos del pensamiento y la práctica museológica". (Minom, 2019, p.3)

O Minom e o Icom reforçam essa dedicação aos temas elencados acima ao afirmar que "estaremos sempre onde a museologia se prenda ao território, às populações e aos seus patrimónios e identidades e, naturalmente, ao desenvolvimento sustentado. Continuaremos a ser neste quadro, um espaço de discussão e de troca de experiências", conforme a Declaração de Moura, 2014 nas Jornadas sobre a Função Social do Museu, 40 anos depois de Abril que cidadania? Que museologia? (Minom & Icom, 2015, p. 150).

[51] A Declaração reconhece a importância das ideias de Paulo Freire para as práticas em Museologia Social e repudia a intenção de um grupo da sociedade brasileira que intenta revogar o título que lhe foi conferido pelo Brasil como o Patrono da Educação, e ainda exigiu que o jovem ativista político argentino Santiago Maldonado fosse entregue a seus familiares vivo, o que infelizmente não ocorreu.

Cabe destacar que no ano de 2020, a XX Conferência Internacional Minom - International Movement for a New Museology Galaico-Portuguesa foi realizada virtualmente devido à Covid-19, entre os dias 22 e 23 de julho de 2020, intitulada 'Por uma museologia 4D: social, ambiental, política e economicamente sustentável', contou com a participação de renomados profissionais de vários países que na ocasião apresentaram ações museais biófilas. Destas assinalo duas comunicações: o trabalho intitulado 'Ribeira Sacra: la definición de um paisage cultural a partir de las comunidades' foi apresentado por Ana Goy. Ribeira Sacra é uma reserva natural localizada na Espanha e considerada pela comunidade como 'um museu vivo', onde há integração entre as pessoas que moram no local no que diz respeito a valorização natural e cultural a partir das memórias e tradições. A comunidade propõe a incorporação do seu território ao patrimônio cultural mundial, a partir de 2021; e a apresentação de Soraya Bayuelo: o 'Museo Itinerante de la Memoria' da Colômbia, cuja finalidade é a reparação simbólica das comunidades, vítimas de conflito armado ocorrido em Montes de Maria. A estrutura física do museu é móvel, possibilitando a remontagem em outras regiões do território de Montes de Maria, contando com a participação da comunidade local. Faz alegoria ao 'vuelo del Mochuelo' (coruja), ave representativa da região. Cada exposição realizada é abrigada num novo ninho. Além de expor as memórias da dor, o espaço garante o diálogo e o encontro entre as pessoas, propiciando voos mais altos, onde o vento espalha o canto del Mochuelo, semeando a esperança e fortalecendo sonhos.

Outros eventos serviram para reflexão e sustentabilidade para a Museologia Social, como por exemplo, o I Encontro de Ecomuseus ocorrida na cidade do Rio de Janeiro em maio de 1992, ano em que marcou a segunda Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente. Nas palavras de Carlos Alberto Novaes à época Secretário Municipal de Cultura, "o objeto do ecomuseu é o Homem, vivo, pulsante", que se potencializa na medida em que há um envolvimento comunitário "para uma ação libertadora", e nas palavras de Hugues de Varine, citado por Novaes, o ecomuseu é um "museu de comunidade" (Novaes, 1992, Apresentação, n.d.), e que "vincula o território à comunidade e ao patrimônio". (Moro, 1992, p 2) . O I Encontro Ibero-americano de Museus, que reuniu na cidade de Salvador-Bahia, em 2007, representantes de 22 países da Ibero-américa. Este encontro resultou na Declaração da Cidade de Salvador, que por sua vez foi base para a criação do Programa Ibermuseus. O documento enfatizou o movimento dos museus e da museologia e a aproximação dos movimentos sociais, ficando explícita sua herança da Declaração de Santiago do Chile, e "traz

a possibilidade de renovação dos sonhos e de reinvenção das utopias museais" (Programa de Cooperação Ibero-americano para Museus, 2007, p. 09).[52] Ressalto que o documento é de grande envergadura social, as diretrizes propostas, a serem implantadas pelos governos, têm como objetivo adoção de políticas públicas para os museus e para a museologia aos países ibero-americanos. Refere-se ao respeito à cultura e à diversidade cultural, uma vez que diz respeito a todos, propõe um diálogo intercultural entre países, e amplia a compreensão do museu a serviço da sociedade.

Dentre as diretrizes apresentadas, destaco a de número sete e a de número doze que, a meu ver, se aproximam do pensamento da criação do Programa Pontos de Memória, e de uma museologia biófila, conectada com a vida:

> "7. Garantir o direito à memória dos grupos e movimentos sociais e apoiar ações de apropriação social do patrimônio e de valorização dos diversos tipos de museus, tais como os museus comunitários, ecomuseus, museus de território, museus locais, museus de resistência e de direitos humanos, e outros".
>
> "12. Compreender a importância dos museus na valorização das paisagens naturais e culturais como elementos indutores de uma nova consciência de preservação e conservação ambiental". (Programa de Cooperação Ibero-americano para Museus, 2007, p.14-15).[53]

É importante evidenciar que no ano de 2010 a equipe do Instituto Brasileiro de Museus identificou "uma lacuna" no que concerne a documentos no âmbito da Unesco a respeito de temas específicos referentes "à proteção e promoção dos museus e das coleções e, particularmente, no que se refere à sua função na sociedade", sendo em 2011 colocado em pauta para discussão no V Encontro Iberamericano de museus na cidade do México e na XIV Conferência Ibero-americana de Cultura, realizada em Assunção, no Paraguai, resultando em

[52] O Programa Ibermuseus, "instância para o fomento e a articulação de uma política pública museológica para a Ibero-américa", foi aprovado em outubro de 2008 na Cúpula de Chefes de Estado e do Governo de Salvador. Acessado em https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/02/DeclaracaoSalvador.pdf em 13 de janeiro de 2020).

[53] A Declaração da Cidade de Salvador foi assinada por representantes dos seguintes países: Andorra, Chile, Argentina, Colômbia, Bolívia, Costa Rica, Brasil, Cuba, El Salvador, Panamá, Equador, Paraguai, Espanha, Peru, Guatemala, Portugal, Honduras, República Dominicana, México, Uruguai, Nicarágua e Venezuela. Acessado em 14 de janeiro de 2020 em https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/02/DeclaracaoSalvador.pdf.

uma solicitação à Secretaria Geral Ibero-americana que incentivasse a Unesco a criar um "instrumento normativo de proteção ao patrimônio museológico". (ULHT, 2017, p. 163-164)

> "A experiência concreta de trabalho no campo dos museus e do patrimônio, em sintonia com as reflexões e práticas inspiradas na Museologia Social, foram decisivas para que em 2010 a equipe do Ibram pudesse identificar uma lacuna em relação à existência de documentos contemporâneos que, no âmbito da Unesco, tratassem de modo específico dos temas referentes à proteção e promoção dos museus e coleções e, particularmente, no que se refere à sua função na sociedade". (ULHT, 2017, p. 163-164)

A meu ver, o 'status' fundante da Sociomuseologia e da Museologia Social foi processual e ainda nos instiga a refletir sobre, haja vista a sustentabilidade de uma mentalidade comum a seus princípios, podendo ser observados na recente aprovação da Recomendação Relativa à Proteção e Promoção dos Museus e das Coleções, da sua Diversidade e do seu Papel da Sociedade, em 2015, na 38ª Conferência Geral da Unesco, documento que retoma a Mesa Redonda de Santiago (1972) e "representa uma orientação essencial no sentido de garantir, ampliar e subsidiar novas reflexões e práticas de Museologia Social e Sociomuseologia que expressam os desafios do mundo contemporâneo" (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2017, p. 165).[54] Em sua introdução, a recomendação deixou claro que no século XXI são questões primordiais "a proteção e promoção da diversidade cultural" e a importância dos museus no que concerne à educação e salvaguarda do patrimônio cultural e natural, tangível e intangível, bem com a sua transmissão às gerações futuras. (Unesco, 2015, p.3).[55] A recomendação também teceu considerações acerca da parceria que deve haver entre os Estados-membros e os museus com vistas ao desenvolvimento sustentável. No item II são apresentadas as "Funções primárias dos museus", quais sejam a preservação, a pesquisa, a comunicação e a educação; e, no item III a recomendação versa sobre as "Questões para os museus em sociedade", sendo abordadas a

[54] Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias [ULHT]. (2017). Questões contemporâneas da Sociomuseologia, Cadernos de Sociomuseologia, Lisboa, 54(10), p. 01-01. Acessado em 03 de fevereiro de 2020 em https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/703

[55] Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura [Unesco]. 2017. Recomendação referente à proteção e promoção dos museus e coleções, sua diversidade e seu papel na sociedade. Acessado em 21 de fevereiro de 2020 em https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000247152.

"Globalização"; as "Relações dos museus com a economia e a qualidade de vida"; e a "Função social". (Unesco, 2015, p. 5-6)

Na referida recomendação "está plasmado tudo aquilo que a Nova Museologia, a Museologia Social e a Sociomuseologia tanto pugnaram nestes 30 anos" (Moutinho, 2015, p. 187), demonstrando a relevância destas na construção do pensamento museológico contemporâneo, agora reafirmada para o século XXI, corroborando a importância de diversos temas trabalhados na Museologia Social e Sociomuseologia, como a promoção e coesão social, a construção de cidadania, a inclusão de grupos vulneráveis, espaço de debates históricos, sociais, culturais e científicos e promoção aos direitos humanos. O item 16 assim explicita:

> "16. Os Estados Membros são encorajados a apoiar a função social dos museus, destacada pela Declaração de Santiago do Chile, de 1972. Os museus são cada vez mais vistos, em todos os países, como tendo um papel chave na sociedade e como fator de promoção à integração e coesão social. Neste sentido, podem ajudar as comunidades a enfrentar mudanças profundas na sociedade, incluindo aquelas que levam ao crescimento da desigualdade e à quebra de laços sociais".[56] (Unesco, 2015, p.6)

Vale destacar que desde a Declaração de Santiago do Chile de 1972 à Recomendação da Unesco de 2015, uma teia de relações de cooperação, colaboração e pesquisa estabeleceu-se para fins da sustentabilidade da Museologia Social e da Sociomuseologia, cujo objetivo foi a promoção humana por meio de uma museologia ativa e viva.

No ano de 2019 ocorreu a II Jornada de Museología Social "Museos y Sociedad" realizado no Peru da qual o Minom participou. O evento ocorreu no Museu de Sítio de Túcume, modelo em trabalho participativo com integração entre o território, o patrimônio e a comunidade. A jornada teve como objetivo dar continuidade nas discussões sobre os problemas dos museus em relação às comunidades de qual fazem parte; e, questões relativas à sustentabilidade dos museus, considerando os aspectos sociais, culturais e econômicos.

A perspectiva de uma museologia biófila pode ser refletida pontualmente nas pesquisas de Chagas ao abordar o tema pela primeira vez no artigo Preservação do Patrimônio

[56] Unesco. (2017). *Recomendação referente à proteção e promoção dos museus e coleções, sua diversidade e seu papel na sociedade.* Acessado em 21 de fevereiro de 2020 em https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000247152.

Cultural: Educação e Museu (1989); em A imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro (2009); em Museos, memórias y movimientos sociales (2007), artigo publicado no Chile por ocasião do IX Seminário promovido pelo Servicio Nacional del Patrimonio Cultural [Dibam] sobre Patrimonio Cultural Museos em Obra e reeditado nos Cadernos de Sociomuseologia em 2011; e em palestras proferidas, como, por exemplo, a realizada no Seminário Memória das Olimpíadas: múltiplos olhares em 2016 no Rio de Janeiro - RJ, evento que integrou o projeto Preservação da Memória das Olimpíadas e no Seminário de Museologia na Universidade Lusófona em janeiro de 2017.

Segundo Chagas,

> "Acionados pelos movimentos sociais como mediadores entre tempos distintos, grupos sociais distintos e experiências distintas os museus se apresentam como práticas comprometidas com a vida, com o presente, com o cotidiano, com a transformação social e são eles mesmos entes e antros em movimento (museus biófilos). No entanto, diante de um ente devorador como o museu, tantas vezes chamado de dinossauro ou esfinge, não se pode ter ingenuidade. É prudente manter por perto a lâmina da crítica e da desconfiança. Ele é ferramenta e artefato, pode servir para a generosidade e para a liberdade, mas também pode servir para tiranizar a vida, a história, a cultura; para aprisionar o passado e aprisionar os seres e as coisas no passado e na morte (museus necrófilos)". (Chagas, 2011, p. 7)

Corroboro Chagas (2015) quando explica que há museus necrófilos, notadamente quando não existe uma conexão entre o museu e a sociedade, quando não se escutam os protagonistas da história e da memória. Segundo o autor, é preciso pensar os museus concomitantemente ao movimento da vida, pois muitos nascem, crescem, se estabilizam, geram possibilidades de pesquisa, permanecem ou não, ou seja, podem viver ou morrer de diversas formas.[57]

Além do exposto notam-se características biófilas também em ações museais. Em 2011, no início da extensão universitária no Ponto de Memória da Estrutural, a professora

[57] Chagas, M. S. (2015). III Curso de Estudos Avançados em Museologia (Ceam) da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração. Porto Alegre, RS: Museu de Ciências da PUC-RS. (Apontamentos de Aula)

Deborah Silva Santos conduziu uma oficina que versava sobre a história dos museus. Ao apresentar o museu de Anacostia, fundado em 1967 no subúrbio de Washington – DC, nos Estados Unidos da América, pelo 'Smithsonian Institution', e dirigido por John Kinard[58], descreveu aos participantes do Ponto de Memória a exposição 'The Rat: Man's Invited Affliction'[59], inaugurada em 1969.

A citada exposição versava sobre o problema de saúde ocasionado pela infestação de ratos e a importância da conscientização das pessoas quanto ao problema e a forma de combatê-lo devidamente. Varine (1979, p. 96) assinala que a mencionada exposição rompeu "com a tradição do museu tanto em nível formal como sob o ponto de vista do conteúdo". Segundo o autor,

> "[...] foi possível conscientizar os residentes de Anacostia acerca do perigo que as ratazanas representavam e da necessidade de melhorar a higiene individual e coletiva. Este modelo constituiu um dos exemplos mais claros de utilização de técnicas museológicas para se obter a solução de uma problemática social urbana". (Varine, 1979, p. 96-97)

Inevitavelmente os participantes da oficina associaram a exposição aos problemas de pragas comumente observados nas casas próximas ao lixão na cidade Estrutural e debateram sobre a importância que um museu pode ter em uma comunidade.

A museologia trilhou um caminho voltado à biofilia, notadamente quando propôs extrapolar as funções tradicionais dos museus de 'conservação, pesquisa e exposição' e procurou integrá-las 'na' e 'com a' sociedade, nos mais variados tipos de museus, sem dissociar o museu do seu maior patrimônio, a vida. Nesse contexto, a museologia avançou com a Nova Museologia, se reafirmou com o Movimento Internacional para uma Nova Museologia, com a Museologia Social e a Sociomuseologia, se materializou enquanto mentalidade com as comunidades estimulando a participação social e o seu direito à memória,

[58] Museu fundado em 1967. John Robert Edward Kinard (1936-1989), ativista dos direitos civis no Livingstone College e no Hood Theological Seminary, foi o primeiro diretor afro-americano de um museu do Smithsonian Institution, o Anacostia Neighborhood Museum, em 1967. Antes de se formar trabalhou na Operation Crossroads Africa, ajudando a construir escolas, e ao conhecer o Rev. James Herman Robison, este o convenceu a voltar para a África e liderar projetos de desenvolvimento no Cairo, Zimbábue e Quênia. Em 1964, ao retornar aos Estados Unidos, o Rev. Robison o recomendou para assumir um cargo no Escritório de Oportunidades Econômicas, cuja finalidade era combater a pobreza. Smithsonian Institution Archives. John Kinard. Acessado em https://siarchives.si.edu/history/featured-topics/African-Americans/john-kinard, em 26 de fevereiro de 2019.

[59] O rato: aflição do homem.

vislumbrou a unidade homem-natureza-patrimônio e assim segue a seu turno, sendo reafirmada em cada ação. Mesmo diante de incertezas, dificuldades, desafios e acertos, porque a vida é movimento, a ação museal, estando em sinergia com as pessoas que habitam o território, seja ele urbano ou rural, estará conectada com a vida, sendo referência para uma museologia biófila.

1.2 Conservação

Na busca de um diálogo entre a Conservação e a Museologia Social foi essencial revisitar, mesmo que de forma concisa, aspectos históricos e pontuais da conservação-restauração, a fim de compreender a conservação participativa no âmbito da Museologia Social. Marcos referenciais apontam mudanças na disciplina de conservação, cujo foco da restauração da matéria física passou a considerar também os valores significativos atribuídos aos bens culturais e, destes, para uma conservação baseada em povos. Na presente investigação procurei compreender essas mudanças ampliando o meu olhar para a conservação participativa em comunidades urbanas periféricas.

A base da ciência da conservação se deve notadamente a pesquisas científicas e à contribuição de teóricos da restauração. Beltran (2008 citado por Granato & Campos, 2013) descreve que entre os séculos XVIII e XIX já havia investigações sobre a composição das tintas que eram usadas nas pinturas murais antigas. Beltran (2008) apresenta as pesquisas do químico britânico Sir Humphry Davy (1778-1829), o qual realizou análises químicas de pigmentos em Pompéia, e do renomado químico Jean Antoine Chaptal (1756-1832), ambos referência para os estudos de conservação e restauração no início do século XX, conforme a autora “no início do século XX, as análises de Chaptal sobre as cores dos antigos ainda eram tidas como referência no conhecimento sobre as antigas técnicas de pintura em estudos relacionados à área de conservação e restauro”.[60] Outras investigações foram citadas por Granato e Campos (2013) no bojo deste início de base científica, como por exemplo a conservação de objetos arqueológicos realizada por Christian Jürgensen Thomson, no Museu Nacional de Copenhague; e a criação do Laboratório de Conservação em 1888 no Museu Real de Berlim[61].

[60] Maria Helena Roxo Beltran (2008, n.d.) Acessado em 05 de fevereiro de 2020 em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-40422008000100033&script=sci_arttext.

[61] Conforme Clavir (2002, p. 14) citado por Sully (2007, p. 32), no ano de 1880 a Associação Britânica para o Avanço da Ciência concluiu que o propósito comum dos museus era a "preservação de coleções".

Deste período até o primeiro decênio do século XX, teóricos da conservação europeus apresentaram, cada qual em seu contexto, propostas que influenciaram nas decisões e procedimentos adotados nos processos restaurativos.

No século XIX despontam duas teorias antagônicas da restauração, a do francês Viollet-le-Duc[62] (1814 - 1879) e a do inglês John Ruskin[63] (1819 - 1900).

Viollet-le-Duc, em seu método de restauração, faz primeiramente um estudo detalhado da concepção do projeto do edifício a ser restaurado e propõe reconstituir o que esteja faltando do projeto original, "concebendo então um modelo ideal e impondo, a seguir, sobre a obra, o esquema idealizado". Na busca da pureza do estilo fez reconstituições, não respeitando as modificações ocorridas nos monumentos, além de alterar partes originais quando considerava "defeituoso". (Kühl, 2006, p. 18-19). Foi responsável pela restauração de monumentos medievais na França[64]. O verbete "Restauração" foi assim definido por Viollet-le-Duc em sua obra 'Dictionnaire Raisonné de l'Architecture Française du XI^{e} au XVI^{e} Siècle'[65], publicado entre 1854 e 1868: "Restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo em um estado completo que pode não ter existido nunca em um dado momento". (Kühl, 2006, p. 29)

John Ruskin, escritor britânico, crítico e teórico da arte, em um contexto emergente da revolução industrial foi "intransigente inimigo da industrialização". (Pinheiro, 2008, p. 9) Contrário às ideias de Viollet-le-Duc, para Ruskin não deveriam ocorrer intervenções restaurativas nos monumentos, os originais deveriam ser mantidos, ele "alegava que o aspecto principal da preservação de um edifício é o histórico e não a sua beleza." (Granato & Campos, 2013, p. 2). Para Ruskin, além do respeito à matéria original eram importantes as marcas do

[62] Segundo Kühl (2006, p. 13), Viollet-le-Duc (1814 - 1879) "consolidou a noção, que se tornou uma certeza, de que existem princípios verdadeiros de adequação da forma à função, da estrutura à forma, e da ornamentação ao conjunto, seja na arquitetura clássica, seja na medieval". Publicou em 1849, em conjunto com o escritor, historiador e arqueólogo Merimée (1803-1870), "uma instrução técnica sobre restauração de edifícios diocesanos". Na referida instrução são recomendadas manutenções periódicas, apresentadas questões técnicas e indicações de como restaurar um edifício. (Kühl, 2006, p. 16).

[63] O escritor, crítico e teórico da arte britânico John Ruskin (1819-1900), principal teórico da preservação na Inglaterra do século XIX. (Pinheiro, 2008).

[64] Sainte Chapelle de Paris (edificada entre 1242 e 1248) foi restaurada pela primeira vez entre 1840 e 1867, sob a responsabilidade de Félix Duban, Jean Baptiste Lassus, Louis Sureda e Émile Boeswillwald; Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc foi nomeado em 1840 com Lassus, ingressando na equipe como "Sous-Inspecteur". O projeto foi concluído em 1867. Ainda em 1840 Viollet-le-Duc foi indicado pelo Ministro do Interior para restaurar a Igreja de Vézelay, a partir desta restauração foi convidado por Lassus a participar do concurso para restaurar Notre-Dame de Paris (Kühl, 2006).

[65] Conforme (Kühl, 2006, p. 17), o 'Dictionnaire Raisonné de l'architecture Française du XI^{e} au XVI^{e} Siècle' foi publicado em dez volumes abrangendo os "conhecimentos sobre a arquitetura e formas de construir, além de reflexões a respeito da racionalidade, a adequação de materiais, formas, funções e estruturas, e foram propostos novos caminhos para a arquitetura do período".

tempo; orientava a contínua manutenção dos monumentos e admitia "a possibilidade de morte de uma dada edificação". (Kühl, 2008, p. 17). Ainda contrariando Viollet-le-Duc, John Ruskin não admitia intervenções restaurativas nos monumentos e sim o contínuo cuidado, a manutenção e respeito à matéria original:

> *"*Ruskin era o expoente de um movimento que pregava absoluto respeito pela matéria original, que levava em consideração as transformações feitas em uma obra no decorrer do tempo, sendo a atitude a tomar a de simples trabalhos de conservação, para evitar degradações, ou, até mesmo, a de pura contemplação." (Kühl, 2006, p. 19)

Em 1849, Ruskin publica 'The Seven Lamps of Architecture' com críticas à arquitetura do século XIX. No Capítulo VI, 'A Lâmpada da Memória', o autor compara a restauração com "a mais total destruição que um edifício pode sofrer: uma destruição da qual não se salva nenhum vestígio: uma destruição acompanhada pela falsa descrição da coisa destruída". (Ruskin, 2008, p. 79). Inspirado nas ideias de Ruskin, o designer William Morris[66] funda em 1877 a Sociedade para Proteção dos Edifícios Antigos.

Muito embora haja conceitos de restauração diferentes entre Viollet-le-Duc e Ruskin, ambos destacam a importância da preservação e se consagraram "na historiografia das teorias de restauro". (Kühl, 2006, p. 19)

O teórico e restaurador italiano Camillo Boito[67] (1836–1914) adotou uma posição intermediária ao pensamento da restauração de Viollet-le-Duc e Ruskin, estudou criticamente as respetivas abordagens, extraindo de ambas os elementos que contribuíram com princípios que estão "na base da teoria contemporânea da restauração". Foi criticamente contra a concepção de Ruskin em considerar que o edifício poderia ser deixado em ruínas e contra as ideias de Viollet-le-Duc com relação a busca pelo estado completo da edificação. (Kühl, 2008, p. 9)

No final do século XIX Camilo Boito consolida o restauro filológico, cujo destaque é o "valor documental da obra". (Kühl, 2008, p. 19). Propôs em 1883, no Congresso dos Engenheiros e Arquitetos Italianos, sete princípios fundamentais relacionados às intervenções

[66] Conforme Kühl (2008), William Morris (1834-1896) foi um designer, poeta, romancista, tradutor e ativista inglês. John Ruskin foi crítico da industrialização na Inglaterra liderando, junto com William Morris, o movimento 'Arts and Crafts' (artesanato) visando valorizar os trabalhos manuais.

[67] Camilo Boito "reconhece em Viollet-le-Duc um teórico de grande importância para a difusão dos conhecimentos sobre arquitetura medieval, que tiveram repercussão também na Itália". (Kühl, 2008, p. 12).

nos monumentos históricos, quais sejam: 1. Destaque no valor documental dos monumentos, priorizando as consolidações e manutenção; 2. Intervenção mínima evitando acréscimos e renovações, mas quando necessário deveriam ser utilizados materiais distintos do original e sem destoar do conjunto; 3. Emprego de materiais distintos do original caso necessário em complementos de partes faltantes ou deterioradas; 4. As consolidações somente quando estritamente necessárias; 5. O respeito das fases pelas quais o monumento passou no decorrer do tempo, removendo somente intervenções inferiores à qualidade do edifício; 6. O registro fotográfico para fins de documentação de todas as fases da intervenção, devendo ser encaminhadas ao Ministério da Educação; 7. Indicar em uma lápide a data do restauro e os procedimentos realizados. (Kühl, 2008)

Boito distinguia a conservação da restauração, uma vez que

> "[...] a conservação é muitas vezes, a única coisa a se fazer, além de ser obrigação de todos, da sociedade e do governo, tomar as providências necessárias à sobrevivência do bem. [...] insiste na necessidade de conservações periódicas para se tentar evitar a restauração, mas admite que o restauro pode ser necessário para não se abdicar do dever de preservar a memória." (Kühl, 2008, p. 22-23)

O arquiteto, engenheiro e urbanista Gustavo Giovannoni (1873-1947) dá continuidade na concepção do restauro científico e filológico de Boito; e, segundo Kühl (2013, p. 75) reitera a concepção de Boito quanto às proposições de Viollet-le-Duc e John Ruskin. Conforme Giovanini, o objetivo da restauração não é somente resolver "problemas estéticos", sendo necessário um estudo do conhecimento histórico das alterações sofridas pelo monumento, "criando-se assim um equilíbrio entre a verdade histórica e os problemas de natureza estética que a obra exige".[68] (Elias, 2007, p. 2)

De acordo com Cunha (2004, p. 2), no final do século XIX e início do século XX várias ações foram empreendidas com vistas a limitar ações inadequadas de restauração, sendo necessário "tornar o restauro um ato científico", com princípios e métodos científicos e

[68] Isis Baldini Elias (2007). Aspectos históricos da conservação e restauro de objetos de caráter cultural a partir do século XIX. Acessado em 03 de julho de 2020 em http://www.arquiamigos.org.br/info/info14/i-restauro.htm.

respeito aos monumentos "enquanto documentos históricos, para os quais deveriam ser dispensados cuidados de filólogo".[69]

Segundo Sully (2007) e Froner (2016), o marco da área da Ciência da Conservação se deve à Primeira Conferência Internacional para o Estudo de Métodos Científicos para o Exame e Conservação de Obras de Arte, a qual definiu a área da Ciência da Conservação e discutiu a formação do Conservador-Restaurador, ocorrida em Roma – Itália, entre 13 e 17 de outubro de 1930. Segundo Froner (2016, p. 33), no referido encontro foi "possível demarcar a integração gradual da ciência no âmbito museológico e da gestão pública dos monumentos, bem como o estabelecimento da colaboração entre o conservador-restaurador, o cientista e o curador"[70]. Para Sully (2007, p. 32), a partir desta conferência é que os museus tradicionais e a conservação ganharam "legitimidade, poder e status" como "modelo científico aceito" sendo seus pressupostos científicos inquestionáveis no que concerne à sua aplicação.

> "A aplicação dos instrumentos de investigação científica e técnica forneceu uma "ilusão necessária" (Chomsky 1989) de verdade científica e fato objetivo, livre da subjetividade pessoal do observador e, portanto, universalmente válido (Muñoz-Viñas 2005)." (Sully, 2007, p. 32)

Destaca-se que Gustavo Giovannoni influenciou decisivamente na Carta de Atenas[71] de 1931 e na Carta Italiana Del Restauro de 1932. Conforme Kühl (2013, p. 81),

> "Na Conferência de Atenas, de 1931, reunião organizada pelo Escritório Internacional de Museus da Sociedade das Nações [...] e primeira conferência internacional de peso sobre o tema da conservação e restauração de monumentos, a questão dos conjuntos urbanos foi abordada,

[69] Cláudia dos Reis Cunha (2004). A atualidade do pensamento de Cesare Brandi. Disponível em https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/03.032/3181. Acessado em 26 fevereiro de 2020.

[70] Na primeira Conferência Internacional para o Estudo de Métodos Científicos para o Exame e Conservação de Obras de Arte realizada em outubro de 1930, foi proposto "o estabelecimento de estudos dos métodos científicos para o exame e a preservação de objetos, monumentos e sítios arqueológicos, históricos e artísticos", ao final dos debates foi assinado um documento sobre a importância "dos laboratórios de pesquisa, tanto quanto dos estudos de história da arte e museologia". (Froner & Rosado, 2008, p. 8) Conforme Levin (1991) citado em (Froner & Rosado, 2008, p. 8), "a Ciência a serviço da arte foi reconhecida e os primórdios da conservação moderna – pautada por estudos laboratoriais e pelo conhecimento dos materiais e das tecnologias construtivas – acabara de nascer".

[71] Nos anos de 1930 foram realizadas duas conferências originando a Carta de Atenas de 1931, promovida pelo Escritório Internacional dos Museus, cujo foco foi o reconhecimento da interdisciplinaridade na conservação de monumentos e a Carta de Atenas de 1933 pelo Congresso Internacional de Arquitetura Moderna [Ciam], cujo conteúdo refere-se a análise aos problemas urbanos e sugestões, baseada nas funções do urbanismo, quais sejam: habitar, trabalhar, recrear-se e circular.

> principalmente, a partir das considerações apresentadas por Giovannoni, recebidas no conjunto das demais proposições como elementos de grande novidade." Kühl (2013, p. 81)

Diante da destruição de cidades e monumentos na II Guerra, e da necessária reconstrução, foi preciso repensar os procedimentos de restauração e as teorias de Gustavo Giovannoni foram questionadas, cujo posicionamento em relação ao bem a ser restaurado "era de quase neutralidade do arquiteto/conservador em relação ao bem cultural". (Granato e Campos, 2013, p. 4). De acordo com Cláudia dos Reis Cunha (2004) sobre esta questão,

> "Não se podia pensar nos monumentos destruídos apenas como documentos, ignorando sua existência como obra figurativa com significação social e simbólica. Em razão da grande escala das intervenções não se podia cogitar o tratamento de lacunas como "neutros". Assim, esses questionamentos suscitaram o pensamento de que o restauro era, para além de um ato científico de filólogo, também um ato crítico."[72] (Cunha, 2004)

Segundo Granato e Campos (2013), a postura que prevaleceu foi o restauro crítico tendo em vista a urgência na recuperação dos monumentos degradados e a pressão social e política da época.

Cunha e Kühl (2012, p. 103) explicam que no restauro crítico cada obra é singular exigindo soluções únicas; portanto, tais soluções são pontuadas após "uma análise do monumento, uma indagação baseada na crítica e na história, com vistas a determinar sua qualidade estética". Kühl (2010) explica que são consideradas as dimensões documental e formal, segundo a autora,

> "Desse modo o restauro crítico, ao mesmo tempo em que acolhe os princípios fundamentais do restauro filológico – de respeito pelas várias estratificações do bem e de diferenciar a ação contemporânea –, também os associa ao tratamento da dimensão formal das obras, trazendo para a discussão teorias estéticas e questões relacionadas à percepção próprias da primeira metade do século XX. É postura inovadora por considerar as dimensões – formal e documental –

[72] Cunha, C. R. (2004). A atualidade do pensamento de Cesare Brandi. Acessado em 26 de fevereiro de 2020 em https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/ 03.032/3181. Conforme sugerido por Cunha (2004) "(para um histórico sobre preservação e as transformações das teorias do restauro, ver Giovanni Carbonara, *Avvicinamento al restauro. Teoria, storia, monumenti*. Napoli, Liguori Editore, 1997)"

> concomitantemente, através duma relação dialética." (Kühl, 2010, p. 295)[73]

Neste contexto, segundo Cunha (2004), Cesare Brandi (1906-1988), diretor entre os anos de 1939 e 1960 do Instituto Central de Restauração [ICR] em Roma, coordenou a restauração de obras degradadas decorrentes dos bombardeios da II Guerra Mundial, sendo um dos objetivos do instituto buscar novas soluções para a recuperação do patrimônio atingido.

Brandi desenvolveu a sua Teoria da Restauração, a qual alia as suas "pesquisas teóricas nos campos da estética e filosofia da arte com as práticas e experiências desenvolvidas no âmbito do ICR"[74].

Segundo Brandi (2004, p. 30), "a restauração constitui o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dúplice polaridade estética e histórica, com vistas à sua transmissão para o futuro". Sobre a consistência física da obra, Brandi explica que é o suporte físico onde há a manifestação da imagem, o local que assegurará a sua transmissão para o futuro. Brandi apresenta dois axiomas de seu conceito de restauro, o primeiro diz que "restaura-se somente a matéria da obra de arte", e o segundo: "A restauração deve visar ao restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, desde que isso seja possível sem cometer um falso artístico ou um falso histórico, e sem cancelar nenhum traço da passagem da obra de arte no tempo". (Brandi, 2004, p. 31-33*)*. Segundo Cunha (2004), no primeiro axioma é claro o limite da ação de intervenção e não se desconsidera a coexistência da imagem com a matéria física; e no segundo deve-se buscar a unidade da obra sem falsificações artísticas ou históricas. As propostas apresentadas por Brandi influenciaram na Carta de Restauro de 1972 e na prática da restauração atual.

Tendo em vista que várias teorias de conservação desencadeavam inúmeras discussões, divergências e críticas, especialistas e conservadores buscaram a normatização de procedimentos, contribuindo com a elaboração das Cartas Patrimoniais. (Granato e Campos, 2013)

Segundo Munõz-Viñas (2012, p. 2), nas teorias clássicas da restauração há uma "estreita adesão para a verdade". Em vista disso, Sully (2007, p. 31) enfatiza que a ciência ainda é o discurso dominante e está sob a égide do positivismo, onde "a linguagem científica

[73] Kühl, B. M. (2010). Notas sobre a Carta de Veneza. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo. 18(2), p. 287 320. jul. dez. Acessado em 4 de julho de 2020 em https://www.scielo.br/pdf/anaismp/v18n2/v18n2a08.pdf.

[74] Cunha, C. R. (2004). A atualidade do pensamento de Cesare Brandi. Acessado em 26 de fevereiro de 2020 em https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/ 03.032/3181.

pode ser objetiva e livre de valores e pode descobrir o que é real", reforçando a autoridade acadêmica em relação a outras visões de mundo. Miriam Clavir (2002, p. 4), pesquisadora do Museu de Antropologia da UBC em Vancouver, citado por Sully (2007, p. 31) observa que na profissão da conservação há dois princípios norteadores: "a necessidade de preservar a integridade do objeto físico, e uma crença na investigação científica, como a base para a preservação adequada e tratamento das coleções". Além disso, Clavir (2002, p. xvii) citado em Sully (2007, p.42) assinala que o modelo científico e o foco da conservação pelos especialistas na tomada de decisões sobre os objetos alheios isolam estes objetos "das tradições e pessoas que deram significado aos objetos, como a cultura viva de descendentes de comunidades originárias".

Clavir (2009) citado por Sully (2013) enfatiza que as certezas determinísticas da disciplina de conservação estão mudando e o compromisso da conservação tornou-se mais amplo, uma vez que deve considerar também a percepção de comunidades diversas interessadas na preservação. Esta abordagem da conservação será apresentada na próxima seção.

1.2.1 Conservação Participativa

Mudanças recentes na disciplina de conservação demonstram que a conservação-restauração ora pautada em 'objetos materiais' passa a considerar os 'valores' e, destes, a conservação baseada nos 'povos'. Tal reflexão altera o foco do processo de conservação. (Sully, 2013)

Sully (2013, p. 9) destaca que as cartas patrimoniais, documentos que nortearam as diretrizes da conservação em relação à proteção aos bens culturais, de Atenas (Grécia) de 1931 e de Veneza (Itália) de 1964, são baseadas na conservação material, apresentam valores universais do patrimônio cultural, ficando o estudo dos valores intrínsecos e a tomada de decisão de conservação a cargo de especialistas. O foco está circunscrito na monumentalidade do patrimônio para ações de conservação, conforme o autor,

> "Essa abordagem baseia-se nos princípios de autenticidade e mantém o contexto histórico e físico de monumentos, edifícios e locais. A intervenção de conservação é limitada por conceitos de anastilose, intervenção mínima, respeito pela evidência histórica, evitação de

> falsificação, preservação do original e reversibilidade das intervenções."[75] (Sully, 2013, p. 9)

No entanto, deve-se destacar que na Carta de Veneza de 1964 há avanços no conceito de monumento, uma vez que, além da arquitetura, considerou:

> "os sítios urbanos e rurais nos quais sejam patentes os testemunhos de uma civilização particular, de uma fase significativa da evolução ou do progresso, ou algum acontecimento histórico, os sítios, urbanos ou rurais. Este conceito é aplicável, quer às grandes criações, quer às realizações mais modestas que tenham adquirido significado cultural com o passar do tempo."[76] Carta de Veneza (1964) como citada por Primo (2007, p. 118)

Na Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, de 1972, a responsabilidade pelo patrimônio é compartilhada em nível mundial; a ideia do valor universal excepcional inerente ao patrimônio, autenticidade e integridade é consagrada; a conservação é observada como um processo técnico a fim de estabilizar processos de degradação, objetivando preservar o bem para futuras gerações. Conforme Sully (2013, p. 9), "como resultado, as práticas e pesquisas de conservação geralmente se baseiam em uma compreensão da vulnerabilidade do objeto de conservação e as ações necessárias para atenuar essas alterações na condição do objeto".

A conservação baseada em valores é observada no Documento de Nara sobre a Autenticidade (Japão) de 1994 ao introduzir o conceito de "diversidade cultural". No que concerne à tomada de decisão o documento reconhece que "a autenticidade está enraizada em contextos sócio-culturais específicos e só pode ser compreendida e julgada no contexto

[75] Na Carta de Atenas de 1931, item IV - Técnica da Conservação, assim aborda: "Quando se trata de ruínas, uma conservação escrupulosa se impõe, com a recolocação em seus lugares dos elementos originais encontrados (anastilose), cada vez que o caso permita; os materiais novos necessários a esse trabalho deverão ser sempre reconhecíveis. Quando for impossível a conservação de ruínas descobertas durante uma escavação, é aconselhável sepultá-las de novo depois de haver sido feito um estudo minucioso. Não é preciso dizer que a técnica e a conservação de uma escavação impõem a colaboração estreita do arqueólogo e do arquiteto". (Iphan, 1931, p.3). Vide referência completa em: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [Iphan]. (1931). *Carta de Atenas de 1931*. Acessado em 12 de julho de 2020, em http://portal.iphan.gov.br /uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201931.pdf

[76] Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [Iphan]. (2014a). Cartas Patrimoniais. Carta de Veneza 1964. Acessado em 07 de julho de 2019 em http://portal.Iphan.gov.br/uploads/ ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf.

cultural que ele pertence". (Sully, 2013, p. 10). Os itens 5 e 6 do preâmbulo do Documento de Nara assim discorre acerca da Diversidade Cultural e Diversidade do Patrimônio:

> "5. A diversidade das culturas e do património no nosso mundo é uma origem insubstituível de riqueza espiritual e intelectual para toda a humanidade. A protecção e a valorização da diversidade cultural e patrimonial no nosso mundo devem ser activamente promovidas como aspectos essenciais do desenvolvimento humano".
>
> "6. A diversidade do património cultural existe no tempo e no espaço, e exige o respeito pelas outras culturas e por todos os aspectos dos seus sistemas de crenças. Nos casos em que os valores culturais parecem estar em conflito, o respeito pela diversidade cultural exige o reconhecimento da legitimidade dos valores culturais de todas as partes."[77] (Documento de Nara, 1994, p. 2)

O Documento de Nara propõe alargar o olhar da conservação do patrimônio para os valores. Nesta modalidade os especialistas 'consultam' as partes interessadas para atribuir valores patrimoniais e significado cultural. No referido documento a conservação é definida como "Todos os esforços destinados à compreensão do património cultural, ao conhecimento da sua história e do seu significado, à garantia da sua salvaguarda material e, se necessário, à sua apresentação, restauro e valorização". (Iphan, 2014 b, p. 05)[78]

Cabe destacar que em 1998 o 'Getty Conservation Institute' [GCI] iniciou uma discussão 'on-line' sobre valores e benefícios da preservação do patrimônio cultural, com vista ao estudo do estado da arte sobre as definições, significados e conservação do patrimônio cultural e à observação do impacto da conservação na sociedade a partir da observação das dinâmicas sociais.

A base desta investigação parte da concepção de que a conservação do patrimônio é parte integrante da sociedade. A investigação do GCI resultou em um relatório de pesquisa publicado no ano 2000, intitulado 'Values and Heritage Conservation'[79] Há variados significados e conotações para o termo conservação, abarcando o campo da preservação do

[77] Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [Iphan]. (2014b). Cartas Patrimoniais. Conferência de Nara 1994. Acessado em 07 de julho de 2019 em http://portal.Iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Conferencia%20de%20Nara%201994.pdf.

[78] Ibid.

[79] Getty Center Institute, Avrami, E., & Mason, R. (Eds.). (2000). Values and Heritage Conservation. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, Los Angeles. Acessado em 13 de julho de 2020 em https://www.getty.edu/conservation/publica tions_resources/pdf_publications/pdf/valuesrpt.pdf

patrimônio cultural desde pesquisas históricas com vistas às políticas e planejamento às intervenções físicas, a uma definição mais ampla: "à conservação como uma prática social complexa [...]", sendo que esta última definição precisa ser aprofundada. (Getty Conservation Institute, 2000, p. 3). Conforme o relatório:

> "Os desafios futuros do campo da conservação surgirão não apenas dos objetos e locais do patrimônio, mas também dos contextos em que a sociedade os incorpora. Esses contextos - os valores que as pessoas extraem deles, as funções que os objetos do patrimônio servem para a sociedade, os usos aos quais o patrimônio é colocado - são a fonte real do significado do patrimônio e a razão de ser da conservação em todos os sentidos." (Getty Conservation Institute, 2000, p. 4).

Segundo Munõz-Viñas (2012, p.2), professor e conservador da Universitat Politècnica de València, Espanha, o trabalho do GCI "merece crédito como uma fonte mais abrangente de ética contemporânea de conservação".

A Carta de Burra (Austrália) de 1999, adotada pelo Comitê Nacional Australiano do Icomos, é baseada em valores e preconiza, em seu Artigo 12, a participação das pessoas no que diz respeito à conservação, à interpretação e à gestão de um sítio[80]:

> "A conservação, a interpretação e a gestão de um sítio devem prever a participação das pessoas para quem esse sítio tem associações e significados especiais, ou que têm responsabilidades sociais, espirituais ou outras responsabilidades culturais para com esse sítio." (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, 1999, p. 11)[81]

A Carta de Burra apresenta um modelo de tomada de decisão em três estágios que se inter-relacionam, a saber: "compreender o significado; desenvolver a política; gerir de acordo com a política". (Icomos, 1999)

Conforme Sully (2007), "a significância cultural refere-se a uma avaliação ou soma dos valores do patrimônio cultural mantidos pelas comunidades envolvidas e atribuídas ao

[80] Em notas explicativas na Carta de Burra, o conceito de "sítio" é amplo, referindo-se a "memórias, árvores, jardins, parques, lugares de acontecimentos históricos, áreas urbanas, cidades, lugares industriais, sítios arqueológicos, religiosos e espirituais". Disponível em: https://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-burra.pdf. Acessado em 7 de julho de 2019.

[81] Icomos. (1999). *Carta de Burra.* (p. 01-18, A. B. Araújo, Trad.). Acessado em 7 de julho de 2019 em https://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-burra.pdf.

patrimônio cultural". (Sully, 2007, p.42). É fundamental o envolvimento do público em debates, utilizando uma ferramenta de avaliação, para posterior elaboração de declaração de significância. Esta declaração de significância é um documento que define o significado cultural de algum bem e norteará as políticas de preservação a serem adotadas. Uma vez definido o significado são estabelecidos o grau de significância, tais como raridade, representatividade, integridade etc. A declaração de significância deverá apresentar os valores, o significado e a importância do bem. Sully chama a atenção para o fato de a declaração de significância não representar tudo o que pode significar um objeto. A partir deste levantamento, é possível a tomada de decisão quanto a conservação e gestão baseadas em valores. (Sully, 2013, p. 11-13)

Munõz-Vinãs (2012, p. 28) explica que um fator determinante para o pensamento da teoria da restauração contemporânea são as funções comunicativas dos objetos, estimuladas após a Carta de Burra, com o conceito de "significado cultural". Conforme o Artigo 1 da Carta de Burra, "Significado cultural significa valor estético, histórico, científico, social ou espiritual para as gerações passadas, actual ou futuras". Em notas explicativas "Significado cultural" tem como sinônimo "significado patrimonial e de valor cultural". (Icomos, 1999 – item 1.1 e item 1.2). Como exemplo, o autor cita a definição de 'propriedade cultural' apresentada pelo Instituto Americano de Conservação "como aqueles objetos com significado artístico, histórico, científico, religioso ou social", e pelo Instituto Canadense de Conservação que em seu código de ética incluiu "a noção de integridade conceitual" que diz respeito às "propriedades metafísicas como significado cultural ou religioso"; além disso, vários autores têm se referido à 'função patrimonial'. Para Michalski[82] (1994) citado por Munõz-Vinãs (2012, p. 28), existem três tipos de valores para os objetos de conservação: o valor científico, definido pelos especialistas que o conservam pela "sua utilidade probatória e seus significados historiográficos"; o valor social, quando há compartilhamento pela maioria das pessoas, como, por exemplo, pinturas, monumentos, edifícios históricos, objetos religiosos, campo de concentração (símbolo social); e o valor pessoal, quando detido por uma pessoa ou algumas pessoas, por exemplo, "uma carta pessoal".

Segundo Chagas (2009, p. 35), "perigo" e "valor imaginado" são a base para a preservação, sendo necessário o entendimento de cada qual e do contexto. De acordo com as subjetividades, as forças sociais e políticas, o que representa perigo "para uns, pode não ser

[82] Stefan Michalski é Cientista Senior de Conservação do Instituto Canadense de Conservação [CCI].

percebido como perigo para outros". Quanto ao "valor imaginado" a subjetividade prevalece, um indivíduo ou grupo poderão atribuir valores sejam eles históricos, afetivos, artísticos ou outros, por diversos motivos; no entanto há que se considerar as variáveis de acordo com a cultura da localidade, pois o que é valioso para uma sociedade numa determinada circunstância, pode não ser para outra.

> "Sem a identificação de um valor qualquer - seja ele: mágico, econômico, simbólico, artístico, histórico, científico, afetivo ou cognitivo - a preservação não será deflagrada, ainda que haja o perigo de destruição. O lema adotado pelo Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica (NOPH) de Santa Cruz, fundado em 1983 e que nove anos mais tarde seria publicamente proclamado como um Ecomuseu ou Museu Comunitário, aponta para essa mesma direção: Um povo só preserva aquilo que ama. Um povo só ama aquilo que conhece." (Chagas, 2009, p. 36)

1.2.2 A conservação baseada em povos

O Documento da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial de 2003 é baseado nos valores patrimoniais e de significado cultural, sendo que a tomada de decisão para resolução de problemas de preservação é liderada pelas comunidades que buscam localmente os métodos e as soluções. (Sully, 2013). Conforme o referido documento da Convenção:

> "Entende-se por "patrimônio cultural imaterial" as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à

> diversidade cultural e à criatividade humana."[83] (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2003)

É importante destacar que a referida Convenção considera a interdependência entre o patrimônio cultural material e imaterial. Vale evidenciar que mesmo em condições opostas material-imaterial há um paradoxo – a sua inseparabilidade, conforme observa Chagas (2009), "enquanto o intangível confere sentido ao tangível, o tangível confere corporeidade ao intangível, um não sobrevive sem o outro". (Chagas, 2009, p. 21)

Os autores Garton Smith (1997/8), Johnson *et. al.* (2005) e Wharton (2008, 2012), citados em Sully (2013, p. 15), chamam a atenção para os desafios desta interdependência (tangível/intangível) para os especialistas em conservação. Por outro lado, Sully (2013) argumenta a potencialidade desta abordagem na criação de um novo olhar para a teoria e a prática da conservação:

> "[...] no qual o conservador é capaz de mediar entre vários atores no processo. Para o conservador, um equilíbrio entre "educar o local" e "fazer como o local" pode ser atingido para que as bases filosóficas da conservação sejam "esticadas" para incorporar as diversas necessidades das comunidades locais - expandindo os objetivos de conservação e métodos de trabalho, em vez de limitá-los." (Sully, 2013, p. 15)

Isto posto, a tomada de decisão quanto à conservação passa a envolver tanto os especialistas quanto as partes interessadas (Munõz-Vinãs, 2012) e (Sully, 2013). Amplia-se a atuação da conservação quando é considerada a participação dos povos na tomada de decisão de conservação, conforme Sully (2013):

> "Uma abordagem baseada em povos difere na medida em que prioriza o bem-estar da comunidade sobre o patrimônio material. Trabalhar dentro de um "processo participativo", consultando uma comunidade de usuários, vai além de simplesmente avaliar uma resposta a uma solução predeterminada por especialistas, mas tenta desenvolver uma resposta de conservação apropriada que reflita as aspirações da comunidade

[83] Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura [Unesco]. (2003). Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Acessado em http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ConvencaoSalvaguarda.pdf, 24 jun 2020

> de usuários conectados a esses objetos patrimoniais." (Sully, 2013, p. 15)

De acordo com Viñas (2012, p.224), há um consenso na teoria contemporânea da conservação que deve incluir as pessoas para quem o objeto tenha algum significado, reafirmando que a decisão de conservação não fica na esfera somente dos especialistas.

Sully (2007) apresenta práticas descolonizadoras de conservação cuja característica fundamental é "uma agenda guiada pelas comunidades locais" a partir do interesse e participação no processo de "produção e gerenciamento do patrimônio" com vistas a refletir suas expectativas de determinar o que será conservado. Conforme o autor,

> "Isso exige projetos que são realizados com a comunidade, em um esforço verdadeiramente colaborativo, no qual as decisões de conservação resultam de um processo genuíno de negociação entre os envolvidos no processo." (Smith, 2005; Smith & Wobst, 2005; Smith & Jackson, 2006) citados por Sully (2007, p. 225)

Outrossim, o especialista em conservação deverá ser o "facilitador, ouvinte e recurso para a comunidade", além de fornecer as ferramentas necessárias para se alcançarem os objetivos, os projetos de conservação em comunidades dependerão de cada contexto e especificidades locais Butts (1990, p. 111) citado por Sully (2007, p. 228).

Canclini (1994) define os objetivos da preservação a partir de quatro paradigmas políticos culturais, a saber: o tradicionalismo substancialista; o mercantilista; o conservacionista e monumentalista; e o participacionista.

No 'tradicionalismo substancialista' o patrimônio é visto pelo valor em si mesmo, desconsiderando o contexto em que foi gerado e as pessoas envolvidas na sua produção. Conforme o autor, a conservação do bem cultural independe do uso atual e das mudanças sociais, salvaguardando-se a essência de um passado glorioso e memorável. Na concepção 'mercantilista' a ação da preservação volta-se aos bens que possam "valorizar economicamente o espaço social" (Canclini, 1994, p.104) o investimento em conservação se justifica quando há lucro ao turismo e ao mercado imobiliário.

O autor assinala que na concepção 'conservacionista e monumentalista' o Estado define as ações de conservação de bens históricos que exaltem a nacionalidade, privilegiando edifícios grandiosos, "Ante a magnificência de uma pirâmide maia ou de um palácio colonial, não lhe ocorre minimamente pensar nas contradições sociais que expressam", desviando dos

problemas rurais e urbanos, além de legitimar o poder. O quarto paradigma (Canclini, 1994, p. 105) denominou 'participacionista', nesta concepção a preservação do patrimônio está relacionado com a sociedade. A seleção e a decisão de preservação são realizadas de maneira democrática, com participação social em que os interessados podem intervir e debater a partir de suas opiniões. Segundo Canclini, no enfoque participacionista são incluídos como patrimônio "tanto os edifícios monumentais quanto a arquitetura habitacional, os grandes espaços cerimoniais ou públicos do passado e os parques e praças de hoje, os bens visíveis e os costumes e crenças"[84].

No artigo sobre "Conservação Participativa do Patrimônio e Desenvolvimento Sustentável", Wai Hin Wong[85] (2018) explica que a participação de comunidades locais na conservação do patrimônio beneficiará não somente a comunidade envolvida, mas toda a sociedade. Para o autor:

> "Socialmente, a vida da comunidade pode ser melhorada. A participação da comunidade ajuda a construir um senso de identidade, comunidade e lugar por causa de vínculos mais fortes com uma identidade comum, história e patrimônio. Além disso, inclusão social, coesão e compreensão podem ser fortalecidas pela promoção de um senso de responsabilidade compartilhada em relação aos lugares em que pessoas vivem." (Wong, 2018, p. 3)

Ações de conservação realizadas por povos tradicionais no Brasil e na Inglaterra, descritas a seguir, chamaram a minha atenção para outras possibilidades de conservação e me instigaram a pensar sobre qual seria o lugar da conservação em comunidades periféricas e marginalizadas. Com isso, rememorei em minha trajetória profissional alguns aspectos que acredito serem de conservação participativa, mesmo que à época eu não tenha feito o alcance para esta concepção. A partir disso, procurei estabelecer as conexões entre a biofilia e a museologia social, a fim de compreender algumas características da conservação participativa nas ações museais realizadas no Ponto de Memória, e que serão apresentadas no Capítulo IV – Ações Museais Biófilas.

---

[84] Canclini, N. G. (1994). O Patrimônio Cultural e a Construção Imaginária do Nacional. In *Revista do Iphan*, (8)2. Acessado em 06 de julho de 2020 em http://docvirt.com/Hotpage/Hotpage.aspx?bib=Rev Iphan&pagfis=8429&url=http://docvirt.com/docreader.net#.

[85] Wong, W. H. (n. d.). *Participatory Heritage Conservation and Sustainable Development*. Acessado em 26 de junho de 2020 em https://www.academia.edu/37594632/Participatory_Heritage_Conservation_ and_Sustainable_Development

1.2.2.1 Ações de conservação baseada em povos

Uma experiência em conservação baseada em povos tradicionais, realizada na Inglaterra por Dean Sully, professor e conservador na University College London UCL, promoveu mudanças na forma como ele ministrava as aulas de conservação e como atuava na área. Na ocasião, o professor buscava uma estratégia de conservação para uma 'casa de reunião Maori', conhecida como Hinemihi[86], iniciando uma investigação em 2002 com a National Trust[87] e os Maori, povo polinésio indígena da Nova Zelândia.[88] A casa de reuniões Maori personifica Hinemihi, uma mulher, e homenageia "uma notável ancestral feminina", que viveu na Nova Zelândia no século XVI, de grande prestígio e autoridade.

> "Hinemihi é um ser vivo, e cada escultura representa partes de seu corpo: sua cabeça (tekoteko e koruru) sentada em cima da casa, seus braços (maihi) abraçando a varanda e seu coração (poutokomanawa) representado na coluna central de apoio dentro de casa."[89] (National Trust, 2016)

À época da construção em 1880, na Ilha do Norte em Nova Zelândia, foram contratados dois escultores, Wero Taroi e Tene Waitere, para fazer esculturas representando os ancestrais da história tribal. Ao incluir as esculturas no Hinemihi, espíritos protetores dos descendentes podiam habitá-la. Nesta casa são realizadas várias atividades, como nascimentos, noivados, casamentos e lutos, além de apresentações culturais aos turistas. Em 1886, com a erupção do Monte Tarawera em Te Wairoa, 153 pessoas do povoado morreram. Algumas pessoas se abrigaram em Hinemihi e sobreviveram, dentre elas o escultor Tene Waitere e sua família. As esculturas de Hinemihi foram adquiridas por William Hillier 4º conde de Onslow, após sua permanência em 1891 como Governador da Nova Zelândia, sendo a aquisição acordada com um membro da comunidade Ngãti Hinemihi.[90]

---

[86] Esta casa foi construída no final do século XIX no povoado Te Wairoa ao Norte da Nova Zelândia, pelo chefe Aporo da subtribo Ngati Hinemihi.

[87] National Trust é uma organização de pesquisa do Reino Unido.

[88] Os Maori são colonos do leste da Polinésia que chegaram na Nova Zelândia por volta de 1300 d.C. Desenvolveram uma cultura com seu próprio idioma, conhecida como "maori", sofreu alterações culturais com a chegada dos europeus a partir do século XVII. No ano de 1840 com o Tratado de Waitangi passou a fazer parte da nova colônia britânica. Após conflitos por terras e epidemias na década de 1860 impactaram na população Maori. No início do século XX os Maori se recuperam e na década de 1960 um movimento de protesto surgiu defendendo a cultura Maori. Acessado em 24 de abril de 2020 em http://www.hinemihi.co.uk/page.php?id=19.

[89] National Trust, *Restoring Hinemihi at Clandon Park*. Acessado em 02 dezembro de 2019 em https://www.nationaltrust.org.uk/clandon-park/features/restoring-hinemihi-at-clandon-park.

[90] Ibid. Acessado em 03 de dezembro de 2019.

Foi então reconstruída no Clandon Park, Surrey-Reino Unido. No ano de 1956 o Clandon Park passou a ser administrado pelo National Trust e Hinemihi foi restaurada nos anos de 1960 e 1978. A partir de 1995 foi mantido um envolvimento entre os Maori na manutenção de Hinemihi. (Sully, 2003)

Em 2005, ao visitar a Nova Zelândia, Sully ficou hospedado na casa de Jim e Cathy Schuster[91]. Para retribuir a hospitalidade do casal, seguiu uma tradição de Shuster de oferecer uma árvore para ser plantada no jardim da família. Decidiu por um carvalho, árvore do jardim de Clandon Park que cerca Hinemihi. Sully pensou que caso algum dia Hinemihi fosse repatriada para Nova Zelândia "haveria um carvalho para lembrá-la de seu tempo na Clandon". Pelo fato de já existirem na Nova Zelândia carvalhos e outras árvores não nativas, Jim e Cathy sugeriram a Sully uma árvore nativa, assim, no futuro as filhas de Jim e Cathy poderiam colher e usar suas cascas para tingir materiais de tecelagem. A partir desta ideia de "descolonizar o jardim de Jim e Cathy", a compreensão de Sully para a conservação se alterou. (Sully 2007, p. 17). Dessa experiência teve início a sua jornada em reconsiderar a abordagem da conservação de Hinemihi, uma vez que até então estava fundamentada na tradição de conservação ocidental. Segundo o autor,

> "Este foi um ponto de partida em minha compreensão de Hinemihi, vendo através das camadas historiográficas de apropriação inglesa. Uma abordagem híbrida de conservação, adaptar as ideias de conservação ocidentais às de Maori, que reflete as origens da Nova Zelândia de Hinemihi e seu presente britânico, não mais parecia suficiente. Pareceu perpetuar o desequilíbrio da relação colonial que prevaleceu na propriedade, controle e localização de Hinemihi. Este foi o meu ponto de partida na utilização de métodos descolonizantes para reformular a conservação de Hinemihi, o Te Arawa casa de reunião em Clandon Park, Reino Unido." (Sully, 2017, p. 17)

Sully questionou a abordagem de pesquisa que até então considerava Hinemihi somente como objeto etnográfico. O professor e conservador passou a defender a participação ativa dos Maori nos processsos de conservação, propondo que a conservação da casa de reuniões Maori fosse realizada baseada nos Povos Maori, instituindo assim "uma nova

[91] Jim Shuster é conselheiro Maori de patrimônio construído e trineto de Tene Waitere, um dos principais escultores de Hinemihi. Acessado em 24 de abril de 2020 em http://www.hinemihi.co.uk/page.php?id=24&page=71

compreensão da prática de conservação na qual as relações entre pessoas e objetos ou locais são o elemento essencial".[92] Até a realização da referida pesquisa, os debates sobre a conservação era relacionado às questões de alterações materiais e de estrutura. No ano de 2012, o grupo de voluntários 'Te Maru o Hinemihi'- que significa "no abraço de Hinemihi", foi criado com residentes Maori no Reino Unido. Este grupo "defende o reconhecimento dos valores Maori na tomada de decisão em torno da conservação e uso de Hinemihi".[93] Hinemihi, integrada ao Clandon Park, visa a prática cultural Maori, além de propiciar o encontro de pessoas com objetivo de refletir sobre as diferenças e sobre a própria identidade cultural. No ano de 2016 a comunidade Maori foi consultada, tendo em vista a necessidade de conservação de 28 esculturas históricas.

> "Como as esculturas incorporam a ancestral Hinemihi, antes que qualquer trabalho pudesse ocorrer, seu espírito precisava ser adormecido para a proteção daqueles que se envolviam em trabalhos de conservação com ela. [...] Jim Schuster, conservador especialista da Historic New Zealand supervisionou a remoção das esculturas. Ele liderou orações e bênçãos com a participação dos membros de Ngāti Ranana (London Maori Club), Te Kohanga Reo (a escola de idiomas Maori) e Tūhourangi (os descendentes de Hinemihi). Quando Hinemihi estava em repouso, Jim trabalhou ao lado de uma equipe de especialistas liderada pela conservadora Emily Nisbet-Hawkins, do National Trust, incluindo o Dr. Dean Sully, dezenas de estudantes de conservação da University College London, um conservador especializado em madeira e voluntários do National Trust."[94] (National Trust, 2016)

No ano de 2019 a National Trust concordou com a repatriação das esculturas históricas de Hinemihi para a Nova Zelândia; e, para que a tradição no Clandon Park continue, novas esculturas serão criadas com a colaboração de escultores Maori.[95]

---

[92] University College London – UCL (2014). *Research Impact. Caring for Hinemihi: A Maori meeting house in* the UK (2014). Acessado em 01 de dezembro de 2019 em https://www.ucl.ac.uk/impact/case-studies/2014/dec/caring-hinemihi-maori-meeting-house-uk.

[93] Te Maru o Hinemihi. Mission Statement & Values. Acessado em 24 de abril de 2020 em http://www.hinemihi.co.uk/page.php?id=21.

[94] National Trust. (2016). *Restoring Hinemihi at Clandon Park*. Acessado em 02 de dezembro de 2019 em https://www.nationaltrust.org.uk/clandon-park/features /restoring-hinemihi-at-clandon-park.

[95] National Trust.. (2019). *An update on Hinemihi*. Acessado em 27 de julho de 2020 em https://www.nationaltrust.org.uk/clandon-park/features/an-update-on-hinemihi.

No Brasil, um exemplo de conservação baseado em povos tradicionais pode ser observado na pesquisa de Alexandre Oliveira Gomes (2012), professor da Universidade de Pernambuco, realizada com o povo indígena Kanindé no Ceará, nordeste brasileiro. O autor registrou etnograficamente o processo de formação do Museu dos Kanindé pelo Cacique Sotero[96]. Este museu foi aberto em 1995 e está localizado na Aldeia Fernandes, em Aratuba – Ceará, sendo a primeira organização cultural aberta ao povo da aldeia. Gomes (2020)[97] explica que ao iniciar a sua investigação, o cacique Sotero já realizava técnicas de conservação, próprias e desenvolvidas por ele, inclusive embalsamamento, além de organizar um espaço para sua guarda; que aos poucos foi formando uma coleção com a contribuição dos indígenas da aldeia, estabelecendo "uma consciente relação entre os objetos e o poder da memória [...] com a atribuição de uma série de significados, relacionados com o processo de construção da etnicidade e da memória indígena" (Gomes, 2012, p. 72-73).

Conforme Gomes (2012, p. 102):

> "Mesmo sem a formação e o conhecimento técnico sobre o trabalho museográfico, Sotero tornou-se um especialista na práxis de uma tradução para construir a sua ação museológica indígena. [...] A seu modo e ao longo de vários anos, Sotero implementou práticas visando a salvaguarda e a comunicação museológicas, além de abrir espaço para a realização de pesquisas e visitação pública. Foi nessa tradução que ele construiu a sua ação museológica indígena [...]." Gomes (2012, p. 102)

À época o professor estava realizando sua pesquisa de mestrado e criou um Grupo de Trabalho, composto por estudantes da escola indígena, que o acompanhou no tratamento técnico do acervo, abrangendo higienização, digitalização, classificação. Ao conduzir esta atividade, Gomes (2012) percebeu que os mais jovens já tinham noções de conservação e museologia, porém utilizavam outras denominações para cada atividade. O autor começou a trabalhar os conceitos técnicos da museologia fazendo paralelo com o que a comunidade indígena entendia, considerando o respeito e o saber do outro. O objetivo era potencializar o museu. O Grupo de Trabalho se tornou um Núcleo Educativo, coordenado pelo indígena e

[96] Conforme Gomes (2018), José Maria Pereira dos Santos – Cacique Sotero, fundou no ano de 1995 o primeiro museu indígena do Estado do Ceará, o Museu dos Kanindé. Acessado em 07 de setembro de 2020 em https://www.facebook.com/redeindigenamemoria/posts/2354768458102575/

[97] Gomes, A. O. (2020). Entrevista. Concedida à autora desta investigação em 14 de fevereiro de 2020. Brasília, DF.

professor Suzenalson da Silva Santos[98] e formado por jovens da escola indígena, atualmente na terceira geração, são os estudantes indígenas que atuam no Museu do Kanindé. Em estudos posteriores, Gomes chegou à conclusão de que nos museus indígenas "há métodos próprios de gestão de memória e quando essa memória tem sentido nos objetos a preservação é potencializada pelos próprios indígenas"[99]. No Brasil, há quarenta e três 'museus indígenas ou iniciativa museológica' que foram apresentadas e descritas por Gomes (2019).

A partir destas duas ações de conservação baseada em povos tradicionais conduzidas, por Sully iniciada em 2002 com o povo Maori; e por Gomes em 2012 realizada no Museu dos Kanindé no Ceará, rememorei alguns percursos que trilhei na área e que somados me estimularam a refletir sobre qual seria o lugar da conservação em uma cidade periférica, com os mais variados problemas sociais e ambientais, como a cidade Estrutural, e que alargaram o meu conhecimento sobre a conservação participativa no âmbito de uma museologia biófila.

1.2.3 Na busca do fio da meada: rememorando caminhos

No ano de 2004 fui convidada a participar da elaboração do Projeto de Curso Pós-Médio intitulado Curso Técnico em Conservação e Restauração com ênfase em Pintura Mural, oferecido pela Escola Técnica da Universidade Federal do Paraná [UFPR], em conjunto com a Associação de Conservadores e Restauradores do Paraná [Arco], realizado na cidade de Itaiópolis - município de Santa Catarina, região sul do Brasil[100]. Esta cidade nasceu da antiga Colônia Lucena, fundada em 1890, sendo o primeiro município catarinense a ter unidades de conservação da natureza de proteção integral, iniciativa que se deve aos seus moradores. Segundo Cavagnari (2004), o Curso Técnico surgiu após decisão e preocupação da comunidade local na revitalização da pintura mural da Igreja de Santo Estanislau, construída por imigrantes poloneses em 1915. Cavagnari (2004) explica que a Escola Técnica

[98] Suzenalson da Silva Santos é licenciado pela Universidade Federal do Ceará - UFC (2016) no curso de e Licenciatura Intercultural Indígena PITAKAJÁ, se habilitando em Culturas Indígenas, Ciências Humanas, Gestão Escolar, História, Português e Matemática. Atualmente cursa o Mestrado Interdisciplinar em Humanidades - MIH, pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro - Brasileira - UNILAB Redenção (2019). É professor da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos e Coordenador do Ponto de Memória: Museu Indígena Kanindé. Acessado em https://www.escavador.com/sobre/378243518/suzenalson-da-silva-santos em 27 de agosto de 2020.

[99] Silva, A. G. (2020). Entrevista. Concedida à autora desta investigação em 14 de fevereiro de 2020. Brasília, DF.

[100] Projeto elaborado pela equipe técnica da Associação de Conservadores e Restauradores do Paraná [Arco] a saber: Oriete Heloísa Cavagnari, Denise Zanini e Silmara Küster e equipe pedagógica da Escola Técnica da UFPR professora Zita Castro Machado e Coordenadora de Ensino. Ressalta-se que a iniciativa do referido curso foi do professor Renato Luiz do Nascimento que à época coordenou o curso na primeira fase.

da UFPR se empenhou na realização do curso, após verificar que já havia ocorrência de intervenções, em uma tentativa de restaurar a pintura original da igreja e da imaginária sacra. Foram inscritos vinte e cinco jovens da comunidade e arredores no Curso Técnico de Conservação com ênfase em Pintura Mural, sendo a grande maioria trabalhadora na colheita de fumo. Foi necessário incluir no programa do curso, aulas de desenho a mão livre com o objetivo de ser trabalhada a coordenação motora fina, para que os estudantes tivessem posteriormente condições de realizar atividades de reintegração pictórica.

Com uma carga horária de 1.512 horas, o curso foi uma oportunidade para novos rumos na vida de jovens egressos do ensino médio, "verificou-se a vontade e a determinação da comunidade, que através de atividades organizadas arrecadaram fundos para subsidiar os primeiros investimentos no curso técnico". (Cavagnari, 2019)[101]

> "Os alunos de Itaiópolis reacenderam a chama do pertencimento e a responsabilidade na preservação da memória cultural, neles próprios e na comunidade. Basta uma pessoa estender o olhar e a proteção para um bem qual ele seja, para que outros se incluam no mesmo sentido e direção." (Cavagnari, 2004, p. 205-206)

Na ocasião do citado curso, ministrei aulas específicas de conservação preventiva e técnicas de pintura mural, sem nunca imaginar que retornaria àquela experiência na reflexão acerca da conservação participativa.

Outro exemplo que tomo a liberdade de relatar refere-se à restauração de uma das salas do Museu Casa de Alfredo Andersen, pintor e escultor norueguês, radicado no Paraná desde 1892. Este museu está localizado em Curitiba-PR. Anteriormente ao processo de restauração propriamente dito, no dia 27 de junho de 2018 foram comemorados os 15 anos da Associação dos Conservadores do Paraná [Arco]. Na ocasião fui convidada a ministrar uma palestra em alusão à data comemorativa.

Na esteira da Museologia Social, discorri sobre o tema da conservação com outro enfoque, não mais relacionado ao objeto material e suas características físicas, mas sobre o patrimônio imaterial que carregamos conosco. Então indaguei aos participantes: como seriam as coleções oriundas do nosso acervo pessoal, considerando as nossas memórias? Ao serem materializadas, em que tipo de museus se tornariam? Como seria esse museu? Que tipo de

[101] Cavagnari, O. H. (2019). *Entrevista.* Concedida por telefone à autora desta investigação em 12 de julho de 2019.

acervo teria? O que seria preservado? Que tipo de intervenção seria necessária? E se fôssemos expor, o que seria apresentado e o que não se mostraria? Possuímos um acervo pessoal, intransponível e significativo a fazer parte da nossa existência, ora em repouso, ora revelado, que perfazem as nossas memórias, a nossa identidade.

Após a explanação apresentei um vídeo com imagens e expus aos participantes o museu por mim concebido. Percorri alguns lugares como as Cataratas do Iguaçu na minha cidade natal, reli a lenda de Tarobá e Naipí, percorri os pinheirais e o canto da gralha azul, apresentei obras de artistas, e assim fui compondo aquele momento entre imagens, músicas, lendas e poesia. Além disso, o museu que eu havia concebido naquela apresentação teria muitos amigos, brincadeiras, eu poderia revisitar lugares, cidades, sublimar o olhar nas paisagens, os monumentos, as músicas, os festivais, uma pintura, a poesia, o dia, a noite, o céu, o mar! Também iria expor as minhas preocupações com o descaso com o patrimônio natural e cultural do meu país, mostraria a dor do ser humano em não poder mais contemplar o seu lugar de origem, o seu patrimônio, a invisibilidade, as violências sofridas. Neste museu também teriam espaço os artistas, poetas, poetisas, pois são a ponte, o canal para registrar suas emoções através da criação, resultado da leitura e interpretação do contexto epocal. Concluí aquele momento com a seguinte questão "o museu sou eu", e qual é o seu museu?

Em dezembro do mesmo ano, ao retornar para Curitiba em outro evento sobre museus-casa, assisti à apresentação da arquiteta-restauradora Tatiana Zanelatto. Nunca imaginei que as reflexões feitas em junho daquele mesmo ano fossem desmembradas em um projeto de restauração arquitetônica. Sob a coordenação de Tatiana foi restaurada uma das salas do Museu Casa de Alfredo Andersen. A restauradora conduziu o projeto RestaurAÇÃO em parceria com a Organização não Governamental – Universidade Livre da Cultura [Unicultura]. O objetivo do projeto foi a conservação-restauração de pintura mural, com participação e capacitação profissional de oito mulheres entre 20 e 60 anos de idade que estavam em situação de risco e vulnerabilidade social, atendidas na Casa da Mulher Brasileira[102]. Tatiana Zanelatto trabalhou técnicas de restauração e pintura correlacionando com a restauração emocional das participantes, que também receberam uma bolsa-estudo,

[102] A Casa da Mulher Brasileira é um Centro de Referência para Mulheres em situação de violência, "Concentra no mesmo local serviço de acolhimento e apoio psicossocial (assistentes sociais e psicólogas), a Delegacia da Mulher, a Defensoria Pública, o Juizado de Violência Doméstica e Familiar, o Ministério Público, a Patrulha Maria da Penha, programas voltados à autonomia econômica das mulheres e brinquedoteca. A CMB presta atendimento às mulheres residentes em Curitiba". Acessado em 14 de julho de 2019 em https://www.curitiba.pr.gov.br/locais/casa-da-mulher-brasileira-de-curitiba/2117.

auxílio-transporte e auxílio psicológico[103]. Esta qualificação teve por objetivo a capacitação em conservação e restauração do patrimônio cultural, sendo seu diferencial associar à atividade de restauração uma reflexão mais profunda, ou seja, a restauração da autoestima de mulheres que sofreram violência de seus parceiros. Ao final do curso, foram qualificadas como auxiliares de restauração. Conforme uma das mulheres atendidas pelo projeto RestaurAÇÃO: "No fim nunca foi só sobre restaurar um prédio, mas de restaurarmos a nós mesmas". (Sampaio, 2018)[104]

> "As alunas do projeto têm mais em comum, além do passado de vítimas da violência: deram a volta por cima, assumiram as rédeas da própria vida e agora se reinventam aprendendo, com Tatiana Zanelatto, como recuperar a vida das paredes de construções históricas. Enquanto refazem também a si próprias". (Paraná Portal, 2018)[105]

Conforme a Agência de Notícias da Prefeitura de Curitiba, as mulheres selecionadas participaram sob orientação da restauradora Tatiana Zanelatto da restauração da pintura original de uma das paredes da sala do museu. Dentre as atividades, foi realizada a remoção de oito camadas de tinta até atingir a pintura original e ao encontrar essa camada, Sandra, uma das participantes, assim se expressou: "é preciso ainda mais cuidado para não danificar. Junto com a leveza colocamos muito sentimento. Nesse processo é como se estivéssemos removendo camadas de nós mesmas". Niriele, também participante do projeto, relata: "Quero trazer meus filhos aqui para eles verem o que ajudei a fazer. Esse projeto mudou muita coisa em mim, ensinou sobre paciência, ajudou a restaurar a minha alma e me mostrou a arte de uma nova forma"[106]. No evento em comemoração aos 15 anos da Arco, ao trazer a possibilidade imaginativa de ampliar a nossa percepção sobre o museu por meio das nossas memórias, o que selecionar desta coleção de momentos ou o que deixar no subconsciente da nossa reserva técnica, o que preservar, o que enfrentar, o que questionar, o que poderia ter sido realizado ou não, Tatiana Zanelatto fez o desmembramento na condução da restauração

[103] O projeto foi viabilizado pela Lei de Mecenato, via Fundação Cultural de Curitiba. Apoio financeiro obtido do Instituto Joanir Zonta, Randon Rodoparaná e Imax Diagnóstico por Imagem. Colaboração Tintas Sherwin Williams e Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

[104] Sampaio, C. (2018). *Mulheres vítimas de violência, restauração*. Curitiba, PR: Imax Digital. Acessado em 14 de julho de 2019 em http://www.clinicaimax.com.br/?p=1628.

[105] Paraná Portal. (2018). *Pintura histórica em museu curitibano e restaurada por mulher vítimas de violência*. Curitiba, PR. Acessado em 14 de julho de 2019 em https://paranaportal.uol.com.br/gente/pintura-historica-em-museu-curitibano-e-reataurada-por-mulheres-vitimas-de-violencia/

[106] Por motivo de segurança os sobrenomes das mulheres não foram revelados.

do Museu-Casa Alfredo Andersen, promovendo àquelas mulheres, a partir de um olhar sobre si mesma, uma reflexão profunda. Desta forma, considero que a conservação-restauração poderá ir além do cuidado da materialidade do bem em si, uma vez que é possível reconhecer o caráter também subjetivo deste fazer. Ampliou as possibilidades do fazer especialista para uma conservação participativa. Fez a diferença, valorizando também a vida por trás daquelas mãos habilidosas, para além da matéria propriamente dita.

Outra experiência em conservação participativa que apresento ocorreu em 2014. Neste ano coordenei em conjunto com a professora Ana Lúcia de Abreu Gomes o projeto "Por Muito Mais que 50 Anos: Salvaguarda do Patrimônio Cultural da Universidade de Brasília", com financiamento do Ministério da Justiça [MJ] - Secretaria Nacional do Consumidor – Conselho Federal Gestor do Fundo de Defesa de Direitos Difusos.[107] Com muito comedimento o conduzi, pois eu nunca havia trabalhado conservação com alunos que apresentassem deficiência intelectual e múltipla.[108]

Participaram do projeto de revitalização do acervo selecionado estudantes do Curso de Museologia da UnB que já haviam cursado a disciplina Conservação e Restauração de Documentos, e por sugestão da Conservadora da BCE Neide Gomes, houve a inserção de alunos da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais [Apae].[109] Cabe destacar que a parceria entre a UnB e a Apae teve início em 2006 com o Programa de Higienização, Conservação e Pequenos Reparos de Bens Culturais. O objetivo desta parceria foi capacitar os alunos da Apae para o mercado de trabalho assistido. No processo de aprendizado, professores da Apae orientam a atividade.[110](Figura 2)

[107] Por meio do Edital de Direitos Difusos adquirimos uma Máquina Obturadora de Papel para o Ponto de Memória da Estrutural com o objetivo de produzir papel livre de ácido e em baixa escala.

[108] Conforme a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais [Apae], "a deficiência múltipla é a ocorrência de duas ou mais deficiências simultaneamente - sejam deficiências intelectuais, físicas ou ambas combinadas. Não existem estudos que comprovem quais são as mais recorrentes". Disponível em https://www.apaesaoluis.org.br/deficiencia-intelectual. Acessado em 07 fevereiro de 2020.

[109] Em 1954 foi fundada no Rio de Janeiro a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais [Apae], cujo objetivo é "promover a atenção integral à pessoa com deficiência intelectual e múltipla". Atualmente presente no território brasileiro em 2 mil municípios.

[110] É importante ressaltar que o uso de Equipamento de Proteção Individual [EPI] é recomendado e utilizado por todos os estudantes de conservação da UnB. Existem vários tipos de EPIs de acordo com a atividade desenvolvida. Devido à pandemia do Covid-19 os EPIs passaram a ser um equipamento essencial para quem apresentasse sintomas. No DF e em outras cidades brasileiras passaram a ser de uso obrigatório para todos em qualquer espaço público com vistas à defesa da vida, assim como em outras partes do mundo. A questão é até quando?



Figura 2 . Alunos da Apae fazendo a higienização de grandes formatos
Fonte: A autora (2014).

Foi muito interessante perceber a integração e o envolvimento de todos na atividade de higienização do Fundo Documental Arquivístico que pertenceu ao jornalista e político brasileiro Carlos Lacerda.[111] O diferencial para os alunos da Apae foi (1) a higienização de grandes formatos como jornais, pois até então eles trabalhavam somente com livros; (2) a higienização de documentos avulsos; (3) a capacitação de alguns alunos quanto ao uso adequado do bisturi com o objetivo de remover pontos de ferrugem nos documentos. Os alunos da Apae participaram durante toda a execução do projeto, neste caso sempre com a assistência do professor da Apae e do conservador.

Ressalto que o desafio da conservação no âmbito da Museologia Social é encontrar uma metodologia para trabalhar a conservação de forma participativa, não somente em museus ditos tradicionais, mas também em novos formatos, como os Museus Comunitários, Museus de Território, Museus de Favela, Pontos de Memória, dentre outros.

[111] Carlos Frederico Werneck de Lacerda (1914-1977) foi membro da União Democrática Nacional, vereador, deputado federal e governador do estado da Guanabara. Proprietário e fundador do Jornal Tribuna da Imprensa e da editora Nova Fronteira. O fundo arquivístico de Carlos Lacerda está sob a guarda da UnB desde a década de 1980, refere-se ao acervo privado das décadas de 1950 e 1960; referente à história política brasileira, compreende documentos textuais, fotografias, slides, discos de vinil e fitas de áudio.

A exigência é a compreensão das mudanças ocorridas na ação da conservação propriamente dita, brevemente descrita na presente seção; e o alongamento do olhar para o patrimônio cultural para além da sua materialidade e confinação. A conservação participativa poderá ser aplicada nos mais diversos contextos museológicos, uma vez que está em consonância com o conceito de Museologia Social. No âmbito da presente investigação de tese, destaco o protagonismo dos participantes do Ponto de Memória nas atividades concernentes à conservação participativa, tanto para o refundamento do projeto de extensão em suas 'práxis' quanto para as ações de conservação realizadas e que serão apresentadas no Capítulo IV.

A partir da clareza sobre o papel social dos museus, entendendo a nova perspectiva da conservação, me dispus a fazer uma análise mais apurada das ações museais desenvolvidas no Ponto de Memória. Este processo tem sido extraordinário, pois a caminhada, ainda em andamento, está se compondo em um 'corpus' consistente, mesmo que em alguns momentos tenha sido pautada por incertezas.

Para melhor entendimento do meu campo de estudo, desenvolvo no Capítulo II intitulado O contexto: uma Cidade dentro da cidade um panorama sobre o surgimento da cidade de Brasília DF, o momento político vivido pelo país com a transposição da capital federal para o Centro-Oeste e as implicações sociais advindas do nascimento do lixão e da comunidade que se instalou gradualmente no seu entorno.

CAPÍTULO II – O contexto: uma cidade dentro da cidade

No presente Capítulo serão apresentadas a localidade onde a pesquisa de campo foi conduzida, iniciando com os antecedentes da transferência da capital, a inauguração de Brasília, capital da República Federativa do Brasil concomitantemente ao início das atividades no lixão do Distrito Federal, e a formação da cidade Estrutural.

No ano de 1877 o historiador e diplomata Francisco Adolfo Varnhagen, visconde de Porto Seguro, discutiu questões relativas à transferência da capital, no trabalho de sua autoria publicado 'A questão da capital: marítima ou no interior?', em que apresenta vários argumentos em favor da transferência da capital brasileira. Segundo Varnhagen (1877, p.22) em outubro de 1821, por meio de uma comissão nomeada pelo governo provisório de São Paulo, da qual fazia parte José Bonifácio, nas instruções aprovadas pelo governo provisório, lê-se no parágrafo 9º do Capítulo 2º que será oportuno a corte se assentar em uma cidade central no interior do Brasil, livre de qualquer "assalto sorpreza externa", devendo desta corte central abrir estradas para as "províncias e portos de mar" com vistas à comunicação e circulação das ordens do governo e "se favoreça por ellas o commercio interno do vasto Imperio (sic) do Brazil". No ano de 1822 foi assim publicado:

> "E' preciso que a côrte se nâo fixe em algum porto marítimo, principalmente se ele for grande, e com boas proporçôes para o commercio... A capital...se deve fixar em um logar sâo, ameno, aprazível e isento de confuso tropel das gentes indistinctamente acumuladas..." (Varnhagen, 1877, p. 22)[112]

Nesse mesmo ano em 1822, Varnhagen relata que um dos deputados da corte publicou na typografia rollandiana, o "*Aditamento* (sic) *ao Projecto de Constituiçâo para fazer-a applicável ao reino do Brazil*", em seu primeiro artigo diz assim: "No centro do Brazil, entre as nascentes dos rios confluentes do Paraguay e Amazonas, fundar-se-ha a capital deste reino, com a denominação *Brasilia*, ou qualquer outra."

Na primeira Constituição republicana, de 1891, no Título Primeiro – Da organização federal, consta a demarcação no planalto central para a construção da futura capital do país:

[112] Varnhagen, F. A. (1877). *A Questão da Capital: Marítima ou no interior?*. Rio de Janeiro, RJ: Oficinas Gráficas do Archivo Nacional; [*S. l.*]: Vienna D'Áustria: Imp. do Filho de Carlos Gerold. 42 p. (Publicação de 21 dez. 1935). Disponível em https://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/35003. Acessado em 24 de fevereiro de 2020.

> "Art. 3º. Fica pertencendo a União, no planalto central da Republica, uma zona de 14.400 kilometros quadrados, que será opportunamente demarcada para nella estabelecer-se a futura Capital Federal.
> Paragrapho unico. Effectuada a mudanca da capital, o actual Districto Federal passará a constituir um Estado". (Brasil, 1891)[113]

Nos anos entre 1892 e 1896 a expedição liderada por Luís Cruls, imigrante belga naturalizado brasileiro, engenheiro militar e astrônomo, demarcou o território no Planalto Central, local onde seria construída a nova capital. (L. L. Oliveira, n.d.).[114] Pode-se, pois observar que a questão da transferência da capital do país vem desde o Brasil Colônia, conforme brevemente apresentado em Varnhagen, a princípio por questões de segurança, posteriormente com vistas ao desenvolvimento do país.[115]

Em campanha eleitoral para a presidência da República no ano de 1955, em seu primeiro comício, realizado em Jataí – GO, Juscelino Kubitschek é questionado por um dos eleitores, se caso eleito mudaria a capital para o interior. Ele assumiu o desafio. Com o 'slogan' '50 anos em 5', Juscelino Kubitschek de Oliveira[116] assumiu o compromisso público de que construiria a nova capital de acordo com a Constituição de 1891. (Companhia de Planejamento do Distrito Federal, 2017).[117] Objetivava criar um Plano de Metas a serem alcançadas em 30 itens para diversos setores da economia, sendo integrada, de última hora, a meta 31, chamada 'meta-síntese', referindo-se à construção de Brasília e à mudança da capital

[113] Brasil. (1891). *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro. Acessado em 13 de julho de 2020 em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ Constituicao91.htm

[114] Lúcia Lippi Oliveira, vide: Oliveira, L. L. (n. d.). *O Brasil de JK: Brasília, a meta-síntese: 50 anos em 5: O Plano de Metas*. In Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporâneas do Brasil [CPDOC] da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ. Acessado em 06 de agosto de 2018 em https://cpdoc.fgv.br/ producao/dossies/JK/artigos /Brasilia/Meta-sintese.

[115] Entre os anos de 1549 e 1763, o Brasil teve três capitais. A primeira capital do Governo Geral de Portugal foi fundada na cidade de Salvador da Bahia de Todos os Santos. A extração de pau-brasil e a produção de açúcar contribuíram para sua localização. Com o fim do ciclo da cana de açúcar, a sede foi transferida para o Rio de Janeiro em 1763, tendo em vista a descoberta de ouro em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso; e, em definitivo, na cidade de Brasília em 1960 pela localização geográfica.

[116] Juscelino Kubitschek de Oliveira nasceu em 12 de setembro de 1902 na cidade de Diamantina, em Minas Gerais. Formado em medicina, atuou como capitão-médico na Revolução de 1932. Foi Deputado Federal pelo Partido Progressista entre 1934 e 1937. Em 1940 foi nomeado prefeito da cidade de Belo Horizonte e em 1945 foi eleito novamente Deputado Federal. No ano de 1951 assumiu o Governo do Estado de Minas Gerais. Após o suicídio do então Presidente do Brasil, Getúlio Vargas, ocorrido em 1954, novas eleições foram realizadas em 1955, sendo lançada a candidatura de Juscelino à Presidência da República. Eleito, tomou posse em 31 de janeiro de 1956.

[117] Companhia de Planejamento do Distrito Federal [Codeplan]. (2017). Atlas do Distrito Federal. Brasília, DF: Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão; Governo do Distrito Federal. Acessado em 06 abril de 2019 em http://www. cod eplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/Atlas-do-Distrito-Federal-2017. pdf

federal para o Centro-Oeste do país. (Silva, sem data).[118] Eleito, ocupou a Presidência da República entre 1956 e 1961; o contexto do país à época indicava alta taxa de analfabetismo.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], no final da década de 1950, na faixa de 15 anos o analfabetismo era de 39,7% [Inep, 2003], nesse contexto é importante mencionar que em 1958 o Rio de Janeiro sediou o 2º Congresso de Educação de Adultos, cujo tema versou sobre os problemas do analfabetismo no Brasil. Na ocasião, Paulo Freire foi um dos relatores representando Pernambuco e apresentou um relatório estatístico da situação do analfabetismo no Estado e sugestões para uma solução. Segundo o relatório, "a comunicação [...] representa a primeira mudança do conceito de analfabetismo e da concepção de alfabetização, assumida posteriormente pelos movimentos de cultura e educação popular do início dos anos 1960, particularmente pelo próprio Paulo Freire". [119]

Vale mencionar que em 1958 a sede da capital do Brasil ainda se localizava no Rio de Janeiro - RJ, ano em que foi realizado, nesta cidade, o já mencionado Seminário Regional da Unesco sobre a Função Educativa dos Museus. Chagas (2009) relata que até o ano de 1958 existiam no Brasil cerca de 145 museus, conforme apontou o livro 'Recursos Educativos dos Museus Brasileiros', de autoria de Guy de Hollanda. Além disso, existia apenas um curso de museologia no país, o Curso de Museus, do Museu Histórico Nacional. Em 21 de abril de 1960 Brasília é inaugurada e o Rio de Janeiro deixa de ser a sede da Capital Federal do Brasil. Nos anos entre 1956 e 1960, o Brasil foi estimulado por uma política econômica baseada no crescimento industrial, impulsionado pela participação do Estado. Recebeu investimentos de multinacionais, cresceu, abriu rodovias, aumentou a produção de aço, alumínio, etc.

Conforme o Presidente da República do Brasil, Juscelino Kubitschek de Oliveira:

> "A fundação de Brasília é um ato político cujo alcance não pode ser ignorado por ninguém. É a marcha para o interior em sua plenitude. É a completa consumação da posse da terra. Vamos erguer no coração do nosso país um poderoso centro de irradiação de vida e progresso". (Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, 1957, p. 5)

[118] Silva, S. B. (n. d.). *O Brasil de JK: Brasília, a meta-síntes: 50 anos em 5: O Plano de Metas*. In Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporâneas do Brasil [CPDOC] da Fundção Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ. Acessado em 06 de agosto de 2018 em https://cpdoc.fgv.br/ producao/dossies/JK/artigos/ Brasilia/Meta-sintese.

[119] 2º. Congresso de Educação de Adultos. Relatório Final do Seminário Regional de Educação de Adultos. (1958), apresentado por Paulo Freire. Acessado em http://forumeja.org.br/files/relato.segun_.congr_.educ_.adultos.pdf. Acesso em 12 de março de 2019.

Brasília foi elevada à categoria de Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco em 7 de dezembro de 1987. (Oliveira, n.d.).[120] Vale destacar que à época a Unesco exigiu a criação de uma lei em âmbito nacional com vistas à proteção do patrimônio histórico e no ano de 1992 Brasília foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [Iphan].

2.1 Brasília: O Contexto de uma Capital Estruturada

O território brasileiro na atualidade é dividido em cinco regiões, a saber: Região Norte, Região Nordeste, Região Centro-Oeste, Região Sudeste e Região Sul.[121] Compõem a Região Centro-Oeste os estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e o Distrito Federal. (Figura 3)



Figura 3 . Mapa do Brasil, em amarelo a Região Centro-Oeste e localização do DF
Fonte: todamateria.com.br/mapa-do-brasil/ Acessado em 07 de janeiro de 2020.

[120] Oliveira, L. L. (n. d.). *O Brasil de JK: Brasília, a meta-síntese: 50 anos em 5: O Plano de Metas*. In Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporâneas do Brasil [CPDOC] da Fundção Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ. Acessado em 06 de agosto de 2018 em https://cpdoc.fgv.br/ producao/dossies/JK/artigos /Brasilia/Meta-sintese.

[121] Desde 1913 o Brasil passou por diversas divisões regionais, com objetivo de adaptar a região de acordo com as características econômicas, sociais, culturais e físicas. A divisão atual data de 1970, posteriormente adaptada em 1990 devido alterações da Constituição de 1988. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é responsável pela divisão regional do Brasil.

O Distrito Federal está localizado geograficamente na Região Centro-Oeste, entre os paralelos 15°30´ e 16°03´de latitude sul e os meridianos 47°25´e 48°12´ de longitude oeste. Com uma área de 5.783 km^2, o que corresponde a 0,06% da área do território nacional, está a uma altitude entre 950 m a 1400 m aproximadamente, faz limite com o município de Cabeceira Grande, no Estado de Minas Gerais, e os municípios do Estado de Goiás: Padre Bernardo, Planaltina e Formosa (ao norte); Cristalina, Cidade Ocidental, Valparaíso, Novo Gama, Santo Antônio do Descoberto e Luziânia (ao sul); Formosa (a leste); Santo Antônio do Descoberto, Águas Lindas de Goiás e Padre Bernardo (a oeste). (Figura 4).

É o menor território autônomo do Brasil, sendo dividido por Regiões Administrativas [RA], uma vez que por determinação constitucional não pode ser dividido por municípios. (Codeplan, 2017)

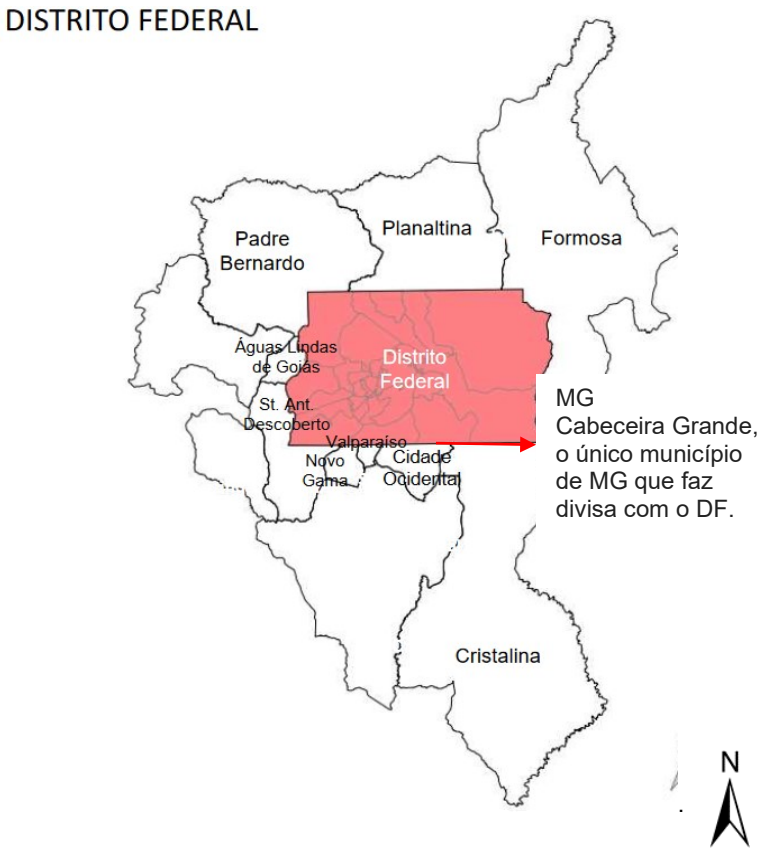


Figura 4 . Esquema do Distrito Federal com os limites de Minas Gerais e Goiás
Fonte: Elaboração Deura/Codeplan, a partir de imagem do Google Maps (2017)

Para a construção de Brasília, foi lançado o Edital de Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil, publicado no Diário Oficial da União de 20 de setembro de 1956.[122] Realizado o concurso em âmbito nacional, com 26 inscritos, após seis meses da apresentação das propostas, sete delas foram selecionadas.[123] O projeto Plano Piloto de Brasília[124] (Figura 5), de autoria de Lúcio Costa foi o escolhido (Cavalcanti, n. d.)[125], Oscar Niemeyer seria o arquiteto responsável pela construção de prédios e monumentos.

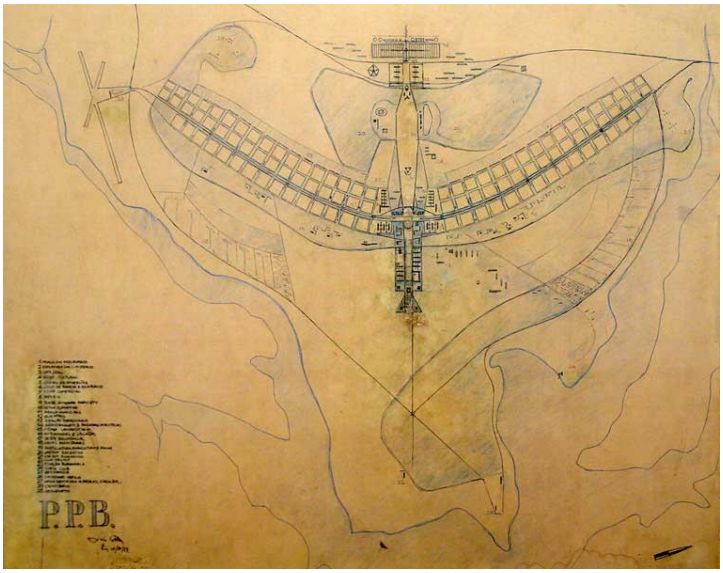


Figura 5 . Projeto selecionado para escolha do Plano Piloto de Brasília.
Nota. Autor Lúcio Costa
Fonte: https://concursosdeprojeto.org/2010/04/21/plano-piloto-de-brasilia-lucio-costa/

Teve início uma mobilização de trabalhadores para o centro-oeste, materiais e recursos foram providenciados, sendo responsável pela coordenação das obras da construção de Brasília a Companhia Urbanizadora da Nova Capital [Novacap], criada em 1956.[126] No ano de 1957 chegaram os primeiros trabalhadores, segundo dados do Memorial da Democracia, inicialmente cerca de 256 migrantes, sendo a procedência do Norte e do

[122] Edital de concurso público aberto pela Comissão de Planejamento da Construção e da Mudança da Capital Federal - Rio de Janeiro, Acessado em 07 de agosto de 2018 em http://doc.brazilia.jor.br/plano-piloto-Brasilia/edital-Concurso-Plano-Piloto.shtml

[123] Participaram da comissão julgadora William Halford, professor de urbanismo de Londres; André Sive, urbanista da França, e o arquiteto e historiador grego Stamo Papadaki. (Novacap, 1957).

[124] As principais vias de Brasília são identificadas por siglas — W1 Norte, W2 Sul, L1 Norte, L2 que separam setores e quadras. Segundo Cavalcanti "Em linguagem pós-moderna, poderíamos dizer que os endereços são 'orientados a objeto' — considerando sua posição cartesiana X, Y — e não ao 'caminho', em cuja margem se encontra". Acessado em 07 de agosto de 2018 em http://doc.brazilia.jor.br/plano-piloto-Brasilia/escolha-Plano-Piloto-Brasilia.shtml.

[125] Cavalcanti, F. R. (n. d.). A escolha do Plano Piloto de Brasília. Acessado em 07 de agosto de 2018 em http://doc.brazilia.jor.br/plano-piloto-Brasilia/escolha-Plano-Piloto-Brasilia.shtml.

[126] A Novacap foi criada pela Lei nº 2.874, mesma que determinou a construção de Brasília.

Nordeste do país. "Eram os primeiros 'candangos', como ficaram conhecidos aqueles trabalhadores pioneiros, que vinham atraídos pela possibilidade de um novo começo e novas oportunidades."[127] Depois deles, um número grande de migrantes chegou em busca de trabalho para a construção da nova capital.

> "Trabalhadores sem emprego e com esperança de melhoria de vida dirigiram-se maciçamente para o grande canteiro de obras de Brasília, confiantes em certa estabilidade de vida e na possibilidade de realizar algum projeto familiar. "Candangos", como foram chamados logo de início, uma denominação própria dos construtores da capital, arranjavam-se nos alojamentos das obras sob estreita vigilância da empresa ou improvisavam moradias em 'barracos de madeira velha, latas, folhas de zinco e sacos de cimento". (Souza, Machado & Jaccoud, 1996, p. 56)

De acordo com Santos e Jesus (2012, p. 1)[128], à época da construção, os trabalhadores ficaram acampados o mais próximo das obras, muitos acabaram trazendo suas famílias se consolidando no local, mesmo sendo acordado com o Governo que "até a inauguração de Brasília, todos os acampamentos seriam derrubados". (Figura 6)[129]



Figura 6 . Migrantes em Brasília, 1959.
Fonte: Arquivo Público do DF
Disponível em http://memorialdademocracia.com.br/publico/image/15921

[127] Construção de Brasília, Os Candangos. Memorial da Democracia. Acessado em 24 de fevereiro de 2020 em http://memorialdademocracia.com.br/card/construcao-de-brasilia/5.

[128] Santos, J. K. C., & Jesus, M. A. T. (2012). Criminalização dos movimentos de luta por direitos na cidade Estrutural na perspectiva de gênero. Brasília, DF: UCB.

[129] Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] o número de migrantes era de 55.737, sendo do Goiás (23,3%), Minas Gerais (20,3%) e Bahia (13,5%). Acessado em http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2010-04-21/censo-populacional-de-1959-revela-quem-eram-os-candangos-que-construiram-brasilia em 06 de setembro de 2020.

Stumpf e Santos (1996) explicam que a capital foi planejada em área estatal com vistas a abrigar cerca de 600.000 habitantes, funcionários públicos que atuariam na cidade administrativa, não prevendo bairros para o corpo técnico de funcionários.

> "A estes foram designadas as quadras do centro de Brasília e os funcionários do corpo técnico foram estimulados a ocupar o que se passava a denominar Cidades-Satélites (Paviani, 2007) e, mais recentemente, Regiões Administrativas. Portanto, Brasília cresceu em paralelo a cidades dormitórios, com pouca estrutura administrativa, social, cultural". (Santos e Jesus, 2012, p. 1)[130]

Durante o período da ditadura militar, entre 1964 e 1985, o Plano Piloto foi considerado área de segurança nacional, desta forma a ideia de abrir para migração foi descartada e não houve alternativa para as populações do Centro-oeste, Norte e Nordeste que tinham expectativas de uma nova vida de oportunidades em Brasília. A transformação da cidade em "único polo de atração da região" desencadeou o surgimento de favelas; além disso, segundo os autores, a falta de planejamento regional estimulou a criação de assentamentos populares e a criação de "grandes cidades dormitórios"; e para evitar reinvindicações foram dotadas com infraestrutura. (Stumpf e Santos, 1996, p. 50)

Com a redemocratização do país em 1985, outras situações comprometeram o planejamento urbano do entorno de Brasília, o cenário político local foi dominado por "um esquema clientelista, importado das regiões mais atrasadas de Goiás", que com fins eleitorais patrocinou a distribuição de lotes aos migrantes, desencadeando a desordem urbana e grande impacto ao meio ambiente. (Stumpf e Santos, 1996, p. 51)

Conforme o Plano Diretor de Ordenamento Territorial [Pdot], por meio da Lei Complementar nº 854, de 15 de outubro de 2012, o macrozoneamento territorial do Distrito Federal está subdividido em trinta e uma RA, sendo o Plano Piloto a Região Administrativa 1 [RA I].[131] (Governo do Distrito Federal, 2012)

A crônica que segue, 'A capital', de autoria de Markão Aborígene, foi publicada no livro 'Sem rosto Família ou nome'. (Apêndice I)

[130] Judith Karine Cavalcanti Santos e Maria Abadia Teixeira de Jesus.

[131] Governo do Distrito Federal [GDF]. (2012). Diário Oficial do Distrito Federal, ano XLII, suplemento ao n. 211, publicado em 11 de setembro de 2012. 49 p. Acessado em 15 de julho de 2020 em http://www.seduh.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2017/09/lc_854_15102012.pdf.

“A Capital

Políticos, médicos, arquitetos,
burgueses, engenheiros,
Confortavelmente conhecidos como pioneiros.
Nós?
Pedreiros, serventes, pau de arara, mãos calejando.
Expulsos do centro,
discriminadamente chamados e candangos.
A eles há o verde, arborização, local para esporte, diversão.
O nosso verde, há muito tempo utilizado por eles,
como lixão
Possuem praças, jardins.
Irrigados com a mesma água
que falta por aqui.
Três meninas tombam!
Noroeste ergue-se, Cerrado ao chão, condomínio prevalece.
Destinação de equipamento público,
por lei modificada para construção de Shopping
na área pelo parlamentar comprada.
Fauna e flora extintas,
menos os animais selvagens da nova câmara legislativa
Lá na capital, eles têm o lago Paranoá
para elevar a umidade do ar, facilitando a respiração.
Lá na Estrutural, nós temos um lago de chorume
que sempre que chove,
transborda e invade a casa da população.
Quão bom é possuir plano de saúde, convênio,
para que nossas crianças não nasçam em corredores
ou morram nos banheiros.
É a falta de leito e higiene misturados a placenta.
A capital grita de dor, pede socorro, mas não aguenta.
Aqui o natal não tem chester, ceia, e sim um misto de tristeza e fome.
E lá na capital governador distribui panetones.
Uma Brasília ora pedindo ajuda, proteção.
Uma outra ora agradecendo o cifrão, o enriquecimento, a corrupção.
Brasília é uma festa, mas poucos comemoram, poucos sorriem
A capital é um filme, no cinema alguns assistem, enquanto tantos vivem:
De um lado final feliz, de outro trágico.
Eles têm pontos turísticos e aqui pontos de tráfico.
Comum entre as Brasílias,
porém eles possuem dinheiro pra pagar
a clínica de recuperação aos seus dependentes
e pra gente não há clínica de recuperação pra crianças viciadas, somente:
rua, redução da maioridade penal, prisão: correntes
E esta gente não recebeu convites para a festa!
Há 52 anos catam guardanapos sujos de batom do champanhe,
restou apenas a garrafa.
Enfileirados numa bilheteria...
Não do Centro de Convenções, mas da Rodoviária”.

Aborígene (2013, p.21)

Conforme Almir Gomes da Silva, na Roda de Memória realizada no dia 16 de julho de 2019[132], o poema em tela apresenta uma crítica sobre a desigualdade social, que segundo o poeta fez pensar na dicotomia entre a construção planejada da arquitetura de Oscar Niemeyer e de Lúcio Costa e "uma divisão de classe entre quem idealizou suas formas e quem de fato o tornou uma realidade".

Além desta observação, nota-se um olhar crítico de Aborígene sobre a invisibilidade daqueles que construíram a capital do país. Ainda segundo Almir Gomes da Silva, "está explícito no poema a qualidade de vida dessas duas divisões sociais, quando menciona que para esses médicos, engenheiros e políticos é dado espaços arborizados, espaços de lazer, ao outro lado, resta o lixão". O poema também faz menção à corrupção, como a Operação Caixa de Pandora, de 2010, da Polícia Federal, que descobriu esquemas "de caixa dois e pagamentos de propinas a políticos de Brasília" e às vésperas do Natal o dinheiro destinado à compra de panetones pelo então governador de Brasília, José Roberto Arruda[133].

Em contraste à nova capital, e além dos problemas enfrentados pelos migrantes após a construção de Brasília, na década de 1960 iniciam-se as atividades dos primeiros catadores de reciclados próximo à Capital Federal. Conforme Greentec Tecnologia Ambiental (2012, p. 136), "a ocupação com moradias na região iniciou ainda na década de 1960, pouco depois de dado início as funções do Lixão da Estrutural, onde uma pequena população de catadores de lixo se fixou em habitações precárias".

E quanto a cidade Estrutural? Houve um começo e esta história inicia concomitantemente à construção de Brasília, Capital da República Federativa do Brasil.

2.2 Do Lixo ao Lixão. E assim nasceu a cidade Estrutural do DF

O início da formação da cidade Estrutural do DF, conhecida como 'Invasão da Estrutural', ocorreu na década de 1960, após 30 famílias se abrigarem próximo ao lixão[134] do Distrito Federal, em busca de um meio de sobrevivência (Ponto de Memória da Estrutural,

[132] Roda de Memória em 16 de julho de 2019. Participaram Deuzani Noleto, Almir Gomes da Silva, Maria Abadia Teixeira de Jesus, Selenita Roda, Bianca Teixeira e Silmara Küster.

[133] Congresso em foco. Documentos mostram que esquema do panetone começou no governo Roriz. Acessado em 20 de dezembro de 2020 em https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/documentos-mostram-que-esquema-do-panetone-comecou-no-governo-roriz/.

[134] Após ser desativado em 2012 o lixão de Jardim Gramacho, no Rio de Janeiro, o lixão da Estrutural foi "considerado o maior lixão a céu aberto da América Latina". Desativado em janeiro de 2018, desencadeou outros problemas para as pessoas que até então sobreviviam da coleta seletiva. Acessado em https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-01/maior-lixao-da-america-latina-encerrara-atividades-neste-sabado em 27 de agosto de 2020.

2011). Teve início com as atividades dos catadores que foram trabalhar e viver no seu entorno. [135]

Segundo Maria Abadia Teixeira de Jesus, há relatos que

> "O lixo descartado de Brasília era tão rico que muitos catadores da época, chamados mascates, o catavam e iam vender nas cidades próximas, no interior de Minas Gerais e Goiás. O lixo era riquíssimo, tinha utensílios domésticos dispensados pelos restaurantes dos ministérios; os supermercados traziam mercadorias prestes a vencer, ou vencidas, ou com algum dano na embalagem entregavam em mãos para as pessoas; além de roupa de cama, móveis e restos de material de construção." (Jesus, 2017)[136]

Com a expansão do número de pessoas se estabelecendo ao redor do lixão da invasão, constituiu-se a primeira vila, conhecida por Vila Velha, formada pelas primeiras famílias. Segundo Terezinha Sant'ana de Oliveira Costa (2011), a Vila Velha era formada pelas quadras próximas ao lixão com 528 moradores e moradoras, residentes há mais de 20 anos na Estrutural. Em entrevista concedida a Corrêa em 2001, citado em Costa (2011), Cristovam Buarque confirma este número no ano de 1986 e que estes poderiam ser assentados no local sem impacto ambiental. No entanto, a população foi aumentando tendo em vista a expectativa de lote e moradia na Vila. Com a migração de mais pessoas em busca de novos sonhos, outra invasão ocorreu formando a Vila Nova.[137] Esta, um pouco mais distante do lixão, em área mais alta, onde atualmente está localizada a Cidade do Automóvel no Setor Complementar de Indústria e Abastecimento [SCIA]. Vale lembrar que quando o SCIA foi

[135] 'Invasão' quando se possui casa própria ou tem condições de manter um aluguel e invade a terra pública. Já a 'ocupação' ocorre quando a pessoa não tem lugar para morar, nem para se alimentar, reconhece que a terra é pública e sem alternativa faz a ocupação. Caso resista no local, a única possibilidade de ser proprietária desta terra é através do usucapião. O que ocorreu na cidade Estrutural após a ocupação dos catadores por 20 anos, foi a invasão estimulada por fatores políticos e especulação imobiliária. Várias pessoas que chegaram na cidade Estrutural depois dos catadores invadiram as terras públicas, pois já tinham lotes e casas construídas em outros locais. Pessoas ou grupos com interesses individuais sobrevivem nestes locais, graças à legitimidade da maioria que realmente precisa. Uma prática observada na cidade Estrutural é que há alguns políticos que têm lotes em vários locais no DF, fomentam uma luta por terra e moradia, instigam pessoas que realmente precisam e se beneficiam da luta

[136] Jesus, M. A. T (2017). *Entrevista.* Concedida à autora desta investigação em 29 de abril de 2017. Brasília, DF. (Apêndice II).

[137] Foi considerada Vila Velha a área ocupada pelos catadores próximos ao lixão. A localização da Vila Nova era fora da poligonal da Estrutural.

criado, no ano de 1989[138], já havia uma proposta do governo da época em implantar neste local a Cidade do Automóvel, a fim de transferir as concessionárias de automóveis existentes na W3 do Plano Piloto. (Santos, C.S., 2014)

No ano de 1996, foi fundada a Associação dos Moradores da Estrutural [Asmoes] tendo como seus dirigentes João Joaquim Batista e Marlene Mendes. Esta associação e representantes do deputado distrital José Edmar[139] e um representante do Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal [IDHAB] assinaram um Termo de Acordo com o Governo do Distrito Federal, que garantia a permanência dos moradores da Vila Velha nos respectivos lotes. (Costa, 2011). Entre os anos de 1996 e 1997, com a referida liminar o governador foi obrigado a manter a Vila Velha com os 528 catadores. Como já havia sido criada a Cidade do Automóvel no SCIA desde 1989, Cristovam Buarque em seu governo (1995-1999) retomou esta questão e autorizou a transferência das famílias que ocupavam aquela área (a Vila Nova) para a Baixa Estrutural (Vila Velha) formando uma "Vila só, a Vila Estrutural". (Santos, C.S., 2014, p. 29)

Para garantir o Termo de Acordo firmado entre as partes e com vistas a evitar novas invasões, Cristovam Buarque trouxe algumas estruturas institucionais como o Comando da Polícia que controlava a entrada e saída das pessoas. Em entrevista concedida ao Ponto de Memória da Estrutural em 2012, Adoaldo Dias (Duda) assim relata:

> "[...] o governo viu que ele não ia dar jeito na questão, começou a fazer...a sitiar a cidade, fez valas de dois, três metros de fundura com dois de largura para as pessoas não terem acesso e ainda cercou com arame. [...] as valas impediam as pessoas de acessarem a ocupação [...] porque não queriam que nós trouxéssemos alimentos". (Dias, 2012)[140]

Dias (2012) ainda descreve que naquela ocasião ele, sua esposa e filhos ocupavam um barraco na Vila Nova e foram removidos para a Vila Velha. À época da remoção, a dirigente da Asmoes, mesmo sem fazer parte do governo, era quem dava o direito ao lote comercial e residencial na cidade Estrutural.

---

[138] O SCIA foi oficialmente criado no ano de 2004 por meio da Lei n°. 3315 e transformado em Região Administrativa XXV, sendo a Vila Estrutural a sua sede urbana.

[139] José Edmar de Castro Cordeiro, conhecido como Zé Edmar, foi Deputado Distrital do DF pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro [PMDB], fez oposição ao governo de Cristovam Buarque, do Partido dos Trabalhadores [PT] e apoiou Joaquim Roriz PMDB para a permanência da invasão.

[140] Dias, A. (2012). *Entrevista*. Concedida à autora desta investigação em 10 de fevereiro de 2012. Estrutural, DF, Chácara Recanto Macaúbas Adonaira.

O relato de Luiz Carlos Rocha, natural do Piauí, refere-se ao incentivo do deputado distrital José Edmar para as invasões no ano de 1998:

> "Fiquei sabendo da invasão através do deputado José Edmar. Eu andava ali pela Ceilândia e eu ouvia falar demais em José Edmar no rádio e na televisão, ele era deputado na época ele foi o grande incentivador para a invasão. Ele lançou uns panfletos convidando pra toda comunidade de Brasília que não tivesse lugar de morar, que viesse entrar na Estrutural. Foi assim que eu conheci. Cheguei aqui eu não tinha nenhum conhecido". (Terezinha Sant'ana de Oliveira Costa[141]: "que ano que foi isso?) Foi em 1998." (Ponto de Memória da Estrutural, 2011)

Mesmo com o policiamento no local, o acordo por parte da Asmoes não foi cumprido e as liminares do acordo foram derrubadas. Em consequência, os moradores e moradoras da Vila Velha estavam na iminência de serem removidos.

À época, os moradores se reuniam diariamente em oposição ao governo. Isto desencadeou forte enfrentamento com a polícia, que resultou na morte de um policial, deflagrando uma grande operação conhecida como 'Operação Tornado'. Conforme consultoria realizada pela Greentec Tecnologia Ambiental e contratada pela Agência Reguladora de Águas, Energia e Saneamento Básico do Distrito Federal [Adasa], a Operação Tornado teve como objetivo a defesa de propriedade do Governo do Distrito Federal [GDF] com vistas a preservar o meio ambiente, no entanto "foram empregadas inúmeras tentativas, algumas impopulares, como a derrubada de barracos, a proibição da entrada de materiais de construção, gás de cozinha e alimentos para abastecimento dos supermercados, no entanto, a invasão e a resistência cresciam diariamente". (Greentec -Tecnologia Ambiental, 2012)[142]

E por que Operação Tornado? Segundo relatos disponíveis no Ponto de Memória, a polícia dava voos rasantes com os helicópteros, o vento levantava a lona dos barracos, tudo que estava dentro do barraco ficava visível, as pessoas passavam de um barraco para outro. O ponto crítico desta operação ocorreu no dia 06 de agosto de 1998, com a ação da polícia nos

[141] Participante do Ponto de Memória da Estrutural, na época era graduanda de Pedagogia pela UnB e realizava pesquisa de conclusão de curso.

[142] Greentec Tecnologia Ambiental. (2012). *Plano de Manejo ARIE da Vila Estrutural*. Brasília, DF: Autor. Acessado em 04 de setembro de 2019 em http://www.ibram.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Plano_de_Manejo_ ARIE_Estrutural.pdf

barracos provocando a morte de três residentes e ferindo outros. Conforme entrevista com Ismael Caetano, este número pode ter sido maior. (Ponto de Memória da Estrutural, 2011)

Na cidade Estrutural há recorrência de invasões até os dias de hoje, estimuladas pela especulação imobiliária oriunda da venda dos lotes já adquiridos por alguns moradores, estimulando novas invasões. Cabe destacar que as disputas políticas partidárias permanecem contribuindo para a desorganização espacial desencadeada pela ocupação irregular promovida pela barganha da troca de voto por garantia de terra em todo o Distrito Federal. Vale lembrar que em janeiro de 2019 uma invasão provocada por grileiros de terras ocorreu devido à transição política do Distrito Federal, segundo Sant'Anna (2019).

> "[...] Em pleno domingo, uma nova invasão surgiu na área chamada Santa Luzia. Pelo menos 300 famílias estariam levantando barracos e demarcando lotes. Informações preliminares apontam que no comando dessa ação estaria um candidato a deputado distrital, que não teve êxito nas eleições passadas. A invasão já ameaça o Parque Nacional de Brasília, [...] rapidamente, a paisagem perde a vegetação original do cerrado e dá espaço ao descampado que vai sendo entrecortado pelos ocupantes".[143] (Sant'ana, 2019)

Lotes vendidos, terras reocupadas e a saga das invasões continuam no DF. Vila Velha, formada pelos primeiros catadores próximos ao lixão, e a Vila Nova, com residentes às margens da via Estrutural, compõem o território.

Assim nasceu a cidade Estrutural do DF.

2.2.1 Da vila à cidade

No ano de 2004 o SCIA foi transformado em Região Administrativa XXV por meio da Lei nº 3.315, e a cidade Estrutural do DF, em sua sede urbana. A cidade Estrutural do DF, RA XXV, está situada às margens da Via Estrutural, DF 095 a 16 quilômetros do Plano Piloto, e faz limite ao norte com o Plano Piloto (RA I), ao sul com a Administração Regional de Vicente Pires (RA XXX), a leste com o Setor Complementar de Indústria e Abastecimento

[143]Sant'Anna, Chico. (2019). *Grileiros atacam novamente na Estrutural: Neste domingo (13/1). Gama Livre. Brasília, DF.* Acessado em 30 de novembro de 2019 em https://www.gamalivre.com.br/2019/01/grileiros-atacam-novamente-na.html.

SCIA (RA XXV) e ao Oeste com a Administração Regional de Taguatinga (RA III). Inicialmente era ligada à Região Administrativa do Guará-DF (RA X).

A Figura 7 apresenta a localização da SCIA/Estrutural, RA XXV.

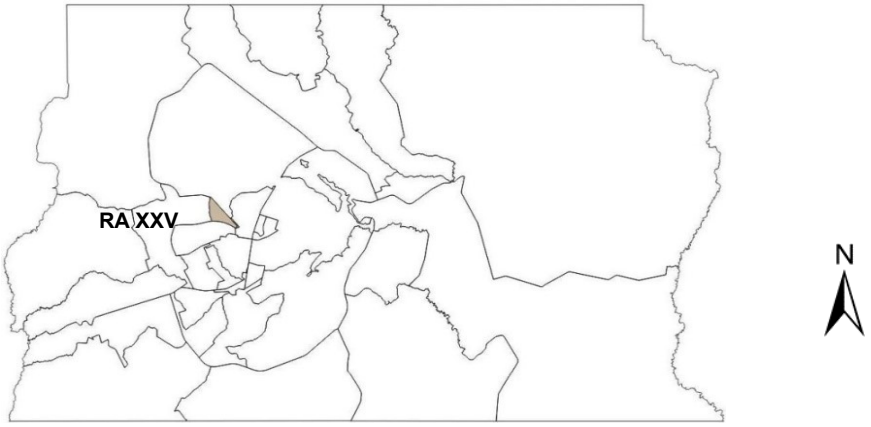


Figura 7 . Localização da RA XXV: SCIA/Estrutural no Distrito Federal
Fonte: Elaboração Deura/Codeplan, a partir de imagem do Google Maps (2012) e adaptada para a presente pesquisa.[144]

Conforme a Codeplan (2019, p. 9), "a abertura da DF-095 – Estrada Parque Ceilândia EPCL (Estrutural), no início da década de 1970, para interligar a Estrada Parque Indústria e Abastecimento – EPIA à Taguatinga e Ceilândia e à BR-070, favoreceu a ocupação da área".[145] Área periférica da capital do Brasil, a cidade Estrutural possui condições inapropriadas de saneamento básico, educação, saúde, segurança, cultura e infraestrutura. Carrega o estigma do preconceito e violência, lixo e pobreza. Conforme relato de Luiz Carlos Rocha, morador da Estrutural:

> "A gente era muito discriminado, tinha até medo de procurar emprego fora da cidade Estrutural, a gente fazia ficha, tudo direitinho, mas na entrevista era reprovado quando eles descobriam o endereço do cidadão, aí infelizmente eles inventavam alguma coisa, diziam que aquela vaga havia sido completada, de qualquer maneira jogava a pessoa pra escanteio e não davam emprego pra pessoa em razão de morar na Estrutural, na invasão. A gente era muito discriminado, um sofrimento. Nós éramos considerados bandidos. A gente não era

[144] Companhia de Planejamento do Distrito Federal [Codeplan], & Diretoria de Estudos Urbanos e Ambientais (Deura) (2012). *Localização da RA XXV: SCIA/Estrutural no Distrito Federal*. (Imagem adaptada para a presente pesquisa). 33 p. Acessado em 15 de julho de 2020 em http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Estudo-Urbano-Ambiental-SCIA-Estrutural.pdf

[145] Companhia de Planejamento do Distrito Federal [Codeplan]. (2019). *PDAD: Veja os dados da UPT Central Adjacente 2.* Brasília, DF. Acessado em 15 de julho de 2020 em http://www.codeplan.df.gov.br/pdad-veja-os-dados-das-ras-da-upt-central-adjacente-2/.

> visto pela sociedade, a gente era descartável. Hoje muita coisa mudou." (Ponto de Memória da Estrutural, 2011)

Essa e outras memórias relatadas e que se entrelaçam foram expostas no Ponto de Memória da Estrutural, e será detalhado no Capítulo IV. Apesar da discriminação, desde o início da cidade Estrutural muitas conquistas foram alcançadas, resultado de muita luta e resistência da comunidade local.

Conforme a (Codeplan, Seplag e GDF, 2015) a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios [Pdad] demonstrou que a estimativa da população urbana da cidade em 2015 era de 39.015 habitantes. Dentre os tópicos abordados — trabalho, segurança, escolaridade e saúde —, no que se refere à escolaridade a pesquisa concluiu que 45,21% da população não finalizou o ensino fundamental, 16,60% têm o ensino médio completo, e apenas 1,53% dos habitantes cursou o ensino superior.

No ano de 2017 foi realizado pela Polícia Civil do Distrito Federal um mapeamento do grau de periculosidade, e foi constatada a ocorrência de disputa de território entre gangues criminosas, responsáveis por homicídios, roubo e tráfico de drogas na cidade.

2.2.2 Áreas de Relevante Interesse Ecológico –ARIE

Em 29 de junho de 2007 foram criadas na Região Administrativa do Setor Complementar de Indústria e Abastecimento [SCIA - RA-XXV] as Áreas de Relevante Interesse Ecológico [ARIE]: a ARIE do Córrego Cabeceira do Valo e a ARIE da Vila Estrutural, conforme o Decreto nº 28.081, da mesma data.

> "A criação desta ARIE foi fruto de estudos detalhados, que resultaram em uma proposta de reordenamento espacial da chamada Vila Estrutural, primeiro a partir do EIA/RIMA e depois dentro dos estudos para o PIVE, diretamente ligada ao Programa Brasília Sustentável."[146]

A gestão da referida ARIE é do Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos do Distrito Federal – Brasília Ambiental [Ibram]. Conforme o Plano de Manejo de 2012, o

[146] Pive - Projeto Integrado da Vila Estrutural. Acessado em 03 de novembro de 2019 em http://www.ibram.df.gov.br/wp-content/uploads/2019/05/Plano_de_Manejo_ARIE_Estrutural-2.pdf

objetivo da criação destas áreas e do Parque Urbano da Vila Estrutural foi mitigar os impactos ambientais ambientais ao Parque Nacional de Brasília.[147] (Figura 8)



Figura 8 . ARIE Vila Estrutural
Fonte: Brasília Ambiental, Imagem de 2008, disponível em http://www.ibram.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Plano_de_Manejo_ARIE_Estrutural.pdf, página 22. Acessado em 22 de setembro de 2019.

No entanto, segundo o Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos do Distrito Federal – Brasília Ambiental[148], a ARIE da Vila Estrutural "está ocupada por invasões em praticamente toda a sua extensão, mas existem alguns remanescentes de Cerrado 'stricto sensu' na área adjacente à Unidade."[149](Ibram, 2018). Consta no Plano de Manejo de 2012 que "o quantitativo de barracos em condições absolutamente precárias impressiona, seja no aspecto construtivo, seja pela total ausência de infraestrutura e saneamento". (Greentec Tecnologia Ambiental, 2012, p. 159).[150] Na Figura 9 a área em azul corresponde à ocupação irregular Chácara Santa Luzia, imagem de 2011.

[147] Conforme o Sistema Nacional de Unidades de Conservação [SNUC], Lei nº 9.985/2000, o Plano de Manejo diz respeito a um documento técnico elaborado a partir da pesquisa local com foco nos objetivos de uma Unidade de Conservação [UC], estabelecendo "o seu zoneamento e as normas que devem presidir o uso da área e o manejo dos recursos naturais, inclusive a implantação das estruturas físicas necessárias à gestão da Unidade". Acessado em 03 de novembro de 2019 em http://www.ibram.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Plano_de_Manejo_ARIE_Estrutural.pdf

[148] Ibram - Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos do Distrito Federal – Brasília Ambiental.

[149] Instituto Brasileiro de Musueus [Ibram]. (2018). *ARIE da Vila Estrutural*. Brasília, DF: Autor. Acessado em 31 de agosto de 2019 em http://www.ibram.df.gov.br/arie-da-vila-estrutural/.

[150] Greentec Tecnologia Ambiental. (2012). *Plano de Manejo ARIE da Vila Estrutural. Brasília, DF*: Autor. Acessado em 04 de setembro de 2019 em http://www.ibram.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/ Plano_de_Manejo_ ARIE_Estrutural.pdf.



Figura 9 . Área em azul corresponde à ocupação irregular Chácara Santa Luzia
Fonte: Brasília Ambiental, Imagem de 2011. Disponível em: http://www.ibram.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Plano_de_Manejo_ARIE_Estrutural.pdf. p. 156. Acessado em: 03 de novembro de 2019.

O Plano de Manejo de 2012 apresentado pelo Greentec Tecnologia Ambiental assinalou que as ocupações irregulares, seja por habitações ou pelas oficinas na ARIE da Vila Estrutural, comprometerão o local, cuja função é a proteção do Parque Nacional de Brasília na faixa de 300 metros da área urbana da Vila Estrutural. Além de outras críticas apontadas, é drástica a situação da área ambiental ocupada pela Associação Sonho de Liberdade,

> "[...] a ARIE da Vila Estrutural apresenta um quadro de ocupação humana absolutamente incompatível com o previsto legalmente para uma ARIE, o que, ambientalmente constitui uma problemática grave no que diz respeito à proteção e conservação de Cerrado contida no PNB. Socialmente, o espaço apresenta situação instalada grave no que diz respeito às condições de vida para a população residente, sendo estas aviltantes. A total ausência de salubridade oferece risco a todos que ali vivem e podem ser extensivas à população geral do SCIA – Cidade Estrutural, dadas às possibilidades de transmissão de doenças". (Greentec Tecnologia Ambiental, 2012, p. 164-165)

Em vermelho na Figura 10 temos indicado a Área de Interesse Ecológico (ARIE) da Vila Estrutural no ano de 2019.



Figura 10 . Em vermelho Área de Interesse Ecológico
Fonte: 'Google Earth Pro', imagem 5 de maio de 2019.

Além das condições já descritas, observa-se na vista aérea da Cidade Estrutural uma malha urbana com insuficiente referência de área natural. Cabe destacar que a área verde recomendada pela Organização Mundial de Saúde [OMS] é de 12 m^2 por habitante. Infelizmente a realidade que se apresenta não condiz com o recomendado, totalmente contrária à situação ambiental da Capital Federal, uma cidade cujo território situa-se próximo do poder e ao lado do lixão. Literalmente às margens, não somente da via Estrutural, mas de um olhar público e sensível, distante da biofilia e da preservação da vida.

Retomando Kellert (1993c), o autor enfatiza que há variáveis quanto à escolha do local de moradia, a saber: a preferência natural 'versus' a urbana; e a resposta estética às cenas urbanas que contêm natureza[151]; a questão central da biofilia pode ser revisitada a partir da experiência estética da natureza. Segundo Kellert,

> "A resposta estética poderia refletir um reconhecimento intuitivo humano ou alcançar o ideal na natureza: sua harmonia, simetria e ordem como modelo de experiência e comportamento humanos. O valor adaptativo da experiência estética da natureza poderia ser ainda associado a sentimentos derivados de tranquilidade, paz de espírito e um sentido relacionado de bem-estar psicológico e autoconfiança." (Kellert, 1993c, p. 50)

[151] Conforme já citado em Roger S. Ulrich (1993).

Evidentemente, do ponto de vista de Kellert (1993c) esta categoria estética está distante da realidade dos habitantes da cidade Estrutural, considerando as características já descritas da cidade e o contexto em que foi formada.

Com vistas ao compartilhamento de ideias, ainda em processo na escrita da tese, sobre biofilia e os problemas ambientais da cidade Estrutural e as ações do Ponto de Memória, propus aos gestores do Mece retomar as reuniões do Círculo de Cultura. A ideia foi acatada e no dia 22 de abril de 2017 conduzi um Seminário direcionado a esta investigação. Na ocasião participaram Maria Abadia Teixeira de Jesus, Sandra Lobo, Luiz Delgado, Nilza Oliveira, Almir Gomes da Silva, Wanderlina Ribeiro de Abreu, Candace Costa Cunha, Sandrielli Gomes e Alessandra da Silva de Souza. (Figura 11)

No Seminário lancei como tema questões relacionadas ao meio ambiente e a relação com a violência. A participante Sandra Lobo expôs sobre a carta encíclica de autoria do Papa Francisco intitulada “Laudato Si”, que significa “Louvado Sejas”. Cuidar da nossa casa comum, uma vez que tudo está conectado. Nós, seres humanos, não estamos dissociados da natureza e fazemos parte da totalidade; e, ao destruirmos a natureza, estamos destruindo a nós mesmos. Mesmo pelo viés da religião católica os participantes recepcionaram bem a ideia de cuidar do meio ambiente. Outro assunto discutido foi a relação do lixão com a preservação do meio ambiente. No seminário, Alessandra da Silva de Souza apresentou o seu artesanato com o reaproveitamento de sacos de café descartáveis e os participantes relataram algumas experiências vivenciadas na cidade. (Apêndice V)



Figura 11 . 1º Seminário no âmbito desta tese no Círculo de Cultura, 22 de abril de 2017
Nota. Identificadas na imagem. Da esquerda para a direita: Sandra Lobo, Luiz Delgado, Maria Abadia , Candace Costa Cunha, Nilza Oliveira, Sandrielli Gomes e Alessandra da Silva de Souza.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF (2017).

Daquela conversa no Círculo de Cultura, várias questões foram levantadas e dentre elas: como ficarão as tendências biofílicas no futuro de uma comunidade como a da cidade Estrutural do DF, local onde não há referência da natureza e do natural, e com alto índice de vulnerabilidade social? Tal como nas palavras da líder comunitária Maria Abadia : "será que a nossa herança é o lixão"?

Diante das questões levantadas, ressalto ainda outro agravante a se distanciar da biofilia: a proximidade do lixão com o Parque Nacional de Brasília. O local onde está situado o lixão não recebeu nenhum tratamento dos resíduos ali depositados, além de não haver impermeabilização adequada do solo, o chorume, que é um líquido proveniente da decomposição da matéria orgânica, tem contaminado o solo e os lençóis freáticos, podendo comprometer a saúde dos habitantes.[152]

Martinho (2018) cita que a pesquisa do doutorando de Márcio Maciel Cavalcanti comprovou a contaminação por chorume no Parque Nacional:

> "[...] até mesmo as árvores próximas ao aterro apresentam metais pesados na folhagem. 'Essas plantas geram flores e frutos que podem, futuramente, trazer problemas para os animais'. [...] 'Identificamos que o chorume chega ao córrego e, em períodos de grande concentração de chuva, pode haver contaminação da água devido à presença de metais pesados e de carga orgânica.'
> A primeira análise oficial da água do Córrego do Acampamento, realizada em dezembro de 2013, apontou a existência de nitrito, nitrato e amônia — compostos que indicam presença de chorume." (Martinho, 2018) [153]

Kellert explica que vários fatores, como o esgotamento de recursos naturais, a degradação da atmosfera, a perda da diversidade biológica e outros fatores são vistos "como sintomática de uma ruptura fundamental da relação emocional espiritual humana com o mundo natural". (Kellert, 1993a, p. 20-26)

O tema sobre a violência também foi trabalhado, uma vez que é comumente vivido pelas pessoas na cidade Estrutural; e, infelizmente, presenciado pelas crianças. Nesse dia,

[152] Chorume - "é um líquido malcheiroso, de coloração escura ou negra, que apresenta uma elevada demanda química de oxigênio (DQO), altamente contaminante e que demanda cuidados em sua destinação", vide Martinho, R. (2018). *Ameaça do chorume nos aterros e lixões*. Acessado em 23 de janeiro de 2020 em https://www.sharewater.com.br/pt/a-ameaca-do-chorume-nos-lixoes-e-aterros-sanitarios/ .

[153] Martinho, R. (2018). *Ameaça do chorume nos aterros e lixões*. Acessado em 23 de janeiro de 2020 em https://www.sharewater.com.br/pt/a-ameaca-do-chorume-nos-lixoes-e-aterros-sanitarios/.

Maria Abadia Teixeira de Jesus relatou o diálogo que teve com a professora Wanderlina Ribeiro de Abreu (participante do Ponto de Memória) sobre um aluno do ensino fundamental da cidade Estrutural:

> "Aluno: Tia, eu estou com muita vontade de completar dezoito anos.
> Professora: Por quê?
> Aluno: Pra mim ser preso lá na Papuda[154], porque eu quero comer bem na Papuda".
> "[...] Maria Abadia : daí nós (Maria Abadia e Wanderlina) fomos avaliar a família do menino, o pai e os tios estão presos na Papuda e relatam aos familiares que são bem tratados na penitenciária." (Jesus. Círculo de Cultura, 22 de abril de 2017)[155]

Nilza Oliveira, presente no Círculo de Cultura, chamou a atenção para a urgência em trabalhar o tema da violência com as mães, seja por meio de uma palestra ou de uma conversa em dias alternativos. Maria Abadia complementa que "é sabido que as mães têm um papel estratégico na educação, mas não é somente a mãe, é a família, e nós também, é preciso que todos se empenhem em fazer alguma coisa pelo social".

Vale ressaltar o aspecto afetivo apresentado por Fromm (1965) que esclarece que o contato das crianças com pessoas que amam a vida é fundamental para que a biofilia seja desenvolvida, pois o amor à vida é contagioso, se comunica sem palavras ou explicações. O autor apresenta as condições necessárias para o desenvolvimento da biofilia, a saber: o afeto na infância; a cordialidade; a liberdade, sem ameaças; a aprendizagem pelo exemplo e não por sermões etc. Em condições de precariedade, tanto ambientais quanto sociais, o amor não se desenvolverá e poderá estimular a agressão e a destrutividade. Para que o amor à vida seja estimulado é necessário:

> "Segurança, no sentido das condições materiais básicas para uma vida digna não estarem ameaçadas; justiça, no sentido de ninguém poder ser um fim para os objetivos de outrem; e liberdade, no sentido de cada homem ter a possibilidade de ser um membro ativo e responsável da sociedade." (Fromm, 1965, p. 57)

[154] Complexo Penitenciário da Papuda, localizado no DF.
[155] Relato de Maria Abadia de Jesus no I Seminário Círculo de Cultura, ocorrido em 22 de abril de 2017 no Ponto de Memória da Estrutural.

Segurança, justiça e liberdade, tão perto que em um átimo se pode alcançar, mas muito distante da realidade dos que vivem à margem do poder público nas periferias urbanas deste imenso país.

Ao refletir sobre o diálogo da criança com a professora, relatado por Maria Abadia , é inimaginável que uma criança possa preferir a prisão na Papuda à sua liberdade. A fome dói e tem pressa. Então eu me pergunto: onde está a justiça do nosso país para garantir a sobrevivência em liberdade? Não somos filhos da mesma pátria mãe? A necrofilia está relacionada a nossa falta de indignação, portanto, onde está o nosso grito que, por meio da cultura é possível denunciar? Será que aquele menino, está presente na vida? Outras questões passam a ficar evidentes sobre a importância de o Ponto de Memória trabalhar em suas narrativas expositivas tais questões. A seta do tempo não para e o futuro poderá ser impiedoso. Infelizmente, sem segurança, justiça, liberdade, e com ausência de referenciais naturais, somado à desorganização espacial e social, a necrofilia se evidenciará.

No ano seguinte, em agosto de 2018, em reunião sobre as próximas ações no Ponto de Memória, na presença da líder comunitária Maria Abadia Teixeira de Jesus, do escritor e educador popular Almir Gomes da Silva, com as colaboradoras Sandra Lobo e Deuzani Noleto, retomei as questões relativas ao lixo, à preservação do meio ambiente, à importância dos catadores[156]. Expus questões teóricas da tese relacionadas à biofilia e necrofilia e o que eu estava percebendo face ao tema na cidade Estrutural; momento em que ficou claro ao grupo uma preocupação comum: a falta de referência biofílica na cidade e suas consequências.

Diante de tantas preocupações que foram surgindo a respeito da falta de referência da natureza no local, Almir Gomes da Silva, que à época era Educador Popular na Escola CF2, se prontificou a fazer uma primeira sondagem sobre o olhar das crianças em relação a cidade onde vivem. Segundo Almir Gomes da Silva, havia na escola um projeto iniciado no primeiro semestre de 2018 intitulado ‘Parque Educador’, oriundo de parceria entre a Secretaria de Estado do Meio Ambiente do Distrito Federal, a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal e Brasília Ambiental. Por meio do referido projeto, alunos do integral — crianças que ficam o dia todo na escola — visitam o Parque Educador na cidade de Águas Claras, local onde realizam atividades sobre reciclagem e conhecem curiosidades sobre o cerrado e temas relacionados ao meio ambiente. A partir dessa experiência, Almir Gomes da Silva deduziu que as crianças já tinham um conhecimento sobre preservação e meio ambiente, no entanto

[156] Sem registro do dia preciso.

ele queria saber como elas viam a cidade em que vivem. No nosso próximo encontro, ele retornou com uma pasta debaixo do braço com desenhos das crianças, resultado de uma atividade que ele havia coordenado com os alunos do ensino integral no dia 26 de setembro de 2018:

> "Bom, primeiro eu escrevi no quadro a frase 'o que minha cidade tem?' ou algo do tipo, e pedi para as crianças me falarem palavras relacionadas à cidade, elas foram falando, carros, casas, cachorros e fui escrevendo no quadro, depois pedi que elas escolhessem o que elas quisessem dessas palavras e fizessem o desenho da cidade onde elas moravam." (Silva, 2019)[157]

Na ocasião foram realizados dezoito desenhos. Em uma das rodas de conversa apresentei os desenhos para Maria Abadia e Almir e levantamos algumas questões relacionadas ao conteúdo. Ao observá-los constatamos que havia apenas quatro com registros da natureza.

A Figura 12 é um dos desenhos com referência da natureza, onde está escrito "MINHA CIDADE SANTA LUZIA", apresenta várias árvores e vegetação entre as casas.



Figura 12 . Desenho com referência de natureza feito em 26 de setembro de 2018
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF

[157] Silva, A. G. (2019b). *Entrevista*. Concedida à autora desta investigação em 31 de agosto de 2019. Brasília, DF. (Apêndice II).

O registro de árvores no desenho foi feito por uma criança residente na invasão da chácara Santa Luzia na cidade Estrutural, localizada na ARIE Vila Estrutural e próxima ao Parque Nacional de Brasília. É possível inferir que o desenho com algumas árvores pode estar relacionado com o referencial visual onde habita a criança, o que difere do conteúdo dos demais desenhos registrados (Apêndice VI). Na hipótese da biofilia a dependência em relação à natureza não se refere apenas às questões da sua exploração, para suprir as nossas necessidades materiais, mas também à influência dela com relação aos aspectos emocionais, cognitivos, estéticos e espirituais. (Kellert, 1993a)

A Figura 13 é um exemplo de desenho sem referência de natureza, intitulada "Cidade do Lixo", realidade vivenciada por muitas crianças na cidade Estrutural, uma vez que durante muitos anos era comum as crianças transitarem com seus pais por entre o lixão. Além disso, a cidade carrega este estigma.



Figura 13 . Desenho sem referência de natureza, data 26 de setembro de 2018
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF

Na proposta realizada por Almir Gomes da Silva na Escola CF2 em 26 de setembro de 2018, além dos desenhos sem referência da natureza, registramos também desenho com referência à violência urbana, como o da Figura 14.

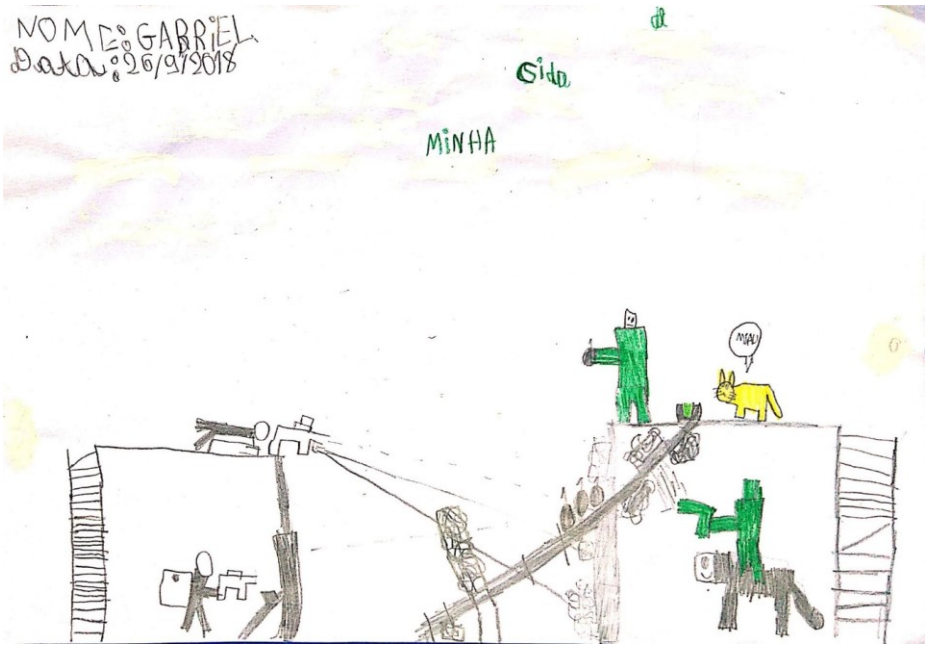


Figura 14 . Desenho com referência de violência urbana, data 26 de setembro de 2018
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF

Em meio à luta pela sobrevivência, a resistência em permanecer no lugar, as crianças da cidade Estrutural estão sinalizando em seus desenhos a exclusão ao direito de viver. Se faz urgente pensar em políticas públicas voltadas a uma melhor qualidade de vida para a cidade Estrutural DF.

Evidencio que a sondagem com os desenhos, mesmo sem caráter científico, desencadeou nos gestores do Ponto de Memória da Estrutural a necessidade de ações direcionadas à preservação do meio ambiente e da vida.

2.2.3 O lixão do Distrito Federal

O lixão a céu aberto do Distrito Federal está situado ao norte da cidade Estrutural do DF e a sudoeste do Parque Nacional de Brasília, ocupando aproximadamente 200 hectares de área. (Figura 15). Em seu início era conhecido como o lixão do Jóquei, atualmente lixão da Estrutural.



Figura 15 . Localização do lixão da Estrutural
Fonte: Elaboração Deura/Codeplan a partir de imagem do Google Maps (2012) e adaptada para a presente pesquisa.

Conforme publicado no G1 em 08 de janeiro de 2018, antes do fechamento oficial, o lixão da cidade Estrutural recebia diariamente cerca de 2,2 mil toneladas de lixo doméstico e 5 mil toneladas de restos de construção civil, equivalendo a 7,2 mil toneladas de lixo por dia. Estudos já indicam a poluição do solo e dos recursos hídricos do Parque Nacional, além de interferência na fauna.[158]

Em 2011, professores do Departamento de Saúde Coletiva da UnB foram convidados a realizar uma pesquisa que avaliasse as condições de vida de catadores de recicláveis da cidade Estrutural. A pesquisa envolveu estudantes de graduação em Gestão em Saúde Coletiva, Nutrição, Farmácia, Veterinária e pós-graduação em Ciências da Saúde. Foi verificado a quais condições de vida, de trabalho e de saúde aquela população estava submetida. Foi então realizado um censo das famílias de catadores, resultando em uma amostra que abrangeu 204 domicílios e 835 moradores. Segundo a pesquisa, os catadores e catadoras estão expostos a gases tóxicos, apresentam problemas respiratórios e dores físicas devido ao peso que carregam.

Na matéria do Correio Brasiliense de 10 de janeiro de 2016, a respeito da pesquisa do Departamento de Saúde Coletiva da UnB, foi apontado que 55% das famílias estudadas se mantêm diretamente com alimentos catados do lixo. (Pinheiro, 2016) [159] Constatei este fato

[158] Marques, M. (2018b). *Lixão da Estrutural: Um retrato do maior depósito de lixo da América Latina*. Acessado em 24 de abril de 2019 em https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/lixao-da-estrutural-um-retrato-do-maior-deposito-de-lixo-da-america-latina.ghtml.

[159] Pinheiro, R. (2016). Diagnósticos da desigualdade. Correio Braziliense, n. 19.221, Cidades, p. 20. Acessado em 27 de fevereiro de 2019 em http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/519636/noticia.html?sequence=1.

após entrevista concedida por F. Santos[160], moradora da cidade Estrutural desde 1994. Segundo ela, a situação das pessoas que trabalhavam no lixão era hipossuficiente, sendo a pior delas a fome. Muitos sobreviviam dali. Além dos recicláveis que eram catados para a venda, também se utilizava do lixo de supermercado, conhecido por 'lixo rico', segundo a moradora "tinha carne embalada, muita coisa boa que não estava vencida, a vizinha trazia e repartia com a gente, eu mesma me alimentei era carne, era pizza". (Apêndice II)

João Batista Alves (2017) explica que ao mesmo tempo em que a sociedade alcança uma melhor qualidade de vida a partir dos avanços tecnológicos, há um grande problema mundial decorrente do descarte indiscriminado dos resíduos sólidos. Para o autor, problemas de saúde advindos de vetores como insetos, ratos e outros, nem sempre são associados conscientemente a questões sobre onde e como a população descarta o lixo.

Em 26 de abril de 2018 foi assinado termo de cooperação técnica entre o GDF, a UnB e a Escola Superior de Ciências da Saúde da UnB a fim de acompanhar a saúde dos catadores após o fechamento do lixão em 2018. Em torno de mil catadores foram submetidos a entrevistas e exames de sangue para verificar a ocorrência de sífilis, HIV, hepatite dos tipos A, B e C. Dos entrevistados, 67% afirmaram ter sofrido acidente durante o trabalho no lixão.

No Brasil, ainda muitas pessoas vivem do trabalho informal nos lixões e infelizmente esta situação é comum entre os catadores, excluídos e invisíveis para a sociedade. Dentre as opções de trabalho para o catador existe a catação diretamente no lixão, nas ruas dos centros urbanos ou em cooperativas. Segundo relato de catadores ao G1 do Distrito Federal em 08 de janeiro de 2018, houve perdas e ganhos com o fechamento do lixão da Estrutural. Conforme relato da senhora Zilma da Silva, de 53 anos, ao G1, em uma jornada de 14 horas de trabalho no lixão, debaixo de chuva, sol e dos demais perigos para a saúde, o rendimento ficava em até R$ 2 mil por mês; já nos galpões das cooperativas, o rendimento para uma jornada máxima de trabalho que pode ser realizado nas cooperativas de até 4 horas, fica inferior a R$ 600.[161]

E a triste realidade já havia sido denunciada em 1947 na reflexão do poeta Manuel Bandeira (1886 -1968):

[160] Santos, F. (2018). Entrevista. Concedida para a autora desta investigação em 9 de abril de 2018. Brasília, DF. (Apêndice II)

[161] Marques, M. (2018b). *Lixão da Estrutural: Um retrato do maior depósito de lixo da América Latina*. Acessado em 24 de abril de 2019 em https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/lixao-da-estrutural-um-retrato-do-maior-deposito-de-lixo-da-america-latina.ghtml.

"O bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato, Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem".
Manuel Bandeira
Rio, 25-2-1947

Sobre o poema de Manuel Bandeira, o poeta e crítico literário Wilberth Salgueiro nos relembra que esta situação é testemunhada diariamente, próxima a todos nós, seja "nas cidades, nas ruas, nas calçadas, em muitos lugares"[162]. "Muitos lugares" inclui os lixões, triste realidade que constatei em 'locus', ao observar o limite da desumanidade a 16 quilômetros do centro do poder do Brasil e que é apenas um retrato real do que ocorre em todas as cidades brasileiras.

Na Figura 16 observa-se a presença de pessoas na lateral do caminhão, no lixão da Estrutural à espera do despejo. Anônimos da sociedade, sem uso de Equipamento de Proteção Individual [EPI], cada qual com um saco para a coleta seletiva, em busca de latas, plásticos, papéis... do seu direito de viver.



Figura 16 . Catadores aguardando o descarregamento do lixo do DF
Fonte: Foto de Marília Marques. Acessado em 24 de abril de 2019 em https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/lixao-da-estrutural-um-retrato-do-maior-deposito-de-lixo-da-america-latina.ghtml.

[162] Salgueiro, W. (2016). *Rascunho sob a pele das palavras*. Acessado em 25 de abril de 2019 em http://rascunho.com.br/o-bicho-de-manuel-bandeira/.

Segundo Costa (2011), o lixo coletado pelos catadores é vendido às empresas recicladoras, infelizmente a grande maioria sem vínculo empregatício, sem garantia de nenhum benefício do seu trabalho, como Fundo de Garantia, férias, 13º salário. Cabe evidenciar que desde 22 de outubro de 2002 a atividade de catador de materiais reutilizáveis e recicláveis é reconhecida pelo Ministério do Trabalho e Emprego e está inscrita na Classificação Brasileira de Ocupações [CBO] número 5192-05 – Catador de material reciclável[163]. Conforme o Ministério do Meio Ambiente:

> "Os catadores de matérias reutilizáveis e recicláveis desempenham papel fundamental na implementação da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), com destaque para a gestão integrada dos resíduos sólidos. De modo geral, atuam nas atividades da coleta seletiva, triagem, classificação, processamento e comercialização dos resíduos reutilizáveis e recicláveis, contribuindo de forma significativa para a cadeia produtiva da reciclagem." (Ministério do Meio Ambiente, n. d.) [164]

O lixão da cidade Estrutural foi oficialmente desativado em 20 de janeiro de 2018, mas ainda há catadores atuando no local de forma clandestina. O novo Aterro Sanitário foi preparado na Região Administrativa Samambaia DF. (Figura 17). Antes do seu fechamento, o lixão da Estrutural foi considerado o maior a céu aberto da América Latina e o segundo maior do mundo.[165] A cidade Estrutural do DF vive outro momento: por um lado o encerramento do lixão promoveu melhoramentos socioambientais e, por outro lado, nem todos os trabalhadores do lixão foram beneficiados com os programas de pós-fechamento.

[163] Ministério do Trabalho, em Classificação Brasileira de Ocupações. Acessado em 24 de abril de 2019 em http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf.

[164] Ministério do Meio Ambiente. (n. d.). *Catadores de Materiais Recicláveis*. Brasília, DF. Disponível em http://www.mma.gov.br/cidades-sustentaveis/residuos-solidos/catadores-de-materiais-reciclaveis. Acessado em 24 de abril de 2019.

[165] Campos, H. K. T. *Como fechamos o segundo maior lixão do mundo.* Segundo a ISWA (2014) (Asso-ciação Internacional de Resíduos Sólidos), o maior lixão a céu aberto do mundo está localizado em Jacarta, capital da Indonésia, situado na ilha de Java. Acessado em https://www.assecor.org.br/files/3015/4470/2872/como_fechamos_o_segundo_maior_lix_o_do_mundo_.pdf em 27 de agosto de 2020.



Figura 17 . Localização do Aterro Sanitário de Brasília em Samambaia DF
Fonte: G1. Foto: Roberta Jaworski[166].

Infelizmente no início de 2019 o chorume do aterro sanitário de Samambaia vazou duas vezes no rio Melchior, na divisa entre Samambaia e Ceilândia, no Distrito Federal. Esta situação indica falha no sistema de drenagem do chorume. É importante que haja investimentos em estruturas adequadas no que concerne à coleta e ao local do descarte do lixo das cidades, além disso a conscientização da população sobre a maneira correta de separação do 'lixo que não é lixo'.

No ano de 2018 a Associação Brasileira de Empresa de Limpeza Pública e Resíduos Especiais [Abrelpe] apresentou um panorama da gestão dos Resíduos Sólidos Urbanos [RSU] no Brasil.[167] Foram levantados dados das cinco regiões do país. Neste mesmo ano, a geração de resíduos sólidos chegou a 79 milhões de toneladas. Deste montante, foram coletados 72,7 milhões de toneladas e 6,3 milhões de toneladas tiveram destino impróprio. Vale destacar que dos 5.570 municípios brasileiros, 3.001 destinaram o lixo coletado em locais inadequados. Quanto à coleta seletiva, 4.177 municípios brasileiros apresentam alguma ação. Conforme o

[166] Luiz, G. (2018). Fechamento do lixão da Estrutural: Veja o novo caminho do lixo que você joga. In *G1 Distrito Federal*. Acessado em 07 de agosto de 2018 em https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/fechamento-do-lixao-da-estrutural-veja-o-novo-caminho-do-lixo-que-voce-joga.ghtml. Publicado em 20 de janeiro de 2018.

[167] Associação Brasileira de Empresa de Limpeza Pública e Resíduos [Abrelpe]. (2019). *Panorama 2018/2019*. Acessado em 05 de abril de 2020 em http://abrelpe.org.br/download-panorama-2018-2019/

panorama apresentado pela Abrelpe, nos 467 municípios da região Centro-Oeste foram geradas diariamente 15.932 toneladas de RSU, sendo coletados 93,78%. Deste montante, 58% foram destinados a aterros controlados e lixões.

Os locais de destino final do lixo podem ser os lixões, os aterros controlados e os aterros sanitários. Chama-se lixão o depósito de lixo diretamente no solo, sem impermeabilização e preparo para receber os resíduos das mais variadas origens, como de residências, hospitais, indústrias que lá são depositados. Não havendo tratamento e impermeabilização do solo, por vezes o chorume, que é um líquido proveniente da decomposição da matéria orgânica, contamina o solo e os lençóis freáticos. Os lixões, por estarem a céu aberto, não recebem nenhuma camada de terra sobre o lixo ali depositado. Isto vem favorecer a proliferação de vetores, além de serem áreas de risco a pessoas e animais. O aterro controlado são áreas muitas vezes próximas aos lixões que são adaptadas com o objetivo de gerenciar o recebimento de novos resíduos. Não possuem nenhum preparo do solo e os resíduos após depositados recebem uma camada de terra com vistas a reduzir o mau cheiro e a proliferação de vetores. Já os aterros sanitários recebem o preparo do solo, a impermeabilização e o tratamento do chorume para que este possa ser devolvido ao meio ambiente sem oferecer riscos.

Vale ressaltar a Lei nº 12.305/10 que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos [PNRS] e cria metas para extinguir os lixões, além de impor às indústrias a elaboração de Planos de Gerenciamento de Resíduos Sólidos[168]. Mesmo com a referida Lei, "até 2014 os lixões ainda eram permitidos" e o da cidade Estrutural esteve ativo até janeiro de 2018. Evidencia-se que um dos objetivos da Política Nacional de Resíduos é a "proteção da saúde pública e da qualidade ambiental", conforme já preconizado na Constituição Federal de 1988 em seu artigo 225 que define: "Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial a sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e a coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações".

Segundo João Batista Alves (2017, p. 14), criamos necessidades superficiais ampliando o "círculo vicioso de produção e consumo", contribuindo para a geração de resíduos dos mais variados tipos. Neste contexto, os princípios da Lei nº 12.305/10 destaca

[168] Brasil (2010). *Lei nº 12.305, de 02 de agosto de 2010*. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Acessado em 05 de abril de 2020 em http://www2.mma.gov.br/port/conama/ legiabre.cfm?codlegi=636

que se deve considerar "a visão sistêmica na gestão dos resíduos sólidos em conexão com as variáveis ambiental, social, cultural, econômica, tecnológica e de saúde pública".

A deterioração do lixo produz bactérias nocivas à saúde e no período de chuvas cria condições propícias à propagação do 'Aedes aegypti'. (Santos *et al*., 2012).[169] O descarte indiscriminado tem contribuído para inúmeras enchentes nos grandes centros urbanos de cidades brasileiras. Outrossim, é necessária uma conscientização sobre a importância da biosfera para a sustentabilidade da vida no planeta, pois não será suficiente transferir o lixão de local. Faz-se necessário compreender os benefícios ambientais oriundos da reciclagem de materiais.

2.3 Movimento de Educação e Cultura da Estrutural – Mece

No ano de 2003 iniciou-se na cidade Estrutural a formação para alfabetização de jovens e adultos. À época, duas associadas do COC[170], Deuzani Noleto e Telma[171], conheceram Antonio Francisco, Wanderlina Ribeiro de Abreu e Nilza Gonçalves de Oliveira, que desde o ano de 2000 já atuavam como alfabetizadores nos movimentos de jovens das igrejas locais. A referida formação iniciada em 2003 foi baseada na proposta de Paulo Freire e iniciou com 20 participantes, todos residentes da cidade.

A concepção de Educação Libertadora na construção do conhecimento já havia sido adotada pelos participantes muito antes da instalação do Ponto de Memória na cidade, pelo fato de já terem trabalhado em atividades de alfabetização de adultos. Vale ressaltar que Paulo Freire (1989), ao trazer à luz o seu método de alfabetização de adultos, ampliou a proposta para além do saber ler e escrever. 'A importância do ato de ler' foi redigido e apresentado pelo autor por ocasião da abertura do Congresso Brasileiro de Leitura ocorrido em Campinas no ano de 1981. Para configurar suas ideias no que concerne à leitura de mundo, Freire (1989) remonta às suas lembranças de infância, momento considerado como a sua primeira leitura de mundo. Ao revisitar memórias, buscou compreender o seu "ato de ler" o mundo em uma fase que ainda não lia a palavra e, revivendo esta experiência, de forma poética assim discorre:

> "Os "textos", as "palavras", as "letras" daquele contexto se encarnavam no canto dos pássaros - o do sanhaçu, o do olha-pro-caminho-quem-vem, o

[169] Leonor Maria Pacheco Santos, Fernando Ferreira Carneiro, Maria da Graça Luderitz Hoefel *et al*.
[170] Círculo Operário de Cultura - COC, externo à Cidade Estrutural, localizado no Cruzeiro-DF.
[171] Sem referência de sobrenome.

> do bem-te-vi, o do sabiá; na dança das copas das árvores sopradas por fortes ventanias que anunciavam tempestades, trovões, relâmpagos; as águas da chuva brincando de geografia: inventando lagos, ilhas, rios, riachos. Os "textos", as "palavras", as "letras" daquele contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores - das rosas, dos jasmins -, no corpo das árvores, na casca dos frutos. Na tonalidade diferente de cores de um mesmo fruto em momentos distintos: o verde da manga-espada verde, o verde da manga-espada inchada; o amarelo esverdeado da mesma manga amadurecendo, as pintas negras da manga mais além de madura." (Freire, 1989, p. 9-10)

Freire (1989) propõe um fluxo que parte primeiramente da percepção natural de olhar o mundo, o existente, e deste para a palavra escrita, porém de forma crítica, uma vez que para o autor é fundamental a compreensão de ler a realidade, reescrevendo-a mediante uma prática consciente. Desta forma, reafirma que sempre viu a alfabetização para além do ato de ler a palavra, mas como um "ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo como um ato criador", não reduzindo à memorização mecânica das sílabas, mas como um processo aberto, crescente, construído a partir da realidade do sujeito. E nessa tridimensionalidade, têm-se um 'corpus' que ao ser construído se amplia na medida em que vai tecendo as relações existentes entre o texto escrito e o contexto. (Freire, 1989, p. 13)

Chagas (2009, p.19) corrobora com Freire (1989) ao introduzir a imaginação museal. Segundo o autor, "antes mesmo do aprendizado das primeiras letras e dos primeiros números, consolida-se nas pessoas a noção de que as imagens e as coisas concretas podem ser instrumentos ou dispositivos de mediação, âncoras de memórias, emoções, sensações, pensamento e instituições".

O programa de alfabetização proposto por Freire considera o "universo vocabular dos grupos populares" (Freire, 1989, p.13), ou seja, de acordo com o contexto local, os temas são identificados a partir da experiência existencial dos participantes, suas aspirações, reivindicações, sonhos. Somente após o levantamento deste universo vocabular é que a palavra será trabalhada.

Segundo Freire (1989),

> "Este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de "escrevê-lo" ou de "reescrevê-lo", quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente." (Freire, 1989, p. 13)

Considerando que "A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele" (Freire, 1989, p. 13), na base freiriana se percebem claramente os pressupostos da Museologia Social, onde a leitura de mundo perpassada pela imaginação museal (Chagas, 2009) precede a leitura do fazer museológico.

Novos parceiros se uniram ao projeto de alfabetização como a Central Única de Trabalhadores do Distrito Federal, ampliando a formação para nove turmas de alfabetização de jovens e adultos. A líder comunitária Maria Abadia participou do processo e foi uma das multiplicadoras do método. Seu sonho coadunava-se com o de Paulo Freire e materializava-se a cada ação. Na cidade Estrutural foram realizadas várias formações sob a égide da proposta freiriana, as aulas e os círculos de cultura aconteciam nas casas das alfabetizadoras e, a partir desta ação, no ano de 2003 foi criado um movimento, ainda sem nominação e que somente em 2008 seria batizado como Movimento de Educação e Cultura da Estrutural - Mece.

No ano de 2004, além das formações em alfabetização o Mece promoveu a organização da Biblioteca Comunitária com sede na Fundação Brasília de Artes e Humanidade [Fubrah], conhecida como Creche da Naná, e inaugurada em 2005. (Figura 18)

Ainda em 2005, o Mece foi autorizado pela Coordenação Regional de Ensino do Guará DF a utilizar a Escola Classe 1, única escola local e toda construída com lata, com vistas a continuar as formações em alfabetização e Escola Livre. No ano de 2006 tem início no Mece o Curso de Políticas Públicas, ministrado pelo Instituto Agostin Castejon [IAC] com a formação de dez moradores. Em sua continuidade, em 2008 o Mece promoveu, em parceria com o Círculo Operário do Cruzeiro – COC e o Instituto Agostin Castejón, a Formação de Liderança. Além das atividades em curso, também participou de vários movimentos, tais como do Plebiscito da Vale do Rio Doce e na eleição da Prefeitura Comunitária.[172]

[172] Plebiscito informal com mobilização popular "A Vale é Nossa", ocorrido de 1º a 7º setembro de 2007, por representantes dos movimentos sociais brasileiros, para exigir que o Governo Federal reverta a privatização



Figura 18 . Organização da Biblioteca Fubrah
Nota. Identificadas na imagem: Wanderlina Ribeiro de Abreu, Maria de Fátima Romano e Deuzani Noleto
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF

Por meio do Mece outros movimentos tiveram início, como a Marcha Mundial de Mulheres, o projeto das Promotoras Legais Populares pelo Trabalho Doméstico Decente - PLPTD, a Teia do Conhecimento[173] e o Ponto de Memória da Estrutural. Neste mesmo formato, as reuniões do Mece ocorriam na casa de uma das componentes.

> "Mas não havia um espaço físico para pensar as ações e realizar os sonhos, até que chegou a Marcha Mundial de Mulheres e a Teia do Conhecimento e as reuniões começaram a acontecer em uma casa da família de uma das componentes do Mece. A casa só tinha as paredes sem reboco, dentro e fora com chão de terra batida. Aos poucos o espaço foi sendo reformado e adaptado aos sonhos que ainda hoje continuam muitos." (Noleto, 2013, p. 1)

Segundo notas de reuniões, somente em 2012 tiveram início as discussões sobre a institucionalização do Mece, conforme a pauta da reunião do dia 04 de março de 2012. Em junho do mesmo ano o grupo estava decidindo a identidade do Mece e como se daria o seu Projeto Político Pedagógico: se seria sempre um movimento, se teria espaço de formação política, quais seriam as suas lutas, a sua bandeira. Naquele pequeno caderno manuscrito

da Vale do Rio Doce ocorrida no Governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002). Acessado em 03 de jun 2020 em http://www.intervozes.org.br/direitoacomunicacao/?p=1947.

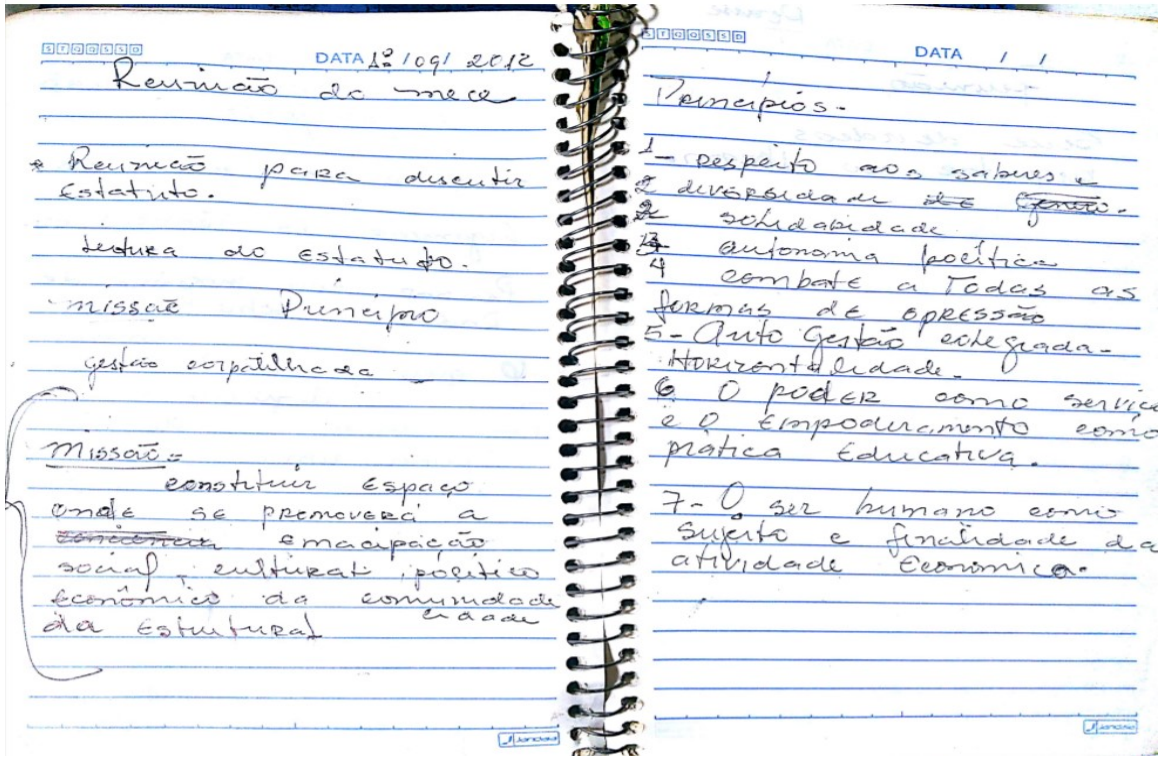
[173] Reuniões de estudo e pesquisa promovidas pela Universidade Católica de Brasília e pelo Ponto de Memória da Estrutural.

estava assim registrado: missão – Educação popular, solidária, transformadora[174], com influência clara da experiência e vivência da aproximação do grupo com as ideias de Paulo Freire. (Figura 19)

As reuniões se sucediam e no encontro ocorrido em 04 de agosto de 2012 o professor Luiz Delgado[175] afirmou: "se estamos reunidos e concordamos mutuamente já somos uma instituição". Nesta reunião os pontos abordados foram: "movimento – o grupo se reúne para fazer luta por algumas causas"; e, na sequência, dois itens: "1) Qual tipo de poder estamos construindo? 2) Com que sonhava o Mece quando foi instituído?"

Na reunião de 1º de setembro de 2012 a pauta foi a discussão do estatuto do Mece e um primeiro esboço da sua missão assim configurado: "espaço onde se promoverá a emancipação social, cultural, política, econômica da comunidade da cidade Estrutural".

[174] Caderno de notas de Maria Abadia Teixeira de Jesus.
[175] Colaborador do Mece.



Transcrição

1º/ 09/2012

Reunião do Mece

- Reunião para discutir o Estatuto

Leitura do Estatuto
Missão Princípio
Gestão compartilhada
Missão
Constituir espaço onde se
Promoverá a emancipação
Social, cultural, política e econômica
da comunidade da cidade Estrutural
Princípios
1.Respeito aos saberes, à diversidade ~~de genero~~
2.Solidariedade
3.Autonomia política
4.Combate a todas as formas de opressão
5.Auto gestão colegiada – horizontalidade
6.O poder como serviço e o empoderamento
como prática educativa
7.O ser humano como sujeito e finalidade da atividade econômica.

Figura 19 . Caderno de anotações pertencente a Maria Abadia Teixeira de Jesus.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF

A missão do Mece estava sendo aos poucos delineada, tendo seus princípios fundamentados na Educação Popular, e no dia 28 de julho de 2013 o estatuto do Mece foi encaminhado a todos os colaboradores para leitura e observações finais, conforme lá registrado.

> "O respeito aos saberes e a diversidade; solidariedade; autonomia política; combate a todas as formas de opressão e discriminação de gênero, raça, etnia e outros; autogestão colegiada; a libertação e autonomia das camadas populares como resultado da prática educativa."[176] (Movimento de Educação e Cultura da Estrutural, 2013)

A institucionalização jurídica ainda estava por vir, todavia o Mece continuou sempre avante. O Mece levou seis anos para se tornar uma ONG dentro das exigências legais, o que ocorreu somente após inúmeras discussões com vistas a garantir sua autonomia enquanto movimento.[177]

Após percorrer sobre a criação de Brasília e tecer considerações sobre a formação da cidade Estrutural e os problemas sociais e ambientais observados, a luta dos seus moradores e moradoras; a luta e a resistência pelo direito à vida, mesmo nas condições precárias a eles permitidos, passo ao Capítulo III a constituição do Ponto de Memória como marco dessa busca e dessa conquista, por meio do detalhamento das ações realizadas pela comunidade, seus parceiros e apoiadores.

[176] Estatuto do Mece.

[177] Art.1º. O MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DA ESTRUTURAL – Mece, também designado pela sigla Mece, constituído em 28 de julho de 2013 sob no 00010548, fls. do livro no "17-A" e protocolado e digitalizado sob o no 00132975 do Cartório Registro Civil e Pessoa Jurídica de Brasília – Marcelo Ribas, é uma pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, com objetivos de assistência social, educacional e cultural, instituída em 28 de julho de 2013, reger-se-á pelo presente Estatuto e terá sede e foro em Brasília, tendo a sua base física instalada no Quadra 01 Conjunto 01 Casa 54, Setor Oeste, Estrutural, CEP – 71.255-505 - Brasília – DF

CAPÍTULO III – Ponto de Memória: Sertão e Veredas

> "Entende-se como Programa Pontos de Memória o conjunto de ações desenvolvidas pelo Ibram que tem como base a museologia social e que utiliza metodologia pioneira no âmbito das políticas públicas para o desenvolvimento de iniciativas de memória tendo como um dos objetivos a criação de museus representativos dessas localidades." Inês Gouveia (2010a, p. 6)

Entre 2002 e 2009 várias ações possibilitaram novas relações entre museu, Estado e sociedade, favorecendo o desenvolvimento de políticas públicas no Brasil. Os princípios que nortearam os pilares para uma Política Nacional de Patrimônio Cultural foram aprofundados e discutidos no 8º Fórum Estadual de Museus, promovido pelo Sistema Estadual de Museus, em 18 de maio de 2002, no Rio Grande do Sul, ocasião em que foram comemorados os 30 anos da Mesa Redonda de Santiago de Chile.

A Carta de Rio Grande, resultante deste fórum, teve como objetivo "propor aos candidatos a governador dos diversos estados e aos candidatos a presidente a necessária implantação de uma política para o setor museológico e de patrimônio cultural" no âmbito nacional. (Sistema Estadual de Museus RS, 2002, p. 2). Neste mesmo ano, o Conselho Federal de Museologia [Cofem] elaborou o documento intitulado "Imaginação Museal a serviço da cultura". (MinC, 2007, p. 21). Tais eventos foram de suma importância para o delineamento da Política Nacional de Museus [PNM] lançada pelo Ministério da Cultura [MinC] em 16 de maio de 2003. Vale lembrar que, a metodologia adotada que norteou o referido texto da PNM, foi democrática e participativa, com ampla discussão e disseminação por meio eletrônico e presencial.

> "Um dos resultados dessa ampla consulta foi o entendimento dos museus como práticas e processos socioculturais colocados a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, politicamente comprometidos com a gestão democrática e participativa, e museologicamente voltada para as ações de investigação e interpretação, registro e preservação cultural, comunicação e exposição dos testemunhos do homem e da natureza, com objetivo de ampliar o campo das possibilidades de construção identitária e a percepção crítica acerca da realidade cultural brasileira." (MinC, 2007, p. 23-24)

A PNM apresenta sete eixos programáticos que direcionam as ações para os museus.[178] Conforme Pereira (2018), a Política Nacional de Museus "ofereceu condições ideais para o exercício de aproximação entre Estado e sociedade civil, em que enseja uma cooperação em favor da garantia do direito à memória". (Pereira, 2018, p. 102)

Após o lançamento da Política Nacional de Museus, foi criado em 2003, ainda no âmbito do Iphan, o Departamento de Museus e Centros Culturais [Demu], fortalecendo os museus ligados ao MinC. O modelo de gestão do Demu abrangeu: 1) "Instrumentos institucionais" – com a criação do Sistema Brasileiro de Museus [SBM], de grande envergadura para a implantação da PNM; do Cadastro Nacional de Museus, iniciado em 2005, com aporte disponibilizado pelo Ministério da Cultura da Espanha por meio da Organização dos Estados Ibero-Americanos; do Observatório de Museus e Centros Culturais; da construção do anteprojeto de lei para a criação do Instituto Brasileiro de Museus, efetivado em 2009[179], e o Estatuto de Museus; 2) "Instrumento de fomento" – com vistas à "revitalização dos museus" mediante editais, leis de incentivo, reformulação do Programa Museu: Memória e Cidadania que passou a contemplar por meio de editais de financiamento e fomento não somente os museus da esfera federal, mas todos os museus brasileiros a partir de 2004; e 3) "Instrumento de democratização" – com a formação de uma rede de colaboradores nacionais e internacionais, redes temáticas, programas de capacitação etc. (MinC, 2007, p. 9-34)

Em 2009 foi criado o Estatuto de Museus, pela Lei nº 11.904 e o Instituto Brasileiro de Museus [Ibram] pela Lei nº 11.906, sendo o Ibram o responsável pela Política Nacional de Museus. Cabe ressaltar que durante o 4º Fórum Nacional de Museus, ocorrido em 2010, foram aprovadas as diretrizes do Plano Nacional Setorial de Museus, que se integraria ao Plano Nacional de Cultura, tendo como resultado um conjunto de metas de planejamento museal a serem desenvolvidas até 2020. (MinC/Ibram, 2010, p. 18)

---

178 Sete Eixos Programáticos da PNM: "gestão e configuração do campo museológico; democratização e acesso aos bens culturais; formação e capacitação de recursos humanos; informatização de museus; modernização de infraestruturas museológicas; financiamento e fomento para museus; e aquisição e gerenciamento de acervos museológicos". Acessado em 07 de setembro de 2020 em https://www.museus.gov.br/memoria-politica-nacional-de-museus-completa-dez-anos-de-lancamento-hoje-16/

179 O Instituto Brasileiro de Museus é uma autarquia vinculada ao Ministério do Turismo, criado originalmente em 20 de janeiro de 2009 por meio da Lei nº 11.906 pelo MinC, instituto responsável de forma direta pelos 30 museus federais, além de regular, fomentar e fiscalizar o setor museológico do país. Tem a missão de promover os museus e o campo museal a partir de políticas públicas, projetos, programas e gestão, que garantam o direito à memória.

3.1 É Possível Transformar o Chumbo em Ouro? Sim, é Possível, Mas é Preciso Ter Ouro!

E memória sendo poder, vale lembrar que a inspiração para o Programa Pontos de Memória advém da experiência desenvolvida no Museu da Maré, na cidade do Rio de Janeiro. (Chagas, 2015). Este museu foi concretizado após iniciativas de memória do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré em 1997, que, por sua vez, estimulou a criação da Rede de Memória da Maré (Gouveia, 2010a).

Nesta Rede, foi elaborado um arquivo de dados sobre a história da localidade, um programa de história oral com vistas a coleta e registro de depoimento dos residentes e das lideranças locais, e a criação de uma exposição imagética que seria instalada em locais públicos nas comunidades, culminando assim na criação do Museu da Maré no ano de 2006.

> "A visibilidade deste Museu, seu potencial – que tem sido ampla e positivamente explorado – aliado a um conjunto de reflexões e produções teóricas elaboradas por seus dirigentes, são um ponto de inflexão para a museologia brasileira. Por esse motivo é que a experiência desenvolvida na Maré, com participação direta de Mário Chagas, se afirma como inspiração para o Programa Pontos de Memória." (Gouveia, 2010a, p. 5)

Desta maneira, a experiência do Museu da Maré contribuiu para a construção de uma política pública no Brasil, pois a configuração do Programa Pontos de Memória em 2009 e sua institucionalização em 2017 se deve a esforços conjuntos envolvendo Estado e sociedade, que foram tecidos cuidadosamente a fim de que se ampliasse ações não somente para as necessidades dos museus tradicionais, mas sobretudo para as comunidades periféricas, indígenas, quilombolas, Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros e Intersexo [LGBTI] e outras que poderiam ser potencializadas pela ação conjunta da Museologia Social em manifestações já postas de vontade de memória e valorização da vida.

Os idealizadores do Programa Pontos de Memória e a equipe técnica do Ibram "se propuseram a fazer com que esses grupos [as comunidades] se apropriassem de conceitos e de ferramentas da Museologia Social para melhor exercerem seu direito à memória". (Oliveira, C.M. 2016, p. 08)

Gouveia (2010a, p.6) afirma a relação entre a concepção do Programa Pontos de Memória com a criação do Instituto Brasileiro de Museus, além de tecer considerações sobre

os antecedentes do programa no Brasil. A autora verificou em fontes primárias de informação e em outros documentos a similitude entre as bases do projeto Pró-Memória do Iphan com o Programa Pontos de Memória, e constatou que no ano de 2007 o Iphan e o então Demu fizeram alusão ao projeto intitulado "Projeto Pró-Memória original" e que este projeto também fazia parte de uma ação referente à Política Nacional de Museus. A autora observa também que os princípios norteadores do Projeto Pró-Memória correspondiam aos do Programa Pontos de Memória, notadamente caracterizados por iniciativas museológicas de cunho comunitário de forma a estimular o sentimento de pertencimento, cidadania e qualidade de vida de comunidades que seriam protagonistas e envolvidas no processo. No documento que apresentou ao Ibram sobre o Projeto Pontos de Memória (Produto 2)[180], cita um trecho da justificativa do documento Pro Memória Original, cedido para fins de relatório de Gouveia:

> "Nesse sentido, os museus comunitários já se diferenciam daquela ideia clássica de museus caracterizada pela aquisição de acervo, proteção, conservação e comunicação. No caso dos processos museológicos comunitários há um reencontro das pessoas da comunidade com as suas histórias, suas personagens, seus valores e crenças, que gera uma necessidade de ser "protegida". Há o entendimento de que a identidade da comunidade passa a ter o status de patrimônio gerador de sentido para aquela população local e que precisa ser valorizado, comunicado e divulgado. [...] Importante destacar, ainda, os efeitos sobre a capacidade empreendedora e de visão de futuro da comunidade: esses espaços sociais podem vir a se transformar em um centro dinamizador do entorno da comunidade, ou mais especificamente, em polos geradores de projetos sócio-educativos e culturais." (Gouveia, 2010a, p. 7)

Gouveia (2010a), em entrevista a Ena Elvira Colnago[181], narra que quando da institucionalização do Programa Mais Cultura, do MinC, o Programa Pontos de Memória ainda estava em processo de proposta. A alteração de nome de Pró-Memória para Ponto de

[180] Conforme Pereira, os produtos são o resultado de trabalho dos consultores externos, contratados pelo Ibram e OEI para a execução do Programa Pontos de Memória, sendo elaborados, "em média, entre cinco e dez produtos para o Ibram que, por sua vez, os utiliza para aprimorar ações, promover avaliações, monitorar avanços e produzir conhecimentos e acúmulos ao analisar as práticas, estimulando a criação e o posterior fortalecimento da política pública de Direito à Memória". (Pereira, 2018, p. 32-39)

[181] Coordenadora e Diretora do Departamento de Difusão, Fomento e Economia dos Museus [DDFEM], 2009-2015.

Memória ocorreu a fim de identificá-lo não apenas como uma das ações do Programa Mais Cultura, ação específica do segmento Pontos de Cultura, mas com a finalidade de no futuro integrar o Programa Pontos de Memória em um cenário de política de Estado, visando torná-lo uma política pública. Segundo a consultora Gouveia, à época, por meio do Programa Mais Cultura do MinC havia se estabelecido uma parceria com o Ministério da Justiça - MJ e o Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania [Pronasci] do MJ, criado em 2007 e destinado a diminuir a violência no Brasil.

Posteriormente, esta parceria interministerial abarcaria também o Programa Pontos de Memória, criando assim condições para o desenvolvimento do projeto. Com o objetivo de buscar outros meios que contribuíssem para a viabilidade do desenvolvimento do projeto, a Organização dos Estados Ibero-americanos para Educação, Ciência e Cultura [OEI] passou a integrar a parceria. Foi então assinado o Projeto de Desenvolvimento Institucional e Técnico-Operacional para a Ampliação e Consolidação de Projetos Relacionados à Memória Social no Brasil, Prodoc OEI/BRA 08/007. Desta parceria, o Pronasci identificou doze capitais e três localidades de cada uma delas para que o Ibram decidisse onde a proposta seria aplicada. Em fevereiro de 2009 o MinC lançou na cidade do Rio de Janeiro e no âmbito de ação do Programa Mais Cultura, os Pontos de Memória, com a inauguração do Museu de Favela, localizado no complexo Pavão-Pavãozinho e Cantagalo.

É importante destacar que a finalidade do Programa Pontos de Memória é estimular "grupos, coletivos e movimentos sociais no desenvolvimento das práticas de memória em favor das reivindicações sociais por saúde, moradia, educação, cultura e, nesse caso, especialmente, o direito à memória". (Pereira, 2018, p. 143)

"Ninguém melhor que você para contar a sua história" foi a chamada do cartaz de divulgação do Programa Pontos de Memória. (Figura 20)

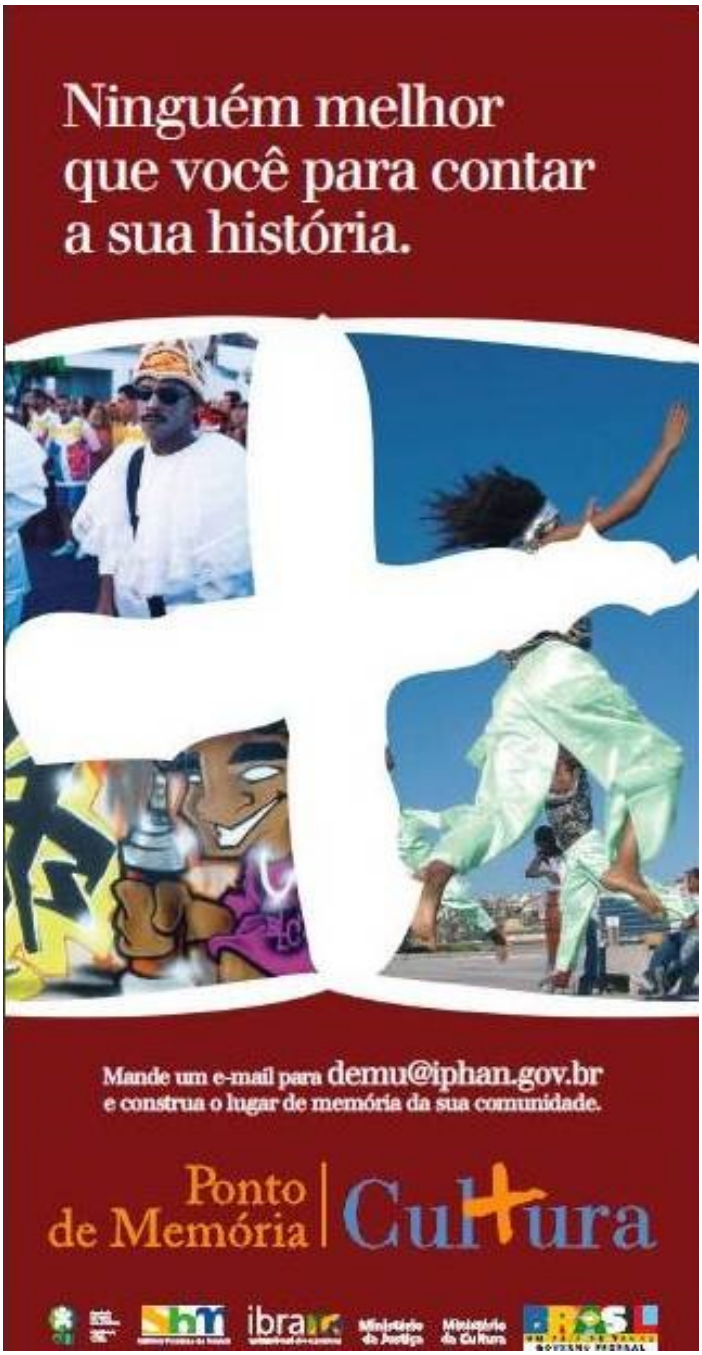


Figura 20. Cartaz de divulgação do Programa Pontos de Memória
Fonte: Gouveia (2010a, p. 17).

A partir de 29 de julho de 2009 foram realizadas visitas técnicas nas comunidades indicadas. As comunidades selecionadas para esta etapa foram: São Pedro, Vitória – ES; Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, Rio de Janeiro (RJ); Brasilândia, São Paulo – SP; Taquaril, Belo Horizonte – MG; Estrutural – DF; Lomba do Pinheiro, Porto Alegre – RS; Sítio Cercado, Curitiba – PR; Terra Firme, Belém – PA; Jacintinho, Maceió – AL; Grande Bom Jardim, Fortaleza – CE; Beiru, Salvador – BA e Coque, Recife – PE (Figura 21).

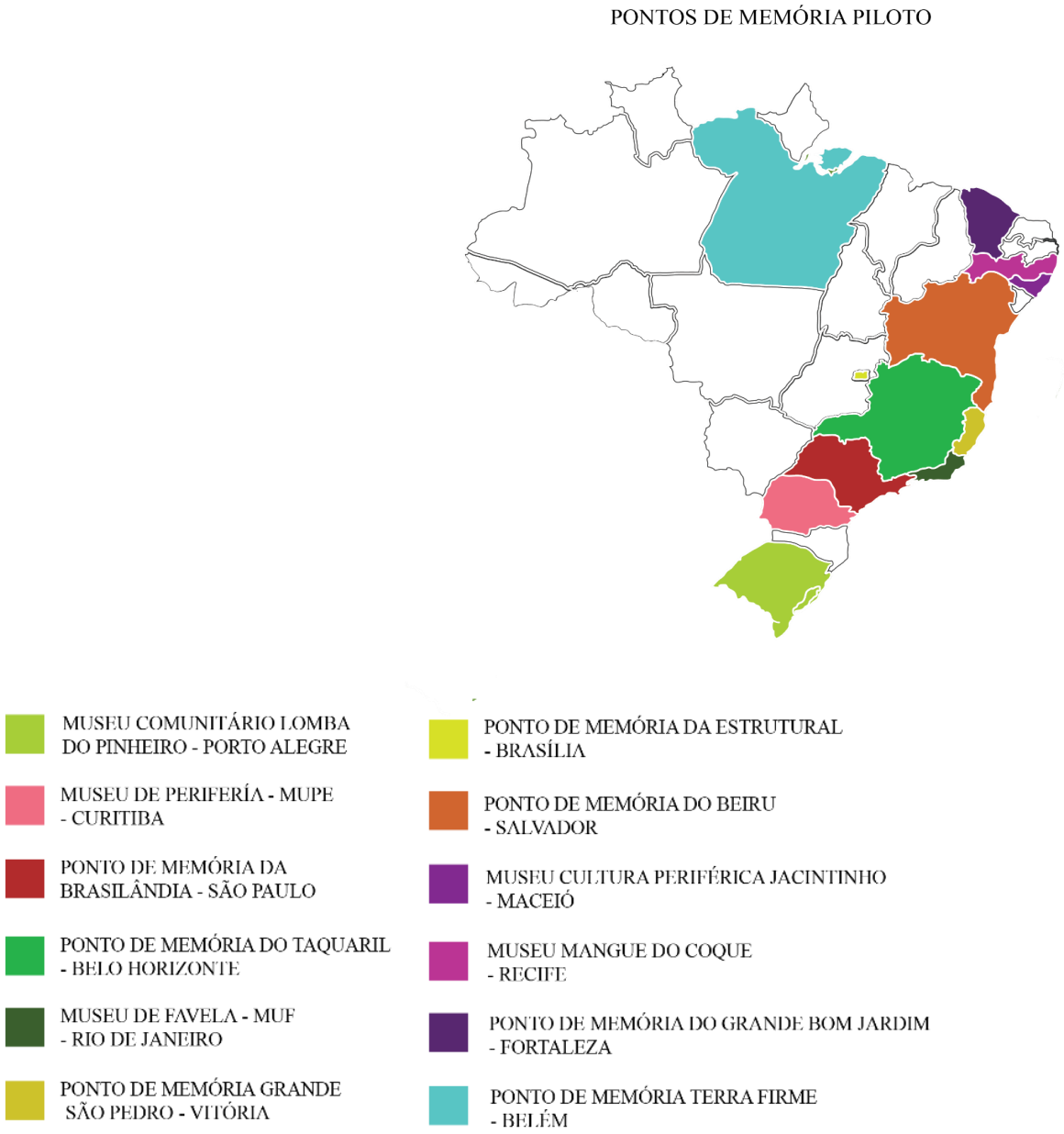


Figura 21 . Pontos de Memória Piloto
Fonte: A autora (2017).

Os Pontos de Memória selecionados passaram por cinco etapas da metodologia para o seu desenvolvimento, cada qual em seu ritmo e de acordo com o contexto local, a saber:

> "1. Identificação. 2. Qualificação (participação em seminários e oficinas). 3. Realização de Inventário Participativo. 4. Realização de ações museais para compartilhamento e difusão das memórias. 5. Reforço da rede de Pontos de Memória nas Teias Nacionais da Memória." (Oliveira , 2016, p. 8)

A primeira etapa do processo é de grande importância, pois são iniciadas atividades com vistas "à sensibilização comunitária e formação da instância deliberativa", base para a constituição dos Pontos de Memória. Os diversos grupos e lideranças locais são convidados a participar a fim de "discutir e manifestar o desejo em desenvolver ações e projetos de Museologia Social na comunidade". Nesta etapa são apresentados os objetivos do Programa, trabalhados temas sobre "museu, memória, cidadania, direito à memória, políticas culturais"; são realizadas as Rodas de Memória, oportunizando aos moradores e moradoras fazerem relatos sobre a localidade, seus conflitos, suas conquistas. (Ibram & OEI, 2016, p. 17)

As atividades são realizadas no formato de seminário pelas lideranças locais, estas já contactadas pela equipe técnica do Ibram no início da proposta. Segundo Gouveia (2011), no segundo semestre de 2010 os Pontos de Memória formaram as suas instâncias deliberativas com o objetivo de dar sequência ao projeto e garantir que os gestores dessem continuidade às ações. Além disso, coube a essas instâncias deliberativas elaborar o estatuto do Ponto de Memória sob sua responsabilidade e providenciar a documentação necessária visando a possibilidade de uma normatização. Além do mais, caberia às instâncias deliberativas potencializar a parceria entre os participantes do processo com responsabilidade na condução das ações e fortalecimento à rede dos Pontos de Memória e à Teia da Memória, visando a retroalimentação de ambos. Ao Ibram couberam as orientações técnicas aos Pontos de Memória no que concerne à museologia, ao planejamento das ações e à institucionalização.

A segunda etapa abrange as ações museais realizadas pelos Pontos de Memória conectando "as iniciativas às comunidades, convocando seus moradores a se apropriarem, a refletirem e a se empoderarem, de diversas formas, de sua memória", compreendendo todos os processos que valorizem a memória local. Tais atividades estão inseridas nas Rodas de Memória, no Café com Memória, nos saraus, nas exposições itinerantes, na valorização das referências culturais da localidade. (Museu de Cultura Periférica, 2016, p. 29)

Na terceira etapa da metodologia tem-se o Inventário Participativo. Este é realizado pela comunidade, que decide de forma coletiva quais métodos serão utilizados e quais as referências culturais mais significativas.

> "Nesse sentido, a ideia de participação passa pela decisão coletiva e compartilhada de escolher quais memórias e patrimônios são relevantes para a comunidade, contribuindo, assim, para um processo contínuo de apropriação cultural." (Ponto de Memória da Lomba do Pinheiro, 2016, p. 39)

Após a realização do Inventário Participativo temos a quarta etapa, que compreende os produtos de difusão, com grande repercussão tanto na localidade quanto fora dela, evidenciando as "representações de memórias e identidades coletivas", podendo ser apresentadas a partir de vários formatos, como exposições, publicações, documentários, dentre outras. (Ponto de Memória da Estrutural, 2016, p. 61)

A quinta etapa são as Teias da Memória, que reúnem em âmbito nacional todos os Pontos de Memória e iniciativas de memória a fim de promover um debate coletivo com vistas a fortalecer os projetos em Museologia Social, além de propor o intercâmbio, debates e compartilhamento de experiências relativas às práticas museológicas.

> "A Teia pode ser considerada uma extensão presencial das experiências, trocas e metodologias que ocorrem em rede e é, sobretudo, um espaço de fortalecimento do vínculo de trabalho e amizade entre os atores que atuam com a memória como ferramenta de luta, resistência e transformação social." (Ibram & OEI, 2016, p. 77)

Conforme Deuzani Noleto e Maria Abadia , em Roda de Memória ocorrida no dia 09 de março de 2020, na Biblioteca Comunitária Catando Palavras, a participação dos Pontos de Memória na primeira Teia foi um momento de aproximação das iniciativas de Memória no Brasil com apresentação das ações realizadas por parte de cada representante dos doze Pontos de Memória pioneiros. Na ocasião, o Ibram apresentou propostas para o futuro do projeto, sendo estas iniciativas pioneiras a referência para a construção de uma metodologia de museologia social aplicada no Brasil.

Vale acrescentar que esta mesma impressão foi percebida por Leila Regina da Silva, coordenadora do Ponto de Memória do Taquaril em Belo Horizonte, em uma entrevista informal concedida em Belo Horizonte em sua residência no dia 15 de setembro de 2019:

> "desde o primeiro encontro foi uma sinergia fantástica, porque nos reconhecemos uns nos outros, as lutas são similares, vimos o quanto estávamos irmanados nas causas comuns, mesmo em locais diferentes, no desejo de memória, no que estávamos significando como patrimônio, criamos uma percepção de que também estávamos num campo político e isso foi interessante, quando a gente conseguiu se encontrar como iniciativas pioneiras." (Silva, 2019c)

E esta sinergia fortaleceu a Teia da Memória, notadamente os Pontos de Memória localizados em comunidades urbanas vulneráveis, uma vez que se percebeu que, ao discutir novas formas de fazer museologia e ressignificar o seu patrimônio, a luta pelo direito à memória passa a ser política; segundo Leila, "essa luta é nossa, a gente tem que ocupar esse campo, para que as crianças e os novos moradores compreendam por meio de ações museológicas que a fixação por moradia é fruto de muita luta, que esse é o nosso patrimônio, esse é o nosso território".

O Quadro 2 apresenta uma síntese das edições da Teia da Memória entre 2009 e 2017.

Encontro Nacional dos PM	Evento	Local	Data	Principais pontos	Observações dos gestores do Ponto de Memória da Estrutural DF
I Teia da Memória	S/R	Salvador-BA Maria Abadia , Djalma e Vicente	12/2009	"Há uma demanda social no que se refere à memória, [...] então é responsabilidade do poder público buscar de algum modo atendê-la"[182]. (Chagas, palestra, 2009)	Foi um momento de aproximação das iniciativas de Memória no Brasil, apresentação das iniciativas individuais de cada representante dos doze Pontos de Memória pioneiros, e apresentação das propostas do Ibram para o projeto, que consistia em esta iniciativa piloto ser a referência para a construção da metodologia a política de museologia social.
II Teia da Memória	Encontro Nacional dos Pontos de Cultura Teia da Cultura — Tambores Digitais	Fortaleza-CE Deuzani e Maria Abadia	03/2010		A reunião da teia antecedeu o Encontro Nacional dos Pontos de Cultura. Durante o encontro foi observado um enfrentamento entre os Pontos de Cultura e os Pontos de Memória. A preocupação dos Pontos de Cultura era compreender os Pontos de Memória como política de ação cultural, pois pensava-se que os Pontos de Cultura perderiam aporte financeiro pela entrada de novas ações ainda em processo de consolidação. Passaram o tempo lá construindo esse diálogo.
III Teia da Memória	Museu da Maré	Rio de Janeiro-RJ Jacira, Coracy e Carol	12/2010	Lançado, não oficialmente, o 1º Edital do Prêmio Pontos de Memória.	No encerramento da terceira Teia da Memória os Pontos de Memória da Estrutural, do Taquaril, de Brasilândia e de São Pedro parabenizaram o andamento do projeto-piloto e manifestaram apoio ao Ibram sobre o Programa Pontos de Memória. Gouveia (2011)
IV Teia da Memória	6º Fórum Nacional de Museus	Belém-PA Maria Abadia e Carol	11/2014	A partir da 4ª Teia de Memória a programação e a organização do encontro ficariam a cargo de uma comissão com representantes dos Pontos	A partir da 4ª Teia de Memória, segundo Maria Abadia , teve disputa política entre os doze Pontos de Memória originários e os quarenta e cinco selecionados aproximadamente. "O perigo em ganhar muita visibilidade e morrer". Comissão definitiva, se por região quem representaria.

[182] Mário Chagas, Diretor do Departamento de Processos Museais do Ibram (2009-2013), na fala de encerramento da 1ª Teia da Memória, em 17 de dezembro de 2009, em Salvador - BA. In: GOUVEIA, Inês. 2011. Produto 2 – Registro do processo de concepção do Projeto Pontos de Memória desde a sua proposição no âmbito do PRONASCI-MJ.

				de Memória.	
V Teia da Memória	7º Fórum Nacional de Museus	Porto Alegre-RS Maria Abadia	06/2017	Aprovado na plenária final do 7º FNM a realização das Teias da Memória – encontros nacionais de representantes dos PM e iniciativas de Museologia Social – aos Fóruns Nacionais de Museus.	Ocorreu um enfrentamento entre os representantes dos Pontos de Memória e o poder público – Ibram, pelo descaso com que o Programa Pontos de Memória estava sendo tratado, já que era um dos temas principais das políticas de memória no Brasil, nacional e internacionalmente. Com o impeachment da Presidenta Dilma Rousseff, mudança ministerial e a presidência do Ibram inviabilizando o diálogo entre a sociedade e governo. Desta discussão foi levada à plenária final a decisão de institucionalizar o Programa Ponto de Memória, efetivado no mesmo ano. Por mais que tenha sido uma discussão difícil, foi necessário o enfrentamento.

Quadro 2 . Teias da Memória entre 2009 e 2017
Fonte: OEI (2016, p. 77). Adaptado pela autora (2018).

Gouveia (2011) relata que a III Teia da Memória, realizada no Museu da Maré no Rio de Janeiro, teve como objetivo fortalecer a rede dos Pontos de Memória, propiciar espaço de integração entre os participantes representantes dos Pontos de Memória. Além disso a participação da equipe técnica do Ibram foi importante para esclarecimentos acerca dos temas relativos a museologia, dentre os quais o Inventário Participativo e o plano museológico. Na ocasião foi lançado, não oficialmente, o 1º Edital do Prêmio Pontos de Memória com o objetivo de ampliar a proposta e identificar iniciativas de museologia social no Brasil e exterior.

Conforme publicado em 10 de novembro de 2011 no site do Ibram (2011)

> "O prêmio busca reconhecer iniciativas de práticas museais e de processos dedicados à memória social que se identifiquem com a perspectiva da museologia social, da diversidade sociocultural e da sustentabilidade. É voltado para grupos étnicos-culturais tais como indígenas, afro-descendentes, ciganos, ribeirinhos, quilombolas, rurais, urbanos, de periferia, cultura litorânea, comunidades brasileiras no exterior, entres outros."[183]

No âmbito do 1º Edital do Prêmio Pontos de Memória quarenta e oito iniciativas de memória em âmbito nacional e internacional foram premiadas[184]. O Ponto de Memória da Estrutural DF foi contemplado em duas edições do prêmio em 2011 e 2012, o que possibilitou a compra de equipamentos para a realização de entrevistas e rodas de memória, pagar bolsas de incentivo para alguns dos participantes locais, preparar a Casa dos Movimentos e atividades culturais etc.

Cabe ressaltar que em 2011, após o lançamento do Prêmio Pontos de Memória, foram identificadas pelo Ibram mais de 150 iniciativas de Memória e Museologia Social no Brasil e 18 propostas por brasileiros no exterior, sendo identificadas em 2014 aproximadamente 300 iniciativas de Memória e Museologia Social.

[183] Instituto Brasileiro de Museus [Ibram]. (2011). Prêmio Pontos de Memória. Acessado em 09 de julho de 2020 em https://www.museus.gov.br/premio-pontos-de-memoria/

[184] Conforme o Ibram o prêmio foi assim distribuído: "45 prêmios de R$ 30.000,00 (trinta mil reais), cada para a categoria 1: Pontos de Memória no Brasil e 3 prêmios de R$ 50.000,00 (cinquenta mil reais), cada para a Categoria 2 – Pontos de Memória no Exterior". Acessado em 09 de julho de 2020 em https://www.museus.gov.br/premio-pontos-de-memoria/

3.1.1 Oficinas de capacitação

No decorrer do processo de consolidação do Programa Pontos de Memória, uma das questões que foi amplamente discutida e posteriormente aplicada foi a realização de oficinas de capacitação em museologia. Segundo Gouveia (2010), a capacitação é um dos pilares do Programa Pontos de Memória, uma vez identificada nas comunidades "a vontade de memória", há um comprometimento por parte do Ibram no que concerne à capacitação tendo em vista a autonomia dos protagonistas das ações nos Pontos de Memória.

> "Tal qual se afirma largamente nos diversos documentos e circunstâncias que abordam o Programa, o projeto piloto prevê a ação do Ibram como parceiro fundamental, mas a perspectiva de médio e longo prazo é que os Pontos de Memória se desenvolvam o suficiente para serem capazes de dar conta de suas ações, elegendo, inclusive seus parceiros". Gouveia (2010b, p. 6)

As oficinas de capacitação foram conduzidas pela equipe técnica da Coordenação de Museologia Social e Educação do Ibram e desenvolvidas junto aos participantes dos Pontos de Memória, tendo como linha de ação uma metodologia prática norteada pelos ideais da Museologia Social. Considerou-se o novo contexto, com instruções específicas aos gestores dos Pontos de Memória visando dar suporte técnico na área da museologia e propiciar autonomia de ação aos protagonistas locais das comunidades. Conforme Gouveia (2010b), durante a segunda Teia da Memória, ocorrida em 2010, foi enfatizada a importância da etapa de formação para introduzir os participantes dos Pontos de Memória nos temas do campo museal. Na ocasião, foi decidida em plenária a realização de três oficinas.

As oficinas realizadas com assuntos referentes à museologia e com núcleo comum foram: 'Museu, Memória e Cidadania, Inventário Participativo, Elaboração de Projetos', propiciando "o entendimento do que vem a ser museu e, mais do que isso, do que pode vir a ser o museu e as práticas museais no conjunto das ações de cada uma das 12 (doze) comunidades envolvidas no projeto". (Gouveia, 2010b, p. 9). Em dezembro de 2013 a metodologia do Programa Pontos de Memória foi avaliada e discutida entre a equipe do Ibram e representantes dos 12 Pontos de Memória. Cada Ponto de Memória apresentou suas conquistas, dificuldades, lições aprendidas e críticas sobre a relação Ibram - Pontos de Memória. A avaliação confirmou a necessidade do trabalho conjunto e a importância da "memória social", uma vez que permitiu aos protagonistas dos Pontos de Memória promover

> "Conhecimento e valorização da memória local; - Fortalecimento das tradições locais, da identidade e dos laços de pertencimento; - Valorização do potencial local, impulso ao turismo e à economia local; - Desenvolvimento sustentável das localidades; - Melhoria da qualidade de vida, com redução da pobreza e da violência." (Oliveira, 2016, p. 9)

O Programa Pontos de Memória foi instituído como política pública do Ibram por meio da Portaria nº 315, de 6 de setembro de 2017, tornando-se oficial a participação da sociedade a partir do regimento interno do Comitê Consultivo do Programa Pontos de Memória. Compõem este comitê representantes dos Pontos de Memória e Ibram[185].

Tal como o exemplo da alquimia, os Pontos de Memória foram concebidos respeitando as realidades sociais a partir da identificação de localidades com iniciativas de memória já existentes. Desta feita, a excelência na concretização da proposta de implantação dos doze Pontos de Memória nas mais diversas localidades do país foi a de realizar um trabalho de memória onde já existisse alguma manifestação relacionada à memória cultural com vistas a dar suporte a iniciativas dessa natureza. (Chagas, 2019)[186]

Os Pontos de Memória estão na base da Museologia Social. Chagas e Gouveia (2014) deixam claro que os objetivos da Museologia Social estão configurados na promoção da pessoa, uma vez que o seu fazer está integralmente comprometido com o social, ou seja:

> "[...] comprometida com a redução das injustiças e desigualdades sociais; com o combate aos preconceitos; com a melhoria da qualidade de vida coletiva; com o fortalecimento da dignidade e da coesão social; com a utilização do poder da memória, do patrimônio e do museu a favor das comunidades populares, dos povos indígenas e quilombolas, dos movimentos sociais, incluindo aí, o movimento LGBT, o MST e outros." (Chagas e Gouveia, 2014, p. 17)

Anterior à constituição do Ponto de Memória da Estrutural já havia uma forte referência em museu na cidade, mas que era literalmente necrófila: o 'Museu do Sangue'. Santos (2014) em entrevistas que realizou na cidade Estrutural, observou que já havia uma

[185] Brasil. (2017). Diário Oficial da União, Seção 1, n. 174, publicado em 11 de setembro de 2017, p. 6., Institui o Programa Pontos de Memória como política pública do Ibram por meio da Portaria nº 315, de 6 de setembro de 2017. Acessado em 29 de abril de 2019 em http://pesquisa.in.gov.br/imprensa /jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=6&data=11/09/2017.

[186] Orientação da pesquisa em 12 de janeiro de 2019 em São José dos Campos - SP.

preocupação em se preservar memórias, em "contar e guardar de forma mais fidedigna possível as experiências vividas". (Santos, 2014, p.173) O referido museu, atualmente desativado, foi organizado em 1998 pelo deputado distrital José Edmar que, em decorrência dos conflitos políticos locais, envolvendo mortes, criou o museu com objetos e fotografias decorrentes da 'Operação Tornado'. Conforme relato de Luiz Carlos Rocha, morador da Estrutural do DF, o Museu do Sangue existiu na Quadra 10 desde o ano de 1998; ele assim descreveu o acervo do museu:

> "[...] tinha a história da Estrutural, fotografias do pessoal apanhando da polícia, a história da morte de duas crianças, a mãe foi atrás de mantimento pro filho, deixou as crianças no barraco e o trator passou por cima e matou as duas criancinhas, uma história terrível aqui." (Ponto de Memória da Estrutural, 2011)

Segundo Maria da Maria Abadia Teixeira de Jesus, citada em Santos (2014), a versão dos fatos contada em um museu não significa que seja verdadeira, pois o Museu do Sangue

> "Representava a versão da história de um grupo, mesmo que liderado por Zé Edmar, um grupo da cidade, o que o fazia conhecido e referência inclusive para os seus adversários. Era reconhecido porque disputar a memória na Estrutural era também parte da política da cidade." (Santos, 2014, p. 182)

Maria Abadia , ao retomar o assunto sobre o Museu do Sangue, explicou que na exposição existia uma linha do tempo com cartas escritas com uma letra impecável, mas somente na versão dos fatos que interessava mostrar, ocorridos durante a Operação Tornado[187]. Segundo a moradora, havia uma intenção clara, parcial e com fins políticos de interesse do deputado.

Em 2009 o Mece foi procurado por representantes do Ibram, que apresentaram o Programa Pontos de Memória, cujo objetivo era "apoiar ações e iniciativas de reconhecimento e valorização da memória social" de grupos sociais em diversas localidades do país.[188] Segundo o Instituto Brasileiro de Museus:

[187] Roda de Memória realizada em 10 de setembro de 2016 na Casa dos Movimentos.

[188] Instituto Brasileiro de Museus. [Ibram]. (2013). *Pontos de Memória*: *Conheça o programa.* Acessado em 07 de abril de 2019 em http://www.museus.gov. br/pontos-de-memoria-conheca-o-programa/.

> "Os Pontos de Memória valorizam o protagonismo comunitário e concebem o museu como instrumento de mudança social e desenvolvimento sustentável. Em estágio pleno de desenvolvimento, são capazes de promover a melhoria da qualidade de vida da população e fortalecer as tradições locais e os laços de pertencimento, além de impulsionar o turismo e a economia local, contribuindo positivamente na redução da pobreza e violência." (Instituto Brasileiro de Museus, 2013)[189]

A proposta apresentada pelo Ibram suscitou aos integrantes do Mece a possibilidade de constituir um Ponto de Memória na cidade Estrutural, passando então a fazer parte dos doze projetos-piloto em comunidades de periferia com baixo Índice de Desenvolvimento Humano [IDH] espalhadas pelo Brasil.

No início, antes do aceite, discussões se sucederam, pois havia uma resistência à presença do Estado nas decisões do Mece. E esta resistência é compreensível pois o Mece não tinha uma estrutura institucional e nem uma sede fixa. Destaca-se a sua determinação enquanto movimento, pois após a aceitação da gestão do Ponto de Memória pelo Mece ocorreram algumas situações em que foram levantadas as possibilidades de sobrepor o Ponto de Memória ao Mece, o que gerou certo enfraquecimento do Ponto de Memória, pois alguns participantes acabaram se afastando. No entanto, à época houve questionamento: mas como poderia um projeto ser maior que um movimento?

Após várias reuniões a proposta apresentada pelo Ibram foi melhor assimilada, uma vez que ficou evidente o respeito às autonomias dos gestores e da comunidade envolvida no processo, de acordo com cada realidade apresentada. Também ficou clara a importância da presença do Ibram nas orientações iniciais para a abertura destas comunidades periféricas com vistas à concretização de ações em Museologia Social.

Também ficou clara a importância da presença do Ibram nas orientações iniciais em Museologia Social, para que as comunidades concretizassem as ações museais.

[189] Instituto Brasileiro de Museus. [Ibram]. (2013). *Pontos de Memória*: *Conheça o programa.* Acessado em 07 de abril de 2019 em http://www.museus.gov. br/pontos-de-memoria-conheca-o-programa/.

3.2 No Movimento do Lugar: o Ponto de Memória da Estrutural DF

A constituição de um Ponto de Memória em alguma cidade do Distrito Federal foi uma solicitação do Pronasci – MJ e do MinC. O contato do Ibram com as lideranças comunitárias na cidade Estrutural ocorreu por intermédio de Wélcio de Toledo, historiador, poeta, militante junto aos movimentos sociais no DF e consultor do Programa Pontos de Memória contratado pela OEI. O historiador estava em busca das iniciativas de memória nas cidades periféricas de Brasília. Em novembro de 2008, quando ainda estava sendo tecida a proposta do Programa dos Pontos de Memória, ele teve contato com Deuzani Noleto que à época já desenvolvia uma atividade de alfabetização na cidade Estrutural do DF. Cabe destacar que posteriormente a este contato, no ano de 2011 Deuzani Noleto foi contratada como consultora local do Ponto de Memória da Estrutural.[190] Por intermédio de Deuzani, Toledo conheceu na cidade Estrutural um grupo de alfabetizadores de jovens e adultos que sensibilizavam os alfabetizandos para escrever sobre a história da cidade e sobre a cidade que desejavam e, como consequência, o encontro com o Mece.

Noleto (2013) relata que em 15 de maio de 2010 foi realizado na cidade Estrutural o I Seminário do Ponto de Memória, cujo objetivo foi apresentar o projeto à comunidade. Anteriormente à realização do seminário, representantes do Mece foram às ruas fazer uma enquete para saber o que as pessoas pensavam sobre a existência na cidade de um museu comunitário que contasse sobre a vida das pessoas, histórias da cidade, suas lutas. A despeito de vários problemas sociais a comunidade local e representantes das instituições da cidade Estrutural foram convidados a participar do referido seminário. O evento foi promovido pelo Mece e Ibram, com a participação de moradores, integrantes de grupos locais e movimentos sociais. (Figura 22)

[190] Pereira (2018) explica que a função do Conselho Gestor é a aprovação dos produtos entregues pelo consultor ao Ibram.



Figura 22 . I Seminário do Ponto de Memória
Fonte: Noleto (2013), p.6.

Neste seminário foi criado o Conselho Comunitário do Ponto de Memória da Estrutural DF (Anexo 4), formado com vinte e seis pessoas; posteriormente oito participantes assumiram o Conselho Gestor do Ponto de Memória, ficando assim definido: Mece – Entidade Gestora; Associação dos Voluntários Pró-Vida Estruturada [Viver], Prefeitura Comunitária da Estrutural e lideranças locais que traçaram os objetivos do Ponto de Memória. Na ocasião os gestores discutiram os objetivos do Ponto de Memória e a abertura do projeto a outros movimentos que quisessem fazer parte. Segue um fragmento:

> "Contribuir para a construção de uma sociedade justa e igualitária e para a autonomia dos povos. Neste sentido, entendem que engajar na organização da memória e Museu da Estrutural, se estará apoiando a luta da população para a preservação da sua identidade através da guarda de sua história, e contribuindo para que a história seja contada sob a ótica de seus moradores. Outros movimentos populares que queiram se integrar a este projeto serão bemvindos, pois o grande desafio deste trabalho é envolver o maior número possível de moradores e moradoras que entendam a importância da preservação de suas histórias individuais e coletivas e queiram fazer parte desta grande caminhada." (Ponto de Memória da Estrutural, 2011)

Em 19 de junho de 2010 o Ibram realizou na sede da Viver[191], localizada ao lado do lixão na cidade Estrutural do DF a primeira oficina, intitulada Museu, Memória e Cidadania. (Figura 23)

A oficina ministrada por Cláudia Rose e por Antônio Carlos Pinto Vieira, um dos fundadores do Museu da Maré do Rio de Janeiro.



Figura 23 . Oficina de Museu, Memória e Cidadania
Nota Identificadas na imagem: Ao meio Caroline Soares e a direita Deuzani Noleto
Fonte: Gouveia (2010b, p. 19).

Na ementa da oficina, Gouveia (2010b) chama atenção para a ênfase dada à Museologia Social:

> "Museu, Memória e Cidadania - Conceito: o que é Memória, Memória Social, Museu. Breve histórico da museologia no Brasil. Museus, movimentos sociais e cidadania; destaque para a museologia social. Experiências de museus a partir da Nova Museologia. Criação de uma política pública de memória e de museus: Política Nacional de Museus, Sistemas de Museus, Estatuto de Museus e o Instituto Brasileiro de Museus." Gouveia, 2010b, p. 8)

Cláudia Rose, citada em Gouveia (2010b), relata que a oficina iniciou com uma análise da poesia Guardar, de Antônio Cícero, e As Cidades Invisíveis, de Ítalo Calvino. Segundo Noleto (2013, p. 7), as oficinas proporcionaram à comunidade participante não somente a capacitação nas técnicas museológicas, mas especialmente a possibilidade de "construção da memória coletiva e sua preservação". De acordo com Gouveia (2010b), outra

[191] A Viver, surgiu na década de 1990 por iniciativa de missionários da 1ª Igreja Presbiteriana do Brasil, localizada ao lado do lixão na cidade Estrutural, atende 300 crianças e adolescentes na faixa etária entre 6 a 14 anos. Na VIVER foi realizada a primeira formação ligada à museologia.

oficina proposta pelo Ibram foi a 'Elaboração de Projetos'. Conforme a ementa desta oficina seriam tratados os seguintes itens:

> "Elaboração de Projetos – Conceitos: Plano, Planejamento e Projeto. A importância do planejamento e da metodologia. Análise de projetos e programas no âmbito da Cultura, da Memória e dos Museus. Etapas de elaboração de projetos. Trâmites legais da execução de um plano de trabalho. Avaliação de Projetos. Prestação de Contas." (Gouveia, 2010b, p. 8)

Dentro desta proposta nos dias 15 e 16 de outubro de 2010 foi conduzida a oficina de Plano Museológico pelo professor Mario de Souza Chagas.[192] (Figura 24)



Figura 24 . Oficina de Plano Museológico. Na imagem, Mario de Souza Chagas.
Fonte: Noleto (2013, p.7).

O 'Café com Memória' realizado no dia 04 de dezembro de 2010 foi primeira ação museal e experiência com história oral e Roda de Memória a estimular a construção do fio da memória da história da cidade Estrutural, conforme o convite (Anexo 5). Nesta roda, narrativas sobre a cidade foram revivificadas. Dois moradores antigos da cidade, Elias

[192] Conforme Gouveia (2011), a oficina foi ministrada por Mario de Souza Chagas, com a participação de Marcelle Pereira que à época era a coordenadora de Museologia Social e Educação (Comuse/Depmus), e de Cláudia Storino, coordenadora de Arquitetura, Expografia e Espaços Museais (CAEEM/Depmus), além dos museólogos Valdemar de Assis Lima, Luciana Palmeira e Marijara de Sousa Queiroz, da Coordenação de Patrimônio Museológico (CPM/Depmus). A temática da conservação foi um dos temas apresentados aos membros do Mece, pela segunda vez, na referida oficina, ministrada por Mario de Souza Chagas, à época Diretor do Departamento de Processos Museais do Ibram.

Cavalcante Mendes e Geralda Dias, narraram suas histórias de vida, permeadas por lutas e conquistas relacionadas com a história da cidade.

> "O tema da roda foi a luta para permanecer na Estrutural. O Elias e a Dona Geralda não se falavam há muito tempo, e nesse dia na Roda de Memória um ficou ao lado do outro, e cada um contou a sua versão da história e ouviu atentamente a versão do outro. Ao final se cumprimentaram. Foi um momento emocionante." (Noleto, 2019)[193]

Identifiquei o Café com Memória como a primeira ação museal biófila realizada antes da fundação do Ponto de Memória propriamente dito, uma vez que propiciou aos protagonistas convidados superar as diferenças, escutar com atenção a versão dos fatos, carregados na memória de cada um; e que foi selado, após o café, pelo respeito no cumprimento amigável entre Dona Geralda e Senhor Elias, conforme o relato de Deuzani Noleto. Estas memórias de dor e reveses foram aos poucos sendo complementadas por outras narrativas de pessoas que participaram do Café com Memória. Na sequência das atividades os participantes foram convidados a registrar no muro da Casa dos Movimentos[194] palavras significativas do momento experienciado. (Figura 25)



Figura 25 . Fachada da Casa dos Movimentos
Fonte: Relatório Noleto (2013, p. 6). Foto de 04 de dezembro de 2010.

[193] Noleto, D. (2019). *Entrevista*. Concedida a autora da investigação em 13 de novembro de 2019.
[194] A Casa dos Movimentos recebeu este nome pelo fato de abrigar vários movimentos sociais que ocorrem na cidade, dentre eles o Ponto de Memória.

Segundo Gouveia,

> "Na condição de *guardiões da memória*, estes moradores contaram sobre a ocupação da região que hoje é a Estrutural, destacando a organização espacial da área e suas estratégias para promover uma mobilização capaz de resistir às investidas diversas de desocupação. [...] A memória de Dona Geralda e de Elias evocou a memória de todos os moradores presentes. Todos complementaram as histórias narradas, a partir de suas perspectivas." (Gouveia, 2011, p. 21-22)

Nos meses de março, abril e maio de 2011 o Ibram conduziu a oficina prática de Montagem de Exposição, o que deu o suporte necessário para que os gestores do Ponto de Memória pudessem concretizar a primeira exposição, que inauguraria o espaço. Noleto afirma que "Foi um momento de intenso aprendizado, com oficina prática de montagem da exposição ministrada pelo Ibram, com a participação de diversos moradores". (Noleto, 2011, p. 7)

Desta trajetória evidencio alguns desafios enfrentados, dentre eles os relatados por Noleto (2013), como por exemplo a pouca participação comunitária nas reuniões junto aos gestores do Ponto de Memória. Em várias ocasiões nos reunimos para discutir esta questão e buscar alternativas para estimular a participação dos moradores e moradoras do local na gestão e decisões sobre as ações do Ponto de Memória, ficando sempre a cargo do Mece.

Em contrapartida, nas atividades museais promovidas pelo Mece no Ponto de Memória, sempre havia uma participação comunitária expressiva, como, por exemplo, nas Rodas de Memória, nos saraus poéticos e nas exposições. Na busca de mais integrantes, frequentemente nos eventos promovidos pelo Ponto de Memória, Deuzani e Maria Abadia aproveitavam para fazer o convite aos presentes. Após inúmeras tentativas e sem desistir, chegamos à conclusão de que as condições precárias de vida dos moradores, sem emprego fixo, sem direitos garantidos, implicavam numa dedicação intensa ao trabalho informal que eventualmente surgia.

Outra questão que pode ter impedido a participação expressiva da comunidade é o número de entidades filantrópicas e assistenciais existentes na cidade. Muitas destas entidades recebem recursos públicos por meio de convênios com o Estado, estando a garantia do repasse de recursos condicionada ao atendimento presencial dos mais carentes, reduzindo as chances destas pessoas participarem de outros espaços disponíveis na localidade. Além disso, Noleto

chama atenção para o fato da Casa dos Movimentos não comportar ao mesmo tempo as várias atividades da casa. Na busca de solução para o espaço, o Mece fez uma solicitação ao Ibram que intercedesse junto ao GDF com vistas a destinação de uma sede para o Ponto de Memória, ainda não concretizado. Mesmo com a limitação do espaço, o Mece buscou alternativa em outros locais da cidade para a realização de alguns eventos do Ponto de Memória como, por exemplo, no Espaço Cultural, no Centro de Convivência e no Centro Comunitário.

Por outro lado, a visita de Hugues de Varine ao Ponto de Memória no dia 27 de novembro de 2012 abrandou as angústias dos gestores, ao explicar que a existência de um museu comunitário independe do número de participantes, mas depende da qualidade do envolvimento e cuidado que se deve ter com as questões relativas ao patrimônio cultural e natural e o uso que se faz deste para a valorização do território e do sentimento de pertença (Anexo 6). Na ocasião, Varine ficou impressionado com a diversidade de público do encontro e hoje compreendo que ele fez referência à biofilia ao falar da importância naquele momento, da presença dos catadores e seus animais companheiros, cachorros e gatos, como também nas memórias reveladas a partir das narrativas dos moradores e na demonstração de carinho por parte da comunidade. (Figuras 26 e 27). Segundo Varine, esta dinâmica vivenciada já caracterizava o Ponto de Memória como 'Museu Comunitário' com base na Museologia Social.



Figura 26 . Visita de Hugues de Varine no Ponto de Memória da Estrutural
Nota Identificados na imagem: Hugues de Varine ao centro, a sua esquerda Lucas Teixeira e a direita Maria Abadia e Hudson Teixeira.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF . Foto de 27 de novembro de 2012.



Figura 27 . Roda de Memória com Hugues de Varine no Ponto de Memória da Estrutural
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Foto de 27 de novembro de 2012.

Diante destas questões, lembro-me que no início das atividades havia um desejo por parte dos gestores de que o Ponto de Memória se tornasse um Museu Comunitário, com sede própria. Ao retomar a questão, Maria Abadia em entrevista de 29 de dezembro de 2017 assim expressou:

> "Nós gostaríamos de deixar de ser um projeto e tornar uma coisa mais oficial, o tempo é que não está definido, porque esse tempo será definido pela aproximação da comunidade. Queremos transformar em um museu que a comunidade se aproprie, que aprenda a gerir e um dia esteja coordenando, e decidindo o que é que será feito. A museologia comunitária tem que ser bem abrangente. Nós não queremos que um grupo pequeno esteja definindo as ações em nome da comunidade inteira. O que está faltando é a apropriação da comunidade. E pra isso estamos trabalhando muito. Desenvolvendo ações para os jovens, a rua do lazer, o teatro, fazendo com que a comunidade conheça esse novo momento na cidade e que venham construir juntos." (Jesus, 2017)

Para Maria Abadia , o Ponto de Memória da Estrutural ainda não é considerado um museu comunitário no sentido do termo comunitário, ou seja, um pensar junto, 'com', 'pela' e 'para' a comunidade. Jesus (2017) corrobora o pensamento de Varine (2014) ao destacar a sua inquietação com o fato de poucas pessoas gerirem o Ponto de Memória.

> "Não é nem mesmo necessário chamá-lo de 'museu': se todo o território for envolvido, se todo o patrimônio da comunidade for levado em consideração, se as exposições forem apenas uma das técnicas utilizadas para a comunicação entre as pessoas (há muitos outros métodos, incluindo trilhas de observação, centros de interpretação, centros de recursos ou documentação, produções de audiovisuais e multimídia, programas escolares, oficinas temáticas etc.). É quando esse processo cessa que o museu se torna uma instituição. Então, ele provavelmente se dissociará da comunidade e deixará de servir como ferramenta para o desenvolvimento, porque ele logo se tornará antiquado, obsoleto." (Varine, 2014, p. 29)

Segundo o autor, o museu "é um ser vivo, como a própria comunidade" e nesta dinâmica o museu se modificará conforme as mudanças da sociedade, por isso inacabado e construído dia a dia. Por esse motivo, um museu de comunidade não se reduz à coleção, ao prédio, aos especialistas, aos interesses políticos. (Varine, 2014, p. 29)

Após apresentar a organização da comunidade em torno de ações que visavam o estabelecimento de uma cultura de preservação até a culminância da criação do Ponto de Memória com integração da comunidade e o Ibram, a participação em eventos, as parcerias estabelecidas e a formação técnica e política realizada através de oficinas visando a iniciação da capacitação na área da museologia social, passaremos ao Capítulo IV, onde serão apresentadas as ações museais biófilas.

AÇÕES MUSEAIS BIÓFILAS

Não se pode criar experiência.

É preciso passar por ela.

Albert Camus

CAPÍTULO IV – Ações Museais Biófilas: Inventário, Exposições, Ação Cultural e Conservação Participativa

Ações museais biófilas são atividades transdisciplinares relacionadas à museologia, que em seu processo inclui, valoriza o protagonismo social, proporciona a partir das experiências museais de exposição, conservação e pesquisa uma infinidade de possibilidades para além da sua materialidade e isolamento; uma vez que na museologia biófila esse processo é aberto, dinâmico, pensado de forma ativa, compartilhada. Nesse contexto, várias ações foram pensadas e conduzidas em conjunto com a comunidade participante do Ponto de Memória, reafirmando a ação da Museologia Social ao já recomendado no relatório da Unesco, coordenado por Jaques Delors, sobre a educação para o século XXI que preconiza nos seus postulados quatro pilares e que percebi nas ações do Ponto de Memória, o "aprender a conhecer" legitimado no "aprender a fazer", numa atuação conjunta entre estudantes, professores e comunidade no contínuo exercício de "aprender a viver juntos, aprender a conviver com os outros" para atingirmos o status de "aprender a ser", procurando assim o crescimento mútuo a fim de alcançar os saberes sociais, dando sentido à Museologia Social.

As ações museais biófilas seguirão a seguinte ordem de apresentação: inventário, exposições, ação cultural e conservação participativa. Cabe destacar que em inúmeras situações e de acordo com a dinâmica do Ponto de Memória, tais ações ocorreram de forma concomitante.

4.1 Inventário Participativo

> "Dentre as etapas da metodologia proposta para o desenvolvimento dos Pontos de Memória, destacamos a realização dos inventários participativos como instrumentos de estímulo para que os próprios grupos e comunidades locais possam, em primeira pessoa, assumir os processos de identificação, seleção e registro das *referências culturais* mais significativas para suas memórias e histórias sociais."
>
> Vieira Neto (2013, p. 21)

Em 1997, ano em que se comemorou os 60 anos do Iphan, foi realizado em Fortaleza – CE, o II Seminário Internacional Patrimônio Imaterial: estratégias e formas de proteção (Iphan, 1997). O objetivo foi elencar contribuições de representantes de diversas instituições públicas e privadas, com a finalidade de criar instrumentos legais que atendessem ao artigo 216 da Constituição Brasileira de 1988, que reconhece como patrimônio cultural brasileiro:

> **"Art. 216.** Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:
> I - as formas de expressão;
> II - os modos de criar, fazer e viver;
> III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
> IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
> V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico." (Brasil, 1988)

Além disso, a Carta Magna deixa claro no parágrafo primeiro do referido Art. 216 a colaboração mútua entre Estado e sociedade no que concerne à preservação:

> **"§ 1º** O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação." (Brasil, 1988)

Na ocasião do referido seminário em 1997, foi produzida a Carta de Fortaleza, que recomendou ao Iphan e colaboradores: uma reflexão profunda sobre o conceito de bem cultural imaterial; que fosse criado um grupo de trabalho sob a coordenação do Iphan para desenvolver um instrumento legal voltado à preservação de patrimônio imaterial; e, em conjunto com outras unidades do MinC, a realização do "inventário de bens culturais em âmbito nacional". No ano seguinte foi criado o Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial [GTPI], que apresentou uma proposta técnica, Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, culminando na criação da "Política de Salvaguarda do Patrimônio Cultural do Brasil, instituindo o Registro dos bens culturais de natureza imaterial e o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial [PNPI]" e, nesse mesmo ano, o Iphan criou a metodologia do "Inventário Nacional de Referências Culturais".[195]

O Programa Pontos de Memória adotou como parâmetro o INRC com adaptações à realidade local. Destaca-se que o Iphan desenvolveu a metodologia do INRC com objetivo de "produzir conhecimento sobre os domínios da vida social aos quais são atribuídos sentidos e valores e que, portanto, constituem marcos e referências de identidade para determinado grupo social" (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014d) uma vez que a existência de referência cultural implica na existência de sujeitos para quem aquelas referências façam sentido.[196]

> "Assim, na realização do Inventário Participativo, a coleção/acervo a ser inventariado é o próprio *patrimônio cultural integrado* de determinado território, sítio ou *configuração socioespacial* historicamente compartilhado por uma determinada coletividade ou grupo social que protagoniza o próprio processo de inventariação. [...] o Inventário Participativo é uma importante ação museal contemporânea, na medida em que fomenta e dá visibilidade às referências culturais de importantes setores da sociedade que não encontravam, na história oficial, o reconhecimento amplo das suas histórias, memórias e identidades." (Vieira Neto, 2013, p. 19-20)

[195] Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [Iphan]. (2014c). Cartas Patrimoniais. *Carta de Fortaleza 1997*. Acessado em 09 de outubro de 2019 em http://portal.Iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Fortaleza%201997.pdf.

[196] Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [Iphan]. (2014d). *Inventário Nacional de Referências Culturais 2000*. Acessado em 17 de outubro de 2019 em http://portal.Iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Manual_do_INRC.pdf

Conforme o historiador e consultor do Ibram Vieira Neto (2013, p. 5), o Inventário Participativo é "uma das etapas centrais no contexto da metodologia proposta para o desenvolvimento do citado Programa". Desta forma, deverá ser uma das ações iniciais, uma vez que é realizado por meio da comunidade que, em conjunto, definirá o recorte temático e a poligonal a ser levantada na localidade, qual metodologia usar e para qual finalidade.

4.2 Oficinas de Inventário Participativo - Ponto de Memória da Estrutural

Em 2011 foram realizadas duas oficinas de Inventário Participativo. A primeira oficina foi conduzida pelo Ibram aos gestores e participantes do Ponto de Memória da Estrutural; neste mesmo ano uma segunda oficina foi ministrada pela professora Deborah Silva Santos no âmbito do Projeto de Extensão que coordenei pela UnB.

A oficina de Inventário Participativo ministrada pelo Ibram seguiu as diretrizes estabelecidas no Plano de Educação Colaborativa em Museologia Social do Ibram, cujo objetivo foi pautado nas demandas identificadas "de formação das iniciativas comunitárias de memória", além de impulsionar as redes dos Pontos de Memória. Na oficina foi apresentada a metodologia de Inventário Participativo com vistas a "identificação, pesquisa e registro das referências culturais locais" a serem realizadas nas respectivas comunidades. (Vieira Neto, 2013, p. 40)

Segundo a ementa apresentada pelo Ibram, a oficina englobou:

> "Inventário Participativo - Conceitos: inventário, participação. A importância do inventário. Metodologias de inventário. Inventário e memória: o que deve ser preservado. Relações de poder, conflitos e participação no inventário. Metodologia do Inventário Participativo." (Gouveia, 2010b, p. 8)

Dentre os conteúdos trabalhados a abordagem foi circunstanciada no entendimento do que é um Inventário Participativo, por que fazer, quais os desafios e metodologias possíveis para sua execução, memória individual, coletiva, social, história, as construções de narrativas. O Anexo 7 apresenta o conteúdo programático de Inventário Participativo promovido pelo Ibram, baseado na apresentação em 'Power Point' de Mirela Araújo durante o I Seminário de Qualificação de Representantes e Consultores Locais dos Pontos de Memória ocorrido entre os dias 30 de agosto a 02 de setembro de 2011.

A segunda oficina foi realizada entre 22 de outubro e 10 de dezembro de 2011. (Figura 28)



Figura 28 . Oficina de Inventário Participativo
Nota Identificados na imagem: Caroline Soares, Sr. Vicente de Paula de camisa azul, estudantes da UnBSâmia Nogueira e Julia Carrari de camisa laranja, Adoaldo Dias, professora Deborah Santos, Deuzani Noleto.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Foto de 22 de outubro de 2011.

Os temas perpassaram museu e museologia, história oral e técnicas de entrevista. (Anexo 8). Dentre as questões que surgiram, duas delas chamaram a atenção e foram discutidas, a saber: de que forma conduzir na prática o Inventário Participativo; e se o acervo resultante da exposição Movimentos da Estrutural: Luta, Resistência e Conquista seria inventariado e incorporado ao acervo do Ponto de Memória. Conforme Noleto (2011), a partir destas duas oficinas os participantes do Ponto de Memória construíram uma proposta para a execução do Inventário Participativo. Segundo a autora,

> "Está acontecendo a experiência participativa na medida em que estamos realizando uma pesquisa na comunidade para saber até que ponto os moradores acham que é preciso rever, organizar e preservar as suas histórias, e que parte desta história é importante." (Noleto, 2011, p. 3)

Noleto (2011, p. 4) relata que ficou decidido trabalhar o inventário em duas frentes: "1. Inventariar os documentos e resultados das atividades e experiências realizadas até agora no projeto; 2. Realizar novas ações que gerem novos resultados que, por sua vez, ampliem o acervo do museu e expandam o alcance do inventário".

Com relação ao acervo, após discussões ficou decidido que seriam higienizados, inventariados e incorporados ao acervo do Ponto de Memória os documentos gerados para a exposição, os documentos de jornais, o acervo coletado e doado pelos moradores, os produtos resultado da pesquisa como vídeos, banners e registros fotográficos dos processos realizados.

De acordo com Noleto (2013), após as oficinas conduzidas pelo Ibram e pela UnB em 2011, foram realizadas entrevistas com grupos focais formados pelos primeiros moradores da cidade Estrutural. Segundo Santos C.S. (2014),

> "A proposta de gravação das entrevistas era compor um primeiro acervo com as histórias sobre o início da cidade, tentando mapear os antigos moradores e os lugares ocupados e, junto com isso, aquelas pessoas que tivessem acompanhado as organizações ligadas à luta por moradia até a cidade ser regularizada." Santos C.S. (2014, p. 17)

Foram elaborados um questionário semiestruturado e os formulários de Cessão Gratuita de Direitos de Entrevista Oral; a Ficha de Identificação; e o Modelo de Capa para transcrição de entrevista. O Quadro 3 apresenta uma listagem das primeiras entrevistas realizadas pelo Ponto de Memória da Estrutural.

As entrevistas com os moradores mais antigos da cidade Estrutural e outras atividades desenvolvidas pelo Ponto de Memória resultaram, como produto de difusão final, o vídeo 'Ponto de Memória e a Estrutural', uma produção de '3 CONTO', todo o áudio foi re-escutado e "a Coordenação do Ponto de Memória se reuniu e decidiu que tipo de mensagem queríamos apresentar com o vídeo" (Ponto de Memória da Estrutural, 2016, p. 66), além de elencar um vasto material para as exposições e novas ações museológicas. (Anexo 3)

O vídeo inicia com o percurso do estandarte do Museu do Cortejo pela cidade Estrutural na ocasião da inauguração do Ponto de Memória da Estrutural e abertura da exposição Movimentos da Estrutural: Luta, Resistência e Conquista; o cotidiano da cidade com a feira ambulante, as pessoas, as ruas e casas; o segundo percurso pela cidade com o estandarte do Museu do Cortejo para a abertura da exposição Movimentos da Estrutural: A Mulher e a Cidade; coloca em cena algumas das atividades realizadas no Ponto de Memória como as oficinas da Editora Popular, as Rodas de Memória; entrevista alguns dos gestores do Ponto de Memória; e fragmentos do registro de depoimentos de antigos moradores da cidade, a importância da luta, a resistência e a conquista do lugar.

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO - História Oral / Entrevista			
Dia	Entrevistado	Entrevistador(es)	Local
10/02/2012	**Adoaldo Dias Alencar** (conhecido como Duda, o Repórter da Estrutural), morador em 1994, no início na Vila Nova, no mesmo ano muda para a Vila Velha. Na Vila Velha sofreu seu primeiro atentado na cidade Estrutural. Sai da cidade e retorna somente em 2002.	Deuzani Noleto	Chácara Recanto Macaubas Adonaira – Estrutural DF
29/02/2012	**Luis Carlos Costa**, nasceu em Parnaíba - Piauí, morador na Estrutural desde 1998.	Carolina Soares e Terezinha Sant'Ana de Oliveira Costa	Casa dos Movimentos – Estrutural DF
15/03/2012	**Paulo Batista dos Santos.** Nasceu em Brasília. Mora na Estrutural desde o ano 2000**.**	Carolina Soares e Terezinha Sant'Ana de Oliveira Costa	L – Estrutural DF
16/03/2012	**Ismael de Oliveira Caetano,** nasceu em Brasília DF, chegou na Estrutural em 1994. Conta a mudança para a Vila Velha e as questões políticas da época.	Carolina Soares, Gustavo e Terezinha Sant'Ana de Oliveira Costa	Casa dos Movimentos – Estrutural DF
22/03/2012	**Djalma Silva do Nascimento**, nasceu em Taguatinga DF, morador desde 1994, no início na Vila Nova.	Carolina Soares, Gustavo e Terezinha Sant'Ana de Oliveira Costa	Casa dos Movimentos – Estrutural DF
29/03/2012	**Maria José Campos**, nordestina, chegou na Estrutural em 1978. Morou em uma chácara próximo ao lixão. Na época havia em torno de 30 moradores.	Carolina Soares e Terezinha Sant'Ana de Oliveira Costa	Núcleo Rural Monjolo – DF
04/04/2012	**Isabel**, oriunda da Bahia, chegou na Estrutural em 1987. Na época havia poucos moradores. Morou em uma área pública perto do lixão. Acompanhou o crescimento do lixão. Lá cuidou, plantou, transformou em uma chácara, morando até o ano de 2008, quando foi obrigada a sair. No local foi construída a Vila Olímpica.	Carolina Soares, Deuzani Noleto e Terezinha Sant'Ana de Oliveira Costa	Núcleo Rural Monjolo – DF
25/04/2012	**Suzano Pereira Alves,** natural de Mimoso – Goiás, morador da Estrutural desde 1978. Na época não havia chacareiros, havia trabalhadores do lixão e catadores do Guará, Taguatinga.	Deuzani Noleto e Terezinha Sant'Ana de Oliveira Costa	Casa dos Movimentos – Estrutural DF
30/04/2012	**Vanda de Jesus,** nasceu em Caratinga-MG. Segundo Dona Vanda o lixão inicial era localizado no Cruzeiro onde está localizado o Hospital das Forças Armadas.	Carolina Soares e Terezinha Sant'Ana de Oliveira Costa	Casa da Dona Vanda – Estrutural DF
10/05/2012	**Valdevino Lopes de Almeida,** nasceu em Campos do Buriti no Piauí. Morador da Estrutural desde 1994.	Carolina Soares, Terezinha Sant'Ana de Oliveira Costa e Vicente de Paula.	Casa dos Movimentos – Estrutural DF

Quadro 3 . Primeiras entrevistas
Fonte: Ponto de Memória – Adaptado pela autora.

4.3 Pelo Direito de Decidir o que Será Preservado

No ano de 2016, os gestores do Ponto de Memória da Estrutural submeteram uma proposta por meio do Edital de Fundo de Apoio à Cultura do DF para realizarem um inventário participativo junto à comunidade local. O projeto foi intitulado Inventário Participativo sobre Cultura e Memória na Estrutural DF, processo número 150.000.392/2016, na área de atuação Cultura Popular, foi aprovado, sendo Maria Abadia Teixeira de Jesus a proponente. Após aprovação, o referido projeto foi conduzido entre 16 de junho de 2016 e 11 de abril de 2018. Segundo Maria Abadia , após serem liberados os recursos do Projeto FAC, o Mece e a coordenação do Ponto de Memória convocaram os moradores a fim de selecionar seis pesquisadores para participar do projeto.[197]

Reuniões se sucederam para pensar no andamento do inventário proposto. Conforme consta no relatório final apresentado à SEEDF, foram realizadas reuniões administrativas com o objetivo de estruturar o trabalho a ser executado, definir as oficinas de capacitação, o delineamento da pesquisa de campo e a divulgação.

> "O objetivo do projeto foi mapear iniciativas artístico-culturais da cidade, individuais ou coletivas, que se expressem nas diversas linguagens: visuais, cênicas, musicais, ritos, celebrações, crenças ou ideias. Interessa-nos, portanto, compreender a história da Estrutural a partir da memória de seus moradores, não apenas sobre a trajetória de luta pela permanência no território – memória social que os une e desejo comum que os torna comunidade – mas, sobretudo pelos mecanismos internos que estruturam as atividades de lazer ou de trabalho que atribuem significados às pessoas, aos objetos e aos lugares, ao mesmo tempo que adquirem sentido." (Ponto de Memória da Estrutural, 2018, p. 03)

Uma vez formada a equipe de inventário, foi ministrada pela professora do Curso de Museologia da UnB Ana Lúcia de Abreu Gomes nos dias 16 e 23 de julho de 2016 a oficina de capacitação intitulada "Patrimônio: um conceito polissêmico", com o objetivo de seguir a discussão sobre inventário participativo. (Figuras 29 e 30)

[197] Jesus, M. A. T (2018). *Entrevista*. Concedida à autora desta investigação em 06 de outubro de 2018. Brasília, DF. Ver Apêndice II.



Figura 29 . Oficina de capacitação com a professora Ana Lúcia de Abreu Gomes
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Foto de 16 de julho de 2016.



Figura 30 . Oficina de capacitação com a professora Ana Lúcia de Abreu Gomes
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Foto de 23 de julho de 2016.

Na sequência, coordenei em conjunto com a professora do Curso de Museologia da UnB Marijara Queiroz as atividades relativas à elaboração do caderno de pesquisa e a capacitação dos agentes comunitários para o processo das pesquisas de campo.[198] (Figura 31)

O material de apoio empregado foi o INRC do Iphan, mesmo utilizado nas oficinas de 2011, sendo retomado e adaptado ao projeto do FAC e às necessidades e realidade da

[198] Após critérios estabelecidos pelos gestores do Ponto de Memória, quais sejam: assiduidade, entrega de relatórios, disponibilidade de horário, atuação ativa no Ponto de Memória, foram selecionados pesquisadores locais para participar da capacitação e da pesquisa, sendo eles: Almir Gomes da Silva, escritor e participante da Editora Abadia Catadora; Bianca Aparecida Teixeira de Jesus, catadora de materiais recicláveis, colaboradora na Editora Abadia Catadora e na manutenção da Casa dos Movimentos - sede do Ponto de Memória; Jorge Rageppo, professor de capoeira na Casa dos Movimentos; Selenita Rosa da Silva, artesã e costureira; Niquelene Pereira da Silva, jovem que participou da exposição "A Mulher e a Cidade" do Ponto de Memória; e Vitoria Cândida de Jesus, jovem que sempre participou das atividades e eventos do Ponto de Memória da Estrutural DF.

cidade Estrutural. A metodologia de inventário proposto no INRC prevê a condução em três etapas, a saber: "1. Levantamento preliminar; 2. Identificação; 3. Documentação" (Iphan, 2014d, p. 35).[199] O levantamento preliminar diz respeito à "delimitação do sítio a ser inventariado" e a sistematização das informações disponíveis. Cabe lembrar que esta etapa já estava avançada, tendo em vista o inventário participativo realizado em 2011 e a compreensão do contexto social por parte dos agentes comunitários.[200]



Figura 31 . Oficina de capacitação - professoras Silmara Küster e Marijara Queiroz
Nota Identificados na imagem da esquerda para a direita: Maria Abadia Teixeira de Jesus, Selenita Rosa, Niquelene Pereira da Silva e Almir Gomes da Silva.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Foto de 30 de julho de 2016.

Quanto aos formulários para as entrevistas, foi esclarecida a importância de produzir dados e conhecimentos com vistas à difusão e preservação das referências culturais identificadas, pois as informações poderão ser substratos para futuras exposições, catálogos e documentários. Nesta fase, foram elaboradas as orientações para a pesquisa de campo e, de forma participativa, a decisão sobre o que seria registrado, sendo estabelecidas três referências culturais a inventariar: Registro de pessoas, Lugares e Formas de expressão. (Anexo 9)

Nos respectivos formulários foram elencadas as seguintes questões:

- **Formulário 1 – Cadastro,** com os seguintes campos: 1. Dados pessoais; 2. Dados socioeconômicos; 3. Dados para identificação de Bens e Referências Culturais - se o entrevistado é artista detentor ou produtor cultural e quais as formas de registro: pessoas,

[199] O inventário proposto pelo INCR é complementado a partir da inserção dos dados coletados em um banco de dados. No caso do inventário conduzido na cidade Estrutural, foram realizadas somente as três etapas citadas.
[200] Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [Iphan]. (2014d). *Inventário Nacional de Referências Culturais 2000*. Acessado em 17 de outubro de 2019 em http://portal.Iphan.gov.br/uploads/ckfinder /arquivos/Manual_do_INRC.pdf.

lugares ou formas de expressão; 4. Dados de história e memória da Estrutural; 5. Forma de registro da coleta; 6. Observações do pesquisador sobre a coleta; 7. Pesquisador responsável, data, hora.

Após a aplicação do respectivo formulário F1, o pesquisador identificará se o entrevistado deverá ser registrado em uma das categorias de referência cultural, detalhadas nos formulários 1A, 1B e 1C.

- **Formulário 1A – Registro de pessoas,** com os seguintes campos: 1. Identificação da pessoa (se ser humano real ou fictício, se vivo ou morto, lendário ou imaginário); 2. Localização - se há lugares associados à pessoa individualmente ou coletivamente; 3. Dados históricos e biográficos – origem e história da pessoa na Estrutural; 4. Descrição – característica física da pessoa; 5. Registro – forma de registro; 6. Observação do pesquisador; 7. Pesquisador responsável.
- **Formulário 1B – Registro de lugares,** com os seguintes campos: 1. Identificação (nome mais comum); 2. Localização; 3. Dados históricos e significativos; 4. Descrição; 5. Registro – forma de registro; 6. Observação do pesquisador; 7. Pesquisador responsável.
- **Formulário 1C – Formas de expressão,** com os seguintes campos: 1. Identificação da forma de expressão; 2. Localização; 3. Dados históricos e significativos; 4. Descrição – etapas de realização, pessoas envolvidas, materiais, roupas e acessórios, expressões corporais (danças, encenações), expressões orais (músicas, orações, ladainhas), objetos importantes (instrumentos musicais, decoração), outras referências; 5. Forma de registro associada à coleta; 6. Observações do pesquisador sobre a coleta; 7. Pesquisador responsável, data, hora.
- **Cessão gratuita de direitos de imagem.** Formulário específico.

Durante as oficinas de capacitação, os moradores citaram as possíveis referências culturais de lugar, como, por exemplo, a feira local e o lixão. Posteriormente foram elaborados os formulários para seguir as demais fases de Identificação e Documentação.

Ao dar início à pesquisa de campo, ficou claro aos participantes a importância de as pessoas que moram no local conduzirem o inventário a fim de identificar as referências culturais que façam referência à memória e à identidade dos grupos e das comunidades da cidade Estrutural. Cabe destacar que este caráter participativo no processo de inventário contribuiu para o sentimento de pertença dos moradores da cidade, ampliando o olhar ao seu

patrimônio cultural "de modo a valorizar as características identitárias que singularizam ou universalizam o lugar". (Ponto de Memória da Estrutural, 2018, p. 03)

Varine (2012, p. 54) apresenta vários métodos de inventário[201]. Segundo o autor, o inventário participativo é aquele em que os próprios moradores da localidade designam "o que consideram sendo o patrimônio de sua comunidade".

Conforme o Iphan, "o INRC terá alcançado seu principal objetivo, como política cultural, se a população local vier a assumi-lo como algo do seu interesse, incluindo-o na construção de sua memória" (p. 35). Evidencio que o inventário realizado no âmbito do Projeto FAC contribuiu para um levantamento cultural preliminar sobre a memória e a história da cidade, a partir da identificação e registro das formas de expressão, das pessoas e dos lugares.

4.3.1 Método de coleta de dados – Entrevistas e Rodas de Memória

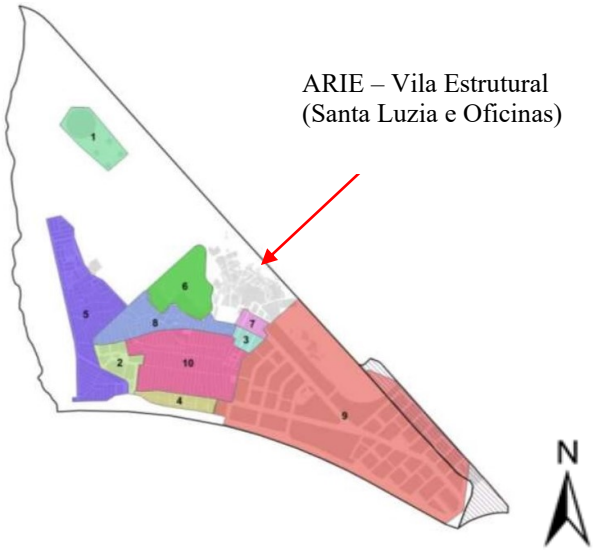
Como método de coleta de dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas e Rodas de Memória, metodologia esta já preconizada na segunda fase do Programa Pontos de Memória utilizada no ano de 2010 com vistas à constituição do Ponto de Memória da Estrutural, e revisitada nas oficinas de inventário em 2011 e 2016.

Na presente edição de inventário participativo cultural, foram cadastradas e entrevistadas 400 pessoas na cidade Estrutural com vistas ao mapeamento cultural e referências de pessoas, lugares e formas de expressão, conforme já detalhado na seção anterior. Na Figura 32 temos a poligonal da Região Administrativa XXV SCIA e Estrutural distribuída em setores[202]. Mesmo não sendo utilizada para uma distribuição equitativa dos formulários, serve para termos uma referência dos setores em que os formulários foram aplicados.

[201] São: "o inventário tecnocrático", "o inventário científico", "classificação/tombamento", "o inventário compartilhado", "o inventário participativo" (Varine, 2012, p. 46-55).

[202] Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios, elaborada pela Diretoria de Estudos Urbanos e Ambientais [Deura] a Companhia de Planejamento do Distrito Federal com base nos dados da Secretaria de Estado de Gestão do Território e Habitação [SEGETH] em 2015.

RA XXV: SCIA e Estrutural



LEGENDA

1- Setor de Paiois
2- Vila Estrutural – Setor Central
3- Vila Estrutural – SCSV Leste
4- Vila Estrutural – Setor Especial
5- Vila Estrutural – Setor Oeste
6- Vila Estrutural
7- Vila Estrutural – Setor Grandes Equipamentos
8- Vila Estrutural – Setor Norte
9- Vila Estrutural – SCIA
10- Vila Estrutural – Setor Leste
Área de Relevante Interesse [ARIE] da Vila Estrutural

Figura 32 . Setores da Vila Estrutural e ARIE
Fonte: Codeplan 2015 – Adaptado para a pesquisa.

Após a coleta, os formulários foram digitalizados e os dados repassados em planilha de 'Excel' para fase da análise das informações. A análise constatou que a mobilidade de migrantes para a cidade Estrutural DF se deve à busca por melhores condições de vida. Para uma amostra de 303 cadastros digitalizados e disponíveis para esta pesquisa, foram identificados migrantes de dezenove estados brasileiros, a saber: Maranhão, Piauí, Ceará, Bahia, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Pará, Tocantins, Rondônia, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Distrito Federal, sendo em maior número habitantes de origem do Distrito Federal e, na sequência, pessoas oriundas dos estados do Maranhão, Bahia e Piauí, conforme apresentado no Quadro 4 e representado no Gráfico 1.

ESTADO	Moradores de outros Estados brasileiros comparado com DF
Maranhão - MA	48
Piauí - PI	31
Ceará - CE	8
Bahia - BA	38
Paraíba - PB	6
Pernambuco - PE	5
Alagoas - AL	3
Sergipe - SE	1
Rondônia - RO	1
Pará - PA	10
Tocantins - TO	10
Mato Grosso - MT	1
Distrito Federal - DF	92
Goiás - GO	23
Minas Gerais - MG	18
São Paulo - SP	2
Espírito Santo - ES	1
Rio de Janeiro - RJ	3
Rio Grande do Sul - RS	2
18 Estados da Federação e o Distrito Federal	Total de entrevistados 303

Quadro 4 . Número de moradores de outros Estados brasileiros.
Fonte: Projeto FAC. A autora (2017).

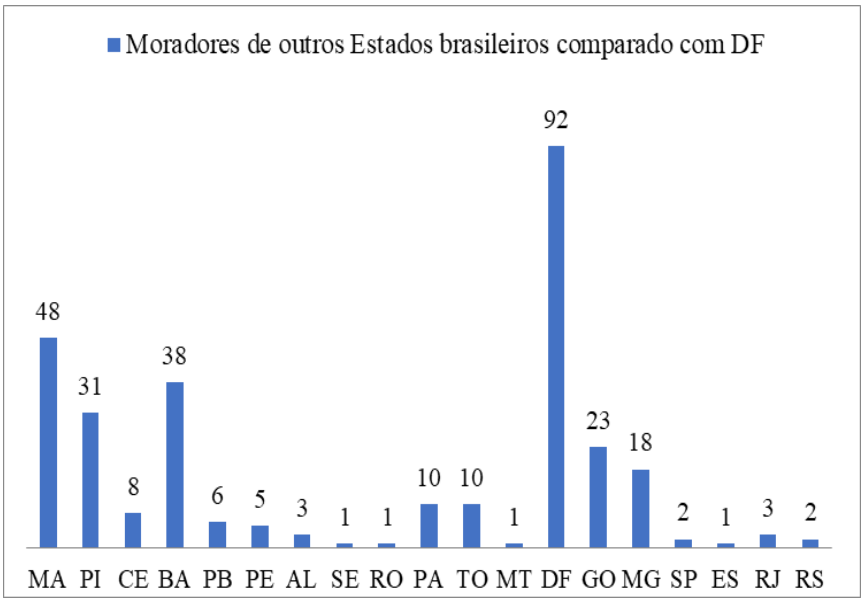


Gráfico 1 – Número de migrantes na cidade Estrutural DF, amostra 303 cadastros.
Fonte: Projeto FAC. A autora (2017).

O Quadro 5 apresenta o quantitativo de entrevistados de acordo com o gênero feminino e masculino, na faixa etária entre 11 e 94 anos, representado no Gráfico 2:

Faixas Etária	Homem	Mulher
0-20	19	45
21-30	43	39
31-40	23	27
41-50	23	28
51-60	9	33
61-70	3	7
71+	2	2
Total	122	181

Quadro 5 . Nº de entrevistados, conforme faixa etária e gênero feminino e masculino
Fonte: Projeto FAC. A autora (2017).

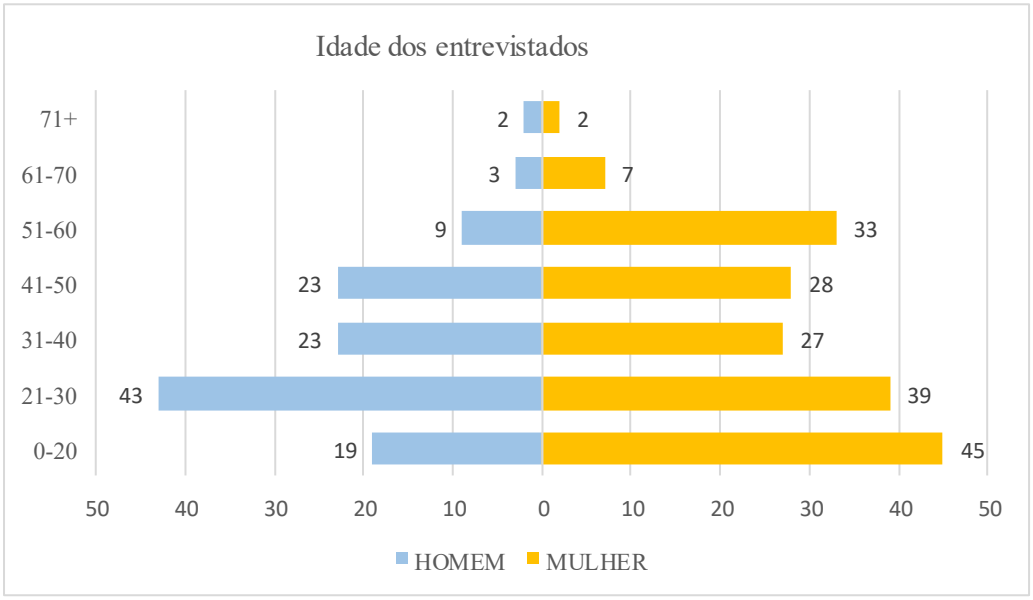


Gráfico 2 – Idade e sexo dos entrevistados, amostra 303 cadastros.
Fonte: Projeto FAC. A autora (2017).

O Quadro 6 apresenta o quantitativo de entrevistados conforme os Setores da Vila Estrutural e representado no Gráfico 3:

Setores da cidade Estrutural	**Setores da cidade Estrutural Quantidade de Entrevistados**
Setor Leste	167
Setor Oeste	57
Setor Norte	33
ARIE Estrutural (Oficinas)	1
ARIE Estrutural (Chácara Santa Luzia)	25
SCSV Leste	1
Setor Especial	4
SCIA	1
Sem Endereço fixo	13
Setor de Grandes Equipamentos	1

Quadro 6 . Quantidade de entrevistados conforme os Setores da Vila Estrutural.
Fonte: Projeto FAC. A autora (2017).

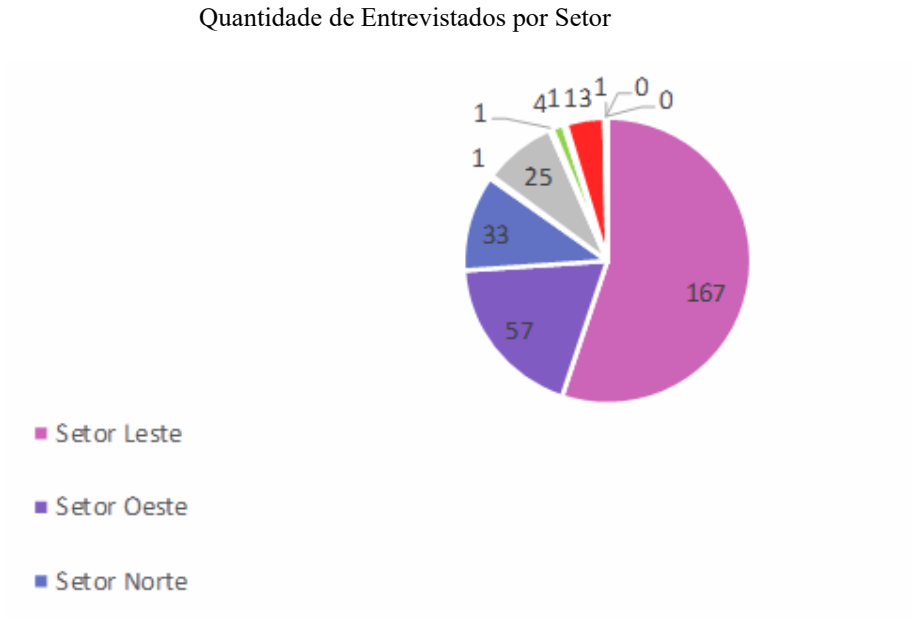


Gráfico 3 – Amostra por setor
Nota: Da amostra de 303 entrevistados a pesquisa foi aplicada nos respectivos setores: Setor Leste, Setor Oeste, Setor Norte, SCSV Leste, Setor Especial, SCIA
Fonte: A autora (2017).

Diante da grande diversidade de estados brasileiros representada, as manifestações de origem se revelam no novo contexto seja na maneira de falar, nas lembranças, no sonho de um dia retornar à terra natal. Na Roda de Memória ocorrida no dia 27 de agosto de 2016, Selenita Rosa explicou que a alternativa encontrada para não se distanciar das referências culturais de origem foram as reuniões em família. Assim,

> "quando chegamos na cidade Estrutural, nos deparamos com uma realidade totalmente diferente da nossa de Minas Gerais, lá tinha o costume de rodas de violeiro, as folias de reis, as novenas. Como nós somos em sete irmãos, a estratégia encontrada foi nos encontrarmos sempre que possível para realizarmos as rodas de viola e para garantir a permanência das nossas raízes, quem perde a sua cultura, morre a metade." (Rosa, 2016)

É interessante notar que o tempo e a distância não apagam essas memórias, as pessoas podem sair do seu lugar de origem, mas as referências culturais um dia vivenciadas permanecem com elas; e ao se reconhecer naquela festa, naquele modo de falar, na música, na gastronomia, na fotografia do tempo, revivem aquela referência. (Gomes, 2016)

Nas Rodas de Memória o existente em repouso se revela em cada fala; e, na viagem com os olhos da 'alma', "o passado não reconhece o seu lugar: está sempre presente..." como sabiamente expressou o poeta Mario Quintana.

4.3.2 Rodas de Memória

As Rodas de Memória são também oportunas para uma integração entre os moradores e para propiciar reflexão em torno de temas comuns à comunidade. Conforme já delineado, as primeiras Rodas de Memória realizadas no Ponto de Memória da Estrutural foram destinadas a revisitar a história da formação da cidade pela ótica de seus moradores mais antigos. No âmbito do projeto em tela, o objetivo do inventário foi elencar pistas para o inventário cultural. Assim, foram realizadas cinco Rodas de Memória no segundo semestre de 2016. (Figura 33). Com este enfoque temático, foram cadastrados e identificados os detentores de alguma expressão artística. Na ocasião aconteceram apresentações musicais, dança, declamação de poesias, integração entre moradores, além de ser uma oportunidade de indicação de conhecidos, auxiliando no mapeamento cultural.

Com vistas ao inventário cultural, na primeira Roda de Memória realizada na Casa dos Movimentos, no dia 13 de agosto de 2016, participaram três moradores da comunidade que indicaram outras pessoas para as próximas Rodas de Memória[203].

[203] José Antonio (Pelé) – natural do Rio de Janeiro-RJ, morador da cidade desde 1995 e treinador de futebol. Indicou os seguintes artistas: seu filho, que é pagodeiro (para o Pelé a música fez bem a seu filho), indicou Senhor Lobo – cantor e forrozeiro, Paraíba – sanfoneiro, Seu Ary – toca violão e canta. Abimael – natural de Brasília- DF: na época que não tinha energia elétrica na cidade acendiam fogueira na rua e assavam batata. Jogavam futebol na rua, vendia picolé na infância para treinar capoeirista. Indicou os seguintes artistas: Paraíba – sanfoneiro, Seu João – sanfoneiro, Algodão – dançarino, Elvis – toca violão, John – toca cavaquinho, Zoio – toca cavaquinho e trabalha com robô filmando as redes de esgoto. Selenita – indicou os seguintes artistas: Raimundo – quadrilha, Toninho – teatro, Jairzinho – break, Marcelo – violeiro, Darley – violeiro (Grupo Família Sabiá), Artesãs, Moça Jovem – toca forró colado, José Pacheco – sanfoneiro, J. Silva – violeiro, Dona Rosicleide – bonequeira, Luisa – bordadeira. (M.A.T, Jesus, 2016)



Figura 33 . Primeira Roda de Memória
Nota Identificadas na imagem: à esquerda Vitoria Cândida de Jesus, em pé Maria Abadia Teixeira de Jesus, Sandrielli Gomes, Bianca Aparecida Teixeira de Jesus.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Foto do dia 13 de agosto de 2016.

A segunda Roda de Memória ocorreu no dia 27 de agosto de 2016 e teve uma participação mais expressiva de poetas, escritores, escritoras e músicos.[204] (Figura 34)



Figura 34 . Segunda Roda de Memória
Nota Identificados na imagem, da esquerda para a direita: Fernando Borges, Bruno Feitosa, Paraíso sanfoneiro, Adamastor, Deuzani Noleto, Almir Gomes da Silva, Vitória de Jesus.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Foto do dia 27 de agosto de 2016.

Destaco a participação do jovem poeta Fernando Borges, autor do livro que ele mesmo confeccionou "A Favela como ninguém viu". Na Roda de Memória declamou

[204] Paraíba (Marinaldo) – músico; Marcelo – músico; Darley – violeiro, Grupo Família Sabiá; Claudia – as filhas tocam flautas, violão, violino e teclado – artesã; Samara – toca em fanfarra e faz artesanato; Bruno Feitosa – Cantor do Grupo Reciclando os Sons; Fernando Borges – poeta; Daia Nunes – professora de acordeon; Ary – sanfoneiro. (Jesus, 2016)

algumas poesias de sua autoria, na ocasião estava em discussão no Brasil a redução da maioridade penal. Fernando Borges com sua sensibilidade assim declamou:

> "Na comunidade nós somos chamados de bandidos, mas no Congresso eles são chamados de políticos, aqui só se rouba a mão armada, lá só se rouba de terno e gravata, aqui se assume o homicídio, lá a passagem para o paraíso; mas tem uma grande diferença nesses dois ladrões, um vive em presídios o outro vive em mansões." (Borges, 2016)

A terceira Roda de Memória ocorreu no dia 10 de setembro de 2016.[205]. (Figura 35). Foi unânime na fala dos convidados a falta de ações do poder público na cidade.



Figura 35 . Terceira Roda de Memória
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Foto do dia 10 de setembro de 2016.

[205] Participaram Rayane – trabalha na pastoral da criança, atua em grupo jovem, frente da jornada da juventude, pela Igreja. Indicou os seguintes artistas: Multi Mistura – Pastoral. Paulo Porto – cantor de rap. Indicou os seguintes artistas: Marcelo Paulista – cantor e compositor de rap, Grupo Port Ilegal Rappers. Isabel – chegou na cidade Estrutural em 1995. "Naquela época a gente pegava pauzinho de lenha, acendia o fogo e ficava até de madrugada conversando, contação de história, uma brincadeira. Não tinha violência. Atualmente a violência evoluiu demais na cidade. A primeira morte violenta aconteceu com um vizinho meu. Quando chovia era muito sofrido, mas fomos vencendo, somos trabalhadores. Quando chegamos ainda não havia igreja. A primeira igreja foi a Paróquia, depois as evangélicas. O que falta é apoio dos governantes. Eu vejo a luta da Abadia, sou sua admiradora, ela luta, busca e mostra objetivo. Minha contribuição para o Ponto de Memória seria divulgar". Seu filho Carlos Eduardo toca violino. Indicou os seguintes artistas: Ricardo – maestro, irmã Maria, artesã, Dona Edmilta, que faz crochê, Francisca, faz crochê. Propõe que seja feita uma rodada de crochê. "Foi muito sofrido". Adoaldo Dias – Duda, o Repórter da Estrutural, falou sobre a falta das autoridades na comunidade. "A preocupação das autoridades é a terra e não o bem-estar das pessoas". Duda relatou a invasão de sua chácara e a destruição da área ambiental mantida por ele. (M.A.T,Jesus, 2016)

Adoaldo Dias já havia sido entrevistado pelo Ponto de Memória em fevereiro de 2012.[206] Na ocasião do inventário participativo cultural, relatou com tristeza o fato de perder a sua chácara em 2014. Segundo ele, chegou na cidade Estrutural em 1994, foi embora após sofrer um atentado, retornando como agente de saúde no ano de 2002. Percorria todo o território da Estrutural, em certa ocasião avistou uma área à venda na Chácara Santa Luzia, conforme já apresentado na Seção 2.2.2 – Áreas de Relevante Interesse Ecológico. Esta área de preservação ambiental está localizada a 300 metros dos limites do Parque Nacional de Brasília. À época vislumbrou a possibilidade de morar naquele lugar, comprando de forma irregular cerca de 6.300 m2 de área.

Duda relata que no ano de 2002, ao adquirir a área, havia poucos vizinhos. Construiu uma pequena casa e trabalhou pela preservação do local, plantou mogno, cedro, jatobás, aroeira, ipês nas cores rosa, amarelo, branco e roxo; pau-brasil, árvores frutíferas, vegetação do cerrado. No ano de 2014 o local foi invadido por cerca de 2,5 mil famílias. Além da invasão da área, a casa do Duda foi invadida, recebendo ameaça de morte, precisou sair sem seus pertences. Várias construções irregulares foram levantadas, perdendo totalmente o espaço para famílias em situação de vulnerabilidade social. Duda buscou seus direitos junto ao Governo do DF com a expectativa de recuperar a área ou parte dela. O processo foi instruído com o registro imagético da chácara feito e a entrevista realizada pelo Ponto de Memória, descrevendo o cuidado do Duda com a preservação de nascentes, árvores e outras vegetações plantadas por ele. No entanto, Duda não conseguiu retomar a área e a chácara continua em estado lastimável, totalmente sem referencial de natureza. Atualmente é o local mais perigoso da cidade Estrutural.

> "Na condição de morador da Estrutural, foram muitas alegrias e muitas tristezas. O que falta na nossa comunidade são as atitudes das autoridades. A preocupação das autoridades é a terra e não o bem-estar das pessoas. Quando morávamos lá em cima (cidade Nova) a convivência era harmoniosa. Quando mudamos pra cá a violência era enorme. Era muita lama. Para ir trabalhar tínhamos que colocar um plástico no pé e lá na rodovia colocávamos os calçados." (Dias, 2016)

[206] Dias, A. (2012). *Entrevista*. Concedida à autora desta investigação em 10 de fevereiro de 2012. Estrutural, DF, Chácara Recanto Macaúbas Adonaira.

A quarta Roda de Memória ocorreu no dia 24 de setembro de 2016.[207] Na ocasião Rogério de Sousa Duarte, conhecido artisticamente como Jherio, fez uma apresentação de 'Break'. (Figuras 36 e 37)



Figura 36 . Quarta Roda de Memória
Nota Da esquerda para a direita Maria Abadia , Vitória de Jesus, Rogério de Sousa Duarte, Edson Elias
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Foto do dia 24 de setembro de 2016.



Figura 37 . Quarta Roda de Memória, apresentação de 'Break'
Nota Identificado na imagem: Rogerio de Sousa Duarte apresentando 'Break'
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Foto do dia 24 de setembro de 2016.

A quinta Roda de Memória ocorreu no dia 08 de outubro de 2016. (Figura 38)

[207] Participaram Auricélio Aguiar Ferreira – natural do Maranhão, designer gráfico e trabalha com audiovisual, tem vários vídeos do lixão; Rogerio de Sousa Duarte – apresentou 'Dance Break' na roda de memória; Edson Elias – falou um pouco do trabalho, sobre a truculência da polícia, a gaiola que a polícia usava para prender as pessoas, do barulho que parecia estouro de boiada, que era o batalhão passando. (M.A.T,Jesus, 2016)



Figura 38 . Quinta Roda de Memória[208]
Nota Da esquerda para a direita: Maria Abadia Teixeira de Jesus, Deuzani Noleto e Darlito Santos de Jesus.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Foto de 08 de outubro de 2016.

4.3.3 Modalidades culturais identificadas

Foram identificadas doze modalidades culturais, conforme o Quadro 7:

MODALIDADE CULTURAL		
1	Artesanato	Crochê, bordado, artesanato com jornal, papelão
2	Música	Instrumentista – violinista, violeiro, sanfoneiro, compositores, DJ e cantores Rap, Pop, sertanejo e gospel
3	Costura	Roupas em geral
4	Artes Plásticas	Pintura, Mosaico, Ilustração, Grafite, Desenho
5	Artes Cênicas	Teatro, Mágica
6	Literatura	Escritores, Escritoras, Poetas, Poetisas, Editora Popular
7	Dança	Ballet, BreakDance
8	Tatuagem	Tatuagem
9	Festas Populares	Folia de Reis, Festa do Milho
10	Capoeira	Capoeira
11	Manifestação Religiosa	Candomblista, Procissão
12	Feira	Comércio

Quadro 7 . Modalidades culturais identificadas
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2018. Adaptado pela Autora.

[208] Darlito Santos de Jesus – Faz parte do meio cultural, é cantor, escritor, compositor, músico. Gathiares da Bahia - Grupo baiano de forró (brega). Marcelo (Paulista) – Veio do interior de São Paulo em 2004. Hoje faz parte do Grupo Porte Ilegal Rappers. Em 2009 gravaram duas músicas e divulgaram na internet e rádios comunitárias. Tiveram 500 mil acessos. O grupo é formado todo por pessoas da Estrutural. Morava na periferia de São Paulo e diz que na Estrutural é pior. O Rap bate em cima, conta a realidade. Palco MP3 500 mil acessos. Tem carta de anuência do Movimento Hip Hop Nacional. É produtor cultural. Hoje a Banda é composta por Marcelo Paulista, Erinaldo, Josimar, J. Marley, DJ Califa. Uma vez por mês faz ensaio geral na Estrutural. Raimundo Francisco Abreu – (Rai) – organiza, coordena e dirige uma quadrilha de festa junina. Criaram o grupo de quadrilha depois de um Arraiá do Setor Leste, em volta de uma fogueira. Referência na música é Joelma do Calipso, culturas do Norte e Nordeste. Veio para a Estrutural em 1997. O nome da quadrilha é Quadrilha Junina do Povão, na quadra 4 Conjuntos 2 e 3, Rua do Raí. O grupo faz o figurino da quadrilha. (Jesus, 2016)

Da amostra de 303 cadastros, foram identificadas 119 pessoas que trabalham com alguma atividade artística e cultural, conforme especificado no Quadro 8:

QUANTIDADE DE PESSOAS POR TIPOLOGIA	
Artesã	28
Artesã e costureira	11
Artesã, costureira e escritora	1
Artista	4
Ator	2
Costureira	5
Cantor(a)	28
Cantor(a) e compositor(a)	6
Cantor RAP	1
Dançarino(a)	4
DJ	1
Escritor(a)	4
Fotógrafo	1
Folião	2
Feirante	1
Músico	19
Tatuador	1
Número de pessoas que trabalham com atividade cultural para amostra disponível	119

Quadro 8 . Identificação das modalidades por número de entrevistados
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2018. Adaptado pela Autora.

No Quadro 9 seguem algumas referências culturais levantadas como Registro de pessoas identificadas para fins deste Inventário Cultural:

REGISTRO DE PESSOAS	
Maria Abadia Teixeira de Jesus	Educadora Popular, Costureira, Líder Comunitária, Presidente do Mece
Hildete Moura	Poetisa. Nasceu na Bahia. Autodidata, aprendeu a ler e escrever sozinha aos 10 anos.
Almir Gomes da Silva	Escritor. Em 2012, lançou na 1ª. Bienal do Livro pela Editora Abadia Catadora o livro 'A Menina e o rio', ministra curso de leitura e escrita criativa. Ingressou na UnB em 2018. (Apêndices I e II)
Fernando Borges	Poeta. Lançou o livro de poesias 'A Favela como ninguém viu!'. Participou da Roda de Memória do dia 27 de agosto de 2016 no Ponto de Memória da Estrutural DF e do Sarau de Poesia da Editora Abadia Catadora em 22 de outubro de 2016.
Rafael Rodrigues dos Santos	Mágico. Autodidata. 13 anos.
Rogério de Sousa Duarte	Em 2013, aos 18 anos, fundou e fez parte do grupo 'Break Dance Fourious' D. Atualmente é membro da Cia. Pegada 'Black'. Seu nome artístico é Jherio, é filho da Sra. Salomé, uma das primeiras moradoras da cidade Estrutural e dançarina de Carimbó.
Selenita Rosa	Costureira e artesã. Cria seus artesanatos com o reaproveitamento de tecidos de sombrinha.
Tatiana Pereira Cavalcante	Mosaicista. Reaproveita cerâmicas para a criação de mosaicos.
Hudson Douglas Teixeira Mendes	Violinista.

Quadro 9 . Registro de pessoas
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2018. Adaptado pela Autora.

No Quadro 10 seguem algumas referências culturais levantadas como Formas de expressão para fim deste Inventário Cultural:

FORMAS DE EXPRESSÃO	
Arraiá do Setor Leste	Tradicional Festa Junina, foi criada em 2000 a partir dos colaboradores da antiga Quadra 04 e moradores do Conjunto K. Desde então há um aumento do público participante. A iniciativa da festa se deve aos irmãos Raimundo Francisco Alves Abreu (conhecido como Ray) e Rodrigo Alves Abreu com vistas a fortalecer a cultura da cidade Estrutural e desenvolver talentos artísticos. Até o ano de 2015 a festa acontecia na famosa Rua do Ray, passando a ocorrer na 1ª Avenida. Destaca-se na festa a Quadrilha Junina do Povão "que representa a cidade Estrutural no Circuito Junino do DF e o Entorno, DJs que se profissionalizaram a partir do projeto, ação social em creches, educação política, princípios éticos e morais" (Ponto de Memória da Estrutural DF, 2018, p. 16).
Festa do Milho	A Festa do Milho é um evento Gospel que acontece desde 2009, foi incluída no calendário oficial dos eventos do Distrito Federal por meio da Lei nº 5.929, de 24 de julho de 2017.
Mãos que criam	A Associação Mãos que Criam, existe desde 2001 com a finalidade de gerar trabalho e renda por meio do artesanato e da costura.
Editora Abadia Catadora	Criada em 2011 no âmbito do Ponto de Memória da Estrutural DF. Produz livros artesanais e estimula a publicação de escritores e escritoras locais.

Quadro 10 . Formas de expressão
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2018. Adaptado pela Autora.

No Quadro 11 seguem algumas referências culturais levantadas como Lugares de memória para fins deste Inventário Cultural:

LUGARES DE MEMÓRIA	
Lixão da Estrutural	O Lixão da Estrutural faz parte da história da cidade, foi protagonista de muitas narrativas, criação e sustento de catadores de recicláveis e moradores da cidade (década de 1960 a 2018).
Casa dos Movimentos	Espaço criado pelo Mece que entre 2009 e 2018 recebeu inúmeros movimentos sociais e culturais da cidade Estrutural, como por exemplo o Ponto de Memória da Estrutural DF, a Editora Abadia Catadora, Movimento de Mulheres, Cia de Teatro Bisquetes, Capoeira de Angola, Break, Sarau de Poesias, Projeto Mapa das Desigualdades pelo Instituto de Estudos Socioeconômicos [Inesc], Projeto Inventário Participativo sobre Cultura e Memória na Estrutural DF e outros (Ponto de Memória da Estrutural DF, 2018, p. 12).
Ponto de Memória da Estrutural	Inaugurado em 2011 com a finalidade de revitalizar a memória social do local, sob a perspectiva de seus moradores. Várias atividades em Museologia Social foram realizadas, dentre elas as Oficinas de capacitação em Museologia Social, Exposições, Histórias Orais e Rodas de Memória, Extensão universitária com a UnB e UCB. Uma das ações do Ponto de Memória é a criação da Editora Abadia Catadora. No período entre 2011 e 2018 funcionou na Casa dos Movimentos. Atualmente as reuniões e ações culturais são realizadas na Biblioteca Comunitária Catando Palavras e no Espaço Cultural da Estrutural.
Feira Livre da Estrutural	Aos domingos a Feira Livre reúne moradores e feirantes para comercializar frutas, verduras, plantas medicinais, garrafadas com ervas, vestuário. Coordenadas pela Associação da Feira Livre e Permanente da Estrutural. Apresentações culturais e artísticas.
Casa da Paternidade	Na comunidade de Santa Luzia viviam nove crianças, órfãos de mãe e criadas pelo pai, catador do lixão. Por estarem em risco, voluntários externos à cidade Estrutural iniciaram uma ação para ajudar a família. No ano de 2011, criaram a Casa da Paternidade, e posteriormente o Centro de Desenvolvimento da Criança. Local em que ocorrem várias atividades como capoeira, música, teatro, brincadeiras, exposições.
Chácara do Duda	Adoaldo Dias, conhecido como 'Duda, o Repórter da Estrutural', adquiriu em 2002 de forma irregular uma chácara na cidade Estrutural. Cuidou com zelo da área, plantou árvores e vegetação do cerrado. Após a invasão ocorrida em 2014, esse espaço se perdeu, ficando somente os registros em imagens, em filmes e em depoimento oral da área ambiental cuidada pelo Duda. Uma das propostas era transformar a chácara em um Museu de Percurso Natural.

Quadro 11 . Registro de Pessoas, Formas de Expressão e Lugares de memória
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2018. Adaptado pela Autora.

O Quadro 12 apresenta a identificação dos seguintes Grupos Culturais:

GRUPOS CULTURAIS	
Instituto Reciclando Sons	A partir de uma "tecnologia social de educação musical" em 2001 foi criado o Instituto Reciclando Sons, com objetivo de sensibilizar crianças e jovens para o universo da música erudita, além de formar músicos e educadores sociais. (Ponto de Memória da Estrutural DF. Catálogo Inventário Cultural, 2018, p.7)
Grupo Cutucart	O Grupo de Teatro Cutucart foi criado pelo arte-educador Getúlio Cruz. Em atividade no Centro Educacional do Cruzeiro desde 2006. Neste centro, grande maioria dos estudantes são moradores da cidade Estrutural, oportunizando a participação.
Cia de Teatro Bisquetes	A Cia de Teatro Bisquetes é formada por jovens atores e atrizes LGBTI. Existe há seis anos e abordam temas relacionados a direitos humanos, cidadania, gênero e questões raciais.
Port Ilegal Rappers	Iniciou suas atividades em 2009, lançando em 2016 o CD Comando 061 e videoclipe Nois tá Cruel e Vulneráveis. "Não É Viagem" Todas as periferias do Distrito Federal e do Brasil, Todos os loucos que estão na sintonia A todos os irmãos envolvidos no bangue, Não é viagem meu irmão que nós é perifa e bate no peito Levanta a cabeça meu bom e tenha orgulho de ser do Gueto.
Rap Gospel Calibre 23	Procura através do RAP gospel o resgate social. "Segue a fé que o sentimento não para, a luta continua e a vitória se conquista na raça / No dia a dia caindo e levantando, lutando, sonhando e seu espaço sempre conquistando" - Cuida de mim Jesus.
Originais do Forró	Banda de forró
Os Gatiares da Bahia	Banda sertaneja
Som da Adoração	Banda Gospel
Trio Nova Palmeira	Sanfoneiros

Quadro 12 . Grupos Culturais identificados
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural, 2018. Adaptado pela Autora.

No dia 28 de abril de 2018, no evento para o lançamento do Catálogo Inventário Cultural, foi realizada a Feira Cultural de Economia Solidária. Na ocasião foram apresentadas várias atrações culturais inventariadas e exposição de artesanato. (Figura 39)



Figura 39 . Cartaz de divulgação da Feira Cultural de Economia Solidária
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2018.

4.3.4 Referências culturais: do outro lado do lixo

Em minhas mais profundas reflexões sobre a cidade Estrutural, periferia de Brasília-DF, sobre as adversidades que a pobreza pode gerar para os seres humanos, sintetizei a minha impressão nas questões a seguir e que, de alguma forma, contribuíram para sentir na essência um pouco a dor do outro, mas só um pouco, pois esta realidade somente é sentida pelos moradores da cidade Estrutural em seu lugar de fala.

O que é o lixo? Descarte daquilo que não serve mais.

O que é o lixão? O meu labor.

O que é o lixo? Aquilo que eu posso aproveitar.

O que é o lixão? Local que eu encontrei para sobreviver.

O que é o lixo? Depende. Orgânico ou reciclável?

O que é o lixão? É a negação da vida.

O que é o lixo? Algo que cheira mal.

O que é o lixão? Como as pessoas me rotulam quando falo onde moro.

O que é o lixo? Matéria que pode ser transformada.

O que é o lixão? Depósito dos restos da cidade.

O que é o lixo? Aquilo que não tem significado para os outros.

O que é o lixão? Pilhas e pilhas de recursos descartados, extraídos da natureza.

O que é o lixo? O que é o lixo? O que é o lixo?

O lixo é lixo para quem joga, não para quem cata.

Onde fica a Estrutural? Ao lado do lixão.

Onde você mora? Na Estrutural, do outro lado do lixo.

O que é o lixo? É a morte ou a vida!

O lixo é patrimônio universal!

A reflexão acerca da temática ‘o lixo e o lixão’ tem significação no contexto desta pesquisa, notadamente pela dicotomia entre a biofilia e a necrofilia, conceitos desenvolvidos no Capítulo I – Biofilia: o amor apaixonado pela vida; e a relação com a vida dos moradores da cidade Estrutural. Infelizmente os detritos urbanos ainda fazem parte da realidade de muitos brasileiros, anônimos ao poder público e invisíveis às classes mais abastadas, a sobreviver do lixo nas periferias das grandes metrópoles.

O labor no lixão para a garantia da subsistência de inúmeras famílias passa a ser uma atividade corriqueira aos olhos de pessoas insensíveis, e muitas vezes é tratado com descaso por parte dos nossos governantes. No entanto, é imperioso destacar que a questão do lixo diz respeito a toda a sociedade, não somente à cidade Estrutural DF da qual trata a presente investigação. É uma questão ambiental mais profunda, global, e que diz respeito à forma como entendemos a biosfera. Além disso, ninguém trabalha com lixo por opção, mas por sobrevivência.

No lixão ou nas ruas das cidades há pessoas que, no seu processo de reflexão sobre a vida, a luta e a fome, superaram tais condições em meio aos mais variáveis níveis de periculosidade, contribuindo com sua forma de ver e ler o mundo e de maneira ampla com questionamentos de várias ordens, sejam sociais, políticos, econômicos e culturais.

Exemplos que superaram e se revelaram a partir desta e de outras realidades, foram refletidas por Rodrigues da Cruz (2016) na teoria da 'primeira-mão'[209]. Conforme o autor, este conceito é utilizado a fim de entender como são introduzidos novos elementos em determinada cultura a partir da mentalidade da própria cultura. Desta forma, quem faz a 'primeira-mão' são pessoas que captam a partir de sua sensibilidade espiritual e intuitiva a leitura de mundo de maneira a representar "a força da mentalidade que emerge do povo e predispõe à criação, à descoberta, à inovação. [...] A força da primeira-mão representa a expressão legitimada da mentalidade do povo integrada pela cultura". (Rodrigues da Cruz, 2016, p. 262-263)

A 'primeira-mão' diz respeito a pessoas que espiritualizam o corpo, ou seja, pessoas que, independentemente do processo de vida e das dificuldades materiais enfrentadas, se destacaram em relação aos demais, pelo seu pertencimento à humanidade, pois expandem sua experiência e sua vivência a partir da leitura de mundo e do contexto em que vivem, contribuindo para todas as formas de conhecimento.

Nadia Martins (2006) corrobora Rodrigues da Cruz:

> "A primeira-mão existencializa (traz à existência) e expande, gradual e pontualmente, "o universo da significação", o continente dos valores humanos.

[209] Maury Rodrigues da Cruz é mestre em Educação, cientista social e bacharel em direito. Foi diretor de ensino superior na UFPR e na Faculdade de Direito de Curitiba. Diretor do Museu Paranaense de 1987 a 1994. É diretor Presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas [SBEE], do Museu Nacional do Espiritismo [Munespi] e das Faculdades Doutor Leocádio José Correia [Falec], instituições das quais foi fundador. Por intermédio do Professor Maury, no início da década de 1990 iniciei pesquisa em museus e voluntariado no Museu Nacional do Espiritismo.

> Ao mesmo tempo demarcam "províncias de significação" para a evolução da humanidade [...] Eles promovem a vida e o conhecimento, e substanciam a dimensão humana. A primeira-mão planeja e articula, expressa ou lentamente, "um projeto de vida comum" dentro do espaço cultural lato ou stricto sensu." (Martins, 2006, p. 124)

Rodrigues da Cruz (2016) explica que a 'primeira-mão' quando faz o processo da percepção, da memória, da imaginação, da criação é espontânea e vem do interior das pessoas e se revela na cultura popular, nas artes, nas tradições, etc. A partir da exposição de Rodrigues da Cruz (2016) e Martins (2006) a respeito da 'primeira-mão', fui em busca de alguns exemplos que direta ou indiretamente contribuíram na presente investigação.

Uma personalidade brasileira que se destacou no Brasil e internacionalmente foi a escritora Carolina Maria de Jesus, nascida em 1914 na cidade de Sacramento-Minas Gerais, local em que aprendeu as primeiras letras. Aos dezessete anos, Carolina mudou-se para São Paulo, trabalhou como empregada doméstica e posteriormente buscou subsistência como catadora de papel. Morou na favela Canindé entre os anos de 1947 e 1960.

No ano de 1958 o jornalista Audálio Dantas estava escrevendo uma matéria sobre a favela do Canindé que seria desocupada para a construção da marginal Tietê, em São Paulo, e conheceu ali Carolina Maria de Jesus. Conforme Dantas, citado por Jesus (2014, p.6), "A história da favela que eu buscava estava escrita em uns vinte cadernos encardidos que Carolina guardava em seu barraco. Li, e logo vi: repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história – a visão de dentro da favela".

Carolina Maria de Jesus, além de catar papel para o seu sustento e de seus filhos, ao encontrar papéis em branco guardava-os para registrar através da escrita a sua leitura de mundo. Conforme a escritora: "9 de maio de 1955... Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: Faz de conta que eu estou sonhando". (Jesus, 2014, p. 29)

Ficou conhecida mundialmente após a publicação do diário "Quarto de despejo", no qual relatou o dia a dia na favela, a fome, a miséria, a luta dos moradores pela sobrevivência, a esperança, além de suscitar à época várias discussões sobre as questões relativas à favela por parte de técnicos e políticos.[210]

[210] Obras de Carolina Maria de Jesus: Quarto de Despejo: diário de uma favelada (1960); Casa de Alvenaria (diário, 1961), Provérbios (memória, 1963), Pedaços da fome (memória, 1963), Diário de Bitita (memória, 1986), Antologia pessoal (poemas, 1996), Meu estranho diário (1996).

Carolina Maria de Jesus escreveu sobre sua percepção da favela em 15 de maio de 1958: “Eu classifico São Paulo assim: o Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos”. (Jesus, 2014, p. 32)

Mesmo a sua realidade sendo de extrema pobreza, fez-se ‘vida-viva’, contemplou o céu anil e em seu êxtase compreendeu o seu amor pelo Brasil, amou a natureza, as flores, o canto dos pardais, as estrelas, e foi crítica do seu próprio tempo:

> “02 de maio de 1958 - Eu fiz uma reforma em mim. Quero tratar as pessoas que eu conheço com mais atenção. Quero enviar um sorriso amável às crianças e aos operários. 19 de maio - Deixei o leito as 5 horas. Os pardais já estão iniciando a sua sinfonia matinal. As aves deve ser mais feliz que nós. Talvez entre elas reina amizade e igualdade. (...) O mundo das aves deve ser melhor do que dos favelados, que deitam e não dormem porque deitam-se sem comer. [...] O que o senhor Juscelino tem de aproveitavel é a voz. Parece um sabiá e a sua voz é agradável aos ouvidos. E agora, o sabiá está residindo na gaiola de ouro que é o Catete. Cuidado sabiá, para não perder esta gaiola, porque os gatos quando estão com fome contempla as aves nas gaiolas. E os favelados são os gatos. Tem fome.” (Maria Carolina de Jesus, 2014, p. 28-35)

Gravou em 1961 um disco pela RCA Victor Brasileira Inc., com o mesmo título ‘Quarto de despejo’. Morreu em São Paulo no ano de 1977, pobre e esquecida. Até os dias de hoje sua obra é revisitada por pesquisadores, críticos, escritores e participantes de movimentos sociais.

Com inspiração na força dessa mulher, pois “há sustentação na originalidade da primeira-mão”[211] há também aquelas que retiram do lixo livros, como, por exemplo, a líder comunitária Maria Abadia Teixeira de Jesus, moradora da cidade Estrutural desde a década de 1990. Mas há outras Marias que se revelaram no Inventário Participativo Cultural e nas Rodas de Memória realizadas no Ponto de Memória.

A partir da percepção de quem não vive ou sobrevive do lixo, mas vê nessa matéria possibilidades de criação e releitura do mundo, temos o olhar dos artistas a revelar na sua arte a biofilia em variados contextos da realidade humana e, ao exporem suas obras, nos estimulam à reflexão do estar no mundo. Dentre estes artistas citamos o exemplo do brasileiro

[211] Paz, R. S. (2019). Faculdade Doutor Leocádio José Correia. (Apontamentos de Aula) em 17 dez 2019.

Vick Muniz e do africano Ibrahim Mahama, ambos com ênfase na reflexão e ressignificação para além do resíduo descartado.[212]

Destacamos também a arte de Frans Krajcberg, artista polonês, radicado no Brasil desde 1948 até sua morte em 2017, que, por meio da sua obra, nos permite refletir sobre as questões de preservação do meio ambiente, uma vez que transformava em arte os rastros da destruição da natureza.

Ao tempo em que o lixo é visto como a morte, reafirmo a sua força também para a vida. Por outro lado, a "morte" é alimentada e realimentada pelo consumo exacerbado, pelo capitalismo esmagador e pela obsolescência tecnológica. Por este prisma, o lixo simbolicamente é visto como o fim, o vazio, o inútil. Ao não reaproveitá-lo somos cúmplices no processo de destruição do meio ambiente, explorando mais os recursos naturais disponíveis e deixando os nossos resíduos à sorte do tempo.

A lógica da matéria tem levantado a sua voz à lógica da biofilia, é o aqui e o agora. Biosfera, ecossistemas, biomas, são apenas palavras vazias, pois o que impera é o pensamento necrófilo, a eficácia pela eficácia, o lucro pelo lucro. E não pensamos no futuro, nas próximas gerações, pois vivemos o aqui e o agora custe o que custar. Será que é possível a 're-espiritualização' da humanidade com vistas a um novo olhar à natureza de maneira a perceber as conexões dela com a nossa existência?

Ainda há esperança quando percebemos que diante da dor, da realidade vivida, pessoas simples, catadores de lixo, buscam ressignificar o seu labor do dia a dia, transformando a morte em vida, a sua dor em luz. Assim, o descarte e a morte para muitos são a potência de vida para outros. No reaproveitamento, na reutilização, na reciclagem, o lixo torna-se, transforma-se... tal como o olhar dos poetas, andarilhos da interpretação do mundo, em suas denúncias da dor a nos conduzir a um novo olhar da vida, das pessoas, da natureza e das coisas:

[212] Vick Muniz trabalha com diversos materiais orgânicos, dentre eles o lixo. Da impermanência da matéria revela em sua arte a permanência da dor. Ibrahim Mahama, artista africano, nasceu em 1987 em Tamale, Gana, utiliza em suas instalações materiais diversos coletados em áreas urbanas, com a participação do público com vistas a tratar de temas como migração e globalização.

“Do lixão nasce a dor.

As pipas dividem espaço com urubus
Na pista não há rolimãs, mas carretas.
O dia se passa em pouca luz
Se respira em um eclipse de poeira
Lonas, madeiras, pedaços de telha, pregos expostos.
O piso batido, fios, emendas, sustentam esforços.
Trabalho diário, raro descanso, sonho pretérito.
Pra que no futuro não aja (sic!) trator ou tumulto, a derrubar o lar, o teto.
Singela morada que externiza orgulho
Apenas uns palmos num canto do mundo
Apenas a mata que fica nos fundos
Da câmara, senado, ou debaixo de viadutos.
Sobras de obras viram carroças que por horas trafegam
Levam pra casa o que sua casa nega
O resto, o podre, o que se perdeu, que a promoção não vendeu.
Fora de moda agora são velhas
A compra do voto em camisa impressa
Comumente usada de sul a norte
Trazem a certeza de falsas promessas
Pois vestem elas e não uniformes
Pro aumento da renda a infância não dorme
Na noite procura, vasculha o lixo.
Aguarda descarga proveniente do shopping
Mas o cansaço é forte acaba dormindo
Em cima do monte de produto vencido
Faz deste mesmo lixo o seu cobertor

Ao amanhecer família chora
Criança foi morta, esmagada por um trator”.

(Markão Aborígene, 2013, p.9)[213]

Na Roda de Memória do dia 16 de julho de 2019 debatemos ‘Do lixão nasce a dor’, poesia que descreve um fato ocorrido no lixão da Estrutural quando Markão Aborígene era Conselheiro Tutelar, e no momento de criação o poeta fez uma leitura sensível da realidade.

Segundo (Jesus, 2019): “Fiquei aqui pensando, esta poesia do Markão retrata exatamente a realidade de quem viveu aquela etapa da Estrutural é como se passasse um filme na minha cabeça”. Maria Abadia explicou que hoje a cidade está melhorada, mas deixou marcas profundas que ela ainda não consegue expressar, uma vez que é difícil revisitar essas memórias de dor. Deuzani Noleto complementou: “esta foi a realidade de muitos meninos e meninas da Estrutural.

[213] Aborígene, M. (2013). *Sem nome, família ou rosto*. Brasília: Editora Abadia Catadora, Ponto de Memória da Estrutural DF.

A pipa no céu simboliza os sonhos como o Ponto de Memória retratou na exposição Movimentos da Estrutural: Luta, Resistência e Conquista, como também nos remete ao desenho da cidade de Brasília[214]. Maria Abadia , ainda entristecida com o roubo da casa dos Movimentos ocorrido em 05 de fevereiro de 2019, desabafou a sua tristeza em não conseguir mudar a cidade para melhor. Para Maria Abadia a mudança foi pontual, com alguns casos de pessoas que, por meio do Ponto de Memória e com as ações desenvolvidas na Casa dos Movimentos, optaram pela vida, pelo conhecimento, cultura e criação. Então procurei opinar sobre a minha percepção da situação e expus ao grupo presente que esta mudança é processual, que para a construção desse 'corpus de mentalidade' é importante a persistência e a continuidade. É um movimento que estamos fazendo para a mudança, que é processual. Implica em uma ação conjunta, por isso persistência e continuidade. Segundo Maria Abadia :

> "Professora Silmara, eu gosto muito desse exemplo que você nos dá do Ponto de Memória ser um ponto de luz, porque eu vejo como uma vela acesa, mesmo que a chama esteja bem fraquinha, mas continuamos na luta das mulheres, na luta da educação, na luta dos direitos."[215]

A mensagem da poesia de Markão Aborígene 'Do lixão nasce a dor' ainda é presente na realidade de muitas pessoas da cidade Estrutural, a memória da dor ainda não curada. Conforme Maria Abadia , "muitas crianças morreram no lixão, outras ficaram órfãs", comentando o caso das 10 crianças que ficaram órfãs após perderem a mãe em um acidente no lixão. E terminamos a discussão refletindo sobre este trecho do poema "Singela morada que externiza orgulho...Apenas uns palmos num canto do mundo...Apenas a mata que fica nos fundos".

4.3.4.1 Registro de pessoa - à sombra de uma árvore

Maria Abadia Teixeira de Jesus, mineira, chegou a Brasília no ano de 1986 e na Estrutural em 1990. Líder comunitária, protagonista do seu tempo. Seu exemplo e dignidade reafirmam a sua autoridade moral e prontidão para auxiliar a quem precisa. Seu desprendimento e sua luta sensibilizam e ao mesmo tempo suscitam tensões, pois diante da

[214] Jesus, M. A. T (2019). Roda de Memória e reunião com os gestores do Ponto de Memória da Estrutural em 16 de julho de 2019. Brasília, DF. (Material não publicado).
[215] Jesus, M. A. T (2019). Roda de Memória e reunião com os gestores do Ponto de Memória da Estrutural em 16 de julho de 2019. Brasília, DF. (Material não publicado).

desintegração social, econômica, cultural e política dos tempos alhures e dos atuais na cidade Estrutural, a luta pelo direito dos oprimidos incomoda, mas a sua convicção impele a seguir adiante. Como falar de alguém sem mencionar a sua dignidade, inteireza e capacidade de pensar a realidade em que vive de forma sistêmica e de buscar alternativas e respostas concretas às necessidades locais? Ainda há esperança porque ainda existe o sonho, tal como versado por Paulo Freire (2014b) quando descreve o seu sonho:

> "O meu sonho fundamental é o sonho pela liberdade que me estimula a brigar pela justiça, pelo respeito do outro, pelo respeito à diferença, pelo respeito ao direito que o outro tem e a outra tem de ser ele ou ela mesma. Quer dizer, o meu sonho é que nós inventemos uma sociedade menos feia do que a nossa de hoje. Menos injusta, que tenha mais vergonha. Esse é o meu sonho. O meu sonho é um sonho da bondade e da beleza." (Freire, 2014b, p. 354)

O sonho de Maria Abadia , quando criança, era ser professora, não o realizou nos moldes da academia, mas formou-se na academia da vida; e na busca pela subsistência foi catadora, educadora popular e costureira.

No ano de 1998, quando em atividade de coleta seletiva, Maria Abadia e suas irmãs iniciaram a retirada de livros do lixo, chegando a cerca de 10.000 livros com a preocupação de preservá-los para disponibilizar à comunidade posteriormente. Observa-se que o 'passo transdisciplinar'[216] no sentido da biofilia havia sido dado no gesto, na ação, no objetivo, não só pela busca de subsistência, mas pela preocupação com a preservação da vida, do meio ambiente e da cultura. Esta atitude, para além da salvaguarda deste suporte da informação, revela preocupação com a preservação do bem cultural e com a mudança de mentalidade local. Além disso, foi uma ação educativa, pois sensibilizou outros catadores que, ao encontrarem livros, levavam-nos para que Maria Abadia pudesse guardá-los assegurando a sua disponibilidade de uso no futuro. (Figura 40)

No início, à sombra de uma árvore Maria Abadia emprestava os livros a quem necessitasse e mantinha anotado o nome dos consulentes em uma pequena caderneta.

[216] Segundo Rodrigues da Cruz (2010), passo transdisciplinar é o alcance pelo indivíduo quando este consegue "alcançar, utilizar, aplicar e vivenciar a transdisciplinaridade" ao compreender "o processo de prospecção interior e reflexão, num só tempo, num sentido processual conjuntivo, conjugando o mundo interior com o mundo exterior, alcançando os fundamentos da vida, tais como: Creador, a Creação, as linguagens, a dimensão do espaço, a lei de auto-ecossistema organizado. Envolve procedimentos como: 1) conhecimento conjuntivo; 2) maiêutica; 3) autodisciplina" (p. 208).

Posteriormente começou a atender em uma casa simples, tendo como público muitas crianças, pois na cidade não havia escola e biblioteca. À época o Conselho Tutelar local a interditou alegando que o local não era apropriado para atender as crianças da comunidade.



Figura 40 . Maria Abadia na organização da Biblioteca Catando Palavras
Nota. Professores Rodrigo Rabelo e Silmara Küster com estudantes da UnB na Biblioteca
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2018.

Acreditando no poder de transformação pelo conhecimento, a líder comunitária continuou o seu sonho e fez dele o seu projeto de vida, um compromisso pessoal e social. Incansável e portadora de uma vontade maior do que ela mesma, aos poucos e com recursos próprios construiu o prédio onde abrigaria a Biblioteca Comunitária "Catando Palavras", em vias de ser inaugurada em 2019.

As doações continuam até hoje.

E como falar em memória sem voltar a pensar na sombra daquela árvore, nas folhas observadas, nas suas raízes, na relação com a vida, nas relações tecidas, daquele lugar de memória?

4.3.4.2 Registro de pessoa – e a ressignificação do lixo

Selenita Rosa, natural de João Pinheiro - MG, cantora sertaneja da dupla Sabiá e Cevadinha, costureira e artesã, seus irmãos chegaram na cidade Estrutural em 1994. Seu pai, Daniel Pacheco da Silva, também natural de João Pinheiro - MG, cantor sertanejo e grande incentivador da Folia de Reis em Minas Gerais, periodicamente vinha à Estrutural para ficar com os filhos desde a fase da ocupação. Após seus irmãos fixarem residência na cidade, Selenita vem morar em definitivo no ano de 2006. Nas visitas que seu pai fazia à cidade em

várias ocasiões conversou com alguns moradores da cidade Estrutural para receber a Folia de Reis. Selenita relata que a intenção era fazer um encontro de Folia de Reis na cidade, no entanto com o falecimento de seu pai em 2016 este sonho não foi concretizado[217]. Selenita Rosa conheceu o Ponto de Memória no dia da inauguração em maio de 2011. Depois, com a inauguração do Banco Comunitário, começou a participar ativamente do Ponto de Memória. Foi uma das primeiras clientes do banco.[218]

Na cidade Estrutural sempre existiram diversos grupos pequenos de costureiras e artesãs, sendo uma das vocações, o artesanato, criado a partir da reutilização de materiais. Selenita relatou que, em 2012, a Adasa procurou as costureiras da cidade propondo que participassem de um desfile de moda, utilizando materiais sólidos descartáveis. À época, 30 costureiras se uniram e foram buscar apoio de Camila Fonseca, coordenadora do Curso de Vestuário do Instituto Federal de Brasília [IFB]. Na ocasião, para apoiar as costureiras da Estrutural a coordenadora do Curso de Vestuário designou estudantes em fase de estágio do referido curso para assessorar as costureiras, com vistas a cumprirem o estágio obrigatório do curso.

Durante três meses foram realizadas reuniões semanais para definir o conceito e o tema da criação. O tema escolhido pelo grupo foi 'Vestido de Noivas', baseado em novelas. Foram divididos em sete grupos, cada grupo trabalhou com um tipo de material e um tema de novela. Dentre os materiais utilizados estavam sacos de adubo, sacolas de mercado, isopor, banners cortados em formato de renda, tecido de guarda-chuva, dentre outros. O tema de novela do grupo de Selenita foi 'Eu vejo flores em você' e o material adotado foram copos e canudinhos de plástico descartáveis. A base do vestido foi confeccionada com algodão cru, plástico e 'voil' reaproveitado de cortina. Para a armação da saia foi utilizada uma câmara de ar e viés de algodão. (Figura 41). O desfile ocorreu no Pontão do Lago Sul (Figura 42), os vestidos fazem parte do acervo do IFB. Segundo Selenita, "foi através deste trabalho que eu

[217] A dupla sertaneja Sabiá (Daniel Pacheco da Silva, pai de Selenita) e Cevadinha (Selenita Rosa). Daniel Pacheco da Silva foi musicista autodidata. Desde criança participou da Folia de Reis em Minas Gerais, homem pacifico e articulador, sabia conduzir a folia, criterioso na afinação, foi capitão da Folia de Reis consolidando-a na região do Tauá - MG. Auxiliou a liturgia em várias igrejas, tais como a Igreja de Santa Terezinha e Nossa Senhora Aparecida na comunidade do Tauá, São Cristóvão e de São Geraldo, em João Pinheiro. Presidiu a igreja do Divino Espírito Santo na comunidade de Capão - MG, ajudou na criação da Associação das Folias de Reis de João Pinheiro - MG. Fundou a Folia do Divino Espirito Santo. Entrevista com Selenita Rosa em 23 de dezembro de 2017. (Apêndice II)

[218] O Banco Comunitário da Estrutural foi fundado em 2012 é coordenado pelos gestores do Mece.

consegui, depois de muita luta junto com as mulheres da Estrutural, chegar até o IFB pra fazer o curso de Técnica em Artesanato". [219]



Figura 41 . Vestido de noiva confeccionado pelo grupo da Selenita
Fonte: Selenita Rosa.

[219] Entrevista concedida em 23 de dezembro de 2017 para a autora desta pesquisa. (Apêndice II)



Figura 42 . Exposição dos vestidos em 11 de novembro de 2012
Fonte: Selenita Rosa.

Selenita, além de participar do Ponto de Memória, como agente do Inventário Participativo Cultural, também é assídua nos eventos promovidos pela Editora Abadia Catadora, onde apresentou o seu talento musical como cantora e compositora.

No ano de 2018 formou-se como Técnica em Artesanato pelo Instituto Federal de Brasília e em 2019 ingressou no curso superior Tecnologia em Design de Moda do IFB. Inspirada na experiência da exposição de 2012, Selenita adotou em seu artesanato e moda criativa o reaproveitamento de tecido de sombrinhas e guarda-chuvas descartados. A coleta seletiva que a artesã faz não é diretamente do lixão, mas de achados pela cidade. As Figuras que seguem mostram o artesanato de Selenita Rosa e a diversidade de materiais utilizados catados do lixo. (Figuras 43 a 47)



Figura 43 . Selenita mostrando seu artesanato
Fonte: A autora. Foto de 23 dezembro de 2017.



Figura 44 . Bonecas catadas do lixo com vestidos de tecido de sombrinha
Fonte: A autora. Foto de 23 dezembro de 2017.



Figura 45 . Jeans catado do lixo e customizado com tecido de sombrinha[220]
Fonte: A autora. Foto de 23 dezembro de 2017.



Figura 46 . Saia confeccionada com tecido de sombrinha
Fonte: A autora. Foto de 23 dezembro de 2017.

[220] Customizado significa modificado em algo novo.



Figura 47 . Flores confeccionadas com tecido de sombrinha e metal - catados no lixo
Fonte: A autora. Foto de 23 dezembro de 2017.

Selenita Rosa foi uma das agentes a participar do Projeto Inventário Participativo sobre Cultura e Memória na Estrutural DF com vistas a visitar a comunidade da cidade em busca de artistas e artesãs que pudessem fazer parte do Catálogo de Inventário Cultural da Estrutural, e foi por intermédio do referido inventário que conhecemos a artista pernambucana Tatiana Pereira Cavalcante e seu trabalho com mosaicos.

4.3.4.3 Registro de pessoa – do lixo à criação

No dia 26 de outubro de 2016 Selenita Rosa e eu acompanhamos o professor Ricardo Crisafulli Rodrigues na cidade Estrutural com a proposta de fazer algumas fotos para uma exposição que ocorreria em Madrid – Espanha no V Seminario Hispano Brasileño de investigación en Información, Documentación y Sociedad. Ao estacionar o carro em frente a uma casa próxima ao lixão, uma jovem senhora abriu o portão. Após cumprimentá-la, disse que estávamos estacionados ali para que o professor fizesse algumas fotos do lixão. Perguntei seu nome e se ela conhecia alguma pessoa que fizesse algum trabalho de arte ou artesanato.

Para nossa surpresa estávamos diante de uma artesã. Tatiana Pereira Cavalcante, 35 anos, pernambucana, casada, mãe de cinco filhos, catadora de recicláveis e moradora da Estrutural desde 2004 e com ensino fundamental incompleto. Perguntei se ela poderia nos mostrar o seu trabalho, a artesã de pronto nos convidou a entrar. A casa em que habita é pequena e esteticamente organizada. Nas paredes da casa, vários mosaicos, produzidos por Tatiana a partir da reutilização de cerâmicas descartadas da construção civil e transformadas em arte por suas mãos. (Figuras 48 a 50). Na sala principal da modesta casa uma reprodução do artista holandês Vincent van Gogh recuperada do lixo, e que Tatiana havia ganhado de seu companheiro.



Figura 48 . Mosaico produzido por Tatiana com materiais retirados do lixão
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Foto de 26 outubro de 2016.



Figura 49 . Mosaico produzido por Tatiana com materiais retirados do lixão
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Foto de 26 outubro de 2016.

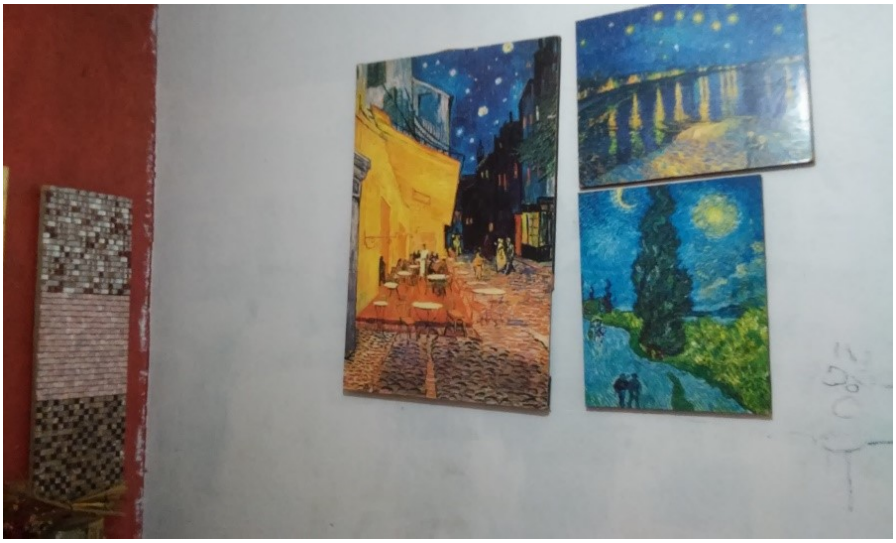


Figura 50 . Reproduções de Van Gogh, encontradas por Tatiana no lixão
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Foto de 26 outubro de 2016.

Enquanto na vista de fora observa-se a entrada do lixão, no quintal de Tatiana há vários tipos de plantas recuperadas do lixão, como exemplo de alguém na busca da estética biofílica, revelando o amor à vida. (Figuras 51 a 53)



Figura 51 . Entrada do lixão
Fonte: Acessado em 30 de março de 2019 em https://www.google.com/maps/@-15.7764202,-47.9988612,3a,37.5y,351.8h,91.97t/data=!3m6!1e1!3m4!1sHZ0PxIEGgGK5wv5A8G5x4A!2e0!7i13312!8i6656?hl=pt-BR.



Figura 52 . Plantas recuperadas do lixão no muro da casa de Tatiana
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Foto de 26 outubro de 2016.



Figura 53 . Plantas recuperadas do lixão no quintal da casa de Tatiana
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Foto de 26 outubro de 2016.

A meu ver, é possível ampliar a categoria estética da biofilia apresentada por Kellert (1993c) a respeito da escolha do lugar de moradia, já apontado no Capítulo II – Seção 2.2.2 – Áreas de Relevante Interesse Ecológico, desta investigação, para considerar nesta categoria as moradoras da cidade que tenham como atividade criativa o artesanato, pois contribuem com a preservação do meio ambiente ao reutilizarem materiais descartados no lixo da cidade. Mulheres anônimas do público, mas que representam a força da luta e singularidade naquela comunidade.

4.3.4.4 Registro de lugar - o lixão como lugar de memória

Como já foi dito, expressiva referência cultural de lugar é o lixão da Estrutural, uma vez que a cidade cresceu em seu entorno, muitos moradores tiram do lixo reciclável o seu sustento, os saberes e fazeres revelados em poesia inspirada na dura realidade do lixão, artesanato com lixo reutilizável e celebração.

Apesar das dificuldades enfrentadas no labor no lixão, nesse local ainda há espaço para o afeto, a vida, a criatividade e as lembranças construídas desde o seu início na década de 1960. Após o seu fechamento, novos rumos foram tomados pelos catadores. Após tantos anos de funcionamento, muitas histórias foram tecidas, talentos foram revelados.

Podemos perguntar: poderia ser o lixão considerado pelos moradores um lugar de memória? Creio que um lugar de memória, seja ele qual for, se constrói na medida em que aquele espaço, após cumprir com sua finalidade, deixa marcas indeléveis tornando-se

significativo e afetivo para as pessoas que lá um dia habitaram, trabalharam, construíram uma vida. Como exemplo, a história da catadora de recicláveis Valdineide dos Santos Ferreira, natural de Salvador - BA, 62 anos e moradora da Estrutural desde 1982. (Figura 54)



Figura 54 . Retrato de Valdineide dos Santos Ferreira
Fonte: Alenor Alves. 'Eu Catador' revela o cotidiano vivido no lixão. 29 de setembro de 2016. Acessado em 26 de abril de 2019 em https://fbb.org.br/es/viva-voluntario/conteudo/exposicao-fotografica-eu-catador-revela-cotidiano-vivido-no-lixao.

Participou em várias ações no Ponto de Memória da Estrutural, dentre elas a exposição Movimentos da Estrutural: A Mulher e a Cidade e na Roda de Memória com Hugues de Varine em 2012.

Em 2016, Valdineide foi capa do catálogo da exposição fotográfica 'Eu Catador', curadoria do fotógrafo brasiliense Kazuo Okubo. A iniciativa surgiu no projeto Pró-Catador[221], executado pelo Inesc e a Secretaria do Trabalho. Foram realizadas oficinas de fotografia com o uso do celular para 600 catadores do lixão da Estrutural. As fotos feitas pelos próprios catadores foram compartilhadas pelo 'Whatsapp', mostrando seu cotidiano. Para a exposição 42 fotos foram selecionadas. (Figuras 55 a 57)

A vida de Valdineide foi muito difícil, dos dez filhos, oito morreram tragicamente na cidade Estrutural.

[221] O Programa Pró-catador foi instituído em 23 de dezembro de 2013 por meio do Decreto nº 7.405. Tem como objetivo a promoção e integração de ações do governo federal aos catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis. Ministério do Meio Ambiente. Acessado em 24 de abril de 2019 em https://www.mma.gov.br/cidades-sustentaveis/residuos-solidos/catadores-de-materiais-reciclaveis.



Figura 55 . Moldura confeccionada com papelão e latas descartáveis
Fonte: Exposição realizada na Biblioteca Central da UnB em 2017.



Figura 56 . Moldura com tampas de garrafas de refrigerante
Fonte: Exposição realizada na Biblioteca Central da UnBem 2017.

Valdineide é conhecida como Baiana por conta de sua origem, mas ficou famosa na cidade como Joelma Baiana, por vestir-se, dançar e ser fã da cantora Joelma[222]. A Figura 57 é um 'print' do vídeo feito pela TV Estrutural com o apresentador e repórter da Record TV Geraldo Luis no lixão em 8 de outubro de 2017.

[222] Joelma da Silva Mendes é cantora, dançarina e compositora brasileira. Ficou conhecida em 1999 com a Banda Calypso.



Figura 57 . Valdineide (Joelma, a Baiana da Estrutural) dançando no lixão
Fonte: Domingo show com Baiana Joelma - TV Estrutural, 8 de outubro de 2017. Acessado em 25 de abril de 2019 em https://www.youtube.com/watch?v=epZrZFpjjdA&list=RD8o_2SOLILYs&index=13.

No vídeo, a Baiana faz uma interpretação com música de Joelma, na ocasião trajando uma roupa retirada do lixão. No dia da gravação, Geraldo Luis convidou para dançar junto com a Baiana o jovem catador conhecido por Sulamérica. Eis mais uma revelação.

No dia 18 de janeiro de 2018, dois dias antes do fechamento oficial do lixão, Valdineide, a conhecida Baiana Joelma, casou-se com Deuclides Brito, também catador de recicláveis. O cenário da cerimônia de casamento foi o Lixão da Estrutural. (Figura 58) Conforme Valdineide: "Quero que mesmo fechado, os amigos e todo mundo lembre que aqui teve uma história de amor. O lugar faz parte de nossa vida."[223]

[223] Marques, M. (2018a). *Catadores do DF se casam no lixão da Estrutural*. Acessado em 25 de abril de 2019 em https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/catadores-do-df-se-casam-no-lixao-da-estrutural-veja-fotos.ghtml.



Figura 58 . Casamento de Valdineide dos Santos (Baiana Joelma) com Deuclides Brito
Fonte: Folha de São Paulo. *Casamento no lixão*. Acessado em 25 de abril de 2019 em https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/nova/1590014214021777-casamento-no-lixao#foto-1590014214518170.

A crônica 'O lixo imaginário e o lixo real' sintetiza o amor entre Valdineide e Deuclides, escrita pelo jornalista Maranhão Viegas em 26 de janeiro de 2018.

O lixo imaginário e o luxo real

> "Havia ali muito mais do que o destino, havia uma força de querer, havia um acaso misteriosamente desenhado, imprevisivelmente possível, o luxo da sedução no lixo da vida vã. Valdineide e Deuclides separados por 24 anos entre o nascimento de um e de outro, se entreolharam agora sem distância alguma por entre a montanha diária do que restou do lixo dos outros; e o que restou do lixo dos outros foi mais do que suficiente para selar um amor puro e improvável. Ela deu o primeiro passo em definitivo, ele encantado literalmente aceitou. E do lixo das coisas dos outros se fez o luxo da vida deles, antes que o maior lixão da América Latina fechasse definitivamente as suas portas, eles trataram de eternizar o desejo de ser feliz. Aves de rapina e insetos desabusados cederam espaço para a ilusão das fadas e borboletas, tudo simples, tudo exato, tudo inacreditavelmente limpo, com o sorriso dela com seu vestido branco, com a confiança dele e o seu olhar distinto, que sejam felizes pela eternidade."[224] (Viegas, 2018)

[224] Viegas, M. (2018). *O lixo imaginário e o lixo real.* Acessado em 25 de abril de 2019 em http://maranhaoviegas.blogspot.com/2018/01/o-lixo-imaginario-e-o-amor-real. html.

Em meio à pobreza aos poucos a cidade Estrutural se revela nos seus personagens urbanos a inspirar olhares externos a ela.

4.3.4.5 Registro de lugar - Casa dos Movimentos, o nosso lugar de memória!

Desde o início do Ponto de Memória em 2011, a Casa dos Movimentos foi sua sede, além de ser um espaço para inúmeros outros grupos. Conforme o Ponto de Memória da Estrutural DF (2014), a Casa dos Movimentos surgiu após vários movimentos da cidade se reunirem e decidirem cotizar o aluguel de uma casa para que as reuniões dos diversos grupos pudessem acontecer.

> "Maria Abadia , Alessandra e Fernanda, que participavam desse primeiro grupo, nessa época faziam parte também do Movimento dos Trabalhadores Desempregados (MTD) e da Marcha Mundial das Mulheres (MMM)[4] e junto com o Ponto de Memória e o Mece, resolveram cotizar o aluguel da casa do irmão de Maria Abadia que passaria a se chamar "Casa dos Movimentos." (Ponto de Memória da Estrutural DF, 2014, p. 381)[225]

Em funcionamento no período de 2010 a fevereiro de 2019, este lugar ficará em minha memória e certamente na lembrança daqueles que um dia ali participaram de alguma atividade. Nesse percurso observei a diversidade de ideias, ora de reencontros, ora nem tanto, mas um lugar de potência que pode ser percebido nas diversas ações ocorridas naquele espaço.

É nesse 'continuum' que o movimento ocorre na "Casa dos Movimentos", local que já abrigou a Marcha das Mulheres, as reuniões do Banco Comunitário, as Oficinas com as Promotoras Legais Populares pelo Trabalho Doméstico Decente - PLPTD, o Projeto Teia do Conhecimento promovido pela UCB, as atividades do Ponto de Memória, incluindo a Editora Abadia Catadora, o Círculo de Cultura, as Rodas de Memória, as exposições, as oficinas de desenho, grafite, capoeira, também o teatro, os bazares, palestras, e até defesa de Trabalho de

[225] Ponto de Memória da Estrutural (Equipe de coordenação). Luta, resistência e conquista: uma experiência museal na cidade Estrutural. *In: Cadernos do Ceom ,* n 41. p. 373-388. Acessado em 27 de agosto de 2020 em http://pegasus.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/168

Conclusão de Curso da UnB, dentre tantos outros movimentos que sobreviveram concomitantemente entre si. (Figura 59)

Conforme o Ponto de Memória da Estrutural DF (2014, p. 381),

> "O Ponto de Memória, apoiado por uma série de parceiros, realizou ali várias atividades de formação em museologia, organizou duas grandes exposições, algumas "Rodas de Memória"[5], cursos de arte para jovens e adultos, dentre outras atividades, e tem colecionado um acervo com depoimentos, documentos, fotos e objetos coletados entre os moradores e considerados representativos sobre as histórias da cidade." (Ponto de Memória da Estrutural DF, 2014, p. 381)[226]

E nessa sinergia, na Casa dos Movimentos se fala de vida-biofilia, mas também de morte-necrofilia, muitos ficam, outros vão embora, ressignificam-se experiências e revificam-se os encontros. Com participação ativa, coletiva, mas também individual, observam-se nas Rodas de Memória as Marias, as Sebastianas, os Josés, a criança, o menino, a menina, o moço, o velho, a viúva, expressando em cada fala as suas ideias, os seus causos, as suas tradições, os seus sonhos, mas também os problemas que enfrentam dia a dia, tais como a morte e a fome. Em cada nome dito, uma história, uma lembrança, um grito, a saudade do lugar de origem, o seu aroma, a sua paisagem, uma dor muitas vezes em repouso que por alguns instantes é percebida no gesto e na expressão então revelados.

[226] Ponto de Memória da Estrutural (Equipe de coordenação). Luta, resistência e conquista: uma experiência museal na cidade Estrutural. *In: Cadernos do Ceom* , n 41. p. 373-388. Acessado em 27 de agosto de 2020 em http://pegasus.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/168



Figura 59 . Oficina de Grafite
Fonte: Ponto de memória da Estrutural DF, 2011.

No ciclo de cada movimento ecoa a voz dos anônimos do território e de outros lugares. E nesta dinâmica dos encontros, dos desencontros e dos inúmeros reencontros muito se discutiu e se refletiu acerca dos problemas sociais e emergenciais.

Em novembro de 2011 o Ponto de Memória fez um Café com Memória com a participação de dois convidados, o Pajé Santiê e o antropólogo e escritor Carlos Rodrigues Brandão. O Pajé Santiê, da etnia Fulni-Ô Tapuya, iniciou a sua fala com uma oração dizendo que o grande Deus, nominado pelo Pajé "grande Tupã" está dentro de cada um de nós. E o grande Tupã criador da mãe terra, das florestas, das montanhas sagradas, dos rios, mares e oceanos, nos criou para cuidá-la. Desde o ano de 1969 várias etnias, como a Fulni-ô, Kariri-Xocó, Tuxá, Korubo e Guajajara preservam área de cerrado nativo no noroeste do Plano Piloto, próximo ao Parque Nacional de Brasília.[227]

Após a visita do Pajé Santiê no Ponto de Memória em novembro de 2011, os integrantes do Ponto de Memória foram conhecer o espaço do Santuário, retornando ao local várias vezes em apoio à permanência do território indígena. Na fala do Pajé Santiê, ouvimos que "eles criticam a existência da Estrutural, mas eles não se criticam", se referindo aos governantes e empresários responsáveis pela especulação imobiliária. Conforme Santiê, o

[227] O Pajé Alece Santxiê, da etnia Tapuya Fulni-ô, foi lider do movimento de fixação do Santuário dos Pajés, em Brasília, faleceu em 2014. Na ocasião do Café com Memória, o Pajé Santiê relatou que desde 2007 os indígenas estavam prestes a perder a área ocupada para o setor habitacional a ser construído no local. Cabe ressaltar que esta área faz parte do projeto de Lúcio Costa "Brasília revisitada", conforme Decreto n° 10.829, de 14 de outubro de 1987 que regulamenta o art. 38 da Lei n° 3.751, de 13 de abril de 1960, no que se refere à preservação da concepção urbanística de Brasília.

Santuário serve a todas as etnias que passam pela reserva, cuja função é espiritual, e "sem justiça não há dignidade". (Figura 60)

Neste encontro, o escritor Carlos Rodrigues Brandão ficou emocionado ao ouvir o Pajé Santiê e relatou que observou em vários locais no Brasil, cada qual em seu contexto, a mesma luta; a luta pela terra, pelos orgânicos, pela vida, a resistência aos agrotóxicos, a luta em todos os sentidos, ideológico, político e social.



Figura 60 . Pajé Santiê em visita ao Ponto de Memória do DF
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Foto de novembro de 2011.

Outro momento significativo ocorreu no dia 10 de fevereiro de 2018 com a visita do monge Veda Diogo Prema ao Ponto de Memória[228]. Havia a intenção de ser realizada uma Roda de Memória, no entanto foi uma semana difícil para Maria Abadia que havia recentemente perdido seu pai, e, na angústia do que estava sentindo, pediu ao visitante que falasse sobre a morte. A presença do monge foi deveras importante para que a Maria Abadia pudesse externalizar aquele momento de dor. Segundo Diogo Prema:

> "Eu queria pedir licença para o território, para a Casa dos Movimentos como um organismo vivo, que minha fala seja mais do que minha, seja nossa. Também agradecer o sol, a chuva, as amizades, as sementes que já plantamos e evocar um mantra

[228] Prema, V. D. (2018). *Roda de Memória com o Monge Diogo Prema* em em 10 de fevereiro de 2018 no Ponto de Memória da Estrutural. Brasília, DF: Ponto de Memória da Estrutural. (Material não publicado).

> para o Sr. Manoel (pai da Maria Abadia).”[229]
> (Prema, 2018)

Após o canto do mantra, Diogo Prema explicou que no início do desenvolvimento espiritual a primeira coisa que se aprende é o preparo para a morte, “e a gente aprende o que é a morte e o que é a vida”. Então para o monge foi muito significativo começar o encontro falando sobre algo que normalmente não se tem espaço e que não se considera, além disso existe um estigma de que não se pode falar sobre a morte. No entanto, todos os dias se vive e se morre. A morte tem um papel fundamental: “Nós não somos o corpo, o fato daquele coração parar de pulsar não significa que deixamos de existir, não se perde a consciência individual, a morte é uma benção”, pois a vida é impermanência, é o nascer, morrer e renascer. Em cada existência escolhem-se as experiências e na opção em reciclar, cuidar da natureza e de alguma forma preservá-la se faz a conexão com o criador, nominado Deus, Krishna. Maria Abadia escutou atentamente e revelou que sempre se questiona: “estou com 54 anos e ainda não sei porque é que estou aqui”. Sobre tais indagações da anfitriã, o monge Diogo Prema explicou que há um esforço de aprendizagem em cada pessoa e é fundamental fazer a busca:

> “Onde eu vou fazer a minha viagem? Qual é a minha peregrinação, agora aos 50 anos? Na cultura védica esse rito de passagem acontece quando completamos 50 anos e também em muitas tribos nativas. É natural na sua idade questionamentos, mas é preciso fazer a busca até encontrar algo que o coração vibre. Eu vibrei com os Vedas e agora estou sintetizando outras formas de entender e ver o mundo e a vida. Nas indígenas, por exemplo, identidade e memória, é território, é natureza, é a conexão com a terra. Se o meu território não tem conexão com a terra e eu não tenho uma comunicação com a vida material não adianta a transcendência.”

Na continuidade da roda de memória com Prema, Maria Abadia expôs uma aspiração revisitada por ela: “existe um sonho antigo que foi discutido coletivamente, ainda no início do Mece, que é ter na cidade Estrutural uma Universidade Comunitária e Popular”. O monge Diogo Prema, ao tomar conhecimento deste sonho, se encantou com a ideia

[229] Conforme Diogo Prema, em sua apresentação pessoal na Casa dos Movimentos, a palavra ‘veda’ em sânscrito significa conhecimento. Os mantras são vibrações transcendentais, são orações muito antigas no idioma sânscrito, alguns estudiosos apontam que os mantras estão relacionados com os chacras. (Diogo Prema em 10 de fevereiro de 2018 na Casa dos Movimentos).

inovadora e 'visualizou' inúmeros desdobramentos possíveis entre a Universidade Popular e a Universidade da Ancestralidade. O monge tomou a responsabilidade de sempre trazer à lembrança o mencionado sonho até a sua concretude. Assim, sempre envia um recado para que o Mece pense a respeito a fim de ser um espaço a contribuir com a realização de outros sonhos.

E os resultados das ações do Mece e seu desdobramento no Ponto de Memória, e deste nas ações museológicas, incentiva o exercício de um segundo olhar, que poderá trazer muitos frutos no futuro, a partir de "um novo velho diferente" olhar sobre as pessoas, a cidade e a vida. Conforme o Diogo Prema, "o espaço é um organismo vivo como uma criança segurando a mãe terra". E de territórios distantes, o monge também fez parte deste movimento, deixou a sua mensagem[230].

Na minha percepção, a Casa dos Movimentos é a casa do pensamento, da persistência e da continuidade das ações ali semeadas, um lugar de memória. Em cada roda e encontro as lembranças são ressignificadas, perpassando por concordâncias e discordâncias, tensões e leveza. Segundo Chagas (2015) a memória pode ser voluntária e involuntária, ou seja, há um ato voluntário ou de vontade naquilo que se quer lembrar e involuntário, naquilo que não se tem vontade de recordar. A memória é uma referência do passado que é acessada no tempo presente e pode se configurar como um campo de disputa e poder. Nesse contexto o autor, chama a atenção para o uso que se faz da memória:

> "O diferencial não está no reconhecimento do poder da memória, mas sim na colocação desse poder a serviço do desenvolvimento social, bem como na compreensão teórica e no exercício prático da apropriação da memória e do seu uso como ferramenta de intervenção social." (Chagas, 2002, p. 65)

Para Le Goff (1990, p. 426), o conceito de memória é terminantemente necessário e do ponto de vista dos psicanalistas e psicólogos, o autor diz que a memória pode ser manipulada conscientemente ou inconscientemente e que os fatores como "o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura" podem exercer efeitos sobre a memória individual e coletiva. Desta forma, como já delineado por Le Goff (1990, p. 426), "os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória

[230] Roda de Memória com Diogo Prema em 10 de fevereiro e 2018 na Casa dos Movimentos. Participaram Almir Gomes da Silva, Abadia Teixeira de Jesus e Silmara Küster.

coletiva". Desta forma, a memória tem poder e é importante ter o discernimento de quando ele entra em jogo estimulando uma memória negativa. Chagas (2015) assinala que a memória ao ser acionada de modo perverso, tente a ser controladora e quando conectada como instrumento libertário, tende a deflagar tranformações e mudanças. Na Museologia Social, a memória serve para que a liberdade dos homens seja possível, é o devir, é o vir a ser.

Outra característica descrita por Chagas (2015, n.d.) é a memória afetiva "ela está na origem do tempo perdido, nos afetos que nos mobilizam, no cheiro do perfume, de terra molhada, do café etc".

Nessas perspectivas a Casa dos Movimentos foi o local onde memórias afetivas, individuais e coletivas se revelaram, se potencializaram e estimularam a compreensão sobre o poder que a memória pode alcançar a partir das interações entre as pessoas, suas histórias e teias de relações sociais estabelecidas na localidade, a legitimar as lutas e a resistência na permanência do lugar. A Casa dos Movimentos deixou o 'imprinting' da biofilia, eis o nosso Lugar de Memória!

4.4 Exposições como Processo

As exposições realizadas no Ponto de Memória DF foram participativas, uma vez que resultaram de várias ações conjuntas preliminares como, por exemplo, as oficinas de capacitação conduzidas pelo Ibram, as entrevistas e Rodas de Memória realizadas pelos gestores, culminando em duas exposições sobre aspectos da cidade Estrutural, seus moradores, lutas e conquistas, contribuindo assim na divulgação e apropriação de suas histórias e de seu território.

Com vistas a dar suporte museológico aos gestores do Ponto de Memória o Ibram promoveu oficinas de capacitação, e no âmbito de exposições, destaco a 'Oficina de Acervo'. Em entrevista concedida à Agência Brasil de Comunicação, ocorrida no dia 09 de abril de 2011, à época a museóloga do Ibram Mirela Leite de Araújo fez algumas considerações a respeito da oficina mencionada, ministrada por ela, cujo objetivo foi orientar sobre exposições, questões relativas à memória local, a seleção do que será exposto, quais os recursos possíveis, inventário participativo etc.

Na mesma entrevista, a líder comunitária Maria Abadia Teixeira de Jesus falou sobre a oficina de que participou: "Nós estamos sendo preparados para entender como se aproximar das pessoas e falar sobre a nossa comunidade. Para construirmos a história que a gente quer

que seja contada sobre a Estrutural". Adoaldo Dias, também morador da cidade Estrutural, enfatizou que a história local deve ser contada pelos próprios moradores e sem distorções.[231] (Figura 61)



Figura 61 . Oficina de Acervo, ministrada por Mirela Leite de Araújo
Fonte: http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/galeria/2011-04-09/moradores-da-vila-estrutural-participam-de-mais-uma-etapa-do-programa-ponto-de-memoria. Acessado em 16 de fevereiro de 2019.
Na imagem equipe do Ibram e integrantes do Ponto de Memória

Consta em Noleto (2013) que no dia 19 de outubro de 2010 os gestores do Ponto de Memória DF e a equipe do Ibram se reuniram para discutir o lançamento do Ponto de Memória da Estrutural[232]. Na ocasião, foi sugerido como tema central a expressão 'MOVIMENTOS' com desdobramentos de acordo com a temática escolhida, pois a exposição ocorreria na Casa dos Movimentos. Algumas ideias foram debatidas na referida reunião, a saber:

> "Movimento do Lixo – Lixo, reciclagem, catadores; Movimento do Espaço – cidade antes do asfalto, cotidiano; Movimentos do Trabalho – comércio, feira; Movimentos Sociais urbanos; Movimentos da Criança – Crianças indo para a escola, brincando; Movimentos da Festa - lazer, bares, festas populares etc.; Movimentos da

[231] Entrevista para Empresa Brasil de Comunicação com a chamada "Moradores da Vila Estrutural participam de projeto para reconstrução e valorização da memória da comunidade". Disponível em: http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2011-04-09/moradores-da-vila-estrutural-participam-de-projeto-para-reconstrucao-e-valorizacao-da-memoria-da-comu. Acessado em: 16 de fevereiro de 2019.

[232] Segundo registros, participaram da reunião representando o Ibram: Mário Chagas, Marijara Queiroz e Inês Gouveia; e representando o Ponto de Memória do DF: Deuzani Noleto (Consultora do Ponto de Memória), Caroline Soares Santos e Jailson (sem referência de sobrenome).

> diferença – diversos tipos de pessoas, diversas religiões."[233] (Anexo 10) (Ibram e Ponto de Memória da Estrutural, 2010)

Os gestores do Ponto de Memória DF ficaram com a incumbência de discutir a proposta na Casa dos Movimentos com os demais integrantes com vistas ao desdobramento do tema e produção de textos relativos a cada tema escolhido.

4.4.1 O primeiro movimento

O tema da primeira exposição foi 'Movimentos da Estrutural: Luta, Resistência e Conquista', sendo a concepção aprofundada a cada encontro e nas Rodas de Memória.

Causou-me inquietação pensar como pode ter sido complexo materializar esta narrativa expositiva em um espaço comunitário a ser inaugurado, assim retomei apontamentos de aula do professor Mário Moutinho (2015) no III Curso de Estudos Avançados em Museologia, de que participei, realizado em Porto Alegre – RS. Conforme o professor:

> "Como eram tranquilos os tempos em que sabíamos o que era e o que não era MUSEU. Houve um tempo em que os museus eram assim... O objeto era o Rei... e a vítima era a rainha... Depois os museus saíram às ruas... Onde a estética do espaço era insuficiente." (Moutinho, 2015)[234]

Com a citação em tela, refleti sobre os desafios nas novas concepções de museus "onde a estética do espaço" é diversificada nos mais variados contextos e cenários, como exemplo a própria dinâmica participativa do Ponto de Memória, notadamente incentivada na busca de alternativas para expressar as suas narrativas.

Moutinho (1994) explica que a museografia poderá partir não somente do objeto herdado ou de coleção, mas também de objetos criados, "escapando assim do seu destino museológico". Para o autor, os objetos criados poderão ser o "suporte para a comunicação das ideias", além de que é possível tomar partido da museografia para "aprofundar a potencialidade comunicativa da FORMA", repercutindo no ato criador. Sendo este uma das

[233] Reunião do Ponto de Memória da Estrutural no Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) no dia 19 de outubro de 2010 na sede do Ibram. (Anexo 10)

[234] No decorrer do texto, as ocorrências da citação Moutinho (2015) referem-se a informações verbais realizadas no III Curso de Estudos Avançados em Museologia [III Ceam], ocorrido de 3 a 29 de agosto de 2015 na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul [PUCRS], por meio de realização conjunta entre a PUCRS e a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa (UHLT).

possibilidades pelo qual a comunicação e a informação podem ocorrer, pois ao dar forma às ideias, favorecemos a sua leitura. (Moutinho, 1994, p. 10). Primo (2006), ao se referir a processos expográficos participativos, explica que

> "Um novo caminho nos levará à concepção de museus que assumam processos de comunicação mais participativos, expondo ideias – e não apenas objectos de colecção – que façam apelo aos sentidos, às emoções e às memórias de quem com elas interaja. Um novo caminho para a expografia pressupõe liberdade de expressão e, em consequência, liberdade face ao peso das colecções." (Primo, 2006, p. 113)

Vale lembrar que no Ponto de Memória não existia acervo material. Na ocasião dos encontros, moradores da localidade se dispuseram a emprestar fotografias sobre o início da cidade e se prontificaram a buscar no lixo a ser reciclado algum objeto que representasse as suas histórias e memórias; e, em objetos destituídos de utilidade e sem significado algum, encontraram os semióforos para aquela narrativa. (Figuras 62 e 63)

Rodrigues da Cruz explica que toda criação humana tem a finalidade de servir às mais diversas necessidades. Caracterizadas pela sua forma, seu significado, seu uso e sua função, aos objetos atribuímos valores que podem ser universais, alternativos, especialistas e individuais a depender do contexto. Desta forma, os objetos, mesmo destituídos de seu uso original, poderão adquirir as mais diversas funções. Segundo o autor, "os semióforos são fontes de comunicação com o passado", pois "expressam a relação do homem com a cultura, da cultura com o domínio do espaço."[235] (Rodrigues da Cruz, 2001, p. 158-178)



Figura 62 . Localização dos equipamentos expositivos. Ano 2011
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2011.



Figura 63 . Jacira de Jesus e Caroline Soares retirando o lixo reciclável para a exposição
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2011.

Conforme Noleto (2019)[236]

> "Nós conversávamos, pensávamos e materializávamos as ideias, assim fomos montando a exposição. Fomos na Cooperativa Reciclagem Sonho de Liberdade e pegamos os suportes para a exposição. Lembro da participação dos museólogos do Ibram: Valdemar Assis, Mirela,

236 Noleto, D. (2019). *Entrevista*. Concedida a autora da investigação em 13 de novembro de 2019.

> Inês Gouveia. Do Ponto de Memória participaram Jacira, Caroline Soares."[237] (Noleto, 2019)

Segundo Maria Abadia Teixeira de Jesus, após a coleta dos objetos do lixo, foi realizada a higienização e repintura com todos os participantes do processo, moradores e equipe do Ibram. É importante notar que esses objetos, ao serem tratados para fins expositivos, saem da sua condição de finitude; e foi por meio deles que a narrativa expositiva se configurou, possibilitando que as ideias do tema escolhido se revelassem a partir do visível exposto. E os objetos, mesmo destituídos de significados afetivos, ao serem expostos adquiriram uma nova função, agora museológica ao representarem 'a luta, a resistência e a conquista' daquela comunidade.

Noleto (2019) relata que no mesmo dia em que foram até a Cooperativa de Reciclagem Sonho de Liberdade selecionar os equipamentos, Caroline Soares observou uma pipa em movimento acima dos entulhos de lixo reciclável e sem conseguir ver a criança que a empinava, fez na captura do tempo o seu registro fotográfico.

'A pipa', objeto lúdico no anonimato daquelas sofridas mãos e em meio ao lixo, fora retirada simbolicamente do seu contexto, do seu livre movimento no céu da cidade Estrutural, a suavizar o olhar da realidade, passando a representar o Ponto de Memória da Estrutural. (Figura 64)



Figura 64 . Painel fotográfico para a exposição. Foto de Carolina Soares (2011)
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2011.

E inspirados nessa imagem os moradores confeccionaram uma pipa em papel de seda nas cores roxa, amarela e rosa, tal como vista na paisagem real. Em toda extensão da rabiola foram anexadas tiras de plásticos, reaproveitados de sacolas descartadas e em cada tira estava escrito um sonho. (Figura 65)

Maria Abadia Teixeira de Jesus, relatou que ao ler os sonhos registrados pelos moradores, percebeu que havia também palavras relacionadas a vingança e morte. À época, conversou com os coordenadores do Ponto de Memória para buscar alguma atividade que minimizasse aquelas ideias lá registradas.

Mesmo sem focar especificamente nesta observação de Maria Abadia , posteriormente foram realizadas atividades no Ponto de Memória com vistas a minimizar a violência como, por exemplo: as oficinas de grafite, capoeira, judô, ruas de lazer, brincadeiras de roda, debates sobre filmes, rodas de memória etc. (Anexo 11)



Figura 65 . Pipa confeccionada por moradores para a exposição
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2011.

4.4.1.1 Nos passos da exposição

A exposição 'Movimentos da Estrutural: Luta, Resistência e Conquista' inaugurou em 21 maio de 2011 o Ponto de Memória da Estrutural. (Figura 66). Na ocasião, várias atividades foram realizadas, tais como o Seminário de abertura no Centro Comunitário da Estrutural e o 'Museu do Percurso', acompanhado pela comunidade ao som de dançarinos e banda.



Figura 66 . Convite da Exposição
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2011.

Aos poucos o público da cidade foi se juntando àquele movimento, indo ao encontro do seu espaço na Casa dos Movimentos. (Figuras 67 e 68)



Figura 67 . Museu do Percurso até o Ponto de Memória na Casa dos Movimentos
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural, DF. Foto de 21 de maio de 2011.



Figura 68 . Chegada na Casa dos Movimentos
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Foto de 21 de maio de 2011.

Segundo Maria Abadia ,

> "A fita foi cortada, abrimos a casa, com lágrimas de emoção, foi para nós a realização de um sonho construído juntos, muita responsabilidade, temos agora uma sede e uma exposição que conta a nossa história." (Jesus, 2011)

Para surpresa de todos, na parede externa à Casa dos Movimentos, Tiago Martins, grafiteiro da cidade, pintava em tempo real o muro da casa a nos convidar a entrar e nos deleitarmos com a exposição. Na Casa dos Movimentos, o 'Movimento' se concretizou, Noleto (2011, p. 7) explica que a exposição foi pensada de forma participativa. A narrativa expositiva da luta de moradores para conquistar a moradia, os recursos básicos para a educação e a saúde são apresentados em duas salas. O Ponto de Memória, além de materializar as histórias de vida de seus moradores, faz "hoje da Estrutural um lugar vivo", conforme a abertura da exposição:

> "A exposição Movimentos da Estrutural - luta, resistência e conquista, retrata a história de luta dos moradores da cidade, uma área nobre do Distrito Federal, ao lado do Parque Nacional de Brasília e a poucos quilômetros do Palácio do Planalto. A mostra faz um recorte da intensa labuta que foi conquistar esse lugar, marcado por lutas que custaram vidas e saúde de muita gente, mas que também geraram muitas vitórias, que fazem hoje

> da Estrutural um lugar vivo" [...]. (Ponto de Memória da Estrutural, 2011)

Nos respectivos suportes coletados do lixo reciclável, a narrativa expositiva foi se configurando de forma contextualizada para a exposição. Sem desconsiderar que ainda

> "[...] Há muitas outras imagens, muitas outras lutas que ainda não estão aqui representadas, mas esta exposição marca o início e o incentivo para que nossa cidade, tão guerreira, continue a contar sua história; pois se não forem nós, outros virão e farão a seu modo." (Ponto de Memória da Estrutural, 2011)

Nesse contexto, ressalto o depoimento exposto de Fernando Figueiredo, presidente da Associação Sonho de Liberdade da Estrutural, sobre os anos críticos pelos quais passou, pois viver na cidade Estrutural nunca foi fácil, uma vez que não havia o básico necessário para a subsistência, como, por exemplo a energia elétrica e a água. Conforme Figueiredo, "[...] para conseguir água era difícil. Cavávamos as cisternas e encontrávamos lixo. Aí vieram os carros pipas que às vezes ficavam três dias sem aparecer e, quando apareciam, era uma briga para encher o tambor". (Ponto de Memória da Estrutural, 2011)

Na exposição a questão da falta da água na cidade foi representada por meio de imagens fotográficas e por um objeto representativo. Na Figura 69 observa-se no primeiro plano da imagem latas, e à direita, tambores metálicos. Conforme descrição no Plano de Ação do Ponto de Memória, disponível no Anexo 12, "cada morador levava tambores, baldes em carrinhos de mão. O caminhão pipa passava em dias alternados", que eram enchidos com água.

Um dos objetos retirado do lixo para fazer parte da exposição foi o tambor metálico. (Figura 70). Os gestores do Ponto de Memória observaram que este objeto chamou a atenção tanto dos moradores antigos que revisitaram o passado por meio da exposição, quanto das crianças que desconheciam a história vivida por seus pais e avós.

Ainda no contexto da luta pelo direito à água, Maria Bartolomeu Souza, conhecida como Salomé e moradora na Estrutural, relata que "[...] só depois de abaixo-assinados, depois de fecharmos as pistas, só depois de muita luta é que veio a água encanada". (Ponto de Memória da Estrutural, 2011)



Figura 69 . Fotografia da distribuição da água pelo caminhão-pipa
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2011.



Figura 70 . Tambor representando a fase de limitação da água
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2011.

Conforme Deuzani Noleto (2019), como forma de luta e resistência o jeito encontrado para chamar a atenção das autoridades da época para os problemas sociais e emergenciais era fazer barricadas na via Estrutural queimando pneus. Com o objetivo de representar na exposição a 'Resistência', "eu, Maria Abadia e Duda fomos em outro lixo,

atrás da cidade do Automóvel em busca de pneus". Na exposição, os pneus foram colocados sobre uma pintura asfáltica que representou a rodovia, impedindo o ir e o vir na via Estrutural. (Figuras 71 e 72)

Santos e Jesus (2012, p. 3)[238] explicam que a duplicação da via Estrutural, o aumento de tráfego de automóveis e a mobilidade econômica para Brasília, ocasionaram inúmeros acidentes para a população da Estrutural, como os atropelamentos, no entanto "permitiu um espaço de visibilidade e resistência. A comunidade passou a fazer barricadas como instrumento de luta. Era a forma de a comunidade ser ouvida pelo Governo em suas reivindicações".[239]



Figura 71 . Pneus sobre a pista já pintada
Nota A disposição dos pneus acima foi a primeira sugestão, como se fosse uma escultura. Os participantes decidiram mudar, sendo alterado e dispostos na sala como uma barricada.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2011.

[238] Judith Karine Cavalcanti Santos e Maria Abadia Teixeira de Jesus
[239] Judith Karine Cavalcanti Santos foi a gestora pela Universidade Católica de Brasilia do projeto de extensão universitária Promotoras Legais Populares, pelo Trabalho Doméstico Decente, coordenado com a mediação de Maria Abadia Teixeira de Jesus, e militante do movimento de mulheres na Cidade Estrutural.



Figura 72 . Painel Expositivo com reproduções da Luta e da Resistência
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2011.

Sobre a conquista da luz, Adoaldo Dias assim relatou na exposição:

> "A luz é uma conquista. Éramos explorados pelos donos dos geradores de energia movidos a óleo diesel. Tínhamos que pagar uma taxa mensal. Mas quem não tinha condição, ficava à luz de velas. Quando a luz foi para o Lixão, os moradores passaram a puxar gambiarras. Por volta de 1995, em decorrência dos acidentes ocorridos pelos 'gatos', o governo forneceu luz para as ruas principais da vila Estrutural." (Ponto de Memória da Estrutural, 2011)

Com vista a representar a conquista da energia elétrica foi aproveitado o poste de energia já existente no espaço expositivo. Ao lado do poste à esquerda foram dispostas duas latas, uma sobre a outra, ambas pintadas em vermelho. No dia da exposição, sobre as latas foi acomodada uma vela. A vela representou a dificuldade, a luta daquela comunidade que sobreviveu sem luz elétrica, e o poste representou a conquista. (Figura 73)



Figura 73 . Poste de energia elétrica na entrada do espaço expositivo
Nota A pintura em vermelho foi proposta por Coracy Coelho, do Coletivo da Cidade e um dos gestores do Ponto de Memória.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2011.

Na exposição, a conquista da moradia pôde ser apreciada por meio da exposição de um exemplar original do Diário Oficial do GDF, publicado em 10 de janeiro de 2008, garantindo o direito à moradia para sete mil famílias que já viviam há mais de oito anos na localidade. Nas palavras de Jacira de Jesus, moradora da Estrutural desde 1999:

"A partir desse momento comprovamos nosso tempo na localidade, oficializamos nosso pedaço de chão e ganhamos nosso endereço perante a sociedade".[240] (Jesus, n.d.)

A Figura 74 mostra o painel expositivo com as conquistas atuais,

> "[...] E depois de muita Luta, chegou a água e a luz. Muito mais tarde veio o asfalto nas principais vias, as escolas, o restaurante comunitário, a reforma do posto de saúde, veio também a praça e a quadra de esportes." (Jesus, n.d.)

Cabe ressaltar que após muita luta da comunidade, a conquista da energia elétrica ocorreu em 1998 e da água em 2003.

[240] Jesus, J. (n. d.). Exposição Movimentos da Estrutural: Luta, resistência e conquista. Brasília, DF: Ponto de Memória da Estrutural. (Banner da exposição com o depoimento de Jacira de Jesus na exposição).



Figura 74 . Banner Expositivo com as conquistas atuais
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2011.

No segundo espaço expositivo, adentra-se na 'Sala da Memória', assim apresentada:

> "Esta sala acolhe a memória nossa, moradores e moradoras da Estrutural, memória que se traduz num objeto, numa foto, pedaços de nós mesmos que lembram momentos tristes, momentos sofridos, momentos de lutas, de resistências, de alegrias. Objetos aqui expostos que eternizam nossas experiências e vivências e que nos remete de volta aos dias idos, às lutas por um lugar de morar, por um lugar nosso, marcado por nossas histórias. Os nossos objetos que desfilaram no cortejo que significou a nossa união mais uma vez em nossas vidas, agora para reviver o nosso passado, para que possamos sentir mais o presente e construir um futuro de conquistas, e para que não nos esqueçamos disto, consagramos as nossas lembranças no altar das nossas memórias, para que os nossos descendentes saibam do seu passado e da importância deste lugar que hoje é a nossa casa no mundo." (Ponto de Memória da Estrutural, 2011)

Ao fundo desta mesma sala, um grafite preto e branco se impõe pela sua mensagem. A obra do grafiteiro e morador da Estrutural Tiago Martins representa a partir do seu imaginário o cotidiano da cidade em tempos distantes. No primeiro plano avista-se um menino negro a nos observar com certo estranhamento e sofrimento. À esquerda têm-se os tambores que eram enchidos com água pelos caminhões-pipa. Ao fundo os barracos e um catador de lixo reciclável. (Figura 75)



Figura 75 . Grafite autoria Tiago Martins
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2011.

Nesta sala também foram expostas fotografias com imagens antigas da cidade, doadas por moradores. As fotografias foram acondicionadas em chapas de raio-x retiradas do lixo, cujo suporte é um plástico conhecido como acetato.[241] (Figura 76)



Figura 76 . Exposição de fotos. Acondicionamento em acetato de raio-x
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2011.

A exposição 'Movimentos da Estrutural: Luta, Resistência e Conquista' permaneceu aberta ao público de 21 de maio a meados de setembro de 2011. Durante a exposição foi promovido um teatro de fantoches com objetivo de narrar a história da cidade e a importância da reciclagem para a preservação do meio ambiente. A exposição foi visitada pelas crianças da Escola Classe 1 e pela comunidade local. Interessante foi observar a curiosidade dos estudantes diante da exposição, pois a grande maioria desconhecia a história da formação da cidade e a importância de seus pais e avós no cenário apresentado. (Figuras 77 e 78)

[241] Por conta do plástico que leva mais de cem anos para decomposição na natureza e da camada de metais pesados em sua superfície, como grãos de prata, este tipo de material é prejudicial ao meio ambiente, pois durante o processo de degradação contamina o solo e o lençol freático. Portanto, o seu descarte no meio ambiente é proibido pelas normas estabelecidas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e pelo Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama). No entanto, mesmo com as normas vigentes, este tipo de material tem sido encontrado em lixos comuns. Em alguns hospitais a destinação deste tipo de material descartado vai para as usinas de reciclagem. Atualmente, em muitos hospitais o recurso do raio-x é digital. O reuso na exposição, mesmo pequeno, indica na ação a preservação do meio ambiente.



Figura 77 . Momento do teatro de bonecos
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2011.



Figura 78 . Na Sala da memória as crianças identificando seus familiares nas fotos
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2011.

A reutilização de objetos retirados do lixo na exposição, mesmo em pequena quantidade, sinaliza uma preocupação do Ponto de Memória com a preservação do meio ambiente. Esta ação me fez refletir sobre as diferentes realidades em questão: para quem joga aquilo que não considera mais útil, e para aquele que faz a catação e o transforma. Aquele, ao não ver mais utilidade em determinado objeto, dele se desfaz; e, independentemente se doou ou descartou, o fato é que um dia este objeto em definitivo vai para o lixão; o catador de recicláveis, por sua vez, retira-o do lixo e, para o seu sustento ou uso pessoal, o reaproveita, contribuindo com a biofilia. Ao reaproveitá-lo, o objeto em si poderá ser ressignificado de acordo com o seu novo uso ou até quem sabe, em novas funções. Em uma das rodas de memória com a Maria Abadia, assim ela expressou: “quando eu encontro uma bolsa de

mulher na reciclagem me passa pela cabeça muitas coisas, eu fico imaginando a quem pertenceu, seria feliz a mulher a quem a bolsa pertenceu?...”

4.4.2 A construção do segundo movimento

No ano de 2011 os gestores do Mece acolheram a proposta do Ibram para realizar no Ponto de Memória a 5ª Primavera dos Museus, evento realizado anualmente em instituições museais brasileiras, cujo tema versou sobre Mulheres, Museus e Memórias. Na ocasião participaram da atividade nove mulheres, que se apresentaram, falaram de suas origens e contexto quando mudaram para o Distrito Federal em busca de seus sonhos, as dificuldades enfrentadas, o estudo, as novas oportunidades, a chegada na cidade Estrutural. (Apêndice III)

No decorrer deste mesmo ano, o Mece acolheu na Casa dos Movimentos outras duas ações que se integraram: a Marcha Mundial de Mulheres, representada na cidade Estrutural pela ativista Maria Abadia Teixeira de Jesus, com propósito de debater temas pertinentes à vida das mulheres numa sociedade patriarcal e machista; e o Projeto de Extensão Promotoras Legais Populares pelo Trabalho Doméstico Decente, coordenado por Judith Karine Cavalcanti Santos, à época professora da Faculdade de Direito da UCB. O objetivo do referido projeto de extensão foi “capacitar trabalhadoras domésticas (remuneradas e não remuneradas) para a defesa dos seus direitos”. (Santos e Jesus, 2012, p. 6)

No referido projeto foram realizadas oficinas com a participação de estudantes, professoras da UCB e mulheres moradoras da cidade Estrutural. A primeira turma, composta por 17 mulheres, foi capacitada com o nome de “turma Marias”, remetendo ao nome da música popular brasileira “Maria, Maria”, de Milton Nascimento e Fernando Brant, que revela em sua letra “a força e luta dessas mulheres”. (Figura 79)



Figura 79 . Promotoras Legais Populares pelo Trabalho Doméstico Decente – PLPTD
Fonte: Santos e Jesus (2012). Local: Casa dos Movimentos

No dia do encerramento, Marisa Araújo, uma das componentes, criou o poema em homenagem às Marias:

"Foi assim...
Que surgiu
Este movimento encantador
Projeto nobre de uma Universidade
Em parceria com movimentos sérios da comunidade:
PLPs Estrutural- uma teia de conhecimentos,
Um grupo de mulheres fortes,
Marias,
Mulheres cabeças, confusas, de guerra e de paz...
Mulheres lindas e especiais.
Acadêmicas, doutoras, donas de casa,
trabalhadoras domésticas catadoras e outras mais.
Aprendendo, discutindo e dividindo experiências,
no frio ou no calor infernal
Lá estávamos nós reunidas, construindo,
Chorando e rindo
Aprendemos de tudo um pouco:
Violência doméstica, direitos trabalhistas,
Movimentos sindicais e feministas,
Analisamos a realidade nua e crua do nosso país,
sem perder a ternura jamais.
Todas as raças e credos se misturando
e metamorfoseando.
Hoje queremos homenagear essas mulheres especiais
que aqui estiveram conosco
MARIAS
Que poderiam se chamar, Judith, Joelma, Karin,

Gabriela, Isabel, Carol, Josefina,
Camila e Carolina, Joice, Pôla e Angelina
Enfim todas as caras e bocas
Lindas, loiras, morenas, negras ou mulatas...
Olhos verdes expressivos, pretos ou mel
Sorrisos meigos, gestos inesquecíveis
pessoas eternas que deixarão marcas profundas
de amor e de saber
em cada uma de nós,
Marias a aprender...
Mariza, Lene, Maria Abadia , Jerusa, Nilza e Rosa
Eliane, Solange e Marlene
As Marias que transformam
Elissandra, Flávia, Rosana, Delaide, Carol, Michelli,
Alessandra e Isabela
Maraiza, e Luzia.
Transformando todas as Marias
E as transformadas Marias...
Sandrielly, Ana, Hildete,
Deusani, Márcia e Ivanete.
Pena é que tudo que começa sempre tem um ponto final,
hoje nosso último encontro virou festa...
Com gosto especial...
As tardes de sábados não serão mais as mesmas
vão faltar nossos encontros,
nossas trocas, abraços e descobertas
vão faltar as margaridas
que enfeitaram nossas vidas:
Vocês – mulheres arretadas,
corajosas, sábias e muito amadas
que vieram nos ensinar de tudo um pouco
fazendo agente pensar:
É PRECISO SE MOBILIZAR
PARA UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA
E IGUALITÁRIA CONCRETIZAR.
-Viva as PLPS Estrutural,
Marias, mulheres fortes
que neste momento vão se formar!
Saudades, saudades, saudades...
E até breve vamos dar."

Inspiradas nesses projetos e na conjuntura atual do país com a primeira mulher eleita à Presidência da República no Brasil[242], foi pensado o tema para a segunda exposição do Ponto de Memória, "a mulher". Vários debates se sucederam para o formato do que seria a exposição, sendo o nome decidido 'Movimentos da Estrutural: A Mulher e a Cidade'.

[242]Dilma Vana Rousseff foi a 36ª Presidente do Brasil, tendo exercido o cargo de 2011 até seu afastamento por um processo de impeachment em 2016.

4.4.2.1 Concepção expositiva

Segundo Deuzani Noleto, a primeira ideia foi uma exposição de fotografias de mulheres da cidade Estrutural na sua prática de trabalho cotidiano. A tomada fotográfica foi aceita pelos gestores do Ponto de Memória, no entanto, o contexto em que seriam feitas as fotografias foi redirecionado, deixando livre a decisão de serem fotografadas ou não no ambiente de trabalho. Conforme Maria Abadia , grande parte das mulheres da cidade estavam cansadas de ser fotografadas com traje de trabalho, principalmente as catadoras.

A coordenação do Ponto de Memória fez um convite a mais de 40 mulheres que já se envolveram em projetos anteriores, vizinhas, catadoras, dentre outras, com vistas a participar das discussões e da exposição. Ao apresentarem a proposta de fotografá-las, apenas 22 mulheres aceitaram o desafio, outras não aceitaram por vergonha de serem expostas. (Anexo 13). A partir de então os integrantes do Mece apresentaram a proposta da exposição às participantes com objetivo de dar visibilidade às mulheres da cidade Estrutural.

Durante os debates várias ideias surgiram; dentre elas, expor a imagem das mulheres locais, integrando com imagens de personalidades mulheres conhecidas no Brasil e no mundo. A escolha das personalidades fora indicada pelas participantes do projeto em conjunto com a coordenação do Ponto de Memória, uma vez decida as personalidades, Coracy Coelho e Elcio Toledo selecionaram as imagens e providenciaram as impressões.

Na medida em que iam propondo nomes justificavam a escolha: Carolina Maria de Jesus, por ter sido catadora, doméstica e escritora; Estamira, catadora de São Paulo, e por lembrar a história de vida de uma catadora local, a Baiana, que também participou da exposição; Zilda Arns, por sua participação expressiva contra a desnutrição infantil no Brasil e pelo fato de ter visitado a cidade Estrutural no ano de 2007, sensibilizando voluntários locais ao projeto até hoje conduzido na cidade Estrutural por meio da Pastoral da Criança; Clementina de Jesus, cantora e sambista; a poetisa Cora Coralina, além de outras ativistas e feministas, como Olga Benário, Rosa Luxemburgo e Frida Kahlo.

Na ocasião dos debates a participação da professora Bernadete Braziliense, da Faculdade de Comunicação da UCB, foi essencial, pois até aquele momento ainda não havia definição de fotógrafos. A professora convidou estudantes da universidade e atuantes do Projeto Captura da UCB, coordenado à época por ela[243]. Os estudantes participaram

[243] Vale destacar que o mencionado projeto teve início no ano de 1999 e faz parte do núcleo de pesquisa dos cursos de Comunicação.

ativamente e fizeram ensaios fotográficos com as mulheres, propiciando um ambiente confortável, com paciência e cuidado com relação à timidez das mulheres, uma vez que algumas delas nunca haviam tirado fotos. A professora Bernadete propôs trazer uma maquiadora para produzi-las no dia das fotos; e, de uma forma especial, as mulheres receberam limpeza de pele, penteado nos cabelos e maquiagem. (Figuras 80 e 81)



Figura 80 . Foto de Jacira de Jeus
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2012.



Figura 81 . *Preparo para a foto com Nilza Gonçalves de Oliveira*
Nota. Moradora da Estrutural desde 2000
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2012.

4.4.2.2 A exposição

Com as fotografias impressas, o outro desafio foi a montagem para a exposição. Alguns meses antes o Curso de Museologia havia ganho molduras, que poderiam ser utilizadas com os estudantes da disciplina de conservação que eu lecionava ou na extensão universitária. Ao decidirem o tema da segunda exposição, sugeri aos coordenadores do Ponto de Memória utilizá-las, sendo de pronto aceito. As fotografias foram acondicionadas em molduras, de tamanhos variados, para evitar que ficassem em contato direto com a base de madeira e com o vidro, sugeri reaproveitarmos retalhos de poliéster que haviam sido doados ao projeto pelo Arquivo Nacional – sede Brasília, assim as fotografias ficaram protegidas no verso e na frente. Para o acabamento da montagem, algumas receberam um 'passe-partout' de cor preta e outras de papelão corrugado.

A exposição foi montada entre 6 e 9 de novembro de 2012. A Casa dos Movimentos dispõe de apenas dois espaços para a exposição (Anexo 13). Ao centro da sala principal, foram dependuradas reproduções de imagens das personalidades femininas selecionadas pelo grupo. Cabe destacar que os estudantes extensionistas fizeram a pesquisa biográfica de cada personalidade, após impressa anexamos no verso de cada imagem. Na parede lateral à esquerda foram dispostas as fotos das 22 mulheres participantes do projeto. Na lateral direita foi instalada uma cortina com garrafas PET reaproveitadas e dentro delas foram colocados adereços femininos, como colares, anéis, pulseiras, assim como imagens e poesias. (Figuras 82 a 85)



Figura 82 . Montagem da exposição
Fonte: Noleto (2013). Data provável da foto: 07 de novembro de 2012.



Figura 83 . Montagem da exposição
Fonte: Noleto (2013). Data provável da foto: 06 de novembro de 2012.



Figura 84 . Movimentos da Estrutural - A Mulher e a cidade
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural, 2012.

Na segunda sala, na parede lateral esquerda e direita foram distribuídos pequenos espelhos, em alguns deles foi acondicionada uma imagem fotográfica das mulheres no cotidiano do trabalho e algumas fotografias em molduras. Na parede lateral esquerda também foram expostos trajes femininos. Ao fundo foi esticada uma colcha de retalhos em tricoline e chita na cor lilás, produzida por artesãs da cidade, e aplicadas na colcha fotos do 'making of' produzidas para a exposição. Na Figura 85, Hugues de Varine com Maria Abadia Teixeira de Jesus, ao fundo um detalhe da colcha exposta.



Figura 85 . Maria Abadia e Hugues de Varine, Ponto de Memória 27 de novembro de 2012
Fonte: A autora.

O texto de abertura assim foi escrito:

> "Movimentos da Estrutural – A Mulher e a Cidade, homenageando todas as mulheres que têm na Cidade Estrutural o seu lar, o seu lugar no mundo. Por meio das imagens de vinte uma mulheres moradoras, a exposição retrata as Rosas, as Maria Abadia s, as Marias, as Nilzas, a Vanderlinas, as Jaciras, as Solanges, as Marias do Socorro, as Regianes, as Eulinas, as Candaces, as Fátimas, as Luzilenes, as Kellys, as Baianas, as Anas, as Ritas, as Lourdes, as Katias, que constroem esta cidade, que trabalham para sustentar a família. São as catadoras, as recicladoras, as costureiras, as estudantes, as donas de casa, as professoras, as artesãs, as feirantes, as chefes de família. Estas mulheres que lutaram para fixar a Estrutural, sem elas esta cidade talvez não existisse. Mulheres guerreiras que ao comporem a sua história pessoal fazem a história coletiva da cidade." (Ponto de Memória da Estrutural, 2012)

Para a abertura da exposição, foi organizada uma palestra intitulada Museologia Social e Memória – Extensão e Comunidade, proferida pelo poeta e professor Mario de Souza Chagas. (Figura 86)



Figura 86 . Seminário Museologia Social e Memória – Extensão e Compromisso Social
Nota Palestra de Abertura Prof. Mario Chagas. As mulheres no palco foram as que participaram da exposição Movimentos da Estrutural: A Mulher e a cidade.
Fonte: Noleto (2013). Foto de 10 de novembro de 2012.

Após a palestra, foi realizado o Museu do Cortejo pelas mulheres, conduzindo os convidados e a comunidade do Centro Comunitário da Estrutural até o Ponto de Memória. Durante o percurso foram cantadas música popular brasileira e, ao chegar em frente à Casa dos Movimentos, uma grande roda se formou e as mulheres declamaram poesias e cantaram cirandas. (Figura 87)

> "Movimentos da Estrutural: A Mulher e a Cidade" — cumpriu seu objetivo junto às mulheres que foram fotografadas e fizeram parte da exposição. Elas se sentiram valorizadas, muitas disseram que nunca tiveram fotos daquela forma, suas famílias foram na abertura da exposição e também se sentiram valorizadas e reconhecidas. [...] Essa exposição abre espaço para crescer a mobilização em torno das mulheres e para aumentar o debate da problemática das mulheres, pode ajudar na luta por suas reivindicações (como creche e o fim da violência) e pode contribuir para recuperar a história das mulheres trabalhadoras e moradoras da periferia, como a Estrutural." (Ponto de Memória da Estrutural, 2016, p.65)

Foi surpreendente e emocionante a abertura, pois as mulheres protagonistas da exposição somente viram a sua imagem refletida nas fotografias no dia da exposição.



Figura 87 . Roda de Mulheres antes da abertura da exposição
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2012.

'Movimentos da Estrutural: A Mulher e a Cidade' foi inaugurada em 10 de novembro de 2012. As Figuras 88 e 89 mostram o cartaz de divulgação do evento e o convite da exposição.



Figura 88 . Cartaz com a programação
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2012.



Figura 89 . Convite da exposição
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2012.

A exposição 'Movimentos da Estrutural: A Mulher e a Cidade' ganhou itinerância em vários espaços. A primeira itinerância ocorreu na UnB por ocasião do evento 'Memória Coletiva Viva e Sistematização de Experiências - Cidade Educadora e Construção de Pesquisas, ocorrida entre 13 e 15 de dezembro 2012, no Módulo Central do Centro de Excelência em Turismo da UnB, posteriormente foi reapresentada no Coletivo da Cidade, em São Sebastião, no DF, no IFB, na UCB e na Câmara Legislativa do DF, com responsabilidade da remontagem aos gestores do Ponto de Memória e na reapresentação na UnB com a participação dos estudantes extensionistas.

No caso das exposições realizadas no Ponto de Memória, o fato de não possuírem objetos herdados exigiu que o potencial criador se revelasse com a finalidade de ser materializado nas exposições. Nesse contexto, enfatizamos que a biofilia, conforme preconizado por Fromm (1965), perpassou este fazer, uma vez que o processo expositivo participativo incentivou os gestores e participantes a uma reflexão mais profunda sobre a temática a ser trabalhada, repercutindo no processo de criação coletiva com vistas a materializar as ideias. Ostrower (2008) explica que a criatividade é essencial ao ser humano, além disso, o processo de criação na arte é aberto e seu conceito poderá ir além da forma propriamente dita. Vale ressaltar que as exposições conduzidas no Ponto de Memória foram materializadas a partir de tema significativo para aquela comunidade, envolvida em seu território; e com uma dimensão crítica daquilo que desejavam comunicar.

4.5 Ação Cultural

> "Gostaria que as pessoas nos vissem não somente como moradores próximos do lixão, mas pessoas preocupadas e responsáveis com o meio ambiente, espero que um dia a cidade seja vista não mais pela violência, mas como uma cidade recicladora."
>
> Maria Abadia Teixeira de Jesus[244]

Em passagem pela Argentina o museólogo e professor Mário Chagas conheceu uma iniciativa inovadora de editoração de livros: a Editora Eloisa Cartonera. Imbuído do propósito de incentivar mais uma ação cultural no Ponto de Memória da Estrutural, o poeta semeou a ideia que rapidamente foi aceita.

A Cooperativa Editorial Eloísa Cartonera, criada em 2003 e localizada no bairro La Boca, em Buenos Aires, Argentina, foi criada por iniciativa do escritor Washington Cucurto e do artista plástico Javier Barilaro em meio a grave crise econômica iniciada no final de 1990. No início, criaram as edições Eloísa, mais tarde Eloísa Cartonera. Com o objetivo de divulgar a literatura latino-americana por meio de livros artesanais produzidos com capas de papelão, material este adquirido dos catadores locais, inspirou também a criação de várias editoras populares nos países da América Latina. Ao expandir o acesso dos leitores aos livros, além de estimular o autodesenvolvimento, incentiva a economia solidária. Conforme o coletivo Mariposa Cartonera, do Recife – Pernambuco, Brasil, iniciado em 2013:

> "A edição cartonera representa bem mais do que apenas livros. É a recusa da histeria tecnológica. A paixão, a energia e a partilha são os valores desta vaga cartonera. Ela responde ao sismo econômico que afetou a Argentina e que afeta a cada dia um crescente número de países. "O que é que eles nos deram? Miséria, pobreza. O que é que lhes damos? Livros. Para que haja um outro caminho, uma outra porta, uma outra via pela qual seja possível passar" conclui com precisão e humildade Washington Cucurto. Eloísa Cartonera fez com que o livro deixasse de ser um objeto inacessível e passasse a ser uma fonte amplamente acessível de prazer, de

[244] Comentário da Abadia em 19 de maio de 2018 no Ponto de Memória da Estrutural, com a presença de Almir Gomes da Silva, Camila da Mata, Silmara Küster, e no dia 08 de junho de 2018 na Biblioteca Comunitária na presença de Everaldo e Francisco, funcionários temporários da UnB que gentilmente nos ajudaram na montagem de estantes para a Biblioteca Comunitária.

> conhecimento e de auto-desenvolvimento."[245] (Mariposa Cartonera, n.d.)

Consta em relatório do Ponto de Memória de 14 de outubro de 2011 que o Adido Cultural da Argentina apoiou uma oficina na Casa dos Movimentos ocorrida nos dias 19 e 20 de novembro com o objetivo de ensinar aos participantes a confecção dos livros nos moldes da Editora Eloisa Cartonera. Dois colaboradores dessa editora ministraram a oficina com apoio da embaixada da Argentina, do Ibram e da OEI. Nesta oficina, participaram 30 moradores da cidade Estrutural – DF, que aprenderam a confeccionar capas de livros reutilizando caixas de papelão. (Figura 90)



Figura 90 . Oficina de livro artesanal com a Editora Eloisa Cartonera
Nota. Realizada no Ponto de Memória. Pessoas identificadas na imagem: Vicente de Paula, Tiago Morais, Adoaldo Dias, Israel, Maria Abadia , César, Gonzalo, Mari, Terezinha Santana, Oficineiros da Editora Eloísa Cartonera.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, em 20 de novembro de 2011.

Segundo relatórios disponíveis nos arquivos do Ponto de Memória, no dia 23 de novembro do mesmo ano os jovens que participaram da oficina se reuniram na Casa dos Movimentos para discutir a organização de uma editora popular.

Os livros de escritores argentinos, cujas capas foram produzidas na mencionada oficina, foram doados pela Editora Eloisa Cartonera ao Ponto de Memória da Estrutural. No dia 7 de dezembro de 2011, a Embaixada da República Argentina no Brasil, junto com a Academia de Letras do Brasil – DF, e o Sindicato de Escritores do DF realizaram em Brasília

[245] Mariposa Cartonera. (n. d.). *Fenômeno Cartonero: Uma onda mundial: Entenda o fenômeno editorial que ressignificou a forma de fazer circular a literatura*. Acessado em 21 de março de 2018 em http://www.mariposacartonera.com/site/movimento-cartonero/.

- DF a II Noite Literária. Os integrantes do Ponto de Memória da Estrutural, a convite do primeiro Secretário da Embaixada, Sr. Gonzalo Entenza, participaram do evento. Naquela noite, ocorreu uma sessão coletiva de autógrafos com autores de Brasília e o Ponto de Memória da Estrutural apresentou os livros produzidos na oficina ocorrida no mês de novembro. Na ocasião, foram lançados os livros com capas confeccionadas em papelão 'Poema Capital', coletânea de poetas de Buenos Aires e Brasília, 'Mil gotas', do argentino César Aira, e 'Susi', do brasileiro Jorge Mautner. (Figura 91)



Figura 91 . Participantes do Ponto de Memória na II Noite Literária
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2012. Foto tirada em 07 de dezembro de 2011.

Em 2011 o Ponto de Memória criou a sua própria editora. Conforme a Editora Eloisa Cartonera, a proposta é nomear as editoras populares em homenagem à figura feminina, representativa na comunidade. Assim, a editora criada recebeu o nome 'Editora Abadia Catadora', nome este em homenagem à líder comunitária Maria Abadia Teixeira de Jesus, já apresentada nesta investigação, que durante o período entre 1998 e 2005 trabalhou arduamente na coleta de materiais recicláveis, incluindo livros. Seu exemplo traduz a luta e a resistência de moradores e moradoras da cidade Estrutural, no Distrito Federal.

A logomarca da editora foi criada pelo arte-educador e artista plástico José César, militante no Ponto de Memória, e a arte foi inspirada na catadora de recicláveis Bianca Teixeira de Jesus (Cidinha), irmã da Maria Abadia . (Figura 92)



Figura 92 . Logomarca da Editora Abadia Catadora, inspirada na catadora Cidinha
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF

Tal como na sua congênere na Argentina, ali são produzidos livros artesanais com a proposta de estimular a participação de escritores e escritoras locais. O lançamento oficial da Editora Abadia Catadora ocorreu na 1ª Bienal do Livro e da Leitura, em Brasília, no dia 15 de abril de 2012. (Figuras 93 e 94)



Figura 93 . Convite do lançamento da Editora Abadia Catadora
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF



Figura 94 . Integrantes da Editora Abadia Catadora - Lançamento em 2012
Nota No primeiro plano Almir Gomes da Silva, no segundo da esquerda para a direita Hudson Teixeira, Lucas Teixeira, Deuzani Noleto; em pé Lunde Braghini Junior, Maria Abadia , Terezinha Santana, Michele, Israel e Erika Hamenoo.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Foto de 15 de abril de 2012.

Os pilares que norteiam as atividades da Editora Abadia Catadora estão assentados na inserção na leitura, exercício da criatividade e da imaginação, economia solidária, na sustentabilidade ambiental e no desenvolvimento local.

Cabe evidenciar que há preocupação por parte dos integrantes da Editora Abadia Catadora em buscar uma interconexão entre estes pilares, tendo em vista as características da localidade, sendo um trabalho a favor da biofilia. Além disso, observa-se que no mercado editorial brasileiro, apesar da relevante expansão, não há reconhecimento de forma igualitária e crítica do árduo ofício de um escritor marginal.

A economia solidária, alternativa diante do desemprego, é uma forma de oportunizar a geração de trabalho e renda. Paul Singer explica que no Brasil teve início nos anos de 1980, pela Igreja Católica por intermédio da Caritas Brasileira, uma ação com vistas a organizar a volta ao trabalho dos desempregados devido à crise do petróleo desencadeada nos anos setenta na América Latina[246]. Segundo o autor, as bases da economia solidária[247] são: (1) a cooperação, ou seja, o trabalho é conjunto não existindo a divisão entre empregado e

[246] Caritas Brasileira foi criada em 1956 pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), com ações locais, comunitárias e territoriais a partir de iniciativas que fomentam a economia solidária. Acessado em 22 de abril de 2019 em http://caritas.org.br/quem-somos-e-historico.

[247] O que é economia solidária, foco de estudo e ação de Paul Singer, matéria de 17 de abril de 2018. Acessado em 22 de abril de 2019 em https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/04/17/O-que-%C3%A9-economia-solid%C3%A1ria-foco-de-estudo-e-a%C3%A7%C3%A3o-de-Paul-Singer.

empregador; (2) autogestão, a decisão é tomada pelos integrantes, por exemplo "quando e por quanto vendem as mercadorias, a escolha de fornecedores e compradores"; (3) o lucro é repartido; e (4) criação de redes de empreendimentos de economia solidária[248].

Conforme Maria Abadia Teixeira de Jesus, na Editora Abadia Catadora, a economia solidária está assentada no seguinte tripé: "(1) ser socialmente justa; (2) ambientalmente sustentável; e (3) economicamente viável", além de estimular o cuidado com o meio ambiente e valorizar o ser humano. Estes princípios são opostos à concepção da economia tradicional.[249] De acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego (2009),

> "Economia solidária é um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver. Sem explorar os outros, sem querer levar vantagem e sem querer destruir o meio ambiente. Cooperando, fortalecendo o grupo, cada um pensando no bem de todos e no próprio bem."[250]

A decisão da criação de uma editora popular estava em consonância com os objetivos do Ponto de Memória, pois daria voz àqueles potenciais criativos ainda à margem das exigências da sociedade capitalista. Desde a sua criação, buscou disseminar a literatura, estimular escritores e escritoras locais e novos leitores do texto e também do contexto da cidade. Vários encontros suscitaram reflexões e discussões políticas, além disso, revitalizaram a comunidade por meio da memória e identidade.

Observa-se claramente esta característica no Ponto de Memória da Estrutural, especialmente na ação da editora popular, uma vez que esta coaduna-se aos princípios da Museologia Social tais como, ser dinâmica, viva, em contínuo movimento, em adaptação conforme as exigências do seu tempo e que podem ser decorrentes tanto da sua ação propriamente dita na localidade, quanto na expressão da leitura do que está ocorrendo no sentido global. Desta forma, faz conexão direta com as demais ações museológicas do Ponto de Memória.

---

[248] Singer (2018) esclarece que este tipo de iniciativa ocorre em vários países com base em associações e cooperativas, no Brasil há mais de 30 mil empreendimentos desta modalidade, um exemplo é a agricultura familiar, gerando "renda para mais de 2 milhões de pessoas, movimentando anualmente cerca de 12 bilhões de reais".

[249] Entrevista com Maria Abadia Teixeira de Jesus em 29 de abril de 2017. (Apêndice II).

[250] Instituto EcoDesenvolvimento [ECOD]. (n. d.). *EcoD Básico: Economia Solidária.* Salvador, BA. Acessado em 23 de abril 2019 em http://www.ecodesenvolvimento.org/posts/2012/maio/ecod-basico-economia-solidaria

O número de participantes da Editora Abadia Catadora é variável e em sua maioria moradores da cidade, integrantes do Mece e do Ponto de Memória da Estrutural. Desde a criação da Editora Abadia Catadora, as atividades são conduzidas visando: (1) a preservação ambiental; (2) o mapeamento de escritores e escritoras locais; (3) a análise e interpretação dos textos disponibilizados à Editora pelos escritores e escritoras para possível lançamento; (4) a diagramação e edição de livros; (5) o encontro entre os escritores, escritoras e a comunidade; (6) o incentivo à escrita e leitura criativa. A partir deste conjunto de objetivos empreitados, me compeli a refletir sobre a função social da editora popular no que concerne à edição de livros e no estímulo à leitura em uma comunidade composta por 39.015 habitantes e que não possui uma biblioteca pública. E diante das minhas indagações, revisitei Jorge Luis Borges (2011) na reflexão que devemos fazer para além da forma material do livro, mas a pensar na sua mensagem, que poderá trazer significados inimagináveis:

> "Dos diversos instrumentos do homem, o mais assombroso é, indubitavelmente, o livro. Os outros são extensões do seu corpo. O moscópio e o telescópio são extensões da vista; o telefone é o prolongamento da voz; seguem-se o arado e a espada, extensões do seu braço. Mas o livro é outra coisa: o livro é uma extensão da memória e da imaginação." (Borges, 2011, p. 11)

Criação mais parecida com o ser humano, conforme Rodrigues da Cruz (2010), podemos dizer que cinquenta por cento corresponde a sua estrutura física, material, e a outra parte, e a mais importante ao ser revelada em seu conteúdo, ao espiritual. Sobre o livro, Almir Gomes da Silva assim se expressou: "Livros são organismos vivos que definem o nosso trabalho, o desejo de construir a identidade de um povo em constante necessidade de evoluir e pertencer".[251] Na variedade da sua forma, o seu conteúdo nos permitirá voar nos sonhos ou no sofrer do escritor.

E na dor do poeta, naquela manhã de sábado, 03 de março de 2018, a Casa dos Movimentos estava em silêncio. As horas pareciam intermináveis. Não tínhamos uma agenda fechada tal como ocorre normalmente nas mais diversas atividades coordenadas pelo Mece. Eu estava só, sem as lideranças, sem a comunidade. Para minha surpresa um jovem morador chegou à procura do seu grupo.

[251] Silva, A. G. (2019a). *Entrevista.* Concedida à autora desta investigação em 30 de abril de 2019. Brasília, DF. (Apêndice II)

Ao iniciarmos uma conversa trivial, perguntei se ele era morador e o que fazia. Aos poucos, o moço tímido começou a se revelar e, para a minha surpresa, eu estava diante de um jovem poeta. Pedi autorização para gravar e fazer algumas perguntas. Mateus Santana dos Reis, 22 anos, nasceu em Buritis - MG, morador da Estrutural desde criança, estudante de Matemática no Instituto Federal de Brasília. Lembra quando seu pai ajudou a construir a associação de moradores da cidade Estrutural. Segundo Mateus, ele iniciou seus escritos aos quinze anos para se libertar de muitas angústias:

> "As pessoas falam que a gente sabe a vida toda que é gay, mas talvez a gente saiba, mas a gente não se dá conta até a primeira paixão e essa primeira paixão foi platônica e eu não sabia como lidar com esse sentimento, minha família muito machista, meu pai não aceitava minha sexualidade, então eu escrevia."[252] (Santana, 2018)

Ao perguntar-lhe o que mais gostava de escrever, o jovem poeta, com uma pequena caderneta nas mãos, perguntou-me se eu gostaria que ele lesse um de seus poemas e que ele considerava o mais significativo, escrito após o rompimento de um relacionamento. Atentamente o escutei:

"Os olhos de Margot

Me dê seus olhos Margot, pois se não
irei roubá-los
E quando eu me deitar no seu colo
Seu afago não vai me tirar as palavras
Compartilhe sua mente amor
Quero enxergar o mundo como você o vê
Usar das palavras, quero manipulá-las
Para quando eu for dormir
Não me lembrar de você
Venha ao meu encontro sem me temer
Suas atitudes não vão mudar o que eu penso
E sua reprovação só me faz querer crescer
Olhe meus olhos veja quanto estou tenso
Evite-me se puder ou quanto quiser
não quero mais a minha alma
só calma, pós ingênua
tu matou o que restou da minha inocência
me perdoe por favor."

(Santana, 2018)

[252] Entrevista com Mateus Santana concedida em 3 de março de 2018 no Ponto de Memória da Estrutural DF para a autora desta pesquisa. (Apêndice II)

O jovem poeta estudou informática antes de se encantar com a Matemática, atualmente conjuga a arte da fotografia com a matemática. O poema Binário, de sua autoria, reflete a complexidade e unicidade da vida, paradoxal entre a constante e as variáveis, diante da incerteza, da vida e da morte:

"Binário
A vida é uma constante
As pessoas variáveis
Compilamos sentimentos
Executamos ações
Somos como algoritmos
Diferentes, únicos
Feitos para um propósito
Difíceis de se interpretar
Construídas pela linguagem
Definidas pela cultura
O comportamento varia conforme o ambiente
Um dia o processo se encerrará
Morte, uma outra constante
E ao código binário iremos retornar."
Mateus Santana

Para alçar voos e libertar-se de angústias, Mateus dá voz ao seu silêncio nos poemas. Naquele momento ficou claro que a Editora Popular tem como missão dar voz aos excluídos das emoções e da vida.

4.5.1 Oficinas realizadas para a Editora Abadia Catadora

Desde a criação da editora, diversas oficinas foram conduzidas aos participantes da editora a fim de estimular a escrita, a leitura, a criatividade e aprimorar as habilidades artísticas na confecção das capas dos livros.

Em 2012 foi realizada na Casa dos Movimentos a primeira no âmbito da editora, intitulada Oficina de Escrita Criativa – Catando Histórias. Esta oficina foi ministrada pela jornalista e doutora em Teoria Literária Madalena Rodrigues, em parceria com a psicóloga e escritora Adriana Kortlandt e a professora e jornalista Terezinha Pantoja. A referida oficina foi dividida em módulos, conforme descrito no Quadro 13:

Programa 2012 **Oficina de Escrita Criativa – Catando Histórias**	
Módulo I e Módulo II **11 e 12 de agosto**	Por onde começar a escrever? Fios da Memória
Módulo III **25 de agosto**	As muitas histórias Gêneros literários – crônica e conto
Módulo IV **26 de agosto**	Como estruturar uma história Elementos da história: Qual pé é a história/ Quem é o personagem principal/ Quem narra a história?/Qual é o conflito?/ Onde e quando acontecem os fatos? Qual é a solução? Como termina a história?
Módulo V e Módulo VI **22 de setembro** **23 de setembro**	Que história você quer contar? Palestra com James McSill – Consultor Internacional de Escrita Literária via Skype Criação de narrativas (individual)
Módulo VII	Resgate de histórias e depoimentos

Quadro 13 . Síntese da Oficina de Escrita Criativa
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural, 2018. Adaptado pela autora.

O objetivo desta oficina foi apresentar técnicas de escrita criativa para estimular novos escritores. Um dos desafios aos participantes era a escrita da própria história e trajetória de vida. (Figura 95). Na continuidade, Adriana Kortlandt propôs a segunda oficina, a de 'Oficina de Escrita Afetiva', ampliando aos participantes outras formas de escrita. Conforme Almir Gomes da Silva em reunião na Biblioteca Comunitária no dia 21 de abril de 2019 "a oficina afetiva foi inspiradora". Ele participou das duas oficinas e após a leitura de outros autores, desenvolveu sua própria oficina de escrita criativa, que ministrou na editora e em outros espaços culturais do Distrito Federal, e enfatiza que

> "O papel primordial dessas editoras populares não se restringe na busca de autores marginalizados, mas também abrange o incentivo a escrita como uma construção do saber local, com intuito de valorizar sua memória, dando autonomia para que entendam o seu papel em sociedade e a importância de suas histórias na formação do indivíduo como produtor de conhecimento, independe do seu grau de escolaridade. Desse ponto de vista nasce a necessidade das Oficinas de Escrita Criativa ministrada pela Editora Popular Maria Abadia Catadora, que amplia por meio de um método dinâmico a quebra de paradigmas sobre o processo criativo dando voz a quem sistemicamente é silenciado."[253] (Silva, 2019a)

[253] Silva, A. G. (2019a). *Entrevista.* Concedida à autora desta investigação em 30 de abril de 2019. Brasília, DF. (Apêndice II)



Figura 95 . Folder do evento
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF

Vários outros parceiros desta ideia passaram a integrar e estimular as atividades da Editora e no período entre 2 a 9 de fevereiro de 2012 ocorreu a oficina de ilustração, com Fernando Lopes, artista e jornalista do Correio Brasiliense. Participaram crianças, jovens e adultos. Na oficina foram trabalhados os aspectos de forma, cor, luz, composição, criação. (Figuras 96 a 98)



Figura 96 . Oficina de Ilustração na Editora Abadia Catadora, com Fernando Lopes
Nota Identificados: Em pé: Lucas Teixeira, sentados: Ana Francinete, Almir Gomes da Silva, Hudson Teixeira
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Oficina realizada em 2012.



Figura 97 . Vicente de Paula na Oficina de Ilustração
Nota. Atividade promovida pelo Ponto de Memória para a Editora Abadia Catadora.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Oficina realizada em 2012.



Figura 98 . Oficina de Ilustração na Editora Abadia Catadora, com Fernando Lopes
Nota Identificados: Erika Hamenoo, Hudson Teixeira e Ana Francinete
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Oficina realizada em 2012.

4.5.2 Livros artesanais – o processo

Conforme já mencionado nesta seção, a primeira oficina de confecção de livros artesanais para a editora foi ministrada em 2011 com apoio da Embaixada da Argentina. Em sua continuidade, ministrei oficinas de encadernação e costura de livros. Com o objetivo de criar uma estratégia própria para a Editora Abadia Catadora, em reunião no Ponto de Memória ficou decidido que os autores dos livros a serem editados deveriam participar de alguma atividade promovida pela editora, tais como a leitura que antecede a confecção do livro, a produção propriamente dita ou os saraus de poesia. Desta forma, há uma interação com o autor, o que nos convida à apropriação integral; a leitura prévia é a primeira fase do processo. A sua mensagem adentra o universo imaginário do leitor que faz o diálogo com o autor, a ponte entre o aqui e o longínquo. Esse reconhecimento é fundamental para as etapas sucessivas. Quando o autor não pode participar, esta atividade é realizada pelos participantes da editora.

Às vezes de forma lúdica, outras vezes com leituras corridas. Assim a mensagem vai sendo trabalhada, sempre de maneira coletiva, a propiciar uma aproximação com o conteúdo de sua mensagem. Na maioria dos livros publicados pela editora o encontro com o autor também ocorre presencialmente. Posteriormente, há um reconhecimento das partes que

compõem a estrutura física do livro e a reflexão acerca da sua importância como instrumento de disseminação da informação e construção de mentalidades.

Os primeiros exemplares foram produzidos de forma simples com a dobra de um caderno grampeado ao centro. No início do primeiro semestre de 2013, a Maria Abadia observou que os grampos estavam enferrujando e, preocupada, assim se expressou: "Professora Silmara, os grampos que usamos para fechar os primeiros livros estão enferrujando, o que podemos fazer?"[254]. Após esta observação e na intenção de agregar valor ao livro artesanal confeccionado por eles, retomei questões relacionadas à conservação de papel que havíamos trabalhado para a montagem das fotografias para a exposição de 2012 A Mulher e a cidade; e propus uma oficina de costura e encadernação de livros artesanais, substituindo os grampos metálicos dos livros já editados pela editora e para as futuras publicações. No mês de julho de 2013 ministrei a primeira oficina de costura artesanal e encadernação[255] com vistas a substituir o grampo metálico, e no segundo semestre o primeiro livro com costura artesanal foi produzido, o do escritor Markão Aborígene, que será apresentado na Seção 4.5.5 – Encontros Poéticos e Livros publicados. Em 19 de março de 2014, com a participação da Maria Abadia , Almir Gomes da Silva, Vicente de Paula e Ana Francinete, conduzimos a oficina apresentada nas Figuras 99 a 103[256].



Figura 99 . Oficina de Costura e Encadernação na Editora Maria Abadia Catadora
Nota Maria Abadia ensinando a costura ao Bruno de Paula e Vitória de Jesus.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Foto de Mariana Oliveira em 19 de março de 2014.

[254] Observado pela Abadia no início do mês de março de 2013, neste mesmo mês fizemos atividades de retirada do grampo, retomamos questões relativas a conservação de papel e iniciei a atividade de costura de cadernos para a confecção de livros artesanais.
[255] Participação dos estudantes extensionistas da UnB, Herika Lorena, Vinícius Carvalho e Mariana Oliveira.
[256] Participação da estudante e extensionista Mariana Oliveira com a produção de vídeo. (Anexo 14)



Figura 100 . Oficina de Costura e Encadernação na Editora Maria Abadia Catadora
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Foto de Mariana Oliveira em 19 de março de 2014.
Vicente de Paula

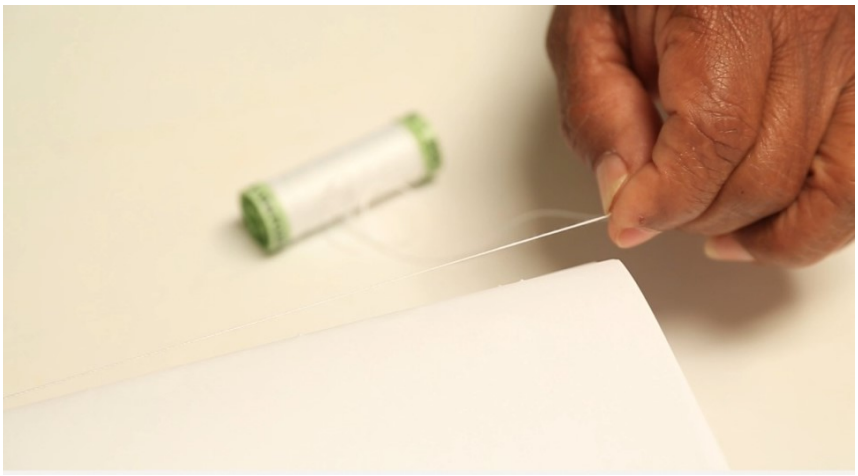


Figura 101 . Oficina de Costura e Encadernação na Editora Maria Abadia Catadora
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Foto de Mariana Oliveira em 19 de março de 2014.



Figura 102 . Oficina de Costura e Encadernação na Editora Maria Abadia Catadora
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Foto de Mariana Oliveira em 19 de março de 2014.



Figura 103 . Oficina de Costura e Encadernação na Editora Maria Abadia Catadora
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Foto de Mariana Oliveira em 19 de março de 2014.

Na costura artesanal são utilizados linha e cadarços de algodão, dispensando os grampos metálicos, sendo uma costura simples que pode ser feita em um único caderno de até 15 folhas. Acima deste número os cadernos são divididos. (Anexo 14)

Entre 2016 e 2017 acompanhei a oficina de costura de livros com integrantes da Editora Abadia Catadora no Setor de Restauração da Biblioteca Central da UnB. Na ocasião, a atividade foi conduzida pelo servidor Walter Antunes Barrense e a técnica foi a costura com o uso de bastidor. (Figuras 104 a 106). A técnica de costura aprendida na UnB somente foi utilizada na segunda edição de livros de autoria da poetisa Hildete Moura publicada pela Editora em 2019.



Figura 104 . Maria Abadia fazendo a costura usando bastidor. Local BCE/UnB.
Nota Sob orientação do restaurador Walter Antunes Barrense.
Fonte: A autora. Foto de 10 de outubro e 2016.

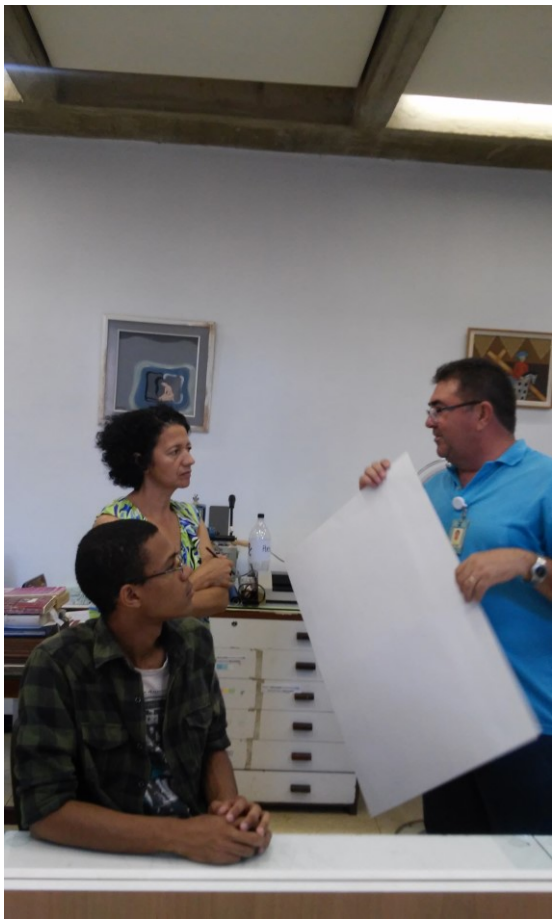


Figura 105 . Maria Abadia , Almir Gomes da Silva. Orientação Walter Antunes Barrense
Nota: Oficina de encadernação no Setor de Restauração da BCE.
Fonte: A autora. Foto de 10 de outubro e 2016.



Figura 106 . Almir Gomes da Silva em aula de encadernação. Local BCE/UnB.
Nota Sob orientação do restaurador Walter Antunes Barrense.
Fonte: A autora. Foto de 09 de outubro e 2017.

4.5.3 Capa

Após a costura dos cadernos, a etapa seguinte consiste na colocação da capa. Na confecção das capas é reutilizado o papelão. Este material, muito embora seja retirado do lixo para a reutilização, deverá estar em boa condição de uso e preferencialmente ser oriundo de caixas, cuja função original não tenha sido o transporte de orgânicos e óleos. Normalmente é adquirido diretamente do catador de materiais recicláveis, que previamente é instruído no que diz respeito ao uso e finalidade. Os participantes da editora também trazem para a oficina caixas de papelão que encontram. A espessura do papelão empregado deverá ter aproximadamente 2 mm. Segundo Maria Abadia , atualmente a editora trabalha apenas com uma catadora e busca sensibilizar outros catadores a fim de que participem da ação[257]. O uso do papelão tem como objetivo o despertar de uma consciência ambiental e a sustentabilidade, além de estimular a geração de renda com base em uma economia solidária, conforme já delineado. No que concerne à técnica de corte do papelão, aos poucos foi se aperfeiçoando para que a capa não fique frágil no decorrer do manuseio do livro. (Figura 107)



Figura 107 . Uso do papelão para a confecção de capas
Nota Última atividade da editora realizada na Casa dos Movimentos
Da esquerda para a direita: Deuzani Noleto, Almir Gomes da Silva, Neide Gomes e Aline
Fonte: A autora. Foto de 5 de fevereiro de 2019[258].

Anterior à colocação da capa no livro é realizada a pintura. Somente após a dinâmica de leitura conduzida em conjunto é que a criação artística da capa é realizada. Conforme mencionado, na maioria das vezes há uma conversa com o autor antes da leitura coletiva e

[257] Entrevista oral em 23 de dezembro de 2017.
[258] Esta imagem ilustra a última atividade realizada na Casa dos Movimentos no ano de 2019.

interpretação do texto. Cada capa é elaborada a partir dos extratos e substratos colhidos do texto durante a leitura coletiva. O processo de criação se intensifica à medida que o imaginário é experienciado e ao registrar no papelão cores, linhas, formas, impregnadas de uma emoção que vai além da imaginação, liberta-se a alma criadora, há a autocriação no intérprete singular daquela história. Também são reaproveitados materiais, como por exemplo o acetado para a criação de moldes vazados a ser utilizado no processo. (Figuras 108 e 109) e (Apêndice VII)



Figura 108 . Hudson e Almir na elaboração de desenho e confecção de molde vazado
Fonte: A autora. Foto de 04 de abril de 2015.



Figura 109 . Hudson na elaboração da pintura
Fonte: A autora. Atividade da editora em 2015.

Todos os participantes são livres no processo do registro das impressões pós-leitura, sendo que cada capa produzida é o resultado da expressão particular de cada um. E diante da sua singularidade e da tiragem limitada podemos considerá-la uma obra rara.

Nesse processo, observei que os temas políticos são os mais difíceis de desenhar e pintar, sendo necessário serem trabalhadas outras técnicas artísticas para facilitar a materialização da criação. Cada participante faz a interpretação do texto e do contexto através da pintura, desenho, gravura, colagem etc.

4.5.4 Desmembramentos das ações culturais no Ponto de Memória

Significativos desdobramentos podem ser pontuados a partir das ações da Editora Abadia Catadora, tanto para os participantes do processo quanto para a comunidade da cidade e externa a ela. Desde o início das atividades várias ações foi se configurando, dentre elas destaco as oficinas de escrita criativa, a costura e encadernação dos livros, os saraus poéticos e o encontro com o autor.

Almir Gomes da Silva, natural de Taguatinga – DF, jovem escritor popular, morador da cidade Estrutural, 25 anos, recém ingresso na UnB, no Curso de Letras - Inglês da UnB, com uma pontuação na prova de redação próxima a mil [nota máxima], é um dos grandes incentivadores da escrita e da leitura na Editora Abadia Catadora. Sua vida também é marcada pela dor, sofrimento e pobreza.

Infelizmente, pessoas muito próximas ao Almir enveredaram para o mundo do crime e em meio à desordem social em que vive, eis que a força espiritual surge. Cursou o ensino fundamental e médio em escolas do Guará, cidade satélite próxima à cidade Estrutural DF. Lá sofreu ‘bullying’ dos colegas por ser morador da Estrutural. As crianças moradoras da cidade Estrutural eram chamadas pelos colegas de ‘Estruturalixo’. Conforme relato do jovem escritor, a escola do Guará não emprestava livros para quem morava na cidade Estrutural e “quando chegava as férias era o pior tormento”.

Almir Gomes da Silva relembra com emoção quando soube que a Maria Abadia mantinha livros retirados do lixo reciclável e emprestava para quem se interessasse, foi quando ele a conheceu. Segundo Almir, “eu fui salvo pelos livros”, a partir daí nunca mais os

deixou[259]. Começou a escrever aos 10 anos de idade, conforme seu relato em 30 de abril de 2019:

> "Eu havia terminado de escrever o meu primeiro livro aos 10 anos de idade, quando conheci um escritor chamado Simão Miranda, ele era ex-aluno de uma professora de matemática, ele foi dar uma palestra no CEF 01 do Guará, onde eu estudava, leu o meu primeiro livro, e sugeriu que eu escrevesse um livro sobre um tema com valores sociais para ele publicar junto com outro livro infanto-juvenil dele. Eu já morava na Estrutural na época, então com 13 anos escrevi A menina e o Rio, mas o projeto não deu certo, então eu engavetei o livro. Anos depois conheci a Editora Abadia Catadora, achei que tinha tudo a ver com o livro A menina e o rio, então escolhi publicar essa história."[260] (Silva, 2017)

Outro desmembramento das ações da editora foi a Oficina de Escrita Criativa elaborada por Almir Gomes da Silva, cujo objetivo foi identificar a dificuldade da escrita dos participantes, além de incentivar práticas aos escritores iniciantes com vistas ao aperfeiçoamento da escrita.

A oficina é realizada em grupo promovendo a integração das pessoas e o compartilhamento das ideias. Segundo Almir Gomes da Silva, "a oficina deve observar os elementos que problematizam a escrita por meio de atividades dinâmicas que estimulem o uso da criatividade, usando os cincos sentidos, palavras-temas e situações do cotidiano", enfatizando a importância do hábito, da disciplina e organização de forma a estar em um ambiente que estimule a imaginação criadora.

O Quadro 14 apresenta uma síntese da Oficina de Escrita Criativa elaborada por Almir Gomes da Silva (Apêndice VIII):

[259] Silva, A. G. (2017). *Entrevista*. Concedida à autora desta investigação em 28 de dezembro de 2017. Brasília, DF. (Apêndice II)

[260] Silva, A. G. (2017). *Entrevista*. Concedida à autora desta investigação em 28 de dezembro de 2017. Brasília, DF. (Apêndice II)

OFICINA DE ESCRITA CRIATIVA	
Temas abordados	Bloqueios cognitivos Mitos sobre a criatividade Ferramentas e metodologias da escrita - leitura dinâmica
Objetivos	Desenvolver o gosto pela leitura •Desenvolver a criatividade, imaginação e sensibilidade usando técnicas individuais e em grupo •Identificar as dificuldades da escrita e suas possíveis soluções •Conhecer os vários tipos de escrita •Dinamizar as atividades que promovem a escrita de forma lúdica •Usar palavras temas e adequá-las dentro de um contexto •Aprender a observar e escrever sobre fatos vividos •Promover a escrita sensorial
Módulo I	Integração. Apresentação do tema a ser discutido sobre a importância da escrita e como identificar suas dificuldades e as possíveis soluções. Dinâmicas com a criação de histórias a fim de usar a imaginação para sair de uma situação adversa.
Módulo II	Tipos de textos. Como construir uma história. Prática da escrita através dos cinco sentidos e da utilização de palavras temas. Discussão com exemplos de hábitos que consolidam a escrita criativa e a importância da prática da leitura.
Módulo III	Prática de técnicas adquiridas e discutidas com a elaboração de um livro coletivo.
Módulo IV	Produção do livro na Editora Abadia Catadora e lançamento no Sarau Poético.

Quadro 14 . Oficina de Escrita Criativa
Fonte: Adaptado de Almir Gomes da Silva (2017).

No ano de 2017, em uma das rodas de conversa que fazíamos no Ponto de Memória, o tema sobre a participação da comunidade local e pouca frequência veio à tona, desencadeando algumas inquietações: “precisamos dar mais visibilidade ao Ponto de Memória, o que fazer para as pessoas participarem das ações, conhecerem o trabalho de memória que realizamos?” Esta questão estimulou Maria Abadia e Almir Gomes da Silva a repensar na possibilidade de oferecer a oficina, criada pelo Almir, de Escrita Criativa aos estudantes do Centro de Convivência - Cose. Assim, a primeira Oficina de Escrita Criativa de que tive a oportunidade de participar, conduzida por Almir e Maria Abadia , foi com os estudantes do Cose.

Minha incumbência foi trabalhar conteúdos de costura e encadernação com os estudantes e entrar em contato com o Cose e agendar uma reunião para apresentação da proposta, que ocorreu acompanhada de Almir e Maria Abadia em abril de 2017.

O Cose trabalha temas sobre ética e bem viver. Os alunos do Cose são ex-catadores do lixão, desde a primeira infância. São encaminhados pelo Serviço Social, recebem uma bolsa-auxílio do GDF para que não retornem ao lixão, estudem e não entrem no mundo do crime. Pessoalmente foi deveras difícil conhecer a história daqueles jovens. Na ocasião, as oficinas foram agendadas para os dias 2, 3 e 4 de maio de 2017 com a participação de 30 estudantes. Na Casa dos Movimentos foi necessário dividir a turma entre os turnos da manhã e tarde. Ao solicitar à diretora do Cose o perfil dos estudantes para que o Almir e Maria Abadia pudessem preparar a oficina, a direção não tinha autorização para repassar informações, além do nome e da idade. E para minha surpresa o motivo era para evitar qualquer tipo de pré-julgamento.

Pré-julgamento? Como assim? Naquele dia saí do Cose apreensiva. Qual seria o motivo? E com tristeza e indignação, soube no primeiro dia da oficina, por intermédio da professora responsável pela turma e que os acompanhou na Casa dos Movimentos, que daqueles 30 jovens entre 15 e 17 anos, somente um estava cursando o ensino médio, dois deles ingressaram no curso de Educação de Jovens e Adultos [EJA]. Alguns em regime socioeducativo e o restante não tinha sequer concluído o ensino fundamental.

Como alguns ainda eram analfabetos das letras, mas não das emoções, sugeri ao Almir iniciar a oficina com uma Roda de Memória, sobre os sonhos de cada um. O Almir falou da importância dos estudos e da leitura. A oficina foi adaptada àquele contexto, utilizamos "poesias mínimas" da poetisa paranaense Helena Kolody (1912-2004), para estimular as ideias e a criação. Na medida em que líamos pedíamos para cada um relatar qual o entendimento que tinha.[261]

"Arco-Íris
Arco-íris no céu.
Está sorrindo o menino
que há pouco chorou"

"Areia
Da estátua de areia,
nada restará,
depois da maré cheia"

[261] Helena Kolody (1912-2004) publicou em 1941 seus primeiros haicais..

“Ipês floridos
Festa das lanternas!
Os ipês se iluminaram
de globos de cor-de-ouro”.

“Poesia mínima
Pintou estrelas no muro
e teve o céu
ao alcance das mãos”.

“Dom
Deus dá a todos uma estrela.
Uns fazem da estrela um sol.
Outros nem conseguem vê-la”.
(Kolody, 2012)[262]

E assim iniciamos a Oficina de Escrita Criativa criada por Almir Gomes da Silva a semear sonhos. (Figura 110)



Figura 110 . Início da Oficina de Escrita Criativa com estudantes do Cose
Fonte: Foto de Thelma Mello em 2 de maio de 2017.

Os alunos aprenderam a técnica da costura para livros artesanais. No segundo encontro cortaram e pintaram as capas, inspirados nos poemas de Helena Kolody. No terceiro dia colocaram a capa pronta no caderno produzido. Eles se comprometeram a repassar ao livro ainda em branco as letras das músicas que cantam e criam. (Figuras 111 e 112)

[262] Kolody, H. (2012). Helena Kolody. Curitiba, PR. Acessado em 15 de julho de 2020 em http://helena-kolody.blogspot.com/2012/09/arco-iris.html.



Figura 111 . Costura dos cadernos para confecção do livro
Fonte: A autora. Foto de 4 de maio de 2017.



Figura 112 . Livro finalizado
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Foto de 4 de maio de 2017.

Foi uma experiência gratificante, mesmo por poucos dias. A Editora Abadia Catadora, aqui representada por Almir Gomes da Silva e Maria Abadia Teixeira de Jesus, cumpriu sua função social. Na Roda de Memória realizada os jovens, além de expressarem os sonhos, também relataram a difícil vida quando eram catadores no lixão. Muitos deles ficaram interessados em participar das atividades da editora, no entanto não foi possível, pois pelo fato de receberem bolsa-auxílio do GDF, eles são obrigados a participar exclusivamente do Cose, salvo em atividades esporádicas. Na semana que iniciamos a oficina os jovens estavam em luto pela perda de um dos colegas. Infelizmente no ano de 2019 fui comunicada sobre outra perda, um dos colegas que participou da oficina fora assassinado.

4.5.5 Encontros Poéticos e Livros publicados

Conforme já citado, na ocasião do lançamento oficial da Editora Abadia Catadora na 1ª Bienal do Livro e da Leitura em Brasília ocorrido em 2012, a Editora publicou poesias de Carlos Rodrigues Brandão no livro 'De mãos abertas de punho erguido'[263]; o artigo de 1934 do poeta e dramaturgo alemão Bertolt Brecht 'Cinco dificuldades de escrever sobre a verdade', traduzidos por Vítor Pordeus; e lançou o jovem escritor e morador da cidade Estrutural Almir Gomes da Silva com o livro 'A Menina e o rio'. (Apêndice I)

Entre os anos de 2011 a 2018 foram realizados seis 'Saraus Poéticos', conforme o Quadro 15:

2011	I Sarau de Poesia
31 março de 2012	II Sarau Cultural da Casa dos Movimentos (Apêndice VII)
18 de abril de 2015	III Sarau Cultural da Casa dos Movimentos (Apêndice VII)
22 de outubro de 2016	IV Sarau de Poesia – Cassiano Nunes (Apêndice VII)
10 de março de 2018	Sarau das Mulheres (Apêndice VII)

Quadro 15 . Saraus Poéticos realizados no Ponto de Memória
Fonte: A Autora (2019)

Em cada edição a participação de todos os presentes é estimulada por meio da música, das cirandas, declamam-se poesias, são expostos os livros produzidos pela editora, sempre circunstanciado em uma atmosfera de amizade e muita alegria. Segundo Maria Abadia , é um momento da "Celebração do trabalho, pois aqui se trabalha em várias frentes todos os dias e se não pararmos um momento para festejar, a gente não consegue ir adiante, planejar os sonhos. É uma pena que fizemos poucos encontros".[264] (Jesus, 2019)

Nestes encontros poéticos acessamos o conto da cidade imaginada e a denúncia da sua realidade. No II Sarau Cultural, Almir Gomes da Silva reuniu jovens escritores e escritoras locais que apresentaram uma proposta para a Editora Abadia Catadora com vistas a publicar uma coletânea de contos intitulado "Primavera". Participaram Sheilla Reis, Bruno Afe Araújo, Luan Diego Lopes, Simeya Santos, Bruno Raian, Maxwell e Almir Gomes da

[263] A referida publicação teve apoio da Editora Popular Eloisa Cartonera, do Grupo Microrrevoluções e do Instituto Cervantes.

[264] Jesus, M. A. T. (2019). *Roda de memória e reunião com os gestores do Ponto de Memória da Estrutural* em 23 de dezembro de 2019. Brasília, DF. (Material não publicado).

Silva, na ocasião do sarau cada autor leu um trecho do conto que escreveu. Almir Gomes da Silva complementou com o processo por eles experienciado,

> "Então, a coletânea de contos primavera, é um projeto que eu propus com os amigos. A gente se reuniu uma vez e decidimos escrever um livro juntos, eu sugeri que cada um escrevesse um conto por meio de um sorteio de palavras, a gente escreveu as palavras em uma caixa e tiramos a palavra primavera."[265] (Silva, 2019a)

Foi um momento muito especial para jovens escritores locais e projeto futuro para a editora, uma vez que a revisão foi concluída em 2019 e está em fase de diagramação.

No ano de 2013 Markão Aborígene procurou a Editora Abadia Catadora para lançar o seu primeiro livro 'Sem rosto Família ou nome'. É o movimento 'Hip Hop' na palavra falada, cantada e no texto mostrando o contexto da impunidade, da corrupção, das injustiças sociais. Literatura marginal, presente!

Durante o mês de agosto de 2013, Lunde Braghini Junior[266], participante do Mece e da Editora Abadia Catadora, fez a revisão textual do livro, lançado em 2014 na II Bienal Brasil do Livro e da Leitura, realizada em Brasília – DF.[267] (Figura 113) e (Apêndice I)

Markão Aborígene, já citado em seções anteriores na presente investigação, é um militante da cultura 'hip hop', além de ser 'rapper', poeta e escritor. Seu nome artístico reflete nas letras que compõem o ser autóctone, nativo, militante social a denunciar por meio do seu trabalho a luta contra a corrupção e as injustiças sociais.

Conforme Aborígene, sua inspiração para arte se deve à sua ancestralidade, seu avô foi cordelista. Morador de Samambaia, RA XII/DF, cuja história no início da formação da cidade se assemelha à cidade Estrutural, também é fundador da 'Frente Candanga de Hip Hop Contra a Corrupção' e 'Coletivo ArtSam'. Na cidade Estrutural, foi Conselheiro Tutelar e Educador Social em ONG, procurou a editora por sua proximidade com a cidade e pela causa do Ponto de Memória.

---

[265] Silva, A. G. (2019a). Entrevista. Concedida à autora desta investigação em 30 de abril de 2019. Brasília, DF. (Material não publicado).

[266] Lunde Braghini Junior é professor e jornalista, participante do Mece e da Editora Abadia Catadora.

[267] Desde o início da Editora popular Abadia Catadora, a Universidade de Brasília, por intermédio do Curso de Museologia e da Biblioteca Central, tem contribuído com as oficinas de leitura criativa, produção de papel e encadernação, estimulando novas possibilidades e experimentos na editoração e publicação de livros artesanais.



Figura 113 . Imagem da folha de rosto
Nota Capa elaborada por Markão Aborígene
Fonte: Foto de Markão Aborígene.

Seguindo os objetivos da Editora Abadia Catadora, Markão Aborígene foi convidado a participar de um Sarau Poético na Casa dos Movimentos com os integrantes da editora, crianças e jovens da localidade, com vistas a fazermos uma vivência poética junto com o autor e estimular a criatividade do grupo para a produção das capas do seu livro.

O poema que segue foi publicado no seu primeiro livro:

"**In-cômodo**

A casa
Não tem sala
Não tem cozinha
Não tem quarto
Mas tem Copa
A casa
Não tem teto
Não tem terra
Não tem fossa
Mas tem Copa
A casa
Não tem telha
Não tem janela
Não tem porta
Mas tem Copa
E a cidade
Não tem teatro
Não tem Hospital
Não tem escola
Mas tem Copa
E a Copa
O que que tem?
Mesa?
Pratos, talheres?
Almoço?
Não!
Nesta Copa tem jogo
E em campo
Por enquanto
Enriquecimento ilícito
E higienização social
E agora qual será
Seu estádio emocional?"
(Aborígene, 2013, p.10)[268]

O poema expressa a insensibilidade por parte do poder público à emergência das populações mais pobres e faz crítica aos gastos públicos em decorrência das construções de estádios de futebol para a Copa do Mundo de Futebol FIFA realizada no Brasil em 2014.

Durante o ano de 2016 várias ações da Editora Abadia Catadora ocorreram no Laboratório de Conservação do Curso de Museologia, localizado no Setor de Restauração da Biblioteca Central da UnB, com vistas a produção de papel reciclado. Em uma das atividades, a professora doutora de Literatura da UnB Maria de Jesus Evangelista, curadora da obra do poeta Cassiano Nunes, conheceu a equipe da Editora Abadia Catadora e cogitou a ideia de

[268] Aborígene, M. *Sem rosto Família ou nome*. Editora Popular Abadia Catadora, 2013, p. 10.

produzir pela editora um livro com poesias de Cassiano Nunes[269]. A equipe da editora ficou honrada com o convite e aceitou o desafio. Como primeira experiência, foi promovido um encontro poético com a professora no dia 15 de setembro de 2016, que apresentou a biografia de Cassiano Nunes e oportunizou a todos uma leitura coletiva das poesias. (Figura 114)

Tivemos a ideia de utilizar o papel reciclado produzido no laboratório para a confecção da capa do livro 'Cassiano Nunes - Interações Poesias', sétimo título publicado e lançado pela Editora Abadia Catadora em Brasília durante o IV Sarau de Poesia ocorrido na Casa dos Movimentos em 22 de outubro de 2016.



Figura 114 . Roda de Memória na UnB.
Nota: Roda de conversa e leitura de poesias de Cassiano Nunes ocorrida na UnB-BCE em 15 de setembro de 2016. Participaram Selenita Rosa, Almir Gomes da Silva, Maria Abadia , a bibliotecária e restauradora Neide Gomes BCE-UnB), as professoras Maria Evangelista e Silmara Küster.
Fonte: A autora (2016).

Nesse dia, a professora Maria de Jesus Evangelista assim se expressou: "foi uma dádiva, um milagre que aconteceu comigo em ter encontrado esse grupo da editora popular tão dedicado, tão responsável, tão consciente e sensível sobre a poesia e os poetas". (Figura 115). Emocionou-se ao falar sobre a obra de Cassiano Nunes que, segundo ela, "eu busco alcançar a voz do poeta, depois de ler e reler, daí repito e repito". Ofereceu aos integrantes da editora o livro 'Obra Reunida Poesia Volume 1'organizado por ela, declamando o poema Profissão de fé em que, segundo a professora, Cassiano Nunes revela a sua busca ao encontro de uma voz própria na poesia:

[269] Cassiano Nunes (1921-2007), professor, ensaísta e poeta, nascido em Santos - SP, foi professor na Universidade de Brasília de 1966 a 1991, no Departamento de Letras.

"Profissão de fé

Eu sempre fui poeta embora sem saber
pois,
no momento da inspiração,
Queria vestir a Musa à maneira romântica,
e, dura, ela repelia a saia-balão.
Eu sempre fui poeta, mas com tão pouco jeito
que no instante do paroxismo
deixava cair ao chão o camartelo
e quebrava o marmo do parnasianismo.
Mas ao usar a minha própria linguagem,
vi, nítida, a Beleza no pátio do Dia!
desde então, cada ideia que tenho é uma imagem
e cada canção que canto é a Poesia!"
(Nunes e Evangelista, 2015, p.48)



Figura 115 . Professora Maria de Jesus Evangelista no IV Sarau de Poesia
Foto: A autora (2016).

Durante o sarau a professora Maria Evangelista parabenizou a coragem do poeta Fernando Borges em expressar em poemas a sua vivência na cidade Estrutural e refletir sobre a própria condição humana, dentro de um universo que é coletivo.

A professora se referiu a um poema do livro A Favela como ninguém viu, de Fernando Borges, como "muito instigante, forte, realista, sem peias e amarras, como Cassiano Nunes repelindo a saia-balão; o poeta nasceu com os pés no chão e a cabeça ao alto"; e, emocionada, leu o poema do jovem escritor:

"**O meu lugar**

Sistema violento
Genocídio de jovens
Barraco de madeira
Que escroto
A palmos da janela
Só o cheiro de esgoto
Os ratos aqui já fazem parte da família
Imagine só
Nem mais a comida no fogão eles respeitam
Triste né
Mas triste mesmo é
olhar para um lado,
para o outro,
sentir o gosto de fel
E saber que a solução
Não virá do céu
Triste mesmo é ver as crianças brincando
descalças em meio ao esgoto
Ao lado de um cachorro morto
Caramba velho
Crianças sem inspiração para estudar
O que resta
É na escola do crime se formar
E diferente de uma vida tranquila
Essa é a minha perifa
Aqui moro
Aqui gosto de viver
Mesmo sabendo que logo a noite
Nem energia vai ter
Mas tranquilo tá irmão
Pois a glória só vem
Quando a luta amenizar
Nosso povo feliz e sorrindo
Eu acredito
Isso vai se concretizar"
(Borges, 2014, p.12)

Aos dezesseis anos de idade Fernando Borges perdeu sua mãe, causando grande tristeza e conturbação. À época na escola, o seu comportamento ficou alterado com tendência a seguir um caminho inadequado, foi então que sua professora o estimulou a escrever sobre o contexto do que estava vivendo naquele momento em sua trajetória.

Desde então começou a escrever.

“Vida sofrida?

Não, apenas pedra no caminho
Erros na caminhada?
Não, apenas um motivo pra você mudar
Favelado preto?
Não, apenas seu modo de olhar com preconceito
Mas é assim, confie irmão
Eu sofredor?
Não, apenas um guerreiro
Seguindo a missão!”
(Borges, n. d)

No sarau poético contou que conheceu Markão Aborígene no Conselho Tutelar da cidade Estrutural. Markão, ao tomar conhecimento dos escritos de Fernando, pediu ao jovem para ir repassando a ele as poesias conforme ia criando. Passados alguns meses Fernando Borges foi surpreendido com o seu primeiro livro editado artesanalmente por Marcão Aborígene, estimulando a continuidade da sua poesia. (Figura 116)



Figura 116 . Poeta Fernando Borges
Foto: A autora (2016).

Na sequência, Maria Abadia agradeceu emocionada as palavras da professora Maria de Jesus Evangelista e disse que a presença de todos estimula o trabalho da editora para continuar, pois “os livros são o nosso caminho, o caminho de denunciar coisas que nos oprime, o caminho de aprender, o caminho de viajar e de conhecer coisas novas”.

Na sequência declamamos, lemos, dançamos, cantamos e fizemos pertencimento ao momento, tal como “Minha ciranda”, de Lia de Itamaracá:

“Minha Ciranda

Minha ciranda não é minha só
Ela é de todos nós
A melodia principal quem
Guia é a primeira voz
Pra se dançar ciranda
Juntamos mão com mão
Formando uma roda
Cantando uma canção”

(Itamaracá, 2009) [270]

Até hoje, a melodia ainda soa em meus ouvidos, tamanha a emoção sentida ao darmos as mãos naquela roda da vida. (Figura 117)



Figura 117 . Ciranda, em 22 de outubro de 2016
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Sarau de Poesia, 2016.

De certa forma o sarau é também a ocasião para novas revelações da cidade. No Sarau das Mulheres ocorrido na Casa dos Movimentos em 10 de março de 2018, Hildete Moura, baiana e poetisa da cidade Estrutural, soube do sarau e participou declamando as suas poesias. (Figura 118)

[270] Itamaracá, L. (2009) Minha ciranda. In L. Gaspar. *Lia de Itamaracá*. Recife, PE: Fundação Joaquim Nabuco. Acessado em 15 de julho de 2020 em http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=317&Itemid=191



Figura 118 . Sarau das Mulheres, em 10 de março de 2018
Nota Da esquerda para a direita: Candece Costa Cunha, Hildete Moura e Almir Gomes da Silva
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.

Almir Gomes da Silva assim se expressou:

> "Eu me recordo de quando conheci Hildete, ela estava empertigada em uma cadeira durante um sarau poético na cidade estrutural com uma pasta cheia de manuscritos, na Casa dos Movimentos. Aquela senhora pequena de olhar observador, dificilmente se deixava intimidar pelos presentes. Quando colocava os óculos, empostava a voz, mudava a postura, era surpreendente sua oratória, a maneira como se postava sem receio algum de julgamentos, ela simplesmente declamava."[271] (Silva e Moura, 2019)

Após a participação de Hildete Moura no mencionado sarau, perguntamos se ela gostaria de publicar seu livro de poesias, o que aceitou de pronto. Durante o processo de finalização do livro, promovemos um encontro com a autora. Na ocasião do encontro, Hildete nos disse que foi uma oportunidade participar do Sarau das Mulheres e ler suas poesias, pois estava atrás de pessoas que escutassem o que ela havia escrito até então[272]. A poetisa nasceu no ano de 1956 na cidade de Jacobina – BA, moradora da cidade Estrutural desde 1987. Autodidata, aprendeu a ler aos 10 anos de idade, sem nunca ter frequentado a escola. Aos 56

[271] Silva, A. G. (2019). Apresentação. In H. Moura. *Lado a lado*. Brasília, DF: Editora Abadia Catadora.
[272] Depoimento por Hildete Moura à autora deste trabalho em 10 de março de 2018 na Casa dos Movimentos. Hildete Moura já foi citada na Seção 4.3.3 em Registro de Pessoas que foram identificadas para fim do inventário cultural.

anos se descobriu na poesia após participar de uma oficina de tertúlia literária oferecida à época pelo IFB. Desde então, escreve poesias com a temática do amor, do coração partido:

"**Amor Dividido**

Saudades, amor pela metade.
Procuro entender porque estou com você.
Ainda em meus pensamentos
Sem seguir meu coração
Vivendo uma ilusão
Que não deveria existir.
Que amor é esse?
Que não sabe julgar
Que mistura os tempos
Quando nesse momento!
Deveríamos nos separar.
Afogada em pensamentos
Tentando reconciliar
Tomada pela razão
Lutando contra a emoção!
Por uma pessoa que não consegue amar".
Hildete Moura
(Moura, 2018, p. 48)

Com atraso para o lançamento do livro de Hildete Moura, devido ao fechamento da Casa dos Movimentos, por motivos de roubo por facção criminosa, em novembro de 2019 vislumbrou-se a Museologia Biófila, resistente na sua luta e acreditada na vivacidade do Ponto de Memória da Estrutural, realizamos o "Seminário Memórias Periféricas em tempos de (in)certezas", organizado pelos participantes do Ponto de Memória com a participação de Wellington Pedro da Silva e do IFB. (Figuras 119 e 120)



Figura 119 . Convite do Seminário Memórias Periféricas em tempos de (in)certezas
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2019.



Figura 120 . Mesa de abertura
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2019.

Na ocasião, foi lançado o livro de Hildete Moura intitulado Lado a Lado. (Figura 121)



Figura 121 . Hildete autografando seu livro na ocasião do lançamento
Fonte: Autora (2019).

Os livros editados pela Editora Abadia Catadora trazem em sua maioria a escrita da comunidade da cidade Estrutural, traduzem a indignação e o descaso por parte do Estado com as comunidades marginalizadas, ora a dor, ora a esperança, ora o sonho, ora o amor. Isto posto, observo que há uma conexão entre a Editora Abadia Catadora e a Museologia Social, por meio de atividades propostas abrangentes, desde conservação participativa, e da síntese propriamente dita revelada nos encontros poéticos realizados. Assim, a epígrafe que iniciou esta seção pela voz da Maria Abadia ecoa a preocupação de muitos moradores da cidade Estrutural: a preservação do meio ambiente, a Museologia Biófila.

4.6 Conservação Participativa

No decorrer da extensão universitária, aos poucos fui configurando atividades de conservação participativa considerando a importância das experiências, memórias e trajetórias dos participantes. Notadamente, após a fundação em 2011 do Ponto de Memória da Estrutural, o tema da conservação foi introduzido paulatinamente nas ações museais que eram realizadas na localidade.

Com o objetivo de aproximar a ação extensionista da comunidade, procurei à época as professoras do Curso de Museologia da UnB para trocarmos algumas ideias sobre os próximos encaminhamentos no Ponto de Memória. Nós tínhamos que encontrar alguma atividade que nos aproximasse da comunidade. Na ocasião a professora doutora Ana Lúcia de

Abreu Gomes me disse que fazia artesanato em tecido, e que estaria disposta a dar uma oficina, caso fosse interesse da comunidade. Pensei então em introduzir temas de conservação de têxteis, já que se tratava de tecido. E assim fizemos. Primeiramente verifiquei junto aos coordenadores do Ponto de Memória se a proposta de uma oficina de costura seria interessante, sendo aceita de pronto, uma vez que na cidade Estrutural uma das atividades profissionais mais expressivas é a costura.

A oficina de 'patchwork', artesanato utilizando retalhos de tecidos, foi realizada a um grupo de vinte e três mulheres entre agosto e outubro de 2011[273]. Durante a oficina e de forma transversal, evidenciei a importância do cuidado com o artesanato em tecido para sua maior permanência em relação ao tempo, os cuidados com a umidade, a água, a luz e sujidades. A professora Ana enfatizou aspectos técnicos da costura e da conservação, como por exemplo, a direção da trama e da urdidura do tecido, o direcionamento da costura, o tingimento. Além de se apropriarem da técnica do fazer, as participantes acessaram conhecimentos sobre os cuidados básicos para a conservação de têxteis.

O curioso é que em meio às dúvidas surgidas durante o processo de confecção do 'patchwork', algumas mulheres relatavam também aspectos pessoais de trajetória de vida, seus sonhos profissionais e o que realizariam após o término da oficina. Infelizmente à época essas conversas não foram registradas. (Figuras 122 a 124). Ressalta-se que após a oficina algumas mulheres começaram a trabalhar com o 'patchwork' e costura. No decorrer das atividades notaram-se aspectos biófilos tanto nos diálogos entre as pessoas quanto na preocupação com a preservação do meio ambiente.

[273] Coordenação da Oficina de 'patchwork' Profa Ana Lúcia de Abreu Gomes e conservação Profa Silmara. Alunos participantes Sâmia Siqueira, Maria Luíza Lopes, Lucas Moura, Julia Carrari.



Figura 122 . Oficina de 'patchwork' em 27 de agosto de 2011
Fonte: A autora (2011).



Figura 123 . Oficina de 'patchwork' em 27 de agosto de 2011
Fonte: A autora (2011).



Figura 124 . Oficina de 'patchwork' em 27 de agosto de 2011
Fonte: A autora (2011).

Conforme Abreu (2011):

> "[...] foram desenvolvidas aulas com o fito de associar as recomendações básicas da conservação de têxteis ao trabalho de aproveitamento e reciclagem de tecidos por meio da aprendizagem das técnicas do trabalho com retalhos (patchwork). Foram desenvolvidas oficinas de trabalhos práticos que enfocaram os tecidos e sua tipologia (naturais e sintéticos) assim como a melhor adequação do tecido ao trabalho. Houve orientações acerca do corte do tecido visando contribuir para sua durabilidade assim como orientação acerca do processo de costura dos mesmos. Outras orientações acerca da escolha das cores dos tecidos, assim como os cuidados relacionados às formas de lavagem e secagem do material foram igualmente abordadas." [274] (Gomes , 2011)

[274] Ana Lúcia de Abreu Gomes - Relatório de Extensão 2011, não publicado

4.6.1 Conservação Participativa nas Exposições

Foram realizadas apenas duas exposições: Movimentos da Estrutural: Luta, Resistência e Conquista, e Movimentos da Estrutural: A Mulher e a Cidade. Do ponto de vista da conservação participativa em ambas as exposições há evidências de ações biófilas, haja vista a reutilização de suportes expográficos para a montagem das exposições e reutilização de materiais, retirados do meio ambiente, conforme já apresentado no presente Capítulo, Seção 4.4 – Exposições como processo.

Durante a Semana de Extensão Universitária da UnB, ocorrida de 30 de setembro a 07 de outubro de 2011, a exposição Movimentos da Estrutural: Luta, Resistência e Conquista foi reapresentada no espaço expositivo da Biblioteca Central da UnB. (Anexo 15)

Para a realização, expus a intenção de fazer a itinerância da exposição na UnB na reunião do dia 24 de agosto de 2011. À época identifiquei algumas questões levantadas e que foram discutidas nos dias seguintes, dentre elas: como o tema da exposição poderia ser trabalhado na universidade; qual procedimento de conservação a realizar e como adequar o espaço para receber a exposição sem perder a sua temática. No dia 26 de agosto encaminhei por e-mail à Deusani Noleto e para os estudantes extensionistas do Curso de Museologia uma síntese para a semana de extensão, para acréscimos e posteriormente inscrição da ação no SIGPROJ da UnB.

Com vistas a encontramos soluções para as questões postas, os participantes do Ponto de Memória e extensionistas analisaram o espaço expositivo da BCE, adequando a exposição ao local, sem perder de vista a narrativa expositiva original. Além disso, acompanharam a desmontagem da exposição, realizaram a higienização e organização do acervo para a exposição. (Figura 125)



Figura 125 . Vicente de Paula (em pé) acompanha estudantes no Ponto de Memória
Nota Da esquerda para a direita a estudante Erika Lorena, Sâmia Siqueira, Sr. Vicente de Paula e profa. Deborah Silva Santos
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2011

A Pipa exposta no Ponto de Memória foi levada para a UnB, onde os estudantes da disciplina Museologia e Preservação 1 tiveram a oportunidade de higienizá-la. (Figuras 126 e 127)



Figura 126 . Higienização da Pipa - Estudantes Museologia UnB – 2/2011
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Foto em 26 de outubro de 2011.



Figura 127 . Higienização da Pipa
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Foto em 26 de outubro de 2011.

Na ocasião da abertura, no dia 01 de outubro de 2011, ocorreram dois momentos significativos, a pintura do grafite em homenagem a Paulo Freire, realizada em tempo real pelo artista da Estrutural Tiago Martins (Figura 128) e colocada no espaço expositivo da Biblioteca Central da UnB; e a apresentação musical na exposição pelo musicista Hudson Douglas Teixeira Mendes, morador da Estrutural. (Figura 129)



Figura 128 . Grafite de Tiago Martins
Nota: Pintura realizada na abertura da exposição na Semana de Extensão
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Foto em 01 de outubro de 2011.



Figura 129 . Semana de Extensão UnB, abertura com o musicista Hudson Douglas
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF. Foto em 01 de outubro de 2011.

Durante o evento foi apresentada uma síntese da experiência extensionista da UnB conduzida no Ponto de Memória da Estrutural com o título 'A leitura do mundo precede a leitura da palavra: vivências e convivências'. Com vistas a estimular a reflexão acerca da exposição, incluímos na programação da semana de extensão, um teatro de bonecos com tema relativo à história dos moradores da cidade Estrutural e questões relativas à fixação na localidade, de autoria de Elizete Gomes. Após a apresentação iniciamos uma Roda de Memória entre participantes do Ponto de Memória e estudantes da UnB. Na ocasião várias questões foram compartilhadas. Alguns depoimentos de alunos da FCI que moram na Cidade Estrutural foram abordados como questões relativas a moradia, lixão, invasão, meio ambiente, cidadania, direitos e deveres, problemas e busca de soluções. O diferencial desta sinergia foi a presença da comunidade na universidade, promovendo uma "troca de experiências" e debate sobre o tema da cidade Estrutural e os problemas sociais e ambientais lá existentes. (Carvalho, 2018, p. 169)

A atividade ocorreu no dia 6 de outubro no auditório da Faculdade de Ciência da Informação. O Anexo 15 apresenta algumas frases expostas da impressão dos estudantes extensionistas sobre o que vivenciaram no Ponto de Memória da Estrutural.

Segundo Maria Abadia Teixeira de Jesus,

> "[...] trazer a exposição à UnB não apenas é uma forma de divulgar a memória da Estrutural, mas também de reconhecer o trabalho do grupo e de demonstrar a importância do direito à memória se tornar um política pública de Estado. "Cada vez que isso acontece é uma riqueza para nós enquanto Estrutural, mas também para o Programa." (Informes Pontos de Memória – 10 de outubro de 2011)

No dia 10 de outubro de 2011 enviei uma mensagem aos professores do Curso de Museologia com um breve relato da semana de extensão e em forma de agradecimento:

> "Foram 499 visitantes entre estudantes da rede pública, alunos, professores e servidores da UnB, Gestores do Ponto de Memória, Ibram e alunos da Estrutural que visitaram a exposição.
> A exposição "Movimentos da Estrutural: Luta, Resistência e Conquista" concebida pelo Ponto de Memória da Estrutural em conjunto com o Ibram ganhou novos olhares na UnB e de certa forma possibilitou "na redimensão do percebido um alongamento do olhar" o que fortalece o status fundante do que objetivamos em reacender e revelar memórias que são continuamente somadas em VIVÊNCIAS E CONVIVÊNCIAS.
>
> Fechamos as atividades com o teatro de bonecos e um debate na FCI. Valeu o esforço e a interação com todos.
>
> Destaco ainda a pronta colaboração das professoras da Museologia, dos gestores do Ponto de Memória, a arte do Tiago que passou o dia de sábado pintando em graffiti o retrato do Paulo Freire, a belíssima atuação do jovem Douglas e o seu violino, a participação dos alunos da extensão nas mais variadas atuações para que a exposição acontecesse, dentre eles destaco a conservação da PIPA, as frases pensadas, a mediação, o lanche, a experiência, etc. etc.
>
> " A leitura do mundo precede a leitura da palavra (Paulo Freire)": Vivências e Convivências.
>
> e na redimensão do percebido me faz complementar: A leitura do mundo precede também a leitura do museológico!!!!" (Carvalho, 2011)

Para a realização do preparo do acervo para a segunda exposição Movimentos da Estrutural: A Mulher e a cidade, organizei uma atividade no Ponto de Memória entre 30 de outubro a 02 de novembro de 2012, integrando estudantes inscritos no projeto de extensão e

participantes da comunidade. Do ponto de vista da conservação, verificamos que as molduras a serem reaproveitadas eram inadequadas para as fotografias, pois não poderiam ficar em contato direto com o vidro e com a chapa de fibra de madeira ácida ao fundo. Para resolver esta questão, o Ponto de Memória havia recebido uma doação do Arquivo Nacional - sede Brasília de retalhos de papéis de qualidade arquivística livre de ácido e retalhos de poliéster. Assim, reutilizamos os materiais disponíveis para o acondicionamento. Uma sugestão de Maria Abadia foi fazer o 'passe-partout' com papelão corrugado, também ácido, no entanto com a devida proteção para a preservação da fotografia foi possível fazer com papelão. Estas questões de conservação de documentos e fotografias eu já havia trabalhado no Ponto de Memória, ao decidir como seriam acondicionadas iniciamos a higienização de molduras para acondicionar as fotografias. Os vidros foram devidamente limpos e o pó da moldura retirado. Algumas molduras receberam pintura. Na ocasião participaram da atividade Erika Hamenoo, Vicente de Paula, Maria Abadia Teixeira de Jesus e as estudantes extensionistas Hérika Lorena, Maria Luiza Lopes, Samia Siqueira, Kátia Fonseca. (Figuras 130 e 131)



Figura 130 . Higienização das molduras a serem utilizadas para a exposição
Nota: Vicente de Paula, Erika Hamenoo, (Integrantes do Ponto de Memória); Maria Luiza Lopes, Samia Siqueira, Herika Lorena, Kátia Fonseca (extensionistas)
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2012.



Figura 131 . Higienização de molduras.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2012.

4.6.2 Conservação Participativa na Editora Abadia Catadora

No início da Extensão Universitária no Ponto de Memória da Estrutural em 2011, entrei em contato com Antônio Gonçalves, químico e restaurador do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro-RJ. Antônio havia sido meu professor no Curso de Especialização em Conservação de Papel na UFPR em 1997 e orientador de estágio no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Solicitei ao químico restaurador orientações sobre a reciclagem de papel e se poderíamos aprimorá-lo a fim de utilizar o papel artesanal confeccionado também na conservação. À época explanei sobre o projeto de extensão que estávamos conduzindo na cidade Estrutural e sobre a possibilidade de produção de papel a ser utilizado posteriormente com a finalidade de acondicionamento, ampliando alternativas de geração de trabalho e renda.

Em 2012, com as atividades na Editora Abadia Catadora, pensei na possibilidade de confeccionar papéis de qualidade arquivística, no entanto não foi viável, uma vez que a proposta da reciclagem na Editora Abadia Catadora é o reaproveitamento de papéis descartados, cuja produção industrial utiliza fibra curta. O papel de 'qualidade arquivística' exigiria agregar ao processo a fibra longa.

No ano de 2014, por meio do projeto já citado "Por Muito Mais que 50 Anos: Salvaguarda do Patrimônio Cultural da Universidade de Brasília", com financiamento do Ministério da Justiça [MJ] - Secretaria Nacional do Consumidor – Conselho Federal Gestor

do Fundo de Defesa de Direitos Difusos, solicitei aquisição de duas Máquinas Obturadoras de Papel, uma seria para o Curso de Museologia, a ser utilizada para reenfibragem de documentos, e a outra seria destinada ao Ponto de Memória, especificamente para a editora, com o objetivo de produzir papéis de qualidade em baixa escala para os livros da editora.[275]

Em uma das rodas de conversa na Editora em 2016, discutimos se o papel reciclado poderia agregar valor aos livros ali editados e estimular a geração de trabalho e renda para a comunidade. Questionei então sobre a possibilidade de produção do papel a ser utilizado na editora, uma vez que a MOP havia sido adquirida para essa finalidade, sendo aceito pelo grupo. Alguns problemas surgiram à época, pois o equipamento ainda estava sob os cuidados da UnB. As orientações técnicas repassadas por Antônio Gonçalves em 2011, sobre a produção de papel reciclado livre de ácido, somente foram utilizadas em junho de 2016. As atividades foram realizadas no Laboratório de Conservação [Lacon Mus] do Curso de Museologia, atualmente integrado ao Laboratório do Setor de Restauração da Biblioteca Central da UnB, uma vez que a Casa dos Movimentos não comporta um espaço adequado para a produção de papel artesanal.

Na ocasião participaram integrantes da Editora Abadia Catadora e três jovens do projeto Educar para Libertar. Os jovens deste projeto fazem parte do regime penal semiaberto e foram autorizados pelo Departamento Penitenciário Nacional [Depen] do Ministério da Justiça a fazer a atividade. Infelizmente, por falta de verbas institucionais os jovens apenados participaram somente desta ação. Em depoimento posterior, relataram que foi uma ótima oportunidade de integração e há muito tempo não se sentiam acolhidos. A ação não foi fotografada, pois não havia autorização do Ministério da Justiça.

Nesta edição de produção de papéis artesanais, a ênfase não foi a técnica propriamente dita no processo quanto às propriedades físico-químicas como gramatura, pH, resistência mecânica, cor etc. O objetivo da atividade foi a inclusão social a partir da conservação participativa, verificar as possibilidades e o potencial do material reciclável e refletir sobre a importância da sustentabilidade ambiental, uma vez que na cidade Estrutural a atividade de coleta seletiva ocorre com a única finalidade: revender a matéria aos

[275] No formulário apresentado ao Ministério da Justiça, que versa no item 8 sobre os efeitos positivos mensuráveis, com indicação dos beneficiários diretos e indiretos da verba concedida, está assim escrito: "Confecção de papel reciclado, de qualidade arquivística com o uso da Máquina Obturadora de Papel para atender o 'Projeto de Extensão Conservação e Acervo do Ponto de Memória da Cidade Estrutural'. A MOP ainda não foi instalada na Editora Popular por motivos prediais e de segurança. Desta forma, as instruções de uso estão sendo conduzidas no Lacon Mus da UnB.

atravessadores, que repassam para as grandes recicladoras. Nesta fase, foram utilizados papéis descartados por empresas e instituições públicas, como papéis impressos, do tipo 'sulfite' e cartolinas que foram utilizadas para embalar livros frágeis na BCE. Também foram utilizados papéis da coleta seletiva realizada na cidade Estrutural.

Desde o início da reciclagem em 2016, a atividade integrou grupos diversos da editora e mobilizou o setor de conservação da BCE com uma campanha para coleta de papéis a serem reciclados pela Editora Abadia Catadora. Na orientação técnica repassada por Gonçalves em 2011, o papel a ser reciclado deveria ser destituído de cargas, ou seja, devíamos evitar papéis tipo couché[276], por conter camadas de revestimentos e aditivos impróprios do ponto de vista da conservação dos papéis. Em uma das atividades de separação de papéis para a reciclagem, ocorrida na Biblioteca Comunitária da Estrutural em 2016, Maria Abadia Teixeira de Jesus explicou-me que uma das exigências dos compradores de papel para a reciclagem é o rigor na seleção, devendo separar os papéis sem brilho e branco. Segundo Maria Abadia , "quando o comprador vem buscar o papel, caso haja em um dos sacos qualquer papel com este brilho, o saco todo é descartado", se referindo ao papel 'couchê'.

Nos dias 5, 10, 14 de outubro de 2016 foram realizadas atividades de reciclagem de papel artesanal para o livro 'Interações Poesias'. Participaram da atividade servidores técnicos da BCE, Maria Abadia , Almir e eu. Sugeri a confecção de papel artesanal livre de ácido, de gramatura média de 120 g/m^2 a fim de testar a impressão. Após a produção do papel, na semana entre os dias 17 e 21 de outubro foram retirados os papéis da secadora, feita a impressão da capa com sucesso, sendo então cortados as folhas para a capa e confecção de 30 exemplares. Na ocasião, introduzi várias questões teóricas da conservação como tema transversal às ações práticas na produção de papel, dentre eles expliquei o problema do papelão para a preservação dos exemplares produzidos pela editora. Algumas discussões se sucederam e, dentre elas, deixar ou não a reutilização do papelão. Muito embora a equipe da editora tenha adotado a confecção de papel artesanal livre de ácido para o miolo das próximas edições, pois poderá perfeitamente ser com papel reciclado, decidiram em manter o uso do papelão na capa, pois é a marca das editoras populares cartoneras. E mais uma iniciativa viria se agregar ao processo.

[276] A origem da palavra couché é a francesa 'coucher'. O papel couché é formado por uma base de papel offset revestida por uma camada de carbonato de cálcio, caulim, látex e outros aditivos, resultando em uma folha branca, lisa e uniforme. Não recomendado para produção de papel reciclado de qualidade arquivística.

4.6.3 O processo de confecção de papel

Os papéis selecionados nesta fase da reciclagem foram depositados em uma cuba plástica para serem picotados manualmente e depositados em uma banheira com água deionizada para a higienização e remoção de encolagens.[277] (Figuras 132 e 133)



Figura 132 . Coleta e separação do material a ser reciclado
Fonte: A autora. Foto de 05 de outubro de 2016.



Figura 133 . Papel em água deionizada para remoção de encolagem e impurezas
Fonte A autora. Foto de 05 de outubro de 2016.

Após esse processo de higienização, troca-se a água e o papel fica de molho em água deionizada com solução alcalina de hidróxido de cálcio[278] a um pH 11.[279] (Figura 134)

[277] A água deionizada é quimicamente pura, livre de íons e isenta de sais minerais, utilizada em processos químicos e industriais.
[278] Hidróxido de cálcio – solução alcalina preparada a 2% com H_2O deionizada.
[279] pH – potencial de hidrogênio, que mede a acidez ou a alcalinidade das soluções.



Figura 134 . Papel em solução alcalina
Fonte: A autora. Foto de 05 de outubro de 2016.

Na sequência o papel picotado é (1) colocado em um liquidificador industrial; (2) batido com água deionizada; (3) coado; (4) a massa vai para a secadora, pois será utilizada seca. (Figuras 135 e 136)



Figura 135 . Preparo da polpa no liquidificador industrial
Nota Orientador da atividade Barcellos.
Fonte A autora. Foto de 05 de outubro de 2016.

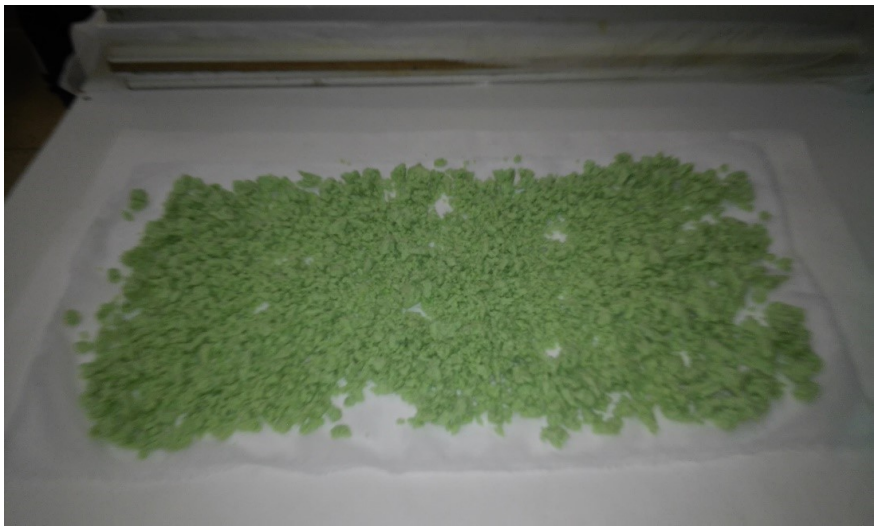
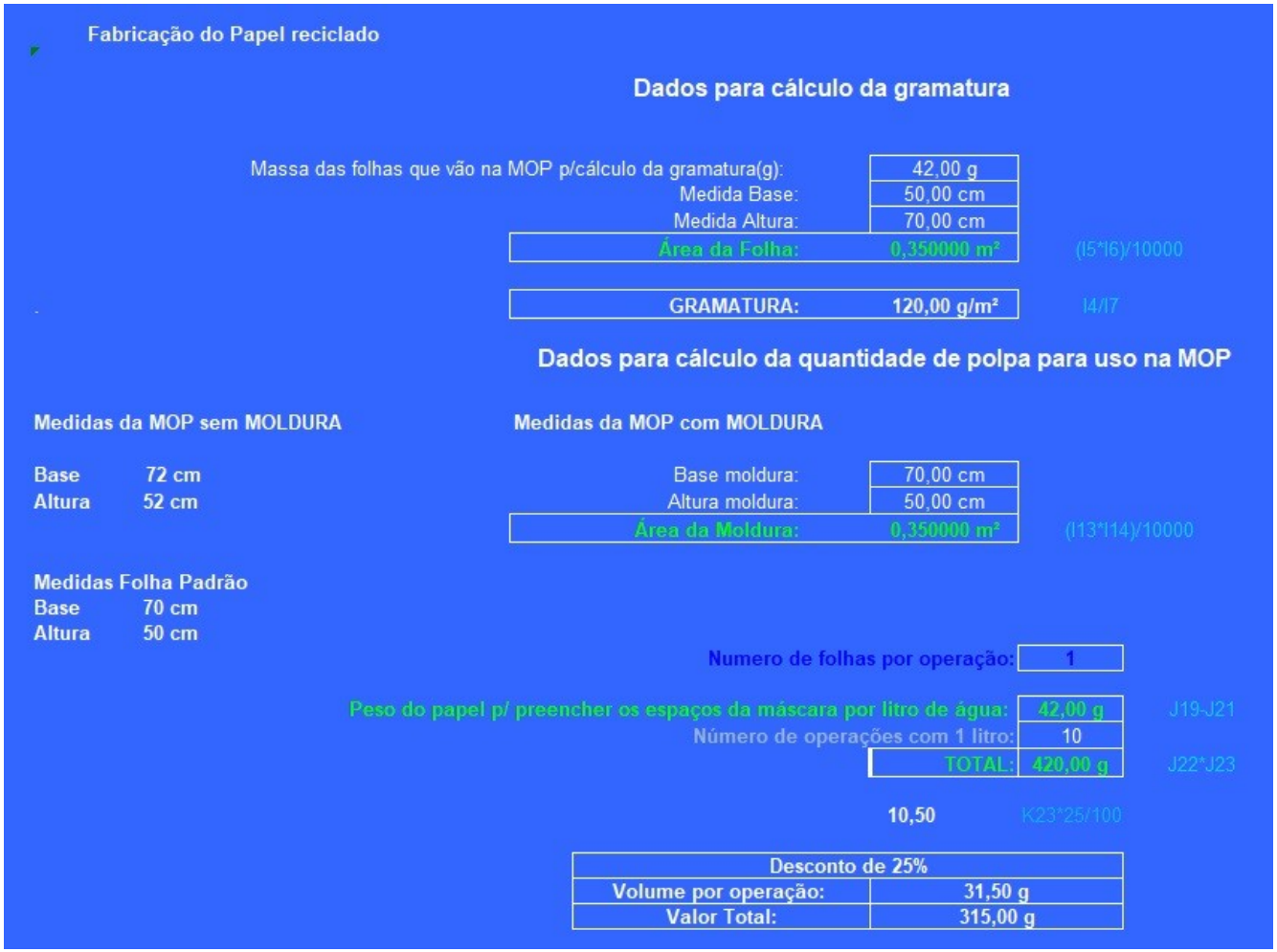


Figura 136 . Polpa produzida
Fonte A autora. Foto de 05 de outubro de 2016.

Na confecção do papel artesanal foi utilizada a Máquina de Obturação de Papel [MOP], equipamento específico da restauração para reenfibragem em livros e documentos degradados por insetos, podendo produzir papel em escala reduzida e com pouco desperdício de água.

A base da MOP possui a medida de 72 cm x 52 cm. Para a produção do papel reciclado foi colocada nesta base uma moldura de 2 cm confeccionada em poliéster, com vistas a facilitar a retirada do papel reciclado da MOP. A área disponível que receberia a polpa diluída ficou em 0,35 m^2. A gramatura é a medida da massa pela área do papel, para uma gramatura de 120 g/m^2, serão necessários 42 gramas de peso seco de polpa para cada litro de água.

O Quadro 16 é uma planilha do Excel elaborada pelo Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, com o cálculo da quantidade necessária de peso seco de polpa para a confecção de papéis de 120 g/m2. Após este cálculo inicia-se o processo de confecção da folha na MOP.



Fabricação do Papel reciclado

Dados para cálculo da gramatura

Massa das folhas que vão na MOP p/cálculo da gramatura(g):	42,00 g	
Medida Base:	50,00 cm	
Medida Altura:	70,00 cm	
Área da Folha:	0,350000 m²	(I5*I6)/10000
GRAMATURA:	120,00 g/m²	I4/I7

Dados para cálculo da quantidade de polpa para uso na MOP

Medidas da MOP sem MOLDURA		Medidas da MOP com MOLDURA		
Base	72 cm	Base moldura:	70,00 cm	
Altura	52 cm	Altura moldura:	50,00 cm	
		Área da Moldura:	0,350000 m²	(I13*I14)/10000

Medidas Folha Padrão
Base 70 cm
Altura 50 cm

Numero de folhas por operação:	1	
Peso do papel p/ preencher os espaços da máscara por litro de água:	42,00 g	J19-J21
Número de operações com 1 litro:	10	
TOTAL:	420,00 g	J22*J23

10,50 K23*25/100

Desconto de 25%	
Volume por operação:	31,50 g
Valor Total:	315,00 g

Quadro 16 . Cálculos para obtenção de papéis reciclados de 120 gramas
Fonte: Arquivo Nacional, adaptado no Setor de Restauração BCE UnB(2016).

A título de ilustração, o Quadro 17 apresenta a sequência da confecção do papel artesanal realizado no Lacon Mus com a participação de integrantes da Editora Abadia Catadora:

SEQUÊNCIA DE AÇÃO PARA A PRODUÇÃO DO PAPEL	
1º	Na base da MOP é colocada uma tela de nylon e em seguida sobrepõe a grade sobre a tela. (Figura 137)
2º	É acionado o enchimento da MOP com água deionizada até o nível aceito. À medida que a máquina vai enchendo de água, despeja-se a medida de solução de fibras para a confecção da folha. Obs. Foram confeccionadas folhas de 120 gr/$m^{2.}$ (Figura 138)
3º	Escoa-se a água retirando a grade antes da sucção total.
4º	Retirada da tela com a folha de papel já formado. (Figura 139)
5º	Diluição da metilcelulose para a encolagem do papel . (Figura 140)
6º	Encolagem da folha. (Figura 141)
7º	Colocação na prensa entrefolhada com telas de nylon e papel mata-borrão para a retirada do excesso de umidade. (Figura 142)
8º	Retirada da prensa. Colocar a folha na secadora.
9º	O papel colorido poderá ser tingido na própria MOP. Para não deixar resíduos de corante na máquina do setor o tingimento foi feito posteriormente com pincel. (Figura 143)

Quadro 17 . Sequência da confecção do papel
Fonte: A autora (2019).



Figura 137 . Colocação de tela de nylon na MOP
Fonte: A autora. Foto de 10 de outubro de 2016.



Figura 138 . Inserção de polpa batida e água
Fonte: A autora. Foto de 10 de outubro de 2016.



Figura 139 . Retirada da folha da MOP
Fonte: A autora. Foto de 10 de outubro de 2016.

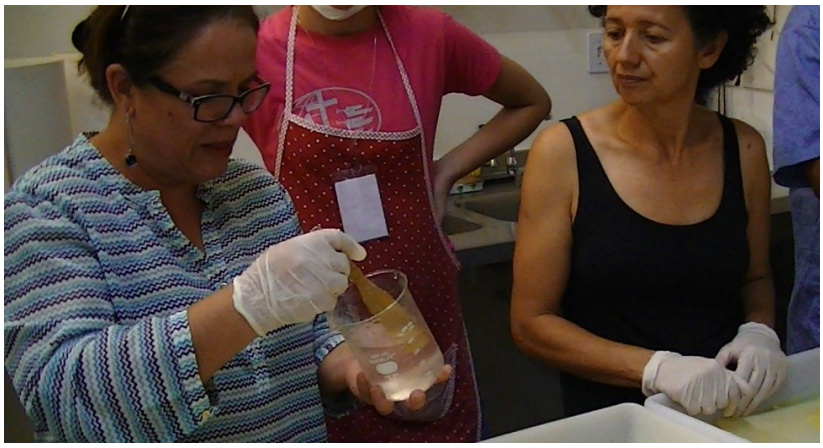


Figura 140 . Diluição da metilcelulose para a encolagem do papel
Fonte: A autora. Foto de 10 de outubro de 2016.



Figura 141 . Encolagem após folha pronta e ainda úmida
Fonte: A autora. Foto de 10 de outubro de 2016.

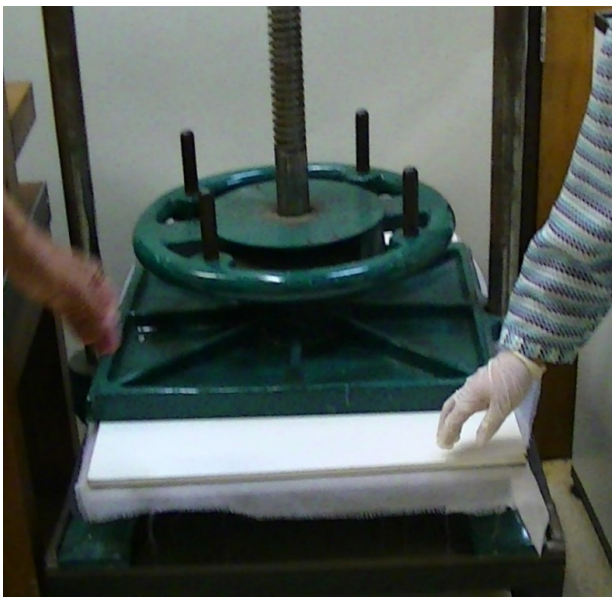


Figura 142 . Colocação na prensa
Fonte: A autora. Foto de 10 de outubro de 2016.



Figura 143 . Tingimento da folha após a confecção
Fonte: A autora. Foto de 14 de outubro de 2016.

O papel produzido foi utilizado para a confecção da capa do livro Cassiano Nunes - Interações Poesias já citado. (Figura 144)



Figura 144 . Maria Abadia na Casa dos Movimentos
Fonte: A autora. Foto de 19 de outubro de 2016.

Em outubro de 2017 foi elaborado um Projeto de Extensão pelo Setor de Conservação da BCE, intitulado 'Produção de papel artesanal: uma integração entre a BCE, FCI e a Editora Abadia Catadora' com a seguinte ementa:

> "A proposta da Oficina de Papel Artesanal ofertada pelo Setor de Conservação e Restauração da BCE na Semana Universitária da UnB objetiva trabalhar aspectos da sustentabilidade ambiental por meio da reciclagem de papel, integrando técnicos, professores e estudantes da UnB, a Editora Abadia Catadora da Cidade Estrutural e os alunos do Ensino Médio participantes do Curso Técnico em Conservação e Restauração do MEDIOTEC /Pronatec/SEDF."[280]

Nesta fase, além dos integrantes da Editora Abadia Catadora, participaram do processo vinte estudantes do Curso Técnico de Conservação e Restauração do Mediotec do Distrito Federal, sob orientação da conservadora-restauradora Neide Gomes que, à época, além de ser conservadora do Setor, ministrava aulas de conservação no GDF. (Figura 145)



Figura 145 . Produção de papel. Almir Gomes da Silva com os estudantes do Mediotec
Nota. Oficina ministrada por Clarice Fontenele em 23 de outubro de 2017
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.

[280] Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego [PRONATEC]. O MEDIOTEC refere-se a cursos de educação profissional técnica de nível médio.

Durante a realização das atividades de reciclagem, contei com a participação de conservadores-restauradores e químicos do Setor de Restauração da BCE, a fim de fornecer subsídios para o projeto que estava sendo construído com os participantes.[281]

O Quadro 18 apresenta uma síntese da conservação participativa realizada no Ponto de Memória da Estrutural. Após a apresentação das ações museais biófilas realizadas, passaremos ao Capítulo V, onde será apresentada de forma sistematizada a metodologia da pesquisa-ação adotada nas ações museais e a respectiva análise.

[281] Servidores Técnicos da UnB Clarisse Fontenelle – engenheira química, e os conservadores-restauradores Carlos Barcellos e Neide Gomes.

AÇÕES BIÓFILAS DE CONSERVAÇÃO PARTICIPATIVA ANTERIOR AO PONTO DE MEMÓRIA		
	Ação da comunidade	**Desmembramento em ações museais biófilas**
Anterior ao projeto extensionista e da constituição do Ponto de Memória já havia iniciativa de ação em conservação, pela líder comunitária Maria Abadia Teixeira de Jesus e suas irmãs.	Retirada de livros do lixo (desde a década de 1990).	Ação continuada em conservação, higienização e cuidado com relação a poeira, água; guarda dos livros em caixas de papelão. Empréstimo de livros embaixo de uma árvore. Construção de edificação para abrigar a biblioteca utilizando em grande parte restos de materiais de construção. Montagem de Biblioteca Comunitária, empréstimo de livros à comunidade local. Primeiro contato do escritor popular Almir Gomes da Silva com Maria Abadia Teixeira de Jesus.
AÇÕES MUSEAIS BIÓFILAS DE CONSERVAÇÃO PARTICIPATIVA NO PONTO DE MEMÓRIA		
	Ação da comunidade	**Desmembramento em ações museais biófilas**
CONSTITUIÇÃO DO PONTO DE MEMÓRIA	Participação nas oficinas de capacitação, autonomia nas decisões.	Inauguração do Ponto de Memória em 2011.
EXPOSIÇÃO Movimentos da Estrutural: "Luta Resistência e Conquista".	Ação conjunta entre os participantes do Ponto de Memória, mediada por consultores e museólogos do Ibram na fase inicial do Projeto Pontos de Memória.	Ações de concepção de exposição e conservação participativa. Retirada de objetos do lixo para serem utilizados como suportes expográficos das narrativas expositivas. Realização de Café com Memória. Exposição: Movimentos da Estrutural: "Luta, Resistência e Conquista" em 2011. Capítulo IV – Seção 4.4.1
1ª ITINERÂNCIA DA EXPOSIÇÃO Movimentos da Estrutural: "Luta Resistência e Conquista". .	Atividade conjunta entre os participantes do Ponto de Memória, professores e estudantes da UnB na ação extensionista.	Itinerância da exposição, realizada na BCE abrangendo aspectos expositivos e de conservação participativa. Capítulo IV – Seção 4.6.1- Conservação participativa nas exposições. Autonomia dos participantes do Ponto de Memória na decisão da concepção de remontagem no novo espaço. Outros estudantes interessados em participar da ação extensionista.

		Ação conjunta em conservação.
EXPOSIÇÃO Movimentos da Estrutural: "A Mulher e a Cidade	A exposição ocorreu por iniciativa dos participantes do Ponto de Memória, com mediação da UnB e UCB em ações pontuais.	Ação conjunta entre os participantes do Ponto de Memória, professores e estudantes da UnB nas ações de higienização. Reaproveitamento de molduras doadas para serem utilizadas como suporte expográfico na exposição. Capítulo IV – Seção 4.6.1- Conservação participativa nas exposições. Autonomia dos participantes do Ponto de Memória na decisão, concepção expositiva e montagem da exposição. Ação conjunta em conservação. Itinerância da exposição em outros espaços.
EDITORA ABADIA CATADORA	Participação nas oficinas oferecidas pela Editora Eloisa Cartonera, da Argentina	Produção de livros artesanais.
	Por iniciativa da comunidade nas ações museais no Ponto de Memória da Estrutural, mediada pela ação de professores extensionistas da UnB e técnicos do Setor de Conservação da BCE.	Uso adequado de equipamentos para produção de papel e encadernação. Processo e produção de papel reciclado, livre de ácido. Encadernação e costura de livros. (Capítulo IV – Seção 4.6.3 - O processo de confecção de papel).
EDITORA ABADIA CATADORA	Por iniciativa da comunidade nas ações museais no Ponto de Memória da Estrutural, sem mediação.	Autonomia dos participantes na execução de procedimentos de: Seleção de papéis retirados do lixo para serem reciclados. Preparo para a reciclagem. Produção de papel reciclado livre de ácido. Uso adequado de equipamentos para a produção de papel e encadernação. Encadernação e costura de livros. Realização de Sarau Poético. Oferta de oficina de escrita criativa.

Quadro 18 . Ações Museais Biófilas
Fonte: A autora (2020)

METODOLOGIA

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Paulo Freire

CAPÍTULO V – METODOLOGIA

O presente Capítulo apresenta de forma sistematizada as ações adotadas para a realização desta investigação e a condução das atividades realizadas no Ponto de Memória. Para atingir os objetivos geral e específicos a pesquisa-ação perpassou pelas seguintes fases que ocorreram concomitantemente, de acordo com o andamento da pesquisa e o movimento próprio do Ponto de Memória.

5.1 Fases da Pesquisa

A investigação passou por três fases, cada qual correspondendo aos objetivos específicos apresentados, conforme o Quadro 19:

FASE		OBJETIVOS ESPECÍFICOS
I	Exploratória: o conhecimento da realidade.	Relatar a gênese e o processo socialmente constituído para a fundação do Ponto de Memória da Estrutural-DF.
II	A constituição de uma Museologia Biófila.	Descrever a constituição de uma Museologia Biófila, a partir dos conceitos de Fromm (1965), Kellert e Wilson (1993d) e sua intersecção com a Museologia Social.
III	Ações Museais: a participação individual e coletiva nas estratégias de ação.	Descrever aspectos de conservação identificados nas ações museais no domínio da biofilia. Identificar aspectos biófilos presentes nas práticas de Museologia Social no Ponto de Memória da Estrutural-DF, especificamente nos seguintes programas: inventário cultural, exposições, ação cultural e conservação participativa. Verificar se houve a constituição de uma Museologia Biófila, na concepção, execução e confirmação do plano de ação museal proposto para atender a realidade encontrada.

Quadro 19 . Fases da pesquisa
Nota: ver Componentes da Pesquisa (Apêndice IV)
Fonte: A autora (2020).

5.1.1 Fase I - Exploratória: o conhecimento da realidade.

A Fase I foi fundamental para que o problema de pesquisa fosse configurado. O fato de realizar atividades extensionistas desde 2011 não significou que já havia um problema de pesquisa definido. Havia muitas indagações, todavia não havia um problema de pesquisa. Na medida em que conversava com os participantes do Ponto de Memória, as reflexões nas rodas de conversa versavam sobre questões ambientais e a violência urbana. Uma vez identificadas as preocupações dos participantes, o problema foi configurado.

Nesta fase, o primeiro objetivo específico foi desenhado, destinado a relatar a gênese e o processo socialmente constituído para a fundação do Ponto de Memória da Estrutural-DF. As respostas às seguintes indagações preliminares: Quando a cidade Estrutural surgiu? Em que contexto? Quais as lutas, conquistas e resistência ocorridas para se estabelecer na cidade? Em que momento teve início o Ponto de Memória? Quais foram as expectativas para o Ponto de Memória na sua fundação? Foram obtidas por meio de entrevistas semiestruturadas, conforme o Quadro 20; acesso à documentação pertinente, conforme o Quadro 21; e reuniões com os gestores do Mece e Coordenadoras do Ponto de Memória, Quadro 22.

FASE I - ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS GÊNESE DA CIDADE ESTRUTURAL; CONSTITUIÇÃO DO PONTO DE MEMÓRIA; AÇÕES MUSEAIS			
Entrevistado	**Identificação**	**Data**	**Local**
Maria Abadia Teixeira de Jesus	Presidente do Mece Coordenadora do Ponto de Memória da Estrutural	29 de abril de 2017 06 de outubro de 2018	Ponto de Memória da Estrutural
Selenita Rosa	Participante do Ponto de Memória da Estrutural	23 de dezembro de 2017	Casa da Entrevistada - Estrutural
Almir Gomes da Silva	Participante do Mece, Ponto de Memória da Estrutural e editor da Editora Abadia Catadora	28 de dezembro de 2017	Ponto de Memória da Estrutural DF
		30 de abril de 2019	Biblioteca Comunitária Catando Palavras
		31 de agosto de 2019	Biblioteca Comunitária Catando Palavras
Mateus Santana dos Reis	Morador da cidade e não participante do Ponto de Memória	03 de março de 2018	Ponto de Memória da Estrutural DF
F. do Santos	Morador da cidade e não participante do Ponto de Memória	9 de abril de 2018	Casa da Entrevistada - Estrutural

Quadro 20 . Organização das entrevistas
Fonte: A autora (2020).

FASE I - DOCUMENTOS CONSTITUIÇÃO DO PONTO DE MEMÓRIA				
Projeto Desenvolvimento Institucional e Técnico-operacional para ampliação e consolidação de projetos relacionados à Memória Social no Brasil. Análise de relatórios de consultores do MinC/Ibram/OEI, disponibilizados pelo Ibram, de Inês Gouveia (2010 e 2011), Wélcio Toledo (2013), Deuzani Noleto (2013) e João Paulo Vieira Neto (2013).				
Documento	Consultor	data	Local	Instituição
PRODUTO 2 Registro do processo de concepção do Projeto Pontos de Memória desde a sua proposição no âmbito do Pronasci.	Inês Gouveia	2010	Brasília	MinC/Ibram/OEI
PRODUTO 5 Relatório analítico das oficinas realizadas com as comunidades envolvidas nos Pontos de Memória.	Inês Gouveia	2010	Brasília	MinC/Ibram/OEI
PRODUTO 7 Relatório de sistematização e registro das estratégias e processos testados no âmbito da implementação do projeto Pontos de Memória, contendo plano de registro de memória das próximas ações.	Inês Gouveia	2011	Brasília	MinC/Ibram/OEI
Sem indicação do número do produto Projeto desenvolvimento institucional e técnico-operacional para ampliação e consolidação de projetos relacionados a memória social no Brasil.	Wélcio Toledo	2013	Brasília	MinC/Ibram/OEI
PRODUTO 3 Relatório Descritivo e Analítico, previamente aprovado pela instância deliberativa do Ponto de Memória da Estrutural, apresentando os resultados, relativos à atuação do consultor em conjunto com a instância deliberativa, visando o	Deuzani Noleto	2013	Brasília	MinC/Ibram/OEI

desenvolvimento de 100% do Inventário participativo em conformidade com o Plano de Ação.				
PRODUTO 1 Documento técnico com levantamento analítico de metodologias em inventário participativo e proposta de conteúdo programático para capacitação no tema, voltado para agentes de memória e multiplicadores em âmbito nacional, contendo ementa, metodologia e referencial teórico-conceitual.	João Paulo Vieira Neto	2013	Brasília	MinC/Ibram/OEI

Quadro 21 . Fontes de informação utilizadas
Fonte: A autora (2020).

FASE I – REUNIÕES CONSTITUIÇÃO DO PONTO DE MEMÓRIA
Reuniões com Maria Abadia Teixeira de Jesus e Deuzani Noleto, gestoras do Mece e coordenadoras do Ponto de Memória da Estrutural DF, a fim de ampliar a minha compreensão sobre a teia de relações entre o Mece, principal gestor do Ponto de Memória, e o delineamento das ações ocorridas após a inauguração, o que me permitiu refletir sobre as narrativas destes protagonistas, compreender a atuação de lideranças locais e as relações sociais por eles estabelecidas para a constituição do Ponto de Memória da Estrutural.

Quadro 22 . Reuniões realizadas
Fonte: A Autora (2020)

5.1.2 Fase II - A constituição de uma Museologia Biófila

Na Fase II foi realizada a revisão de literatura a partir dos conceitos de Biofilia de Fromm (1965), Kellert e Wilson (1993d), e a identificação e aspectos biófilos observados nos textos fundantes da Nova Museologia, nas Declarações oriundas das Conferências do Minom e da Museologia Social. Além de bibliografia impressa pessoal, seguem as bases de dados consultadas (Quadro 23):

FASE II – REVISÃO DE LITERATURA		
BCE	Biblioteca Central da UnB	Material bibliográfico impresso
BDM	Biblioteca Digital de Monografias	Trabalho de Conclusão de Curso de graduação e especialização
Codeplan/Ibram	Companhia de Planejamento do Distrito Federal	Pesquisa distrital, ambiental e urbano do DF
FGV	Fundação Getúlio Vargas	Artigo
IBERMUSEUS		Artigo, Declaração
Icom CC	Conselho Internacional de Museus – Comitê de Conservação	Artigo, Terminologia
Icomos	Conselho Internacional de Monumentos e Sítios	Artigo Declarações
Iphan	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional	Cartas, Metodologia inventário
MTb	Ministério do Trabalho	Legislação

MMA	Ministério Meio Ambiente	Legislação
Minom	Movimento Internacional para uma Nova Museologia	Declarações
National Trust	National Trust	Artigos
RI	Repositório Institucional da UnB[282]	Teses, artigos de periódicos e livros digitais
ReCiL	Repositório Científico Lusófona	Teses
ULHT	Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia	Cadernos de Sociomuseologia - Teses, Dissertações e Artigos do Departamento de Museologia
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura	Artigo, Recomendação

Quadro 23 . Base de dados consultadas
Fonte: A autora (2020).

FASE II - SEMINÁRIO: APRESENTAÇÃO DA PESQUISA À COMUNIDADE

Realização de seminário integrado ao Círculo de Cultura em 22 de abril de 2017 para compartilhamento da pesquisa e discussão sobre temas correlatos e outros propostos pela comunidade.

Quadro 24 . Fontes de informação utilizadas
Fonte: A autora (2020)

[282] Base de Dados de toda a produção científica da UnB.

5.1.3 Fase III - Ações Museais

Na Fase III foram definidos os três objetivos relativos às ações museais. As fontes primárias utilizadas estão apresentadas no Quadro 25, a seguir.

a. Relatórios de quatro consultores do Ibram, à época da implantação do Programa Pontos de Memória apresentado no Quadro 21.

b. Retomada das contribuições de Fromm (1965), Wilson (1984 e 2008) e Kellert e Wilson (1993d).

c. Pesquisa nos registros da exposição Movimentos da Estrutural: Luta, Resistência e Conquista que inaugurou o Ponto de Memória em 2011 contendo documentos, imagens e digitais, entrevistas e a narrativa dos moradores sobre o início da vila, posteriormente cidade Estrutural, e a luta por fixação na localidade.

d. Anotações em Rodas de Memória e Saraus Poéticos propostos pelo Ponto de Memória.

e. Registros realizados no período da execução da ação extensionista da UnB no Ponto de Memória por meio de imagens, relatórios de extensão.

f. Entrevistas semiestruturadas com: Maria Abadia Teixeira de Jesus, Presidente do Mece e Coordenadora do Ponto de Memória; Almir Gomes da Silva, participante do Mece, Ponto de Memória e editor da Editora Abadia Catadora; Selenita Rosa, artesã e participante do Ponto de Memória; F. Santos e Mateus Santana, moradores da cidade Estrutural, já apresentada no Quadro 20. (Apêndice II).

g. Anotações em caderno de campo (Apêndice III).

Quadro 25 . Fontes de informação e identificação das ações museais
Fonte: A autora (2020).

Cabe destacar que na Fase III, para identificar aspectos biófilos presentes nas ações museais, foi necessário subdividi-la em: a Fase III.1 – Ações realizadas com participantes do Ponto de Memória, com apoio e participação do Ibram; Fase III. 2 – Ações realizadas no âmbito da extensão universitária da UnB em conjunto com os participantes do Ponto de Memória; e Fase III.3 – Ações museais realizadas com os participantes do Ponto de Memória, no período entre 2016 a 2019, após o encerramento da extensão universitária da UnB.

5.1.3.1 Ações museais – participantes do Ponto de Memória e Ibram

O Quadro 26 apresenta uma síntese das ações realizadas no Ponto de Memória no período de constituição e que foram citadas no Capítulo III e no Capítulo IV.

FASE III. 1	**AÇÕES REALIZADAS NO PONTO DE MEMÓRIA INTEGRAÇÃO, APOIO E PARTICIPAÇÃO DO Ibram**
Ação	Data	Localização
Oficinas de capacitação conduzidas pelo Ibram	2010 a 2011	Capítulo III
I Seminário do Ponto de Memória da Estrutural	2010	Capítulo III – Seção 3.2
Oficina de Museu, Memória e Cidadania	2010	Capítulo III – Seção 3.2
Café com Memória	2010	Capítulo III – Seção 3.2 Anexo 4 e Anexos 5 e 12
Oficina de Plano Museológico	2010	Capítulo III – Seção 3.2
Oficina prática de Montagem de Exposição	2011	Capítulo III – Seção 3.2
Café com Memória	2011	Capítulo IV – Seção 4.3.4.5
Oficina de Inventário Participativo	2011	Capítulo IV – Seção 4.1
Oficina de Grafite	2011 e 2012	Anexo 11
Oficina de Acervo	2011	Capítulo IV – Seção 4.4
Exposição: Movimentos da Estrutural Luta, Resistência e Conquista	2011	Capítulo IV – Seção 4.4.1
II Sarau Poético	2012	Capítulo IV – Seção 4.5.5
Ação Cultural - Oficina Editora Eloisa Cartonera – Participação na II Noite Literária	2011	Capítulo IV – Seção 4.5
Lançamento da Editora Abadia Catadora	2012	Capítulo IV – Seção 4.5
Oficina de Escrita Criativa	2012	Capítulo IV – Seção 4.5.1
Oficina de Ilustração	2012	Capítulo IV – Seção 4.5.1

Quadro 26 . Ações museais no Ponto de Memória com apoio e parceria do Ibram
Fonte: A autora (2020)

5.1.3.2 Ações museais no Ponto de Memória no âmbito da extensão universitária da UnB

As atividades extensionistas da UnB tiveram início em julho de 2011 no Ponto de Memória por meio do Edital de Fluxo Contínuo de Extensão Fluex – 1ª Edição. O Quadro 27 apresenta uma síntese das ações museais realizadas até o ano de 2015.

FASE III. 2 – AÇÕES MUSEAIS EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA UnB E PONTO DE MEMÓRIA 2011 - 2015			
Ação		Data	Localização
A	Oficina de 'Patchwork'	27 de agosto de 2011 3, 10, 24 de setembro de 2011 1 de outubro de 2011	Capítulo IV - Seção 4.6
B	Preparo Semana de Extensão Higienização de acervo do Ponto de Memória Participação estudantes Curso Museologia	19 a 29 de setembro de 2011	Capítulo IV - Seção 4.6.1
	Semana de Extensão – UnB Movimentos da Estrutural Luta, Resistência e Conquista	30 de setembro a 07 de outubro de 2011	Capítulo IV - Seção 4.6.1
	Semana de Extensão – UnB FCI - Roda de Memória e Teatro de bonecos	06 de outubro de 2011	Capítulo IV - Seção 4.6.1
C	Inventário Participativo	22 de outubro e 10 de dezembro de 2011	Capítulo IV - Seção 4.2
D	Exposição Movimentos da Estrutural: A Mulher e a Cidade Participação na montagem da no Ponto de Memória	06 a 09 de novembro 2011	Capítulo IV - Seção 4.4.2
	Exposição Movimentos da Estrutural: A Mulher e a Cidade	30/31 de outubro;	Capítulo IV - Seção 4.6.1

	Conservação participativa conduzida com integrantes do Ponto de Memória e estudantes extensionistas	01 e 02 de novembro de 2012.	
	Exposição Movimentos da Estrutural: A Mulher e a Cidade Remontagem da exposição na UnB com participantes do Ponto de Memória e estudantes extensionistas	12 de dezembro de 2012	Capítulo IV - Seção 4.4.2.2
E	Roda de Memória com Hugues de Varine	27 de novembro de 2012	Capítulo III - Seção 3.2 Anexo 6
F	Oficina Conservação participativa	1º semestre de 2013/ sem data precisa	Capítulo IV - Seção 4.5.2
	Oficina de costura manual	15 de junho de 2013 05 de outubro de 2013	Capítulo IV - Seção 4.5.2 Apêndice VII
	Oficina de pintura	22 de junho de 2013	Apêndice VII
	Oficina de costura manual	19 de março de 2014	Capítulo IV - Seção 4.5.2
	Oficina criação de capa e molde vazado	04 de abril de 2015	Capítulo IV - Seção 4.5.3 Apêndice VII
		11 de abril de 2015	Apêndice VII
G	III Sarau de Poesia	18 de abril de 2015	Capítulo IV - Seção 4.5.5

Quadro 27 . Ações museais conduzidas no âmbito da extensão 2011 a 2015
Fonte: A autora (2020).

As ações museais conduzidas no âmbito da extensão foram realizadas em conjunto, integrando professores e estudantes do Curso de Museologia com participantes do Ponto de Memória. Cabe destacar que as atividades não foram previamente programadas para fins desta pesquisa de tese, mas de acordo com o próprio movimento do Ponto de Memória e das necessidades surgidas. Os problemas, soluções e procedimentos metodológicos são apresentados nos Quadros 28 a 38, de acordo com a atividade realizada.

A.1	**OFICINA DE 'PATCHWORK' 2011**	
Problemas identificados: Como aproximar a ação extensionista da comunidade? Como introduzir o tema da conservação no Ponto de Memória? Solução encontrada entre as professoras do Curso de Museologia e discutida com os gestores do Ponto de Memória: Oficina de 'patchwork' Resultado: primeira ação em conservação participativa		
ATIVIDADE	OBJETIVOS	PARTICIPANTES
Oficina de 'patchwork'	− Aproximar professores e estudantes com a comunidade participante do Ponto de Memória − Exercitar o espírito de equipe a partir de atividade de integração − Reconhecer no 'patchwork' elementos do patrimônio imaterial (saberes e fazeres) − Explorar as cores, forma, composição, desenho, textura; − Utilizar adequadamente os materiais para a realização da atividade − Aprender a técnica do corte do tecido a partir de módulos em cartão − Introduzir o conhecimento de conservação de têxteis por meio do artesanato com tecidos − Iniciar a confecção de um 'patchwork'.	23 senhoras da comunidade Estudantes extensionistas - Lucas Moura, Maria Luiza Lopes, Julia Carrari, Isabel Caroline Sousa, Herika Lorena e Sâmia Siqueira Professoras Ana Lúcia de Abreu Gomes e Silmara Küster

Quadro 28 . Oficina de 'patchwork'
Fonte: A autora (2020).

<table>
<tr><td>B.1</td><td colspan="2">SEMANA DE EXTENSÃO
ITINERÂNCIA DA EXPOSIÇÃO MOVIMENTOS DA ESTRUTURAL: LUTA, RESISTÊNCIA E CONQUISTA 2011</td></tr>
<tr><td colspan="3">Problemas identificados:
Como trabalhar na UnB o tema da exposição Movimentos da Estrutural: Luta, Resistência e Conquista ? Como higienizar, acondicionar? Como adequar o espaço da Biblioteca para receber a exposição sem perder a sua mensagem?
Solução proposta e discutida entre a coordenação de extensão e os gestores do Ponto de Memória: Teatro de Bonecos para estimular o debate, conservação participativa.</td></tr>
<tr><td>ATIVIDADE</td><td>OBJETIVOS</td><td>PARTICIPANTES</td></tr>
<tr><td>Teatro de bonecos
Roda de Memória</td><td>– Integrar estudantes da UnB com participantes do Ponto de Memória em Roda de Memória a partir do teatro apresentado;
– Narrar a história da cidade Estrutural e de seus moradores;
– Promover debate sobre cidadania, direito à moradia e meio ambiente.</td><td>Ponto de Memória
Maria Abadia Teixeira de Jesus, Deuzani Noleto, Adoaldo Dias, Vicente de Paula Sousa, Thiago Morais, Hudson Teixeira, Jacira de Jesus Vieira, Terezinha Santana, Coracy Coelho, Carol Soares, Denylson Cardoso, Samuel, Lucas Teixeira, Elizete Gomes (Invente viva Teatro de Bonecos criação e arte)
Estudantes extensionistas
Lucas de Oliveira Moura, Anna Paula Silva, Maria Luiza Lopes, Julia Carrari, Isabel Caroline Sousa, Herika Lorena, Sâmia Siqueira
Professora Silmara Küster</td></tr>
</table>

Semana de Extensão Conservação Participativa Remontagem Exposição Movimentos da Estrutural Luta, Resistência e Conquista	− Integrar estudantes do Curso de Museologia com participantes do Ponto de Memória em roda de conversa para definição de encaminhamentos − Dividir tarefas − Promover o estudo compartilhado do espaço expositivo da BCE para a montagem da exposição − Orientar os participantes quanto a higienização, acondicionamento e transporte do acervo para a exposição − Realizar a conservação da Pipa com os estudantes do Curso de Museologia − Identificar os materiais − Orientar quanto ao uso de EPIs − Explicar a importância da higienização dos objetos para sua conservação − Mediar a Exposição na BCE das 10h da manhã às 20 h − Acompanhar a pintura do grafite realizada pelo artista da Estrutural Tiago Martins − Acompanhar a montagem do painel no espaço expositivo da BCE − Preparar o auditório da Faculdade de Ciência da Informação; − Visitar a exposição e fazer relatório com os pontos vulneráveis.	Ponto de Memória Maria Abadia Teixeira de Jesus, Deuzani Noleto, Adoaldo Dias, Vicente de Paula Sousa, Thiago Morais, Elizete Gomes, Hudson Teixeira, Jacira de Jesus Vieira, Terezinha Santana, Coracy Coelho, Carol Soares, Denylson Cardoso, Samuel, Lucas Teixeira. Estudantes extensionistas Lucas de Oliveira Moura, Anna Paula Silva, Maria Luiza Lopes, Julia Carrari, Isabel Caroline Sousa, Herika Lorena, Sâmia Siqueira, Raniel Fernandes, Poliana Rocha. Professora Silmara Küster

Quadro 29 . Atividades concernente a itinerância da exposição na BCE-UnB
Fonte: A autora (2020).

C.1	INVENTÁRIO PARTICIPATIVO 2011 - 2012	
Problemas identificados: De que forma conduzir o Inventário Participativo? Podemos considerar museológico o acervo produzido para a narrativa expositiva? Solução proposta e discutida entre professores extensionistas e gestores do Ponto de Memória: realização da segunda oficina de inventário participativo com vistas a decidir a ação de inventário de acervo e junto à comunidade. Desmembramento da ação: Por meio do inventário realizado pelos participantes e gestores do Ponto de Memória foi colhido material para o Produto de difusão a ser entregue ao Ibram – Vídeo Ponto de Memória. (Anexo 3)		
ATIVIDADE	OBJETIVOS	PARTICIPANTES
Inventário Participativo Realizado no Ponto de Memória	− Realizar rodas de conversa para um levantamento preliminar − Discutir conjuntamente os problemas identificados e buscar soluções − Levantar sugestões para entrevista e recolhimento de depoimentos − Decidir se o acervo resultante da exposição Movimentos da Estrutural: Luta, Resistência e Conquista será incorporado ao acervo do Ponto de Memória − Elaborar ficha de identificação do entrevistado e cessão de direitos de depoimento − Realizar uma dramatização entre os participantes da roda para exercitar a história oral − Abordar inventário de acervo.	Ponto de Memória Maria Abadia Teixeira de Jesus, Deuzani Noleto, Adoaldo Dias, Vicente de Paula, Carol Soares, Vicente de Paula, Eulina Marques Mendonça, Denubio Estudantes Extensionistas Estudantes extensionistas Hérika Lorena, Maria Luiza Lopes, Samia Siqueira, Julia Carrari, Talita Avila Lucena. Professora Deborah Silva Santos

Quadro 30 . Inventário Participativo
Fonte: A autora (2020).

D.1	EXPOSIÇÃO MOVIMENTOS DA ESTRUTURAL: A MULHER E A CIDADE 2012	
Problemas identificados: Como acondicionar as fotografias em molduras reaproveitadas, inadequadas do ponto de vista da conservação de maneira a não degradar as fotos? É preciso gravar em CD as imagens das mulheres, não fizemos a tempo hábil para entregar na abertura da exposição, como poderíamos fazer? Solução proposta e discutida entre professores extensionistas e gestores do Ponto de Memória: Conservação das molduras e montagem para a exposição. No ano seguinte (2013) os estudantes extensionistas fizeram um levantamento das imagens junto com os participantes do Ponto de Memória com vistas a identificar as imagens, posteriormente fizeram a diagramação na UnB.		
ATIVIDADE	OBJETIVOS	PARTICIPANTES
Remontagem Conservação Participativa no Ponto de Memória	- Integrar os estudantes do Curso de Museologia com os participantes do Ponto de Memória no processo de conservação, higienização de molduras e montagem das fotografias. - Auxiliar na montagem da exposição[283] – Selecionar fotos das mulheres; preparar CD personalizado; realização posterior à inauguração. (atividade realizada em outubro de 2013). – Fazer um estudo do circuito expositivo em SketchUp, realização posterior à inauguração.	Ponto de Memória Erika Hamenoo, Vicente de Paula, Maria Abadia Teixeira de Jesus. Estudantes extensionistas Hérika Lorena, Maria Luiza Lopes, Samia Siqueira, Kátia Fonseca. Professoras Deborah Silva Santos e Silmara Küster

Quadro 31 . Conservação Participativa da 2ª Exposição
Fonte: A autora (2020).

[283] Na montagem da exposição participaram as Professoras Deborah Silva Santos e Silmara Küster junto aos integrantes do Ponto de Memória: Deuzani Noleto, Maria Abadia Teixeira de Jesus, Terezinha Santana, Coracy Coelho, Caroline Soares, Vicente de Paula; e, representantes do Ibram: Marijara Queiroz, Mirela Araújo e Inês Gouveia.

E.1	**RODA DE MEMÓRIA COM HUGUES DE VARINE**	
Atividade organizada pelos integrantes do Ponto de Memória em conjunto com os docentes do Curso de Museologia da UnB		
ATIVIDADE	OBJETIVO	PARTICIPANTES
Roda de Memória	− Oportunizar um encontro entre Hugues de Varine e os integrantes do Ponto de Memória − Mostrar a exposição Movimentos da Estrutural: A Mulher e a cidade − Integrar os participantes	Ponto de Memória Maria Abadia Teixeira de Jesus, Deuzani Noleto, Vicente de Paula, Hudson Teixeira, Lucas Teixeira, Valdineide dos Santos Ferreira, Jacir de Jesus, Terezinha Santa'Ana, Jerusa Teixeira, Carolina Soares Professoras do Curso de Museologia da UnB Celina Kunyoshi, Monique Magaldi, Deborah Silva Santos, Silmara Küster. Estudante: Maria Luiza Lopes Ibram: Marijara Queiroz

Quadro 32 . Roda de Memória com Hugues de Varine
Fonte: A autora (2020).

F.1	OFICINA CONSERVAÇÃO PARTICIPATIVA 1º SEMESTRE DE 2013	
Problema identificado por Maria Abadia : Ferrugem dos grampos utilizados para confeccionar os livros. Solução proposta ao grupo: retirada dos grampos e costura manual Desmembramento a ação: Oficina de Conservação		
ATIVIDADE	OBJETIVO	PARTICIPANTES
Conservação participativa	− Integrar os participantes nas discussões, diagnóstico e observação − Retomar conceitos de conservação − Analisar conjuntamente a situação − Identificar a ferrugem − Verificar os exemplares − Retirar grampos enferrujados − Retirar a ferrugem de papel − Substituir os grampos com costura simples manual − Higienizar os cadernos	Ponto de Memória Maria Abadia Teixeira de Jesus Deuzani Noleto Hudson Teixeira Vicente de Paula Almir Gomes da Silva Professora Silmara Küster

Quadro 33 . Conservação Participativa: tratamento de conservação
Fonte: A autora (2020).

F.2	OFICINA DE COSTURA MANUAL 2013	
Problema identificado: com que substituir o grampo Solução proposta e trabalhada em conjunto: Costura manual Desmembramento a ação: Oficina de confecção de capas, pintura e encadernação		
ATIVIDADE	OBJETIVO	PARTICIPANTES
Costura manual	− Usar adequadamente o estilete − Usar o molde para cortar o papelão − Fazer os vincos − Separar seis cadernos com quatro folhas − Fazer as marcações − Furar os cadernos − Costurar cadernos − Após, cortar adequadamente o papelão	Ponto de Memória Maria Abadia Teixeira de Jesus (conduziu a oficina), Bruno de Paula, Ana Francinete, Vicente de Paula Estudantes extensionistas Herika Lorena, Mariana Oliveira e Vinícius Carvalho Professora Silmara Küster

Quadro 34 . Costura Manual
Fonte: A autora (2020).

F.3	OFICINA DE PINTURA 2013	
Iniciar técnicas de pintura para estimular os processos de criação das capas		
ATIVIDADE	OBJETIVO	PARTICIPANTES
Oficina de Pintura	− Diferenciar cores − Fazer misturas − Estimular a imaginação − Iniciar a pintura de capas − Usar adequadamente o material de pintura	Ponto de Memória Maria Abadia Teixeira de Jesus, Vicente de Paula, Hudson Teixeira, Ana Francinete, Julio Carvalho, Bruno de Paula. Estudantes extensionistas Herika Lorena, Mariana Oliveira, Vinícius Carvalho Professora Silmara Küster

Quadro 35 . Oficina de Pintura
Fonte: A autora (2020).

F.4	OFICINA DE COSTURA MANUAL 2014	
Dar continuidade na técnica da costura manual para ser utilizada posteriormente nos livros da editora		
ATIVIDADE	OBJETIVO	PARTICIPANTES
Costura manual	− Separar seis cadernos com quatro folhas − Vincar folha a folha e unir os cadernos − Fazer as marcações − Furar os cadernos − Costurar cadernos	Ponto de Memória Maria Abadia Teixeira de Jesus, Bruno de Paula, Vitória de Jesus, Ana Francinete, Almir Gomes da Silva, Vicente de Paula Estudantes extensionistas Herika Lorena, Mariana Oliveira, Vinícius Carvalho Professora Silmara Küster

Quadro 36 . Oficina de Costura Manual
Fonte: A autora (2020).

F.5	OFICINA CRIAÇÃO DE CAPA E MOLDE VAZADO 2015	
Problema identificado: Como podemos aproveitar o acetado? Solução proposta e trabalhada em conjunto: Fazer molde vazado para pintura Desmembramento a ação: Oficina de criação com molde vazado		
ATIVIDADE	OBJETIVO	PARTICIPANTES
Oficina de produção de moldes para capas	− Separar acetatos do lixo reciclado e higienizar − Criar no acetato uma figura e fazer molde vazado − Pintar capas com uso de spray	Ponto de Memória Maria Abadia , Almir Gomes da Silva, Hudson Teixeira, Ana Caroline Sousa, Rayra Sany, Ana Francineti. Professora Silmara Küster

Quadro 37 . Oficina de moldes vazados
Fonte: A autora (2020).

G.1	III SARAU DE POESIA	
Sarau poético organizado pelo Ponto de Memória		
ATIVIDADE	OBJETIVO	PARTICIPANTES
Sarau poético	− Promover momentos de integração entre os participantes do Ponto de Memória e comunidade − Identificar escritores e escritoras locais	Maria Abadia , Deuzani Noleto, Vicente de Paula, Sandrielle Gomes, Sandra Lobo, Lunde Braghini Junior, Luiz Delgado, Sheilla Reis, Bruno Afe Araújo, Luan Diego Lopes, Simeya Santos, Bruno Raian e Almir Gomes da Silva. Silmara Küster (UnB)

Quadro 38 . III Sarau de Poesia
Fonte: A autora (2020).

5.1.3.3 Ações museais sem vínculo institucional extensionista com a UnB

O Quadro 39 apresenta as ações realizadas com os participantes do Ponto de Memória, sem vínculo institucional com a UnB no período entre 2016 a 2019:

FASE III. 3 - AÇÕES MUSEAIS REALIZADAS COM OS PARTICIPANTES DO PONTO DE MEMÓRIA 2016- 2019			
Ação		Data	Localização
A	Inventário Participativo: Execução do Projeto de Fundo de Apoio à Cultura do DF	16 de junho de 2016 a 11 de abril de 2018	Capítulo IV – Seção 4.3
B	Oficina de produção de papel reciclado no Lacon Mus - BCE	5, 10, 14 de outubro de 2016	Capítulo IV – Seção 4.6.3
	Oficina de costura e encadernação manual de livros no Setor de Restauração da UnB	10 outubro de 2016	Capítulo IV – Seção 4.5.2
	Oficina de costura e encadernação manual de livros no Setor de Restauração da UnB	9 de outubro de 2017	Capítulo IV – Seção 4.5.2
	Oficina de Escrita Criativa – Cose	2, 3 e 4 de maio 2017	Capítulo IV – Seção 4.5.4
C	Atividade da editora - Pintura de capas	29 de julho de 2017	Apêndice VII
	Atividade da editora - Pintura de capas	26 de agosto de 2017	Apêndice VII
	Atividade da editora Costura, Encadernação e Pintura de Capa	09 de dezembro de 2017	Apêndice VII
	Atividade da editora	09 de junho de 2018	Capítulo IV – Seção 4.5.3

	Pintura de Capa e molde vazado		Apêndice VII
	Atividade da editora Produção do Livro de Hildete Moura na Biblioteca Comunitária	13 de julho de 2019 16 de julho de 2019 20 de julho de 2019 10 de agosto de 2019 12 de outubro de 2019 02 de novembro de 2019	Apêndice VII
D	Desmembramento externo Oficina de confecção de papel UnB com Mediotec e Almir G. da Silva	23 de outubro de 2017	Capítulo IV – Seção 4.6.3
	Desmembramento externo VI Seminário Hispânico-Brasileiro de Pesquisa em Informação, Documentação e Sociedade. Universidade Tiradentes [Unit]	19 de outubro de 2017	Apêndice VII
	Desmembramento externo Oficina de Poesia VI Seminário Hispânico-Brasileiro de Pesquisa em Informação, Documentação e Sociedade. [Unit]	20 de outubro de 2017	Apêndice VII
	Desmembramento externo Roda de Memória na Biblioteca Comunitária	07 de agosto de 2019	Conclusão Apêndice VII
E	IV Sarau de Poesia	22 de outubro de 2016	Capítulo IV – Seção 4.5.5
	Sarau das Mulheres	10 de março de 2017	Capítulo IV – Seção 4.5.5
F	Seminário Memórias Periféricas em tempos de (in)certezas Lançamento Livro Hildete Moura – Cose	23 de novembro de 2019	Capítulo IV – Seção 4.5.5

Quadro 39 . Ações no Ponto de Memória sem vínculo extensionista
Fonte: A autora (2020).

As ações apresentadas foram realizadas de forma participativa e em conjunto com os integrantes do Ponto de Memória. A ação de Inventário Participativo é decorrente de projeto, cujo proponente foi o Mece, sendo aprovado pelo Fundo de Apoio a Cultura do DF. Muito embora a ação extensionista havia sido findada em 2015, este projeto teve a colaboração de professoras do Curso de Museologia. Os procedimentos metodológicos e as demais atividades são apresentadas nos Quadros 40 a 49, de acordo com a ação realizada no período entre 2016 a 2019.

A.1	**INVENTÁRIO PARTICIPATIVO - EXECUÇÃO DO PROJETO DE FUNDO DE APOIO À CULTURA DO DF**

Problemas identificados:

Quais as possíveis referências culturais da cidade Estrutural?

Quem fará a pesquisa de campo?

Como distribuir os pesquisadores na localidade?

Como abordar as pessoas?

Solução proposta e discutida entre os coordenadores e os componentes da equipe de pesquisa:

1. Participar das rodas de conversa para construir conjuntamente as fases que darão o suporte para a realização do inventário cultural,
2. Culminar o evento cultural com a apresentação das referências culturais inventariadas.

Desmembramento da ação: Produção de um catálogo com as referências culturais da localidade.

OBJETIVO	PROCEDIMENTO	COLETA DE DADOS	PARTICIPANTES
− Integrar a equipe em rodas de conversa − Debater sobre inventário participativo na cidade − Identificar referências culturais − Utilizar o INRC e adaptar para a realidade local − Elaborar com os participantes o caderno de pesquisa e formulários − Fazer com os participantes um levantamento preliminar das referências culturais a serem registradas − Selecionar o que será inventariado: registro de pessoas, lugares e formas de expressão − Treinar o preenchimento dos formulários − Dividir a equipe por local a ser inventariado − Realizar Rodas de Memória − Convidar pessoas que poderão participar das Rodas de Memória − Realizar a pesquisa de campo	− Foram realizadas rodas de conversa para introdução do tema. − O processo foi construído em conjunto com os participantes. − Normalmente no formato de uma roda e eventualmente ao redor de uma mesa. − Todas as dúvidas eram discutidas e sanadas de forma participativa. − Validação das entrevistas. Digitalização das entrevistas. − Cada pesquisador trazia seus convidados para as Rodas de Memória para elencar informações para o inventário cultural. Nessas rodas, os convidados indicavam conhecidos da cidade com algum talento cultural, os participantes eram cadastrados e posteriormente entrevistados.	Entrevistas semiestruturadas 05 Rodas de Memória	06 pesquisadores locais[284] Coordenadora do Projeto FAC[285] Coordenadoras da ação[286] 400 pessoas cadastradas[287]

Quadro 40 . Inventário Participativo 2016
Fonte: A autora (2020).

[284] Almir Gomes da Silva; Bianca Aparecida Teixeira de Jesus; Jorge Rageppo; Selenita Rosa da Silva; Niquelene Pereira da Silva; e, Vitoria Cândida de Jesus.
[285] Maria Abadia Teixeira de Jesus
[286] Coordenadoras da atividade professoras Ana Lúcia de Abreu Gomes, Marijara Queiroz e Silmara Küster.
[287] Foram disponibilizados 303 cadastros para esta pesquisa.

B. 1	**OFICINA DE PRODUÇÃO DE PAPEL RECICLADO Lacon Mus - BCE**

Problema identificado: Como a editora pode estimular a geração de trabalho e renda?

Como agregar valor ao livro produzido pela editora?

Solução proposta ao grupo: Fazer o papel reciclado a partir de papel coletado por catadores e produzir o livro da editora.

Desmembramento a ação: Inclusão social 1. Atividade conjunta da editora com apenados do Departamento Penitenciário Nacional [Depen]; Produção com papel reciclado do livro 'Cassiano Nunes – Interações Poesias' editado pela Editora Abadia Catadora.

ATIVIDADE	OBJETIVO	PARTICIPANTES
Oficina de conservação participativa: Produção de papel reciclado 5, 10, 14 de outubro de 2016 Retirada da prensa, impressão, encadernação dos exemplares 17 e 21 de outubro de 2016	− Integrar os participantes − Integrar os participantes com os restauradores do Setor de Conservação e Restauração da BCE/UnB − Verificar as possibilidades e o potencial do material reciclado − Refletir sobre a importância da sustentabilidade ambiental − Separar o papel a ser reciclado − Picotar − Passar em água para higienização − Bater o papel − Preparar a polpa − Aula sobre pH, medir pH da água − Secar a polpa − Fazer o cálculo de polpa − Usar adequadamente a MOP	Ponto de Memória Maria Abadia e Almir Gomes da Silva Apenados do Depen (3 rapazes) Lacon Mus - BCE José Carlos Barcellos BCE/UnB Neide Aparecida Gomes BCE/UnB Clarice Fontenelle BCE/UnB Professora Silmara Küster

	− Realizar o processo de produção de papel livre de ácido − Colocar na MOP a polpa diluída − Retirar da MOP e colocar na secadora − Fazer a encolagem − Tingir a polpa − Testar a impressão − Imprimir os cadernos − Encadernar o livro	

Quadro 41 . Inventário Participativo 2016
Fonte: A autora (2020).

B. 2	**OFICINA DE COSTURA COM O USO DE BASTIDOR – 2016 E 2017 - SETOR DE RESTAURAÇÃO BCE/UnB**

ATIVIDADE	OBJETIVO	PARTICIPANTES
Oficina costura com bastidor Setor de Restauração da UnB	− Preparar os cadernos − Vincar os cadernos − Fazer as marcações para serrilhar ou furar − Usar adequadamente o bastidor para a costura	Coordenação Walter Antunes Barrense Maria Abadia e Almir Gomes da Silva (2016) Almir Gomes da Silva (2017) Professora Silmara Küster (UnB)

Quadro 42 . Oficina de costura, uso de bastidor
Fonte: A autora (2020).

B. 3	**OFICINA DE ESCRITA CRIATIVA – Cose**

Problema identificado: As pessoas na cidade Estrutural não frequentam o Ponto de Memória. Nós somos mais conhecidos fora do que aqui dentro, precisamos dar mais visibilidade ao Ponto de Memória: o que fazer para as pessoas participarem das ações, conhecerem o trabalho de memória que realizamos?

Solução proposta: oferecer oficina da editora para a comunidade.

Desmembramento da ação: Oficina de Escrita criativa e criação de capas para o Centro de Convivência – Cose.

ATIVIDADE	OBJETIVO	PARTICIPANTES
Oficina de Escrita criativa Pintura de capa Costura de cadernos	− Realizar Oficina de Escrita Criativa, costura e encadernação. − Aproximar atividades da editora com a comunidade local e não participantes do Ponto de Memória por meio de poesia e produção de livros	Ponto de Memória Maria Abadia , Almir Gomes da Silva 30 estudantes e Telma Mello (Professora do Cose) Silmara Küster (UnB)

Quadro 43 . Oficina de Escrita Criativa
Fonte: A autora (2020).

C.1	ATIVIDADES DA EDITORA ABADIA CATADORA	
Problema identificado: A encadernação pode agregar valor ao livro editado pela editora e aumentar a sua conservação Solução proposta: Aplicar os conhecimentos de costura e encadernação nos livros da editora; estimular a coleta local de papel para reciclar Desmembramento da ação: Produção de livros editados pela Editora Abadia Catadora; Atividades já incorporadas nas ações: Pintura de capas, Costura, Encadernação e Pintura de Capa e molde vazado, Produção do Livro		
ATIVIDADE	OBJETIVO	PARTICIPANTES
Atividades da Editora Abadia Catadora	Multiplicar o processo já realizado na editora, de acordo com as demandas surgidas	Maria Abadia Teixeira de Jesus Almir Gomes da Silva
Diagramação, revisão, costura e encadernação	Utilizar a técnica de costura e encadernação e aplicar no livro Lado a lado de Hildete Moura	Maria Abadia Teixeira de Jesus, Almir Gomes da Silva, Deuzani Noleto Silmara Küster, Lunde Braghini Junior
Roda de Memória	Fazer uma retrospectiva do Ponto de Memória	Maria Abadia Teixeira de Jesus, Deuzani Noleto, Almir Gomes da Silva, Sandra Lobo, Wellington Pedro, Carol Soares, Sandrielle Gomes, Ana Sosa, Luiz Delgado, Silmara Küster, Lunde Braghini Junior

Quadro 44 . Atividades da Editora Abadia Catadora
Fonte: A autora (2020).

D. 1	**DESMEMBRAMENTO DA AÇÃO OFICINA DE PRODUÇÃO DE PAPEL PARTICIPAÇÃO EDITORA ABADIA E ESTUDANTES DO MEDIATEC**
Fazer o papel reciclado a partir de papel coletado por catadores Desmembramento a ação: Inclusão social 2. Atividade conjunta da editora com estudantes do Mediatec. Atividade realizada no Lacon Mus UnB	

ATIVIDADE	OBJETIVO	PARTICIPANTES
Oficina de conservação participativa: Produção de papel reciclado	− Integrar os participantes − Verificar as possibilidades e o potencial do material reciclado − Refletir sobre a importância da sustentabilidade ambiental − Separar o papel a ser reciclado, Picotar − Passar em água para higienização − Bater o papel e preparar a polpa − Aula sobre pH, medir pH da água − Secar a polpa − Fazer o cálculo de polpa − Usar adequadamente a MOP − Realizar o processo de produção de papel livre de ácido − Colocar na MOP a polpa diluída − Retirar da MOP e colocar na secadora − Fazer a encolagem	Ponto de Memória Almir Gomes da Silva Estudantes do Mediatec DF (20 estudantes) Lacon Mus - BCE José Carlos Barcellos BCE/UnB Neide Aparecida Gomes BCE/UnB Clarice Fontenelle BCE/UnB Professora Silmara Küster

Quadro 45 . Oficina de Confecção de papel reciclado
Fonte: A autora (2020).

D.2	**DESMEMBRAMENTO EXTERNO – RODA DE MEMÓRIA**	
ATIVIDADE	OBJETIVO	PARTICIPANTES
Roda de Memória	− Fazer uma retrospectiva das ações do Ponto de Memória realizadas na Casa dos Movimentos. − Qual o significado de não ter uma sede fixa para o Ponto de Memória	Maria Abadia Teixeira de Jesus, Deuzani Noleto, Almir Gomes da Silva, Sandra Lobo, Wellington Pedro, Carol Soares, Sandrielle Gomes, Ana Sosa, Luiz Delgado, Silmara Küster, Lunde Braghini Junior

Quadro 46 . Roda de Memória retrospectivas
Fonte: A autora (2020).

E.1	**IV SARAU DE POESIA**	
Sarau poético organizado pelo Ponto de Memória		
ATIVIDADE	OBJETIVO	PARTICIPANTES
IV Sarau poético Lançamento do livro poético de Cassiano Nunes – Interações Poesias	− Integrar participantes do Ponto de Memória e comunidade − Identificar e estimular os escritores e escritoras locais na ação poética − Lançar livro da Editora Abadia Catadora	Integrantes Ponto de Memória: Maria Abadia Teixeira de Jesus, Almir Gomes da Silva, Deuzani Noleto, Cesar, Vicente de Paula, Sandrielle Gomes, Sandra Lobo, Selenita Rosa, Lunde Braghini Junior, Luiz Delgado. UnB- Silmara Küster, Maria Evangelista, Anelise Weingartner, Marijara Queiroz.

Quadro 47 . IV Sarau de Poesia 2016
Fonte: A autora (2020).

E.2	**SARAU DAS MULHERES**	
ATIVIDADE	OBJETIVO	PARTICIPANTES (Coordenadores)
Sarau das Mulheres	− Integrar e promover a participação da comunidade no sarau poético − Estimular escritoras locais	Deuzani Noleto, Almir Gomes da Silva, Sandra Lobo, Carol Soares, Sandrielle Gomes, Ana Sosa, Luiz Delgado, Hildete Moura, Candece, Silmara Küster, Lunde Braghini Junior e Maria Abadia Teixeira de Jesus

Quadro 48 . Sarau das Mulheres
Fonte: A autora (2020).

F.1	**SEMINÁRIO MEMÓRIAS PERIFÉRICAS EM TEMPOS DE (IN) CERTEZAS E LANÇAMENTO LIVRO HILDETE MOURA**	
ATIVIDADE	OBJETIVO	PARTICIPANTES
Seminário para discutir a conjuntura política do país e os reflexos na cidade Estrutural Refletir sobre a importância do Ponto de Memória Lançamento do Livro de Hildete Moura pela Editora Abadia Catadora	− Integrar e promover a participação da comunidade na ação e no debate − Integrar estudantes do IFB (moradores da Estrutural) nas ações do Ponto de Memória − Breve retrospectiva do Ponto de Memória − Fazer o lançamento do livro da poetiza Hildete Moura	Deuzani Noleto, Almir Gomes da Silva, Sandra Lobo, Carol Soares, Dandrielle Gomes, Ana Sosa, Luiz Delgado, Silmara Küster, Lunde Braghini Junior, Wellington Pedro e Maria Abadia Teixeira de Jesus (Coordenadores)

Quadro 49 . Seminário Memórias Periféricas em tempos de (in) certezas e Lançamento do livro de Hildete Moura
Fonte: A autora (2020).

A meu ver, as ações museais compuseram-se de um movimento na direção da preservação da memória da comunidade da cidade Estrutural, suas lutas e conquistas com ações museais biófilas realizadas no período analisado. Após a sistematização das atividades realizadas no Ponto de Memória, por meio da metodologia de pesquisa-ação, segue a análise e a conclusão.

ANÁLISE E CONCLUSÃO

Fio d'Água
Não quero ser o grande rio caudaloso
Que figura nos mapas.
Quero ser o cristalino fio d'água
Que canta e murmura na mata silenciosa."

Helena Kolody

Ao chegar à conclusão da presente tese, foi imperativo retornar ao começo desta jornada, iniciada em 2010, e rememorar. Nesse percurso de dez anos, presenciei, além de fatos e acontecimentos, inúmeras mudanças na cidade Estrutural, antes e depois do fechamento, em 2018, do maior lixão a céu aberto do Brasil e segundo maior do mundo. A maioria das ruas não eram asfaltadas, muitos caminhões de lixo entravam e saíam da cidade, a poeira constante, a feira aos domingos, a procissão dos religiosos, a batida policial, o carro de som que passava vendendo sonhos, cobertores, ovos; as crianças de pés descalços correndo livremente pelas ruas, a pipa, o comício de políticos, o abraço na Escola Classe 1, a inauguração do Banco Comunitário pelo Movimento de Educação e Cultura da Estrutural [Mece], a organização da Biblioteca Catando Palavras, os moradores. Nesse contexto foi constituído o Ponto de Memória da Estrutural.

Oficialmente a extensão universitária teve início após a inauguração do Ponto de Memória e inúmeros foram os desafios, tanto pessoais quanto institucionais, que foram superados na medida em que iam surgindo. O primeiro deles foi rever o projeto extensionista que eu havia proposto e que não condizia com a realidade observada. Sem uma metodologia ainda definida, com o passar dos encontros, percebi a importância da construção conjunta, permeada pelo diálogo e participação. Compreender o processo em que eu estava imersa e vivenciando na cidade Estrutural foi essencial para a continuidade da ação, culminando na realização da presente tese. Nesse contexto, destaco a importância do formato metodológico adotado pelo Programa Pontos de Memória e da forma como as ações extensionistas e de outros parceiros foram conduzidas, potencializando as iniciativas de memória já existentes, enfatizando a importância do diálogo e o respeito ao lugar de fala da comunidade da cidade Estrutural. Dessa forma, compreendi que a metodologia da pesquisa-ação seria a mais adequada para a realização desta investigação, porque coadunava com o que já vinha sendo realizado.

Estabelecer a confiança entre a universidade e a comunidade foi imprescindível, sendo necessário o trabalho de reconstrução da imagem desgastada por pesquisas anteriores realizadas no local de forma unilateral. É importante ressaltar que ao iniciar a extensão universitária, não havia da minha parte intensão em realizar uma pesquisa de doutorado, o desejo era de compreender o processo museológico noutros contextos. Nesse aspecto, a transdisciplinaridade inerente à Museologia Social me permitiu ir além do projeto extensionista e da pesquisa propriamente dita, ampliando o processo que estava sendo experienciado.

No âmbito logístico, outro desafio foi encontrar uma solução para levarmos com segurança os estudantes extensionistas até a cidade Estrutural. Foi somente no segundo semestre de 2012 que a universidade disponibilizou um carro para o translado entre a Universidade de Brasília [UnB] e a cidade Estrutural. A extensão ocorria às sextas-feiras e aos sábados. Na continuidade das atividades, estudantes de outros cursos solicitaram a participação no projeto, como dos cursos de Biblioteconomia, Arquivologia, Artes, Pedagogia, Comunicação e uma estudante de uma universidade francesa. Os estudantes do Curso de Museologia tiveram a oportunidade de experienciar, criticar e questionar aspectos teóricos trabalhados em sala de aula, agora extra muros à universidade e aos museus tradicionais, num contexto social real, onde as ações museais foram pensadas com e para a comunidade, não mais sob o crivo da razão do especialista. A estudante do curso de Museologia da UnB, Sâmia Siqueira, assim escreveu sobre o projeto extensionista na reapresentação da exposição na UnB ‘Movimentos da Estrutural: Luta, Resistência e Conquista’:

> “A participação no projeto de extensão do Ponto de Memória tem me mostrado a importância da interação entre universidade e sociedade, pois a cada dia é evidente a meus olhos como tem sido o exercício contínuo da contribuição mútua de conhecimento entre a comunidade da Estrutural, eu e todos os participantes do projeto. A ação transformadora está surgindo por meio das relações de amizade e comprometimento entre todos envolvidos neste projeto de extensão. Todo o processo tem sido muito enriquecedor para a minha vida acadêmica e pessoal, principalmente servindo como uma ótima experiência que me faz crescer e amadurecer.” (Siqueira, 2011)

Nas palavras da estudante a biofilia ficou evidente, nos laços construídos de amizade, respeito e afeto, permeados pelo fratrimônio.

A reapresentação da exposição 'Movimentos da Estrutural: Luta Resistência e Conquista' na UnB, além de integrar os estudantes de museologia com os participantes do Ponto de Memória em atividades de conservação e museografia, também estimulou e empoderou alguns estudantes da UnB a assumirem que eram moradores da cidade Estrutural, além de comentarem que nunca imaginaram que a universidade receberia uma exposição sobre a cidade. Na ocasião 499 estudantes visitaram a exposição. O projeto extensionista estimulou muitos jovens moradores da cidade Estrutural a fazerem o vestibular e para a nossa alegria houve aprovações na UnB, no IFB e na UCB, como é o caso de alguns dos participantes do Ponto de Memória contemplados com uma vaga: o Douglas Teixeira, o Lucas Teixeira, o Israel, a Isabel Caroline de Souza, o Almir Gomes, a Ana Caroline Ribeiro Sousa, a Selenita Rosa, a Solange Almeida e a Mariza Araújo. Além disso, a líder comunitária Maria Abadia Teixeira de Jesus participou como palestrante em eventos na UnB, na Universidade Federal de Goiás, no Museu Paranaense em Curitiba PR e na Universidade Tiradentes em Aracajú, com temas sobre a Editora Popular e o Ponto de Memória, sempre enfatizando a importância da parceria entre a universidade e o Ponto de Memória.

A cidade Estrutural conta com quase quarenta mil habitantes. Teve seu início nos idos de 1960 com as atividades de catadores que, em busca da sobrevivência, trabalharam na coleta seletiva, fixando seus barracos ao redor do lixão. A partir de 1990 sofreu grande adensamento irregular às margens da Via Estrutural, DF 095. Por 58 anos a cidade Estrutural recebeu todo o lixo produzido no Distrito Federal. Os resíduos orgânicos e recicláveis não dizem respeito somente às cidades periféricas onde são depositados, mas a todos nós. Com o contínuo crescimento do lixão, somado às invasões irregulares e ao avanço desordenado da cidade, foi inevitável o impacto negativo ao meio ambiente que em diversos níveis contribuiu para a perda das referências da biofilia e a acentuação da necrofilia, como a poluição do solo e das nascentes e o desequilíbrio do *habitat* dos animais silvestres, conforme já apresentado. Em decorrência disso, os moradores da cidade não tiveram a oportunidade de experienciar um contato direto com a natureza no entorno de suas moradias. Esta questão foi observada na pequena mostra dos desenhos realizada em 26 de setembro de 2018 pelas crianças na Escola do CF 2, sobre como veem a cidade em que moram, o que evidenciou através do olhar das crianças a ausência de referências que contemplem a natureza. Além disso, não há espaços

públicos de lazer ambiental que promovam às pessoas uma experiência profunda e de bem-estar físico e mental, decorrente do contato direto com a natureza.

Esta constatação é um indício para que o tema, a Biofilia, seja abordado em atividades futuras do Ponto de Memória, visando despertar a importância da preservação do meio ambiente.

Diante de uma realidade hostil e da complexidade local, nos indagamos: como impactará no futuro desses moradores a inexistência de referências naturais? Numa realidade como a cidade Estrutural, ainda há muito a ser feito para que haja uma política ambiental ligada ao território, de maneira que a preferência pelo natural no espaço urbano seja real e passe a fazer parte da vida das pessoas. Como na expressão de Maria Abadia : "será o lixo o nosso patrimônio?" Sim, concordo com ela, ele é um patrimônio residual universal e necrófilo, resultando na tendência da 'hipótese da biofilia dominionista' apresentada em Kellert e Wilson (1993d), que nos instiga ao consumo exacerbado e na busca efêmera por necessidades superficiais, contribuindo para a geração de poluentes e resíduos sólidos sem precedentes, e o mais grave, causando o esgotamento de recursos naturais, tema emergente no pós-guerra e muito debatido internacionalmente desde a década de 1970 nas conferências internacionais sobre meio ambiente e museologia.

Para os moradores da cidade Estrutural, que sobrevivem da coleta seletiva, a percepção do lixo não fica circunscrita somente ao sustento e à subsistência, mas também enquanto potência de vida, percepção que se amplia esteticamente para a criação de arte e artesanato a partir da reutilização e reciclagem de materiais, evidenciando a autocriação. Além de retirarem do meio ambiente os mais diversos objetos, os materiais são transformados em adereços e ressignificados, ganhando um novo uso ou função, como por exemplo, o reaproveitamento para fins de construção das narrativas expositivas, como nas exposições realizadas, reverberando em ações de conservação participativa, tanto na esfera das exposições, quanto na preservação do meio ambiente.

Para além da materialidade da forma, o escritor Almir Gomes revela em seu conto intitulado 'A menina e o rio', aspectos da necessidade de preservação da natureza, evidenciando um compromisso intrínseco e explícito com a preservação da vida.

Depois da sua inauguração em 2011, o Ponto de Memória da Estrutural ganhou notoriedade com a exposição 'Movimentos da Estrutural: Luta, Resistência e Conquista' e desde então várias ações museais foram realizadas na Casa dos Movimentos, contando

inicialmente com a participação expressiva da comunidade nas atividades. Desde a sua inauguração muitos chegaram, alguns apenas passaram, mas muitos ficaram.

Na Casa dos Movimentos – o movimento da vida, das pessoas, o Ponto de Memória, as discussões intermináveis antes das decisões, os bazares de roupas usadas, as reuniões das mulheres, a primavera dos museus, o círculo de cultura, a pintura e repintura da casa, a montagem das exposições, os saraus de poesias, a confecção de livros, os gatos no telhado, o trabalho interminável (tínhamos hora para chegar e nunca para sair), o café da tarde coado pela Maria Abadia na casa da Cidinha, a toalha de mesa florida, as goteiras em dias de temporal, o cheiro horrível do chorume que eventualmente sentíamos, a intolerância de alguns vizinhos que jogavam pedras e tijolos no frágil telhado de amianto em protesto ao ensaio teatral das Bisquetes e tantas outras reminiscências, fizeram desta casa um lugar de memória.

Considerando que a Casa dos Movimentos é pequena para atender os vários projetos coordenados pelo Mece, seus gestores buscaram alternativas para encontrar uma sede que atendesse as demandas do Ponto de Memória e das demais ações da Casa dos Movimentos. O Mece fez solicitação formal ao Instituto Brasileiro de Museus [Ibram] para que intercedesse junto ao Governo do Distrito Federal [GDF] com o intuito de encontrar um local adequado ou construir uma nova sede para o Ponto de Memória. Na ocasião, o GDF prometeu uma solução, no entanto, com as mudanças políticas da administração pública do GDF, a questão ainda não foi concretizada.

Com o passar dos anos, observei embates entre alguns membros do Conselho Gestor que tinham como proposta sobrepor o Ponto de Memória ao Mece e conforme Maria Abadia (2017), "como poderia um projeto que estava iniciando ser maior do que um movimento?", numa clara demonstração de disputa pelo poder, dado o potencial do Ponto de Memória em organizar e mobilizar a comunidade. Naquele momento pensei que a questão da disputa de poder tivesse influenciado a baixa participação comunitária na gestão do Mece, fato que foi muito discutido na época. O Mece buscou estratégias e alternativas para estimular os moradores locais a participarem da gestão do espaço. No entanto, percebi que era necessário considerar que no contexto da cidade Estrutural a urgência era de recursos básicos para a sobrevivência diária. Este fato contribuiu para dificultar a mobilização das pessoas na participação de atividades realizadas, sobretudo as que coincidiam com o horário de trabalho.

Cheguei à conclusão que a instabilidade de emprego, que faz prevalecer o trabalho informal, também limitou a participação da comunidade na gestão do Ponto de Memória da

Estrutural. No entanto, essa realidade não foi limitadora para o Mece, na condição de gestor principal, ele seguiu emplacando as bandeiras do movimento. Desde a criação do Ponto de Memória, as ações museais contribuíram para o alcance de importantes conquistas para a cidade Estrutural, tais como a 'Editora Abadia Catadora' (2012), o 'Banco Comunitário' (2012) e a 'Biblioteca Catando Palavras' (2019).

O Mece participou de editais de fomento à cultura e de prêmios do Governo Federal, promovendo atividades no Ponto de Memória e outras ações sob sua responsabilidade que beneficiaram os agentes locais. Os editais permitiram uma participação mais efetiva da comunidade, pois ficou claro que a bolsa-auxílio em atividades culturais representam um alívio diante do desemprego. No entanto, nem sempre há incentivo público. Atualmente, mesmo enfrentando algumas dificuldades, o Ponto de Memória independe de programas externos, pois a sua existência está assentada em bases conceituais da Museologia Social, atraindo pessoas da comunidade com os mesmos propósitos; além disso, a participação é livre. Com ou sem recursos, desde a fundação do Ponto de Memória, o Mece enquanto movimento manteve-se firme nos seus objetivos e na continuidade das ações.

A participação comunitária expressiva nas atividades museais promovidas no Ponto de Memória, tais como os Saraus Poéticos, as Rodas de Memória e as exposições, me permitiu constatar que a comunidade reconhece o espaço como lugar de integração, leveza e fruição. Nesses eventos, frequentemente Deuzani Noleto (militante social, fundadora do Mece e consultora do Ibram) e Maria Abadia apresentavam as ações museais realizadas e aproveitavam a ocasião para fazerem convites aos presentes para participarem das diversas ações promovidas pelo espaço. Neste contexto, destaco a persistência dos coordenadores em promoverem continuamente as diversas atividades, mesmo diante da pouca participação na gestão, conforme já exposto.

Ao iniciar a presente investigação expressei algumas indagações que foram surgindo desde a condução da extensão universitária em 2011 e dentre elas, se seria possível entrelaçar o desejo de memória de uma comunidade marginalizada ao pensamento museológico contemporâneo. Nessa perspectiva, destaco que o Mece já possuía objetivos delineados nas áreas de educação e cultura e ao aceitar a proposta do Instituto Brasileiro de Museus de constituir um Ponto de Memória na cidade, calcado nos pressupostos da Museologia Social, as possibilidades ampliaram-se no sentido do empoderamento político e cultural, assentando-

se num ‘corpus’ de entrelaçamento crescente, processual e integrado ao pensamento museológico contemporâneo.

Na perspectiva desta investigação, a biofilia consistiu no fio condutor a partir das contribuições de Fromm (1965), Wilson (1984 e 2008), Kellert (1993c), Kellert e Wilson (1993d) e a correlação com ações museais desenvolvidas no período analisado. Segundo os autores, a biofilia contribui para o desenvolvimento emocional dos seres humanos. Com base no conceito de biofilia apresentado por eles, procurei analisar ações museais realizadas no Ponto de Memória e aspectos da cidade Estrutural. Além disso, para compreender o processo da conservação inerente às ações museais biófilas, expus exemplos de conservação baseada em Povos apresentado por Sully (2013) e Gomes (2012) e numa experiência pessoal. Destes exemplos, pude observar algumas particularidades conduzidas no Ponto de Memória que me permitiram compreender a conservação participativa conduzidas no Ponto de Memória.

Assim destaco três observações a partir dos exemplos apresentados e descritos no Capítulo I, a saber: 1. Na conservação participativa baseada em povos tradicionais, há o vínculo afetivo em relação ao seu território, podendo ser intermediada ou não por especialistas, sendo fundamental que as decisões de preservação ocorram com a participação ativa dos povos, alicerçada nas suas tradições e nas relações estabelecidas entre as pessoas, os objetos e os locais, descolonizando a conservação; 2. A conservação participativa é realizada por uma comunidade urbana e rural periférica, com vínculo afetivo ao bem cultural do local, que reconhece a sua importância e participa de capacitação em conservação com o objetivo de realizar as ações de conservação-restauração; e 3. A conservação participativa é realizada por uma comunidade restrita e em vulnerabilidade social, sem vínculo anterior ao bem cultural em questão. O bem cultural passa a ser significativo para quem realiza a ação a partir do momento que sua conservação permite uma reflexão sobre o contexto emocional vivenciado pelos participantes, sendo intermediada por especialistas.

Nas três situações, e de acordo com as suas especificidades, observei que há um pertencimento dos povos tradicionais e das comunidades urbanas ou vulneráveis sobre o patrimônio cultural; e a ação de conservação participativa ocorre num bem cultural tradicional ou território, reconhecido pelos órgãos responsáveis pelo patrimônio local. Ao constatar o descrito, refleti sobre as atividades de conservação realizadas no Ponto de Memória da Estrutural e constatei que a conservação participativa poderia ser aplicada noutros contextos, por exemplo, numa comunidade urbana periférica.

Diante desta constatação e a partir da análise das ações museais realizadas no Ponto de Memória, identifiquei: 1. A conservação participativa é realizada por uma comunidade urbana periférica e sem vínculo anterior com o bem cultural. A ação da conservação foi intermediada por especialistas, por meio de bens culturais que não são herdados e também não são tradicionais em relação à localidade; são objetos retirados do lixo e elevados à categoria de bens culturais pela comunidade, uma vez que trazem significados às narrativas expositivas, devendo ser revitalizados e conservados a partir da decisão dos participantes da ação (Capítulo IV – Seção 4.4 – Exposição como Processo); 2. A conservação participativa é realizada por uma comunidade urbana periférica após capacitação em conservação, intermediada a princípio por especialistas, porém com autonomia na continuidade da ação. Nesta modalidade há por parte da comunidade local apropriação do conhecimento das técnicas relativas à conservação, como, por exemplo: a higienização de objetos retirados do lixo para fins de narrativa expositiva; a higienização de objetos retirados do lixo para serem utilizados como suporte expográfico; reciclagem de papel livre de ácido para fins de confecção de livros para a Editora Abadia Catadora; a costura e encadernação de livros; a higienização de fotografias e objetos; o acondicionamento para exposição e transporte; conservação aplicada em produção artesanal com tecido; revitalizados, produzidos e conservados a partir da decisão dos participantes da ação (Capítulo IV); 3. A conservação participativa é realizada por uma líder comunitária em comunidade periférica, com vínculo anterior ao bem cultural em questão, o livro, que é retirado do lixo, higienizado, acondicionado e disponibilizado ao público. Sem intermediação de especialistas (Capítulo IV – Seção 4.3.4.1 – Registro de pessoa – à sombra de uma árvore); e 4. A conservação participativa é realizada por uma comunidade periférica, que possui vínculo com o patrimônio material universal, o lixo, compreendido aqui como reciclável ou reutilizável, pertencente a todos.

Mesmo considerando a importância da ciência da conservação, ao caracterizar as referidas ações em conservação participativa, no âmbito da Museologia Social, cheguei à conclusão que a biofilia perpassou as ações museais, uma vez que: 1. As atividades realizadas vão além da materialidade e do significado do bem cultural propriamente dito; 2. Extrapola a técnica pela técnica, a eficácia pela eficácia; 3. Possibilita a continuidade da ação de forma independente; 4. Integra os envolvidos no processo, inclui, ressignifica o conhecimento, valoriza os saberes, reconhece sua realidade, indaga sobre a vida, busca soluções em conjunto

e alcança o SER. Desse modo, reafirmo a importância da Museologia Social em promover nos espaços extramuros aos museus e aos territórios tradicionais, a ação da conservação participativa.

Desta forma, na conservação participativa a comunidade, tradicional ou periférica, é a protagonista no processo de salvaguarda e conservação do patrimônio cultural, seja ele material, imaterial ou natural, considerando a realidade social em que é aplicada e podendo ser mediada por especialistas quando necessário. Destarte, pode-se dizer que a conservação participativa não está circunscrita somente ao crivo da razão do especialista, sobretudo integrada às mudanças da sociedade, constatação que responde, portanto, à questão "É possível fazer uma ponte entre a Museologia Social, a conservação e a comunidade?"

Deste modo, foi possível 'sair da ilha' e fazer a travessia entre a Conservação e a Museologia Social. Percebi que a conservação participativa se constrói simultaneamente com o que é preconizado pela Museologia Social, uma vez que é dialógica, considera as partes envolvidas na ação, o contexto, as pessoas e a comunidade a que pertence. Nessa perspectiva, corroboro o pensamento de Sully (2007) e os pressupostos da Museologia Social que promulga que o alcance da ação da conservação participativa implica em mudar o olhar a partir de 'metodologias descolonizadoras' da conservação e da museologia, pensando a sua prática em consideração às perspectivas das pessoas e locais.

Em 2016, após discutirmos sobre a importância da editora para a preservação do meio ambiente e na busca de inserção e integração dos catadores locais por parte dos gestores do Mece, propus a reciclagem de papel. Os integrantes da editora aceitaram o desafio de produzir papel reciclado que seria utilizado por ela, agregando a este fazer o conhecimento de produção de papel livre de ácido. Vale ressaltar que a Editora Abadia Catadora foi uma iniciativa do Ponto de Memória e tem grande potencial para a geração de trabalho, renda e desenvolvimento local, a julgar pela participação da editora com publicações na Bienal do Livro e da Leitura nos anos de 2012 e 2014 em Brasília, dando visibilidade a escritores e escritoras locais e inserindo os catadores na coleta seletiva de papéis para a reciclagem e a venda de papelão a ser reutilizado pela editora. As atividades foram permeadas pela conservação participativa, tendo em vista a forma como as ações museais foram conduzidas, de maneira inclusiva, sem descurar da realidade social e com preocupação ambiental, mesmo num local ainda às margens do poder público e com diversos problemas sociais inerentes às áreas periféricas no Brasil. Além disso, no processo de confecção dos livros, a criação das

capas sempre ocorriam após a leitura prévia realizada em conjunto ou em alguns casos no encontro com o autor nos Saraus Poéticos, promovido no Ponto de Memória. Assim, as capas foram criadas de forma artesanal, tornando o livro singular. Em vários encontros testamos materiais diversos sobre o papelão, com tecido, folhas secas e barbante colorido e exploramos algumas técnicas de pintura. Pesquisas futuras poderão abordar outros aspectos da editora, por exemplo, os vieses da economia solidária, do design, da sustentabilidade ambiental, dentre outros, que não foram analisados no âmbito desta investigação. Além de poder receber apoio junto ao Banco Comunitário da cidade Estrutural, através da ajuda solidária, tanto financeira quanto educativa, no sentido de formalização, organização do empreendimento e assessoria.

A Casa dos Movimentos abriu suas portas para a biofilia, pensando na valorização das pessoas, da cultura, da reflexão e da construção do conhecimento. No entanto, diante da necrofilia presente num território dominado pelo tráfico de drogas, com o objetivo de resguardar a vida, infelizmente foi preciso 'fechá-la' temporariamente em fevereiro de 2019. O sentimento inicial foi de perda, luto e profunda tristeza, mas, conforme Chagas (2019) numa das orientações que fizemos por telefone, "não há morte, há experiência realizada".

Visando revisitar em nossa memória a Casa dos Movimentos, as ações realizadas, as teias de relações estabelecidas e refletir sobre a memória do lugar, local onde concretizamos os sonhos comuns com a criação do Ponto de Memória e o alcance das suas ações na comunidade, além de procurar definir os novos rumos a seguir, conduzi quatro Rodas de Memória entre março e agosto de 2019 na Biblioteca Comunitária Catando Palavras. Da dor renasceu a esperança. Ficou claro para os participantes que o lugar do Ponto de Memória vai além do espaço físico, pois é fundamentalmente mentalidade.

Compreendemos que as experiências realizadas não se perderam, estão presente em cada um de nós. No início do Ponto de Memória, buscávamos na memória do outro o fio da meada da história da localidade, do seu cotidiano, para a construção das narrativas expositivas. Agora buscamos em nossa memória cada encontro vivenciado, cada discussão, fala, sonho, planos não concretizados, problemas encontrados, os significados daquela casa que um dia nos abrigou, o significado do que ficou, as expectativas e as necessidades surgidas, somadas à responsabilidade individual na atuação conjunta do grupo no que se refere às histórias de vida, entrelaçadas no tempo para uma melhor compreensão e significado no momento presente.

Como já referenciado, a cidade Estrutural do Distrito Federal (DF) é marcada pela necrofilia. Em meio a este '*imprinting'* social tentacular e nefasto, conheci líderes comunitários que se destacaram em alguns segmentos, dentre eles no Movimento de Educação e Cultura da Estrutural que acatou a ideia de fundar na cidade o Ponto de Memória. É a força da primeira-mão, do povo, fazendo transformação na localidade com o conhecimento da realidade alcançada e a realimentar continuamente o pensamento acadêmico. Assim, creio que os conceitos da Museologia Social agregaram conhecimento ao saber já existente na comunidade, da mesma forma que, pela experiência museal conduzida no Ponto de Memória, o conhecimento daquela comunidade realimentou a reflexão pautada nesta tese, ampliando o arcabouço de conhecimento da Museologia Social e da Sociomuseologia. Cabe destacar que as iniciativas museais conduzidas no Ponto de Memória da Estrutural potencializaram o protagonismo da comunidade participante a partir do momento em que foi proposto um espaço aberto, político e sensível a escutar e materializar as diversas narrativas, legitimando suas lutas, o que responde positivamente à questão desta tese que indagava se "as práticas dos processos museais e seus desdobramentos são biófilas e potencializam o protagonismo social".

Diante do exposto e da análise realizada, mesmo num local ainda com forte característica necrófila, as ações museais conduzidas desde a inauguração do Ponto de Memória da Estrutural foram processuais e refletem uma museologia biófila, não somente do ponto de vista da reutilização e reciclagem dos materiais, mas também através da sinergia observada entre os participantes, na busca conjunta de soluções dos diversos problemas identificados na comunidade, que por vezes representou um período de muita dor, luta e resistência, porém biófila ao reverberar na materialidade das ações museais, o estar presente na vida. A partir da apropriação do conhecimento das técnicas museológicas e reflexões acerca da memória e do patrimônio, comunidades urbanas periféricas assumem a autonomia museal. Além disso, observei que as atividades autocriadoras e imaginativas oportunizaram aos participantes expressar as suas ideias, reconhecendo o seu direito de estar no mundo, de expressar sentimentos, críticas, lembranças e até compartilhar problemas e buscar a sua resolução.

Destaco que a realização das ações museais conduzidas no Ponto de Memória foram pensadas de forma conjunta, sem descurar da singularidade e subjetividade dos participantes em seus saberes e percepções, oportunizando a coparticipação nas decisões. Na continuidade

das ações museais, o Ponto de Memória poderá tomar partido da museologia biófila e propor um diálogo comunitário sobre a importância do trabalho já realizado pelos catadores e artesãos para a preservação do meio ambiente e numa perspectiva de atuação conjunta recuperar áreas degradadas da cidade Estrutural.

No limite tênue entre a biofilia e a necrofilia, registro que no decorrer desta pesquisa e da sua escrita, fatos marcantes ocorreram no Brasil e no mundo, desencadeando um sentimento de profunda ausência, silêncio e reflexão diante da realidade inconteste. O primeiro deles foi a 'morte' do Museu Nacional na Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro, ocorrida em 2018 pelo incêndio devastador; no ano seguinte a extinção do Ministério da Cultura, sendo incorporado como Secretaria Especial da Cultura no Ministério do Turismo; em dezembro de 2019 o início da proliferação do novo coronavírus, causando a doença Covid-19, na China, que se espalhou por mais de 150 países, dentre eles o Brasil. Nesse contexto, outras necessidades surgiram após a Covid-19 e devem ser repensadas em ações museais futuras do Ponto de Memória da Estrutural, como por exemplo, da 'conservação participativa' para a 'conservação participativa e preventiva', em defesa da vida com alternativas seguras no que concerne à saúde das pessoas no processo de produção do artesanato, dos equipamentos expográficos e do cuidado com o meio ambiente.

Teoricamente, meu maior ganho foi acessar outras áreas do conhecimento e ampliar as minhas possibilidades de ação na museologia e na conservação em contextos vulneráveis da realidade social. Além disso, outras abordagens permitiram o alongamento do meu olhar no sentido de compreender a transdisciplinaridade na museologia e o passo transdisciplinar para a sua concretização, sendo necessário para tal sair da minha zona de conforto, até então circunscrita à academia, para enfrentar o desafio de compreender o processo vivido por esta comunidade, aparentemente distante e diferente da minha, no entanto parte de uma mesma faceta, a vida. O fato de realizar a conservação participativa em comunidades periféricas me estimulou a buscar outras perspectivas sobre o patrimônio cultural e as possibilidades de sua preservação.

Outros caminhos serão trilhados, com a mudança de 'mirada', já que o(s) processo(s) por mim vivido será com certeza incorporado ao meu trabalho acadêmico, tanto em sala de aula, quanto nos trabalhos de extensão e pesquisa, na expectativa de estimular estudantes e colegas de trabalho a desenvolverem novos projetos em Museologia Social e expandir cada

vez mais a sua ação. E, conforme Maria Célia Santos ao dividir suas inquietações sobre a Museologia Social conduzida na cidade Estrutural:

> "Diante dessa dura e cruel realidade, a produção do conhecimento, o planejamento e a gestão museológica não deveriam ser ferramentas importantes a serviço da construção de um mundo social e ecologicamente mais justo, apoiado em valores tais como tolerância, ética, solidariedade, justiça, fraternidade, amor e ecologia? (Santos, 2020)

No delinear das ações museais conduzidas no Ponto de Memória percebi a incompletude do ser em sua busca no tempo, no espaço e na cultura, seja revisitando o passado, seja configurando no presente novas perspectivas para o futuro.

"Uma museologia que não serve para a vida não serve para nada!"

Chagas (2017)

BIBLIOGRAFIA CITADA

Aborígene, M. (2013). *Sem nome, família ou rosto*. Brasília: Editora Abadia Catadora, Ponto de Memória da Estrutural DF.

Alves, J. B. (2017). *A face oculta do lixo.* Londrina, PR: Mecenas.

Associação Brasileira de Empresa de Limpeza Pública e Resíduos [Abrelpe]. (2019). *Panorama 2018/2019*. Acessado em 05 de abril de 2020 em http://abrelpe.org.br/download-panorama-2018-2019/

Barbosa, V. (2016). Quanto lixo os brasileiros geram por dia em cada estado. Tecnologia. *Exame.* Acessado em 12 de fevereiro de 2020 em https://exame.abril.com.br/ tecnologia/quanto-lixo-os-brasileiros-geram-por-dia-em-cada-estado/.

Beltran, M. H. R. (2008). *Humphry Davy e as cores dos antigos.* Acessado em 05 de fevereiro de 2020 em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-40422008 000100033 &script=sci_ arttext.

Boito, C. (2008). *Os Restauradores.* (3ª ed., P. K. Mugayar, & B. M. Kühl, Trad.). B. M. Kühl. Os Restauradores e o Pensamento de Camillo Boito. Cotia, SP: Ateliê Editorial.

Bonomi, M. (2018). Casamento no lixão: Casal celebra união no Lixão da Estrutural, em Brasília. *Folha de São Paulo,* Folhapress, 19 de janeiro de 2018. Acessado em 25 de abril de 2019 em https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/nova/159001421402 1777-casamento-no-lixao#foto-1590014214518170.

Bonzi, R.S. (2003). *Meio século de Primavera silenciosa: um livro que mudou o mundo.* Acessado em https://revistas.ufpr.br/made/article/view/31007/21665, em 06 de setembro de 2020.

Borges, F. (2014). *A favela como ninguém viu*. Cidade Estrutural, DF: Autor.

Borges, F. (2016). *Roda de Memória de 27 de agosto de 2016*. Brasília, DF: Ponto de Memória da Estrutural, Projeto FAC. (Material não publicado).

Borges, J. L. (2011). *Borges, oral & sete noites*. (H. Jahn, Trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Brandi, C. (2004). *Teoria da Restauração.* (B. M. Kühl, Trad.). Cotia, SP: Ateliê Editorial.

Brasil. (1891). *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro. Acessado em 13 de julho de 2020 em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Constituicao/ Constituicao91.htm

Brasil (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. 496 p. Acessado em 13 de julho de 2020 em https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle /id/518231/ CF88_Livro_EC91_ 2016.pdf

Brasil (2010). *Lei nº 12.305, de 02 de agosto de 2010*. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Acessado em 05 de abril de 2020 em http://www2.mma.gov.br/port/ conama/ legiabre.cfm?codlegi=636

Brasil. (2017). *Diário Oficial da União*, Seção 1, n. 174, publicado em 11 de setembro de 2017, p. 6., Institui o Programa Pontos de Memória como política pública do Ibram por meio da Portaria nº 315, de 6 de setembro de 2017. Acessado em 29 de abril de 2019 em http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index. jsp?jornal=1& pagina=6&data=11/09/2017.

Bruno, M. C. O. (Org.). (2010). *Icom/Brasil e o pensamento museológico brasileiro: Documentos selecionados*, 2, p. 23–27. São Paulo, SP: Pinacoteca do Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus.

Britto, C. C. (2019). *Nossa maçã é que come Eva*: a poética de Manoel de Barros e os lugares epistêmicos das museologias indisciplinadas no Brasil. Tese apresentada ao Departamento de Museologia da Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para obtenção do grau de Doutor, orientada pelo Professor Doutor Mário Caneva de Magalhães Moutinho, Lisboa. 223 p. Acessada em 12 de julho de 2020 em http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/9533/Tese%20ULHT %20Vers %C3%A3o%20Final%20Clovis%20Britto.pdf?sequence=1

Canclini, N. G. (1994). O Patrimônio Cultural e a Construção Imaginária do Nacional. In *Revista do Iphan*, (8)2. Acessado em 06 de julho de 2020 em

http://docvirt.com/Hotpage/Hotpage.aspx?bib=Reviphan&pagfis=8429&url=http://docvirt.com/docreader.net#.

Carson, R. (1969). *Primavera Silenciosa.* 2ª ed. São Paulo: Edições Melhoramentos. Acessado em https://biowit.files.wordpress.com/2010/11/primavera_silenciosa_-_rachel_carson_-_pt.pdf em 31 de agosto de 2020.

Carvalho, S. K. P. (2011). *Mensagem aos professores do Curso de Museologia com um breve relato da semana de extensão e em forma de agradecimento*. Brasília, DF. (Material não publicado).

Carvalho, S. K. P. (2015). *Relatório Final III Ceam*. Terceiro relatório do curso de doutoramento em Museologia, apresentado ao Departamento de Museologia da Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.

Carvalho, S. K. P. (2018). Museologia social e direitos humanos: a extensão universitária como exercício de cidadania. In M. B. Magaldi, & C. C. Brito. (Orgs.). *Museus & museologia: Desafios de um campo interdisciplinar*. Brasília, DF: FCI-UnB, p. 157-175.

Carvalho, S. K. P., & Souza, K. (2015, junho). *Museologia social como ferramenta de preservação ambiental*: O caso do lixão da Estrutural. Belo Horizonte, MG. Acessado em 01 maio 2019 em https://even3storage.blob.core.windows.net/anais/60348.pdf

Cavagnari, O. (2004). Curso técnico de pintura mural, (p. 205-206). In Castriota, L. B., & Souza, L. A. C. (Coords.). *Anais do 1º Fórum Brasileiro do Patrimônio Cultural*, Belo Horizonte, Minas Gerais, dezembro 1-3, 2004. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG; Escola de Belas Artes da UFMG.

Cavagnari, O. H. (2019). *Entrevista.* Concedida por telefone à autora desta investigação em 12 de julho de 2019.

Cavalcanti, F. R. (n. d.). *A escolha do Plano Piloto de Brasília.* Acessado em 07 de agosto de 2018 em http://doc.brazilia.jor.br/plano-piloto-Brasilia/escolha-Plano-Piloto-Brasilia.shtml.

Centro Internacional de Estudos para a Conservação e Restauro de Bens Culturais [Icomos]. (1999). *Carta de Burra*. (p. 01-18, A. B. Araújo, Trad.). Acessado em 7 de julho de 2019 em https://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-burra.pdf

Chagas, M. S. (2002, june). Memória e poder: Dois movimentos. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, 19(19), p. 43-81, ISSN 1646-3714. Acessado em 17 de novembro de 2019 em https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosocio museologia/ article/view/367.

Chagas, M. S. (2009). *A imaginação museal: Museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*. Brasília, DF: Ibram.

Chagas, M. S. (2011, fevereiro). Museus, memórias e movimentos sociais. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, n. 41, p. 05-12, ISSN 1646-3714. Acessado em 03 de março de 2019 em http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseo logia/arti cle/view/2654.

Chagas, M. S. (2014). Entrevista de Hugues de varine concedida a Mario Chagas. In *Cadernos do CEOM*, Chapecó, Santa Catarina, 27(41), p. 239-248.

Chagas, M. S. (2015). *III Curso de Estudos Avançados em Museologia (Ceam) da* Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração. Porto Alegre, RS: Museu de Ciências da PUC-RS. (Apontamentos de Aula)

Chagas, M. S. (2017). *Sociomuseologia: Desafios contemporâneos e novos rumos – O papel da formação em Museologia*. VII Seminário de Sociomuseologia, Lisboa, Portugal, fevereiro 3-3, 2017. Lisboa.

Chagas, M. S. (2018). Museu Integral. In Instituto Brasileiro de Musueus [Ibram]. *Caderno da Política Nacional de Educação Museal*, (p. 89-90). Brasília, DF: Ibram & Ibermuseus. Acessado em https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf em 04 de setembro de 2020 .

Chagas, M. S. (2019). *Terracidade.* Rio de Janeiro: Espirógrafo Editorial.

Chagas, M. S., & Gouveia, I. (2014). Museologia social: Reflexões e práticas (à guisa de apresentação). In *Cadernos do CEOM*, Chapecó, Santa Catarina, 27(41), p. 09-22.

Chagas, M. S., Santos, P. A., & Glas, T. (2014). Museologia social em movimento. In *Cadernos do CEOM*, Chapecó, Santa Catarina, 27(41), p. 429-436.

Chagas, M. S., & Rodrigues, M.V. M. (2019). *A função educacional dos museus: 60 anos do seminário Regional da Unesco.* Rio de Janeiro: Museu da República, p.13-15.

Companhia de Planejamento do Distrito Federal [Codeplan]. (2012). *Estudo urbano e ambiental consolidado do Distrito Federal.* Brasília, DF: Autor. Acessado em 03 agosto de 2018 em http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/ 2018/02/Estudo-Urbano -Ambiental-Consolidado-Distrito-Federal.pdf

Companhia de Planejamento do Distrito Federal [Codeplan], & Diretoria de Estudos Urbanos e Ambientais (Deura) (2012). Localização da RA XXV: SCIA/Estrutural no Distrito Federal. (Imagem adaptada para a presente pesquisa). 33 p. Acessado em 15 de julho de 2020 em http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Estudo-Urbano-Ambiental-SCIA-Estrutural.pdf

Companhia de Planejamento do Distrito Federal [Codeplan], Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão [Seplag] & Governo do Distrito Federal [GDF]. (2015). *Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios PDAD*. Brasília, DF: Codeplan. 54 p. Acessado em 07 de junho de 2017 em http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/PDAD-Estrutural.pdf

Companhia de Planejamento do Distrito Federal [Codeplan]. (2017). *Atlas do Distrito Federal*. Brasília, DF: Autor. Acessado em 06 abril de 2019 em http://www. cod eplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/Atlas-do-Distrito-Federal-2017. pdf

Companhia de Planejamento do Distrito Federal [Codeplan]. (2019). *PDAD: Veja os dados da UPT Central Adjacente 2. Brasília, DF*. Acessado em 15 de julho de 2020 em http://www.codeplan.df.gov.br/pdad-veja-os-dados-das-ras-da-upt-central-adjacente-2/.

Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil [Novacap]. (1957). *Brasília*. 1(1). Rio de Janeiro.

Conselho Internacional de Museus – Comitê de Conservação [Icom – CC]. (2008). *Terminology to characterize the conservation of tangible cultural heritage*. Acessado

em 05 de fevereiro de 2020 em http://www.icom-cc.org/ 242/about/terminology-for-conservation/#.XjsG37jJ2Hu.

Cordovil, M. M. (1993). Novos museus novos perfis profissionais. Cadernos de Museologia, Lisboa, n. 01, pp. 21-35. Acessado em 27 de agosto de 2020 em http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/469/372

Costa, T. S. O. (2011). *Participação cidadã: Poder, conquista ou negação? O caso da Estrutural DF.* Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia, orientado pela Professora Doutora Rosângela Azevedo Corrêa, Brasília, DF. 84 p. Acessado em 02 de março de 2020 em http://bdm.unb.br/bitstream/10483/3279/1/2011_TerezinhaSantanade OliveiraCosta.pdf.

Cunha, C. R. (2004, agosto). *A atualidade do pensamento de Cesare Brandi.* Acessado em 26 de fevereiro de 2020 em https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/ resenhasonline/03.032/3181. ISSN 2175-6694.

Cunha, C. R., & Kühl, B. M. (2012, junho). Teoria e método no campo da restauração. In *Revista da USP*, São Paulo, 19 (31). Acessado em 26 de fevereiro de 2020 em http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:nfYH_4Ez0ioJ:revistas.usp.br/posfau/article/viewFile/48070/51836+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl =br&client=firefox-b-d.

Declaração de Estocolmo (1972). Acessado em 06 de setembro de 2020 em https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjghvWe2dnrAhXrILkGHe_YD_kQFjACegQIChAB&url=https%3A%2F%2Fapambiente.pt%2F_zdata%2FPoliticas%2FDesenvolvimentoSustentavel%2F1972_Declaracao_Estocolmo.pdf&usg=AOvVaw2CwvNXHYSHkt5lvAJSKbjc

Dias, A. (2012). *Entrevista*. Concedida à autora desta investigação em 10 de fevereiro de 2012. Estrutural, DF, Chácara Recanto Macaúbas Adonaira.

Dias, A. (2016). *Roda de memória de 10 de setembro de 2016*. Brasília, DF: Ponto de Memória da Estrutural. (Material não publicado).

Elias, I. B. (2007) Aspectos históricos da conservação e restauro de objetos de caráter cultural a partir do século XIX. *Informativo Arquivo Histórico Municipal*. São Paulo, ano 3, n. 14. Acessado em 03 de julho de 2020 em http://www.arquiamigos.org.br/info /info14/i-restauro.htm.

Freire, P. (1971). *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro, RJ: Editora Paz e Terra.

Freire, P. (1989). *A importância do ato de ler* (23ª ed.). São Paulo, SP: Cortez.

Freire, P. (2014a). *Pedagogia do Oprimido* (56ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.

Freire, P. (2014b). *Pedagogia da Tolerância* (4ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.

Freire, P. (2014c). *Pedagogia da Autonomia* (49ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.

Frin, R. (1972). Discurso. In P. A. Santos, J. Nascimento Júnior, & A. Trampe (Orgs.). *Mesa Redonda de Santiago de Chile 1972*. (p. 113-114). Brasília, DF: Ibram & Ibermuseus.

Fromm, E. (1965). *O coração do homem: Seu gênio para o bem e para o mal*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

Froner, Y. A. A. (2016). Constituição da ciência da conservação e a projeção da ciência do patrimônio. *Geonomos,* Belo Horizonte, Minas Gerais, 24(2), p. 30-38. https://10.18285/geonomos.v24i2.838

Gadotti, M. (2009). *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Peirópolis.

Getty Center Institute, Avrami, E., & Mason, R. (Eds.). (2000). *Values and Heritage Conservation*. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, Los Angeles. Acessado em 13 de julho de 2020 em https://www.getty.edu/conservation/publica tions_resources/pdf_publications/pdf/valuesrpt.pdf

Giovannoni, G. (2013). Gustavo Giovannoni: textos escolhidos. In B. M. Kühl (Org.). Observações sobre os Textos de Gustavo Giovannoni. (p. 11-29). Cotia, SP: Ateliê Editorial. Acessado em 04 de julho de 2020 em https://www.academia.edu/30233244/ Gustavo_Giovannoni_e_o_restauro_

Gniss, R. (2010, julho). Erich Fromm: Da psicanálise social à religião humanista. *Revista Espaço Acadêmico,* Maringá, PR, n. 110, ano X, p. 52-61. ISNN 1519-6186.

Gomes, A. L. A. (2011). *Relatório de Extensão 2011*. Brasília, DF. (Material não publicado).

Gomes, A. L. A. (2016). Capacitação realizada no Ponto de Memória da Estrutural. Brasília, DF. (Material não publicado).

Gomes, A. O. (2012). *Aquilo é uma coisa de índio objetos, memória e etnicidade entre os Kanindé do Ceará.* Dissertação apresentada ao Departamento de Antropologia e Museologia do Programa de Pós-graduação em Antropologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do grau de mestre, orientada pelo Prof. Doutor Renato Monteiro Athias, Recife, Pernambuco. 324 p. 2012. Acessada em 13 de julho de 2020 em https://repositorio. ufpe.br/ bitstream/123456789/19110/1/2012-dissertacao-Alexandre Gomes.pdf

Gomes, A. O. (2019). *Museus indígenas, mobilizações étnicas e cosmopolíticas da memória: um estudo Antropológico. é uma coisa de índio objetos, memória e etnicidade entre os Kanindé do Ceará.* Tese de Doutorado apresentada apresentada ao Departamento de Antropologia e Museologia do Programa de Pós-graduação em Antropologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do grau de doutor, orientada pelo Prof. Doutor Renato Monteiro Athias, Recife, Pernambuco. 959 p. 2019. Acessada em 27 de julho de 2020 em https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/36806/1/TESE%20Alexandre%20Oliveira%20Gomes.pdf

Gomes, A. O. (2020). *Entrevista.* Concedida por telefone à autora desta investigação em 14 de fevereiro de 2020.

Gouveia, I. (2010a). Projeto Desenvolvimento Institucional e Técnico-operacional para ampliação e consolidação de projetos relacionados à Memória Social no Brasil. *Produto 2: Registro do processo de concepção do Projeto Pontos de Memória desde a sua proposição no âmbito do Pronasci*. Brasília, DF: MinC/Ibram/OEI. (Manuscrito não publicado).

Gouveia, I. (2010b). Projeto Desenvolvimento Institucional e Técnico-operacional para ampliação e consolidação de projetos relacionados à Memória Social no Brasil. *Produto 5: Relatório analítico das oficinas realizadas com as comunidades envolvidas nos Pontos de Memória.* Brasília, DF: MinC/Ibram/OEI. (Manuscrito não publicado).

Gouveia, I. (2011). *Produto 7: Relatório de sistematização e registro das estratégias e processos testados no âmbito da implementação do projeto Pontos de Memória, contendo plano de registro de memória das próximas ações.* Brasília, DF: MinC/Ibram/OEI. (Manuscrito não publicado).

Governo do Distrito Federal [GDF]. (2012). Diário Oficial do Distrito Federal, ano XLII, suplemento ao n. 211, publicado em 11 de setembro de 2012. 49 p. Acessado em 15 de julho de 2020 em http://www.seduh.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2017/09/lc_854_15102012.pdf.

Granato, M., & Campos, G. do N. (2013). *Teorias da conservação e desafios relacionados aos acervos científicos*. Acessado em 4 de julho de 2020 em https://journals .openedition.org/midas/131.

Greentec Tecnologia Ambiental. (2012). *Plano de Manejo ARIE da Vila Estrutural*. Brasília, DF: Autor. Acessado em 04 de setembro de 2019 em http://www.ibram.df. gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Plano_de_Manejo_ ARIE_Estrutural.pdf.

Ibermuseus. (2020). *Declaratória de Oaextepec 1984*. Acessado em http://www.ibermuseos.org/pt/recursos/documentos/declaratoria-de-oaxtepec-1984/ em 04 de setembro de 2020.

Instituto Brasileiro de Museus [Ibram] & Ponto de Memória da Estrutural (2010). *Exposição e lançamento do Ponto de Memória da Estrutural*. Brasília, DF: Ibram. (Material não publicado).

Instituto Brasileiro de Museus [Ibram]. (2011). *Prêmio Pontos de Memória*. Acessado em 09 de julho de 2020 em https://www.museus.gov.br/premio-pontos-de-memoria/

Instituto Brasileiro de Museus. [Ibram]. (2013). *Pontos de Memória*: *Conheça o programa.* Acessado em 07 de abril de 2019 em http://www.museus.gov. br/pontos-de-memoria-conheca-o-programa/.

Instituto Brasileiro de Museus [Ibram] & Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura [OEI]. (2016). *Pontos de memória: metodologia e práticas em museologia social*. Brasília, DF: Phábrica.

Instituto Brasília Ambiental [Ibram]. (2018). *ARIE da Vila Estrutural*. Brasília, DF: Autor. Acessado em 31 de agosto de 2019 em http://www.ibram.df.gov.br/arie-da-vila-estrutural/.

Instituto EcoDesenvolvimento [ECOD]. (n. d.). *EcoD Básico: Economia Solidária.* Salvador, BA. Acessado em 23 de abril 2019 em http://www.ecodesenv olvimento.org/posts/2012/maio/ecod-basico-economia-solidaria

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [Iphan]. (1931). Carta de Atenas de 1931. Acessado em 12 de julho de 2020, em http://portal.iphan.gov.br /uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201931.pdf

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [Iphan]. (2014a). Cartas Patrimoniais. *Carta de Veneza 1964*. Acessado em 07 de julho de 2019 em http://portal.Iphan. gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [Iphan]. (2014b). Cartas Patrimoniais. *Conferência de Nara 1994*. Acessado em 07 de julho de 2019 em http://portal.Iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Conferencia%20de%20Nara%2 01994.pdf.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [Iphan]. (2014c). Cartas Patrimoniais. *Carta de Fortaleza 1997*. Acessado em 09 de outubro de 2019 em http://portal. Iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Fortaleza%201997.pdf.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [Iphan]. (2014d). *Inventário Nacional de Referências Culturais 2000*. Acessado em 17 de outubro de 2019 em http://portal.Iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Manual_do_INRC.pdf

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira [Inep] (n. d.) *Mapa do analfabetismo no Brasil*. Acessado em 29 set 2019 em http://portal.inep.gov.br/ informacao-da-publicacao/-/asset_publisher/6JYIsGM AMkW1/document/id/485756.

Itamaracá, L. (2009) Minha ciranda. In L. Gaspar. *Lia de Itamaracá*. Recife, PE: Fundação Joaquim Nabuco. Acessado em 15 de julho de 2020 em http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=a rticle&id=317&Itemid=191

Jesus, M. A. T. (2016). *Relatório de Inventário Participativo sobre Cultura e Memória na Estrutural DF*. (Não publicado).

Jesus, M. A. T (2017). *Entrevista*. Concedida à autora desta investigação em 29 de abril de 2017. Brasília, DF.

Jesus, M. A. T (2018). *Entrevista.* Concedida à autora desta investigação em 06 de outubro de 2018. Brasília, DF.

Jesus, M. A. T (2019). *Roda de memória e reunião com os gestores do Ponto de Memória da Estrutural* em 16 de julho de 2019. Brasília, DF. (Material não publicado).

Jesus, M. A. T (2019). *Roda de memória e reunião com os gestores do Ponto de Memória da Estrutural* em 23 de dezembro de 2019. Brasília, DF. (Material não publicado).

Jesus, M. C. de. (2014). *Quarto de despejo*. São Paulo, SP: Ática.

Kellert, S. R. (1993a). Introdução. In S. R. Kellert, & O. S. Wilson (Eds.). *The Biophilia Hypothesis.* Washington, D. C.: Island Press. p. 20-30.

Kellert, S. R. (1993b). *Part One Clarifying the Concept.* In S. R. Kellert, & O. S. Wilson. *The Biophilia Hypothesis.* Washington, D. C.: Island Press. p. 31-40.

Kellert, S. R. (1993c). The Biological Basis for Human values of Nature. In S. R. Kellert, & O. S. Wilson. *The Biophilia Hypothesis.* Washington, D. C.: Island Press. p. 42-72.

Kellert, S. R., & Wilson, O. S. (1993d). *The Biophilia Hypothesis.* Washington, D. C.: Island Press.

Kolody, H. (1997). Sinfonia da vida: Antologia poética com depoimentos da poeta. In T. H. Rezende (Org.). Curitiba: Pólo Editorial do Paraná, 1997.

Kolody, H. (2012). *Helena Kolody*. Curitiba, PR. Acessado em 15 de julho de 2020 em http://helena-kolody.blogspot.com/2012/09/arco-iris.html.

Krčmářová , J. E.O. Wilson's concept of biophilia and the environmental movement in the USA. In *Klaudyán: Internet Journal of Historical Geography and Environmental History.* Volume 6/2009, No. 1–2, pp. 4–17. Acessado em https://www.researchgate.net/publication/303961317_EO_Wilson%27s_concept_of_biophilia_and_the_environmental_movement_in_the_USA . 06 de setembro de 2020

Kühl, B. M. (2006). *Violette-le-duc e o Verbete Restauração*. In Viollet-le-Duc, E. E. Restauração. (3ª ed., B. M. Kühl, Trad.). Cotia, SP: Ateliê Editorial.

Kühl, B. M. (2008). *Os Restauradores e o Pensamento de Camillo Boito. In Boito*, C. Os Restauradores. (3ª ed., P. K. Mugayar, & B. M. Kühl, Trad.). Cotia, SP: Ateliê Editorial.

Kühl, B. M. (2010). Notas sobre a Carta de Veneza. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo. 18(2), p. 287-320. jul.-dez. Acessado em 4 de julho de 2020 em https://www.scielo .br/pdf/anaismp/v18n2/v18n2a08.pdf.

Kühl, B. M. (Org.). (2013). Observações sobre os Textos de Gustavo Giovannoni, (p. 11-29). In Giovannoni, G. Gustavo Giovannone: textos escolhidos. Cotia, SP: Ateliê Editorial. Acessado em 04 de julho de 2020 em https://www.academia.edu/3023 3244/ Gustavo_Giovannoni_e_o_restauro_

Le Goff, J. (1990). *História e Memória*. (B. Leitão, Trad.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP. (Original publicado em 1988). Acessado em 21 de setembro de 2015 em http://memorial.trt11.jus.br/wpcontent/uploads/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf.

Luiz, G. (2018). Fechamento do lixão da Estrutural: Veja o novo caminho do lixo que você joga. In *G1 Distrito Federal*. Acessado em 07 de agosto de 2018 em https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/fechamento-do-lixao-da-estrutu ral-veja-o-novo-caminho-do-lixo-que-voce-joga.ghtml. Publicado em 20 de janeiro de 2018.

Mariposa Cartonera. (n. d.). *Fenômeno Cartonero: Uma onda mundial*. *Entenda o fenômeno editorial que ressignificou a forma de fazer circular a literatura*. Acessado em 21 de março de 2018 em http://www.mariposacartonera.com/site/movimento-cartonero/.

Marques, M. (2018a). *Catadores do DF se casam no lixão da Estrutural*. Acessado em 25 de abril de 2019 em https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/catadores-do-df-se-casam-no-lixao-da-estrutural-veja-fotos.ghtml.

Marques, M. (2018b). *Lixão da Estrutural: Um retrato do maior depósito de lixo da América Latina*. Acessado em 24 de abril de 2019 em https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/lixao-da-estrutural-um-retrato-do-maior-deposito-de-lixo-da-america-latina.ghtml

Martinho, R. (2018). *Ameaça do chorume nos aterros e lixões*. Acessado em 23 de janeiro de 2020 em https://www.sharewater.com.br/pt/a-ameaca-do-chorume-nos-lixoes-e-aterros-sanitarios/

Martins, N. B. (2006). *Resolução Alternativa de Conflito:* Complexidade, caos e pedagogia, o contemporâneo continuum do Direito. Curitiba, PR: Juruá.

Mesa de Santiago de Chile. (1972). Resoluções. In P. A. Santos, J. Nascimento Júnior & A. Trampe (Orgs.). *Mesa Redonda de Santiago de Chile 1972*. Brasília, DF: Ibram & Ibermuseus.

Ministério da Cultura [MinC], & Instituto Brasileiro de Museus [Ibram]. (2010). *Plano Nacional Setorial de Museus 2010-2020*. Brasília, DF: MinC/Ibram.

Ministério da Cultura [MinC]. (2007). Política Nacional de Museus. In J. Nascimento Júnior, &, M. de S. Chagas (Orgs.). *Política Nacional de Museus*. Brasília, DF, Brasil: MinC. 184 p. Disponível em https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/01/politica_nacional_museus.pdf

Ministério do Meio Ambiente. (n. d.). *Catadores de Materiais Recicláveis.* Disponível em http://www.mma.gov.br/cidades-sustentaveis/residuos-solidos/catadores-de-materiais-reciclaveis. Acessado em 24 de abril de 2019.

Ministério do Trabalho. (n. d.). *Classificação Brasileira de Ocupações*. Acessado em 24 de abril de 2019 em http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/ pesquisas/Busca PorTitu loResultado.jsf.

Morin, E. (2007). *Introdução ao Pensamento Complexo.* Porto Alegre, RS: Editora Sulina.

Morin, E. (2014). *Ciência com consciência.* Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil.

Moutinho, M. C. (1993). Sobre o conceito de Museologia Social. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, 1(1), p. 07-09. Acessado em 15 de junho de 2017 em http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/467

Moutinho, M. C. (1994). A construção do objecto museológico. *Cadernos de Sociomuseologia,* Lisboa, 4(4), p. 07–59. Acessado em 10 dezembro 2014 em http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/244/153

Moutinho, M. C. (1995). A Declaração de Quebec (1984). *In* M. C. O. Bruno. (Org.). *O Icom-Brasil e o pensamento museológico brasileiro: Documentos selecionados*, v. 02, p.

52–57. São Paulo: Pinacoteca do Estado da Cultura, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus.

Moutinho, M. C. (2015). *III Curso de Estudos Avançados em Museologia (Ceam)* da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração. Porto Alegre, RS: Museu de Ciências da PUC-RS. (Apontamentos de aula)

Moutinho, M. C. (2017). MINOM: 30 anos de Museologia em favor dos Direitos Humanos. *Cadernos de Sociomuseologia*, 54(10). Acessado em 27 de agosto de 2020 em https://doi.org/10.36572/csm.2017.vol.54.07

Movimento Internacional para uma Nova Museologia [MINOM], & Conselho Internacional de Museus [ICOM] (2015). Declaração de Moura. XXII Jornadas sobre a função social do museu: 40 anos depois de abril: que cidadania? Que Museologia? *Cadernos de Sociomuseologia,* Lisboa, n. 05, pp. 149-151. Acessado em http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/5232/3372 em 27 de agosto de 2020.

Movimento Internacional para uma Nova Museologia [Minom], & Conselho Internacional de Museus [Icom]. (2018). *Declaración de Bogotá*. XIX Conferência Internacional del Minom, II Cátedra Latinoamericana de Museología y Gestión del Patrimonio Cultural, I Jornada Latinoamericana de Museología Social. Acessado em 06 de maio de 2020 em http://www.minom-icom.net/files/declaracion_de_bogota_minom_2018.pdf.

Movimento Internacional para uma Nova Museologia [Minom]. (2013). *Declaração do Rio: Museologia do Afeto.* XV Conferência Internacional do Movimento Internacional para uma Nova Museologia. Acessado em 14 de maio de 2020 em http://www.minom-icom.net/files/declaracao-do-rio-minom.pdf

Movimento Internacional para uma Nova Museologia [Minom]. (2014). *Declaracion de La Habana.* XVI Conferência Internacional do Movimento Internacional para uma Nova Museologia. Acessado em 3 de junho de 2020 em http://www.minom-icom.net/16th-international-conference-minom-icom-hava na-cuba-6-11-oct-2014

Movimento Internacional para uma Nova Museologia [Minom]. (2016). *Missiva de Nazaré: Memória Acesa.* XVII Conferência Internacional do Minom. Acessado em 14 de maio de 2020 em http://www.minom-icom.net/files/minom-nazareth-3missiva.pdf

Movimento Internacional para uma Nova Museologia [Minom]. (2016). *Declaração de Córdoba.* XVIII Conferência Internacional do Minom. Acessado em 08 de setembro de 2020 em https://ecomuseus.wordpress.com/minom-conferencias-internacionais/declaracion-de-cordoba/

Movimento Internacional para uma Nova Museologia [Minom]. (n. d.). *Cronologia MINOM Geral*. *131 p.* Acessado em 24 de julho de 2020 em http://www. museologia-portugal.net/files/upload/mestrados/ana_mercedes_2.pdf

Muñoz-Viñas, S. (2012). Contemporary theory of conservation. *Journal Contemporary Theory of Conservation,* [Estados Unidos], v. 47. p. 25-34. Acessado em 5 de fevereiro de 2020 em https://www.researchgate.net/publication/283234670 _Contemporary_theory_of_conservation.

Museu de Cultura Periférica (2016). Etapa 2: Ações Museais. In Instituto Brasileiro de Museus [Ibram] & Organização dos Estados Ibero-americanos [OEI]. *Pontos de memória: Metodologia e Práticas em Museologia Social*. Brasília, DF: Phábrica.

National Trust. (2016). *Restoring Hinemihi at Clandon Park*. Acessado em 02 de dezembro de 2019 em https://www.nationaltrust.org.uk/clandon-park/features /restoring-hinemihi-at-clandon-park

Nicolescu, B. (1999). *O Manifesto da Transdisciplin*aridade. São Paulo: TRIOM.

Noleto, D. (2011). *Relatório Descritivo e Analítico: Produto 2*. Brasília, DF: MinC/Ibram/OEI. (Manuscrito não publicado).

Noleto, D. (2013). *Relatório Descritivo e Analítico: Produto 3.* Brasília, DF: MinC/Ibram/OEI. (Manuscrito não publicado).

Noleto, D. (2019). *Entrevista*. Concedida a autora da investigação em 13 de novembro de 2019.

Nora, P. (1993). *Entre Memória e História: A problemática dos lugares*. (Y. A. Khoury, Trad.). Projeto História 10, v. 10. São Paulo, SP: PUC-SP.

Novaes, C.E. (1992). Apresentação. In Anais 1. Encontro Internacional de Ecomuseus. Rio de Janeiro, RJ.

Nunes, C., & Evangelista, M. J. (Org.). (2015). Obra resumida: Poesia, vol. 01. Brasília, DF: Centro Editorial. 270 p.

Oliveira, A. C. (n. d.). *Biografia de Carlos Rodrigues Brandão*. Acessado em 12 de maio de 2020, https://vaiquecolaprasempre.wordpress.com/2015/09/07/biografia-de-carlos-rodrigues-brandao-ana-caroline-de-oliveira/

Oliveira, C. M. (2016). Apresentação. In Instituto Brasileiro de Museus [Ibram] & Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura [OEI]. *Pontos de memória: Metodologia e Práticas em Museologia Social*. Brasília, DF: Phábrica.

Oliveira, L. L. (n. d.). *O Brasil de JK: Brasília, a meta-síntese: 50 anos em 5: O Plano de Metas*. In Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporâneas do Brasil [CPDOC] da Fundção Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ. Acessado em 06 de agosto de 2018 em https://cpdoc.fgv.br/ producao/dossies/JK/artigos /Brasilia/Meta-sintese.

Oliveira, T.B.M.P. (2015). Apropriações e invenções: a experiência dos museus comunitários do México (1958/1993). Dissertação. Orientação Zita Rosane Possamai. Acessado em 31 de agosto de 2020 em https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/117822/000968689.pdf?sequence=1

Oliveira, T. C. S. (2016). *Rede Social da Estrutural: Uma reflexão à luz da teoria social crítica sobre o prisma da relação entre Estado e sociedade*. Dissertação apresentada ao Instituto de Ciências Humanas, do Departamento de Serviço Social da Universidade de Brasília para obtenção do grau de mestre, orientada pelo Prof. Doutor Perci Coelho de Souza, Brasília, DF. 183 p. Acessada em 02 de setembro de 2019 em http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/21321 /1/2016_Tha%c3%adsCarolineSenadeOliveira.pdf

Organização das Nações Unidas [ONU]. Página inicial. Acessado em https://nacoesunidas.org/acao/meio-ambiente/ em 06 de setembro de 2020.

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura [Unesco]; & Conselho Internacional de Museus [Icom]. (1958). *Papel Educativo dos Museus.* Seminário Regional da Unesco e Icom, Rio de Janeiro, 1958. Rio de Janeiro.

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura [Unesco]. (2017). *Recomendação referente à proteção e promoção dos museus e coleções, sua diversidade e seu papel na sociedade*. Acessado em 21 de fevereiro de 2020 em https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000247152.

Ostrower, F. (2008). *Criatividade e processo de criação*. Petrópolis: Vozes.

Paraná Portal. (2018). *Pintura histórica em museu curitibano e restaurada por mulher vítimas de violência*. Curitiba, PR. Acessado em 14 de julho de 2019 em https://paranaportal.uol.com.br/gente/pintura-historica-em-museu-curitibano-e-reataurada-por-mulheres-vitimas-de-violencia/

Paviani, A. (2007). Geografia Urbana do Distrito Federal: Evolução e Tendências. In *Espaço & Geografia*, Brasília, DF, 10(1), p. 01-22. Acessado em 02 de abril de 2020 em https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9572/1/ARTIGO_Geog rafiaUrbanaDistritoFederal.pdf

Pereira, M. R. N. (2015). Museologia Social e sociologia das ausências no contexto da amazônia brasileira: Uma aproximação teórica. *Cadernos de Sociomuseologia: Novos desafios para a Museologia Social,* Lisboa, 50(6), p. 05-35. Acessado em 01 de abril de 2020 em https://revistas. ulusofo na.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/673

Pereira, M. R. N. (2018). *Museologia Decolonial: Os Pontos de Memória e a insurgência do fazer museal*. Tese apresentada ao Departamento de Museologia da Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para obtenção do grau de Doutor orientada pelo Professor Doutor Mario de Souza Chagas, Lisboa. 286 p. Acessada em 01 de abril de 2020 em http://www.museologia-portugal.net/projectos-de-investigacao/teses-doutoramento-phd-3o-ciclo-concl uidas.

Pinheiro, M. L. B. (2008). John Ruskin e as Sete Lâmpadas da Arquitetura: Algumas Repercussões no Brasil. In Ruskin, J. A lâmpada da memória. (M. L. B. Pinheiros, Trad.). Cotia, SP: Ateliê Editorial.

Pinheiro, R. (2016). Diagnósticos da desigualdade. *Correio Braziliense*, n. 19.221, Cidades, p. 20. Acessado em 27 de fevereiro de 2019 em http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/519636/noticia.html?sequence=1.

Ponto de Memória da Estrutural. (2011). *Exposição Movimentos da Estrutural: Luta, Resistência e Conquista*. Estrutural, DF, Brasil. (Manuscrito não publicado)

Ponto de Memória da Estrutural. (2012). *Exposição Movimentos da Estrutural: A Mulher e a cidade.* Estrutural, DF, Brasil. (Manuscrito não publicado)

Ponto de Memória da Estrutural. (2014). Luta, resistência e conquista: Uma experiência museal na cidade Estrutural. *In Cadernos do CEOM*, Chapecó, Santa Catarina, 27 (41), p. 373-388. Acessado em http://pegasus.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/168 em 27 de agosto de 2020

Ponto de Memória da Estrutural (2016). Etapa 4: Produtos de Difusão. In Instituto Brasileiro de Museus [Ibram] & Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura [OEI]. *Pontos de memória: Metodologia e Práticas em Museologia Social*. Brasília, DF: Phábrica.

Ponto de Memória da Estrutural. (2018). C*atálogo do Inventário Participativo sobre Cultura e Memória na Estrutural DF*. Estrutural, DF, Brasil.

Ponto de Memória da Lomba do Pinheiro (2016). Etapa 3: Inventário Participativo. In Instituto Brasileiro de Museus [Ibram] & Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura [OEI]. *Pontos de memória: Metodologia e Práticas em Museologia Social*. Brasília, DF: Phábrica.

Prema, V. D. (2018). *Roda de Memória com o Monge Diogo Prema* em em 10 de fevereiro de 2018 no Ponto de Memória da Estrutural. Brasília, DF: Ponto de Memória da Estrutural. (Material não publicado).

Primo, J. (1999). Museologia e patrimônio: Documentos fundamentais. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, 15(15), p. 05-14. Acessado em 04 de abril de 2019 em http://revistas. ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/32.

Primo, J. (1999, junho). Pensar contemporaneamente a museologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, 16(16), p. 05-38, ISSN 1646-3714. Acessado em 04 de

abril de 2019 em http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/350.

Primo, J. (2006). Museologia e Design na construção de objectos comunicantes. *Revista Caleidoscópio* (Edições Universitárias Lusófonas), Lisboa, (7), p. 109-115.

Primo, J. (2007). Documentos básicos de museologia: Principais conceitos. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, 28(28), p. 117-133. Acessado em 01 de abril de 2020 em https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/vie w/517.

Programa de Cooperação Ibero-americano para Museus. [Ibermuseus]. (2007). Declaração da Cidade de Salvador. Acessado em 14 de janeiro de 2020 em http://www.ibermuseus.org/wp-content/uploads/2014/09/Declaracion-de-Salva dor_POR.ESP_.pdf

Rodrigues da Cruz, M. (2016). *Cadernos de Psicofonias de 2015.* Curitiba, PR: Eslética.

Rodrigues da Cruz, M. (1993). *Museu Reflexões*. Curitiba, PR: Secretaria de Estado da Cultura.

Ruskin, J. (2008). *A lâmpada da memória.* (M. L. B. Pinheiros, Trad.). In M. L. B. Pinheiro. John Ruskin e as Sete Lâmpadas da Arquitetura - Algumas Repercussões no Brasil. Cotia, SP: Ateliê Editorial.

Rodrigues da Cruz, M. (2010). *Cadernos de Psicofonias de 2009.* Curitiba, PR: Eslética.

Rosa, S. (2016). *Roda de Memória de 27 de agosto de 2016*. Brasília, DF: Ponto de Memória da Estrutural, Projeto FAC. (Material não publicado).

Rosa, S. (2017). *Entrevista*. Concedida à autora da investigação em 23 de dezembro de 2017. Brasília, DF. (Material não publicado).

Salgueiro, W. (2016). *Rascunho sob a pele das palavras*. Acessado em 25 de abril de 2019 em http://rascunho.com.br/o-bicho-de-manuel-bandeira/

Sampaio, C. (2018). *Mulheres vítimas de violência, restauração*. Curitiba, PR: Imax Digital. Acessado em 14 de julho de 2019 em http://www.clinicaimax.com.br/?p=1628.

Sant'Anna, Chico. (2019). Grileiros atacam novamente na Estrutural: Neste domingo (13/1). *Gama Livre*. Brasília, DF. Acessado em 30 de novembro de 2019 em https://www.gamalivre.com.br/2019/01/grileiros-atacam-novamente-

na.html.Santana, M. (2018). *Entrevista*. Concedida à autora desta investigação em 3 de março de 2018. Ponto de Memória da Estrutural, DF.

Santos, C. S. (2014). *Área de risco ou área de rico: Teorias sobre política, direito e respeito na cidade Estrutural*. Tese apresentada ao Instituto de Ciências Sociais do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília para obtenção do grau de doutora, orientada por Marcelo Carvalho Rosa, Brasília, DF. 200 p. Acessada em 26 de março de 2018 em http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/16674/1/2014CarolineSoaresSantos.pdf.

Santos, F. (2018). Entrevista. Concedida para a autora desta investigação em 9 de abril de 2018. Brasília, DF.

Santos, J. K. C., & Jesus, M. A. T. (2012). *Criminalização dos movimentos de luta por direitos na cidade Estrutural na perspectiva de gênero*. Brasília, DF: Universidade Católica de Brasília.

Santos, L. M. P., Carneiro, F. F., Hoefel, M. G. L., Santos, W., Montalvão, A. C. S., Nascimento, D. S., & Vedana, V. I. (2012). *Integração ensino, pesquisa e extensão na avaliação das condições de vida, trabalho e saúde em família de catadores de lixo*. Acessado em 27 de fevereiro de 2019 em http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12068/1/ARTIGO_IntegracaoEnsinoPesquisaExtensao.PDF.

Santos, M. C. (1993). *Repensando a ação cultural e educativa dos museus.* Salvador, BA: Centro Editorial e Didático da UFBA.

Santos, M. C. T. M. (1996). Construindo um processo metodológico. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, 7(7), p. 135-146, ISSN 1646-3714. Acessado em 02 de agosto 2020 em https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/24

Santos, M. C. T. M. (1996, junho). Processo Museológico e Educação. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, 7(7), p. 11-22, ISSN 1646-3714. Acessado em 18 de janeiro de 2020 em https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/24.

Santos, M. C. T. M. (2002). Reflexões sobre a Nova Museologia. *Cadernos De Sociomuseologia*, 18(18). Acessado em de

https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/363 em 04 de setembro de 2020.

Santos, P. A. (2012). A Mesa de Santiago para pensar no futuro. In P. A. Santos, J. Nascimento Júnior & A. Trampe (Orgs.). *Mesa Redonda de Santiago de Chile 1972*, p. 151-151. Brasília, DF: Ibram & Ibermuseus.

Seminário Regional da Unesco sobre a Função Educativa dos Museus (1958). In M. C. O. Bruno. (Org.). Icom/Brasil e o pensamento museológico brasileiro: documentos selecionados, p. 29. São Paulo: Pinacoteca do estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus.

Silva, A. G. (2012). *A menina e o rio*. Brasília, DF: Editora Abadia Catadora.

Silva, A. G. (2017). *Entrevista*. Concedida à autora desta investigação em 28 de dezembro de 2017. Brasília, DF.

Silva, A. G. (2019). Apresentação. In H. Moura. Lado a lado. Brasília, DF: Editora Abadia Catadora.

Silva, A. G. (2019a). *Entrevista.* Concedida à autora desta investigação em 30 de abril de 2019. Brasília, DF.

Silva, A. G. (2019b). *Entrevista*. Concedida à autora desta investigação em 31 de agosto de 2019. Brasília, DF.

Silva, A. G. (2020). *Entrevista*. Concedida à autora desta investigação em 14 de fevereiro de 2020. Brasília, DF.

Silva, L. R. (2019c). *Entrevista*. Concedida à autora desta investigação em 15 de setembro de 2019. Belo Horizonte, MG.

Silva, S. B. (n. d.). *O Brasil de JK: Brasília, a meta-síntese: 50 anos em 5: O Plano de Metas*. In Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporâneas do Brasil [CPDOC] da FundçãoGetúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ. Acessado em 06 de agosto de 2018 em https://cpdoc.fgv.br/ producao/dossies/JK/artigos/ Brasilia/Meta-sintese.

Singer, P. (2018). Economia solidária se aproxima das origens do socialismo. *In Carta Capital*, de 17 de abril. Acessado em 22 de abril de 2019 em

https://www.cartacapital.com.br/blogs/brasil-debate/Paul-Singer-Economia-solidaria-se-aproxima-da-origens-socialismo/

Singer, P. (2018). O que é economia solidária, foco de estudo e ação de Paul Singer. *In Nexo Jornal*, São Paulo, SP, de 17 abril. Acessado em 22 de abril de 2019 em https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/04/17/O-que-%C3%A9-economia-solid%C3%A1ria-foco-de-estudo-e-a%C3%A7%C3%A3o-de-Paul-Singer

Sistema Estadual de Museus RS (2002). *Carta de Rio Grande*. Documento publicado no Relatório de Gestão do Sistema Estadual de Museus/RS. Estado da Participação Popular. Período de 1999 a 2002, p. 14. Acessado em 05 de abril de 2019 em https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:kAgviI6YcoJ:https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/download/4948/3712+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-d.

Smithsonian Institution Archives. (n. d.). *John Kinard*. Acessado em 26 de fevereiro de 2019 em https://siarchives.si.edu/history/featured-topics/African-Americans /john-kinard

Souza, N. H. B., Machado, M. S., & Jaccoud, L. B. (1996). Taguatinga: Uma história candanga. In A. Paviani (Org.), *Brasília: Moradia e exclusão*. Brasília, DF: Editora UnB, p. 53-79.

Stumpf, R., & Santos, Z. M. (1996). Habitação: Novos enfoques e perspectivas. In A. Paviani (Org.), *Brasília: Moradia e exclusão*. Brasília, DF: Editora UnB, p. 27-52.

Sully, D. (2003). Conservation in context: A Maori meeting house in Surrey. *Archaeology International*, London, n. 7, p.53–56. http://doi.org/10.5334/ai.0714

Sully, D. (2007). *Decolonising Conservation: Caring for Maori meeting Houses outside New Zealand*. California, USA: Left Coast Press; Walnut Creek.

Sully, D. (2013). *Conservation Theory and Practice: Materials, Values, and People in Hewritage Conservation*. Acessado em 12 de julho de 2020 em https://doi.org/10.1002/9781118829059.wbihms988

Thiollent, M. (1998). Maio de 1968 em Paris: Testemunho de um estudante. *Tempo Social*: Revista de Sociologia da USP, São Paulo, p. 63-100. Acessado em 07 de abril de 2019 em https://doi.org/10.1590/ts.v10i2.86781.

Thiollent, M. (2007). *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo, SP: Cortez.

Toledo, W. T. (2013). *Projeto desenvolvimento institucional e técnico-operacional para ampliação e consolidação de projetos relacionados a memória social no Brasil.* Brasília, DF: MinC/Ibram/OEI. (Manuscrito não publicado)

Toral, H. C. (1992). *Tema 1 Museus, Cultura e Desenvolvimento Sustentado.*In Anais 1. Encontro Internacional de Ecomuseus, (p. 7- 25). Rio de Janeiro, RJ.

Toral, H. C. (1995). *O Icom-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro: documentos selecionados*. In M. C. O. Bruno (Coord.) Seminário Regional da Unesco sobre a Função Educativa dos Museus, (p. 23-27), Rio de Janeiro, RJ.

Trampe, A. (2012). Recuperando um tempo perdido. In P. A. Santos, J. Nascimento Júnior, & A. Trampe (Orgs.), *Mesa Redonda de Santiago de Chile 1972*. (p. 103). Brasília, DF: Ibram & Ibermuseus.

Ulrich, R. S. (1993). Biophilia, Biophobia, and Natural Landscapes. In S. R. Kellert, & O. S. Wilson. *The Biophilia Hypothesis* (cap. 3, p. 73-137). Washington, D. C.: Island Press.

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias [ULHT]. (1999). Declaração de Quebec, princípios de base de uma nova museologia 1984. *Cadernos de Sociomuseologia,* Lisboa, 15(15), p. 223-225. Acessado em 12 de julho de 2018 em http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernos ociomuseologia /article /view/342

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias [ULHT]. (2017). Questões contemporâneas da Sociomuseologia*, Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, 54(10), p. 01-01. Acessado em 03 de fevereiro de 2020 em https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/703 urbano.

Varine, H. de B. (1972). Discurso: A importância e o desenvolvimento dos museus no mundo contemporâneo. In P. A. Santos, J. Nascimento Júnior & A. Trampe (Orgs.). *Mesa Redonda de Santiago de Chile 1972*. (p. 114). Brasília, DF: Ibram & Ibermuseus.

Varine, H. de B. (1979). *Os museus no mundo*. Rio de Janeiro, RJ: Salvat Editora do Brasil S. A.

Varine, H. de B. (1984). A museologia se encontra com o mundo moderno. In P. A. Santos, J. Nascimento Júnior & A. Trampe (Orgs.). *Mesa Redonda de Santiago de Chile 1972*. (p. 142). Brasília, DF: Ibram & Ibermuseus.

Varine, H. de B. (2012). *As raízes do futuro: O patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. Porto Alegre, RS: Editora Medianiz.

Varine, H. de B. (2012a). Em torno da Mesa Redonda de Santiago. Minhas lembranças da aventura de Santiago. In P. A. Santos, J. Nascimento Júnior & A. Trampe (Orgs.). *Mesa Redonda de Santiago de Chile 1972*. (p. 143-144). Brasília, DF: Ibram & Ibermuseus.

Varine, H. de B. (2014). O museu comunitário como processo continuado. *Cadernos do CEOM*, Chapecó, Santa Catarina, 27(41), p. 25-35.

Varnhagen, F. A. (1877). *A Questão da Capital: Marítima ou no interior?*. Rio de Janeiro, RJ: Oficinas Gráficas do Archivo Nacional; [S. l.]: Vienna D'Áustria: Imp. do Filho de Carlos Gerold. 42 p. (Publicação de 21 dez. 1935). Disponível em https://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/35003. Acessado em 24 de fevereiro de 2020.

Viegas, M. (2018). *O lixo imaginário e o lixo real*. Acessado em 25 de abril de 2019 em http://maranhaoviegas.blogspot.com/2018/01/o-lixo-imaginario-e-o-amor-real. html.

Vieira Neto, J. P. (2013). *Projeto desenvolvimento institucional e técnico: Operacional para ampliação e consolidação de projetos relacionados a Memória Social no Brasil.* Brasília, DF: MinC/Ibram/OEI.

Viollet-le-Duc, E. E. (2006). *Restauração.* (3ª ed., B. M. Kühl, Trad.). In B. M. Kühl. Violette-le-duc e o Verbete Restauração. Cotia, SP: Ateliê Editorial.

Wikipédia, a enciclopédia livre. (2019). *Paul Singer: Biografia*. Flórida: Wikimedia Foundation. Acessado em 23 de abril de 2018 em https://pt.Wikipedia.org/ w/index.php?title=Paul_Singer&old id=5 6237932

Wikipédia, a enciclopédia livre. (2020). Kurt Lewin*: Biografia*. Flórida: Wikimedia Foundation. Acessado em 02 de agosto de 2020 em https://pt.wikipedia.org/ wiki/Kurt_Lewin

Wilson, E. O. (1984). *Biophilia: The human bond with other species*. Washington, D. C.: Library of Congress.

Wilson, E. O. (1993). Biophilia and the conservation ethic. In S. R. Kellert, & O. S. Wilson. *The Biophilia Hypothesis* (cap. 1, p. 31-41). Washington, D. C.: Library of Congress.

Wilson, E. O. (2008). *A Criação: Como salvar a vida na terra.* São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Wong, W. H. (n. d.) *Participatory Heritage Conservation and Sustainable Development.* Acessado em 26 de junho de 2020 em https://www.academia.edu/37594632/ Participatory_Heritage_Conservation_and_Sustainable_Development.

Zanatta, A. A., Santos-Junior, R. J.; Perini, C. C., & Fischer, M. L. (2019). Biofilia: Produção de vida ativa em cuidados paliativos. Acessado em 11 de julho de 2020, em https://scielosp.org/article/sdeb/2019.v43n122/949-965/pt/# em 11 de julho de 2020.

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

Björk (2013). *When Björk Met Attenborough*. [47:29 min]. Acessado em 17 janeiro 2020 em https:// https://www.youtube.com/watch?v=c_jVvTW8Oco.

Burke, P. (2001). Uma história social do lixo. (L. R. M. Gonçalves, Trad.) In *Folha de São Paulo*. Acessado em 10 de janeiro de 2019 em https://www1.folha.uol.com.br /fsp/mais/fs0912200109.htm

Capra, F., & Luisi, P. L. (2014). *A visão sistêmica da vida: Uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas*. Cultrix: São Paulo.

Cardoso, P. M. (2014, dezembro). O que é a Museologia?. *Cadernos do CEOM, 27*(41), Chapecó, p. 115–152. Acessado em 21 setembro 2015 em https://bell.unochapeco. edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2594/1521

Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos da Arquidiocese de Fortaleza. (n. d.). *Kanindés de Aratuba.* [02:42 min]. Acessado em 12 de julho de 2020 em https://www.youtube.com/watch?v=PQ6natfNIU4.

Desvallées, A., & Mairesse, F. (Eds.). (2013). *Conceitos-chave de museologia* (B. B. Soares & M. X. Cury, Trads.). São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus. Acessado em 20 de setembro de 2015 em http://icom.museum/fileadmin/ user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Conceitos-haveDEMUseologia_pt.pdf.

Franco, M. A. (2005). A Pedagogia da Pesquisa-ação. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, 31(3), p. 483-502. Acessado em 9 de junho de 2017, em http://www.scielo.br/ pdf/ep/v31n3/a11v31n3.pdf

Guarnieri, W. R. C. (2010a). A interdisciplinaridade em museologia. In M. C. O. Bruno (Org.), *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: Textos e contextos de uma trajetória profissional,* v. 01. São Paulo: Pinacoteca do Estado, SEC.

Guimarães, C. (2013, 18 de maio). *Museu de Favela – Rio de Janeiro.* Acessado em 15 de outubro de 2015 *em* http://www.conexaocultural.org/blog/2013/05/museu-de-favela-rio-de-janeiro/.

Guichen, G. (2012). Politiques de conservation: Les mots et les choses. *CeroArt*: *Revue électroníque*. Acessado em 27 de junho de 2019 em https://journals.openedition .org/ceroart/2792

Guichen, G. (2012). *Patrimônio Cultural, Difusão e Aplicação da Conservação Preventiva. In* Seminário Internacional Patrimônio Cultural, Difusão e Aplicação da Conservação Preventiva, Instituto Federal do Paraná [IFPR], Curitiba, PR.

Kristinsdóttir, A. (2018). *Infectious Virus: Biophilia and Sustainable Museum Education Practices*. Acessado em 17 de janeiro de 2020 em https://journals.le.ac.uk /ojs1/índex.php/mas/article/view/2797/2674.

Menezes, L. (2009, maio). A evolução de conceitos entre as declarações de Santiago e de Caracas - texto 1. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, 1(1), p. 121-129, ISSN 1646-3714. Acessado em 19 de setembro de 2015 em http://revistas.ulusofona. pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/475

Morin, E. (2013). *Fronteiras do Pensamento: Edgar Morin: parte I*. [23:42 min]. Acessado em 15 de abril de 2015 em https://videos.ufrgs.br/ufrgstv/fronteiras-do-pensamento/ edgar-morin-parte-i

Morin, E. (2013). *O método:* A natureza da natureza. Porto Alegre, RS: Editora Sulina.

Museu da Maré. (s.d.). http://www.museudamare.org /. Acessado em 20 de setembro de 2015.

Museu de Favela. (s.d.a). Favela Tour Cultural no Cantagalo e Pavão-Pavãozinho. Acessado em 27 de outubro de 2015 em http://www.museudefavela.org/participe/favela-tour-roteiro-casas-tela.

Museu do Patrimônio Vivo de João Pessoa. (2014). *Inventário de bens imateriais*. Acessado em 27 de outubro de 2015 em http://www.museudopatrimoniovivo.com/#!inventario /cg03.

Museu dos índios Jenipapo-Kanindé (n. d.). *O Museu dos índios Jenipapo-Kanindé/Aquiraz/CE*. [05:50 min]. Acessado em 12 de julho de 2020 em https://www.youtube.com/watch?v=Fiy20qkFXBM

Palavizini, R. S. (2012). Uma abordagem transdisciplinar à pesquisa-ação. *Terceiro Incluído Transdisciplinaridade & Educação Ambiental,* Goiânia, GO, 2(1), jan./jun. 136p.

Pina, R. (2017). Porque as ideias de Paulo Freire ainda incomodam? In *Brasil de fato: uma visão popular do Brasil e do mundo*, São Paulo, SP. Acessado em 29 set 2019 em https://www.brasildefato.com.br/2017/10/31/por-que-as-ideias-de-paulo-freire-ainda-incomodam/

Ribeiro, A. (2009). Novas estruturas/novos museus. *Cadernos de Sociomuseologia, Lisboa,* 1(1), p. 16-19. Acessado em 12 de julho de 2018 em http://revistas.ulusofona. ptindex.php/cadernosociomuseologia/article/view/468

Souza, M. M. C. de. (1999, julho). O analfabetismo no Brasil sob o enfoque demográfico. In *Cadernos de Pesquisa*, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, SP, n. 107, p. 169-186. Acessado em 12 de março de 2019 em http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/ n107a07.pdf.

Universidade de Brasília [UnB]. (2017). *Projeto Político Pedagógico Institucional* (PPPI). Acessado em 03 de março de 2019 em http://www.deg.unb.br/images/dtg/cil/legislacoes/Projeto_Pol%C3%ADtico_Pedag%C3%B3gico_Institucional_da_Universidade_de_Bras%C3%ADlia_2018.pdf

Varine, H. de B. (1984). A museologia se encontra com o mundo moderno. In P. A. Santos, J. Nascimento Júnior & A. Trampe (Orgs.). *Mesa Redonda de Santiago de Chile 1972*. (p. 142). Brasília, DF: Ibram & Ibermuseus.

Varine, H. de B. (2008). Museu e desenvolvimento social: Um balanço crítico. In M. C. O. Bruno, & K.R. F. Neves (Orgs.). *Museus como agentes de mudança social e desenvolvimento: Propostas e reflexões museológicas.* (p. 11-20). São Cristóvão: Museu de Arqueologia de Xingó.

Waltenberg, L. (2016, maio). Novas configurações do álbum de música na cultura digital: o caso do aplicativo "Biophilia". *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 109, p.185-202. Acessado em 17 de janeiro de 2020 em http://scielo.mec.pt/pdf/ rccs/n109a09.pdf.

ÍNDICE TEMÁTICO

A

Ações museais ..... 176, 335, 336, 337, 338, 349, LXII
Ações museais biófilas 35, 37, 39, 43, 77, 98, 175, 176, 325, 360, 367
Área de Interesse Ecológico
ARIE 42, 122, 125, 126, 127, 134, 188, 191, 382
Arte
artes cênicas 198
criatividade ..... 31, 33, 96, 223, 264, 269, 273, 285, 286, 292, 390, C, CI
gravura 284
Arte Decorativa
mosaico 198, 220, 221
Artesanato
bordado 198
crochê 198
jornal 108, 395
papelão 44, 198, 225, 259, 265, 266, 267, 282, 283, 311, 314, 325, 346, 370, XXVIII, XLIX
Ateliê Internacional Ecomuseus – Nova Museologia 72

B

Banco Comunitário
Banco Comunitário da Estrutural ..... 214, CXXX
Biblioteca Comunitária LIII
Biofilia 5, 8, 9, 37, 38, 39, 40, 42, 45, 49, 50, 52, 53, 54, 58, 60, 61, 62, 63, 65, 98, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 172, 205, 208, 209, 212, 222, 223, 229, 234, 253, 264, 269, 328, 333, 363, 367, 368, 370, 372, 398, 21, LX, LXII, LXIII, XCVIII, XCIX
Brasília
aterro sanitário de 140
construção de ..... 116, 264, 325, CIX
Parque Nacional de 123, 126, 127, 130, 134, 135, 196, 230, 243
Universidade Católica de Brasília 12, 14, 43, 44, 116, 145, 202, 228, 254, 257, 264, 326, 393, 10, 19

Universidade de Brasília5, 6, 12, 14, 29, 30, 34, 36, 37, 42, 44, 45, 50, 107, 108, 122, 136, 179, 181, 200, 229, 264, 265, 278, 280, 281, 284, 291, 293, 294, 306, 307, 308, 309, 310, 312, 313, 318, 323, 324, 325, 326, 333, 334, 335, 337, 340, 341, 343, 344, 348, 349, 353, 354, 355, 357, 358, 376, 379, 389, 393, 395, 401, 12, 18, 19, 24, XL, XLI, XLIII, XLIV, XLV, XLVII, XLVIII, LIV, LVI, LVIII, XCIII, CII, CIV, CVIII, CXI, CXXV, CXXVI, CXXXVIII

C

Caderno de campo LIV
Cartas Patrimoniais
de Atenas de 1931 ..... 87, 91, 383
de Fortaleza 1997 ..... 178, 383
de Veneza de 1964 91
Italiana Del Restauro 87
Casa dos Movimentos30, 45, 46, 50, 161, 164, 170, 172, 182, 184, 193, 202, 211, 228, 229, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 242, 243, 254, 255, 259, 262, 266, 271, 273, 282, 287, 290, 292, 294, 298, 299, 300, 313, 322, 358, 365, 370, 19, XL, XLI, XLIII, XLIV, LIII, LVIII, LIX, LX, C, CI, CII, CXVI, CXX, CXXV
Catador
catadores de coleta seletiva 9, 65
Catadores
de recicláveis 136, 202, 216
Cerrado 118, 126, 127
Cidadania ..... 13, 43, 150, 153, 162, 168, 372, CXXVII
Cidade Estrutural DF5, 9, 13, 29, 30, 34, 36, 38, 40, 42, 45, 50, 52, 82, 103, 110, 116, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 139, 141, 142, 144, 146, 147, 148, 163, 165, 166, 168, 169, 181, 182, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 195, 196, 200, 201, 202, 203, 205, 206, 208, 211, 212, 213, 214, 219, 224, 228, 232, 234, 235, 239, 244, 246, 254, 257, 261, 266, 267, 272, 284, 290, 291, 295, 297, 298, 299, 302, 303, 309, 312, 313, 323, 329, 335, 340, 351, 355, 359, 360, 361, 363, 364, 365, 367, 371, 372, 374, 382, 391, 393, 11, 12, 14, 15, 16, 19, 21, 24, XXV, XXVIII, XXX, XL, XLIII, XLV, XLVII, XLVIII, LI, LXI, LXII, C, CI, CIII, CXXII, CXXIII, CXXIV, CXXXI

coleta seletiva 313
invasão 122, 123, 134
problemas sociais 148, 309
Ciências Sociais 1, 2, 48, 81, 375, 376, 377, 387, 390, 393, 401
Ciranda 298
Círculo de Cultura ..... 49, 129, 131, 228, LVII, LVIII, LXIV, LXV, LXVI, LXVII
Coleta seletiva
Por coleta seletiva entende-se 65
Conferência de Nara 1994 ..... 92, 383
Conhecimento ..... 43, 145, 163, 228, XLIII, LVII, CXXVI
Conservação
baseada em 'valores' 90
conservação preventiva 104
conservação-restauração 6, 65, 83, 87, 90, 105, 107, 367
de obras de Arte 87
higienização 306
higienização da pipa 307, 308
higienização de documentos 108
higienização de fotografias ..... 368, L
higienização de livros 325
higienização de molduras 311, 312, 343
higienização de objetos 368
participativa 9, 34, 37, 38, 40, 41, 45, 50, 83, 98, 103, 104, 107, 109, 176, 302, 306, 313, 324, 325, 328, 339, 340, 353, 357, 364, 367, 368, 369, 372, LXII
pautada em 'objetos materiais' 90
pintura mural 104
Conservação participativa
em comunidades periféricas urbanas 41, 83, 98, 372
em povos tradicionais 41
Constituições da República Federativa do Brasil
de 1891 ..... 110, 111
de 1988 ..... 141, 177

Crianças ..... 235, 296, CXVI
Criatividade 390
Cultura Popular 183

D

Dança
ballet 198
breakdance 198
carimbó 200
Declarações
da Cidade de Salvador 77, 78, 392
de Bogotá 387
de Córdoba 28, 75
de Oaxtepec 40
de Quebec 386, 396
de Santiago do Chile 69, 77, 80
do Rio 74, 387
Democracia 54, 115, 116
Desenhos ..... LXVIII, LXIX, LXX, LXXI, LXXII, LXXIII, LXXIV
Desenvolvimento
cognitivo 63, 134
desenvolvimento humano 38, 92
desenvolvimento local ..... 269, 369, 397, 11, CVIII
emocional 63, 134
espiritual 63, 134
estético 63, 134
sustentável ..... 74, 79, 98, 163, 165, 21, CVIII
Direitos humanos 75, 78, 80, 203, 376
Diversidade cultural 36, 41, 78, 79, 91, 92, 96

E

Ecomuseologia 71
Economia

alternativa 19
solidária ..... 265, 269, 270, 282, 383, 395, 11, 19, CXXIII
tradicional 270
Editais
de Concurso Nacional do Plano Piloto 115
de Direitos Difusos 107
de Fluxo Contínuo de Extensão Fluex ..... 337, XLIII
de Fundo de Apoio à Cultura do DF 183
do Prêmio Pontos de Memória 159, 161
Editora
Abadia Catadora 7, 36, 44, 184, 200, 201, 202, 210, 216, 228, 267, 268, 269, 270, 271, 273, 276, 277, 280, 284, 285, 286, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 299, 302, 312, 313, 314, 319, 323, 330, 335, 336, 353, 356, 358, 359, 366, 368, 369, 374, 394, I, 11, 17, 18, 19, 24, L, LI, LII, LIII, LVI, LVII, LVIII, LIX, LX, LXXV, CXXXVII
atividade da editora ..... 283, 349, 350, LX
editora popular 181, 198, 273, 274, 290, 291, 293, 313, 11, 18, 19, XLVI, LIII, LVII, LVIII, LIX, LXII, C, CI, CII
Eloisa Cartonera 265, 266, 267, 326, 336
Educação
bancária 34
de adultos 287
de jovens 287
educação e cultura ..... 366, 12, XXX
formal XXIX
libertadora ..... 142, LVIII
Mece ..... 7, 13, 29, 36, 42, 142, 144, 148, 371, 18, XLVII, CXXV
museal 13, 377
musical 203
política 201
Encadernação
aula 281
bastidor 280, 354

bastidor LXXXII
costura artesanal 278
de livros artesanais 278
encadernação na editora 278, 279, 280
ver oficina 277
Encolagem
da folha 319
do papel 319, 321
produção de papel 353, 357
remoção de impurezas 315
Entrevista
com grupos focais 181
entrevistado ..... 182, 330, XXXI
entrevistadores 182
formulários 185
orais 44
oral 282
semiestruturadas ..... 330, 335, 352, VIII, L, CXI
Escritores
argentinos 266
da cidade Estrutural 45
de comunidades 19
e a comunidade 30, 33, 49, 71, 80, 262, 271, 369
iniciantes ..... 285, C
locais 201, 268, 270, 271, 290, 291, 348, 358, 369, 11
Experiência estética 61, 128
Exposições
Movimentos da Estrutural
A Mulher e a Cidade ..... 181, 224, 256, 262, 263, 264, 306, 337, 338, LIII
Luta, Resistência e Conquista 44, 46, 180, 181, 211, 236, 241, 252, 306, 335, 340, 342, 364, 391, CXXVII, CXXVIII
The Rat Man's Invited Affliction 82

Extensão
atividade de extensão ..... 45, CIV
Conservação e Acervo do Ponto de Memória da Cidade Estrutural ..... 46, 313, CIII
convite ..... CXXXVIII, CXXXIX
da UnB ..... XLII, LII, CXXIV
da Universidade Católica de Brasília 146
lançamento projeto CIII
Promotoras Legais Populares, pelo Trabalho Doméstico Decente 246
relatório 305, 380
semana de extensão 306, 308, 309, 337, 341, XLV, XLVIII, LVIII, CXXV, CXXXVIII, CXL

F

Feira
ambulante 181
comércio ..... 198, CXXIII
cultural ..... 204, 13, LIX
do livro XLVI
economia solidária ..... 204, 13, LIX
feirante ..... 199, CXXX
livre 202
local 186
Festas Populares ..... 73, 198, 235, CXVI

G

Gastronomia 192

H

Higienização
ver Conservação ..... 107, 307, 308, 311, 312, 337, L
História
de vida CXXIV
oral ..... L, CXI

I

Imaginação Museal 73, 81, 143, 144, 149, 377
Incentivo
arte 19
escrita 19
leitura criativa 271
Invasão
ver Cidade Estrutural DF 119, 120
Inventário
cultural 38, 50, 193, 200, 201, 202, 203, 204, 219, 299, 328, 351, 352, 13, 15, LIV, LVI, LXII, CXII
Inventário Nacional de Referências Culturais 13, 44, 178, 185, 383
participativo 43, 156, 157, 161, 162, 177, 178, 179, 180, 182, 183, 185, 187, 196, 202, 208, 216, 219, 234, 332, 336, 337, 342, 349, 351, 352, 354, 383, 391, 12, 20, 24, XLI, XLIV, XLV, XLIX, L, LIV, LIX, CIX, CXI, CXXIV, CXXV, CXXVI

J

Justiça
e liberdade 132
e respeito 212
Ministério da Justiça [MJ] 107, 312

L

Leitura
Bienal Brasil do Livro e da Leitura ..... 44, V
coletiva 282, 294
Congresso Brasileiro de Leitura 142
da palavra ..... 309, 310, XLV, XLIX
de mundo ..... 142, 144, 206, 207, 309, 310, XLV, XLIX
dinâmica 286
do Estatuto 147
do fazer museológico 144
e escrita criativa 200

e interpretação....105
na Editora Abadia Catadora....284
poesia....294
prática da....286
releitura....208
sensível da realidade....210
Liberdade....52, 53, 54, 81, 104, 127, 131, 132, 212, 234, 237, 238, 239, 244, XLIX, CXXIV
Literatura....63, 265, 266, 270, 333, 385
Livro artesanal....266, 278
Lixão da Estrutural DF9, 41, 42, 82, 109, 110, 118, 119, 120, 123, 128, 129, 130, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 168, 182, 186, 197, 202, 205, 206, 210, 211, 216, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 253, 265, 287, 289, 309, 361, 363, 374, 376, 385, 10, 13, 21, XXV, XXVI, XXVII, XXVIII, LV, LXI, CXXII, CXXIII
Lixo42, 44, 119, 120, 124, 132, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 205, 206, 208, 209, 210, 212, 213, 216, 218, 219, 220, 223, 227, 235, 237, 238, 239, 244, 245, 251, 252, 253, 282, 284, 325, 326, 348, 361, 363, 364, 368, 374, 385, 393, 397, 399, 9, 16, 21, XXVIII, LVII, CXVI, CXXII, CXXIII, CXXIV, CXXV, CXXVII

M

Manifestação Religiosa....198
Máquina de Obturação de Papel....317
Material reciclável223, 238, 239, 244, 251, 284, 293, 294, 313, 314, 317, 318, 326, 349, 353, 357, 369
Meio Ambiente13, 14, 29, 65, 117, 122, 125, 126, 129, 132, 139, 141, 209, 212, 224, 252, 265, 270, 306, 309, 340, 363, 364, 386, 11, 21, 22, XXVIII, LVII
degradação....91, 130, 252
Ministério do....334
Memória
da dor....211
da Estrutural....310
e identidade....270
individual....179, 233
iniciativas de....361

lugar de 213, 223, 228, 233, 365
memória coletiva 168, 234
poder da 6, 35, 102, 163, 233
roda de memória 29, 36, 119, 157, 164, 169, 170, 173, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 200, 210, 211, 224, 231, 287, 289, 294, 309, 337, 338, 340, 344, 350, 356, 358, 374, 391, 392, 10, 13, XLVI, XLVII, L, LI, LIV, LV, LVI, LX, LXI, XCII, CVIII, CXXIV
social 34, 153, 161, 162, 168, 183, 202, 331, 381, 396, 397
Mentalidade 35, 73, 79, 206, 211, 212, 370
Mesa Redonda de Santiago de Chile 380, 386, 394, 396, 397, 401
Minom
I Jornada Latinoamericana de Museologia Social, 2018 387
II Cátedra Latinoamericana de Museologia e Gestão do Patrimônio Cultural, 2018 387
II Encontro Internacional de Ecomuseus, 2000 74
II Jornada de Museología Social, 2019 80
VIII Atelier Internacional, 1999 74
XV Conferência Internacional, 2013 ..... 74, 387
XVI Conferência Internacional, 2014 74
XVII Conferência Internacional, 2016 ..... 75, 388
Montagem da exposição ..... 171, 259, 278, 306, 326, 341, 343, 365, 368, XLV, L, CXXVII
Monumentos 13, 74, 84, 86, 87, 88, 90, 93, 94, 105, 115, 333
MOP
ver Máquina de Obturação de Papel 313, 317, 319, 320, 353, 357
ver Papel 313, 317, 319, 320, 353, 357
ver reciclado 313, 317, 319, 320, 353, 357
Movimentos Sociais 73, 75, 77, 78, 81, 144, 153, 163, 166, 168, 170, 202, 208, 235, 377, 19, XLVII, CXVI
Museologia
biófila ..... 9, 37, 38, 39, 40, 65, 80, 83, 103, 176, 300, 302, 328, 333, 371, LXIII
brasileira 151
comunitária 173, 10
curso 337
Ecomuseologia 71

Movimento Internacional para uma Nova Museologia13, 40, 66, 72, 76, 334, 387, 388, CVIII
Museologia Social1, 6, 9, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 43, 50, 52, 65, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 83, 98, 104, 108, 109, 144, 149, 151, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 168, 169, 172, 174, 176, 179, 202, 234, 261, 262, 270, 302, 328, 333, 366, 368, 369, 371, 386, 388, 389, 390, 391, 10, XLIII, LXII
Nova 40, 72, 74, 80, 168, 333, 387
Sociomuseologia1, 9, 33, 35, 37, 40, 50, 65, 72, 79, 80, 81, 334, 371, 377, 386, 390, 391, 392, 393, 396, 400, 401
Museus
comunitário.....30, 95, 166, 172, 173, 397, 10, XLIV, XLIX, CXI, CXXIV, CXXV
de favela.....74, 153, 399, 400
Estatuto de 150, 168
percurso 202
Música .....192, 193, 198, 202, 203, 226, 254, 262, 290, 401, XXIX, XLVII, LV
banda gospel 203
gospel.....198, 203
Instituto Reciclando Sons 203, 18
rap 198

N

Narcisismo 52, 54
Necrofilia.....39, 52, 53, 54, 63, 65, 75, 132, 205, 229, 363, 370, 371, 372

O

Obra de arte 89
Ocupação
ver Cidade Estrutural DF CXII
Oficina
capoeira..... 184, 198, 202, 228, 240, XXIX, LIV, LVII, LXXXI, CXVII, CXVIII
conduzidas pelo Ibram.....234, 336
conservação preventiva..... L
da editora .....355, LVII

de acervo ..... 234, 235, 336, XLII
de conservação participativa 338
de costura manual ..... 338, LXXVIII
de criação de capa e molde vazado 338
de encadernação 277
de grafite 230, 336
de ilustração ..... 275, 276, 277, 336, L
de inventário participativo 44, 342
de montagem de exposição 171, 336
de museu, memória e cidadania 168, 336
de patchwork XLIV
de plano museológico 169, 336
de poesia LXXXVII
escrita criativa ..... 273, 274, 285, 286, 288, 326, 336, 349, 355, LVII, LXXXIII, C
fotografia 224
pintura ..... 338, LXXV, LXXX, LXXXI
pintura de capa LXXV

P

Papel
livre de ácido 313
papelão 44, 198, 225, 259, 265, 266, 267, 282, 283, 311, 314, 325, 346, 370, XXVIII, XLIX
reciclado 7, 111, 112, 181, 236, 278, 291, 293, 312, 313, 314, 326, 348, 349, 353, 355, 357, 368, 369, II, LIII, LXII, LXXXVIII
Papel reciclado VI
Paradigma da Teoria dos Bens Comuns 76
Paradigmas Políticos Culturais
conservacionista e monumentalista 97
mercantilista 97
participacionista 97, 98
tradicionalismo substancialista 97
Patrimônio

cultural32, 35, 41, 74, 75, 81, 90, 92, 95, 96, 98, 106, 107, 109, 113, 149, 172, 177, 178, 187, 312, 369, 372, 375, 376, 400, XLV
histórico 13, 44, 91, 92, 113, 178, 185, 333, 383
imaterial 104, 339
Patrimônio Imaterial33, 34, 147, 148, 176, 184, 192, 198, 202, 223, 228, 240, 339, 368, 371, XXIX, LIV, LVII, LXXXI, CXVII, CXVIII
Pesquisa
componentes da 50
exploratória 328, 329
pesquisa quantitativa 50
pesquisa-ação 9, 35, 37, 45, 46, 48, 49, 324, 328, 360, 361, 396, 400
Poema ..... 119, 138, 211, 255, 267, 273, 292, 293, 294, 295, 23, LXI
Poesia8, 42, 105, 119, 138, 168, 210, 211, 223, 255, 267, 273, 277, 292, 293, 294, 295, 297, 300, 355, 19, 20, 23, LXI
Ponto de Memória da Estrutural6, 7, 9, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 42, 43, 46, 49, 50, 52, 81, 107, 119, 121, 122, 123, 125, 129, 131, 133, 134, 135, 145, 147, 159, 161, 163, 164, 166, 167, 172, 173, 180, 181, 183, 184, 185, 187, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 210, 211, 213, 220, 221, 222, 223, 224, 228, 229, 231, 235, 236, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 258, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 289, 290, 298, 299, 300, 301, 302, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 323, 324, 326, 328, 329, 330, 331, 332, 336, 361, 364, 366, 367, 371, 372, 374, 379, 381, 382, 384, 391, 392, 393, I, II, III, IV, V, VI, VII, 9, 12, 16, 23, XXXI, XL, XLI, XLIII, XLIV, XLV, XLVIII, LIX, LXII, LXIV, LXV, LXVI, LXVIII, LXIX, LXX, LXXI, LXXII, LXXIII, LXXIV, LXXV, LXXVII, LXXVIII, LXXIX, LXXX, LXXXI, LXXXII, LXXXIII, LXXXIV, LXXXV, LXXXVI, LXXXVII, LXXXVIII, LXXXIX, XC, XCI, XCII, XCIII, XCIV, XCV, XCVI, XCVII, XCVIII, XCIX, CIII, CIV, CVII, CVIII, CIX, CXI, CXVII, CXVIII, CXX, CXXIV, CXXV, CXXVI, CXXVII, CXXVIII, CXXXII, CXXXIII, CXXXV, CXXXVIII, CXXXIX, CXL, CXLI
Povos tradicionais 98, 99, 102, 103, 367
Preservação ..... 196, 212, 271, 376, LVII
ação da 97

cultural 149
da memória cultural 104
da vida 128, 212
meio ambiente 129, 132, 135, 209, 223, 252, 253, 302, 303, 364, 369, 21
patrimônio cultural 65, 92, 93
patrimônio imaterial 178
políticas de 94
referências culturais 185
Primeira-mão 8, 206, 207, 208, 371
Processos museais 33, 73, 371, 11
Psicanálise 38, 40, 380

R

Registro
formas de expressão ..... 201, 202, 352, CXII
lugares 186, 352
pessoas 185, 186, 200, 202, 299, 352
Resíduos Sólidos 139
gerenciamento 141
política 139
urbano 140
Resistência 35, 42, 44, 75, 78, 125, 135, 148, 157, 165, 181, 231, 234, 239, 243, 245, 246, 247, 249, 267, 310, 313, 325, 329, 336, 337, 341, 371, 391, XLV, XLVI, XLVIII, LXII, CXXV, CXXVII
Roda de Memória 211, 233, 290, 379, 384

S

Sarau
das Mulheres ..... 290, 298, 299, 350, 359, LIX
de poesia 200, 202, 298
declamação 193
I Sarau de Poesia ..... 290, L
II Sarau Cultural 290

III Sarau de Poesia ..... 338, 348, LIII
IV Sarau de Poesia ..... 290, 294, 295, 350, 358, VI, LVI
poético ..... 348, 358, LXII
Saúde 13, 42, 53, 62, 82, 118, 124, 125, 128, 130, 136, 137, 141, 142, 153, 196, 243, 249, 372, 393, XLV, XLVII, CXXII, CXXIII
Segurança ..... 13, 60, 106, 111, 117, 124, 125, 131, 153, 313, 21, CXXIII
Seminários
criação do Conselho Gestor 167
Seminário Regional da Unesco e Icom 66, 390
ver Círculo de Cultura 49, 334
Significado cultural 41, 91, 92, 94, 95
Síndrome da destruição ver Necrofilia 54
Sociedade
machista 254
patriarcal 254
Sociomuseologia ver Museologia Social 1, 9, 33, 35, 37, 40, 50, 65, 72, 79, 80, 81, 334, 371, 377, 386, 390, 391, 392, 393, 396, 400, 401
Sustentabilidade ..... 77, 79, 80, 142, 161, 269, 282, 313, 323, 353, 357, 19, XXVIII, XLVI

T

Tendências da Biofilia
dominionista 62
ecológico-científica 60
estética 61
humanista 61
moralista 62
naturalista 60
negativista 62
simbólica 61
utilitarista 60
Território 14, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 78, 80, 83, 107, 108, 111, 113, 114, 123, 125, 128, 158, 172, 174, 178, 183, 187, 196, 230, 231, 232, 234, 264, 364, 370
Transdisciplinaridade 5, 31, 212, 372, 388, 400

V

Valores38, 41, 58, 60, 75, 83, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 101, 152, 178, 206, 237, 265, 285, 17, 19, CIX

Via Estrutural.....123, 128, 245, 246, 363, CXXII

Vila Estrutural ver Cidade Estrutural DF13, 121, 122, 125, 126, 127, 134, 188, 191, 235, 382, CXXII, CXXIII

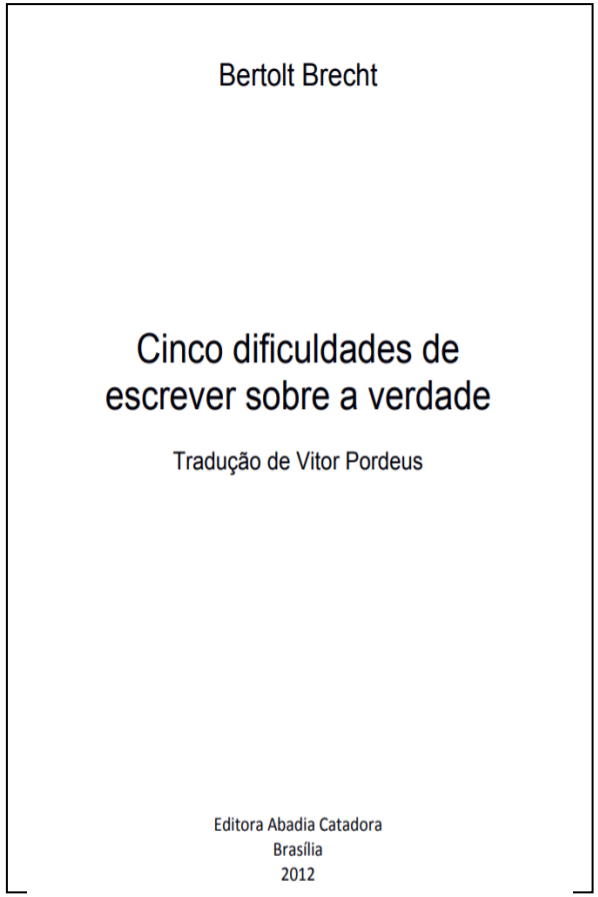
Vila Nova ver Cidade Estrutural DF ..... 120, 121, 123, 182, XXV, XLVII

Vila Velha ver Cidade Estrutural DF 120, 121, 122, 123, 182

Violência48, 52, 105, 106, 124, 129, 131, 134, 135, 153, 163, 165, 195, 196, 240, 262, 265, 329, 390, 392, LVII, CXXII

Vulnerabilidade social.....37, 105, 130, 196, 21

Apêndice I - **Publicações da Editora Abadia Catadora**



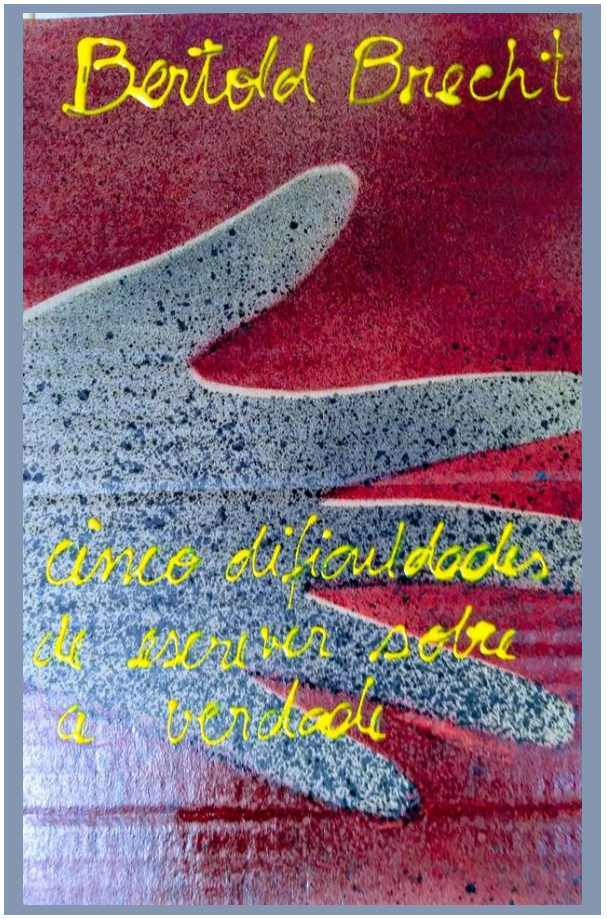


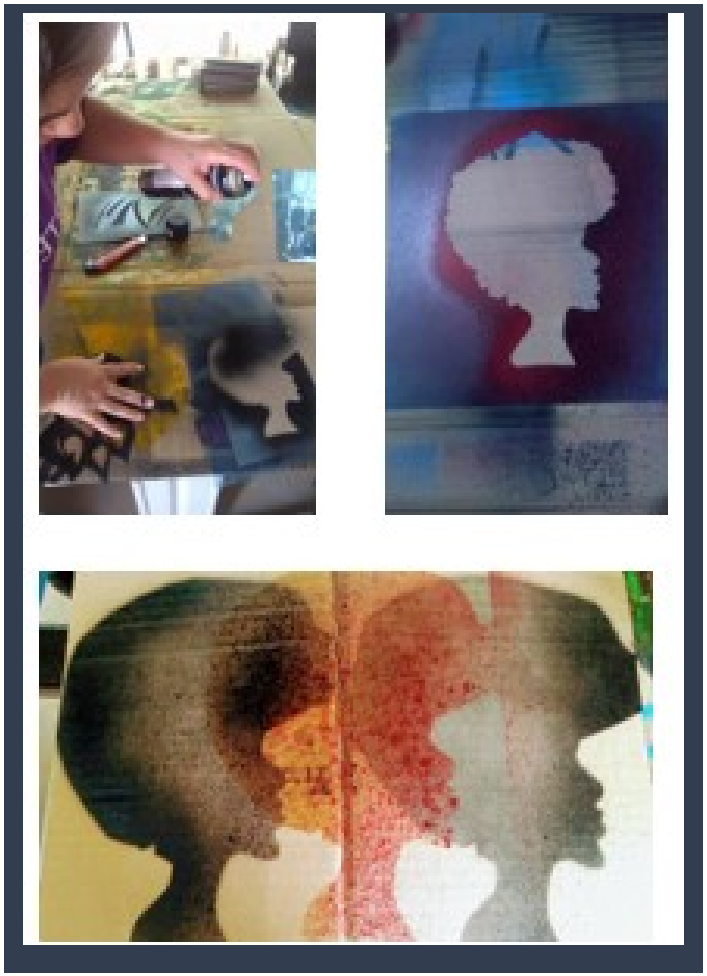
Figura 146 . Capa para o livro Cinco dificuldades de escrever sobre a verdade.
Nota. Livro lançado na 1ª Bienal do Livro e da Leitura Brasília em 2012.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.

Almir Gomes

A Menina e o rio

Editora Abadia Catadora

Brasília
2012



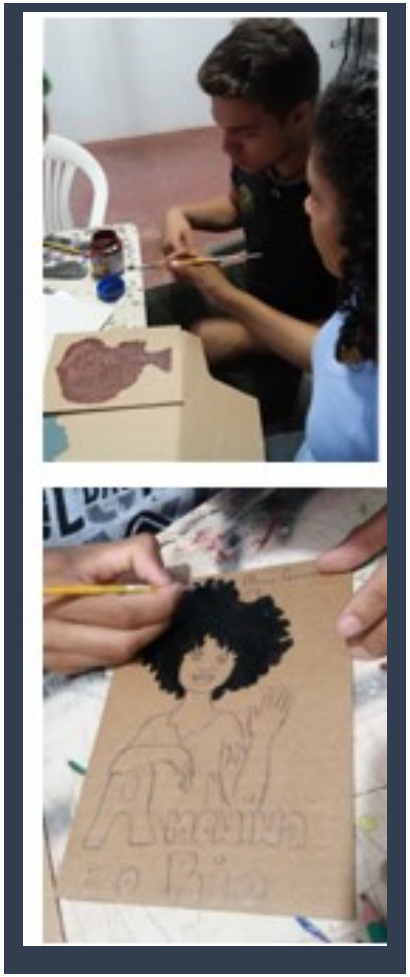


Figura 147 . Capa para o livro A menina e o rio.
Nota. Livro lançado na 1ª Bienal do Livro e da Leitura Brasília em 2012. Na imagem produção de capas realizada em 10 de outubro de 2015.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.

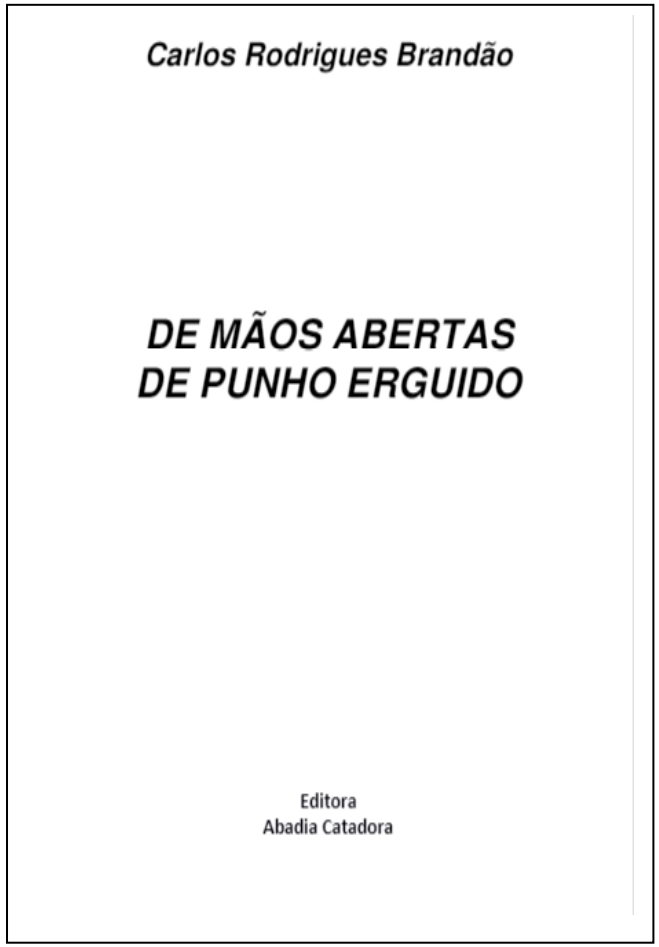






Figura 148 . Capa para o livro De mãos abertas e de punho erguido.
Nota. Livro lançado na 1ª Bienal do Livro e da Leitura Brasília em 2012.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.



Figura 149 . *Almir Gomes da Silva entregando a 2ª ed. do livro 'De mãos abertas de punho erguido' ao autor Carlos Rodrigues Brandão*
Nota. Seminário Paulo Freire Vida e Obra: Diálogos que permanecem. UnB em 29 de junho de 2017.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.





Figura 150 . Livro lançado na 2ª Bienal do Livro e da Leitura Brasília em 2014.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.



Figura 151 . Livro lançado no IV Sarau de Poesia em 2016
Nota. Papel reciclado utilizado na capa
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.





Figura 152 . Lançamento livro Lado a Lado.
Nota. Seminário Memórias Periféricas em tempos de (in) certezas em 23 de nov 2019
2019. Na foto, a autora Hildete Moura autografando livros
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2019.

Apêndice II - Entrevistas semiestruturadas

Roteiro elaborado para fins de Entrevista Semiestruturada:

1 Entrevistador:
2 Data da entrevista:
3 Nome do entrevistado:
4 Contato:
5 Idade:
6 Sexo:
7 Local da entrevista:
8 Local de nascimento:
9 Quando você chegou na cidade Estrutural?
10 Nome dos pais.
11 Quando você conheceu o Ponto de Memória?
12 Questões pontuais de acordo com a participação no Ponto de Memória, sobre as ações museais inventário participativo cultural; exposições; ação cultural - editora.

Quadro 50 . Questões base para as entrevistas
Fonte: A Autora

Entrevista semiestruturada com Maria Abadia Teixeira de Jesus
Em duas ocasiões

Entrevistadora: Silmara Küster de Paula Carvalho

Data da entrevista: 29 de abril de 2017
Nome do entrevistado: Maria Abadia Teixeira de Jesus
Contato: (61) 985401335
Sexo: feminino
Local da entrevista: Ponto de Memória da Estrutural DF
Local de nascimento: Unaí MG

1. Em que ano você veio para Brasília e como eram as condições naquela época?

Mudei para Brasília em 1986 para fazer um concurso e estudar e na Estrutural por volta de 1995 ou 1996. Aqui faltava algumas coisas, não sei se foi 95 ou 96, cheguei em abril, este mês é tão importante na minha vida, tudo muda em abril pra mim. Vim porque queria muito estudar, fazer a faculdade dos sonhos de criança, estudar muito e a vida toda. Mas não foi bem assim, fui trabalhar em casa de família e fiquei por quase um ano lá, aí consegui um emprego num ateliê, fiquei quase dois anos. No final de 1988 fui trabalhar por conta própria, aluguei uma casa de fundo na asa sul, fiz uma boa clientela e claro não tinha visto tempo pra faculdade. No final de 1993 a Jeruza veio pra Estrutural fez a inscrição na associação de moradores, mas como não conseguia ficar a noite era muito perigoso pra mulheres solteiras ela perdeu o barraco. Em 1994 ela veio de vez trouxe minha mãe. Eu vinha só visitá-las, pois diziam que mulheres solteiras, sem filhos não podia ter lotes. Meus irmãos vieram conseguiram se fixar, nesse período eu trabalhava de costura e minha casa era o apoio; e também o trabalho porque ninguém podia sair pra trabalhar fora, pois quando voltavam tinham perdido tudo. Por isso a reciclagem tem papel importante, nestes lugares. As pessoas sobrevivem desse trabalho. Como eu vinha muito aqui um amigo me aconselhou a pegar um lote. Não tinha mais, Cristovam governava essa área com punhos de aço. Mas ele não fez um programa de remoção de pessoas que excedia a proposta da criação da vila e tirou muitas vezes famílias daqui. Só que ele perdeu as eleições aí neste momento eu peguei meu lote.

2. Como foi a ideia de retirar os livros da reciclagem?

Há relatos de que o lixo descartado de Brasília era tão rico que muitos catadores da época, chamados mascates, o catavam e iam vender nas cidades próximas, no interior de Minas Gerais e Goiás. O lixo era riquíssimo, tinha utensílios domésticos dispensados pelos restaurantes dos ministérios; os supermercados traziam mercadorias prestes a vencer, ou vencidas, ou com algum dano na embalagem entregavam em mãos para as pessoas; além de roupa de cama, móveis e restos de material de construção. Nós reciclávamos nos espaços que estavam sendo preparado para a urbanização, como o fechamento de buracos, com os resíduos da construção civil. Mas claro vinha de tudo e sim era muito rico. Muitas casas foram construídas com esse material. Quando nós começamos com a reciclagem em 1998, o que a gente via é que chegava muitos livros interessantes. Daí nós começamos a reciclar o que eles chamavam de revista branca, que é este papel poroso dos livros. Não podia ser reciclado papel colorido de revistas porque tinha muita cola. Daí a gente ia para a reciclagem e separava os livros. E começamos a ver que chegavam livros novos, livros raros, livros que as crianças precisavam. Naquela época que não tinha aqui nenhuma escola, nem a de lata. Então as crianças chegavam da escola, pois iam ter aula no Guará, e não tinha biblioteca. Nós começamos a separar os livros e deixávamos visíveis, daí as pessoas vinham e pegavam. Daí ouvíamos dos adultos: nosso filho está precisando de um livro assim, posso levar?? Então nós emprestávamos e as pessoas acabavam não devolvendo. Daí minha irmã Jeruza disse assim, porque a gente não arruma os livros e daí podemos emprestar para as crianças. Então peguei os livros que deixávamos na frente, onde é a igreja, e os coloquei arrumados dentro do meu barraco e comecei a emprestar os livros. A gente não sabia que era uma biblioteca, até que teve a história daquele deputado Ezalci que queria pegar a história desta primeira organização dos livros e transformar. E nós não aceitamos. Daí na eleição de 2002 ele fez uma biblioteca com fins

eleitoreiros para se promover. Daí ele trouxe pra cá um número enorme de livros, alugou uma casa, montou uma biblioteca, ficou lá uns quatro meses. Como ele não ganhou as eleições ele fechou a biblioteca. E nessa época eu conheci a Vanda, a Nilza, o Antônio Francisco que faziam um trabalho com a UCB de Alfabetização, coordenado pelo Professor Basso, mas nessa época eu não me envolvi na alfabetização. Posteriormente chegou a Deuzani que junto com a Vanda e a Nilza faziam um trabalho para montar uma biblioteca na entrada do lixão. Como eu conhecia o trabalho e sabia dos livros deixados pelo Ezalci, articulei e ajudei a levar os livros pra elas montarem a biblioteca. E nesse interim em 2005 o administrador do Guará indicou um administrador para a Estrutural, que colocou a sua mulher como Conselheira Tutelar. Quando criaram esta administração na Estrutural começaram a perseguir algumas iniciativas. Então a conselheira proibiu o funcionamento da biblioteca que eu havia montado em minha casa, não queriam mais a reciclagem...Eu continuava a atender as crianças, que conheciam a gente, mas com as portas fechadas para o público.

3. Como foi a recepção da proposta do Ibram para abrir na Estrutural um Ponto de memória? Na sua opinião quais foram os pontos positivos e os negativos?

Quando recebemos o Welcio e ele nos apresentou a proposta, gostamos muito, porque, era o que já fazíamos. Na época discutimos muito, pois o debate era: nós vamos fazer trabalho pro governo? As meninas diziam que projeto de governo a gente cumpre agenda, mas era tão interessante e nós não sabíamos que teria dinheiro naquele momento. Só depois o Ibram pensou num patrocínio. Debatemos muito sobre a formalização de uma ONG. Tínhamos medo de ficar só participando de editais não ter tempo pra atuar MN. Aceitamos a proposta e foi um grande desafio, o projeto era participativo tínhamos que convencer outras pessoas que o que ia acontecer era uma experiência nova e interessante, fomos as escolas, a outras entidades às ruas conversar. Ouvimos nãos, mas também tivemos apoio. A sociedade dizia que o que precisava aqui na Estrutural era de comida, trabalho, e que o governo resolvesse as questões locais. Muitas pessoas diziam assim: Museu pra quê? Não serve pra nada. Dois anos depois já sentíamos diferença de opinião para melhor.

4. Qual a importância de um Ponto de Memória?

Constituir um Ponto de Memória na cidade foi importante, pois é um espaço que nos permitiu refletir sobre a nossa história, sobre as lutas comuns e sonhos. Muitos especulavam as nossas lutas, mas percebemos que por meio da Museologia Social é possível que pessoas da comunidade sejam as protagonistas. Foi muito enriquecedor cada encontro, cada fala nas Rodas de Memória...

5. O que mudou depois do Ponto de Memória na cidade?

Ao compreendermos que a memória é um direito e que pode ser materializada em uma exposição, num texto ou numa Roda de Memória, por exemplo, o nosso entendimento a respeito do que é patrimônio se ampliou, nos fortalecemos enquanto comunidade e passamos a ter a percepção de que a museologia pode estar num campo político, pois estamos discutindo aqui problemas comuns da cidade e como expressar a nossa fala por meio de novas formas de fazer museologia - a museologia social, ressignificando o nosso patrimônio, a expor a nossa luta comum, pelo respeito e dignidade a nos permitir exercer a nossa cidadania, sendo um espaço fundamental para que as nossas lutas não sejam esquecidas

6. Na sua opinião quais foram os pontos positivos e negativos?

Pontos positivos, mostrar nossa história a partir da nossa ótica. Ganhar visibilidade para fora, pois aqui tinha muito descaso. Aprender sobre nossa história, pesquisar, aproximar as pessoas, tivemos que fazer uma sede – A Casa dos movimentos. Até então agente reunia em nossas casas. Também ajuntar o material de trabalho agente fazia tanta coisa sem quantificar. Pontos negativos, não conseguimos fazer o museu comunitário ainda, e também muito enfrentamento com parceiros.
Também nós gostaríamos de deixar de ser um projeto e tornar uma coisa mais oficial, o tempo é que não está definido, porque esse tempo será definido pela aproximação da comunidade. Queremos transformar em um museu que a comunidade se aproprie, que aprenda a gerir e um dia esteja coordenando, e decidindo o que é que será feito. A museologia comunitária tem que ser bem

abrangente. Nós não queremos que um grupo pequeno esteja definindo as ações em nome da comunidade inteira. O que está faltando é a apropriação da comunidade. E pra isso estamos trabalhando muito. Desenvolvendo ações para os jovens, a rua do lazer, o teatro, fazendo com que a comunidade conheça esse novo momento na cidade e que venham construir juntos.

7. Você acha que o Ponto de Memória teve pouca visibilidade dentro da cidade Estrutural?

Acho que poderia ter tido mais visibilidade, mas foi o que deu né? Também acho que o conselho gestor não contribuiu com a parte que cabia a eles, e mostrou uma fraqueza da Estrutural que é disputa de poder, já que o PM tem esse potencial. Também se eu tivesse prática nas Redes sociais, poderia ter sido melhor, porque eu participei de todas as etapas.

8. Como foi para o Ponto de Memória aceitar o desafio de uma Editora Popular?

Agente já trabalhava a questão da economia solidária, a reciclagem as histórias. Desafio foi entender como um grupo sem local apropriado poderia fazer uma editora, mas o professor Mário Chagas o padrinho e incentivador nos dizia vocês têm tudo pra fazer esse projeto. Daí articulamos as oficinas com a Eloiza Cantoneira e foi muito bom. Outro desafio ė a participação, essa até hoje mal resolvida

9. Fale da relação da Editora Abadia Catadora e o desenvolvimento local

Uma editora popular foi e tem sido um grande desafio para o Ponto de Memória. É uma atividade meticulosa e demorado os seus resultados, pois tudo o que fazemos é artesanalmente. A editora segue com objetivos da Economia Solidária que se configura em ser socialmente justa; ambientalmente sustentável; e economicamente viável, além de estimular o olhar dos catadores que nos vendem os papelões para o cuidado com o meio ambiente, além de estimular o potencial de pessoas criativas, como por exemplo os escritores locais, diferenciando dos princípios das grandes editoras. A editora é um potencial para divulgar os poetas e escritores locais, além de integrar muitas pessoas nos Saraus de Poesia, além de ser os nossos momentos de descontração também. Mas vejo como é difícil o trabalho coletivo e associativo. Nós mesmos com muitas possibilidades não conseguimos ainda gerar renda, mas acho que o fato de ainda existir é uma vitória.

10. As práticas dos processos museais realizados no Ponto de Memória potencializam o protagonismo social?

Tenho certeza que todas essas ações nos deram protagonismo, digo aos moradores, pelo menos alguns e também pra cidade, nas exposições pude ver como os moradores se sentiam importante ao ver suas vidas histórias mostradas, os filhos, os pais se sentiam representados, as parcerias com governo com universidades , com tantos , professores, muitas oportunidades. A Editora, por nos dar a oportunidade de contar nossa versão da história e protagonizar potenciais escritores, até gerar renda, mas acho que a editora ainda precisa ter mais visibilidade, agente pó precisa fazer essa parte , o inventário, também como a editora ainda precisamos torná-lo público e mostrar a Estrutural e Brasília a força cultural local, inclusive de incentivar novos atores, mas enfim viva os Pontos de Memória. ...

Entrevista semiestruturada com Maria Abadia Teixeira de Jesus

Entrevistadora: Silmara Küster de Paula Carvalho

Data da entrevista: 06 de outubro de 2018
Nome do entrevistado: Maria Abadia Teixeira de Jesus
Local da entrevista: Ponto de Memória da Estrutural DF

Maria Abadia , hoje vamos conversar sobre o Projeto que você submeteu ao Fundo de Apoio à Cultura do DF.

1. Em qual contexto foi criado o Projeto de Inventário Participativo Cultural??

Abriu um edital da Cultura para fazer uma formação no DF inteiro e um dos grupos que ganhou o edital nos procurou para fazer a formação conosco e nós aceitamos. Eles vieram uns três meses seguidos aos finais de semana, daí nós nos inteiramos do que era o Projeto do FAC, como era a cultura do DF, e entendemos que de alguma maneira nós também fazemos cultura. Embora o Mece seja um movimento de educação e cultura, a gente acaba indo mais para o lado da educação. Falta muito a gente ter um grupo teatral. Após o término do curso, recebemos um certificado e para nós acessarmos e participarmos dos editais, nós tivemos que fazer o CEAC que significa Cadastro de entes e agentes culturais do DF. Na época o Adriano se prontificou em nos ensinar como fazer este cadastro. Este grupo que fez a formação me ajudou a fazer um portfó
lio. Entre a formação e a aquisição do CEAC levou em torno de cinco meses. Depois disso abriu um edital do Fundo de Apoio à Cultura do DF em 2015, concorremos e fomos selecionados para executar em 2016 e 2017.
Quando saiu o recurso do Projeto Inventário Participativo sobre Cultura e Memória na Estrutural DF, o Movimento de Educação e Cultura – Mece e a coordenação do Ponto de Memória da Estrutural, que é um projeto apoiado pelo Mece, que já vinha desde 2009 realizando um trabalho de inventariar a história da cidade Estrutural DF, se reuniu e decidiu buscar os moradores que participam do Ponto de Memória. Com isso vários moradores foram contatados e foi realizada uma seleção para escolher seis pesquisadores para participar deste projeto apoiado pelo FAC DF. A partir da definição dos pesquisadores, iniciamos as reuniões de trabalho. Foram realizadas três reuniões de planejamento, e definida a minuta do Caderno de Pesquisa. Este projeto foi muito importante pra minha vida, acho que pra Estrutural inteira, eu consegui com esse dinheiro fazer o piso da biblioteca.

2. Foi realizada alguma formação?

A princípio foram realizadas duas reuniões administrativas. Contamos com o apoio do Adriano e criamos um e-mail para o projeto e uma estrutura para o armazenamento das informações do projeto. Nas reuniões administrativas vimos como proceder para efetuar o pagamento das bolsas, decidimos quem seriam os coordenadores e realizar as oficinas de capacitação com os pesquisadores, já previsto no projeto apresentado ao FAC. Ajustamos o orçamento para providenciar os panfletos de divulgação na comunidade, a produção das camisetas para os pesquisadores utilizar e aquisição de pastas e cadernos e pesquisa.

3. Como foi realizada a capacitação para o projeto?

Nesta etapa foram realizadas três reuniões para definirmos com o designer gráfico a logomarca do projeto, uma reunião com os pesquisadores para delinearmos o trabalho e uma reunião com as coordenadoras de pesquisa e com o fotógrafo. Fizemos cronograma de atividade e decidimos os passos do projeto.
A capacitação em inventário participativo contou com as Professoras Ana Lúcia de Abreu Gomes, Marijara Queiroz e Silmara Kuster do Curso de Museologia da UnB.

4. Depois da formação quais foram as necessidades do projeto?

Construímos juntos o caderno de pesquisa, foi muito importante, pois indicamos no caderno aquilo que o projeto previa que fizéssemos, mapear as referências culturais da cidade. Para auxiliar no processo foram realizadas seis Rodas de Memória.

5. Qual era o objetivo da Roda de Memória?

A ideia é que cada pesquisador trouxesse um convidado para participar da roda, poderia ser ligado ou não com a arte, a cultura. Alguns dos participantes já eram músicos então fomos brindados com suas cantorias, outras artesãs, cantoras, dançarino e na maioria indicavam outras pessoas ligadas a cultura e arte na cidade. Daí os pesquisadores iam em busca destas pessoas indicadas na Roda de Memória em suas casas. Visitamos juntos a feira da cidade, o lixão, acompanhamos a procissão Via Crucis, entrevistamos alguns grupos de teatro da cidade. Foram momentos muito bons.

6. Como foram organizadas as entrevistas que foram realizadas?

As professoras Marijara e Silmara acompanharam os pesquisadores e validavam as pesquisas com conferência dos dados. Depois estas fichas foram digitalizadas para serem utilizadas no Catalogo Inventário Cultural da Estrutural.

7. Quando foi encerrado o projeto e quais os resultados?

Encerramos o projeto no dia 28 de abril de 2018 com o lançamento do catálogo em uma Feira Cultural de Economia Solidária da cidade que organizamos. Ocorreu no Espaço Cultural com a apresentação de vários grupos culturais musicais, teatro, exposição de artesanato que mapeamos.

Entrevista semiestruturada com Selenita Rosa

Entrevistadora: Silmara Küster de Paula Carvalho

Data da entrevista: 23 de dezembro de 2017
Nome do entrevistado: Selenita Rosa
Contato: (61) 98435-1479
Idade: 52 anos
Sexo: Feminino
Local da entrevista: Casa da Entrevistada na Quadra 7 Conjunto 01 Casa 13 Setor Oeste Estrutural DF
Local de nascimento
Natural de João Pinheiro - MG, na Zona Rural em Taoá. Nunca havia saído de João Pinheiro até mudar para a Estrutural.

1. Qual o nome de seus pais?

Daniel Pacheco da Silva (1944-2016), conhecido como Sabiá.
Alda Rosa da Silva, nasceu em 1945.

2. Fale um pouco sobre seu pai.

Quando meu pai começou a foliar ainda era criança. Era um músico autodidata. Ele orientava os foliões. Quando os foliões eram novos e não conseguiam pegar o tom da folia, ele os ajudava a pegarem o tom, ele ajudava na organização, ele foi capitão da folia e nunca quis ser o presidente da folia, ele ajudava o presidente (cargo máximo da folia). Ele era muito ouvido na folia, porque era o folião mais velho, tinha muita experiência, ele era um homem muito pacífico e articulador. Ele sabia conduzir a folia pra que tudo ocorresse com normalidade, era muito criterioso nas questões da afinação. Ele foi um homem que teve um papel muito bom na folia, ajudou a construir o galpão onde acontece a festa da folia na região do Tauá - MG. Devido ao dom de cantar que ele tinha, ajudou muito na liturgia da igreja. Ele ajudou na formação da Associação de Folias de Reis de João Pinheiro, hoje eles têm parceria com os Vicentinos, Rotarianos, pessoal filantrópicos de lá. Ele era amigo de todo folião. Fundou a Folia do Divino Espírito Santo. Fundou uma escola, ele teve muita participação na cidade. Auxiliou a liturgia em várias igrejas, tais como a Igreja de São José e Nossa Senhora Aparecida na comunidade do Tauá, São Cristóvão, São Geraldo e Igreja Santa Terezinha, em João Pinheiro. Presidiu a igreja do Divino Espírito Santo na comunidade de Capão - MG, ajudou na criação da Associação das Folias de Reis de João Pinheiro - MG. Fundou a Folia do Divino Espírito Santo.

3. Quando você chegou na cidade Estrutural?

Vim pra Estrutural três vezes. Na primeira foi no ano de 1994. À época morava na cidade do Automóvel, fiquei um tempo, depois em 1997 e em definitivo morar aqui foi no ano de 2006.
Somos em oito irmãos. Meus irmãos vieram pra cá em 1994. Dois já moraram na Estrutural e mudaram para Santo Antonio do Descoberto, uma irmã que morou aqui e agora está em Braslândia, nós ainda somos em quatro na cidade Estrutural: eu, Zezinho, Tião, Dorceli.

4. Quando você conheceu o Ponto de Memória?

Conheci o Ponto de Memória no dia da inauguração em maio de 2011. Depois com a inauguração do Banco Comunitário eu comecei a participar mais ativamente do Ponto de Memória. Fui uma das primeiras clientes do banco.

5. Quando você começou a trabalhar com o artesanato?

Sou costureira há muito tempo, depois comecei o artesanato. Aqui na Estrutural tinha vários grupos pequenos de costureiras e artesãs. Decidimos reunir os grupos após uma proposta em 2012 da Agência Reguladora de Águas, Energia e Saneamento Básico do Distrito Federal – Adasa, para participarmos

de um desfile de moda, com materiais reutilizáveis, como copo plásticos, sacolas etc. Buscamos apoio da coordenadora de vestuário do IFB Camila Fonseca. Tinha uma turma de alunas que estavam fazendo o curso e precisavam fazer estágio. Daí a coordenadora topou a proposta em trazer estas alunas pra Estrutural para nos dar assessoria técnica e comprovar o estágio delas. Fizemos reuniões semanais durante três meses, assim foi elaborado este trabalho. O tema foi proposto pela coordenadora Camila Fonseca que fosse «vestido de noiva», baseado em temas de novelas. E mais um look conceitual para a entrada de uma modelo na passarela. Fizemos um vestido com temas de novela «eu vejo flores em você», foi aproximadamente 30 mulheres. Depois esses vestidos foram para o IFB. Foi através desse trabalho que eu consegui, depois de muita luta, junto com as demais mulheres, e chegar no IFB para fazer o curso de Técnica em Artesanato e lá estou até hoje, terminei o curso e fui fazer «Design de Modas». Foi muito gratificante. Convivi com muitas artesãs. Aprendi bastante. Tenho certeza quando eu terminar meu curso de Design de Modas eu vou ter conhecimento suficiente para sobreviver disso e repassar este conhecimento para as pessoas que não tiveram a oportunidade que eu estou tendo.

6. Quais materiais vocês utilizaram?

Os vestidos foram confeccionados por grupo. Sete grupos toparam. Cada grupo trabalhou um material e um tema de novela. O meu grupo trabalhou com copo descartável e canudinho de água de coco. Usamos um pano de fundo de algodão cru e o restante foi o plástico. Nós fizemos um look de cortina usada em um *voil* e a saia foi feita com câmara de ar com viés de algodão. Como o tema era vejo flores em você, a saia nós tentamos imitar uma flor. A saia tem vários babados e cada babado tem uma ciranda de pétala. Os demais vestidos cada grupo trabalhou com um material, como saco de plástico, isopor, com sacolinha de mercado, banner. Teve um grupo que usou capa de guarda-chuva, a partir daí comecei a trabalhar com capa de guarda-chuva no meu artesanato. Nós trabalhávamos no vestido de noiva individualmente e em grupo.

7. Nome do Curso que você fez no IFB?

Técnica em Artesanato.

8. Como foi participar do inventário cultural na cidade Estrutural?

Pra mim foi muito interessante porque através do inventário eu pude constatar o quanto de talento tem na Estrutural, porque eu já tinha essa noção que tinha muito talento guardado na Estrutural, mas eu não tinha noção do quanto era grande esse número. Com o inventário eu pude ter uma ideia maior que esse número é realmente grande, né. Foi bom pra mim para ficar mais engajada. Me tirou da questão da depressão, pois foi uma época muito difícil da minha vida (seu pai havia falecido). Eu espero que através deste inventário a gente possa reivindicar outros benefícios na comunidade.

Entrevista semiestruturada com Almir Gomes da Silva
Em três ocasiões

Entrevistadora: Silmara Küster de Paula Carvalho

Data da entrevista: 28 de dezembro de 2017
Nome do entrevistado: Almir Gomes da Silva
Contato: (61) 9345-3625
Idade:26
Sexo: masculino
Local da entrevista: Ponto de Memória da Estrutural DF
Local de nascimento: Taguatinga DF

1. Qual o nome de seus pais e como foi sua chegada na cidade Estrutural?

Agenor Pereira Silva e Analice Pacheco Gomes, são de São Luis (MA) e tenho 4 irmãos, minha mãe dizia que as pessoas eram mais solidárias quando a cidade não possuía nenhuma infraestrutura.

2. Quando mudou para a cidade Estrutural? Por qual o motivo?

Não me recordo da data exata de quando me mudei para a Estrutural, sei apenas que minha mãe se mudou antes de mim, nesse tempo eu ficava ou com a minha avó ou com meu padrasto e a minha irmã em Samambaia. Às vezes eu ia visitar minha mãe na Estrutural, nessa época havia muito mato e poeira, as casas eram construídas com lonas e madeiras, não tinha mercado, a água chegava em caminhões-pipa e os lotes eram iluminados à luz de velas. Quando me mudei definitivamente para a cidade foi por volta de 2005 ou 2004, já havia menos mato, mais comércio e energia elétrica, a água encanada veio depois. Nós mudamos para a Estrutural porque minha mãe vivia de aluguel e raramente conseguia emprego fixo, quando soube da cidade veio com uma amiga em busca do sonho da casa própria.

3. Fale um pouco da sua história na Estrutural. O que vem a sua lembrança? Como eram as ruas, as casas, as pessoas. Havia alguma referência natural?

A memória mais antiga que tenho da Estrutural é do lixo, da poeira e do mato. Raramente havia alguém construindo seu lote de alvenaria, eram todos feitos de madeira e lona, outra coisa que eu achava engraçado, isso porque eu era muito criança, era o quanto as coisas pareciam ficar longe. Devido à falta ou o pouco comércio, quando a gente precisava comprar alguma coisa, nós tínhamos que andar muito, mesmo dentro da cidade tudo era muito distante. Havia dois tipos de rua, as compridas e as sem saída, porque com o tempo os lotes iam se amontoando de qualquer jeito, eu mal sabia meu endereço, acho que nem tinha. Muitos dos moradores se diziam ser catadores, poucas vezes eu vi alguém de carro, o principal transporte eram bicicletas, as pessoas pareciam mais solidárias, apesar de haver algumas brigas, inclusive por lotes, eu achava um lugar bem pacífico.

4. Quando foi seu primeiro contato com a Maria Abadia Teixeira de Jesus?

Então, acho que vi a Maria Abadia pela primeira vez quando a Biblioteca ficava em um mesmo espaço que o ateliê de costura dela, era pequena com máquinas de costura e estantes de livros, eu só fui lá uma vez pegar um livro emprestado, depois fechou, não lembro o ano, eu era criança. Acho que foi a Maria Abadia que me atendeu na época, eu só assinei um caderno onde ficou registrado o empréstimo. O nome do livro era Arquivo X. Depois levou mais alguns anos para nos reencontrarmos, a gente só foi se conhecer mesmo em 2012, quando publiquei o meu livro pela editora.

5. Em qual contexto você escreveu o livro ‘A menina e o rio’??

Eu havia terminado de escrever o meu primeiro livro aos 10 anos de idade, quando conheci um escritor chamado Simão Miranda, ele era ex-aluno de uma professora de matemática, ele foi dar uma

palestra no CEF 01 do Guará, onde eu estudava, leu o meu primeiro livro, e sugeriu que eu escrevesse um livro sobre um tema com valores sociais para ele publicar junto com outro livro infanto-juvenil dele. Eu já morava na Estrutural na época, então com 13 anos fiz 'A menina e o Rio', mas o projeto não deu certo, então eu engavetei o livro. Anos depois conheci a Editora Abadia Catadora, achei que tinha tudo a ver com o livro **A menina e o rio**, então resolvi publicar essa história.

6. Você ganhou uma viagem para França, qual idade você tinha e em qual contexto foi a viagem?

Eu ganhei a viagem pela embaixada da França através de um projeto francês chamado 'Allons en France', eu fui selecionado pelos professores da Altas Habilidades da Rede Pública de Ensino, isso foi em 2009, eu estava com 16 anos.

Entrevista semiestruturada com Almir Gomes da Silva

Entrevistadora: Silmara Küster de Paula Carvalho

Data da entrevista: 30 de abril de 2019
Local: Biblioteca Comunitária Catando Palavras
Nome: Almir Gomes da Silva

1. Quando você conheceu o Ponto de Memória?

Conheci em 2012 através do sobrinho da Maria Abadia , o Douglas, ele me disse que havia uma editora que poderia publicar um dos meus livros.

2. Você participa de algum Movimento Social? Qual?

Na época que cheguei a morar na Estrutural não, porque eu ainda era uma criança. Mas na minha adolescência cheguei a fazer parte do Instituto Reciclando Sons, mais tarde entrei para a Editora Abadia Catadora, como escritor, depois como editor, e agora recentemente sou secretário no Mece (Movimento de Educação e Cultura da Estrutural).

3. Quando você começou, percebeu o gosto pela escrita?

Eu percebi o meu gosto pela escrita aos 7 anos quando eu aprendi a ler, comecei fazendo histórias em quadrinhos.

4. Como iniciaram as atividades da Editora Popular?

A sugestão da sua criação surgiu a partir de 2011 baseada em uma editora popular da Argentina chamada Eloisa Cartonera, mas a Editora Popular Abadia Catadora foi inaugurada e teve início das suas atividades apenas em 2012 na I Bienal do Livro de Brasília, com o lançamento de 3 escritores, Bertolt Brecht (traduzido por Vitor por Deus), com "5 dificuldades para escrever a verdade", Carlos Rodrigues Brandão, com "De mão fechada e de punho erguido" ,e Almir Gomes da Silva, com o livro "A menina e o rio".

5. Como surgiu o nome da Editora?

O nome da editora surge em homenagem a uma ex-catadora e militante local chamada Maria Abadia Teixeira de Jesus.

6. Quais formações tiveram? Com quem?

Houve oficinas de Escrita Criativa com a jornalista Madelena Rodrigues, e a escritora e psicóloga Adriana Gradin, também oficinas de desenho com o ilustrador Fernando Lopes e as oficinas de reciclagem de papel da UnB.

7. Qual a sua participação na Editora Popular Abadia Catadora?

Como escritor e editor.

8. Qual a contribuição da Editora Popular Abadia Catadora para a sua vida?

A primeira publicação de um livro.

9. O que representa o livro para você?

Livros são organismos vivos que definem o nosso trabalho, o desejo de construir a identidade de um povo em constante necessidade de evoluir e pertencer.

10. Em sua opinião quais são os maiores desafios da Editora Abadia Catadora?

Então, o nosso desafio ainda é aproximar a comunidade, principalmente os mais jovens, criar meios de divulgar mais o nosso trabalho dentro da Estrutural. Apesar de termos a cara da cidade, e moradores locais que de forma voluntária mantêm o projeto, ainda precisamos alcançar mais pessoas compromissadas com a causa, para só então expandir nossos ideais para outras comunidades. Nosso grande desafio é criar uma forma de comunicação eficaz para atrair a juventude que pode contar com uma economia alternativa, além de promover atividades que tragam esse público para a editora.

11. Quais os desmembramentos das ações da Editora?

Nossas maiores conquistas foram: a publicação de escritores tanto local quanto nacional, o lançamento da editora na I Bienal do Livro de Brasília, nossa parceria com a UnB e a UCB, nosso projeto de extensão da editora na Casa Lila em Taguatinga Norte, nossas oficinas na Casa dos Movimentos com os meninos do Cose, a reciclagem de papel na UnB, encontros poéticos e saraus de poesia.

12. Quais as conquistas?

Incentivo à leitura, à escrita e à arte. Contato com outras formas de pensar, acesso às universidades e outros espaços de cultura, consciência de pertencimento da comunidade e a valorização das suas próprias histórias. Além de excelentes parcerias no meio cultural e acadêmico.

13. Como a Editora pode contribuir para ação coletiva no que concerne a economia solidária e gestão compartilhada?

Agregando novos membros e parcerias e criando novos projetos para captação de recursos.

14. Você desenvolveu uma metodologia de ensino de Escrita Criativa, quando você a aplicou?

A primeira vez foi aplicada em 2017 com os estudantes do Centro de Convivência Cose e posteriormente com 14 alunos do Pronatec.

15. Como você utiliza os cinco sentidos na atividade de escrita criativa?

Usando descrições das sensações, por exemplo, descrevendo gosto, tato, olfato, agregando a esses sentidos as cores, palavras-chave ou sentimentos.

16. Para você qual é o papel das Editoras Populares?

As editoras populares partem dos princípios que norteiam os movimentos sociais, visando uma análise mais simplista da obra através da arte e na construção de uma crítica que põe em perspectiva valores éticos e morais. Desburocratizam o acesso do escritor à publicação, tornando-o essencial no processo de produção do livro, além de uma conscientização sobre sustentabilidade e acesso à informação. A exemplo, a Editora Popular Abadia Catadora, inaugurada em 2012 na I Bienal do Livro de Brasília, que surge com o objetivo inicial de incentivar a leitura e uma provável geração de renda a catadores da cidade Estrutural, mas cumpre também uma função que vai além, o foco e a valorização de novos escritores de comunidades vulneráveis. O papel primordial dessas editoras populares não se restringe a busca de autores marginalizados, mas também abrange o incentivo à escrita como uma construção do saber local, com intuito de valorizar sua memória, dando autonomia para que entendam o seu papel em sociedade e a importância de suas histórias na formação do indivíduo como produtor de conhecimento, independe do seu grau de escolaridade. Desse ponto de vista nasce a necessidade das Oficinas de Escrita Criativa ministradas pela Editora Popular Abadia Catadora, que amplia por meio de um método dinâmico a quebra de paradigmas sobre o processo criativo dando voz a quem sistemicamente é silenciado. A prova é que, atualmente, a editora conta em seu catálogo com o livro *A menina e o rio,* do escritor e morador da cidade Estrutural, Almir Gomes da Silva, além de outros autores do livro *Contos de primavera,* como Luan Diego, Maxwell Taffarel, Bruno Afe Araújo, Simeya Santos, Sheila Reis, Bruno Raian, Arthur Félix, do cronista Vinicius e dos poetas Matheus,

Hildete e Lucas Natanael. Então, a coletânea de contos primavera, é um projeto que eu propus com os amigos. A gente se reuniu uma vez e decidimos escrever um livro juntos, eu sugeri que cada um escrevesse um conto por meio de um sorteio de palavras, a gente escreveu as palavras em uma caixa e tiramos a palavra primavera." O objetivo é que essa oportunidade alcance não apenas escritores, mas jovens ilustradores como Rayra Sany, Arthur Douglas, Lucas Joshua, Carolina e Samuel. Para cumprir esse propósito a editora trabalhou com quatro ações: o projeto Contos de Primavera, oficinas de escrita criativa, oficinas de costura de livros, saraus de poesia e como foto de pesquisa o inventário participativo cultural da Cidade Estrutural (projeto com apoio do Fundo de Apoio à Cultura – FAC - DF.

Entrevista semiestruturada com Almir Gomes da Silva

Entrevistadora: Silmara Küster de Paula Carvalho

Data da Entrevista: 31 de agosto de 2019
Nome: Almir Gomes da Silva
Local da entrevista: Biblioteca Comunitária Catando Palavras

1. Você ingressou na UnB este ano, Parabéns. Em qual curso?

Letras-inglês.

2. Você é Educador Popular, qual o período que você trabalhou e quais atividades desenvolveu?

Eu fui educador social no período de maio de 2018 a dezembro do mesmo ano, dava aulas de Inglês, oficina de desenho, matemática e português no integral do CEF 02 da Estrutural.

3. O que você entende por biofilia?

Entendo biofilia como um desejo de estar ou se sentir vivo, ou parte de algo que lhe traga vida.

4. O lixão a céu aberto da Estrutural é considerado o maior da América Latina, também sendo a principal fonte de renda da Estrutural, você acredita que a partir dele foi possível criar uma consciência de desenvolvimento sustentável com os moradores? Se não, quais as alternativas viáveis para que isso aconteça?

Acredito que se criou uma consciência mais vinculada à sobrevivência da comunidade do que ao meio ambiente, claro que houve poucos que puderam ter essa compreensão mais abrangente sobre a importância da coleta seletiva, da preservação de recursos naturais. Contudo, como o lixão é, ainda hoje, um meio de colocar o pão na mesa da maioria dos moradores, essa consciência pode ser relacionada mais à pratica do que a uma ideia a ser discutida no dia a dia da comunidade, pois desconheço políticas públicas voltadas para que o trabalho desses catadores se estendesse também a suas casas, ou a suas ruas, visto que o lixo na Estrutural ainda é encontrado em lugares proibidos, prova de que não houve uma transformação de dentro para fora, ou seja, o próprio catador não faz a separação do seu lixo sem que haja um interesse tipicamente financeiro, ele escolhe sempre aquilo que pode ser vendido na reciclagem e desconsidera o orgânico, ou latas de lixo nas ruas e praças. A própria coleta dos caminhões de lixo não atende a todas as ruas e quadras, devido à dificuldade desses veículos de se locomoverem em tais lugares. O que precisa ser feito é uma campanha junto à administração da cidade da separação do lixo, da limpeza das ruas, principalmente em épocas de festas e feiras, também da criação de multas e livre acesso dos caminhões coletores a lugares específicos para esse lixo.

5. A cidade Estrutural é predominantemente jovem e negra, quais são as alternativas inclusivas desses jovens em um cenário de vulnerabilidade social?

Os projetos sociais é onde esses jovens se encontram, contudo não são suficientes para atender toda a comunidade, nem todas as demandas desse público. Então poucas alternativas, e infelizmente algumas delas não são boas.

6. Quais são as demandas mais frequentes na cidade?

Segurança, espaços de lazer, acesso à cultura, escolas com ensino médio e creches públicas.

7. As crianças com quem você trabalha na Escola CF2 participam ou já participaram de alguma atividade relacionada à preservação do meio ambiente?

Sim, conhecem, o nome do projeto é Parque Educador, iniciado no primeiro semestre de 2018, é uma parceria entre a Secretaria de Estado do Meio Ambiente do DF, a Secretaria de Estado de Educação DF e o Instituto Brasília Ambiental. O acordo é que durante seis meses as crianças do integral iriam visitar esse espaço em Águas Claras, onde fariam atividades sobre reciclagem, também conheceriam curiosidades sobre o cerrado, enfim eram diversas atividades relacionadas ao meio ambiente, as visitas ocorriam uma vez por semana.

8. Como foi a atividade que você desenvolveu com as crianças do CF2?

Bom, primeiro eu escrevi no quadro a frase "o que minha cidade tem?" ou algo do tipo, e pedi para as crianças me falarem palavras relacionadas à cidade, elas foram falando, carros, casas, cachorros e fui escrevendo no quadro, depois pedi que elas escolhessem o que elas quisessem dessas palavras e fizessem o desenho da cidade onde elas moravam.

Entrevista semiestruturada com Mateus Santana dos Reis

Entrevistadora: Silmara Küster de Paula Carvalho

Data da entrevista: 03 de março de 2018
Nome do entrevistado: Mateus Santana dos Reis
Contato: mateusreis@outlook.com.br
Idade: 22 anos
Sexo: Masculino
Local da entrevista: Ponto de Memória da Estrutural DF
Local de nascimento: Buritis - MG

1. Você gosta de escrever?

Eu escrevo um pouco para me expressar. Eu sou uma pessoa tímida e não consigo me expressar com conversas. Eu comecei a escrever como uma forma de terapia para superar relacionamento, dificuldade, stress. Quando eu estou com uma carga emocional muito forte, eu escrevo. Às vezes eu penso durante semanas, às vezes se perde. Eu tenho um poema aqui, que eu gostava bastante. Eu escrevi após um término com um rapaz que eu namorei aqui da Estrutural.

2. Um poema?

Sim, "Os olhos de Margot". Eu acho que foi o meu melhor que escrevi até hoje.
Eu posso ler?

3. Pode.

Me dê seus olhos Margot, pois se não
irei roubá-los
E quando eu me deitar no seu colo
Seu afago não vai me tirar as palavras
Compartilhe sua mente amor
Quero enxergar o mundo como você o vê
Usar das palavras,
Quero manipulá-las
Para quando eu for dormir
Não me lembrar de você
Venha ao meu encontro sem me temer
Suas atitudes não vão mudar o que eu penso
E sua reprovação só me faz querer crescer
Olhe meus olhos veja quanto estou tenso
Evite-me se puder ou quanto quiser
não quero mais a minha alma
só calma, pós ingênua
tu matou o que restava da minha inocência
me perdoe por favor.

4. Você começou a escrever para se libertar dessas angústias, a partir de que idade você começou a escrever?

Eu comecei a escrever com 15 anos. As pessoas falam que a gente sabe a vida toda que é gay, né? Mas, talvez a gente saiba, mas a gente não se dá conta até a primeira paixão. A primeira paixão não foi desse poema, foi uma espécie de paixão platônica e eu não sabia como lidar com esse sentimento. Eu não confiava em ninguém.

5. E como foi em relação a sua família?

Minha família era muito machista, inclusive eu tive muitas dificuldades com o meu pai em relação a aceitar a minha sexualidade. Então eu escrevia.

6. Quantos poemas você já escreveu?

Nunca contei.

7. Você gostaria de publicar com a Editora Abadia Catadora?

Sim, gostaria nós podemos fazer uma curadoria e escolher os poemas, porque eu acho que nem todos são tão bons, talvez uma revisão gramatical também.

8. Você conhece outros poetas na Estrutural?

Alguns eu conheci em um evento.

9. Você estuda?

Eu fiz Técnico em Informática, mas saí antes de terminar porque percebi que era uma área muito machista. Eu tinha começado Letras na UnB, daí mudei e resolvi fazer Faculdade de Matemática. Estou no sexto período. Eu quero no futuro estudar filosofia também.

10. Você consegue fazer uma ponte entre a matemática e a arte?

A ligação com a Matemática eu faço na fotografia, trabalho proporções, faço triangulação, objeto da cena ocupando 2/3 da cena.
Eu adoro fotografar o céu.
Você nos autoriza a utilizar no Inventário Participativo sobre Cultura e Memória na Estrutural DF seus dados e a entrevista?
Sim.

11. Você nasceu em Minas Gerais, veio com quantos anos pra Estrutural? E seus pais?

Eu vim com meus pais para a Estrutural, eu não tinha um ano. Meus pais contam que vieram pra cá com dois reais no bolso e de carona. Em busca de oportunidade. Meus pais são semianalfabetos. Meu pai participou na construção da primeira associação de moradores. Eles voltaram pra Minas, moram em uma chácara.

12. E como é morar na Estrutural?

Para estudar é complicado, tem muito barulho próximo a minha casa tem três bares e uma igreja. Mas a gente vai superando as dificuldades. Eu não tinha uma consciência de pensar e fazer pela cidade Estrutural. Eu falava assim: ah, eu quero sair da Estrutural, esse lugar horrível... e no Campus do IFB eu mudei a minha forma de ver.

Entrevista semiestruturada com F. Santos

Entrevistadores: Silmara Küster e Almir Gomes da Silva

Data da entrevista: 9 de abril de 2018
Nome do entrevistado: F. dos Santos
Contato: (61)
Idade: 55 anos
Sexo: Feminino
Local da entrevista: Casa da Entrevistada
Local de nascimento: Brasília

1. Qual cidade você morou antes da Estrutural?

Antes da Estrutural, eu morei na Ceilândia, eu vim de uma invasão já, chamada Vila do IAPI. Os meus pais são candangos, vieram do norte, nordeste e a gente morou na Vila do IAPI. Aí da Vila do IAPI que eu lembro... é… de vê... muita poeira, assim. Lugar muito simples, muito humilde, viemos de lá. Mudei para a Estrutural de 1994 para 1995. Os meninos tinham 3, 4 anos. O Arthur hoje tem 26, vai fazer 26, a Petra já tem 27.

2. Qual sua profissão?

Eu falo que sou uma eterna estudante, eu fiz pedagogia, terminei agora, fiz em 2015. Tenho alguns cursos, assim técnicos, mas minha profissão é estudante, eterna estudante.

3. Fale um pouco da sua história na Estrutural, o que vem à sua lembrança? Como era as ruas, as casas, as pessoas, havia alguma referência natural?

A minha lembrança é que… quando chovia, muita lama, quando fazia sol, muita poeira. Tinha pouquíssimas árvores, porque estava chegando muito gente. Na Estrutural moramos na vila nova e já havia, os moradores antigos, há mais de 50 anos aqui dentro que viviam do lixão. Nós da vila nova, não somos os moradores que viviam do lixão. Nós viemos bem depois deles...em 1994, 1995, já tava bem cheio de gente aqui na avenida Brasil, que a gente chamava, antigamente, era lotada. Até nós estávamos lá pro lado da cidade do automóvel (Vila Nova), e ali não podia ficar porque quem ia tomar posse ali era os empresários. A gente sofreu… sofreu muita represália, por parte política, e tal... Mas nós tivemos apoio também, tivemos apoio do ex governador, muito querido aqui por nós, Joaquim Roriz, foi quem nos deu muito apoio mesmo, inclusive, era ele que falava pra gente vir pra cá com as enxadas e tudo. José Edmar também foi um que deu bastante força pra gente aqui…

4. Nessa época você participou de algum projeto educacional na cidade?

Eu participei, junto com os meninos por volta de 1998, de um cursinho patrocinado pelo José Edmar…

5. Quais eram os maiores desafios que você lembra de ter enfrentado aqui na cidade? E quais dificuldades que você lembra dos seus vizinhos também, além da suas?

Não só de mim, mas dos vizinhos? A água. Eu acho que a dificuldade maior era a falta de água. Ixi, agora estamos aí, né, no racionamento também, dá para lembrar um pouco, quando falta... Porque era um caminhão pipa trazia, graças à Deus, é... com a ajuda de Deus e esse pessoal ai, político mesmo. Então o Zé Edmar com esse pessoal aí da associação, na época era a Marlene, conseguiram que através da associação, esses caminhões pipas viam pra cá e colocavam os tambores aqui.

Inclusive, era uma luta, porque pra lavar roupa, a água não dava, a gente tinha que ir para o córrego poluído aqui em baixo, perto do lixão, onde passava até... a água que passava ali, perto do lixão. Numas chácaras que tem aqui perto. E aí a gente ia lavar roupa lá, com perigo até de criança afogar, né... que o Arthur uma vez caiu lá dentro, eu mergulhei a metade do meu corpo pra pegar ele lá em baixo e consegui pegar. E a outra dificuldade era à luz, que não tinha. Eu me lembro quando eu chegava do trabalho, que eu vinha ali pela via estrutural, bem aqui próximo, mas eu como não enxergo bem, aí... chegava era aquele breu, tudo escuro, um blackout mesmo, tudo escuro. Então, ao invés de eu vir do lado da vila, eu ia pro lado de lá, se não tivesse gente gritando aqui, às vezes, o pai dos meninos gritava, ou alguém que me conhecia, "é pra cá, é pra cá", aí eu vinha pela direção da voz. Atravessava a pista, que, até então era calma, não tinha tanto carro, aí não dava para iluminar pra eu ver que lado eu tava né, eu ficava tontinha. O transporte era difícil, porque só tinha passando pela via estrutural, nessa época eu não morava aqui já próximo a via, eu morava em baixo, então eu subia, andava muito para chegar no ponto de ônibus.

6. Já aconteceu de você ser assaltada?

Várias vezes, com faca, revolver, ou sem nada, várias vezes, fui abordada e reagi. E não tinha energia na cidade, reagia falando, gritando e aí eles não conseguiam levar nada, era só mesmo tentativa, sofri muita tentativa de assalto. Não tinha energia, não tinha água, não tinha nada.

7. Como era a organização política desses moradores na busca de solução para problemas da comunidade?

A gente se reunia em comissões, muitas vezes nós fazíamos comissões através das associação de moradores da Estrutural. Íamos até os políticos, até as administrações, até o governador, a gente ia até lá para reivindicar, no caso da CEB, CAESB, a gente tava sempre associado, tava junto à associação lutando por melhorias no local . Essas associações **t**inha líder comunitária. Na época era Marlene e o marido dela Joaquim. Ela criou a associação. Até então, nessa época que ela criou a associação, não tinha essa luta forte por água, luz, saneamento básico e tudo. Essa luta veio de uma briga dos moradores de jogar pau, pedra… Eu nessa época tava no trabalho, mas eu sempre ficava sabendo, porque o pessoal lá falava "Beth tá passando na televisão, tá acontecendo isso lá agora". Então o pessoal… o quê que o pessoal fazia, o pessoal que ficava em casa, que não tinha o que fazer, que era jovem, é pessoas mais velhas queimavam pneus, era no peito e na raça, tudo aqui apareceu no peito e na raça. Começava a briga. E às vezes reunia um pessoal, fazia uma comissão, ia até à CAESB, ia até o governador perturbar, ia até… até pedir pela legalização da Estrutural, porque a gente queria à legalização, porque até então era um problema social grande, porque muitos moradores, era muita gente.

8. A Marlene, ela fazia parte de algum algum partido ou era uma organização sem filiação política, sem partido?

Acredito que ela era, porque no final de tudo eles brigaram, tiveram um rompimento, ela com o Zé Edmar, porque ele viu que ela estava querendo roubar os votos dele. Era uma briga política também. A gente estava no meio de uma briga por urbanização, por melhoria do lugar e eles ao mesmo tempo que brigavam por isso, politicamente eles brigavam pelo os votos do povo da Estrutural. Tinha essa rivalidade política, tinha muita rivalidade política, cada um que chegava, porque viera muita gente, muito pobre, muita gente para angariar votos. Então tinha essa briga. Então o que acontecia, o povo se reunia fazia comissões de 15, 20 pessoas ia até o palácio lá do Buriti, falar com o governador, reivindicar e...

9. Nessa época tinha alguma forma de lazer, como era os fins de semana, o que vocês faziam para se divertir na Estrutural?

Lazer? Eu me lembro que o meu filho tinha seis anos, na época que o Arthur tinha seis anos, aí começou a pedir coisas de esportes, por exemplo, doía o coração, porque ele "mãe, compra um skate para mim, arruma um skate pra mim?" eu trabalhava para dar o melhor para os meus filhos, mesmo como pobre, mas fazendo tudo aquilo que estivesse ao meu alcance. E aí eu falei "filho, o skate onde é que você vai andar nessa buraqueira toda?" que era só buraco "onde é que você vai andar e quando é que eu vou poder te levar até o parque da cidade, até algum lugar?" a gente saia, até o parque da cidade, dava uma volta com as crianças, às vezes tinha um aniversário, uma festinha na casa do vizinho, a gente ia e a gente aqui era muito unido, muito unido mesmo pra vencer. Então, concluindo, o que aconteceu aqui na Estrutural foi tudo no peito e na raça foi o povo, o povo mesmo lutando, não tinha liderança, porque a liderança aqui na verdade brigava também pelos os terrenos, eles foram lutar pelos terrenos, pra… Só brigavam pra... é... pra vender os terrenos. Digamos assim, para negociar os terrenos. [Pra ganhar dinheiro?] É para ganhar dinheiro, era uma luta muito grande, porque a gente às vezes via pessoas chegando e coitada falava assim "olha, preciso de um pedaço, um terreno pra morar, o que eu faço?" e você escutar uma liderança chegar e falar pra ela "o que você tem? quanto você tem? conversa ali com fulano" quer dizer os corretores né. Então era muito difícil, tinha problema aqui até de botarem fogo nas igrejas porque não queria que as pessoas tomasse posse dos lugares, briga… briga por terra mesmo, tinha essas brigas. Um pouquinho antes da legalização, o que que aconteceu, a água chegou, em 2003, foi ligada a água em 2003. Eu me lembro muito do Zé de Edmar, porque ele teve sempre aqui, acalmando a gente, aconselhando. Mesmo antes de começar a mexer, a abrir pra colocar os canos e tudo, colocar o esgoto. Mas aí veio a oposição, que na época foi o PT, infelizmente, eu vou ter que dizer que foi o povo do PT, como aquele Cristóvam que perseguiu muita gente aqui na época em que foi governador, tudo que a gente começava a fazer ele vinha aqui embarga.. outro problema também é a grilagem, que até hoje ainda tem...

Antes de ser legalizada a gente estava vivendo uma repressão, na verdade. De um lado, um governo repressor e do outro lado eles estavam brigando entre eles por poder, mas o povo era o quê? Era uma marionete deles, era máquina de voto deles e ao mesmo tempo tinha essa guerra... aí teve uma época que saiu uma parte da Estrutural daqui… foi pra Planaltina, Recanto das Emas, levou, mas não adiantou. Foi como se fosse... enxugar gelo, porque as pessoas que foram pra lá, voltaram, de novo pra tomar posse da terra de novo. E muitos vendem né, infelizmente, têm esses problemas, as pessoas não precisam, elas querem na verdade ficar negociando a terra, isso aí tinha que ter uma fiscalização, mas não tinha como ter uma fiscalização, porque o pessoal pega e passa pro nome de um filho, de um tio, de não sei quem, aí, vende...

10. Na cidade, qual era a principal fonte de renda dos moradores?

Olha, tinha uns *butequinhos,* tinha umas vendinhas, mas muito pouco, tinha algumas madeireiras, do seu Manuel aqui, essa Elshaday ela já tinha. Já, começou assim bem pouquinho quando nós mudamos para cá, daí assim o pessoal começou a colocar uma madereirazinha, uma vendinha com pão de queijo, um não sei o quê. Muitos trabalhavam fora, como eu. Eu era corretora, depois eu fui trabalhar para o Instituto Candango de Solidariedade, e aí trabalhei nas administração de Brasília, aqui em algumas, na Asa Norte, Asa Sul, no Buriti, também no palácio do Buriti trabalhei.

11. E o lixão?

Tinha algumas pessoas como eu te falei a maioria do pessoal do lixão era os antigos, quando a gente chegou aqui eles já tinham filhos nascidos aqui. Aqui a rua era só mato, mato cheio de despacho, chegava a dar *tonteira*, era desova também de gente, de carro, eu passava e até sentia mal, porque era um lugar pesado, pesado mesmo, bem perigoso, pior do que agora.

12. Você acha que com o lixo ali, as pessoas tinham uma conscientização em relação ao lixo, por exemplo, as pessoas faziam separação do lixo nas suas casas? As pessoas tinham consciência ambiental do local ou não tinha essa preocupação?

Olha, eu acredito que consciência ambiental eles não tinham não, mas que eles tinham muita necessidade de comer tinham. De sobreviver. Muitos mesmo sobreviviam dali, eles juntavam papelão, alumínio, tudo que achavam, inclusive acharam até anel de ouro, dinheiro, achavam tudo, até roupa, sapato. Eu passei um tempo que eu não ia lá no lixão, mas tinha uma vizinha minha, que chegava o lixo do Carrefour, era chique, que tinha carne embalada…tinha... tinha carne embalada é... muita coisa, tinha muita coisa boa que não tava vencida ainda, que ainda ia vencer. Ela pegava e repartia. Eu passei um tempo e comi, comi do lixo, mas do lixo do Carrefour, rico. Lixo bom. Olha era um lixo bom, eu suspeito que as pessoas pegavam as coisas embalavam e jogavam pra depois pegar e não conseguiam pegar, vinham pro lixo, aí aqui, a gente comia né do lixo, era carne, era pizza, era… quando tava bom. Ela criava uns porcos, essa… dona Júlia até, morava nos fundo da gente, que a gente morava lá pra baixo. Ela deixava o lixo muito tempo no quintal dela, então isso fez um mal pra gente. Passou mal eu, os meus meninos, tudo, vomitando, dor no estômago, de tanto mau cheiro que a gente sentia, na época. Mas a gente comia desse lixo, mas não do jeito que tava, que ela deixava passar os dias. A gente comeu um pouco do lixo também, mas não do lixão lá, mas do lixo que vinha.

13. Então, os moradores tinham mais uma consciência para sobrevivência, do que para a sustentabilidade?

Não, não é sustentabilidade, é sustentabilidade da boca deles. Não é preservar o meio ambiente, separando o lixo e tal, com aquela consciência de que tem que cuidar.

14. Depois do fechamento do lixão o que mudou para as pessoas na cidade, na sua opinião?

Olha, pra mim, não mudou muita coisa, mas para o pessoal que trabalhava lá mudou, porque eles tiraram o pessoal, não deu emprego para todo mundo, ficou uma parte aí ainda esperando abrir galpões. E os galpões não atenderam às necessidades de trabalho deles também, inclusive, diz que é de mil e duzentos a mil e quatrocentos reais, não tem passagem, não tem nada. Para os catadores ficou ruim, ficou difícil, porque agora eles vão ter que se locomover, ir até Ceilândia, pegar ônibuse ir trabalhar longe, em galpões longe. Agora pra gente aqui, mudou que ficou mais limpo, parou de passar esses caminhões e o ar está menos poluído e as ruas também estão menos sujas, porque quando os caminhões passavam, às vezes, eles deixavam cair restos de lixo e ninguém apanhava isso. Hoje nós temos o SLU que tá aí varrendo, graças à Deus.

15. Por que você acha que é importante ser contada a história da cidade Estrutural?

É importante porque é um processo de desenvolvimento social e cultural, o povo aqui está mais educado, mais civilizado, porque até, então, naquela época era barra pesada, era muito pesada. Hoje tem morte, mas antigamente era muito pior, muito mais perigoso. Nossa história é importante porque ainda precisa de muito desenvolvimento, ainda precisa de muita coisa a ser feita aqui na cidade Estrutural, inclusive aqui a gente não tem muito lazer, o quê que tem muito aqui, aí os botecos se

transformam em boca fumo, aqui temos muitos jovens ociosos nas esquinas usando maconha, é problema social muito grande, de vez em quando morre um. A cidade precisa ter mais cultura, mais cinema. mais teatro, uma pista de skate. Outro dia eu estava ali na pracinha e tava vendo os meninos dançando break dance, street dance, ali, muito legal. capoeira, de vez em quando eu vejo uns grupos de capoeira aqui. Mas tem custos né. Precisamos de um polo da UnB aqui. Nós temos pedido a Deus que tenha um polo aqui, porque a educação formal aqui é muito importante pro desenvolvimento do indivíduo porque ele precisa ser preparado para o mundo lá fora. Precisamos de um projeto grande de música, parceria com a escola de música de Brasília, se ela tivesse um polo aqui, seria excelente, se os professores de lá se disponibilizassem para vir dar aula aqui em um projeto grande, até eu estava dentro.

16.E em relação a cultura, o que predomina mais aqui na Estrutural?

Olha, a cultura aqui é o funk nas esquinas e também eu falo de cultura também em igrejas, música em si, mas o que predomina muito aqui é o funk indecente aqui nas esquinas. A gente tinha que trazer uma cultura melhor pra cá. Eu identifico assim muitos talentos, muitas pessoas talentosas, por exemplo, você que é escritor, tem o Bruno lá que trabalha com música, editor, o Arthur, tem o Arlon que toca bateria, violão têm muitos músicos aqui, Música, o pessoal aqui é musical, a forma maior de cultura aqui é a música.

17.Qual a relação da cidade com a construção de políticas públicas para a Estrutural? Qual a relação da cidade com a administração, ela é atuante, participativa, se sente representada?

Olha, é difícil, porque o povo é muito acomodado. Acredito que eles têm procurado fazer aquilo que está ao alcance deles sem nenhuma cobrança dos moradores, falta o povo cobrar mais. Por exemplo, o povo reclama que o ônibus da Ceilândia demora mais de uma hora para passar, aí o povo não vai lá na administração reclamar, vai reclamando apenas entre si. Povo aqui está acomodado, porque que a maioria que morava aqui antigamente, daquela luta mudou, quem vem aí já encontra água, luz, telefone, internet ai pra eles está tudo bom. Não reclama dos buracos nas ruas, do transporte, reclama mais não faz nada.

18.O que você acha que falta na cidade para ser um lugar ideal para se viver?

Muita coisa, falta mais limpeza, mais urbanização, mais cultura pra cidade, mais comercio, falta diminuir mais os impostos, água, luz, para o padrão do povo que mora aqui está muito caro. Como o povo já dizia aqui, aqui é filé né, aí fica todo mundo de olho, mas quando foi feito aqui, aqui tem projeto para pessoa pagar menos luz, mas na água não tem, então está faltando muita coisa. Escola, faculdades. Na Santa Luzia, tem que resolver problema do pessoal novo que chegou agora. Aqui tem a antiga Estrutural, a nova Estrutural, a média Estrutural e a contemporânea. O pessoal para estudar vai lá pro Guará, aqui tem o EJA, mas é o supletivo, aqui o pessoal que precisa de ensino médio tem que ir pra lá. Então precisa de mais escola para o ensino médio, ensino superior, e também cursos técnicos, como o Pronatec, porque o povo aqui é ocioso, aí você sabe que mente vazia é oficina do capeta. E orientação, as pessoas precisam de muito de orientação, foi feito aqui pela a Eliana Pedrosa um projeto para as mulheres. Ela fez um projeto aqui eu fui entrevistada inclusive, que era pra gente entrar dentro das casas, dar conselhos, oferecer cursos para as mulheres se aperfeiçoarem.

19.Quando você decidiu estudar e quando você achou que seria importante fazer um curso superior?

Eu sempre estudei. Eu já trabalhei muito em campanha política, eu entrei no ensino médio pela segunda vez, para recuperar as matérias, inclusive eu tenho uma matrícula que eu quis encerrar, mas o

secretário falou “não eu vou deixar isso aqui em aberto, vai que uma hora você decide vir aqui” eu falo com cem anos, ele falou “pode vir com cem anos, com setenta, que sempre vai tá bem vinda”, Aí, eu comecei à fazer o ensino médio, depois eu comecei a voltar a trabalhar de novo e sempre sonhei em fazer faculdade. Porque eu queria ter essa experiência de estar em um curso superior, de aprender alguma coisa, de poder me desenvolver também mentalmente e me relacionar com as pessoas. Em 2015 eu trabalhei no projeto Sisu na STIS, eu sempre fazia à prova do Enem, mas eu fazia por fazer, aí esse ano, em 2014 eu pensei vou fazer, aí peguei minha nota de corte e passei para pedagogia pelo o Prouni. Pretendo fazer outro, ou uma segunda graduação ou uma pós, um mestrado. Mesmo que eu não atue na área o estudo sempre vai servir para alguma coisa, seja para trabalhar ou aplicar na sua vida diária, na sua família, na sua cidade com o seu vizinho, nunca é tarde para aprender. Outra coisa, não é o lugar que faz à pessoa, é a pessoa que faz o lugar. As pessoas me perguntam se eu gosto de Brasília, eu falo eu gosto, eu tenho Brasília em mim. Eu exponho essa Brasília pra fora.

20. Você gosta de morar na Estrutural? Você moraria em outro lugar?

Gosto, mas eu queria que ela mudasse, que fosse mais desenvolvida. Mudasse de uma forma que eu pudesse mudar também a minha condição financeira, que ela pudesse se desenvolver ao ponto que eu me desenvolvesse junto. Acredito que eu já me desenvolvi bastante, mas a gente pode muito mais. Se fosse para eu mudar eu não sei nem para onde eu iria, não tenho nem ideia, mas eu quero que ela mude. Que os administradores, os governantes, que as pessoas, que nós, que o povo desperte, eu sempre falo se você não for lá e não ordenha a vaca não vai ter leite, então o povo tem que cobrar.

21. Para encerrar, você tem alguma habilidade, algum talento ou hobby que você gosta de fazer no seu dia a dia, ou no seu tempo livre?

Eu gosto de interpretar de cantar, mas acredito que o meu talento mesmo é ensinar, aprender.

22. Você conhece o Mece, o movimento de educação e cultura da cidade Estrutural?

Não.

23. Você conhece alguma biblioteca comunitária?

Conheço, uma que nem abriu ainda. Aquela da irmã da Jeruza... É da Maria Abadia , inclusive já doei uns livros lá.

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS (MODELO)

Carta de Cessão de direitos sobre documentos arquivísticos, imagéticos, digitais e histórias orais pertencentes ao Ponto de Memória da Estrutural DF

Pelo presente documento, eu_____,

natural de _____, (estado civil)_____ , Carteira de Identidade n° _____, órgão emissor:_____, domiciliado e residente na cidade de_____ na Rua/Avenida_____

_____, declaro ceder a

Silmara Küster de Paula Carvalho (entrevistadora), R. G. 60275599, órgão emissor: SSP/PR, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei na cidade de _____, em____de_____de _____. A entrevistadora fica assim autorizada a utilizar e publicar, para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento no todo ou em partes, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos.

_____, ____ de_____ de_____.

_____

Assinatura do/a Entrevistado/a

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Pelo presente documento, eu, Maria Abadia Teixeira de Jesus, natural de Unaí - MG, solteira, Carteira de Identidade nº 1122896, órgão emissor: SSPDF, domiciliada e residente na cidade Estrutural DF na Rua/Avenida Quadra 1 Conjunto 01 Casa 54 Setor Oeste, Presidente do Movimento de Educação e Cultura da Estrutural e Coordenadora do Ponto de Memória da Estrutural DF, declaro ceder à professora e pesquisadora Silmara Küster de Paula Carvalho, R. G. 60275599, órgão emissor: SSP/PR, o direito de uso de documentos, registros fotográficos, depoimentos orais e do que se referir ao Ponto de Memória da Estrutural DF para fins de pesquisa. A professora fica assim autorizada a utilizar e publicar, para fins culturais e acadêmicos, no todo ou em partes, editado ou não.

Brasília, 20 de janeiro de 2016.

Maria Abadia Teixeira de Jesus

Assinatura do Presidente do
Movimento de Educação e Cultura da Estrutural
CNPJ 24891909/0001-45

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE O DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, **Selenita Rosa,** natural de João Pinheiro - MG, solteira, Carteira de Identidade n° 3445548, órgão emissor DF, domiciliado e residente na cidade Estrutural DF na Quadra 7 Conjunto 01 Casa 13 Setor Oeste Estrutural DF, declaro ceder a Silmara Küster de Paula Carvalho (entrevistadora) R.G. 60275599, órgão emissor: SSP/PR, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei na cidade Estrutural DF, em 23 de dezembro de 2017. A entrevistadora fica assim autorizada a utilizar e publicar, para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento no todo ou em partes, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos.

Brasília, 23 de dezembro de 2017.

Selenita Rosa da Silva

Assinatura do/a Entrevistado/a

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE O DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Mateus Santana dos Reis, natural de Buritis - MG, solteiro, Carteira de Identidade nº 3063731, órgão emissor SSP/DF, domiciliado e residente na cidade Estrutural DF na Quadra 04 Conjunto 10 Casa 01 Setor Norte Estrutural DF, declaro ceder a Silmara Küster de Paula Carvalho (entrevistadora), R.G. 60275599, órgão emissor: SSP/PR, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei na cidade Estrutural DF, em 03 de março de 2018. A entrevistadora fica assim autorizada a utilizar e publicar, para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento no todo ou em partes, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos.

Brasília, 03 de março de 2018.

Mateus Santana dos Reis

Assinatura do/a Entrevistado/a

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE O DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Maria Abadia Teixeira de Jesus, natural de Unaí - MG, solteira, Carteira de Identidade n° 1122896, órgão emissor:_SSPDF_, domiciliada e residente na cidade Estrutural DF na Rua/Avenida Quadra 1 Conjunto 01 Casa 54 Setor oeste, declaro ceder a Silmara Küster de Paula Carvalho (entrevistadora), R. G. 60275599, órgão emissor: SSP/PR, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei na cidade Estrutural DF, em 29 de abril de 2017. A entrevistadora fica assim autorizada a utilizar e publicar, para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento no todo ou em partes, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos.

Brasília, 29 de abril de 2017.

Maria Abadia Teixeira de Jesus

Assinatura do/a Entrevistado/a

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE O DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Maria Abadia Teixeira de Jesus, natural de Unaí - MG, solteira, Carteira de Identidade n° 1122896, órgão emissor:_SSPDF_, domiciliada e residente na cidade Estrutural DF na Rua/Avenida Quadra 1 Conjunto 01 Casa 54 Setor oeste, declaro ceder a Silmara Küster de Paula Carvalho (entrevistadora), R. G. 60275599, órgão emissor: SSP/PR, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei na cidade Estrutural DF, em 06 de outubro de 2018. A entrevistadora fica assim autorizada a utilizar e publicar, para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento no todo ou em partes, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos.

Brasília, 06 de outubro de 2018.

Maria Abadia Teixeira de Jesus

Assinatura do/a Entrevistado/a

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE O DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Almir Gomes da Silva, natural de Brasília DF, solteiro, Carteira de Identidade n° 3053748, órgão emissor DF, domiciliado e residente na cidade Estrutural DF Quadra 04 Conjunto 14 Casa 16 Setor Leste , declaro ceder a Silmara Küster de Paula Carvalho (entrevistadora), R. G. 60275599, órgão emissor: SSP/PR, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei na cidade Estrutural DF, em 28 de dezembro de 2017. A entrevistadora fica assim autorizada a utilizar e publicar, para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento no todo ou em partes, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos.

Brasília, 28 de dezembro de 2017.

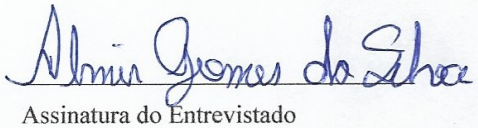
Almir Gomes da Silva

Assinatura do/a Entrevistado

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE O DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Almir Gomes da Silva, natural de Brasília DF, solteiro, Carteira de Identidade n° 3053748, órgão emissor DF, domiciliado e residente na cidade Estrutural DF Quadra 04 Conjunto 14 Casa 16 Setor Leste , declaro ceder a Silmara Küster de Paula Carvalho (entrevistadora), R. G. 60275599, órgão emissor: SSP/PR, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei na cidade Estrutural DF, em 30 de abril 2019. A entrevistadora fica assim autorizada a utilizar e publicar, para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento no todo ou em partes, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos.

Brasília, 30 de abril de 2019.



Assinatura do Entrevistado

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE O DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Almir Gomes da Silva, natural de Brasília DF, solteiro, Carteira de Identidade n° 3053748, órgão emissor DF, domiciliado e residente na cidade Estrutural DF Quadra 04 Conjunto 14 Casa 16 Setor Leste , declaro ceder a Silmara Küster de Paula Carvalho (entrevistadora), R. G. 60275599, órgão emissor: SSP/PR, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei na cidade Estrutural DF, em 31 de agosto de 2019. A entrevistadora fica assim autorizada a utilizar e publicar, para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento no todo ou em partes, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos.

Brasília, 31 de agosto de 2019.

Almir Gomes da Silva

Assinatura do/a Entrevistado

Apêndice III - Caderno de Campo

Atividades registradas em campo sobre as ações do Ponto de Memória da Estrutural DF 2010 a 2019

2010	
12 a 17 de julho de 2010	4º Fórum Nacional de Museus Meu primeiro encontro com Deuzani Noleto, Adoaldo Dias e Maria Abadia Teixeira de Jesus.
29/07/2010	Recebi um convite dos gestores do futuro Ponto de Memória para uma reunião com vistas a apoiar o projeto.
23/08/2010	Na reunião do dia 23 de agosto ficou definido que representantes da Estrutural procurariam o Ibram para uma reunião a ser agendada para o dia 20 de setembro de 2010, na Casa dos Movimentos às 19h. Também foram marcadas reuniões futuras com várias pautas, entre elas a aprovação do Regimento Interno do Conselho Comunitário do Ponto de Memória.
25/08/2010	Reunião do Ponto de Memória Moradores da cidade Estrutural: Maria Abadia , Coracy Coelho, Caroline Soares, Djalma Nascimento, Adoaldo Dias. Mece: Deuzani Noleto, Luiz Delgado, Sandra Lobo UnB: Silmara Küster Ibram: Marcelle Pereira, Wélcio de Toledo, Sara Schuab Alessandra Ferreira, Michelli Costa. ale.focuda@gmail.com,arus.sugra@gmail.com,claudiarose@terra.com.br, danantro@yahoo.com.br,denylson.filosofia@hotmail.com,deuzani@yahoo.com.br,gestgmatino@gmail.com,iraneideoliveira@gmail.com,ivaneideoliveira@gmail.com,jailsondr@hotmail.com,kikistorino@gmail.com, leodenice.df@gmail.com,luzzinete@hotmail.com, precesdf@gmail.com,rosanahonorio@hotmail.com,rosinhapedeserra@hotmail.com,claudiaroseibram@gmail.com,pedrosorel@hotmail.com, izabeltorres@hotmail.com Deliberações: Denylson fez este email para o Ponto de Memória. pontodememoriaestrutural@gmail.com “a partir de agora vamos utilizar este e-mail para nossa comunicação com o Ibram, com os demais Pontos de Memória e entre nós”. Ficou decidido que vamos já efetuar algumas ações relativas ao Ponto de Memória: 1. Visita às Escolas (Maria Abadia e Denylson - CEF1); 2. (Coracy/Deuzani e Duda - CEF2 sexta à noite).

	3. Duda e Vicente vão filmar as quadras 15, 16 e parte da 17. 4. Sara (Ibram) foi convidada a participar. 5. Organizar uma Oficina para os professores da rede pública da Estrutural, para que os que se motivem a levar Projeto Ponto de Memória dentro das escolas, a proposta que a oficina seja ministrada pelo Ibram/UnB/Remic(Rede de Educadores de museus). 6. Ficou decidido que a base do Ponto de Memória vai ser na Casa dos Movimentos (quadra 9 conjunto E Casa 21 Estrutural).
20/09/2010	Reunião com o Ibram às 19 horas, na Casa dos Movimentos, quadra 9 conjunto E Lote 21. Esclarecimento de pontos relacionados ao projeto Ponto de Memória: - Contratação de consultoria para acompanhar e avaliar o Ponto de Memória - Formulários para Plano de Trabalho - Definição de oficinas que serão ministradas e datas das mesmas - Relacionamento do Ponto de Memória da Estrutural DF com o Ibram - Propor uma Oficina em parceria com a UnB e Remic, para os professores da rede pública da Estrutural.
29/09/2010	Reunião com o professor Mario Chagas e representantes do Departamento de Processos Museais do Ibram, com a seguinte pauta: 1) Apresentação do Departamento de Processos Museais do Ibram 2) Apresentação do Projeto Pontos de Memória 3) Discussão sobre a possibilidade de publicação temática Dia em que foi decidido a minha participação na criação de um projeto de extensão a ser realizado no Ponto de Memória.
06/10/2010	Reunião do Ponto de Memória
04/12/2010	Realização do primeiro Café com Memória
2011	
18/02/2011	Reunião do Ponto de Memória da Estrutural DF com o Ibram 1) Edital para contratar o consultor: mais de uma pessoa deverá participar do edital; a pessoa escolhida deverá ser referendada por escrito pelo Conselho Comunitário do Ponto de Memória; os produtos que o consultor deverá entregar são: Plano de ação (Anexo 10) (mas terá que ser elaborado coletivamente); Relatório contendo o inventário participativo; um produto de divulgação (inventário, vídeo, etc.). 2) O plano de ação deverá ser entregue logo que o consultor for contratado para que a primeira parcela do recurso seja liberada, as outras duas à medida que os produtos forem entregues, o objetivo mesmo é que o Museu comunitário aconteça e que seja construído junto com a população. Informamos ao Ibram: 1) A data da primeira exposição do Ponto de Memória que seria dia 16 de abril foi alterada, pois no mesmo dia ocorrerá a

	Conferência de Cultura da Estrutural. Então decidimos junto com o Ibram que a exposição será em 21 de maio e que a mesma vai fazer parte da 9ª Semana Nacional de Museus. 2) Devemos fazer a inscrição que vai até 27 de fevereiro; 3) Decidimos que vamos fazer um Café com Memória antes da exposição, em março ou abril.
09/03/2011	Reunião do Ponto de Memória Informes: Retirada de doações da Rodoferroviária; Dia 10 reunião com a Administradora; • Dia 14 reunião do Ponto de Memória; • Dia 15 reunião com Ibram; • Dia 23 reunião do Ponto com o Duda sobre projeto. Equipe de Trabalho para construção da Exposição: Divulgação e Mobilização: Coracy, Denilson, Argus e Luzinete Exposição: Carol, Maria Abadia e Deuzani Logística: Maria Abadia , Carol, Deuzani e Jacira Cultural: Alessandra, Fernanda, Jamaica e Coracy Audiovisual: Fernanda, Vicente, Duda e Argus Reunião do Ibram: Treinamento com os professores e Silmara • Edital do prêmio falado no Rio: • Solicitação de um técnico para ajudar na construção da exposição: Denílson vai pesquisar sobre empresas que trabalham com construção de galpões e vai pesquisar projeto da Católica sobre construções para participar do Ponto.
26/03/2011	Enviei um convite às professoras do Curso de Museologia convidando para pensarmos juntas o projeto de Extensão solicitado pelo Ibram, à época ressaltei que já havia um núcleo de extensão da UnB na Estrutural.
09/04/2011	Foi realizado na Estrutural a Oficina de Acervo, ministrado pelo Ibram, cujo objetivo foi capacitar a comunidade para o desenvolvimento do projeto. Sábado da 9h às 17h Site que divulgaram a oficina: http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2011-04-09/moradores-da-vila-estrutural-participam-de-projeto-para-reconstrucao-e-valorizacao-da-memoria-da-comu Galeria de Fotos: http://agenciabrasil.ebc.com.br/galeria/2011-04-09/moradores-da-vila-estrutural-participam-de-mais-uma-etapa-do-programa-ponto-de-memoria http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2011/04/09/interna_cidadesdf,247041/programa-de-valorizacao-da-

	memoria-da-comunidade-chega-a-estrutural.shtml http://www.tca.com.br/capa/noticias.php?id=53645 http://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?id=170240 http://www.andrelazaroni.com.br/site/noticias/veja_mais/840 http://correiodobrasil.com.br/moradores-da-vila-estrutural-participam-de-projeto-para-reconstrucao-e-valorizacao-da-memoria-da-comunidade/228053/ TV NBR http://www.youtube.com/watch?v=XPZ4p3k2dpY
19/04/2011	Enviei a proposta para o SIGPROJ da UnB "Conservação e acervo do Ponto de Memória da Cidade Estrutural vinculada ao Edital de Fluxo Contínuo de Extensão Fluex – 1ª Edição 2011(UnB)". O número do protocolo do envio é 86053.368.61337.19042011.
31/05/2011	Reunião – FCI/ UnB Foi realizada uma reunião na FCI/UnB para conversarmos com os estudantes do Curso de Museologia interessados em participar do projeto de extensão. Alunos oficialmente inscritos até o momento: Anna Paula e Herika Lorena.
07/06/2011	- Reunião – FCI/ UnB Apresentação do projeto de extensão aos alunos, esclarecimentos acerca do projeto e do local onde será realizada a extensão. Inscrição dos alunos, preenchimento de formulários e termo de responsabilidade. Informes sobre a programação e o lançamento do projeto de Extensão. Estudantes participantes da reunião: Herika Lorena, Sâmia Siqueira, Julia Carrari, Anna Paula Silva, Lucas Moura e Águeda Macias.
16/06/2011	- Lançamento do Projeto de Extensão – FCI/UnB Coordenação do evento: professora Silmara Küster Mesa de abertura: Mario Chagas Ibram, Lillian Alvares FCI, Jaime Leiro FCI, Ivana de Siqueira OEI, Eliana DEX, Elmira Simeão FCI. Palestras: Marcelle Pereira- Coordenadora de Museologia Social e Educação, do Departamento de Processos Museais. Vontade de Memória, Vontade de Museus: a experiência dos Pontos de Memória. Deusani Noleto e Maria Abadia Teixeira de Jesus – Gestoras do Ponto de Memória da Estrutural DF.
18/06/2011	Reunião para definir a agendas do lançamento do Projeto. Havia outro evento sendo realizado na Casa dos Movimentos com a Teia do Conhecimento Universidade Católica. Estavam presentes representantes do Ponto de Memória: Coracy, Deusani, Maria Abadia ,

	Jacira, Sr. Vicente, Carol. Professores: Silmara e Ana UnB, Alunos: Herika, Sâmia, Lucas.
20/06/2011	Reunião - FCI - Professores: Ana Abreu, Silmara. Alunos: Anna Paula Silva, Lucas Moura, Sâmia Siqueira, Julia Carrari, Águeda Definição de atividade prática para iniciar o projeto com o objetivo de atrair a comunidade local a participar.
25/06/2011	Discussão no Ponto de Memória sobre a missão. Participaram Maria Abadia , Deuzani, Sâmia, Herika (alunas), Profa Deborah Silva Santos, Profa Silmara Küster, por Exemplo: o banner é acervo ou material de apoio? Os banners são material de apoio. As fotos são acervo, as histórias registradas.
30/06/2011	Ação educativa com a equipe do Ibram das 10h às 17h. Esta ação visou melhorar questões relativas à visitação da exposição e a continuidade das atividades do Ponto de Memória para envolver mais a comunidade.
02/07/2011	– Lançamento do Projeto de Extensão na Casa dos Movimentos Apresentação do Projeto de Extensão para os participantes do Ponto de Memória da Estrutural DF. Participaram da atividade as professoras do Curso de Museologia da UnB Ana Lúcia de Abreu Gomes, Monique Batista Magaldi, Deborah Silva Santos. Participantes do Ponto de Memória da Estrutural: Jacira de Jesus Vieira, Vicente de Paula Sousa, Maria Abadia Teixeira de Jesus, Deuzani Candido Noleto, Coracy, Jair e Gean (grupo de break da Estrutural) e Tiago Martins (grafiteiro da Estrutural). Estudantes extensionistas: Hérika Lorena Cavalcante Nogueira, Samia Siqueira Neves da Silva, Julia de Araujo Carrari. Proposta apresentada para o segundo semestre de 2011: inventário participativo e dinâmicas de coleta de memória oral; conhecer as experiências museais do DF; compreender a especificidade de um Museu Comunitário; oficina de patchwork; oficina de papel artesanal. Na ocasião a gestora do Ponto de Memória relatou a sua insatisfação com as universidades que vão até a cidade, fazem suas pesquisas e não apresentam os resultados: “Professora Silmara, nós estamos cansados de receber pesquisadores aqui na cidade, eles vêm aqui, impõem seus conhecimentos, coletam informações, publicam pesquisa sobre nós e não dão retorno, nunca mais sabemos de nada, é um descaso”.
04/07/2011	Reunião na UnB com estudantes extensionistas e professores para falar sobre o lançamento do dia 02/07/2011
08/07/2011	Ação educativa e grupo focal no Ponto de Memória com o Ibram
09/07/2011	Início da conversa sobre oficina de Patchwork e Conservação Museal - Atividades de integração coordenado pela Profa Silmara
30/07/2011	Realizamos a visita ao Museu Vivo de Memória Candanga. Realizamos a visita técnica no Museu Vivo da memória Candanga. A atividade foi mediada pela profa. Silmara Küster e as estudantes do Curso de Museologia: Hérika Lorena Cavalcante Nogueira e Anna Paula da Silva.

13/08/2011	– Conservação preventiva - Reflexão acerca da visita técnica realizada e questões relativas à Conservação Preventiva.
21/08/2011 e 24/08/2011	– Reunião FCI/UnB Reunião realizada para discutirmos a participação do Ponto de Memória na Semana de Extensão Universitária. Título Provisório: "A leitura do mundo precede a leitura da palavra": novos contextos ressignificando o olhar. Texto provisório: A mostra apresenta uma síntese da experiência de alunos e professores extensionistas da UnB no projeto de extensão "Conservação e Acervo do Ponto de Memória da Cidade Estrutural". Pretende-se articular no espaço expositivo imagens em banners e vídeo das atividades realizadas no Ponto de Memória. Esta mostra dos extensionistas da UnB integrará a exposição de inauguração realizada em maio de 2011 do Ponto de Memória da Estrutural DF em parceria com o Ibram/MinC, intitulada “Movimentos da Estrutural - Luta, Resistência e Conquista" que terá sua primeira itinerância na UnB durante a semana de extensão universitária. Levantamento de questões relativas a desmontagem/montagem da exposição; atividades que serão realizadas; problematização do tema na universidade; conservação.
26/08/2011	Encaminhamos o texto aos gestores do Ponto de Memória para aprovação e acréscimos do texto abaixo: A exposição “A Leitura do mundo precede a leitura da palavra: vivências e convivências” apresenta uma síntese da experiência de alunos e professores extensionistas da UnB no projeto de extensão que está em andamento "Conservação e Acervo do Ponto de Memória da Cidade Estrutural" que, concomitantemente à Semana Universitária, integra a exposição "Movimentos da Estrutural - Luta, Resistência e Conquista", realizada em maio de 2011 quando da inauguração do Ponto de Memória da Estrutural DF pelo Instituto Brasileiro de Museus/MinC tendo a sua primeira itinerância na UnB na Faculdade de Ciência da Informação [FCI]. A exposição estará aberta ao público do dia 01 a 08 de outubro das 10h às 22h.
30/08/2011 31/08/2011 01/09/2011 02/09/2011	Participação dos consultores locais e gestores dos Pontos de Memória no I Seminário de Qualificação de Representantes e Consultores Locais dos Pontos de Memória realizado no Ibram em Brasília, sobre inventário participativo e produto de difusão, previstos nos planos de ação, a serem desenvolvidos até o final de 2011. No dia 31 de agosto a visita ocorreu no Ponto de Memória da Estrutural e na chácara do Duda.
27/08/2011 03/09/2011 10/09/2011 24/09/2011 01/10/2011	Continuidade da Oficina de Patchwork ministrada pela profa. Dra. Ana Lúcia de Abreu Gomes e Conservação de Têxteis pela profa. Ms. Silmara Küster. Temas: Preservação (aspectos gerais, vida, saúde, escola, trabalho, localidade, convivência social, história de vida, trajetória de vida, patrimônio cultural) Objetivos Aproximar os professores do Curso de Museologia com a comunidade participante do Ponto de Memória. Exercitar o espírito de equipe a partir de atividade de integração. Explorar as cores, forma, composição, desenho, textura. Utilizar adequadamente os materiais para a realização da atividade.

	Introduzir o conhecimento de conservação de têxteis por meio do artesanato com tecidos. Aprender a técnica do corte do tecido a partir de módulos em cartão. Iniciar a confecção de um 'patchwork'.
05/09/2011	Reunião do Ponto de Memória Participantes: Maria Abadia , Carol, Coracy, Deuzani, Lucas, Terezinha, Tiago e Vicente Informes: 1. Sobre a participação do Ponto de Memória na 5 Primavera de Museus - Roda de Memória das Mulheres do Ponto com convidadas, que será realizado no dia 22 de setembro de 2011, às 15 horas. 2. Sobre a proposta da Embaixada da Argentina na implantação da Editora Popular. 3. Avaliação do Ponto de Memória: Sobre a mobilização das escolas para visitarem a exposição e que houve uma falha na divulgação da exposição 'Luta, Resistência e Conquista' com relação à população da Estrutural. A Maria Abadia propõe que as bolsas sejam remuneradas de acordo com o trabalho realizado. Coracy discorda e diz que a responsabilidade pelo trabalho é de todos e que os bolsistas foram escolhidos entre aqueles que tinham maior disponibilidade. Falou da necessidade de formação e de uma melhor orientação ao Lucas e Samuel. A Carol afirmou que a responsabilidade sobre as atividades do Ponto de Memória é de todos, não só dos bolsistas. Duda falou da necessidade em divulgar o Ponto de memória na comunidade. Segundo Deuzani, inicialmente a proposta era pagar devido à necessidade de abrir a exposição e que no momento que entra em cena o dinheiro, a reprodução capitalista do trabalho vem à tona, que ela gostaria que o trabalho fosse autogerido, com autonomia e iniciativa das pessoas, e que, no entanto, somos seres humanos e estamos num processo de aprendizado. Falou que houve falha na mobilização com relação à população da cidade.
03/09/2011	Integração com as senhoras participantes da Oficina de Pachwork e início das atividades
09/09/2011	Reunião com o Adido Cultural da Embaixada da Argentina. Foram convidados: Coortrap e Fernando, Odéssio, Adriana, Jaqueline, costureiras, Paulão, Leo (Diretora Escola Classe 2).
10/09/2011	Oficina de Patchwork
14/09/2011	Reunião do Ponto de Memória Informes Sobre o projeto do IdA UnB na Estrutural Relato sobre a reunião na embaixada da Argentina sobre a montagem da editora e a oficina. O projeto da editora dará sustentabilidade ao Ponto de Memória. A Organização dos Estados Iberoamericanos (OEI) verificará a possibilidade de conseguir um stand para o Ponto de Memória por ocasião da realização da feira do livro de Brasília.

22/09/2011	5ª Primavera de Museus. Roda de Memória das Mulheres do Ponto de Memória e convidadas. Tema Mulher e Memória. Apresentação e a relação enquanto mulher com a cidade Estrutural. Participação de Deuzani Candido Noleto, nasceu em Porangatu – GO, com um ano de idade foi para Goiânia e com 19 anos em 1974 mudou-se para Brasília. Participou do Movimento Estudantil, na década de 1980 do Movimento Sindical. "Eu acredito nos movimentos sociais, que as pessoas têm que se organizar e saber o poder que elas têm, como elas podem mudar a realidade delas, quem sabe um dia a gente faz uma revolução neste país". Deusani relatou que sofreu preconceito enquanto mulher no início de suas atividades políticas. Após aposentadoria no Banco do Brasil estudou Paulo Freire, e por meio do Círculo Operário do Cruzeiro DF participou da formação de alfabetização na cidade Estrutural em 2003, época em que conheceu a Naná, a Wanderlina Ribeiro de Abreu, o Antonio Francisco, a Nilza Gonçalves de Oliveira. Posteriormente a Maria Abadia e a Jerusa no minhocário, fundamos o Movimento de Educação e Cultura da Estrutural. "Meu objetivo de vida é trabalhar pela libertação das pessoas, o tempo de vida que temos é muito pequeno em termos de história, né, mas se a gente pegar estamos construindo o nosso país, do nosso quintal estamos construindo. Eu acredito muito na memória, através da memória, da sua história de vida, da história de vida do lugar. Eu acho que a partir das histórias você vai valorizar o que você viveu, você tem que conhecer o seu passado, pra você viver o presente e construir o futuro. Eu acredito no Projeto Ponto de Memória, no Mece para acompanhar mais a questão da Educação aqui na Estrutural". Jerusa Teixeira de Jesus, natural de Minas Gerais morava em área rural. Seu pai vinha a Brasília periodicamente para tratamento de saúde, mas não tinha onde ficar. Jeruza mudou-se para Brasília em 1981 para acompanhar o pai. Devido às dificuldades financeiras mudou-se para a Estrutural em 1993 com a esperança de conseguir um lote e construir sua casa. Inicialmente ficaram na parte de cima da Estrutural (Vila Nova). Conforme seu relato eles tiveram que fazer muitos enfrentamentos para a fixação no lugar. Foi aprovada em 1989 no Curso de Turismo em uma Faculdade particular e em 1992 precisou desistir por não conseguir o crédito educativo. Trabalha com reciclagem, à época para morar em Brasília foi muito difícil, precisava de fiador para alugar e elas não tinham, daí conheceu uma pessoa que falou da Estrutural. Decidiu-se por fazer a sua luta pela moradia. Maria Abadia Teixeira de Jesus, nasceu em Unaí MG, feminista, milita no movimento de mulheres. Em Unaí trabalhou em casa de família, mas seu sonho era estudar, foi para Brasília em 1986 para fazer um concurso. Seu sonho era fazer uma faculdade, não realizou ainda o sonho. De 1986 a 1991 Maria Abadia trabalhou com alta costura e de fora da Estrutural ajudava suas irmãs, em razão da distância no ano de 1992 foi para a Estrutural por conta de suas irmãs. Clara Soraia: veio do Maranhão para Brasília em 1984, foi alfabetizadora no Maranhão, doméstica em Brasília, fez o supletivo para terminar os estudos, relatou o seu sofrimento nos primeiros anos em Brasília. Após terminar o estudo médio, trabalhou no comércio. Casou, foi morar no Guará e em busca de moradia foi para a Estrutural. Bianca, 17 anos, estudante do ensino médio, seu sonho ser musicista. Começou a compor música Gospel. Rejane, conhecida como Mari, veio do Maranhão para Brasília em 2009. Laila, 18 anos, faz cursinho, quer estudar farmácia. Terezinha Sant'ana, natural de São José dos Campos, mora em Brasília há seis anos. Voltou a estudar e ingressou no Curso de Pedagogia da UnB, por meio de uma professora da UnB conheceu a Estrutural em 2007. Fez estágio na Escola Classe 2 em 2010, conhecendo em 2011 o Ponto de Memória. A ação é inseparável da educação. Não dá para falar em Educação Ambiental se não trabalhar isso com a sociedade. As pessoas têm que participar. Maria Abadia perguntou para Terezinha: "Você acha que a memória é importante na questão ambiental, lembrar de como era antes e de como é agora, é significativa?" Terezinha respondeu: a pessoa só vai amar se ela conhece, acho que a população aqui precisa conhecer. Leonardo

	Boff diz que você não cuida daquilo que não conhece. Você tem que conhecer pra ter o cuidado.” Kelbe, 25 anos, nasceu em Brasília, moradora da Estrutural desde 2001, estudante da UnB de Educação Física, esposa de Tiago Martins, desenhista e ilustrador do Ponto de Memória e instrutor de grafite; Caroline Soares, nasceu em Brasília, fez o Curso de Ciência Política na UnB. Ao terminar a faculdade foi morar na Estrutural. Bianca, Soraia, Silmara Küster.
30/09/2011 a 07/10/2011	Semana de Extensão 2011 A Leitura do mundo precede a leitura da palavra: vivências e convivências Exposição Itinerante Luta, Resistência e Conquista A exposição apresenta uma síntese da experiência de alunos e professores extensionistas da UnB no projeto de extensão que está em andamento "Conservação e Acervo do Ponto de Memória da Cidade Estrutural" que, concomitantemente à Semana Universitária, integra a exposição "Movimentos da Estrutural - Luta, Resistência e Conquista", realizada em maio de 2011 quando da inauguração do Ponto de Memória da Estrutural pelo Instituto Brasileiro de Museus/MinC tendo a sua primeira itinerância na UnBna Faculdade de Ciência da Informação.
10/10/2011	Mensagem enviada pela Professora Silmara Küster a todos os membros de Curso de Museologia Olá a todos, Foram 499 visitantes entre estudantes da rede pública, alunos, professores e servidores da UnB, Gestores do Ponto de Memória, Ibram e alunos da Estrutural que visitaram a exposição. A exposição "Movimentos Luta e Resistência" concebida pelo Ponto de Memória da Estrutural em conjunto com o Ibram ganhou novos olhares na UnB e de certa forma possibilitou "na redimensão do percebido um alongamento do olhar" o que fortalece o status fundante do que objetivamos em reacender e revelar memórias que são continuamente somadas em VIVÊNCIAS E CONVIVÊNCIAS. Fechamos as atividades com o teatro de bonecos e um debate na FCI. Valeu o esforço e a interação com todos. Destaco ainda a pronta colaboração das professoras da Museologia, dos gestores do Ponto de Memória, a arte do Tiago que passou o dia de sábado pintando em graffiti o retrato do Paulo Freire, a belíssima atuação do jovem Douglas e o seu violino, a participação dos alunos da extensão nas mais variadas atuações para que a exposição acontecesse, dentre eles destaco a conservação da PIPA, as frases pensadas, a mediação, o lanche, a experiência, etc.

	" A leitura do mundo precede a leitura da palavra" (Paulo Freire): Vivências e Convivências. e na redimensão do percebido me faz complementar: A leitura do mundo precede também a leitura do museológico!!!! Abraços Profa Silmara
14/10/2011	Reunião do Ponto de Memória Presença de Maria Abadia , Carol, Deuzani, Lucas, Samuel, Tiago e Vicente Editora: o Adido Cultural da Argentina enviou e-mail solicitando um orçamento para a realização da oficina da Editora que acontecerá nos dias 19 e 20 de novembro de 2011. O orçamento é para 40 caixas de papelão ondulado simples, tipo caixa de vinho para seis garrafas, limpas e secas. Interessados: Isabel Caroline Santos (estudante de biblioteconomia da Estrutural), Fernando, do Sonho de Liberdade, Sirlei e Sr. Geovane, do SOS vidas, chamar Nilza moradora e outros.
17/10/2011	Reunião do Ponto de Memória Presença de Maria Abadia , Carol, Deuzani, Lucas, Samuel, Duda e Vicente Foi discutida a proposta de questionário para o inventário participativo feita pela Deuzani e foram tiradas algumas perguntas e acrescentadas outras, a nova proposta será enviada juntamente com este relatório em Anexo, que será levada à aula do projeto de Extensão da UnB que acontecerá com as professoras Debora e Silmara no dia 22 de outubro no período da manhã. Também foi proposto que o questionário seja passado para 150 pessoas, conforme proposta da professora Débora da UnB em reunião anterior, e que seja trabalhado sempre em duplas e que esta etapa não seja remunerada com ajuda de custo.
22/10/2011	Oficina de Inventário Participativo ministrada pela profa. Ms. Deborah Silva Santos Temas: I – Museu e Museologia - Definições II – Questionário Participativo III - Elaboração do questionário/ficha do inventário/coleta/tabulação dos dados/organização e guarda do material
29/10/2011	Oficina de Inventário Participativo ministrado pela profa. Ms. Deborah Silva Santos I- Histórico/Tipologias/Museus do DF/Museu Comunitário
05/11/2011	Oficina de Inventário Participativo ministrada pela profa. Ms. Deborah Silva Santos I – Inventário participativo a. Levantamento e mapeamento dos patrimônios significativos da localidade b. linhas de pesquisa c. questionário informativo e referencial d. Inventariados e. Inventariantes
12/11/2011	Oficina de Inventário Participativo ministrada pela Profa. Ms. Deborah Silva Santos

	I - História oral II - Entrevistas semiestruturadas III - Depoimentos de vida IV - Roda de Memória V- Coletores/planejamento/coleta/guarda do material
19/11/2011	Oficina de Conservação preventiva ministrada pela profa. Ms. Silmara Küster Temas: Higienização de fotografias
23/11/2011	Reunião para Discussão e organização da editora.
26/11/2011	Oficina de Conservação preventiva ministrada pela profa. Ms. Silmara Küster Temas: Higienização de fotografias
03/12/2011	Oficina de Conservação preventiva ministrada pela profa. Ms. Silmara Küster Montagem de fotografias
10/12/2011	Oficina de Inventário Participativo ministrada pela profa. Ms. Deborah Silva Santos Conteúdo Programático: Acervo/objeto/coleção II – Introdução à documentação museológica III – Inventário do acervo IV – Comunicação em Museu e Exposição
17/12/2011	Oficina de Conservação preventiva ministrada pela profa. Ms. Silmara Küster Montagem de fotografias
2012	
02/02/2012	Oficina de ilustração para a Editora Abadia Catadora, ministrada por Fernando Lopes
09/02/2012	Oficina de ilustração para a Editora Abadia Catadora, ministrada por Fernando Lopes
31/03/2012	Atividade da Editora Abadia Catadora. II Sarau de Poesia

15/04/2012	Participação no lançamento da Editora Abadia Catadora
27/11/2012	Roda de Memória com Hugues de Varine e visita à exposição Movimentos da Estrutural: A Mulher e a cidade.
2013	
02/03/2013	Na semana anterior muitas molduras molharam com a chuva, pois a água escorreu na parede de forma "torrencial". A Deuzani e a Maria Abadia desmontaram as fotografias e secaram dentro do possível. No sábado dia 02 de março eu as ajudei na higienização da molduras e vidros. Agora vou agendar com os estudantes extensionistas para: Montar as fotografias novamente nas molduras e montar a exposição para o dia em comemoração ao Dia Internacional da Mulher. Lembrando que as molduras de madeira na cor preta deverão seguir a montagem: 1.mylar, 2. foto, 3.mylar e por último o 4. eucatex. As molduras em metal ficaram na estrutural. Teremos que refazer pelo menos três passe partout.
07/03/2013	Remontagem das fotos na exposição; Fechar agenda de exposição itinerante. Atividades dos extensionistas pesquisa sobre a formação da cidade Estrutural Iniciaram na extensão Vinícius Carvalho Thaynara Melo João Viana Raphael Sebba Fernanda da Costa e Silva Mariana Oliveira/junho
06/07/2013	Participação do Vinícius Pintura de capas Encadernação
19/07/2013	Atividade extensionista no Ponto de Memória
27/07/2013	Atividade de confecção de capas na editora. Participação do extensionista Vinícius Carvalho, Mariana Oliveira, Maria Abadia , Deuzani

29/07/2013	Nesse dia na reunião do Ponto de Memória, assistimos o vídeo finalizado do PM e marcar o lançamento; Foi apresentado o relatório final do PM que será apresentado ao Ibram na segunda; conversamos com o Markão para combinar o processo de trabalho da Editora Abadia Catadora com relação ao seu livro. Foram convidados Vicente, Dona Ana, Douglas, Lucas, Erica, crianças da Jacira, neto do Vicente. http://semrostofamiliaounome.blogspot.com.br
03/08/2013	Atividade da Editora Abadia Catadora Oficina Pintura de capa, costura e encadernação Participação do extensionista Vinícius Carvalho
27/09/2013	Propostas para serem discutidas sobre a extensão da UnB 1) a Exposição A Mulher e a Cidade: a) Selecionar fotos das mulheres para compor um CD para entregar a cada uma; b) Marcar com as mulheres uma reunião para entrega dos CDs e conversar sobre a exposição, por que fizemos, por que esta exposição contribui para a recuperação da memória da Estrutural, qual a importância da exposição para se trabalhar as questões das mulheres, propor fazer uma história oral com cada uma delas. c) após esta reunião marcar as histórias orais. Esta tarefas poderiam ser feitas junto com a extensão?
08/10/2013	Reunião do Ponto de Memória Proposta de pauta, a ser aprovada: 1) Informes gerais 2) informes específicos - reclassificação no Prêmio PM 2012 3) II exposição A Mulher e a Cidade pendências 4) terceira e última parcela do Projeto Ponto de Memória, o que fazer? 5) prestação de contas a) Projeto Ponto de Memória b) Prêmio PM 2011 6) posicionamento político do PM perante a comunidade
2014	
28/01/2014	Reunião no Ponto de Memória para iniciar o artigo solicitado para os Cadernos do CEOM
19/03/2014	Oficina de costura e encadernação na Editora Abadia Catadora, participaram Ana, Hudson, Vitória, Bruno, Sr. Vicente e seus netos.

	crianças, jovens e adultos.
22/08/2014	Reinicio da extensão. Início na extensão de Kátia Brytto
02/12/2014	Reunião no Ponto de Memória para tratar do Fórum Nacional de Museus e Teia da Memória ocorrido em Belém e organização do café da manhã a ser realizado no dia 14 de dezembro.
14/12/2014	Foi realizado um café da manhã com as mulheres que fizeram parte da Exposição Movimentos da Estrutural: A Mulher e a Cidade, ocasião em que foi entregue para cada mulher um CD com as fotos, e serão convidadas para participar de uma história oral.
2015	
04/04/2015	Atividade da Editora Abadia Catadora, criação de desenho e produção de moldes para as capas dos livros. Participação de Hudson Teixeira, Almir Gomes da Silva e Maria Abadia Teixeira de Jesus.
18/04/2015	Atividade da Editora Abadia Catadora – III Sarau de Poesia
04/05/2015	Reunião do Mece para tratar do Estatuto (inclusão da Editora e da produção de livros: "XV - promover e apoiar ações na área de comunicação, tais como fotografia, vídeos, internet, televisão e rádio; XVI - promover e apoiar bibliotecas, museus comunitários, bancos comunitários e ações da Editora Popular Abadia Catadora abrangendo: a editoração, edição, publicação eletrônica e impressa de livros e jornais". Mutirão da biblioteca, Escola Classe 1
26/05/2015	Reunião do Ponto de Memória
06/07/2015	Reunião do Mece e Ponto de Memória 1) Escola Classe 1 - houve audiência pública semana passada 2) Biblioteca comunitária 3) Casa dos Movimentos - devemos devolver a casa? 4) CNPJ Mece
01/12/2015	Reunião Pauta do Ponto de Memória 1) Evento que vai acontecer sexta, sábado e domingo encerrando as festividades do mês da consciência negra. 2) Manutenção do espaço do Ponto de Memória Pauta do Mece: Continuidade da Casa dos Movimentos e espaço do Ponto de Memória.

2016	
28/02/2016	Fizemos um mutirão na biblioteca comunitária da Estrutural a partir das 9h da manhã, para fazer triagem e organizar os livros nas estantes.
14//05/2016	Oficina Editora – Produção de capas para Livro do Toninho
16/07/2016 **23/07/2016** **30/07/2016**	Realização de Oficina de Capacitação dos Pesquisadores para o inventário cultural, construir o Caderno de campo em conjunto. Almir Gomes da Silva – Morador Estrutural – Pesquisador Bianca Teixeira (Cidinha) – Moradora Estrutural - Pesquisadora Deuzani Cândido Noleto – Mece – Colabora com a prestação de contas Jorge – Professor de capoeira na Estrutural - Pesquisador Maria Abadia Teixeira de Jesus – Proponente Selenita Rosa da Silva – Moradora Estrutural – Pesquisadora Vitoria de Jesus – Moradora Estrutural – Pesquisadora Vicente de Paula Sousa – Morador Estrutural – Auxiliar de fotografia Kelly – Moradora da Estrutural – Convidada – possível Pesquisadora Professoras da UnB– Ana Lúcia de Abreu Gomes, Marijara Queiroz e Silmara Küster de Paula Carvalho
13/08/2016	1ª Roda de Memória – Inventário Participativo Cultural 1) José Antonio (Pelé) – indicou os seguintes artistas: seu filho, que é pagodeiro; Seu Lobo – Cantor e forrozeiro; Paraíba – Sanfoneiro; Seu Ary – toca violão e canta. 2) Abimael – indicou os seguintes artistas: Paraíba – sanfoneiro; Seu João – Sanfoneiro; Algodão – dançarino; Elvis – toca violão; John – toca cavaquinho; Zoio – toca cavaquinho e trabalha com robô filmando as redes de esgoto. 3) Selenita – indicou os seguintes artistas: Raimundo – Quadrilha; Toninho – Teatro; Jairzinho – Break; Marcelo – violeiro; Darley – violeiro (Grupo Família Sabiá); Artesãs, Moça Jovem – toca forró colado; José Pacheco – sanfoneiro; J. Silva – Violeiro; Dona Rosicleide e bonequeiras; Luisa – Bordadeira.
27/08/2016	2ª Roda de Memória Participantes da Comunidade: Paraíba (Marinaldo) – Músico Marcelo – Músico Darley – Violeiro, Grupo Família Sabiá Bruno – Escritor

	Claudia – as filhas tocam flautas, violão, violino e teclado – artesã Samara – toca em fanfarra e faz artesanato Bruno Feitosa – Cantor do Grupo Reciclando os Sons Fernando – poeta Daia Nunes – professora de acordeon Ary – Sanfoneiro
10/09/2016	3ª Roda de Memória Participantes da Comunidade: Rayane – trabalha na pastoral da criança, atua em grupo jovem, frente da jornada da juventude, pela igreja. Indicou os seguintes artistas: Multi Mistura - Pastoral 5) Paulo Porto – Cantor de rap. Indicou os seguintes artistas: Marcelo Paulista – Cantor e Compositor de rap; Grupo Port Ilegal Rappers 6) Isabel – trabalha com música em um grupo no cruzeiro e toca violino em uma igreja. Indicou os seguintes artistas: Ricardo – Maestro; irmã Maria – artesã; Dona Milta que faz crochê; Francisca, faz crochê. Propõe que seja feita uma rodada de crochê.
15/09/2016	Roda de Memória com a Profa Maria Evangelista na UnB junto com integrantes do Ponto de Memória. A Professora falou sobre a vida e obra de Cassiano Nunes, lemos poesias de Cassiano. Foi combinado que a editora faria a edição do livro Interações Poesias de Cassiano Nunes.
24/09/2016	4ª Roda de Memória Equipe de Trabalho: Vicente, Kely, Almir, Selenita, Vitória, Silmara. Convidados: Celio, Rogerio, Lívia professora de veterinária Elias falou um pouco do trabalho, sobre a truculência da polícia, a gaiola que a polícia usava para prender as pessoas, do barulho que parecia estouro de boiada, que era o batalhão passando. Professora Silmara disse que ele perdeu o fio da meada, porque ele era cantor e se decepcionou muito. Rogerio dançou para a plateia. Celio trabalha com audiovisual, tem vários vídeos do lixão. Está gostando de participar.
05/10/2016	Início da confecção de papéis. Separação, picote, molho em água deionizada. Participação de Almir Gomes da Silva, Maria Abadia Teixeira de Jesus.

08/10/2016	5ª Roda de Memória Participaram: Darlito Santos de Jesus –cantor, escritor, compositor, músico. Gathiares da Bahia - Grupo baiano de forró (brega). Marcelo (Paulista) – Faz parte do Grupo Porte Ilegal Rappers. Em 2009 gravaram duas músicas e divulgaram na internet e rádios comunitárias. Tiveram 500 mil acessos. Morava na periferia de São Paulo e diz que na Estrutural é pior. Raimundo Francisco Abreu – (Rai) – Organiza e coordena a quadrilha de festa junina. Criaram o grupo de quadrilha Junina do Povão depois de um Arraiá do Setor Leste, em volta de uma fogueira. Veio para a Estrutural em 1997. O grupo faz o figurino da quadrilha.
10/10/2016	Oficina de encadernação realizada na UnB. O Walter Antunes Barrense orientou a atividade. Participaram Maria Abadia Teixeira de Jesus e Almir Gomes da Silva
22/10/2016	Atividade da Editora Abadia Catadora – IV Sarau de Poesia – Tema Cassiano Nunes
14/10/2016	Tingimento da folha produzida no Laboratório do Setor de Restauração da BCE
26/10/2016	Primeiro contato com a mosaicista Tatiana, acompanhada com Selenita e Ricardo Crisafulli Rodrigues (FCI e IBICT). Na ocasião parei o carro em frente à casa de Tatiana para que o Prof. Ricardo fizesse algumas fotos. A Tatiana saiu no portão e eu indaguei se ela conhecia algum artista, cantor ou artesão. Daí ela disse que fazia mosaicos. Perguntei-lhe se podia ver e de pronto Tatiana me convidou a entrar em sua casa. Posteriormente a Selenita voltou à casa de Tatiana para fazer a entrevista do inventário cultural.
05/11/2016	Realizada reunião de trabalho com as Coordenadoras de Produção professoras Marijara e Silmara, com o fotógrafo
12/11/2016	12/11 – 6ª Roda de Memória Equipe de Trabalho: Maria Abadia , Almir, Deuzani, Ana Julia, Niquelene, Marijara, Bruno, Selenita. Convidados: R Campos, Sheila Reis, Keila Reis, Clarice. R campos – cantor, compositor, escritor, radialista Sheila – escritora, revisora, designer Keila – ilustradora

20/11/2016	Panfletagem geral com Roda de Capoeira Realizar encontros quinzenais, o primeiro dia 03 de dezembro, e depois a partir de fevereiro de 2017. Retorna estes encontros dia 10 de fevereiro de 2017 – fazer mapa. Deixar fichas para os pesquisadores trabalharem em janeiro de 2017. Bruno fotógrafo atualizar facebook com rodas e calendários. Trabalhar a base de dados Atom, para fazer uma base de dados para o resultado do projeto e para o acervo já existente do Ponto de Memória.
2017	
18/03/2017	Encontro da equipe do projeto FAC para definir os seguintes encaminhamentos: Entrevistas com o Grupo de Teatro Cutucart, o Grupo de Teatro Bisquetes e o Grupo Reciclando o Som. Organizar as listas de artistas e grupos mapeados.
22/04/2017	I Seminário no âmbito da presente tese no Círculo de Cultura com a proposta de compartilhar as ideias delineadas na pesquisa. Foram discutidos temas como relativos a violência, questões sobre o lixo e preservação ambiental. Estavam presentes Sandra Lobo, Luiz Delgado, Maria Abadia , Candace Costa Cunha, Nilza Oliveira, Sandrielli Gomes e Alessandra da Silva de Souza.
24/04/2017	Oficina Editora com os alunos do Cose – o Ponto de Memória está esvaziado, precisamos dar mais visibilidade, o que fazer para as pessoas conhecerem o que fazemos? Esta questão estimulou Maria Abadia e Almir a pensar na possibilidade de oferecer uma oficina da editora para os estudantes do Cose. Decidimos em reunião da editora a primeira oficina da Editora Popular com jovens. No primeiro dia falaremos sobre o Ponto de Memória, leremos algumas poesias com a temática Natureza e Meio Ambiente e iniciaremos a criação das capas. No segundo dia vamos dobrar os cadernos e faremos a pintura das capas. No terceiro dia, costura dos cadernos e a colocação da capa. O início das atividades é 8 horas.
29/04/2017	Entrevista semiestruturada com Maria Abadia Teixeira de Jesus
02/05/2017 **03/05/2017** **04/05/2017**	Atividade Editora Abadia Catadora. Primeiro dia da Oficina de Escrita Criativa com estudantes do Centro de Convivência da Estrutural. Atividade Editora Abadia Catadora. Costura dos cadernos e pintura de capas
06/05/2017	Círculo de Cultura do Ponto de Memória - Conhecimento e poder. Conhecimento de si mesmo. Ativista do capitalismo. Igualdade e desigualdade social. Oportunidades diferentes. Corrupção. Maria Abadia , Sandrielli Gomes, Bianca Teixeira, Deuzani Noleto, Wellington Pedro, Almir Gomes da Silva, Luiz Delgado.

12/06/2017	Reunião no Ponto de Memória às 19h30 para definirmos as atividades da Editora Popular
19/06/2017	Atividade Editora Abadia Catadora 19h30
24/06/2017	Círculo de Cultura do Ponto de Memória - Assistimos o filme sobre Vida e obra de Paulo Freire Temas: Educação Libertadora. Lembrança das atividades de alfabetização realizadas na Estrutural em 2003. Presentes: Nilza Oliveira, Deuzani Noleto, Maria Abadia , Lunde Braghini Junior, Almir Gomes da Silva, Silmara Küster.
05/08/2017	Círculo de Cultura do Ponto de Memória - Temas geradores – Biblioteca Comunitária e Conjuntura Política, Universidade do Povo, Exposição 2018. Lunde Braghini Junior, Luiz Delgado, Maria Abadia , Fernando Leite, Sandra Lobo, Almir Gomes da Silva, Michele Soares.
26/08/2017	Atividade Editora Abadia Catadora 9h Costura de cadernos e pintura de capas
31/08/2017	Atividade Editora Abadia Catadora na UnB
14/10/2017	Atividade Editora Abadia Catadora 9h Pintura de capas
23/10/2017 a 27/10/2017	Semana de Extensão 2017 Produção de papel artesanal: uma integração entre a BCE, FCI, Editora Popular Abadia Catadora, participação dos alunos do Mediatec DF, um momento com o escritor do livro "A menina e o rio"
11/11/2017	Negritude com a palestra da professora Deborah Silva Santos no Ponto de Memória – Local Casa dos Movimentos

04/12/2017	Atividade Editora Abadia Catadora 9h Costura de cadernos e pintura de capas
15/12/2017	Reunião no Ponto de Memória às 19h30 para definirmos as atividades da Editora Popular – planejamento do Sarau
23/12/2017	Entrevista semiestruturada com Selenita Rosa Local: Em sua residência, na Quadra 7 Conjunto 01 Casa 13 Setor Oeste Estrutural DF.
28/12/2017	Entrevista semiestruturada com Almir Gomes da Silva Local: Ponto de Memória da Estrutural
2018	
10/02/2018	O monge Veda Diogo Prema visitou a Casa dos Movimentos e conversou sobre a morte, às 9h.
02/03/2018	Atividade Editora Abadia Catadora 9h Costura de cadernos e pintura de capas
03/03/2018	Entrevista semiestruturada com o poeta Mateus Santana dos Reis. Local: Ponto de Memória da Estrutural
10/03/2018	Sarau das Mulheres
24/03/2018	Atividade Editora Abadia Catadora 14h Apresentação da Editora e do processo de confecção de livros
9/04/2018	Entrevista semiestruturada com F. Santos
28/04/2018	Feira Cultural de Economia Solidária da Estrutural. Lançamento do Catálogo Inventário Participativo sobre cultura e memória na Estrutural DF

19/05/2018	Apresentação da Editora Abadia Catadora 14h, à Camila da Mata, participação Almir Gomes da Silva e Maria Abadia Teixeira de Jesus
02/06/2018	Atividade Editora Abadia Catadora 14h. Revisão da apresentação livro Hildete
07/07/2018	Atividade Editora Abadia Catadora 14h Reunião com a poetisa Hildete para apresentarmos a diagramação do livro
Agosto/2018	Reunião do Ponto de Memória, dia em que expus sobre Biofilia. Estavam presentes Maria Abadia Teixeira de Jesus, Almir Gomes da Silva, Sandra Lobo e Deuzani Noleto.
26/09/2018	O Educador Popular Almir Gomes da Silva pede aos estudantes da Escola CF02 fazer desenhos sobre a cidade em que habitam.
06/10/2018	Entrevista semiestruturada com Maria Abadia Teixeira de Jesus
06/11/2018	Atividade Editora Abadia Catadora 19h
03/12/2018	Apresentação sobre o Ponto de Memória por Maria Abadia no Museu Paranaense
08/12/2018	Apresentamos o livro diagramado para a poetisa Hildete Moura
10/12/2018	Reunião da Editora, ocasião em que algumas crianças da vizinhança pediram para desenhar.
2019	
26/01/2019	Atividade Editora Abadia Catadora 14h (livro Hildete)
05/02/2019	Confecção de capas para os livros, participaram da atividade Maria Abadia Teixeira de Jesus, Almir Gomes da Silva, Neide Gomes, Deuzani Noleto, Aline. Última atividade na Casa dos Movimentos antes de ser assaltada.
17/04/2019	Atividade da editora na Biblioteca Comunitária Catando Palavras. Produção de capas.
30/04/2019	Entrevista semiestruturada com Almir Gomes da Silva e Roda de Memória. Local: Biblioteca Comunitária Catando Palavras

16/07/2019	Reunião do Ponto de Memória na Biblioteca Comunitária. Estavam presentes Maria Abadia Teixeira de Jesus, Almir Gomes da Silva, Selenita Rosa, Deuzani Noleto, Bianca Teixeira. Na ocasião discutimos sobre reciclagem, foi sugerido fazer um projeto sobre reciclagem, relemos e discutimos o conteúdo do poema do Markão Aborígene "Do lixão nasce a dor". No Poema "A Capital", aspectos da dicotomia entre Brasília e a cidade Estrutural foram apontados. Questões políticas foram relembradas, como a distribuição de panetones em troca de votos na campanha do Arruda, etc. As poesias também foram enviadas pelo WhatsApp para os demais que não foram. Local: Biblioteca Comunitária Catando Palavras. Maria Abadia desabafou sua tristeza em não conseguir mudar a cidade.
10/08/2019	Roda de Memória com a participação de Ana Sosa, Wellington Pedro da Silva, Maria Abadia , Deuzani Noleto, Carolina Soares, Almir Gomes da Silva, Sandriele Gomes, Silmara Küster.
31/08/2019	Entrevista semiestruturada com Almir Gomes da Silva. Local: Biblioteca Comunitária Catando Palavras
06/09/2019	Reunião para análise do processo da atividade que o Almir realizou com as crianças em 26 de setembro de 2018. Visita ao lixão da Estrutural. Presentes Maria Abadia Teixeira de Jesus, Almir Gomes da Silva e Silmara Küster

Apêndice IV - Componentes da Pesquisa

OBJETIVO GERAL -	Analisar ações realizadas no Ponto de Memória da Estrutural DF que se aproximam dos processos museológicos e práticas comunitárias no âmbito da biofilia em ações de conservação participativa.		
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	**EIXOS**	**QUESTÕES**	**TÉCNICAS REGISTRO**
I. Relatar a gênese e o processo socialmente constituído para a fundação do Ponto de Memória da Estrutural-DF.	**Fase Exploratória**	Momento inicial da pesquisadora a convite da comunidade	A observação direta acompanhou todas as fases da pesquisa. Outras formas de registro para atingir os objetivos específicos I a IV adotadas foram: 1.Análise de documentos; 2. Entrevistas semiestruturadas 3. Questionários, 4. Registro fotográfico. 5. Produção de papel 6. Encadernação 7. Montagem do livro 8. Sarau poético (Apêndices I a VII)
		Cidade Estrutural e Ponto de Memória Quando a cidade Estrutural surgiu? Em que contexto? Quais as lutas, conquistas e resistência ocorridas para se estabelecer na cidade? Em que momento teve início o Ponto de Memória? Quais foram as expectativas para o Ponto de Memória na sua fundação?	
II. Identificar aspectos biófilos presentes nas práticas de Museologia Social no Ponto de Memória da Estrutural-DF, especificamente nos seguintes programas: inventário cultural, exposições e ação cultural.	**Ações museais**	**Inventário Cultural** Como o inventário cultural foi trabalhado? Quais as dúvidas e propostas dos participantes nas ações? De que forma as ações foram organizadas para atingir as metas propostas? Que tipo de atividade foi identificada como representação cultural da cidade no âmbito da biofilia? De que forma foi divulgada a ação no Ponto de Memória? Qual o perfil cultural da cidade? **Exposições** Movimento da Estrutural: Luta, Resistência e Conquista Movimento da Estrutural: A Mulher e a cidade Qual a correlação das exposições com a biofilia? De que forma a conservação participativa foi abordada? **Ação Cultural** Quais os objetivos dos participantes com a Editora Popular? Como os participantes identificam os problemas e buscam as soluções?	

III. Descrever aspectos de conservação identificado nas ações museais no âmbito da biofilia.		Como o grupo avalia as ações realizadas? Como é divulgada a ação no Ponto de Memória? Quais atividades apresentam correlação com a biofilia? No âmbito da conservação participativa como foram realizadas as ações de encadernação, produção de papel artesanal, confecção do livro, cadeia de atividade com o catador e a reciclagem?	
IV Verificar se houve a constituição de uma Museologia Biófila, na concepção, execução e confirmação do plano de ação museal proposto para atender a realidade encontrada.			

Quadro 51 . Componentes da Pesquisa
Fonte: A autora (2017).

Apêndice V - Reuniões do Círculo de Cultura







Figura 153 . I Seminário Círculo de Cultura 22 de abril de 2017
Nota. Alessandra da Silva mostra a sacola feita com saco de café.
Da esquerda para a direita: Sandra Lobo, Luiz Delgado, Maria Abadia , Candace Costa Cunha, Nilza Oliveira, Sandrielli Gomes e Alessandra da Silva de Souza.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF



Figura 154 . Círculo de Cultura 06 de maio de 2017
Nota. Maria Abadia , Luiz Delgado, Selenita Rosa, Almir Gomes da Silva, Sandrielli Gomes, Wellington Pedro de costas Deuzani Noleto
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF



Figura 155 . Círculo de Cultura 05 de agosto de 2017
Nota. Participantes: Maria Abadia , Lunde Braghini Junior, Sandra Lobo, Almir Gomes da Silva, Luiz Delgado, Fernando Leite, Michele Soares.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF



Figura 156 . Círculo de Cultura 7 de outubro de 2017
Nota. Participantes: Luiz Delgado, Maria Abadia , Almir Gomes da Silva, Silmara Küster, Sandra Lobo, Deuzani Noleto
Fonte: Ponto de Memória da estrutural DF

Apêndice VI - Desenhos - crianças do CF 2 Estrutural

Atividade conduzida por Almir Gomes em 26 de setembro de 2018



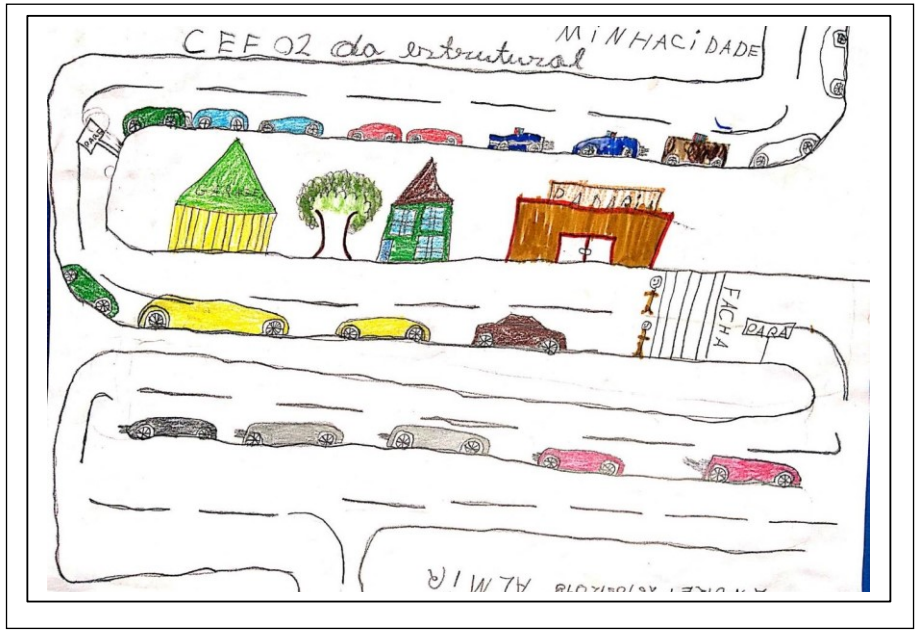


Figura 157 . Desenhos 26 de setembro de 2018
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF

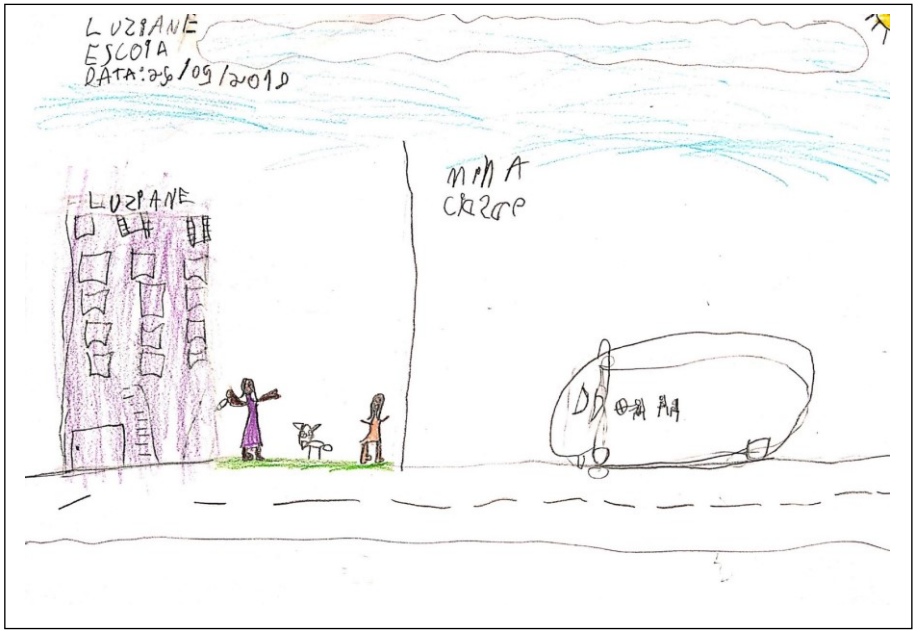
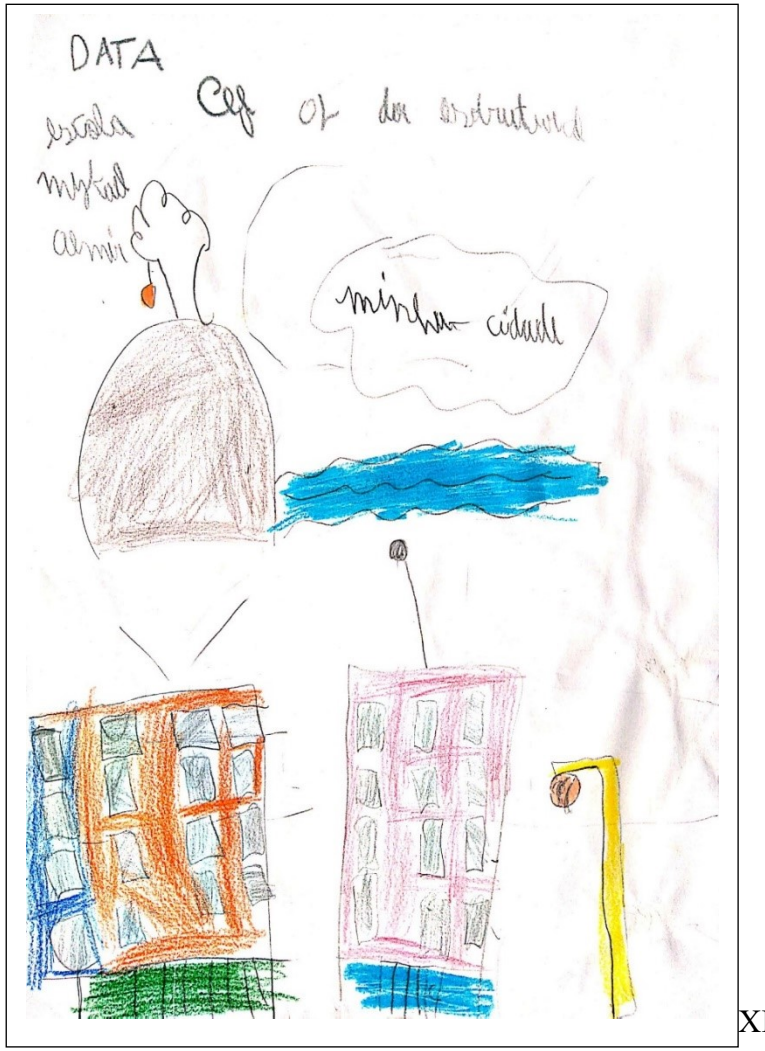


Figura 158 . Desenhos 26 de setembro de 2018
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF





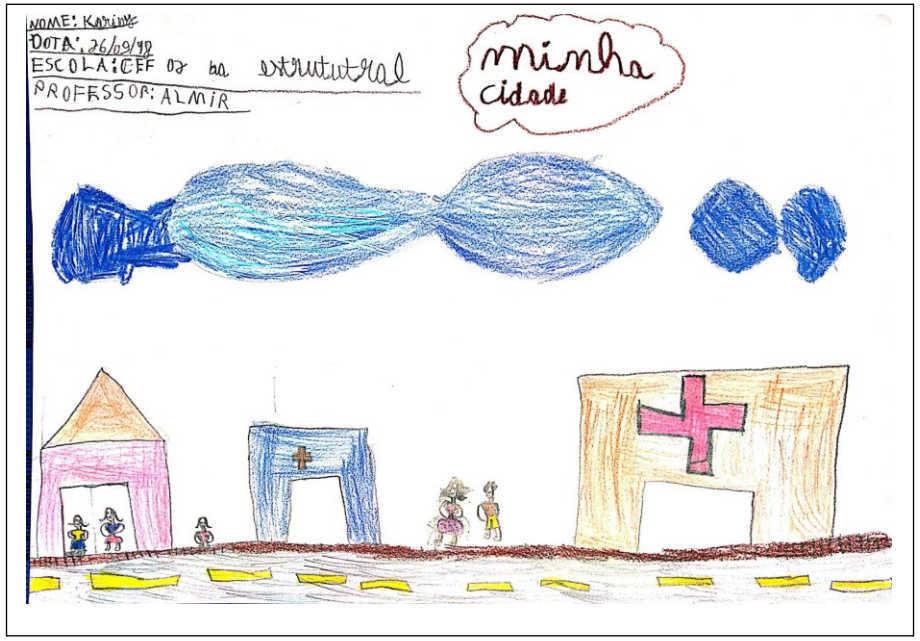


Figura 159 . Desenhos 26 de setembro de 2018
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF

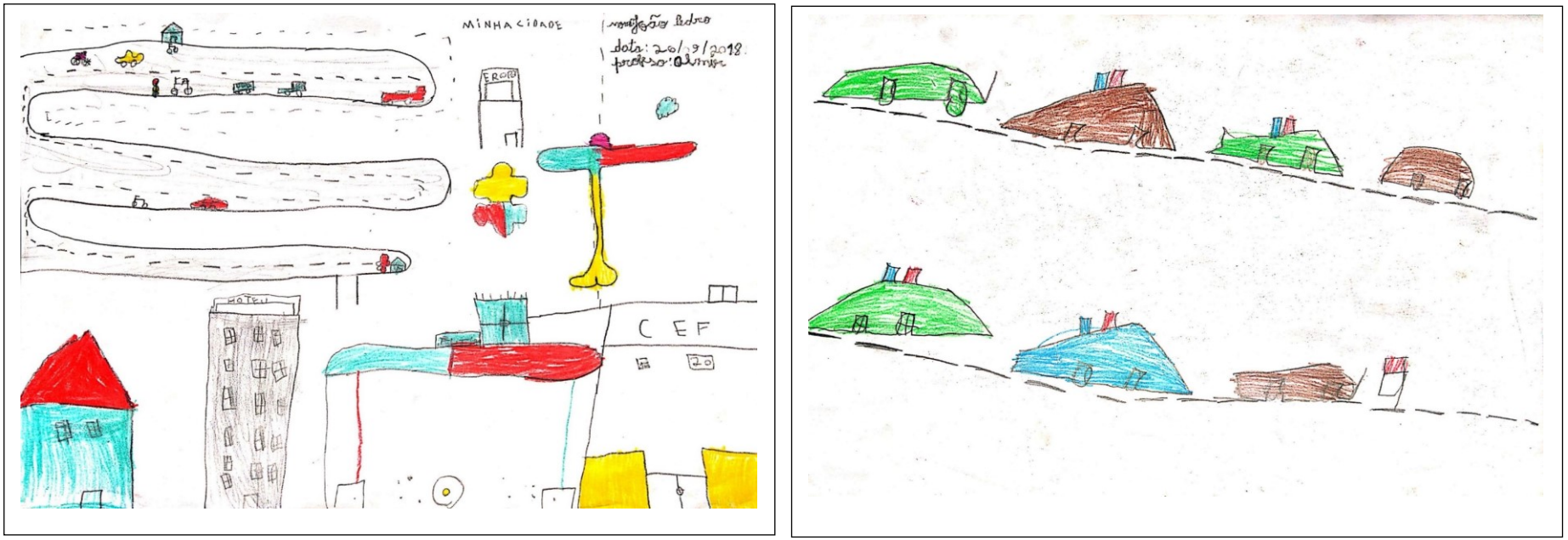


Figura 160 . Desenhos 26 de setembro de 2018
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF





Figura 161 . Desenhos 26 de setembro de 2018
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF



Figura 162 . Desenhos 26 de setembro de 2018
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF





Figura 163 . Desenhos 26 de setembro de 2018
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF

Apêndice VII - Oficinas da Editora Abadia Catadora



Figura 164 . Oficina de pintura de capa
Nota. Realizada em 15 de junho de 2013. Participaram da oficina Ana Francineti, Deuzani Noleto, Vitória de Jesus, Maria Abadia . Estudante extensionista Vinícius Carvalho
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.



Figura 165 . Oficina de pintura
Nota. Realizada em 22 de junho de 2013. Participaram da oficina Maria Abadia , Vicente de Paula, Hudson Teixeira, Ana Francinete, Julio Carvalho, Bruno de Paula. Estudante extensionista Herika Lorena, Mariana Oliveira, Vinícius Carvalho
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.



Figura 166 . Costura do livro Sem roso, família ou nome
Nota. Realizada em 05 de outubro de 2013
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF



Figura 167 . Oficina de costura manual 2014
Nota. Participaram da oficina Maria Abadia , Bruno de Paula, Vitória de Jesus, Ana Francinete, Almir Gomes da Silva, Vicente de Paula Estudante extensionista Herika Lorena, Mariana Oliveira, Vinícius Carvalho
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.



Figura 168 . Oficina de criação com molde vazado
Nota. Realizada em 04 de abril de 2015. Participaram da oficina Rayra Sany, Hudson Teixeira e Almir Gomes da Silva
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.



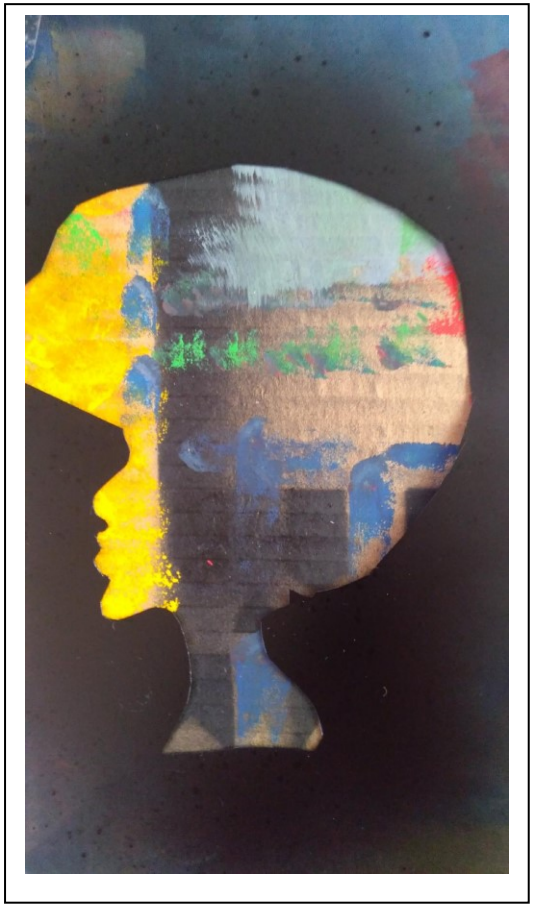


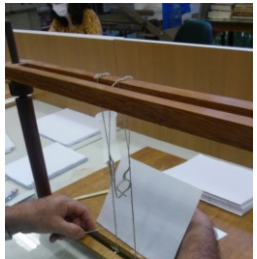


Figura 169 . Oficina de pintura com molde vazado
Nota. Realizada em 11 de abril de 2015.
Participaram da oficina Maria Abadia , Ana Francineti, Almir Gomes da Silva,
Ana Caroline Ribeiro Sousa e Rayra Sany.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.

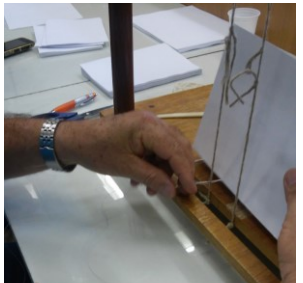


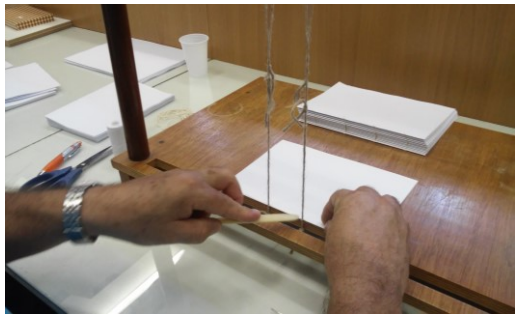


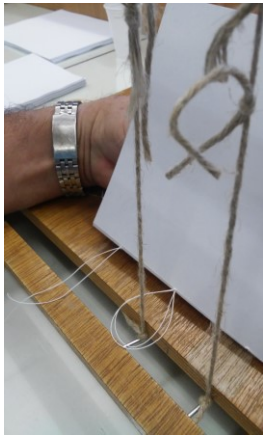
Figura 170 . Oficina de pintura
Nota. Realizada em 10 de outubro de 2015.
Participaram da oficina crianças que participam da capoeira.
A restauradora Maria Angela do Amaral Faria, Almir Gomes da Silva, Sandrielle Gomes.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.

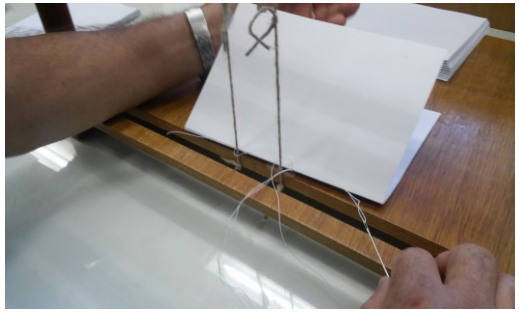














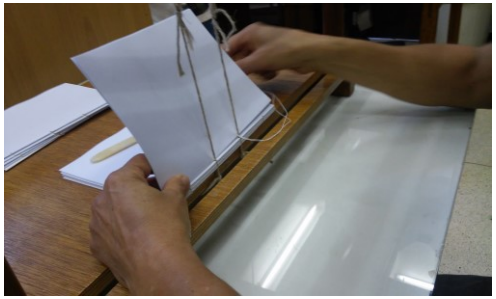


Figura 171 . Oficina com bastidor
Nota. Realizada na UnB em 10 de outubro de 2016
Participaram da oficina Maria Abadia e Almir Gomes da Silva.
Orientação Walter
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.







Figura 172 . Oficina de Escrita Criativa e confecção de livro Cose
Nota. Realizada em 04 de maio de 2017.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.





Figura 173 . Reunião FAC e pintura de capa
Nota. Realizada em 29 de julho de 2017
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.





Figura 174 . Capas produzidas por Almir Gomes da Silva
Nota. Realizada em 26 de agosto de 2017
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.



Figura 175 . Palestra Maria Abadia VI HISPANO - UniT

Nota. Apresentação do Ponto de Memória no VI Seminário Hispânico-Brasileiro de Pesquisa em Informação, Documentação e Sociedade. Realizada em 19 de outubro de 2017

Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.





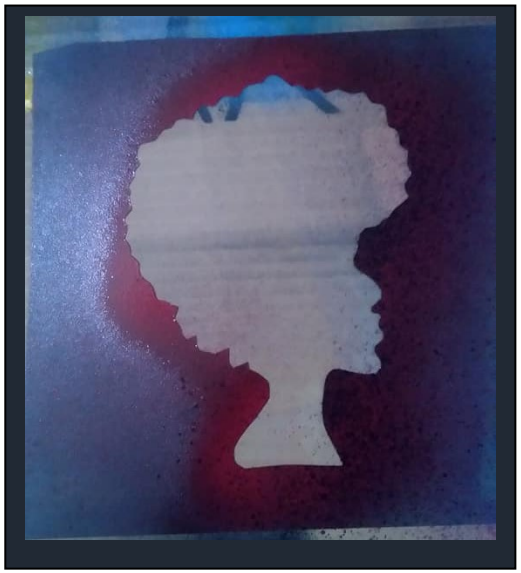
Figura 176 . Oficina de poesia
Nota. Oficina coordenada por Maria Abadia e Silmara Küster no VI Seminário Hispânico-Brasileiro de Pesquisa em Informação, Documentação e Sociedade, realizado em 20 de outubro de 2017 na Unit. Identificados na imagem: Maria Abadia , Clovis Britto, Silmara Küster, Elmira Simeão, Glecy Kely, Marijara Queiroz.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.





Figura 177 . Oficina de produção de capa para o livro A menina e o rio.
Nota. Relizada em 09 de dezembro de 2017.
Participação de Luiz Mateo Blázquez, Maria Abadia , Almir Gomes da Silva e Silmara Küster
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.





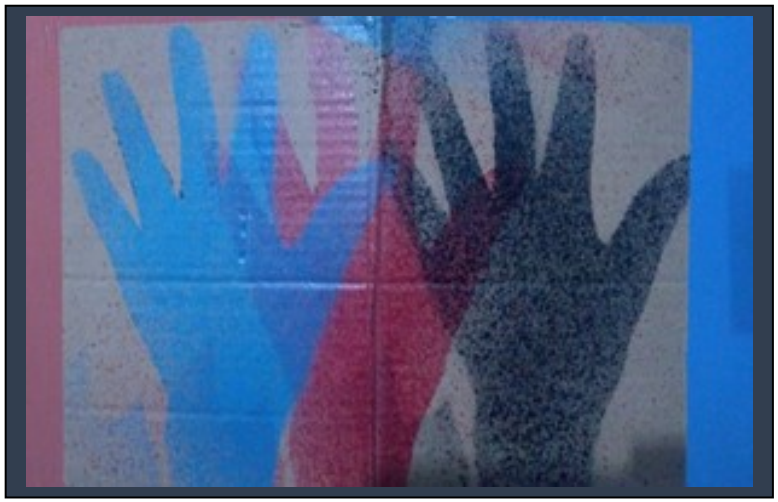


Figura 178 . Pintura de capa para o livro A menina e o rio.
Nota. Realizada em 27 de março de 2018.
Participação: Maria Abadia , Almir Gomes da Silva e Silmara Küster
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.



Figura 179 . Experiências com figuras geométricas e molde vazado.
Nota. Realizada em 09 de junho de 2018.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.



Figura 180 . Atividade de pintura.
Nota. Realizada em 10 de dezembro de 2018.
Observação: Estávamos em reunião na Editora quando algumas crianças da vizinhança chegaram e nos pediram para desenhar.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.



Figura 181 . Roda de Memória na Biblioteca Comunitária.
Nota. Realizada em 07 de agosto de 2019.
Participantes: Maria Abadia , Deuzani Noleto, Almir Gomes da Silva, Sandra Lobo, Wllington Pedro, Carol Soares, Dandrielle Gomes, Ana Sosa, Luiz Delgado, Silmara Küster, Lunde Braghini Junior
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.





Figura 182 . Maria Abadia confeccionando a capa do livro Lado a Lado.
Nota. Realizada em 20 de julho de 2019 na UnB.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.



Figura 183 . Maria Abadia confeccionando a capa do livro Lado a Lado.
Nota. Realizada em 10 de agosto de 2019 na Biblioteca Comunitária.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.



Figura 184 . Capa do livro Lado a Lado.
Nota. Realizada em 10 de aghosto de 2019 na Biblioteca Comunitária.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.



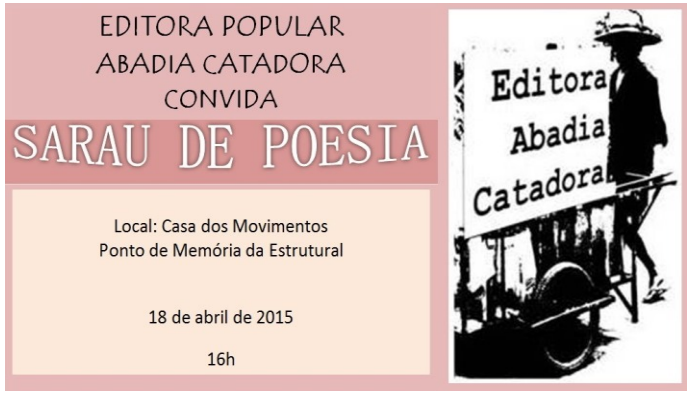




Figura 185 . Maria Abadia confeccionando a capa do livro Lado a Lado.
Nota. Realizada em 02 de novembro de 2019 na Biblioteca Comunitária.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.







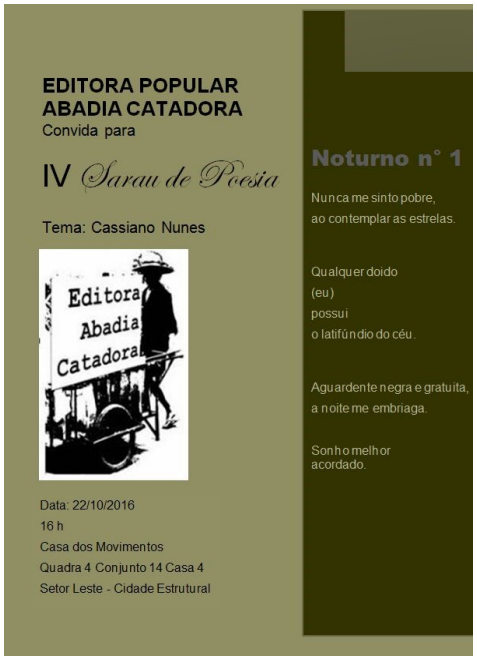


Figura 186 . Convite Sarau Poético.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.



Figura 187 . Em busca da biofilia em 31 de agosto de 2019
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.



Figura 188 . Em busca da biofilia em 31 de agosto de 2019
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.

Apêndice VIII - Proposta de Oficina de Escrita Criativa

PROPOSTA DE OFICINA DE ESCRITA CRIATIVA	
Título	Oficina de Escrita Criativa

Resumo

A oficina de escrita criativa será desenvolvida pela Editora Popular Abadia Catadora na cidade Estrutural, e pretende estimular novos escritores a compreender o processo da escrita, apontando práticas, ferramentas e recursos para efetivação de textos em geral. Dando importância a valorização da memória e do registro de boas ideias, visando o incentivo à leitura como acesso a informação e conhecimento de mundo. Com o uso das técnicas adquiridas na oficina, o projeto apresentará como produto final a criação de um livro coletivo, a ser publicado pela Editora Popular Abadia Catadora, cujo direitos autorais serão doados para Casa dos Movimentos. As atividades ocorreram de 15 em 15dias, com a duração de 3 aulas a partir das 14h30min às17h00min na Casa dos Movimentos. As inscrições para participação da oficina serão gratuitas e se iniciam com um mês de antecedência, com máxima de 25 inscritos.

Introdução

A oficina de escrita criativa estabelece como foco identificar as dificuldades da escrita e a construção de hábitos e práticas que escritores iniciantes, seja do ramo literário ou não, precisam adquirir com o objetivo de exercer o aperfeiçoamento do seu oficio. A oficina deve observar os elementos que problematizam a escrita por meio de atividades lúdicas que estimulem o uso da criatividade, usando os cincos sentidos, palavras-temas e situações do cotidiano. Pretende apontar, também, a importância do hábito, da disciplina e da organização de um ambiente de trabalho que estimula a imaginação e a integração do grupo, com o principal objetivo de desenvolver o gosto pela leitura e o compartilhamento de ideais. Os métodos das oficinas são baseados nas experiências do escritor Almir Gomes da Silva (autor da Menina e o rio) e nos livros “Como ser um escritor” de Charles Kiefer “Os segredos da ficção” de Raimundo Carrero e “Sobre a escrita” de Stephen King.

Justificativa

A escrita é uma das principais ferramentas de comunicação, contudo, existem diversos fatores que causam dificuldades na sua execução. Identificado os problemas enfrentados pelo escritor, como procrastinação, bloqueio criativo, falta de disciplina e organização, a oficina elabora as soluções possíveis para o indispensável processo criativo, que é a busca por inspiração, pela a identidade do indivíduo, a valorização da memória e a construção da sua própria história. Posto em pratica, além de dar ferramentas e recursos para o desenvolvimento da escrita criativa, também resolve o déficit de leitores, pois o ato de escrever está intrinsicamente ligada à leitura

constante, adquirindo, por tanto, o conhecimento de mundo e a busca ao acesso à informação.
Duração do projeto Acontecera de 15 em 15 dias, com a duração de 3 aulas a partir das14h30min às17h00min
Público alvo Estudantes, escritores, acadêmicos e moradores da cidade Estrutural.
Local Quadra 03 Conjunto 05 Lote 46 Setor Leste: Ponto de Memória - Casa dos Movimentos Estrutural DF
Objetivos gerais São consequências das oficinas; a realização interpessoal, profissional, a importância do trabalho em grupo, gerar uma identidade de pertencimento e compreensão do registro de boas ideias e a valorização da memória como identidade cultural e histórica.
Objetivos específicos Em longo prazo traz como resultado o incentivo à leitura, através do hábito, da organização e disciplina que podem ser adquiridos pela pratica, persistência e pesquisa. Tais objetivos podem ser usados não apenas na escrita criativa, mas na mudança de comportamento do indivíduo em sociedade, com ganhos na sua vida pessoal e profissional. • Desenvolver o gosto pela leitura • Desenvolver a criatividade, imaginação e sensibilidade usando técnicas individuais e em grupo. • Identificar as dificuldades da escrita e suas possíveis soluções • Conhecer os vários tipos de escrita • Dinamizar as atividades que promovem a escrita de forma lúdica • Usar palavras temas e adequá-las dentro de um contexto • Aprender a observar e escrever sobre fatos vividos • Promover a escrita sensorial
As atividades serão registradas e divulgadas no blog e nas redes sociais da editora. A criação de um livro coletivo a ser publicado pela Editora Popular Abadia Catadora, com o valor integral doado para a manutenção da Casa dos Movimentos. As inscrições começam com um mês de antecedência com no máximo 25 inscritos, o curso será realizado em três dias a cada quinzena. A oficina será aplicada pelo escritor Almir Gomes da Silva, em parceria com a

coordenadora da editora Abadia e com o apoio da UnB.

Atividades propostas

As oficinas serão realizadas em três etapas (3 dias):

1. No primeiro dia serão apresentados slides com o tema a ser discutido sobre a importância da escrita e como identificar suas dificuldades e as possíveis soluções, também será feito uma brincadeira com o alfabeto que consiste na criação de uma história onde os inscritos serão obrigados a usar sua imaginação para sair de uma situação adversa.
2. O segundo dia é apresentado os diversos tipos de textos, como construir uma história, será a pratica da escrita através dos cinco sentidos e da utilização de palavras temas. Haverá uma discussão com exemplos de hábitos que consolidam a escrita criativa e a importância da pratica da leitura.
3. O terceiro dia será posto em pratica as técnicas adquiridas e discutidas nas aulas anteriores com a construção de um livro coletivo

Insumos

Serão necessários para realização do projeto:

- Cadernos e canetas
- Data Show
- Computador

Cadeiras e mesa

Publicação dos resultados

As oficinas serão registradas no blog e na página do Facebook da editora, e o livro coletivo será publicado pela Editora Popular Abadia Catadora com os direitos autorais doados como recursos de manutenção para Casa dos Movimentos.

Anexo 1 - Convite Projeto de Extensão 2011

Conservação e Acervo do Ponto de Memória da Cidade Estrutural 2011

Convite de lançamento do Projeto de Extensão Conservação e Acervo do Ponto de Memória da Cidade Estrutural em 16 de junho de 2011, elaborado à época pela Coordenadora de Extensão e autora da pesquisa em tela.



Figura 189 . Convite Lançamento Projeto de Extensão 2011
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.

Anexo 2 - 1ª Atividade UnB- Ponto de Memória Estrutural DF



Figura 190 . Primeira atividade de extensão no Ponto de Memória
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.

Anexo 3 - Vídeo Ponto de Memória

Anexo 4 - Conselho Comunitário do Ponto de Memória

NOME	ENDEREÇO/TEL
Adoaldo D. Alencar (Duda) Alessandra Ferreira de Araujo – Mece Anísio Nascimento dos Santos – Mece Caroline Soares Santos – Associação VIVER Coracy – Associação VIVER Denylson D. Lima Cardoso – Deuzani Candido Noleto – Mece Djalma Nascimento Domingos Bento do Vale Fernanda Ferreira Araujo - Mece Ismael Caetano – Preces Jacira de Jesus Vieira – Preces Jailson Dantas Ramalho Jorge Alves Louzeiro – Estudante Luis A. Delgado- Universidade Católica Maria Abadia Teixeira de Jesus Maria José Goulart Maria Iraneide S. Oliveira - Maria Leodenice A. Magalhães Marinalda Alves (Naná) Rosana Honório Cardoso - Professora Rosineide Lopes de Jesus Estudante Sandra Lobo – Instituto Agostin Castejon Sebastião Francisco de Queiroz Sirlei Parra Mignot – SOS vida Vicente de Paula Sousa - Mece	Chácara Recanto Macaúbas Adonaira – Estrutural (61)3036-1943 Guará II (61)3568-2760 Quadra 4 Conj. A Casa 22 – Estrutural (61)9291-2242 Quadra 4 Conj. L Casa 1 Apt. 101 – Estrutural (61)8449-8829 Estrutural (61) 8416-6925 QNN03 Conj. G Casa 3 – Taguatinga (61)9905-9373 Q. 2 Bloco V Casa 2 Cruzeiro Velho (61) 38775467 Estrutural (61) 9283-0798 Q. 3 Conj. F Casa 06 Estrutural (61) 3465-5281/9653-8784 Guará II (61) 3568-2760 Estrutural (61) 9186-4671 Estrutural (61) 9253-1182 Q. 10 Conj. A Casa 7 – Setor Central Gama DF (61) 8471-0078 (61) Q.13 Conj. D Casa 8 – Estrutural (61)9216-3271 QS 8 Conj. 41 Lote 7 Casa 3 Areal (61)9106-9333 Estrutural (61) 8540-1335 Maria Leodenice A. Magalhães Q. 15 Conj. H Lote 18 Estrutural (61)9935-986 (61)3465-6717 (61)3901-3546 Estrutural (61) 9302-7515 QE 32 Conj. R casa 1 Guará II (61)9618-3689 Q. 4 conj. Q Casa 8 Estrutural (61)8454-0107 Asa Norte (61) 9813-0419 Estrutural (61)8572-4958 Área Especial nº 1 Quadra 1 – Estrutural (61)9816-2303 Q. 12 Conj. A Lote 1789H – Estrutural (61)9665-6372

Anexo 5 - Convite Café com Memória 2010

CONVITE

O MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DA ESTRUTURAL – Mece

A ASSOCIAÇÃO VIVER

Convidam Vossa Excelência para participar do "CAFÉ COM MEMÓRIA DA ESTRUTURAL", que acontecerá no dia 04 de dezembro de 2010 a partir de 9h, na CASA DOS MOVIMENTOS, situada na Quadra 09 Conjunto E Lote 21 – Estrutural.

Na ocasião estaremos apresentando o PROJETO PONTO DE MEMÓRIA DA ESTRUTURAL em parceria com o Instituto Brasileiro de Museus – Ibram – Ministério da Cultura.

A participação e o apoio de Vossa Excelência são de fundamental importância para o sucesso do PROJETO PONTO DE MEMÓRIA DA ESTRUTURAL, que tem o objetivo de construção, preservação e manutenção da história e memória da Estrutural.

Cordiais Saudações

Conselho Comunitário do Ponto de Memória da Estrutural

APOIO:

IBRAM
Instituto Brasileiro de Museus

MINISTÉRIO DA CULTURA

PRONASCI
PROGRAMA NACIONAL DE SEGURANÇA PÚBLICA COM CIDADANIA
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

Anexo 6 - Convite Roda de Memória com Hugues De Varine

Museólogo Hugues de Varine-Bohan na FCI/UnB

Dia: 27/11/2012

Local: Auditório da FCI/UnB

Horário: 14h00

Roda de Memória: 19h Ponto de Memória da Estrutural



O museólogo e professor francês Hugues de Varine-Bohan *(foto)* faz palestra nesta terça-feira, dia 27/11, às 14hs no Auditório da Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da UnB. O tema é "Raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local".

Hugues de Varine-Bohan é Consultor em Desenvolvimento Comunitário. Um dos mais importantes pensadores sobre o conceito de Ecomuseu. Especialista em gestão de projetos e desenvolvimento local, ação comunitária, regeneração urbana, revitalização rural e desenvolvimento sustentável. Presidente Honorário do Ecomuseu Comunitário do Creusot, França, Membro fundador do Minom – Movimento Internacional para uma Nova Museologia e Ex-presidente do Conselho Internacional de Museus – Icom.

Após a palestra lançamento do livro: "Raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local" de Hugues de Varine-Bohan

Realização: Curso de Museologia- FCI/UnB

Anexo 7 - Programa Inventário Participativo Ibram

Ponto de Memória da Estrutural

Conteúdo Programático
Memória • Individual, coletiva, social, memória x história
Construção de narrativas – construção coletiva • Estabelecer critérios, Marcos e rupturas, Conquistas, Valores, Cronologia, Criar sentidos **Marcos históricos de inventários e registros de acervos culturais no Brasil** **Legislação, Acervo, Funções**
Documentação museológica • Identificação, Pesquisa, Registro, Preservação, Comunicação
Inventário Participativo • O que é? Para que? Por que? Dificuldades, Desafios, Metodologias possíveis
Metodologias de inventário de identificação • Estudo de caso: INRC **Metodologias de História Oral** • Estudo de caso: Museu da Pessoa • Projetos, execução e organização de acervos de história oral
Recursos necessários **Registro do processo de inventário** **Estabelecimento de parcerias.**
Inventário Participativo **O que é?** Operação permanente, dinâmica e sistemática de levantamento, organização e descrição do acervo museológico e das manifestações humanas de uma região. Esse levantamento é participativo por que conta com a definição prévia da comunidade envolvida sobre as possibilidades de acervo, qual será o recorte temático, a metodologia aplicada e os usos dos resultados obtidos. **Para que?** • Colaborar para uma percepção global do acervo e das potencialidades culturais da comunidade envolvida • Elaborar uma primeira listagem de referências culturais **Por que?** Pelo direito de decidir o que será preservado, com quais objetivos e valores, por quais interesses e com quais resultados. **Dificuldades** • Estabelecimento de critérios e limites claros • Adequação as necessidades materiais/políticas de cada região • Captar o máximo possível de informações **Desafios** • Captar o sentido do que é definido como acervo museológico. Foco menor no objeto e maior na sua significação/ relação com a comunidade • Tornar esse conjunto de informações úteis para as necessidades da comunidade. **Estabelecimento de metodologia <u>(definições do grupo)</u>** • Objeto de investigação

- Valor do conjunto/valor individual
- Forma de coleta das informações
- Instrumentos de levantamento

Estabelecimento de metodologia (definições do grupo)

- Objeto de investigação/ Valor do conjunto/valor individual/ Forma de coleta das informações/ Instrumentos de levantamento

Sugestão de questões

- Quem produz? De que forma? Com que tipo de envolvimento ou motivação?
- Que relações de trabalho foram estabelecidas? Qual a sua temporalidade?
- O que você motivou sua origem? Como se transforma ao longo do tempo?
- Quem se apropria? Quem se distingue como agente/produtor/usuário?
- Que usos tem ou teve? Quais as necessidades daqueles que se envolvem no processo?
- Que construções imaginativas/simbólicas a comunidade faz?
- Como se relaciona com a vida da comunidade?

Sugestão de questões

- Quem produz? De que forma? Com que tipo de envolvimento ou motivação?
- Que relações de trabalho foram estabelecidas? Qual a sua temporalidade?
- O que você motivou sua origem? Como se transforma ao longo do tempo?
- Quem se apropria? Quem se distingue como agente/produtor/usuário?
- Que usos tem ou teve? Quais as necessidades daqueles que se envolvem no processo?
- Que construções imaginativas/simbólicas a comunidade faz?
- Como se relaciona com a vida da comunidade?

Sugestão de itens para ficha de identificação de objetos

- Denominação, Localização, Autor/Dono/Propriedade, Data/época de fabricação, Medidas
- Motivação do inventário, Uso original, Uso atual, Situação/ entorno/ ambiência, Descrição/ identificação visual, Informações históricas, Informações complementares, Fontes, Pesquisador/data

Sugestões para entrevista/recolhimento de depoimentos

- Definição do assunto, questões, problemática
- Organização preliminar da entrevista (roteiro, escolha dos entrevistados, contatos, recursos.)
- Elaboração da ficha de identificação do entrevistado
- Ficha de cessão de direitos do depoimento **Sugestão de itens para ficha de identificação de entrevistados**
- Nome/ Endereço/ Telefone/contato/ Local de nascimento / Estado civil
- Filhos / Profissão / Data em que passou a fazer parte do movimento/morar na região
- Pesquisador/data

Dicas para entrevista:

- Entrevista não é interrogatório,
- O roteiro não é um questionário rígido,
- Perguntas não devem induzir respostas,
- Perguntas não devem ser estimular a síntese, interromper a narrativa e procurar julgamentos de valor,
- Perguntas devem estimular detalhes, continuidade e os momentos de reflexão e recordações
- Respeito ao tempo e ao silêncio do entrevistado.

Anexo 8 - Programa Inventário Participativo UnB

Ponto de Memória da Estrutural

Curso de Museologia da UnB no Ponto de Memória da Estrutural

Temas abordados	Conteúdo Programático
Museu e Museologia 22/10/2011	I – Museu e Museologia - Definições II – Questionário Participativo III - Elaboração do questionário/ficha do inventário/ coleta/ tabulação dos dados/organização e guarda do material
Museu e Museologia 29/10/2011	I- Histórico/Tipologias/Museus do DF/Museu Comunitário
Inventário Participativo 05/11/2011	I – Inventário Participativo a. Levantamento e mapeamento dos patrimônios significativos da localidade b. linhas de pesquisa c. questionário informativo e referencial d. Inventariados e. Inventariantes
Inventário Participativo 12/11/2011	I - História oral a. Entrevistas semiestruturadas II – Depoimentos de vida III- Roda de conversas IV-Coletores/planejamento/coleta/guarda do material
Inventário Participativo 10/12/2011	Conteúdo Programático: Acervo/objeto/coleção II – Introdução a documentação museológica III – Inventário do acervo IV – Comunicação em Museu a Exposição

Anexo 9 - Formulário Inventário Cultural – FAC DF



FORMULÁRIO I

INVENTÁRIO CULTURAL
DA ESTRUTURAL

1. Dados pessoais

Nome: _____ Como é conhecido:
Data de Nascimento: _____ Onde nasceu:
Data de chegada à Estrutural: _____ Ocupação: _____
Endereço:
_____
E-mail: _____ Telefone:

2. Dados socioeconômicos

SEXO
( ) Masculino ( ) Feminino
COR/RAÇA
( ) branco ( ) preto ( ) pardo ( ) outros (amarelo, indígena)
VÍNCULO EMPREGATÍCIO
( ) Sim ( ) Não ( ) Autônomo ( )Aposentado/pensionista
ESCOLARIDADE
( ) Analfabeto
( ) Ensino Fundamental incompleto (primeiro grau)
( ) Ensino Fundamental completo (primeiro grau)
( ) Ensino Médio incompleto (segundo grau)
( ) Ensino Médio completo (segundo grau)
( ) Nível Superior incompleto
( ) Nível Superior completo
( ) Pós-graduação

3. Dados para identificação de bens e referências culturais

O ENTREVISTADO É:
( ) Artista detentor ou produtor cultural a ser registrado
FORMA DE RESGISTRO: ( ) Pessoas ( ) Lugares ( ) Formas de Expressão
( ) Morador que forneceu contatos sobre artistas, detentores ou produtores culturais
Contatos fornecidos: _____

4. DADOS DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA ESTRUTURAL

O ENTREVISTADO É:
( ) Ex-morador da Estrutural
Quando morou: _____ Onde morou: _____
( ) Morador antigo

Desde quando: _____ Lugares onde morou:
Dados fornecidos:
_____

5. Registro

FORMAS DE REGISTRO ASSOCIADAS A ESTA COLETA
( ) Áudio ( ) Vídeo ( ) Fotos ( ) Formulário de registro ( ) Outra _____
RESPONSÁVEL PELO REGISTRO:
_____
DATA DO REGISTRO:
_____

6. Observações do pesquisador sobre a coleta

Anotações, comentários e observações gerais do pesquisador sobre a pesquisa

7. Pesquisador responsável

Nome:
_____
Data da entrevista: _____ Hora:
_____
Assinatura do pesquisador responsável:
_____
Assinatura da Supervisora responsável:
_____



INVENTÁRIO CULTURAL DA ESTRUTURAL

ORIENTAÇÕES PARA A PESQUISA DE CAMPO

1. Caderno de pesquisa e material do pesquisador:

- Para a ida à campo os pesquisadores levarão o Caderno de pesquisa composto pelas Fichas: F1 – Cadastro de entrevistados; F1.A – Pessoas; F1.B – Lugares; F1.C – Formas de Expressão;
- Antes de ir à campo confiram se o caderno está completo com as 4 fichas acima identificadas;
- Tenha em mãos um caderninho extra para anotações importantes não previstas nas fichas;
- Use lápis grafite para o preenchimento, não use canetas;
- A F1 – Cadastro de entrevistados é a primeira ficha a ser aplicada pois é a partir dela que o número de entrevistados deverá ser alcançado (70 por pesquisador, 420 no total).
- Depois de aplicar a F1, o pesquisador identificará se o entrevistado será registrado em uma das categorias seguintes (Pessoas, lugares ou formas de expressão). Caso sim, o pesquisador dará seguimento à pesquisa utilizando a ficha correspondente à categoria de registro identificada (F1.A, F1.B ou F1. C).
- Sejam organizados nas anotações pois as fichas são a base para a construção do Inventário que só será sistematizado após a finalização da coleta.

2. Categorias de Registro de bens inventariados

- Atenção para o significado de cada categoria:

PESSOAS: Qualquer ser humano vivo ou morto, real ou fictício, ou conjunto de pessoas; objetos que se relacionam à memória e às experiências de vida das pessoas inventariadas.

LUGARES: Qualquer criação da natureza ou construídos/feitos por pessoas que se constituem como referência cultural, geográfica, memorialista, para o lugar sabendo que "são as experiências das pessoas que dão sentido ao lugar" (IPHAN, 2016); objetos associados ao lugar ou às pessoas que dão sentido ao lugar. Exemplo: Feira.

FORMAS DE EXPRESSÃO: qualquer expressão que represente valores e significados de uma cultura ou que fazem parte da vida coletiva implantando formas de estruturar e transmitir sua visão de mundo, tais como: de sentido literário – tradições orais, provérbios, cantos, danças, ditados, rimas; de sentido religioso – procissões, folia de reis, etc; de sentido político social – hip hop, breack, rap, funk, reggae; de sentido linguístico – jargões, gírias, sotaques, falares variados. Os saberes e fazeres específicos associados a arte e cultura.

3. Condução da pesquisa

- Escolham pessoas que conheçam, que foram recomendadas por outros conhecidos ou identificadas durante as rodas de memória.
- Todos os entrevistados devem ser tratados com atenção, respeito e cuidado.
- Antes de iniciar explique claramente a pesquisa para o entrevistado, os objetivos do trabalho e procurem criar uma relação de confiança.
- Consultem antes as pessoas que serão entrevistadas para saber da disponibilidades delas. Agende sempre.
- Certifique-se antes da entrevista de que a pessoa aceitará ser filmada ou fotografada, se não, respeitem isso e não insistam. Se possível consulte sobre o registro durante o agendamento para preparar o material.
- procurem entrevistar várias pessoas sobre a mesma referência cultural para obter opiniões diferentes.

- Entrevistem pessoas de diferentes idades, sexo, raça, origem – jovens e idosos, homens e mulheres, nordestino, extrangeiros, etc – pois a comparação das respostas podem informar sobre as transformações culturais e sociais.
- Entrevistem pessoas que mantenham relações diferentes com a referência cultural para identificar pontos de vista. Exemplo: o mestre e o brincante; o grafiteiro e os moradores da rua ou da casa grafitada.

4. Documentação da pesquisa

Documentar é produzir dados e conhecimentos, é fundamental para a preservação e difusão das referências.
- Produzam muitos documentos durante a pesquisa pois eles poderão ajudar em outras ações como exposições, catálogos, documentários, cartografia sócio cultural do território, etc.
- Documentem a pesquisa da melhor forma possível, fotos, vídeos, mapas, desenhos, rabiscos, anotações, etc.
- Leiam revistas e jornais sobre arte e cultura para ajudar a identificar as referências e faça recortes.
- Algumas referências que podem ter existido no passado e que não existem mais ou se transformaram precisam ser melhor investigadas em bibliotecas e arquivos, levantem dados para melhor compreensão.
- Antes de iniciar explique claramente a pesquisa para o entrevistado, os objetivos do trabalho e procurem criar uma relação de confiança.
- Aprenda a utilizar o material de registro antecipadamente.
- Após terminar a entrevista, reveja as anotações, gravações, documentos e anotem novas percepções.
- No registro de expressões orais ou musicais, o que ocorrerá com frequência no caso das formas de expressão, o áudio e/ou vídeo é indispensável, mesmo que não seja em alta resolução.
- O registro fotográfico é indispensável em todos os casos de registros de bens inventariados.

5. Identificação e controle da coleta

- Cada pesquisador adotará uma sigla, as iniciais do nome e sobrenome, mais um número de ordem que será o número de registro da Ficha que identificará o pesquisador que coletou os dados em campo como também o quantitativo de sua coleta. Exemplo: Maria Eduarda Ferreira = MEF 01, MEF 02... etc.
- A F1 – Cadastro de entrevistado, é a primeira a ser numerada para certificação de que 70 pessoas foram cadastradas pelo pesquisador. No caso de dar sequência à entrevista com as Fichas de registro (A, B ou C), o número da F1 deverá se repetir na outra Ficha para controle da informação.
- A cada 23 Fichas de Cadastro de entrevistados (F1) preenchidas, o pesquisador deverá se reunir com a supervisora da pesquisa para sistematização dos dados, assinatura e entrega das fichas.

6. Supervisão da pesquisa

- Qualquer dúvida durante a pesquisa, entrar em contato com a supervisora:
Marijara Souza Queiroz
Telefone/whatssap: (61) 98272-2426 - tim ou (61) 98422-0218 – Oi
E-mail: jaraqueiroz@yahoo.com.br ou marijara@unb.br

Anexo 10 - Reunião dos Pontos de Memória & Ibram

REUNIÃO PONTO DE MEMÓRIA E Ibram

Data: 19/10/2010
Local: Ibram
Pauta: LANÇAMENTO DO PONTO DE MEMÓRIA DA ESTRUTURAL – EXPOSIÇÃO
PARTICIPANTES:
Ibram – Professor Mário Chagas/Marijara/Inês –
Ponto de Memória – Carol/Deuzani/Jailson

1) Inauguração da Exposição Memória em Movimento – 15 móbiles de todos os Pontos de Memória que fizeram parte de uma exposição no IV Fórum Nacional de Museus – material emprestado pelo Ibram – Galpão Central da Estrutural.
2) Inauguração da Exposição Movimentos da Estrutural – na Casa dos Movimentos – Quadra 9 conjunto A Lote 21
3) Fazer exposição sobre 5 movimentos da Estrutural – proposta de fazer 25 painéis, 5 de cada movimento – Ibram está vendo a possibilidade de ver patrocinar estes painéis.
4) Foram tiradas propostas de sete movimentos, o Ponto de memória precisa se reunir para decidir sobre 5 movimentos.

Relação de Movimentos propostos:

a. Movimentos do Lixo - Lixo, reciclagem, catadores
b. Movimentos do Espaço – Cidade antes do asfalto, depois do espaço, cotidiano
c. Movimentos do Trabalho – comércio, feira, etc.
d. Movimentos Sociais urbanos
e. Movimentos da Criança – Crianças indo para a escola, brincando etc.
f. Movimentos da Festa – lazer, bares, festas populares etc.
g. Movimentos da diferença – diversos tipos de pessoas, diversas religiões, etc.

Acontecerá na Exposição:

a. I Encontro de Memória da Estrutural:
b. Memória da Estrutural (estruturante)
c. Memória de conjuntura (Momento atual)
d. I Festival de Imagens em Movimento

Tarefas:

a. Discutir os sete movimentos propostos e decidir sobre 5; Para cada movimento produzir um pequeno texto; Para cada foto produzir uma legenda; Fazer seleção prévia de mais ou menos 100 fotos (20 para cada movimento) e levar ao Ibram para a produção dos painéis; Planejar I encontro de Memória; Planejar I Festival de Memória em Movimento;
b. Planejar ações educativas; Planta baixa ou desenho ou foto da Casa dos Movimentos;
c. Buscar Marijara (Ibram) para ver a Casa dos Movimentos e demais locais para nos auxiliar a decidir melhores locais; Identificação da equipe participante da organização;
d. Produzir folder com toda a programação; fazer o Programa detalhado do dia da abertura da exposição; Fazer cronograma de trás para diante;
e. Verificar a possibilidade de produzir os painéis;
f. Ibram visitar a Estrutural para ajudar a decidir sobre locais e logística da exposição;
g. Ibram fazer release contatos com a imprensa;
h. Contatar grupos artísticos locais e Nicholas Beher;

Proposta de data para abertura da exposição: 27(sábado) ou 28 de novembro(domingo), Ponto de Memória decidir.

Anexo 11 - Atividades Culturais



Figura 191 . Capoeira coordenado por Jorge Rageppo
Local: Centro Comunitário da Estrutural
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.



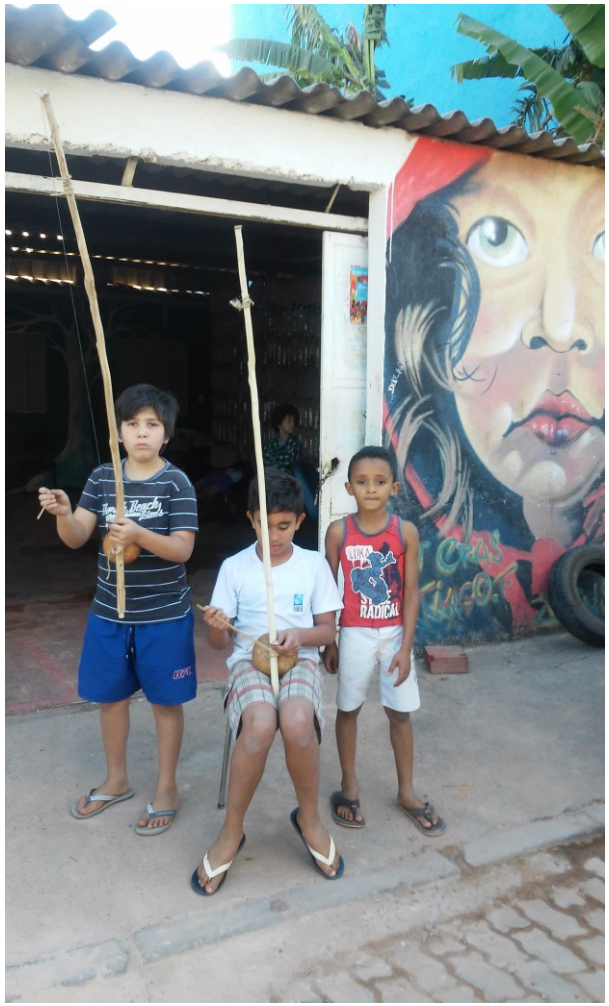


Figura 192 . Capoeira coordenado por Jorge Rageppo
Local: Centro Comunitário da Estrutural
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF.



Figura 193 . Oficina de Grafite 2011
Nota. Oficina ministrada de agosto a outubro de 2011 por Tiago Morais
Fonte: (Noleto, 2013, p. 22)



Figura 194. Oficina de Grafite 2012
Nota. Aprendendo a trabalhar nos muros da cidade
Fonte: (Noleto, 2013, p. 22)

Anexo 12 - Plano de Ação

PONTOS DE MEMÓRIA
PLANO DE AÇÃO*

1 – IDENTIFICAÇÃO

Nome do Ponto de Memória:	**Ponto de Memória da Estrutural**
Localidade:	**Estrutural - DF**
Endereço de Referência:	**Casa dos Movimentos – quadra 3 conjunto 14 Casa 04 Setor Leste Estrutural – DF CEP: 71300-000 endereço novo: Quadra 3 bloco 14 lote 4 Setor leste Estrutural - DF**

2 – IDENTIFICAÇÃO DOS MEMBROS DA INSTÂNCIA DELIBERATIVA

NOME Adoaldo D. Alencar (Duda)
N.º DE IDENTIDADE: 758195 SSP/DF
CPF: 343.909.011-68
TELEFONE (61)3036-1943
E-MAIL Duda-ma-125@yahoo.com.br
ENDEREÇO Chácara Stª Luzia – Estrutural CEP: 71300-000
NOME Alessandra Ferreira de Araujo
N.º DE IDENTIDADE 2409673 SSP/DF
CPF: 028.496.301-10
TELEFONE (61)3568-2760
E-MAIL Ale.focuda@gmail.com
ENDEREÇO QE 36 Conjunto F Casa 27 Guará II CEP: 71065-063
NOME Caroline Soares Santos

N.º DE IDENTIDADE 101611098-4 SSP/DF
CPF 641174213-87
TELEFONE (61)8449-8829
E-MAIL Carol.politica@gmail.com
ENDEREÇO Quadra 4 Conj. L Casa 1 Apt. 101 – Estrutural CEP: 71300-000
NOME Coracy Coelho Chavante
N.º DE IDENTIDADE: 2063277 SSP/DF
CPF: 960.488.911-72
TELEFONE (61) 8416-6925
E-MAIL coracy@gmail.com
ENDEREÇO: Quadra 3 Conjunto A Lote 5 Estrutural CEP: 71300-000
NOME Denylson Douglas de Lima Cardoso
N.º DE IDENTIDADE: 2217840 SSP/DF
CPF: 011.548.511-25
TELEFONE (61)9905-9373
E-MAIL denylson.filosofia@hotmail.com
ENDEREÇO QNN03 Conj. G Casa 3 – Taguatinga CEP: 72225-030
NOME Deuzani Candido Noleto
N.º DE IDENTIDADE 365 503 SSP DF
CPF 085.845.161-15
TELEFONE: (61) 3877-5467/8566-6953
E-MAIL deuzani@yahoo.com.br
ENDEREÇO SRES Quadra 2 Bloco V Casa 2 Cruzeiro Velho CEP: 70648-220
NOME Fernanda Ferreira Araujo
N.º DE IDENTIDADE: 2409845 SSP/DF
CPF: 028.496.321-63
TELEFONE (61) 3568-2760
E-MAIL Fernandaferreira145@yahoo.com.br
ENDEREÇO: QE 36 Conjunto F Casa 27 Guará II CEP: 71065-063
NOME Jacira de Jesus Vieira
N.º DE IDENTIDADE 1917193 SSP/DF
CPF: 888.624.611-00
TELEFONE (61) 9253-1182
E-MAIL não tem
ENDEREÇO: Quadra 8 Conjunto H Lote 12 Estrutural CEP:71300-000
NOME Maria Abadia Teixeira de Jesus

N.º DE IDENTIDADE: 1122896 SSP/DF
CPF: 522.058.276-34
TELEFONE (61) 8540-1335
E-MAIL pia_tjesus@hotmail.com
ENDEREÇO: Quadra 1 conjunto A Lote 11 Estrutural CEP: 71300-000
NOME Vicente de Paula Sousa
N.º DE IDENTIDADE: 2986795 SSP/DF
CPF: 249.587.273-53
TELEFONE (61)9665-6372
E-MAIL não tem
ENDEREÇO Quadra 12 conjunto A Lote 1789H Estrutural CEP: 71300-000

3 – PERFIL DA LOCALIDADE

A Vila Estrutural começou por causa do lixão. No início não existia a Via Estrutural. As pessoas começaram a construir suas moradias para facilitar a extração do material colhido no lixo. Não havia infraestrutura básica como água e luz.

A partir da década de noventa houve uma expansão da Vila Estrutural. Vale destacar que em meados de noventa foi quando a Estrutural realmente quintuplicou a sua população de maneira exagerada e desordenada, havendo inclusive especulação imobiliária.

Somente a partir de 1998 passou a ter luz, sendo que antes desta data a população fazia gambiarra puxando luz dos postes da Via Estrutural. A água era fornecida por caminhões pipas, cada morador levava tambores, baldes em carrinhos de mão. O caminhão pipa passava em dias alternados. A água foi instalada a partir de 2003.

A população além de não ter infraestrutura, também não tem ofertas de emprego. As quatro escolas que existem foram construídas somente em 2010, no mesmo ano foi reformado o posto de saúde. A falta de mais escolas e de emprego proporciona um ambiente às vezes violento, como richas e disputas entre vizinhos, além de assaltos. Segundo a Vanda, que chegou na Estrutural em 1996, a partir de 1999 a violência aumentou. A população é bem armada. Nas demais cidades e setores do Distrito Federal existe uma crença que a Estrutural é um lugar extremamente perigoso, de onde as pessoas estranhas não saem com vida. No entanto sabemos que é um local em que a maioria da comunidade é composta de trabalhadores e estudantes.

Muitos adolescentes ficam sem estudar e consequentemente sem opções futuras de trabalho, partindo muitas vezes para o mundo do crime, é necessário que haja políticas públicas e projetos culturais para a juventude.

Quando a população precisa de hospital, é necessário se deslocar para a Regional de Saúde mais próxima que é o Guará. Anteriormente isto era feito a pé, pois não existia transporte público. Até recentemente não havia circulação de ônibus.

Apesar de existir um posto policial, a ação dentro da cidade inexiste, tendo em vista que são poucos policiais e os mesmos não contam com equipamentos e veículos suficientes. Intui-se que há um temor por parte dos policiais.

Destacamos que a infra-estrutura que passou a existir a partir de 1998 (luz) e 2003 (água) foi resultado de uma luta da comunidade. Hoje eles lutam por urbanização, escolas, rede de esgoto, hospitais e creches, para começar.

PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS

União da comunidade	Falta de infraestrutura urbana
Tradição de luta	Falta de segurança
Comércio emergente	Violência
Localização em relação ao Plano Piloto	Falta de escolas
Entrada de movimentos populares e religiosos, realizando trabalhos sociais	Falta de rede de esgotos
	Falta de hospitais
	Falta de equipamentos urbanos de lazer e cultura
	Manipulação político partidária da população por parte de políticos

MAPA SÓCIO POLÍTICO

O comércio ainda é bastante precário, quase todos estabelecimentos comerciais não são registrados. Existem vários comércios de caráter familiar, o que poderia propiciar um desenvolvimento da Economia Solidária e que seria bastante positivo para a comunidade, uma vez que é alto o índice de desemprego, sendo que a maioria dos empregos são informais com baixo nível salarial. Cerca de duas mil famílias trabalham no lixão. O capital de giro do comércio é dos catadores de lixo, mas faltam melhores condições de trabalho, que garanta seguridade social, plano de aposentadoria, etc. Quem sabe a formação de mais associações e cooperativas de trabalho dentro dos princípios da Economia Solidária, poderia preencher esta carência.

O índice de analfabetismo na Vila Estrutural ainda é muito grande e falta escolas que propiciem continuidade de estudo para a população adulta não permite que haja um aumento do nível de escolaridade.

Atualmente existe uma consciência por parte dos moradores no sentido de que eles não querem mais ficar à mercê de políticos inescrupulosos e que podem andar com as próprias pernas rumo a uma luta por melhores condições de vida.

POLÍTICAS PÚBLICAS

Existentes:

- Saúde – Atuação da Fundação Zerbini com acompanhamento de gestantes, diabéticos e hipertensos;
- Esporte – Já aconteceu o Segundo Tempo do Ministério do Esporte

Necessário ter:

- Política de desarmamento da população acompanhada de uma política de segurança pública;
- Política Educacional;
- Melhorar a política de saúde;
- Infraestrutura

4 – MEMÓRIA SOCIAL REPRESENTADA

Espaço – O Objetivo é recuperar a história do lugar, a cidade como era e como está agora. Mostrar os diversos espaços que a cidade possui, os espaços de trabalho, os espaços de brincar, os espaços de orar, as ruas onde passa os transeuntes e os carros, carroças, trabalhadores empurrando seus carrinhos de reciclagem.
Criança – Mostrar a vida da criança na Estrutural, os seus folguedos, suas brincadeiras, suas tristezas, suas lágrimas, a criança na escola, a criança na família, a criança no lixo, a criança que trabalha.

Trabalho – Mostrar os labores do povo da Estrutural, o vai e vem diário, o burburinho da feira, o trabalho do catador que limpa o ambiente, o catador no seu local de trabalho – o lixo. O afazer da dona de casa, do vendedor ambulante, o comércio, o pedreiro, a diversidade do trabalho.
Lixo – O movimento do lixo, o lixo chegando do DF inteiro nos caminhões, o lixo chegando no aterro, os homens e mulheres revirando o lixo na labuta diária a procura de lixo que ainda pode ser aproveitado, o lixo que ao mesmo tempo é a riqueza e a desgraça da Estrutural. O resultado do trabalho no lixo, os objetos que revivem nas mãos dos catadores.
Movimentos sociais – a história da luta dos moradores da Estrutural, seus diversos grupos e movimentos, seus diversos momentos de enfrentamento na jornada de busca por uma Estrutural mais justa.

5 –TIPO DE MUSEU ADEQUADO AO PONTO DE MEMÓRIA

Museu Comunitário - A ideia é construir coletivamente com o máximo de moradores e moradoras um Museu comunitário que seja gerido por um colegiado composto por estes mesmos moradores e moradoras, e que seja construído de fato pela coletividade e que conte a história desta cidade Estrutural que tanto lutou para permanecer onde está e que tanto precisa recuperar e guardar a sua história que poderá ser contada pela ótica dos trabalhadores da Estrutural – DF.

6 – ACERVO QUE O PONTO DE MEMÓRIA PRETENDE UTILIZAR NO PRODUTO DE DIFUSÃO?

Fotos – Alguns moradores cederam fotos para a exposição, por exemplo a Central de Cooperativas – Centcoop, o grupo SOS Vidas, o Grupo sonho de Liberdade e outros grupos. Vídeos – Durante o inventário participativo será feito levantamento junto à população sobre a possibilidade de moradores e grupos doarem vídeos para o Museu Comunitário, ou permitirem a gravação de depoimentos. Já existem vídeos produzidos sobre a cidade. Objetos - Durante o inventário participativo será feito levantamento junto à população sobre a possibilidade de moradores e grupos doarem objetos para o Museu Comunitário. Para a I Exposição: Luta, Resistencia e Conquistas, que aconteceu no dia 21 de maio de 2011, onde foi lançado o Ponto de Memória da Estrutural, foram doados materiais do lixo pelo Grupo Sonho de Liberdade, que serviram de suporte para a exposição. Documento - Durante o inventário participativo será feito levantamento junto à população sobre a possibilidade de moradores e grupos doarem documentos para o Museu Comunitário.
História de vida – O Ponto de Memória realizou um Café com memória no dia 4 de dezembro de 2010, onde dois moradores antigos da Estrutural (Sr. Elias e Sra. Geralda) partilharam suas histórias numa Roda de Memória. Pretende-se realizar mais eventos como este, bem como realizar Rodas de Memória nas casas dos moradores.

7 – DESCRIÇÃO DO PRODUTO DE DIFUSÃO

Produção audiovisual documentário colocar as parcerias
Será produzido um vídeo e/ou um livro documentando: 1) O I Seminário do Ponto de memória da Estrutural que aconteceu em 15 de maio de 2010 onde foi eleito o Conselho Comunitário do Ponto de Memória; 2) O Café com Memória promovido em 4 de dezembro de 2010; 3) A organização e inauguração da exposição Movimentos da Estrutural: Luta, Resistencia e Conquistas – 21/05/2011; 4) Visita dos estudantes à exposição 5) Projeto de extensão da UnB; 6) Oficina de Arte e Cultura; 7) Roda de Memória de Mulheres do Ponto de Memória e convidadas na 5ª Primavera dos Museus;

8) Participação da Exposição Movimentos da Estrutural: Luta, Resistencia e Conquista na Semana de Extensão da UnB; 9) Oficina Editora 10) O II Seminário do Ponto de Memória da Estrutural que está previsto para acontecer em março; 11) A segunda exposição que está prevista para junho; 12) A construção do inventário participativo;
Serão realizadas duas exposições. A primeira já foi realizada no dia 21 de maio de 2011, que também promoveu o lançamento do Ponto de Memória da Estrutural, com o nome **Movimentos da Estrutural – Luta, Resistência e Conquistas** que fez parte da 9ª Semana Nacional de Museus, e mostrou um pouco do movimento de luta e resistência para a população permanecer na Estrutural. A segunda exposição pretende contar as histórias dos seguintes movimentos da Estrutural: espaço e lixo, a ser realizada em junho de 2012. Em março de 2012 será realizado o II Seminário do Ponto de Memória da Estrutural, para apresentar a primeira etapa do inventário participativo.

8 – POSSIBILIDADES EXISTENTES PARA O DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO DE DIFUSÃO

Espaço Casa dos Movimentos; Espaço que poderá ser cedido pela Administração da Estrutural DF; Reuniões semanais da coordenação do Ponto de Memória; Parceria com universidades – UnB (Museologia) Católica; Parceria com Circulo Operário do Cruzeiro – COC Parceria com o Instituto Agostin Castejon - IAC Articulação com Administração Regional da Estrutural; Articulação com a Secretaria de Cultura; Articulação com Regional de Ensino do Guará para que o trabalho do Ponto de memória seja desenvolvido nas escolas; Parcerias dentro da Estrutural: Movimentos de Educação e Cultura – Mece/Coletivo da Cidade/ Prefeitura Comunitária; Mobilização para participação da população da Estrutural; O Ponto de Memória da Estrutural tem como meta a construção do Museu Comunitário que será um espaço vivo onde vai estar a história passada da Estrutural, e onde estará sendo construída a história atual, onde os estudantes poderão fazer suas pesquisas e estudos sobre a história da Estrutural e do Distrito Federal.

9 – INSTITUIÇÕES PARCEIRAS

Nome: Instituto Agostin Castejon
Faz parte do conselho Comunitário do Ponto de Memória da Estrutural. Faz formação junto com o Movimento de Educação e Cultura da Estrutural – Mece. Durante os anos 2006 e 2007 ministrou formação com foco em políticas públicas.
Endereço 204 Norte Bloco C
Nome: Circulo Operário do Cruzeiro - Trabalhou com alfabetização de jovens e adultos na Estrutural a partir de 2003, incentivando desde o início a formação do Movimento de Educação e Cultura da Estrutural – Mece. Propiciou ao Mece e ao Ponto de Memória da Estrutural computador, impressora, moveis para

escritório, mesas e cadeiras, por intermédio do Projeto em parceria com a Cáritas Brasileira, Bazar Solidário. Endereço Área Especial 9 Cruzeiro Velho
Nome: Universidade de Brasília – UnB
Nome: Universidade Católica Faz parte do Conselho comunitário do Ponto de Memória da Estrutural por intermédio de alunos e professores, trouxe o Projeto Teia do Conhecimento para a Estrutural desde o ano de 2009.
Nome: Administração Regional da Estrutural Está negociando uma área na Estrutural para utilização do Ponto de Memória da Estrutural. Endereço Estrutural

10 - PLANO DE APLICAÇÃO (R$) refazer contas

Atividade	**Especificação** (especifique o tipo de gasto a ser executado: Despesas com Locomoção/Material de Consumo/Contratação de Pessoa Jurídica ou Contratação de Pessoa Física, etc)	**Valor Unitário**	**Quantidade**	**Encargos sociais/Impostos** (em caso de contratação de pessoa física ou jurídica, detalhar os gastos com encargos sociais ou impostos)	**Valor Líquido** (especificar o valor líquido a ser pago no caso de contratação de pessoa física ou jurídica)	**Valor Total**
Compra de equipamentos. Móveis e material de apoio; Já adquiridos: 1 Câmera fotográfica semiprofissional 1 Máquinas filmadora HD 1 Ilha de edição 1 Projetor multimídia Equipamentos a adquirir: 1 Máquina fotográfica digital; 1 Caixa de som amplificada;	A compra destes equipamentos faz-se necessária para permitir a realização do projeto, para que seja devidamente documentado as articulaçõs, mobilizações, eventos e todas as atividades que foram e que serão realizadas para a construção do Museu comunitário;	26.000,00			26.000,00	26.000,00
Inventário Participativo: Pagamento de quatro bolsas (ajuda de custo) para pessoas da	A ajuda de custo vai trazer mais tranquilidade e disponibilidade para 4	800,00	6 meses		19.200,00	19.200,00

comunidade local para atuarem como monitores do inventário participativo.	(quatro) moradores da Estrutural que estão participando do projeto Ponto de memória desde o início em setembro de 2009.				
I Exposição: Movimentos da Estrutural: Luta, Resistência e Conquistas –	Impressão de fotos; contratação de som; tintas para preparo dos suportes do lixo;material de papelaria; material de divulgação; lanche;	6.710,00		6.710,00	6.710,00
II Seminário do Ponto de Memória da Estrutural a ser realizado em março de 2012	Divulgação; água e café;	500,00		500,00	500,00
II Exposição Movimentos da Estrutural a ser realizada em maio de 2012.	Divulgação; Fotos; som; material para montagem da exposição; lanche	5000,00		5000,00	5000,00
V´tdeo	Produção de vídeo	3000,00		3000,00	3000,00
Material de escritório		180,00		180,00	180,00
Total					**60.590,00**

11 – CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DAS ATIVIDADES RELACIONADAS AO PRODUTO DE DIFUSÃO

Atividades/Descrição	Duração	
	Início	Término
I Seminário Ponto de Memoria – já realizado	15/05/2010	15/05/2010
Oficina do Ibram - Museu, Memória e Cidadania – já realizada	18/06/2010	19/06/2010
Oficina do Ibram – Plano Museológico – já realizada	15/10/2010	17/10/2010
Reuniões Coordenação Ponto de Memória – já realizadas e a realizar	09/2009	06/2012
Café com Memória – já realizado	04/12/2010	04/12/2010
Oficina do Ibram – Acervos – já realizada	09/04/2011	09/04/2011
Filmagens do Repórter comunitário „Duda de Frente para a Comunidade“ – já realizadas e a realizar	07/2010	05/2012
I Exposição Movimentos da Estrutural – Luta, Resistência e Conquistas – Lançamento do Ponto de	21/05/2011	21/07/2011

memória da Estrutural – já realizada		
Inventário participativo	12/2011	03/2012
II Seminário da Estrutural	03/2012	03/2012
II Exposição do Ponto de Memória da Estrutural	06/2012	09/2012
Outras oficinas com o Ibram		
Vídeo e/ou livro em realização		

12. CRONOGRAMA DE DESEMBOLSO

Metas	**Meses**											
	º	º	º	º		º	º	º	º	**0º**	**1º**	**2012**
• Compra de Equipamentos, móveis e material de apoio • Já adquiridos: 1 Câmera fotográfica semiprofissional; 1 Máquinas filmadora HD; 1 Ilha de edição; 1 Projetor multimídia; 1 Estabilizador;Softwares para Ilha de edição. • Equipamentos a adquirir: 1 Máquina fotográfica digital; 1 Caixa de som amplificada;						3281,04						12718,96
• Inventário participativo - Pagamento ajuda de custo (bolsas) por 6 meses						.200,00	.200,00	.200,00				9.600,00
• Exposição Movimentos da Estrutural: Luta, Resistência e Conquistas – 24 maio						.710,00						
• II Seminário março/2012												500,00
• II Exposição – junho/2012												5.000,00
• Despesas de escritório												180,00
• Vídeo e/ou Livro												3.000,00

Anexo 13 - Movimentos da Estrutural: a Mulher e a Cidade

Niquelene da Silva Pereira (Kelly)
Estudante
Natural de Senhor do Bonfim – BA
Moradora da Estrutural desde 2009
"Estrutural é oportunidade"

Eulina Marques Mendonça
Costureira, Prefeita Comunitária, Cozinheira
Natural de Viana – MA
Moradora da Estrutural desde 2000

Jacira de Jesus Vieira
Chefe de Família
Natural de Alenquer – PA
Moradora da Estrutural desde 2000
"Estrutural de Luta, Estrutural guerreira"

Maria Abadia Teixeira de Jesus
Costureira, Coordenadora do Ponto de Memória
Natural de Unaí – MG
Moradora da Estrutural desde 1993

Maria do Socorro Maciel dos Santos
Chefe de Família
Natural de Parnaíba – PI
Moradora da Estrutural desde 2008

Regiane Nascimento
Dona de Casa
Natural de Presidente Juscelino - MA
Moradora da Estrutural desde 2008

Katia Cristina Pereira Cruz
Dona de Casa
Natural de Pedreiras – MA
Moradora da Estrutural desde 1992

Luzilene Batista Rodrigues
Dona de Casa
Natural de Pindorama – TO
Moradora da Estrutural desde 1996
"Estrutural prá mim é um sonho, consegui uma casa no DF"

Rosa Angela Gonçalves e Silva
Costureira
Natural de Pedro II – PI
Moradora da Estrutural desde 1983
"A Estrutural é minha libertação"

Candace Costa Cunha

Feirante
Natural de Gama – DF
Moradora da Estrutural desde 1996
"Estrutural: Terra que emana mel"

Maria Fátima Romano Severo
Costureira
Natural de Planaltina – GO
Moradora da Estrutural desde 1972
"Estrutural: é tudo de bom"

Nilza Gonçalves de Oliveira
Dona de Casa
Natural de Unaí – MG
Moradora da Estrutural desde 2000
"Estrutural: símbolo de luta, persistência e vitória"

Valdineide dos Santos Ferreira (Baiana)
Dona de Casa, Recicladora
Natural de Salvador – BA
Moradora da Estrutural desde 1982
"A Estrutural é uma lenda. É amor, carinho. É tudo de bom pra mim"

Solange Almeida Batista
Agente de Crédito – Banco Comunitário da Estrutural
Natural de Jussara – BA
Moradora da Estrutural desde 1995
"Estrutural: Luta e conquista"

Maria de Lourdes Dias Noia
Dona de Casa
Natural de Souza – PB
Moradora da Estrutural desde 1980

Ana Lúcia Oliveira
Dona de Casa
Natural de Santa Rita de Cássia – BA
Moradora da Estrutural desde 1999
"Eu gosto daqui"

Maria Pereira da Silva
Tecelã
Natural de Corrente – PI
"Esta cidade para mim é um renascimento"

Rita Luzia da Cunha
Cozinheira
Natural do Rio de Janeiro – RJ
Moradora da Estrutural desde 1992
A Cidade Estrutural é uma cidade de guerreiros"

Ana
Artesã, Alfabetizadora

Vanderlina Ribeiro de Abreu
Professora
Natural de Arinos – MG
Moradora de Estrutural desde 1998

Roza Francisca da Silva
Costureira
Natural de Tianguá – CE
Moradora da Estrutural desde 2004-

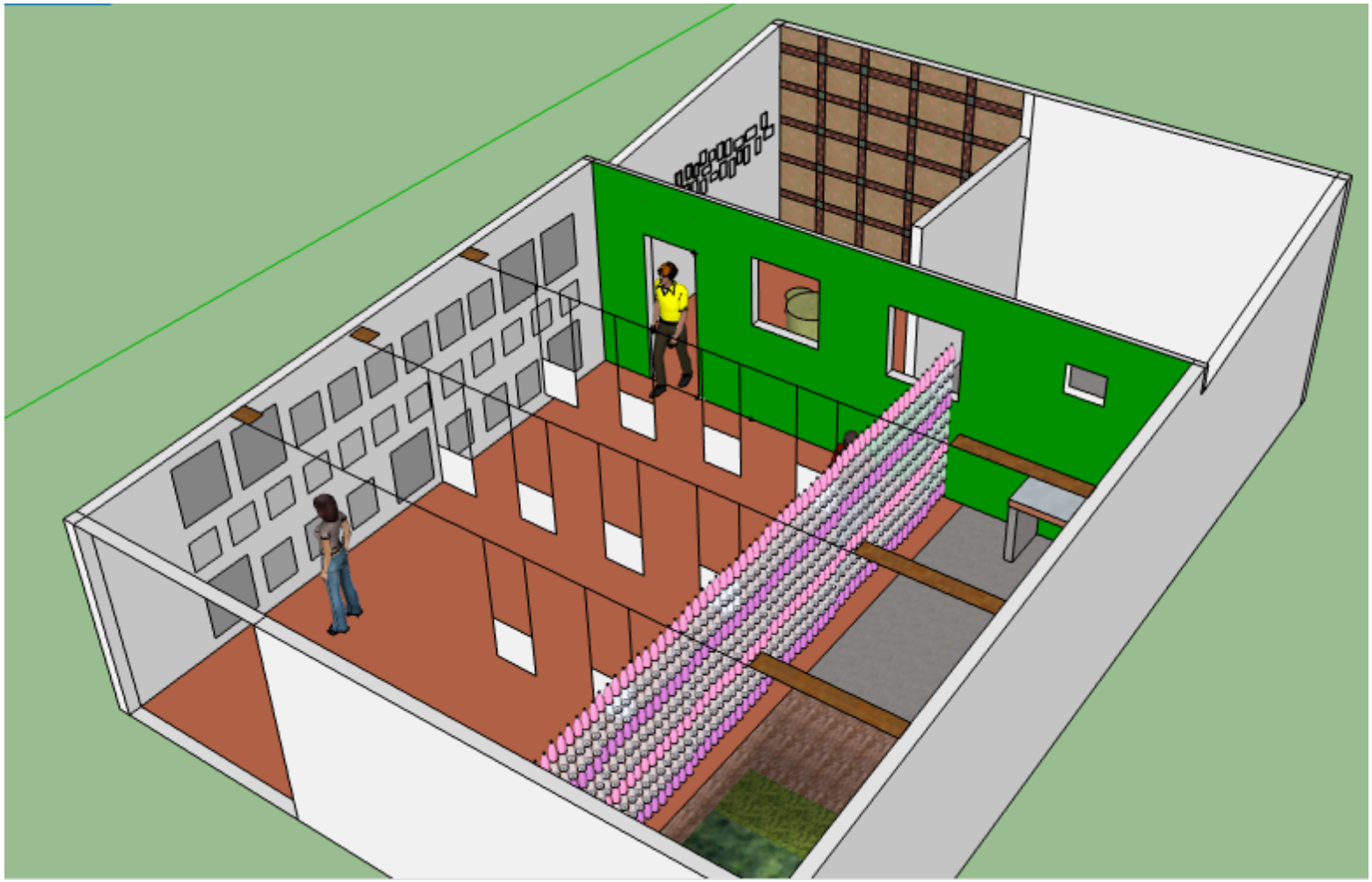


Figura 195 . Maquete Eletrônica Exposição A Mulher e a cidade
Nota. Elaborada no SketchUp pela estudante e extensionista Herika Lorena
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF



Figura 196 . Exposição: Movimentos da Estrutural: A Mulher e a cidade.
Nota. Jacira entregando ao professor Mario Chagas uma lembrança da exposição



Figura 197 . Exposição: Movimentos da Estrutural: A Mulher e a cidade.
Nota. Identificadas: Érika e Dezani Noleto
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF, 2012





Figura 198 . Exposição: Movimentos da Estrutural:
A Mulher e a cidade.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural, 2012



Figura 199 . Exposição: Movimentos da Estrutural: A Mulher e a cidade.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural, 2012



Figura 200 . Valdineide dos Santos Ferreira (Baiana)
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural, 2012



Figura 201 . Exposição: Movimentos da Estrutural: A Mulher e a cidade.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural, 2012

Anexo 14 - Vídeo Editora Abadia Catadora 2014

Anexo 15 - Semana de Extensão UnB



Figura 202 . Convite Semana de Extensão 2011.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF



Figura 203 . Convite Semana de Extensão 2011.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF

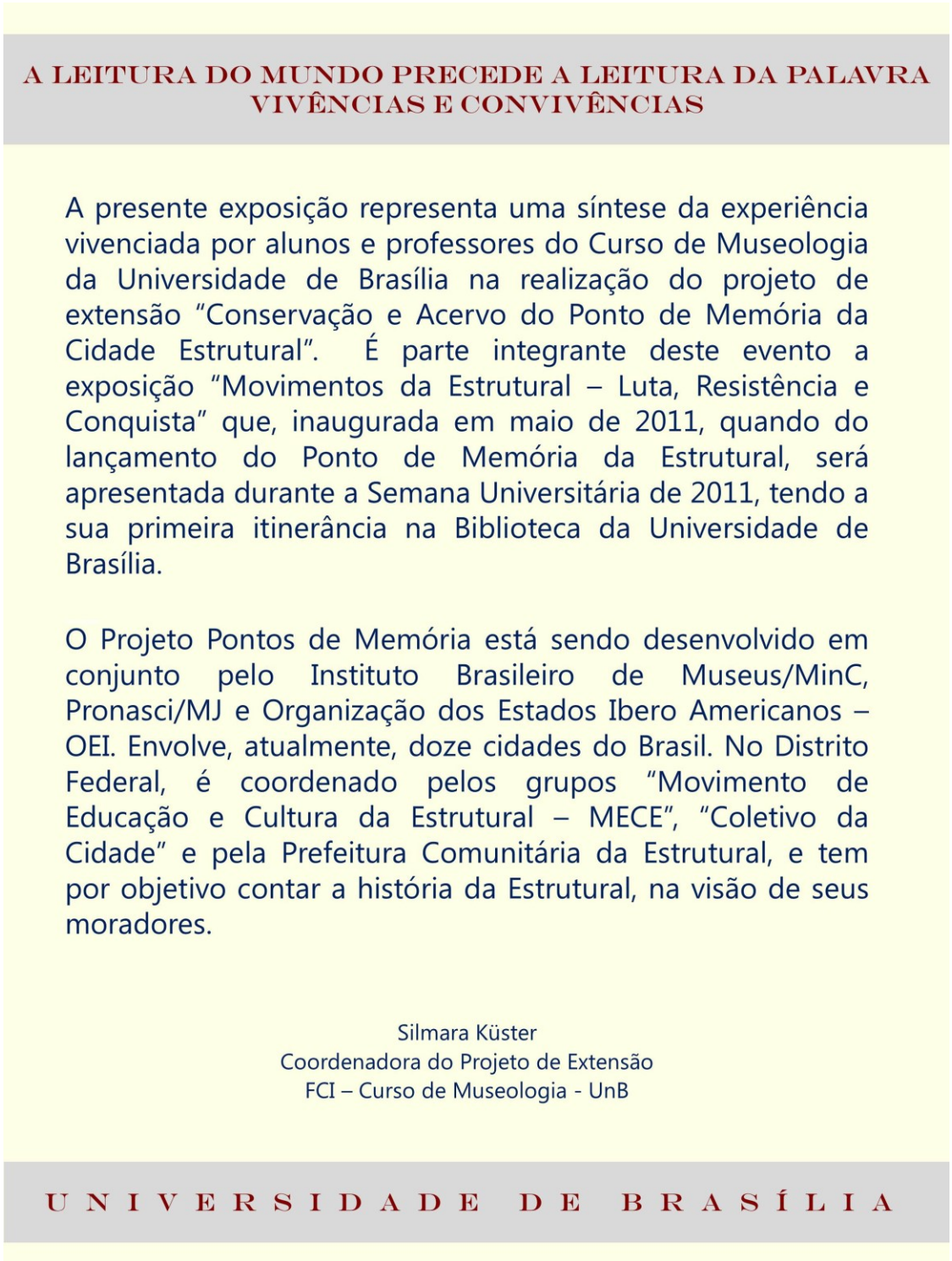


Figura 204 . Apresentação da exposição. Semana de Extensão 2011.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF

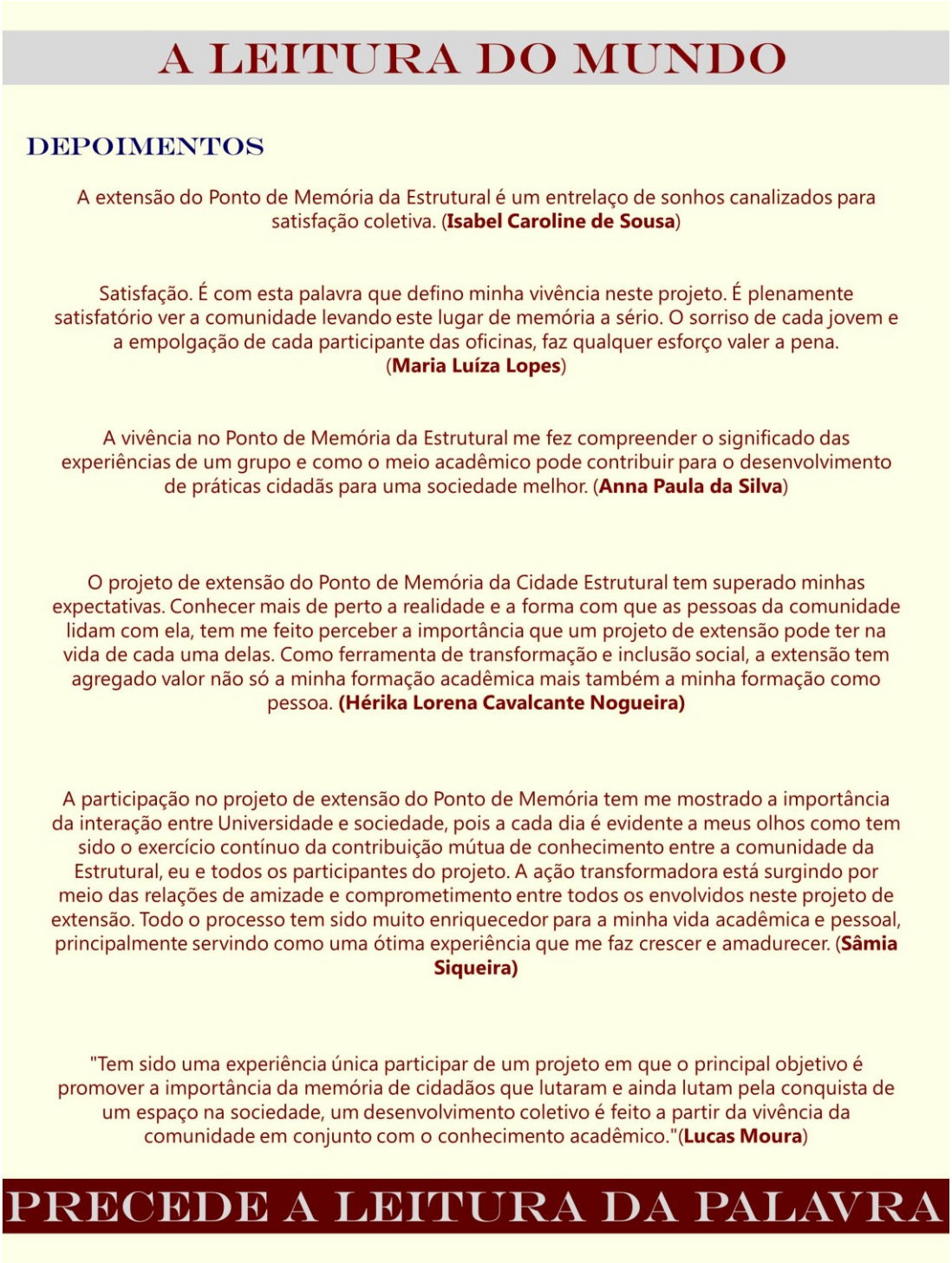


Figura 205 . Depoimento de estudantes extensionistas 2011.
Fonte: Ponto de Memória da Estrutural DF

Nas mãos inspiradas
nascem antigas palavras
com *novo matiz*.
(Helena Kolody).



Figura 206 . Na busca do catador em mim.
Nota. Desenho da autora na década de 1990.



Figura 207 . Na busca do catador em mim II.
Nota. Desenho da autora na década de 1990.



Figura 208 . Pausa.
Nota. Desenho da autora na década de 1990.

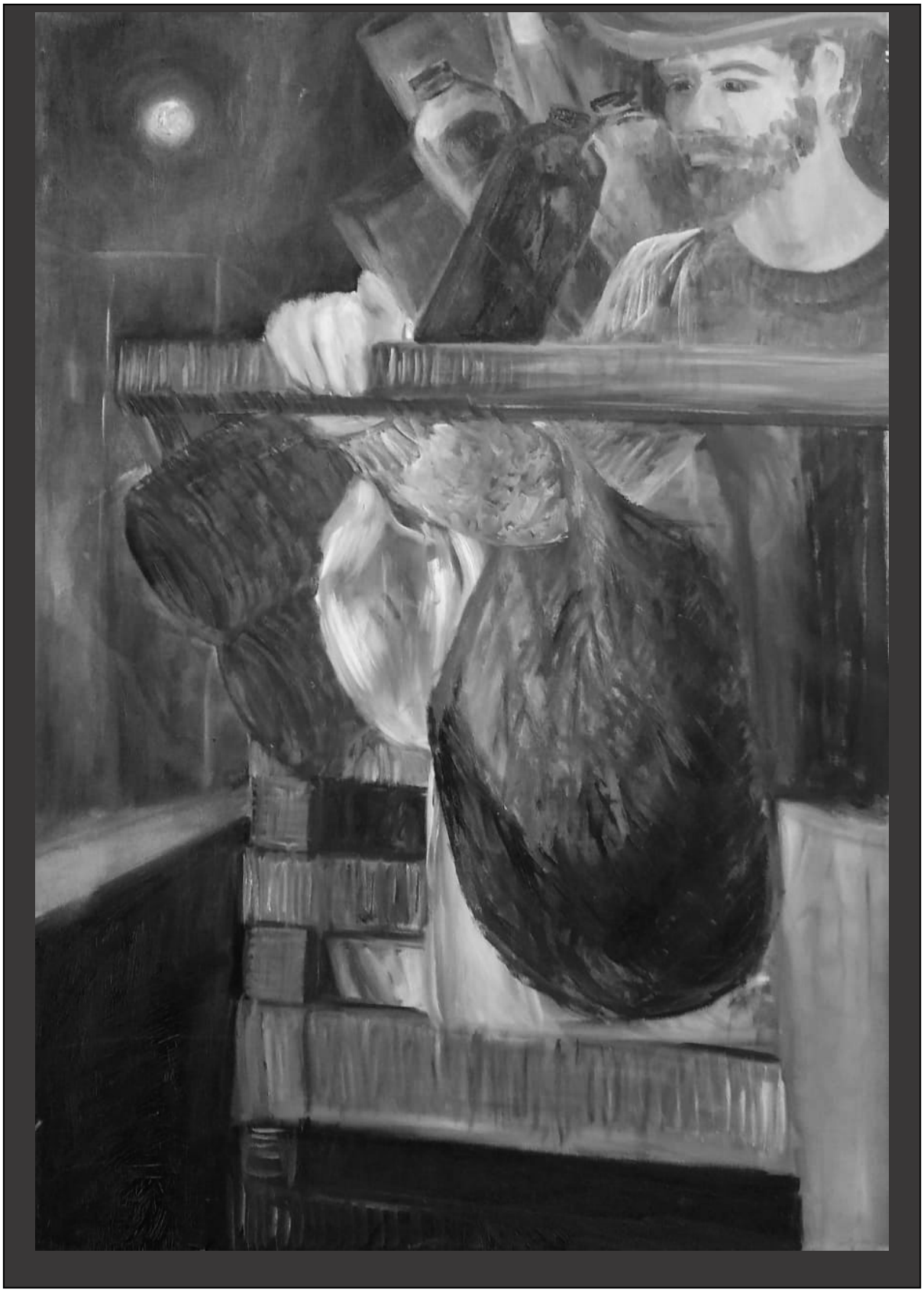


Figura 209 . A luz da lua também me ilumina.
Nota. Desenho da autora na década de 1990.